This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LELAND STANFORD JUNIOR UNIVERSITY
ORGANIZED 1891
STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

LELAND STANFORD JUNIOR UNIVERSITY
ORGANIZED 1891
STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

DICCIONARIO
EOGRAPHICO

DA

PROVINCIA DE S. PAULO

)O DE UM ESTUDO SOBRE A ESTRUCTURA DA LINGUA TUPI E
NDO, EM APPENDICE, UMA MEMORIA SOBRE O NOME AMERICA

OBRA POSTHUMA

DO

Dr. João Mendes de Almeida

SÃO PAULO
TYP. A VAP. *ESPINDOLA*, SIQUEIRA & COMP.—Rua Direita, 10-A
1902

PREFACIO

Resolvemos editar o *Diccionario Geographico da Provincia de S. Paulo*, obra do finado doutor João Mendes de Almeida, destinada á aviventação da nomenclatura geographica tupi, isto é, á interpretação dos nomes dados pelos indigenas ás localidades que depois constituiram a Provincia, hoje Estado de S. Paulo.

Ninguem ha que, tendo estudo da lingua tupi e dos costumes dos indigenas americanos, deixe de contemplar, nas denominações tupis das localidades, a sua admiravel significação descriptiva.

Para o indigena, a denominação dos logares não era dada com o pouco escrupulo com que o fazemos; para elles, a *instituição do nome* era um caso de muita ponderação e conselho. O dr. João Mendes tirou disso a mais solemne contraprova, procurando uma origem *observavel* e *verificavel*, quer na geographia da localidade, quer nos elementos e na estructura grammatical do vocabulo tupi. Elle cogitou de todas as difficuldades possiveis e teve o maximo escrupulo em não desvial-as.

Na maior parte desses nomes indigenas, sem necessidade de consideral-os eivados de corrupção ou de corruptéla, revela-se, á primeira attenção e traducção, o conceito da mente que os instituiu; em outros, é evidente a corruptéla e, em outros, a corrupção.

No exame das corruptélas, o dr. João Mendes ponderou que os elementos das palavras são formados de elementos mais simples, que consistem no *som*, no *ruido* e na *resonancia;* elle ponderou que as vozes mais faceis de emittir são, em primeiro logar, as *vozes livres*, representadas sómente pelas vogaes, quer puras quer nasaladas; elle ponderou que todos os sons laringeos, modificados por estreitamento parcial ou total do tubo vocal, isto é, quer sejam *vozes constrictas*, quer sejam *vozes explodidas*, são de mais difficil emissão. Elle não deixou de attender ás graphias primitivamente adoptadas pelos nossos historiadores, pelos nossos chronistas, pelas autoridades, nos actos officiaes, pelos tabelliães, nos instrumentos publicos, e pelos particulares, nos mais antigos instrumentos privados; mas, applicando as leis naturaes aos factos e ás circumstancias, recorreu tambem, para a reconstrucção da forma primitiva do vocabulo, ás leis da phonologia, maximè naquelles casos em que a graphia latina não tinha caracteres para representar exactamente a pronuncia tupi.

Na verificação das corrupções, o dr. João Mendes, evitando dar exaggerado valor *á força corruptora dos* vocabulos, jámais resvalou para o capricho

ou para a phantasia. Elle teve em vista as regras do methodo experimental, entre as quaes ha uma que previne o observador contra o *espirito de systema;* mas, isto não quer dizer que deixe de ser observada a *razão da existencia* e a *fórma primitiva* dos nomes portuguezes. Quasi todos os nomes portuguezes, dados não officialmente aos logares, observada a sua *razão de existencia* e a sua *fórma primitiva*, foram nômes tupis hoje alterados por corrupção, em consequencia ou da difficuldade da pronuncia da palavra tupi, ou da semelhança com a palavra portugueza no *som*, no *ruido*, ou na *resonancia*. Esta tendencia do europêo é reconhecida por todos os viajantes e exploradores, assim como pelos missionarios; e, ainda ultimamente, o dr. Theodoro Sampaio, um dos notaveis talentos do nosso meio scientifico, na sua *Memoria sobre o tupi na geographia nacional*, cap. IV, n. 131, assignalou perfeitamente esta tendencia européa, referindo corrupções como estas: *Nhandui* em *Jean Dory* e *Jandovius; Paracauri* em *Pero Cavarim* e *Pero Cabarigo; Sernamtyba* em *Simão de Tyba* e *João de Tyba*. E' muito natural, pois, que avultem, na nomenclatura geographica de S. Paulo, corrupções semelhantes; e, por isso, o dr. João Mendes assignalou, por exemplo, os nomes *Affonso*, *Mathias Pêres*, *Rapidos de Santo Ignacio*, etc., como corrupções de *Ahõcè*, *Mbotiyoyérè*, *Orapaũndihatiahocè*, etc., e não prestou-se a conjecturar a existencia de individuos de que ninguem dá noticia, ou a realisação de factos indeterminados. Prevenir-se contra o *espirito de systema* não quer dizer que deva ser repellido o *espirito do systema*, para que se torne *predominante* o *espirito dos outros systemas*. Uns são dominados pelo *systema das lendas e narrativas mais ou menos phantasticas*, outros pelo *systema das explicações zoologicas*, outros pelo *systema das explicações botanicas*, outros, erigindo em systema a *falta de systema*, acreditam nas mais disparatadas explicações, chegando mesmo a affirmar que as denominações de logares eram simples *flatus vocis* sem significação alguma.

Sobre todos estes systemas, o *systema geographico* leva immensa vantagem, por ter encontrado a sua prova plena na *observação* e na *verificação*. O *systema geographico* é o que se acha de accordo com os costumes indigenas, attestados pelos viajantes que se demoraram e viveram entre elles; o *systema geographico* é o unico que acha confirmação na estructura da lingua tupi, por mais rigorosa que seja a applicação das regras grammaticaes dessa lingua; e, quando, por excepção, o *systema geographico* não acha confirmação nos elementos componentes do vocabulo tupi, nem por isso a excepção deixa de demonstrar o genio da raça, ou a sabedoria do indigena. Nestes casos excepcionaes, o vocabulo significa, ou a existencia de molestias endemicas, ou a indicação de perigos permanentes, ou a abundancia de productos proveitosos, ou factos frequentes. Além disso, muitos viajantes, exploradores e missionarios, attestam que os indigenas sobiam dar nomes com som identico, ou quasi identico, a logares varios na mesma região, significando, porém, differentemente: muito sabios na formação dos nomes locaes, pois estes deveriam designar os caracteres physicos da cousa nomeada, e não eram definitivamente acceitos senão após deliberação em assembléas nocturnas, faziam os indigenas admiravelmente aquelle jogo linguistico, quando tinham de dar nomes a rios, lagôas, montes e outros logares na mesma região. O padre Ivo D'Evreux, na sua obra *Viagem ao norte do Brazil nos annos de 1613 a 1614*, assignala perfeitamente este costume dos indigenas.

Nem ha que extranhar, nesse ponto, a superioridade intellectual do indigena. O mesmo padre Ivo D'Evreux, no seu testemunho insuspeito, affirma que os indigenas do Brazil *sont beaucoup plus aisés à civiliser que le commun de nos paysans de France*. E o padre Manoel da Nobrega, em mais de uma

las cartas escriptas de 1549 a 1560, attesta a cada passo, mesmo em outros assumptos, a potencialidade intellectual e moral do indigena.

E, pois, que razão, de *ordem experimental*, dá o direito de considerar a raça indigena brazileira como inferior, em *potencia intellectual*, ás raças européas? Nenhuma. A *craneologia* e a *craniometria*, essas preoccupações de certos *sabios de gabinete*, eivados de muitos preconceitos, não resistiram ás primeiras criticas e cahiram, arrastando em sua quéda, não só as *cubagens* de MORTON e outros, como as consequencias que desses dados arbitrarios a *vaidade civilisada* quiz ainda mais arbitrariamente deduzir. Se o *methodo linguistico*, mesmo segundo os ultimos dados da sciencia européa, é o unico capaz de servir de criterio para a determinação dos caracteres moraes das raças, a verdade é que, segundo attestam os proprios europêos mais autorisados (isto é, os europêos que fizeram observação *propria)*, a lingua tupi póde competir com as mais famosas e mais perfeitas.

E, mais, que razão de ordem *physiologica*, que razão de ordem *psycologica*, nos autorisariam a negar ao indigena a capacidade para a *synthese?* Porque seria o seu espirito, maximè na contemplação da natureza, despido dessa operação da mente, commum a todos os homens? Que razão mesmo ha para attribuir ao indigena um espirito *absolutamente* inculto? Nenhuma. Ao contrario, a historia, e mesmo a *observação actual*, posto que relativamente, nos mostram os indigenas do Brazil com as suas classes superiores, com os seus homens de religião, com os seus homens politicos, com os seus sabios, assim como nos mostram, entre os *civilisados*, mesmo entre aquelles que ainda hoje entram no paiz, muita gente *inculta*. Não admira que haja quem pretenda que o indigena brazileiro seja destituido até da possibilidade de conceber *idéas geraes*, ou antes, *idéas universaes;* pois, os antigos philosophos *nominalistas* e os modernos *sensistas* absolutamente recusam, não só aos homens selvagens, como a toda a mente humana, a concepção do *universal*. Mas, admira que haja quem affirme que nenhuma lingua barbara possúe palavras para exprimir idéas *universaes*,—isto é, o conceito do *um commum a muitos:* as palavras *abá*, «homem», *cunhã*, «mulher», *mbae*, «cousa», seriam sufficientes para responder a isso, se tivessemos de defender sómente os nossos indigenas. Seria longa a série de argumentos com que a verdadeira escola anthropologica demonstra que toda a mente humana concebe idéas *universaes* e que o conhecimento preciso e comparativo dos individuos é facto rudimentar da natureza humana. Se assim é quanto á *generalisação*, como negar ao indigena a capacidade para a *synthese?*

Aliás, mesmo entre os polygenistas, muitos reconheceram essa *superioridade* na estructura das linguas indigenas da America. Um delles, o notavel ROMANES, na sua obra sobre a *Evolução mental do homem*, consagrando cinco capitulos á philologia comparada, comquanto se incline á hypothese, não só polygenetica, como polytypica, das linguas americanas, assignala (pag. 247 da traducção franceza de H. DE VARIGNY), entre as linguas agglutinantes, «o grupo *polysynthetico*, que é o dos selvagens desde a Groelandia até a Patagonia», e accrescenta: «A feição caracteristica destas linguas consiste na composição independe palavras por syncope e ellipse... A *polysynthese* consiste na fusão feição, taes das palavras componentes perdendo suas ultimas, taes suas primeiras syllabas». Outro sabio, inglez como o anterior, citado nas *Leis da Imitação*, como um consummado philologo, e pelo MANES (pag. 250 da referida obra), affirma no seu livro *Introduction tee of langage*, a vantagem das *fórmas* precisas e vivas nas linguas as, e accrescenta, quanto ás linguas agglutinantes, o seguinte: «As

«linguas agglutinantes, por sua vez, têm sobre as linguas flexionaes a importante «vantagem da *composição e decomposição das partes constituintes* e da *distincção «das relações grammaticaes*... Na realidade, quando examinamos de perto o «principio sobre que repousa a flexão, vemos que elle corresponde a uma facul- «dade logica *inferior* á que produz a agglutinação». São observações que, relativamente ao ponto que nos interessa, têm extraordinario valor; pois, se a principal objecção feita ao systema de interpretações do dr. João Mendes,—é a pretendida incapacidade do indigena para a *synthese*, são de grande valor as lições de sabios europêos, insuspeitos quer por sua filiação doutrinaria, quer por sua filiação ethnica, quando affirmam, até como feição caracteristica das linguas indigenas da America, exactamente a *polysynthese*.

Negar ao indigena a *abstracção*, a *analyse*, a *reflexão*, que nada mais são do que especies de *attenção*, seria negar-lhe até a *linguagem*, que nada mais é do que um *processo de abstracção, de analyse e de reflexão*. Nenhum viajante, nenhum observador, deixa de reconhecer que os indigenas *abstraem* e dão nome ás suas *abstracções;* nenhum viajante, nenhum observador, deixa de reconhecer que os indigenas *reflectem* e *comparam;* nenhum viajante, nenhum observador, deixa de reconhecer que os indigenas *analysam*, *syntetisam*, *generalisam*. E os exploradores, os missionarios, e, em geral, os viajantes que se demoraram e viveram entre os indigenas, narram, até como predicado especial da raça, a habilidade com que elles encerram, em um *termo complexo*, muitas idéas simples e mesmo muitas idéas compostas.

Na maior parte desses nomes indigenas, como já dissemos, revela-se, á primeira attenção e traducção, o conceito da mente que os instituiu; em outros, comquanto a interpretação seja mais difficil, não ha necessidade de recorrer a conjecturas para verificar-se a confirmação do systema e genio da raça: basta applicar, com rigorosa observação e experiencia, a *logica da hypothese;* e, então, veremos que o indigena, nesse assumpto, não era futil como o *civilisado* e que, para o *indigena brazileiro*, o nome era tambem o «monogramma da razão da cousa». Se, pois, em alguns casos, o dr. João Mendes recorre a probabilidades, estas são *hypotheses fundadas*, e não *méras conjecturas;* e, quando recorre a *analogias*, funda-se na *marcha ordinaria dos acontecimentos humanos*, concluindo sempre de *factos conhecidos* e *verificaveis*.

«A *hypothese*, diz CLAUDE BERNARD, é o ponto de partida necessario de todo o raciocinio experimental. Os proprios mathematicos formam *hypotheses*, experimentam, induzem». Temos á vista um livro do notavel ERNEST NAVILLE, intitulado—*La logique de l'hypothèse*, onde, depois de referir-se ao citado CLAUDE BERNARD, a BACON e a outros, diz: «A *hypothese* é a *semente de toda a verdade;* recusar systematicamente, ou em absoluto, a *hypothese*, é o mesmo que recusar toda e qualquer semente por existirem sementes infecundas».

O mesmo autor mostra como, principalmente na investigação das causas e dos fins dos factos, assim como das classes e leis que os regulam, encontramos, *sempre e por toda a parte*, a *hypothese*. Depois de estabelecer os principios directores da *hypothese*, em physica, biologia, psycologia e nas sciencias em geral, passa o citado autor a determinar a differença entre a *hypothese* e a *conjectura*. A *hypothese* deve ter *base de observação* e *meios de verificação*. Por *base de observação* devemos tomar, não sómente os factos, mas as leis que resumem um grande numero de phenomenos. Os *meios de verificação* variam, não só com as épocas, como tambem com as condições, por isso que ha hypotheses que pódem ser verificadas pelo exercicio dos sentidos activados pela *attenção, e hypotheses* que reclamam apparelhos e instrumentos de precisão. A

simultaneidade das descobertas, assim como as *indicações da historia*, muito auxiliam, quer como *base de observação*, quer como *meios de verificação*. E mesmo as *variantes nos resultados dos exames* (por exemplo, as interpretações divergentes) são outros tantos *meios de verificação*. As *conjecturas* pódem, como as *hypotheses*, ser verdadeiras ou falsas, mas não repousam nesses referidos elementos de probabilidade; e, quando chegam a ter uma *base* e um *meio de verificação*, convertem-se em *hypotheses*.

Ora, na interpretação dos nomes tupis, o dr. João Mendes tomou para *base de observação:* 1.º o facto narrado por muitos historiadores, entre os quaes HANS STADEN e IVO D'EVREUX, relativamente ás denominações que os indigenas davam ás crianças e aos extrangeiros, aos logares, ás cousas mais notaveis, escolhendo para isso os nomes, não indifferentemente, mas deliberados em conselho; 2.º o facto da denominação dos animaes corresponder ou ao som do seu grito ou canto, ou á conformação physica, ou ao caracteristico de algum de seus membros ou orgams, ou ao seu modo de viver; 3.º o facto da denominação dos vegetaes corresponder ou á sua figura ou aos seus effeitos, assim como o facto da denominação das cousas, em geral, corresponder aos seus caracteres intrinsecos; 4.º o facto da denominação de muitos logares corresponder exactamente aos caracteristicos geographicos, ou a outros caracteristicos locaes e perfeitamente conhecidos; 5.º o facto de formarem os tupis tribus errantes, que, para assignalar os logares em que paravam, tinham de denominal-os, não por caracteristicos provisorios, mas por caracteres permanentes que os guiassem em novas viagens; 6.º a naturalissima inducção de que, em taes circumstancias, a denominação tinha de ser dada pelas classes directoras e em conselho de homens peritos.

Os *meios de verificação*, de que dispoz o dr. João Mendes, foram: 1.º o estudo acurado da lingua tupi: 2.º o exame dos caracteristicos dos logares, quer directamente, quer por informações de amigos e pessoas sérias das localidades; 3.º a attenção aos elementos componentes do vocabulo e á sua estructura grammatical; 4.º a comparação das interpretações divergentes, apreciadas perante os factos, perante a logica, e perante a grammatica. O dr. João Mendes conhecia perfeitamente as grammaticas dos padres ANCHIETA, MONTOYA, FIGUEIRA, etc.; conhecia perfeitamente o vocabulario; fez estudos especiaes sobre a phonologia e orthologia das palavras indigenas; conhecia perfeitamente todos os methodos de philologia e de historia para a reconstrucção da fórma primitiva dos vocabulos; ouvia todos os indigenas que appareciam nesta capital, mandando-os chamar, agradando-os, principalmente no interesse de inquiril-os e escutal-os; escrevia a seus amigos e conhecidos, residentes nas respectivas localidades, pedindo-lhes informações, e delles recebia respostas minuciosas; lia os *Diarios* e *Memorias* dos mais illustres viajantes e exploradores das regiões paulistas, as chronicas e biographias mais antigas, as informações dos missionarios, as obras sobre geographia e historia de S. Paulo, os boletins da Commissão Geographica e Geologica, assim como todas as publicações officiaes e não officiaes que pudessem trazer interesse á geographia de S. Paulo; conferia a graphia dos nomes, quer nos documentos officiaes, quer nas escripturas publicas e instrumentos particulares, etc. Além disso, o dr. João Mendes tinha leitura assidua, não só de obras sobre grammatica geral ou theoria da linguagem, não só de obras sobre a philosophia da historia, sobre a philologia, sobre a «chorographia» e a «nomenclatura», como de grammaticas particulares das linguas grega e latina; conhecia as obras dos mais notaveis indianistas estrangeiros e nacionaes. Em summa, estava habilitado para *pôr em pratica* processos e regras seguras de verificação de *suas observações sobre a lingua* e os costumes dos indigenas.

Nem se diga que, entre os contemporaneos, o dr. João Mendes está isolado nesse culto que, sob o ponto de vista da nomenclatura geographica, consagra á superioridade da lingua tupi. Sem fallarmos em VARNHAGEN, GONÇALVES DE MAGALHÃES, BAPTISTA CAETANO, COUTO DE MAGALHÃES, BARBOSA RODRIGUES e outros, assignalaremos o conego ULYSSES DE PENNAFORT, que, ainda ultimamente, na *Revista do Instituto do Ceará*, publicada sob a direcção do BARÃO DE STUDART, dizia: «A lingua tupi é muito mais escrupulosa no emprego de suas palavras do que muitas das actuaes linguas cultas da Europa». E, nesta capital, o já citado dr. THEODORO SAMPAIO, na sua excellente *Memoria* sobre o *Tupi na geographia nacional*, assim se manifesta:

«As denominações tupis das localidades ou dos individuos, como todos os epithetos de procedencia barbara, são de uma realidade descriptiva admiravel, exprimem sempre as feições caracteristicas do objecto denominado como producto que são de impressões nitidas, reaes, vivas, como sóem experimentar os povos infantes, incultos no maximo convivio com a natureza».

Emfim, aqui está o trabalho do dr. João Mendes, trabalho cujo incentivo foi o seu apaixonado patriotismo, estimulado pela convicção nascida do seu estudo da nossa historia, da nossa geographia, dos costumes e da lingua dos nossos indigenas.

S. Paulo, 9 de Abril de 1902.

Os Editores

INTRODUCÇÃO

I

Pensando, como VILLEMAIN, que a lingua de um povo é a fórma apparente e visivel do seu espirito, deliberei-me a conhecer a lingua *tupi*, ainda fallada na região brazilica quando esta parte da America foi descoberta em 1500.

Obtive diversas edições da *Arte de grammatica da lingua brasilica*, do padre LUIZ FIGUEIRA, da Companhia de Jesus; grammatica essa que, segundo a phrase empregada na provisão de licença para ser impressa, «ficou obra muy «proveitosa e curiosa,... não obstante a arte do padre JOSEPH ANCHIETA, que, «por ser o primeiro parto, ficou muy diminuta e confusa, como todos experimen- «tamos». Mas, não bastava essa grammatica; faltava o diccionario. Tratei, portanto, de adquirir as obras do padre ANTONIO RUIZ DE MONTOYA, tambem da Companhia de Jesus: a *Arte*, o *Bocabulario*, o *Tesoro* e o *Catecismo de la lengua guarani*, ou, como o finado VISCONDE DE PORTO SEGURO, em 1876, accrescentou, em phrase hespanhola, ao titulo de cada uma das tres primeiras obras— «mas bien *tupi*».

Logrei mais tarde encontrar outras grammaticas, entre as quaes a do padre JOSEPH ANCHIETA.

Estudando essa lingua, verifiquei que os nomes dados pelos indigenas da America ás pessoas e ás cousas, correspondiam exactamente á fórma ou a outras qualidades dos individuos e dos objectos nomeados. Applicando o mesmo processo aos nomes de logares, reconheci que, exactamente nessa nomenclatura, o indigena foi mais engenhoso. Desde então formei o plano deste *Diccionario Geographico da provincia de S. Paulo*, reservando para mais tarde o da provincia do Maranhão, onde nasci.

Innumeras vezes tive de recorrer a amigos e moradores dos logares, para darem-me informações; e, combinando a «chorographia», resultante das informações, com a «nomenclatura» resultante do vocabulo indigena, quasi sempre verifiquei a conformidade.

Trabalho, assim, ha mais de dez annos, nesta obra de aviventação da *nomenclatura geographica tupi* na provincia de S. Paulo. Não quero saber se o resultado pecuniario compensará o sacrificio de tanto tempo e de tamanho esforço em labor tão pouco commum; não cogito disso nesta obra. Já alguns, em 1886, extranharam que eu, em vez de publicar obras de Direito, «que produziriam dinheiro», preferisse fazer imprimir livros e memorias sobre os nossos indigenas, sobre a nossa historia e sobre genealogia. Julgar-me-hei bem remunerado, si puder merecer a approvação dos que comprehendem o valor do serviço prestado, não tanto ás lettras, mas sobretudo á Patria.

II

A lingua tupi é bella e sonora; e nada das dos conquistadores da America tem ella a invejar. Na composição de palavras e nomes póde ser reconhecido o finissimo engenho dos sabios da raça. As fórmas grammaticaes, com os tropos e figuras, manifestam a sua eximia perfeição. Não deve ser confundida com os dialectos mais ou menos grosseiros das sub-nações. A lingua tupi foi e é sempre a *lingua geral.*

E que melhor attestado póde ella ter do que o juizo do padre A. R. DE MONTOYA? Escreveu elle no seu prefacio: «...lengua tan copiosa, y ele-«gante, que con razon puede competir con las de fama. Tan propia en sus si-«gnificados, que le podemos aplicar el v. del Gen. 2—*Omne quod vocavit Adam «animæ viventis, ipsum est nomen ejus.* Tan propia es, que, desnudas las cosas «en si, las dá vestidas de su naturaleza. Tan universal, que domina ambos mares, «el del Sur *por todo el Brasil*, y ciñiendo todo el Perú, con los dos mas gran-«diosos rios que conoce el Orbe, que son el de la Plata, cuya boca en Buenos «Ayres es de ochenta leguas, y el gran Marañon, a él inferior en nada, que pasa «bien vecino á la ciudad de Cuzco, ofreciendo sus immensas aguas al mar del «Norte».

Deste elogio á lingua fallada *por todo el Brasil*, bem se vê que a *lengua guarani*, á que o padre MONTOYA fez referencia nas suas obras, é a mesma lingua *tupi.*

O nome *tupi*, dado á lingua fallada pelos povos da America, é o mesmo nome da primitiva geração, da qual procederam tantas e innumeraveis nações, embora tomando outros nomes e caracteristicos, espalhados no grande continente. A palavra *tupi* é assim desarticulada: *tu-pi*, «principio do pae», isto é, «principio da geração, antepassados», para exprimir a primitiva raça. De *tub*, «pae», *pi*, «principio, ponta», perdendo *tub* o *b*, por seguir-se palavra cuja lettra inicial é consoante. Assim tambem *tupi*, com referencia á lingua, significa que é a primeira, segundo a phrase portugueza, a *lingua mãi;* e, por isso, na locução brazilica, *nhenhengatu:* de *nhenhen*, «lingua, linguagem, palavras», *catu*, «bom, melhor», para exprimir superioridade, mudado o *c* em *g*, por causa do som nasal de *nhenhen.* Nem a palavra *nhenhen*, nem a palavra *nhenhengatu*, são denominações de outras linguas, como alguns o têm pretendido sem maior exame.

Mas, segundo o já citado VISCONDE DE PORTO SEGURO, o nome *tupi* é *t-ipi*, «os antepassados», pronunciado gutturalmente o primeiro *i:* de *t*, relativo, *ipi*, «passado, maiores no tempo». Quer uma, quer outra explicação da palavra *tupi*, o resultado é identico: a primazia da *lingua geral* deu origem a varios dialectos, como o *guarani*, e outros. E assim como aos dialectos gregos, o dorico e o eolico, é attribuida a origem da lingua latina, não é de admirar que tambem dialectos da lingua tupi hajam formado linguas tão diversas, ora falladas por alguns povos indigenas da America.

A verdade é que, nas duas Americas, ha nomes e vestigios que demonstram que a lingua tupi foi a primitiva e dominante em todo o continente, do norte ao sul. E dei a prova disto na *Memoria sobre o nome «America»*, que tambem será impressa neste livro.

S. Paulo, 1889.

João Mendes de Almeida

Estructura da lingua tupi

O alphabeto da lingua tupi é composto das seguintes lettras: A, B, C, Ç, D, E, G, H, I, J, K, M, N, O, P, Q, R, T, U, X, Y, e o til. Não ha F, L, S, V, Z; nem póde ser dobrado o R, nem pódem estar conjunctas qualquer das lettras mudas com a lettra liquida R.

O padre MONTOYA não admitte o *k*, sem duvida porque o *k*, em hespanhol, só é empregado nas palavras estranhas a essa lingua, que o têm; mas, o padre LUIZ FIGUEIRA justifica a sua necessidade, para que a escriptura corresponda com propriedade á pronunciação de muitas dicções, especialmente quando o *u* adjecto ao *q* tiver de ser liquescente.

As lettras vogaes são seis: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*. Mas, só empregaremos o *y*, á falta de outra, quando o som do *i* deva ser guttural, pronunciado como entre *u* e *i*, segundo a lição do já citado padre LUIZ FIGUEIRA.

Os diphtongos são doze: *ai*, *ei*, *oi*, *ui*, *yi*, *ao*, *au*, *eu*, *iu*, *ou*, *uu*, *yu*.

Além da pronunciação natural, ha a nasal, a guttural, a nasal-guttural. Sempre que na palavra ou nome ha uma syllaba nasal, a seguinte torna-se tambem nasal; e, muitas vezes, nasalisam-se egualmente, não só a consequente, como tambem as antecedentes. Nestes casos, o *c* é mudado em *ng*, o *t* em *nd* o *p* em *mb*. Quando ha dois *ii*, no fim da palavra, é sempre guttural o primeiro.

Não ha lettra ou palavra que corresponda propriamente aos artigos *o* e *a*, portuguezes; mas, os relativos fazem de certo modo as mesmas funcções; *çub-a*, «visitar», *i-xub-a*, «a visita».

Só nas pessoas e nas cousas animadas são *declarados os generos*. *No parentesco, ha palavras especiaes* para cada um gráo, considerado o sexo de um e o de outro. Fóra disso, sendo indispensavel designar o sexo, é accrescido *auá*, «homem», para o masculino, *cunhã*, «mulher» para o feminino. O padre MONTOYA escreveu *abá* e não *auá*.

O singular e o plural resultam das declinações dos pronomes e dos artigos que antecedem aos verbos. Nos substantivos, sendo de todo indispensavel, é accrescentado ao nome a palavra *etá*, «muitos», correspondente assim ao *s* no plural portuguez: *apgaua-etá* «homens», *cunhã-etá* «mulheres».

O substantivo é declinado com o accrescimo de posposições; menos no nominativo, accusativo e vocativo. O genitivo, em geral, é formado com dous substantivos conjunctos, servindo de tal o primeiro: *iboti-apytã*, «ramalhete de flores», *iboti*, «flôr» *apytã*, «manojo, montão»; mas ha outra especie de genitivo, em que é tal o segundo substantivo, tratando-se da fórma, modo, medida, ou da materia de que é composta a pessoa ou a cousa: em seguida ao segundo substantivo accrescenta-se a posposição *recé* ou *ri*, e mais o verbal *gùára:* por exemplo, *og-ibirá-pé-recé-gùára*, «casa de taboas», *og*, «casa» *ibirá*, «páu», *pé*, «chato», *recé-gùára*, «de»; — *tatáendi-iraiti-ri-gùára*, «vela de cera», *tatáendi*, «vela», *iraiti*, «cera», *ri-gùára*, «de». O dativo é formado com as duas posposições *ie* (breve), ou *çupé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, ou simplesmente *upé*, segundo o padre MONTOYA; mas, é usada tambem, não geralmente, a posposição *i* com o som guttural: *ç-oca-i*, soando *ç-oca-u*, «para minha casa». O accusativo póde ser anteposto ou posposto ao verbo activo: por exemplo, *xe-ci-açauçúb*, ou *açauçúb-xe-ci*,

«amo minha mãe», *xe*, pronome pessoal, levado ao genitivo pelo accrescimo de *ci*, «mãe», *açauçub*, «eu amo»: o padre MONTOYA escreveu *ahaiub*, ao passo que o padre LUIZ FIGUEIRA, não admittindo o *h* senão em poucos casos, escreveu *açauçúb*.

Tambem se fórma o accusativo com as posposições *piri*, *rupi*, *bo* (breve), com verbos de movimento, para ir á procura de uma pessoa, ou ir a algum logar, ou por algum logar.

O ablativo é formado com analogas posposições e longos seriam os exemplos.

O adjectivo é, em geral, posposto ao substantivo. Este é algumas vezes subentendido.

O comparativo se faz de dois modos. O primeiro, accrescentando ao primeiro nome comparado, ou ao verbo, a particula *bé*, e ao segundo nome comparado, a posposição *çui*. O segundo accrescentando *catú-pire* immediatamente ao agente. O padre MONTOYA usa *gui* em vez de *çui*.

O superlativo se faz de quatro modos. O primeiro, usando dos adverbios analogos, como *eté*, *etéi*, *matelé*, etc.: e, accrescentando *gui* ou *çui*, ha comparação no superlativo; e é digno de nota que o adverbio póde ser anteposto ou posposto. O segundo, accrescentando a posposição *açocè*, *çocè*, *aocè*, *ocè*. O terceiro, repetindo o nome, ou o verbo. O quarto, separando a ultima syllaba, e demorando ou alongando a sua pronuncia: *poranga*, «formoso», *po-ran-ga*, «mui formoso».

O augmentativo é feito com *çu*, *uçu*, ou *aruçu*, ou mesmo *turuçu*. O diminutivo é feito com *mirim*, em contraposição a *çu*, *açú*, *aruçú*, *turuçú*. Não se tratando de contrapôr, é feito pelo accrescimo de *ĩ*, com pronuncia nasal: *aba-ĩ*, ou *na-ĩ*, «homemsinho», *cunhã-ĩ* «mulhersinha».

Os pronomes classificam-se em *pessoaes*, *possessivos*, *demonstrativos*: e são tambem declinados. *Xe*, «eu», *oré*, «nós», não incluindo a pessoa com quem se falla, [illegible] *Ndé*, «tu», *peé*, [illegible] dativo, no [illegible] plural *me* [illegible] as do ablativo. O pronome *nde*, precedendo syllaba ou nome de som nasal, perde o *d*.

Os pronomes *possessivos* correspondem aos pronomes portuguezes *meu teu*, *seu*, etc.; e adiante será melhor explicado.

Os pronomes demonstrativos correspondem aos pronomes portuguezes *elle*, *este*, *esse*, *aquelle*, etc., que são declinados com os nomes respectivos, ou a que se juntam.

Dou o exemplo de alguns pronomes demonstrativos, ou relativos:

Xe-aé, «eu mesmo», *nde-aé*, «tu mesmo», *ei-aé*, «elle mesmo», *ore-aé*, «nós mesmos», *iande-aé*, «nós e vós mesmos», *pê-aé*, «vós mesmos», *ei-aé*, «elles mesmos». *Xe-aé-aiké*, «entro em pessoa». *Aépe*, «alli mesmo». *Aé-memé*, «todos elles mesmos».

Xe-çaé, «sou esse», *nde-çaé*, «ereis esse», *aé-aé*, «elle mesmo».

Aû, «este, esta, estes, estas». *Aû-cunhã*, «esta mulher». Tambem significa «aqui»: *aû-ĩ*, «aqui está».

Ang, «estes, estas»: só no plural. *Ang-abá*, «estes homens». *Na-îang-ruguaî*, «não são estes».

Có, *icó*, «este, esta, estes, estas». *Cóbaé*, «isto», ou litteralmente, «essa cousa». *Có-tucúra*, «este gafanhoto». Este pronome serve a muitas composições, para varios sentidos, como póde ser lido no *Tesoro de la lengua guarani*, do padre MONTOYA. *Icó-i-abá*, «eis o homem».

Ebocoî, *ebocoîbae*, segundo o padre MONTOYA, *eboquéi*, *eboquéia* segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «esse, essa, isso».

Aipó, *aipobae*, «esse, essa, isso».

Akér, *aquéia*, «esse, essa, isso».

Uĩ, *guĩ*, *ebuĩ*, *ebuinga*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *nhuguĩ*, *enguĩ*, *enguĩbae*, *nuguĩ*, segundo o padre MONTOYA, «esses, essas».

Cuîbae, *pébae*, *acóî*, *acóîbae*, *nucuî*, «aquelle, aquella, aquillo, aquelles, aquellas».

Todos estes pronomes servem a ambos os numeros, a qualquer pessoa, e genero.

Os numeros cardinaes são: *iipé*, «um», *mocóî*, «dous», *mboçapi*, «tres», *irundi*,

«quatro», *ambó*, «cinco», allusivo á mão que tem cinco dedos.

Os numeros ordinaes são: *iipi*, «primeiro», *imocóia*, «segundo», *imoçapira*, «terceiro», *irundibae*, «quarto: e mais nenhum.

O distributivo é formado de duas maneiras. A primeira, repetindo as duas ultimas syllabas: *ìipé-ìpe*, «de um em um», *mocói-mocói*, «de dous em dous», *mboçapi-çapi*, «de tres em tres», *ìrundi-rundi*, «de quatro em quatro». A segunda, accrescentando a cada um daquelles numeros a particula *ci: iepé-ci*, «de um em um».

O partitivo é tambem formado de dous modos. O primeiro, intercalando a posposição *gui* ou *çui* entre os dous numeros: *mocói gui peteĩ*, segundo o padre MONTOYA, ou *mocói çui ìipé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «um dos dous». O segundo, antepondo ou pospondo ao numero a palavra *amò: — amò-mocói*, «dous dos outros», *mocói-amò*. «algum dos outros dous».

Os relativos e os reciprocos são de um alto valor na lingua *tupi*.

Os relativos são: *i*, ou *j*, segundo o nome principia por consoante ou por vogal, *ç*, *h* e *t*. O indigena do norte do Brazil quasi não usa do *h*, como relativo; usa muito do *ç*, nos casos em que o indigena do sul emprega o *h*. Mas, o *h* só é empregado pelo indigena do sul como relativo, nos nomes que começam por *t*, *r*, ou que recebem *r*. Os que já tem *h* o conservam. O *i*, precedendo *h* ou *ç*, faz mudar estes em *x: çuú*, «morder», *ixuú*, «mordel-o».

Os reciprocos são *ie*, *io:* entram sempre entre o agente e o verbo.

O primeiro, *ie*, denominado pelo padre MONTOYA «reciproco em si mesmo», junto a verbos activos, serve tanto para singular, como para plural, e exprime a acção da pessoa sobre si mesma: *xe-a-ie-jucá*, «eu me mato a mim mesmo»; e o verbo que tiver, de sua natureza, a syllaba *io*, ou *nho*, a perde, se tiver de tornar-se reciproco, para ser substituida por *ie* ou *nhe*, segundo for natural, ou nasal, o *som da palavra: aiorá*, «desatar», *a-ie-rá*, «eu me desato», *anhopú*, «lastimar», *a-nhe-pú*, «eu me lastimo». E esta particula *ie* soe ser empregada tambem para *passivar* o verbo: *çoó-oú*, «come carne», *çoó-o-ie-u*, «come-se carne».

O segundo, *io*, denominado pelo padre MONTOYA «reciproco mutuo», junto a verbos activos, serve sómente para plural, exprimindo a communicação de uns com outros: *peê-io-jucá*, «vós outros vos mataes uns aos outro». Unido a adverbios, significa a mesma communicação. Sóe tambem preceder posposições de dativo e de ablativo, quando a primeira, segunda ou terceira pessoa do verbo quer referil-o a si mesma. Antecedendo a posposição *recé*, esta perde o *r*. E' empregado algumas vezes para adjectivar o substantivo: *io-auá*, «humano». Unido á palavra, cujo som é nasal, deve ser *nho*.

Como reciprocos são tambem indicados *o*, e *gu*, segundo o padre MONTOYA, ou *ç*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA. São, porém, adjectivos possessivos: *o-ci*, «sua mãe», *gu-óga*, ou *ç-óga*, «sua casa»; com a declaração que, para o indigena do sul, se o nome da pessoa ou da cousa possuida começa por alguma consoante e mais a letra *u*, além de perder aquella, como para o indigena do norte, o *gu* fica simplesmente *g: tuba*, «pae», *gú-ba*, ou *ç-uba*, «seu pae»: não é, porém, arbitrario ou indifferente o uso de *o* e de *gu* ou *ç*, porque ha nomes que admittem sómente o reciproco *o*, como— *Tupã*, «Deos», e outros que podem ser conhecidos nas grammaticas. Estes mesmos *o*, e *gu* ou *ç*, antecedendo as palavras, accrescida a estas a particula *bo* ou *mo* (breves), segundo é natural, ou nasal, o som da respectiva palavra, servem para exprimir o modo de estar das pessoas ou das cousas: *o-pucú-bo*, «ao comprido», *o-iquê-bo*, «de lado», *o-ecã-mo*, «de cabeça», *o-pe-mo*, «de ilharga», *gu-acape-bo*, ou *ç-acapé-bo*, «de barriga».

E outras applicações, que seria longo especificar; cumprindo, porém, deixar notado que o o, precedendo posposições,

serve para exprimir melhor a acção destas: *o-irunamo*, «comsigo», *o-ibiri*, «ao lado delle», *o-gu-enondé*, «diante delle»; e este *o-gu-enondé* é a posposição *tenondé*, que perde o *t*, mudando-o em *g*, com *u* liquido, em seguimento ao reciproco *o*, pela regra relativa ás palavras que começam por *ç*, ou *h*, ou *t*, ou *r*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA.

Ha tambem as interjeições: e, em geral, não são as mesmas para o homem e para a mulher.

Não é sómente quanto a interjeições que ha essa differença: tambem existe ella quanto a outras partes da oração.

As conjuncções são: *copulativas*, *disjunctivas*, *collectivas*, *illativas*. Algumas são tambem empregadas como adverbios.

Os adverbios são innumeros; e, como já o dissemos, podem ser antepostos ou pospostos. Ha adverbios *interrogativos*, de tempo e de logar; e adverbios *responsivos*, correspondentes a aquelles: e admiravel é a sua extensa variedade. Ha outros adverbios, absolutos, assim, classificados pelo padre LUIZ FIGUEIRA: —*interrogativos*, *affirmativos*, *negativos*, *demonstrativos*, *incitativos*, *prohibitivos*, *permissivos*, *louvativos*; e outros não classificados.

A muitos adverbios são accrescentadas posposições: *coi-rupi*, «por aqui pertinho»; *ibaté-coti*, «para cima». Os interrogativos são em geral finalisados com a particula *pe* (breve).

O verbo é a mais complicada e difficil parte da oração na lingua *tupi*. O padre LUIZ FIGUEIRA classifica os verbos em *activos* e *não activos*, entre os quaes os *neutros* e os *absolutos*, e mais os *passivos*, além dos *irregulares*; e o padre MONTOYA mantem de certo modo a mesma classificação. Segundo este, são activos os que entre a *nota* e o verbo têm o relativo *i*, ou o relativo *h*; são neutros os que não têm proprio accusativo de pessoa paciente, senão sómente o caso da posposição; são absolutos os que não têm caso algum.

Os *artigos*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, e as *notas*, segundo o padre MONTOYA, são:

	Sing.	Plur.
1.ª	*A, Ere, O.*	*Iâ, Oro, Pe, O.*
2.ª	*A-i, Ere-i, O-i.*	*Iâ-i, Oro-i, Pe-i, O-i.*

Mas, o *i* da segunda fila supra é o mesmo relativo a que alludiu o padre MONTOYA para distinguir os verbos activos; não o tendo assim explicado o padre LUIZ FIGUEIRA.

Os pronomes pessoaes são:

Xe, Nde, I. «Eu, Tu, Elle».

Iandé, Oré, Pe, I. «Nós, Nós, Vós, Elles».

Os pronomes pessoaes tornam-se em pronomes *possessivos*, quando precedem a substantivos: *xe-acanga*, «minha cabeça». Tambem como *possessivos*, precedem a infinitivos de verbos não activos, *xe-çó*, «meu ir» ou «minha ida». Tambem como *possessivos* precedem a infinitivos de verbos activos, comtanto que logo em seguida ao pronome seja collocado o accusativo do verbo, *xe-Tupã-rauçúba*, «o meu amar a Deos».

E' digno de nota que, para a primeira pessoa do plural, ha sempre duas formulas: a primeira *iâ*, *iande*, serve para exprimir que estão incluidas a pessoa ou as pessoas com quem fallamos: *iâ-jucá*, «nós matamos», isto é, *nós* e *vós*: a segunda *oro*, *ore*, serve para exprimir que estão incluidas a pessoa ou as pessoas, a quem nos dirigimos: *oro-jucá*, ou *ore-jucá*, «nós matamos», isto é, *nós*, *sem vós*.

Cumpre não confundir este *oro* com o outro *oro*, accusativo do singular da segunda pessoa, correspondente ao *opo*, accusativo do plural: *xe-oro-jucá*, «eu te mato», *ore-opo-jucá*, «nos outros vos matamos».

Costuma-se tambem addir aos pronomes pessoaes a particula do participio passivo *temi*; e, neste caso, muda o *t* em *r*, fazendo *remi*, menos nas terceiras pessoas, que é *cemi*: *xe-remi-mboé*, «meu discipulo», *cemi-mboracei*, «seu canto» ou «seus canticos». Nos casos que o pedem, costuma-se preceder *xe* de um *i* relativo: *ixé*, «de mim».

Os verbos irregulares, ou são propriamente taes por não se formarem como os outros, ou são simplesmente defectivos, por não se usarem senão em alguns tempos, numeros, ou pessoas.

Já ficou dito que o reciproco *ie*, *nhe*, mettido entre o *artigo* ou *nota* e o verbo activo, torna-o passivo: *ai-tiapiî* «eu arrojo», *ai-ie-tiapiî*, «eu me arrojo», ou «sou arrojado». Mas, se antes de *ie* fôr mettida a syllaba *mo*, volta a ser activo, no sentido de fazer em outrem o que o verbo exprime.

Os verbos neutros são de tres especies: os que são conjugados com os *artigos* ou *notas a*, *ere*, *o*, etc., mas, como já acima disse, não têm accusativo paciente; os que se fazem com os pronomes pessoaes *xe*, *nde*, *i*, etc.; finalmente, os que se formam de nomes substantivos, como, por exemplo, *xe-abaré*, «sou padre». E estes verbos, se começam pelas lettras *t*, *h*, ou *ç*, as mudam em *r*, se forem precedidos de *artigos* ou *notas*, pronomes, relativos e reciprocos: *taci*, «doença», *xe-raci*, «estou doente».

De qualquer verbo neutro começado por *a*, se póde fórmar dous verbos activos: o primeiro, mettendo a syllaba *mo* logo depois do *artigo*; o segundo, mettendo *ro*, tambem logo depois do *artigo: mbo* ou *no*, se o som do verbo fôr nasal. A acção de *mo* e *mbo* se refere ao paciente, e a de *ro* e *no*, a outro ou a outros agentes.

Já acima foi dito o effeito do reciproco *ie* e *nhe* nos verbos tornados activos pelas syllabas *mo* e *mbo:* voltam a ser neutros.

Os verbos absolutos se fazem tambem dos activos, mettendo, entre o *artigo* ou *nota* e o verbo, a dicção *poró*, ou *mboró*, no caso de som nasal, para exprimir que o agente tem em si o exercicio do que o verbo exprime. Esta dicção é signal de habito, extensão, excesso, superlativo, exercicio com mais de um; e retem o caso do verbo; *a-poró-çauçub*, «tenho o costume de amar, muito e muito»; *poró-auçupára*, «amador habitual»; *poró-ieroqui-çára*, «dançarino».

A particula *ucá* ou *ucar*, segundo escreveu o padre Luiz Figueira, posta no fim do verbo, produz o mesmo effeito de *mo*, porém por terceira pessoa: *amongarú*, «fazer comer»; *acaru-ucá*, «faço-o fazer comer» ou «faço que lhe dêem comida». Não se ajunta, porém, esta particula a verbos de pronome *xe*, *nde*, etc., nem a neutros. Junta a verbo activo, assignala constrangimento na execução do que o verbo exprime.

A conjugação dos verbos é *affirmativa* e *negativa*.

Na conjugação affirmativa, o presente do modo indicativo consiste em tomar nú o verbo, precedendo-o do *artigo* ou dos pronomes já referidos. Os outros tempos são manifestados pelas particulas additadas ao tempo presente do indicativo: *aéreme*, para o preterito imperfeito, *uman*, ou *iman*, para o preterito perfeito, *uman-aéreme*, para o mais que perfeito, e *ne*, para o futuro; *temoma*, para o presente e o imperfeito do optativo, *meima*, para o preterito perfeito e mais que perfeito, *moma*, para o futuro; *mo*, para o imperfeito do permissivo, *umã-mo*, ou *imã-mo*, para o preterito perfeito, *umã-mbëëmo* ou *imã-mbëëmo* para o mais que perfeito.

O modo conjunctivo, ou subjunctivo, perde o *artigo*, ou o pronome, e é assim formado: se o verbo acaba em vogal singela, accrescenta á terceira pessoa do presente do indicativo a palavra *reme;* mas, se a vogal tem til, é *neme:* no verbo acabado em diphtongo, tenha til ou não, o accrescimo é *me;* se acaba em *b*, *c*, *n*, *ng*, *r*, o accrescimo é *eme;* se acaba em *m*, accrescenta *e*.

O modo infinitivo se fórma tambem, sem *artigo*, ou pronome: se o verbo acaba em vogal singela, tenha til ou não, assim mesmo fica no infinitivo; mas, se acaba em diphtongo, com til ou sem elle, ou em consoante, recebe a lettra *a* para terminação: *acái*, *cái-a*. Mais claro:

—O infinitivo é o verbo sem *artigos* ou *notas: a-mboé*, «eu ensino», *mboé*, «ensinar»; mas, admitte pronomes relativos e reciprocos, e, não tendo caso, exprime tambem a acção do verbo em geral,

transformado assim em substantivo: *ái-nupã*, «eu açoito», *nupã*, «açoitar», *nupã*, «açoite», *i-nupã*, «o açoite», *nde-nupã*, «teu açoite», *nho-nupã*, «açoite reciproco», *nhe-nupã*, «açoite de si mesmo»: em verbos acabados em diphtongo, com til, ou sem elle, ou em consoante, deve ser addicionado um *a*: *a-cenõi*, «eu chamo», *cenõi-a*, «chamar»: em verbos começados por *r*, o infinitivo deve ser formado com *ce*, precedendo o verbo: *a-raçó*, «eu levo», *ce-raçó*, «levar».

O gerundio é formado do presente do indicativo e sem o pronome pessoal, *artigo* ou *nota*, e sem a syllaba *io*, *nho*, nos verbos que as tiverem: nos verbos activos, que tiverem depois do pronome as syllabas *ra*, *re*, *ri*, *ro*, *ru*, o mesmo pronome pessoal é substituido pela syllaba *ce*: nos verbos não activos, porém, ha pronomes especiaes para o gerundio e são:

Sing.—*Gui*, *E*, *O*.
«Eu, Tu, Elle.»
Plur.—*Iâi*, *Oro*, *Pe*, *O*.
«Nós, Nós, Vós, Elles.»

Todavia, nos referidos verbos não activos cujos pronomes são *Xe*, *Nde*, etc., o gerundio conserva esses mesmos pronomes, menos na terceira pessoa do singular e do plural, cujo pronome em vez de *I*, deverá ser *O*, e accrescenta *ámo*, se acaba em consoante, ou *ramo*, se acaba em vogal aguda: e, se ha no verbo a lettra *r* depois do pronome, muda-a, na terceira pessoa, em *g*: assim, em *roiçã*, «ter frio», *xe-roiçã*, «tenho frio», o gerundio é *xe-roiçã-ng-ámo*, *nd-roiçã-ng-ámo*, *o-goiçã-ng-ámo*, *o-goiçã-ng-ámo*.

A formação do gerundio é completada por encliticas ou particulas breves, segundo as regras seguintes: em verbos acabados nas vogaes *a*, *e*, *o*, precedidas de consoante, a enclitica é *bo*, exceptuados os verbos acabados em *mo* e *no*, cuja addição deve ser *mo*, embora repetida no primeiro: *jucá-bo*, «matando», *amõ-mo*, «molhando», *manõ-mo*, «morrendo»: em verbos acabados nas vogaes *o*, *u*, não feridas de consoante, qualquer vogaes é mudada no dissyllabo *gûabo*: *aiçoó*, *çó-guabo*, «convidando para banquete», *aipocoú*, *poco-guâbo*, «colhendo de repente: *guâbo* é tambem, por si só, gerundio de *ú*, «comer»; em verbos acabadas nas vogaes, *i*, *u*, feridas de consoante, a addição é *ábo*: *pipi-ábo* «apertando», *pibû-ábo*, «revolvendo»; em verbos acabados em *i*, *u*, com til, a addição é *ámo*: *çopatĩ-ámo*, «atando os extremos», *çũ-ámo*, «agrupando», no sentido de reunir partidarios, precedendo porém o reciproco *io*, tanto no primeiro exemplo como no segundo, para exprimir plural e communicação de uns com outros; em verbos acabados em *ã*, *ẽ*, *õ*, a addição é *mo*: *monã-mo*, «misturando», *cê-mo*, «sahindo», *ce-rumõ-mo*, «augmentando»; em todos os verbos acabados em diphtongos, com til ou sem til, ou em consoantes, a addição é *a*: *acáì*, «queimar», *cáì-a*, «queimando», *tûì*, «rebojar», *tûi-a*, «rebojando», *çapeg*, «chamuscar», *çapego-a*, «chamuscando», finalmente *çauçub*, «amar», *çauçup-a*, «amando», porque o *b* é mudado em *p*; em verbos acabados, de sua natureza, em *r*, este é perdido e nada é accrescentado: *kér*, «dormir», *guiké*, «dormindo», *ajar*, «colhêr», *id*, «colhendo».

Regras a seguir, relativamente á conjugação dos gerundios:—o gerundio dos verbos não activos é conjugado com *gui*, *e*, *o*, *iâ*, *oró*, *pe*, *o*: assim, por exemplo, o gerundio do verbo *apág*, ou *apác*, «acordar»: *gui-páca*, «acordando eu», *e-páca*, «acordando tu», *o-páca*, «acordando elle», *iâ-páca* ou *oro-páca*, «acordando nós», *pe-páca*, «acordando vós», *o-páca*, «acordando elles»:—os verbos de pronome *xe* podem usar desse mesmo pronome no gerundio. Nos verbos activos o gerundio não é precedido de *artigo* ou *nota*, mas do competente relativo.

O padre MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, tratando do gerundio e do supino, confundiu-os; e attribuiu ao supino a terminação em *ábo*. Tambem o padre LUIZ FIGUEIRA mostrou-se indeciso, quanto á formação do supino, visto que nunca deu regra alguma para isso como deu para a formação do gerundio. Dessa confusão do padre MONTOYA re-

ultou que elle especificou varios verbos acabados em vogal, formando-lhes o supino simplesmente com a addição de *bo*, ou com a de *ábo*, por exemplo, *i-jaceó-bo*, «a chorar», supino de *ajaceó*, «chorar». O padre MONTOYA dá a esse verbo outro supino, em *ábo*, *i-jáce-gu-ábo*, manifestamente gerundio, «chorando». São, em verdade, identicas algumas terminações do gerundio e do supino; não se segue, porém, desse facto em alguns casos que esses dous tempos dos verbos devam ser confundidos.

O supino é formado da terceira pessoa do presente do indicativo, mudado o *artigo* ou a *nota* em algum relativo, com o accrescimo das encliticas ou particulas breves, *bo*, *ca*, *pa*, *ta*, para os verbos de som natural, e *ma*, *mo*, *na*, *nga*, para os de som nasal, conforme as seguintes regras. Para os de som natural: dos acabados em *a*, uns fazem supino com *bo*, outros com *pa*, como por exemplo, *o-quatiá*, «elle pinta», *i-quatiá-bo*, «a pintar», *orá*, «elle desata», *i-rá-pa*, «a desatar»; os acabados em *b*, fazem com *pa*, como, *o-jub*, «elle está deitado», *tupa*, com o relativo *t*, «a deitar-se»; os acabados em *e*, o fazem com *bo*, *o-çaberé*, «elle chamusca», *çaberé-bo*, servindo de relativo o mesmo *ç*, «a chamuscar»; os acabados em *g*, o fazem com *ca*, *o-pág*, «elle acorda», *i-pág-ca*, «a acordar»; os acabados em *i* (agudo), o fazem com *bo*, *o-ceci*, «elle assa» servindo de relativo o *ç*, *ceci-bo* «a assar»; os acabados em *i* (grave) precedido de vogal o fazem com *ta*, *o-picúì*, «elle revolve», *i-picúì-ta*, «a revolver»; dos acabados em *î* (guttural), uns o fazem com *bo*, outros com *pa*, outros com *ca*, *o-gueiî*, «elle desce», *gueiî-bo*, ou *gueiî-pa*, «a descer», *oi-kitî*, «elle limpa», *i-kitî-ca*, «a limpar»; os acabados em *o*, o fazem com *bo*, *o-parerecó*, «elle segue até alcançar»; os acabados em *r*, o fazem com *bo*, perdendo o *r*, *o-ibir*, «elle renova», *i-ibi-bo*, «a renovar»; dos acabados em *u*, uns o fazem com *bo*, outros com *pa*, *o-kibu*, «elle espulga», *i-ki-bu-bo*, «a espulgar», *ó-çúb*, «elle visita», *i-xú-pa*, «a visitar». Para os de som nasal: dos acabados em *ã*, uns o fazem com *mo*, outros com *nga*, outros com *na*, *o-cenopuã*, «elle ameaça», *cenopuã-mo*, servindo de relativo o *ç*, «a ameaçar», *o-çapinã*, «elle atiça», *çapina-nga*, servindo de relativo o *ç*, «a atiçar», *o-paratã*, «elle espessa», *i-paratã-na*, «a espessar»; dos acabados em *ê*, uns o fazem com *mo*, outros com *nga*, outros com *na*, *o-bahê*, «elle chega», *i-bahê-mo*, «a chegar», *o-nhenhê*, «elle falla», *i-nhenhê-nga*, «a fallar», *o-guéê*, «elle vomita», *i-guéê-na*, «a vomitar»; os acabados em *ĩ* (com til), com *na*, *a-pepî*, «elle raspa», *i-pepî-na*, «a raspar»; os acabados em *ì* (grave), precedido de vogal, o fazem com *na*, *o-nha-tóì*, «elle toca», *i-nha-tóì-na*, «a tocar»; dos acabados em *y* (guttural nasalisado), uns o fazem com *ma*, outros com *mo*, *o-nhoty*, «elle enterra», *i-nhoty-ma*, «a enterrar», *o-mopy*, «elle bambalea», *o-mopy-mo*, «a bambalear»; dos acabados em *õ* (com til), uns o fazem com *mo*, outros com *nga*, *o-rayrõ*, «elle despresa», *o-poçanõ*, «elle medica», *i-poçanõ-nga*, «a medicar»; dos acabados em *u* (em nome com som nasal), uns o fazem com *mo*, outros com *na*, outros com *nga*, *o-nhenhêgu*, «elle emmudece», *i-nhenhê-gu-mo*, «a emmudecer», *o-mou*, «elle ennegrece», *i-mou-na*, «a ennegrecer», *o-mouu*, «elle apodrece», *i-mouu-nga*, «a apodrecer», *ç-apê-nga* ou *o-apê*, «elle entorta», *g'-apê-nga*, «a entortar».

Nesta lingua, o gerundio e o supino, fóra das unicas fórmas acima exemplificadas e atrelados ás fórmas grega e latina, devem ser feitos com o infinitivo e posposições adaptadas ao pensamento a exprimir: *i-xuú-é*, «depois de mordel-o». Subordinar, porém, a lingua *tupi* a regras das linguas grega e latina, nas diversas partes da oração, é destruir toda a sua originalidade: não ha parentesco algum da lingua *tupi* com essas duas linguas. O gerundio e o supino na lingua tupi são sómente os que foram acima exemplificados com as particulas breves ou encliticas para terminações. Não ha outros.

—Os participios são formados segundo as seguintes regras.

Com *ára*, em referencia ao agente do verbo; e, conforme a lição do padre MON-

TOYA, este participio se fórma do supino. O verbo, de som natural, cujo supino tem a enclitica *bo*, perde-a, para substituil-a por *ára*, se acaba em *a*, supprimido este *a* por apócope, ou para substituil-a por *çára*, se acaba em outra vogal: *i-quatì-ára*, «escriptor» ou «pintor», *i-kibú-çára*, «espulgador» ou «catador de pulgas». Mas, o verbo de som natural, cujo supino tem qualquer das outras encliticas, accrescenta a enclitica *ra: i-pág-çára*, «despertador», *i-çú-pá-ra*, «visitador», *i-picúì-tá-ra*, «revolvedor». Os verbos de som nasal guttural, e os de som puramente nasal, cujos supinos têm as encliticas, *mo*, *ma*, mudam-n'as em *mb* e accrescentam *ára: i-cenopuã-mb-ára*, «ameaçador», *i-nhoty-mb-ára*, «enterrador». Os verbos, cujos supinos têm a enclitica *na* a mudam em *nga*, ou em *nda*, e accrescentam *ra: i-pepî-ndára*, «raspador». Os verbos cujos supinos têm a enclitica *nga*, accrescentam *ra: i-poçanõ-nga-rá*, «curandeiro».

Com *ába*, para exprimir tempo, logar, instrumento, intuito, modo, causa, fim, costume, companhia de outrem; comtanto que seja seguida das respectivas posposições ou dos necessarios adverbios, quando o verbo não contém em si mesmo a expressão. Este participio é formado da terceira pessoa do presente do indicativo, e só póde nascer de verbos activos e neutros. (*)

Os verbos acabados em *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, com til ou sem til, e em *á* e em *áo* (diphtongo), o participio é *çaba*, excepto quanto aos que têm a ultima syllaba em *ça*, que apenas a completam:—*cepi-çába*, do verbo *cepi*, «vingar», *çubã-çába*, do verbo *çubã*, «chupar», *hobâç'-ába*, do verbo *hobâçá*, «benzer». Os acabados em *é*, *í*, *ó*, *ú*, pódem accrescentar apenas *ába;* mas, na pronuncia, deve ser bem saliente o accento da terminante: *mong-é-ába*, do verbo *mongé*, «fazer dormir». Os acabados em *o* e em *ú*, precedidos de vogal ou puros, mudam o *o* e o *u* em *gu*, para fazerem *guába: ace-guába*, do verbo *acoó*, «chorar». Os acabados em *n*, e nos diphtongos com til, *ãi*, *ĩi*, *õi*, *ũi*, o partic é *dába: amã-n-dàba*, do verbo *am* «circular», *çãì-dába*, do verbo *çãi*, parzir». Os acabados em diphtongos ples, *âî*, *êî*, *îî*, *ôî*, *ûî*, o participi *tába: cekîì-tába*, do verbo *cekîî*, «tir Os acabados em *b*, o mudam em *p* fazerem o participio em *pába: cen pába*, do verbo *cendúb*, «ouvir». Os bados em *c*, accrescentam *ába: çuc-* do verbo *çuc*, «lavar-se». Os acab em *ng* accrescentam *ába*, *nhang-ába* verbo *nhang*, «encestar». Os acab em *m*, accrescentam *b*, e o completam *ába*, *am-b-ába*, do verbo *am*, «estar pé». Os acabados em *r*, o mudam *ç*, e completam com *ába: bi-çába* verbo *bir*, «levantar».

Com *bae*, formado tambem da terc pessoa do presente do indicativo, co pronome pessoal, significa «o que» «o qual»: *o-quâá-bae*, «o que sabe». os pronomes *xe*, *nde*, *i*, *iande*, *ore*, pospostos a adjectivos, e estes preced dos respectivos relativos nos casos que o devem ser, substitúe o verbo «s que, caracteristicamente, não existe lingua *tupi: i-poriaú-bae-xe*, «eu pobre», *i-tacuxi-bae-i*, «elle é fanfarr ou, demonstrativamente, *itacuxi-cu* «aquelle é fanfarrão», segundo o p MONTOYA, ou *cò-bae*, segundo o p LUIZ FIGUEIRA.

Para a formação dos tempos dos bos, este *bae*, posposto ao verbo, seguido das terminações respectivas *c* para o preterito, *rama*, para o futuro feito, *ranguéra* para o futuro imperf etc.: *o-peí-bae-cuéra*, «o que varr *o-peí-bae-rama*, «o que havia de var *o-peí-bae-ranguéra*, «o que havia de varrido».

Este *cuêra*, como se diz no sul Brasil, ou *coéra*, como se falla no n soffre, por elegancia, em muitos c a apócope da ultima syllaba. Nos bos e nomes acabados em *b* e e o preterito é *uêra* ou *oêra;* nos acab em *g* e em *p*, é *uêra* ou *oêra;* nos bados em *m*, é *buêra* ou *boéra;* acabados em *r* é *éra;* nos acabados lettra ou syllaba com som nasal, é *n*

(*) No dialecto guarani, tem qua ere- sente, *aguéra*, preterito, *aguama*, futu ro imperfeito ou mixto.

guéra ou *ngoéra;* nos acabados em *áma,* *ámo,* é tambem *nguéra* ou *ngoéra,* ocopadas as encliticas *ma* e *mo;* nos abados em *é,* basta accrescentar *ra;* s acabados em *ér,* basta accrescentar *tembi-réra,* «sobras»; *taper-a,* «poação que existiu»; *aré-ra,* «o que caiu e logo nasceu». Nos acabados em usam mudar o *b* em *p.* Em geral, n outras terminações, é *cuéra* ou *coéra,* *uêra* ou *goéra.*

Cuéra, ou *coéra,* sóe ser empregado mo tempo presente para restringir a ção do verbo a certos individuos, ou a terminados objectos: *orecuêra oroçó,* «só s outros vamos»; *cunumĩ* ou *curuinguêra onhemoçarâì,* «só brincam os eninos»; *cunhãnguê ioçó,* «só as muieres vão»; *aó pecengué,* «pedaço de rouba»; *aó-cúì-guêra,* «andrajos», do verbo *úì,* «cair». Tambem *cuêra* ou *coéra, guêra* u *goéra,* é usado como absoluto no prente: *tatã-nguéra,* «o forte»; *anhangéra,* «o diabo velho»; *moroting-uéra,* «o ranco».

Ha outro participio em *bóra* e, no dialecto *guarani* tem seus quatro tempos *bó-r, bor-éra, boráma, borã-nguêra,* ou *borã-ngoéra:* sem a necessidade do *b,* e já o verbo ou o nome o tem terminal. Mas, este participio é limitado a exprimir o que a pessoa ou a cousa contém, o habito, a continuação, o effeito ou o resultado, a extensão, o excesso, o superlativo: *irob-óra,* «amargoso»; *çabeipólor-a,* «bebado por habito»; *guacembór-a,* «grito continuo»; *quirá-bór-a,* «engordurado»; *xe-co-bór-a,* «minha roça vai por ahi á fóra», exprimindo a sua extensão; *taci-bór-a,* «gravemente doente»; *tacú-bó-bór-a,* «muitissimo calor», repetido o participio.

O padre LUIZ FIGUEIRA, e antes delle o padre J. ANCHIETA, buscaram o exemplo deste participio em *canhembóra,* «o fujão», do verbo *canhỹ,* «fugir». E aduzo este exemplo para tornar certo que esta palavra nada tem de africana, só porque os negros a corromperam em quilombola.

Antes de tratar dos participios passivos, é necessario dizer que os verbos activos se tornam *passivos,* antecedendo-os com os respectivos relativos, accrescentando-os com a palavra *pira* no presente do indicativo, *piréra* no preterito, *pirama* no futuro, *piranguêra,* no futuro imperfeito, e terminando-as com o pronome *xe, ndê, i, iande, ore, peê, i;* substituido o *i* das terceiras pessoas do plural por *cúìbae,* se, em vez de «elle» ou de «elles», forem «aquelle» ou «aquelles», *i-curá-pira-xe,* «eu sou empulhado», *i-curá-pira-nde,* «tu és empulhado», *i-curá-pira-i,* «elle é empulhado», ou *i-curá-pira-cuibae,* ou *cóbae,* «aquelle é empulhado», *i-curá-pira-iande,* «nós e vós somos empulhados», *i-curá-pira-ore,* «nós só somos empulhados», *i-curá-pirapeê,* «vós outros sois empulhados», ou *i-curá-pira-cuibae* ou *cóbae,* «aquelles são empulhados». Se o verbo tiver som nasal, o *p* é mudado em *mb,* fazendo *mbira;* mas, é preciso attender que, nos verbos acabados em *ã, ẽ, õ,* póde ser intercalada ou não a particula *ngi,* immediatamente antes de *mbira: ameẽ,* «dar», *i-meẽ-ngi-mbira,* ou apenas *i-meẽmbira,* «dado»: nos acabados em *ĩ,* póde ser intercalada ou não a particula *m: amoĩ,* «pôr», *i-moĩ-ngi-mbira,* ou apenas *i-moĩ-mbira,* «o posto». Nos verbos acabados em consoante, esta deve ser completada com um *ì,* e depois *pira: çauçub-i-pira,* «o amado». Tambem serve *pira* para formar os adjectivos attributivos que na lingua portugueza acabam em *vel* (breve): *çau-çub-i-pirama,* «amavel», e, sendo precedido do relativo *i,* significará «o amavel».

Acceitei como mais clara a explicação do padre MONTOYA, embora, por outros termos, dê a do padre LUIZ FIGUEIRA o mesmo resultado. E tanto vale dizer *pìréra* e *piranguéra,* como *piroéra* e *piramboéra, cúìbae,* ou *cóbae:* são modos de fallar do indigena do sul, quanto aos primeiros, e do indigena do norte, quanto aos segundos.

Um dos participios passivos é *pira,* que já ficou explicado. O outro é *temĩ,* que sempre antecede ao verbo activo, sem os pronomes pessoaes; muda o *t* em *r,* se na composição fôr precedido de alguma palavra ou nome, ou mesmo de pronomes possessivos; ou o perde, se

o fôr de *gu*, reciproco ou com voz de relativo: *temi-rarõ*, «o guarda»; *xe-remĩ-rapiâ*, «meu escravo», *gu-emĩ-rapiâ*, «seu escravo». Nestes exemplos ha a observar tambem a mudança do *ç*, do padre LUIZ FIGUEIRA, ou do *h*, do padre MONTOYA, dos verbos *çarõ* ou *harõ* e *çapìâ* ou *hapiâ*, em *r*, pela regra geral da mudança dos respectivos relativos em *r*, sempre que são antecedidos de outra palavra. Cumpre deixar notado que aquelle *gu*, embora reciproco, funcciona como relativo sempre que o verbo se reflecte no agente ou no paciente, directa ou obliquamente.

Este *temĩ*, segundo o padre MONTOYA, muda o *m* em *mb* ficando sem til sempre que encontra vogal; mas, sendo *temi*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, nada muda. Por exemplo: no primeiro caso, *tembi-ú*, «comida», ou «comestivel», *i-rembi-ú*, «a comida»; no segundo caso, *temi-ú*, «comida». Tambem, por elegancia, querendo exprimir a cousa sobre que cáe a acção do verbo, é uso fazer a apheresis da primeira syllaba de *temi*, antepondo *mi* ao infinitivo; *mi-mboé*, «o que se ensina», *mi-ú*, «o que se come», *mi-é*, «o que se diz».

Como se vê, este participio póde formar, sem apheresis, os seguintes pronomes possessivos: *xe-remi*, *nde-remi*, *cemi*, *iande-remi*, *ore-remi*, *pe-remi*, *cemi*; mas não se ajuntam senão com os infinitivos dos verbos activos sem accusativo, ou sem caso, e isso para significar a cousa sobre que cáe a acção dos mesmos verbos, segundo já foi dito: *xe-remi-ocá*, «o que eu busco», ou traduzido litteralmente, «o que é buscado por mim»; *xe-remi-guiìè-cuéra*, «o que foi vencido por mim»; *xe-rembi-mbó-guarini-çára*, «o que foi feito guerreiro por mim».

Tambem é usado como *possessivo*, na fórma dita, anteposto ou posposto, o mesmo pronome *xe*, *nde*, *i*, *iandé*, *oré*, *pê*, *i*, como *pessoal*: *ndé-xe-remi-abá*, ou *xe-remi-abá-ndé*, «tu és meu homem».

Segundo o padre MONTOYA, não é possivel confundir com *mĩ*, «esconder», o sobredito caso da aphéresis de *temĩ*; porque a aphéresis deixará *mbi*, conforme a regra ensinada pe[illegible]

—Em geral, os nomes, que conjugados com pronomes se fazem verbos, contêm virtualmente nos mesmos pronomes a idéa de «ser» ou de «ter», e esses pronomes podem ser antepostos ou pospostos: *xe-abá*, ou *abá-xe*, «sou homem», *xe-raci*, ou *taci-xe*, «tenho doença».

Attendam-se as seguintes regras:

a) No caso *xe*, de pronome pessoal, se fôr seguido de qualquer nome adjectivo, a significação é do verbo «ser»: *catú*, «bom» *xe-catú*, «sou bom»; *poxí*, «sujo», *nde-poxí*, «és sujo»; *poranga*, «formosura», *i-porang*, «é formoso». A razão porque o *a* final de *poranga* é supprimido, é que, com os pronomes de *xe*, o verbo, que tem o accento agudo na penultima syllaba, perde a ultima em todos os tempos, excepto no infinitivo.

b) No caso de *xe*, pronome possessivo, se fôr seguido de qualquer nome substantivo de cousa possuivel, a significação é do verbo «ter»: *ci*, «mãe», *xe-ci*, «tenho mãe»; *túb-a*, «pae», *nde-rúb*, «tens pae»; *ipi*, «antepassados», *t-ipi*, «tem antepassados».

—Agora, resta explicar a conjugação *negativa*.

São varios nesta lingua os modos de negar. O commum é *nd*, ou mesmo só um *n*, ou só um *d*, no principio do verbo, e um *î* no fim: *N-açó-î* ou *D-açó-î* ou *Nd-açó-î*, «não vou». E, se o verbo começa por consoante, o *a*, por accrescimo á aquella particula de negação, é de rigor. No presente do indicativo não é admissivel outra negação.

A outra fórma de negar é *ey*, *eỹm* fazendo *eỹme*, para o modo conjunctivo e *eỹma* o infinitivo, os participios, os supinos e os gerundios; *xoé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *ce*, segundo o padre MONTOYA, antes do *ne*, para o futuro imperfeito; *umé*, conforme o primeiro, *emé* ou *imé*, conforme o segundo para o imperativo; *umé*, conforme o primeiro, antes do *ne*, para o futuro do modo mandativo; *xoé-temomã*, conforme o primeiro, *eỹtamõ*, conforme o segundo para o presente do modo optativo; *xoé-[illegible]momã*, conforme o primeiro, *eỹmam[illegible]ao*, para o preterito e mais que

perfeito do optativo. Assim, tomarei ao acaso o verbo neutro *cutipó*, «saltar», cujo presente do modo indicativo é o seguinte: *a-cutipó, ere-cutipó, o-cutipó, ia-cutipó, oro-cutipó, pe-cutipó, o-cutipó;* no presente do indicativo, *a-cutipó*, «eu salto», *na-cutipó-î*, «eu não salto»; no futuro imperfeito, *a-cutipó-ne*, «eu saltarei», *na-cutipó-î-xoé-ne*, «eu não saltarei»; no modo imperativo, *e-cutipó*, «salta tu», *e-cutipó-umé*, «não salta» ou «não saltes tu»; no futuro ou modo mandativo, *tere-cutipó-ne*, «não saltarás tu»; no presente do modo optativo, *a-cutipó-temomã*, «oxalá saltasse, ou saltára eu», *na-cutipó-î-xoé-temomã*, «oxalá não saltasse, ou não saltára eu»; no preterito e mais que perfeito do optativo, *a-cutipó-meimo-mã*, «oxalá tivera eu saltado», ou «oxalá saltára», *na-cutipó-î-xoé-meimomã*, «oxalá não tivera ou não tivesse eu saltado»; no preterito e no mais que perfeito do modo permissivo, *a-cutipó-umãmo* ou *a-cutipó-umã-mbeémo*, «eu teria saltado», *nda-cutipó-î-xoémo* ou *nda-cutipó-î-xoé-mbeémo*, «eu não saltára ou não tivera saltado»; no futuro do mesmo modo permissivo, *tacutipó-ne*, «saltarei eu», *tacutipó-umé-ne*, «não saltarei eu»; no modo conjunctivo, *cutipó-reme*, «quando, porque, como, se, eu salto», *cutipó-eyme*, «quando, porque, como, se, eu não salto»; no modo infinitivo, *cutipó*, «saltar», *cutipó-eÿma*, «não saltar»; no participio em *ára*, presente *cutipó-çára*, «saltador», *cutipó-çareÿma*, «não saltador»; no preterito, *cutipó-cuêra*, «o que foi saltador», *cutipó-eÿma-cuêra* ou *cutipó-cuêreÿma*, «o que não foi saltador»; no futuro, *cutipó-rama*, «o que ha de saltar», *cutipó-rameÿma*, «o que não ha de saltar»; no futuro mixto de preterito, *cutipó-çaranguêra*, «o que havia de ter saltado», *cutipó-çaranguereÿ*, «o que não havia de ter saltado»; no participio em *bae*, presente, *o-cutipó-bae*, «o que salta», *o-cutipó-eÿmbae*, «o que não salta»; no preterito, *o-cutipó-bae-cuêra*, «o que saltou», *o-cutipó-bae-cuêreÿ*, «o que não saltou»; no futuro, *o-cutipó-bae-rama*, «o que ha de saltar», *o-cutipó-eÿbae-rama*, «o que não ha de saltar»; no futuro mixto de preterito, *o-cutipó-bae-ranguêra*, «o que havia de ter saltado», *o-cutipó-bae-ranguereÿ*, «o que não havia de ter saltado»; no participio em *temi*, presente, *xe-remi-cutipó*, «o que eu salto», *xe-remi-cutipó-ey*, «o que eu não salto»; no preterito, *xe-remi-cutipó-cuêra*, «o que eu saltei», *xe-remi-cutipó-cuêreÿ* ou *xe-remi-cutipó-ey-cuêra*, «o que não saltei», *xe-remi-cutipó-rama*, «o que saltarei», *xe-remi-cutipó-rameÿma* ou *xe-remi-cutipó-eyrama*, «o que não saltarei»; no futuro mixto do preterito, *xe-remi-cutipó-ranguêra*, «o que eu havia de ter saltado», *xe-remi-cutipó-ranguereÿ* ou *xe-remi-cutipó-eÿ-ranguê*, «o que eu não havia de ter saltado»; no participio em *ába*, presente, *i-cutipó-çába*, «logar d'onde, tempo em que, motivo por que, modo como salto», a negação é *i-cutipó-çabeÿma;* no preterito, *i-cutipó-çaguêra*, «logar d'onde, etc., saltei», a negação é *i-cutipó-çaguereÿma;* no futuro, *i-cutipó-çaguáma*, «logar d'onde, etc., hei de saltar», a negação é *i-cutipó-çaguameÿma;* no futuro mixto de preterito, *i-cutipó-çabanguêra*, «logar d'onde, etc., eu havia de ter saltado», a negação é *i-cutipó-çabanguêreÿ;* a negação, no supino, é *i-cutipó-beÿma*, «não saltado»; a negação no gerundio é *gui-cutipó-eÿma*, «não saltando eu».

Tambem o substantivo é negado pela particula additada *eÿ: abá*, «homem», *abá-eÿ*, «não homem», isto é, «não pessoa, não gente, ninguem», com referencia ao plebeu. E isto prova que o tupi tinha tambem a sua aristocracia.

Cumpre notar que duas negações fazem uma affirmação: *na-cutipó-eyma*, «não deixo de saltar», porque ha a negação inicial e a negação terminal. Tambem tres negações equivalem uma affirmação: porque a ultima não tem outro valor que o de repetição: *na-cutipó-eÿ-eÿma*. Outrosim, uma negação com a particula *teî*, precedendo *ne* do futuro, muda-a em affirmação: *ndere-cutipó-î-xoé-teî-ne*, «não deixes de saltar».

Ha outro modo de negação: é *na-rua*, isto é, *na-ruaî*, ou *na-rúgua-î*, mettendo, entre essas duas palavras, o pronome, o verbo, ou o nome; mas é sómente usado

para exprimir o verbo «ser»: *na-xe-rua-î-cutipó*, «não sou eu quem saltou»; *nd a-cutipó-ruguaî*, «não salto»; *na-xe-abá-rúa-î*, «não sou homem».

Ha tambem os adverbios propriamente negativos. Os adverbios prohibitivos encerram virtualmente negação: *aáni*, *ine*, etc.

—São muito engenhosas algumas dicções que, embora só por si nada signifiquem, juntas porém a verbos e a outras partes da oração, dão-lhes energia, ou melhor expressão, ou mesmo sentido differente.

Assim, *ã; ã*, com til, posta no fim da palavra, dá energia: *o-cutipó-ã*, «eia, salta». *Aib*, esta dicção, posta no fim da palavra, significa que a acção do verbo, ou a expressão do nome, tornou-se má: *ai-có-aib*, «passo mal», *co-riteì-aib*, «depressa e já», *o-nhenheng-aib*, «elle falla mal», isto é, «blasphema», ou «injuría», ou «diz palavras sujas». *Aúb*, posta tambem no fim da palavra, serve, em verbo neutro ou absoluto, para exprimir defeito, ou má vontade na acção: *ie-ciri-aúb*, «não deslisa-se bem», *o-guatá-aúb*, «anda difficultosamente», *o-ieroqui-aúb*, «dansa sem vontade»; em verbo activo, serve para exprimir desejo, ou saudade: *ai-pixã-aúb*, «desejo belliscar», *ocexág-aúb*, «saudoso de ver». O verbo, repetido, exprime maior força na acção; a dicção *aúb*, repetida, exprime excesso de defeito ou de má vontade, no primeiro caso, ou excesso de desejo ou de saudade, no segundo: a negação do verbo é feita antes da dicção *aúb*.

Cá e *quyg* exprimem proposito firme de agir, mas só o homem diz *cá*, ao passo que a mulher diz *quyg;* deve sempre ser precedida da particula *ne*, ou *pe: açó-cá* ou *açó-ne-cá* ou *açó-pe-cá*, para o homem, *açó-quyg*, ou *açó-ne-quyg*, ou *açó-pe-quyg*, para a mulher, «vou decididamente».

Pá: quando não é interrogativo, como adiante se verá, exprime determinação decisiva, no plural; e então significa «eia, pois, já»: *pe-nhanhubã-pá*, «eia, pois, abraçae já».

Çoára, Xoára, Ndoára: precedendo diversas dicções são a mesma cousa e servem de terminal do verbo ou do nome para exprimirem frequencia ou costume: *ó-çoára*, «chorador», *û-xoára*, «sempre sujo», *çubã-ndoára*, «chupador»: esta dicção *çoára* não deve ser confundida com o participio dos verbos acabados em *çó*.

Çoér, Xoér, Ndoér, com *à* (breve) terminal, estão no mesmo caso das anteriores, exprimem tambem frequencia ou costume: *o-atá-çoéra*, «andejo», *onhenheng-i-xoéra*, «palreiro», *o-nhanhubã-ndoéra*, «abraçador».

E': simplesmente esta lettra *é*, terminando algum verbo, significa a acção independente de outra pessoa ou de outra cousa: *aipejú-é*, «eu mesmo assopro»; posposto a gerundio, significa «depois»: *guicarúbo-é*, «depois que eu coma»; tambem significa, terminando verbo, «só», e tambem «ás vezes»; e serve tambem para exprimir destreza, ensino, aprendizagem, aptidão, habilidade, agrado, mas nestes casos sóe ser seguida de *catú*: *xe-é-catú*, «sou destro», *na-xe-é-catú-î*, «não sou destro».

I: esta lettra *i*, com til ou sem elle, posposta ao nome, exprime diminutivo: *teçá-i*, «olhinhos»; tambem posposta ao verbo, exprime perseverança na acção; no principio do verbo neutro, é o mesmo que «se»: *i-maẽ*, «mira-se»: *ĩ*, com til, por si só, é verbo e significa «estar, pôr»: com til, posposta a verbo, significa fazer ao acaso, ou sem impulso, a cousa: *xe-atá-ĩ*, «caminho ao acaso».

Iá: exprime satisfação pelo mal de outrem; posposta ao verbo, exprime costume ou habito: *ai-tiquicú-iá*, «costumo sorver»; e se é accrescida com a syllaba *bi*, formando *iabi*, significa superlativo na acção do verbo: *ai-tiquicú-iabi*, «costumo sorver muito».

Icó: posposta ao verbo, esta dicção demonstra o que se faz: *aiaupi-icó*, «eis que levanto a cabeça».

Iepé: no plural *iepeiepé:* é posposta a verbo activo, sómente nos modos que têm pronome pessoal, para fazer falla a primeira pessoa com a segunda, sendo este nominativo, e aquelle accusativo: *nde-xe-çapi-iepé*, «tu me queimas», *xe-çapi-umé-iepé*, «não me queimes»: tambem significa «debalde»: *açapecoe-iepé*, «continuei debalde»; tambem serve para

primir difficuldade em ter escapado de gum perigo: *celîa-iepé*, «escapei arrahando».

Moang: posposta a verbo, esta dicção exprime cousa ficticia, e tambem acção baldada; *açungá-moang*, «finjo que apallio»; *apirá-mboácá-moang*, «pesquei debalde ou sem resultado».

Niã: posposta a verbo, exprime a confirmação do mesmo verbo: *agucê-niã*, «sim, vomitei».

Nhé: significa «acaso», isto é, «sem necessidade alguma»: *çapeg-nhé*, «chamusquei por acaso».

Nhote: significa «sómente»: *açaarõ-nhóte*, «espero sómente»: *a-ĩ-nhóte*, «estou só»; são a mesma cousa *nhó* e *nhonhé*.

Pá? Pangá? Pe? Piã? Piang? Pi? Pipó? Raé?—são as interrogativas mais communs desta lingua: *xe-pá?* «Sou eu?»; *a-manó-pangá-ne?* «Hei de morrer?»; *ere-có-pe?* «Vaes?»; *o-çó-pia-ne* ou *o-çó-piang-ne?* «Tem este de ir?»; *de-rei-pi-re-çó-bo?* «Ainda não foste?»; *xe-pipó-açó-ne?* «Hei de ir eu?»; *o-amonhã-raé?* «Já fez?». *Pá* póde preceder aos pronomes *có* e *gui: abá-pa-có*, ou *abá-pácóbae?* «Quem é este?»: *abá-pá-gui?* «Quem são esses?». *Pangá* é tambem admirativa, precedido das duas particulas *te-catú*, embora affirmativas: *nde-kér-ána-tecatú-pangá?* «Oh! como és dorminhoco!». *Pe*, precedida de *abá*, significa «quem»; *abá-pé?* «Quem?»; existindo na oração adverbio, sempre se põe immediatamente após elle. *Pi* antecede, de ordinario, immediatamente, aos pronomes *xe, có, cobae, cui, aug*, quando são estes empregados na composição da phrase: *amboé-pi-xe-ne?* «Hei de ensinar?»; *abá-picó*, ou *abá-picóbae?* «Quem é este?»; *abá-pi-cui* ou *abá-pucui?* «Quem é aquelle?»; *abá-piang?* «Quem são estes?». O pronome *xe* póde ser posposto á particula interrogativa: *abá-piã-xe?* «Quem sou eu?» *Pipo* só é empregada quando a interrogação contém «por ventura». *Raé*, «já», é interrogativa, para o presente, o preterito, e o futuro do modo indicativo, e para o preterito perfeito e mais que perfeito do modo permissivo, em phrases breves: *o-ço-raé?* «Já foi?»; mas, em phrases longas, deve ser precedida de outra interrogativa para o verbo, ficando ella sempre no fim, após o caso; *ere-jucá umã-mo-pangá-jaguá râ-raé?* «Já terias morto o tigre?». *Paé* é interrogativa, exprimindo a phrase elliptica de duvida «havia de»: *ain-paé*, «havia eu de estar deitado?»: é muito usado precedido de *ámo*, «por ventura». Com a particula *cerá*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, ou *herá*, segundo o padre MONTOYA, é exprimida duvida na pergunta: *Abá-cerá?* «Homem, ou mulher?» Não dizem, porém, *Cunhã-cerá?* senão quando ha duvida se a mulher é realmente tal. Com aquella mesma particula, sem adverbio propriamente interrogativo, sóem perguntar e responder: *aracaé-cerá?* «Quando?» *aracaé-cerá*, «não sei quando»; *aba-cerá?* «Quem?» *aba-cerá*, «não sei quem»: só o tom faz distinguir a pergunta e a resposta. Com a particula *té*, antes de *pá, pangá, pe, piã*, se exprime a palavra «pois»: *abá-té-pe-oçó?* «pois quem foi?»

Ranhé exprime pressa, adiantar-se a outrem, e tambem advertencia: *Taçó-ne-ranhé*, «irei já»; *abaè-ranhé*, «chego primeiro»; *xe-ranhé*, «eu adiante»; *mãeté-ranhé*, «attenção!» ou «olhae bem». Junta a verbo negado exprime «ainda não».

Rúng, Rúnga, Rung-eme, juntas a nomes exprimem ordenar, ou principiar; é, porém, preciso iniciar os nomes com a particula *ai*, collocal-os immediatamente a ella, e, no fim, fixar qualquer daquellas dicções, como forem pedidas: *ai-có-rung xerúba*, «ordeno a roça de meu pae». Assim tornadas um verbo activo aquellas palavras *có-rung*, faz *có-runga*, no infinitivo, e *có-rung-eme*, no conjunctivo. De *ipi*, «principio», precedido da sobredita particula *ai* e seguido de *rung*, é formado o verbo a *ai-ipi-rung*, «principiar, começar». Tambem exprime accrescentamento á cousa. O padre MONTOYA escreveu *rũ;* mas é o mesmo *rung* do padre LUIZ FIGUEIRA.

Ab é tambem uma dicção que, por si mesma, nada significa; mas, precedida de *a*, collocando immediatamente o nome e terminado por *áb*, fórma verbos: *a-ibirá ab*, «córto madeira»; *a-ie-ibi-ab*, «abre a terra». No sentido de abrir natural-

mente, verbo neutro, é que *áb* é empregado na fórma sobredita: *o-jáb-botira*, «a flôr abre».

Todas estas dicções servem para compôr verbos e nomes, alterando-lhes mesmo o primeiro sentido, ou simplesmente imprimindo-lhes mais energia ou menos força.

Cumpre, porém, não perder de vista certas regras:

a) Os verbos activos, que, depois do artigo ou nota, tem algumas das syllabas *ra*, *re*, *ro*, *ru*, exigem, nas terceiras pessoas, a syllaba *gue* depois do mesmo artigo ou nota: *araçó*, «levar», *o-gue-raçó*, «elle leva»; e, se pela introducção de *poro* os quizermos tornar absolutos, aquella syllaba *gue* será collocada logo depois de *poro* e este após o artigo: *a-poro-gue-raçó*, «costumo levar». E usam sincopar as duas primeiras lettras, por elegancia: *a-poro-e-raçó*. Nos verbos com *poro*, póde ser mudado o artigo ou nota no pronome *xe*, exprimindo então a continuação do acto: *xe-poro-có-xerúba-ajú*, «venho continuar a roça de meu pae».

b) Quando a primeira pessoa é nominativo, e a segunda é accusativo, não se põe artigo ou nota no verbo, e serve de accusativo da segunda pessoa a palavra *oro* no singular, e *opó* no plural: *xe-oro-çauçub*, «eu te amo», *xe-opó-çauçub*, «eu vos amo». Neste modo de compôr, vê-se bem que não é usado *nde*, e sim *oro*, nem *peé*, e sim *opó*; excepto nos modos conjunctivo e optativo, com as respectivas terminações.

c) Por ellipse, costumam supprimir, quando não ha necessidade de maior clareza, os pronomes pessoaes, entendendo-se que os accusativos *oro* e *opó* suppõem *xé*: *ai-pitibiró*, «sacudir», *oro-pitibiró*, «eu te sacúdo», *opó-pitibiró*, «nós te sacudimos».

d) Os verbos que, depois do artigo ou nota *o*, admittem *i*, relativo, fazendo *ái*, perdem com os accusativos *oro* e *opó*, tanto um como o outro: *ai-quabã*, «abarcar», *oro-quabã*, «eu te abarco». Não perdem, porém, o *i* os verbos que o têm como proprio: *a-itic*, «arrojar», *oro-itic*, «eu te arrojo», *opó-itic*, «eu arrojo».

e) Os verbos que, depois do art ou nota, têm *io*, ou *nho*, *ie*, ou *nh* ou *h*, perdem, com os accusativos *or opó*, estas particulas, segundo a lição padre LUIZ FIGUEIRA, ainda que o pa MONTOYA affirme ser isso facultati *a-io-rá*, «desatar», *xe-oro-rá*, ou simp mente *oro-rá*, «eu te desato», *a-nho-* «lastimar», *xe-oro-pú*, ou simplesm *oro-pú*, «eu te lastimo»; *açauçúb*, «am *oro-auçúb*, «eu te amo».

f) Os verbos que depois do artig nota, começam por *nha*, perdem, com accusativos *oro* e *opó*, o *nh*: *a-nh* «arremetter», *opó-arõ*, «eu arremett vós».

g) Os verbos que, depois do ar ou nota, começam por *ia*, perdem, os accusativos *oro* e *opó*, o *i*: *ai* «cubrir», *oro-açói*, «eu te cubro»; que aquelle *i*, sendo relativo, não p permanecer na transição da prim pessoa á segunda. Os verbos, po que não são activos, devem ser f activos pela intercalação de *mo* ou conforme fôr natural ou nasal o do verbo, segundo já ficou explicad logar respectivo.

h) Os verbos que começam por *r*, depois dos pronomes, recebem os accusativos *oro* e *opó*, a parti *gue*: esta mesma regra se estend terceiras pessoas de ambos os num *anoẽ*, «esvasiar», *xe-oro-gue-noẽ*, «e esvasio», *o-gue-noẽ*, «elle esvasia», a terceira pessoa relativa, é *ce-noẽ*, o esvasia».

i) Os verbos que começam por ou *ro*, recebem com os pronom particula *re*: *a-nho-pĩ*, «raspar», *xe nho-pĩ*, «eu raspo»; *a-robiã*, «crer, peitar», *xe-re-robiã*, «eu creio, eu peito».

j) Se a terceira pessoa é nomin e a primeira ou a segunda é accus o verbo deve ser precedido do pro respectivo, seja *xe*, seja *nde*: Zeb *xe-jucá*, «Zebedeu me mata», Zeb *nde-juca*, «Zebedeu te mata». Ma a segunda pessoa é nominativo, e por accusativo a primeira, o verbo

artigo, e accrescenta *iepé: nde-xe-jucá-pé*, «tu me matas».

k) Se a terceira pessoa é nominativo, e tem por accusativo outra terceira pessoa, precedendo esta o verbo, leva este o artigo, nos tempos que o têm: *Pedro jaguára-o-jucá*, «Pedro mata onça». Transposta, porém, esta phrase, de modo que *jaguára* preceda a *Pedro*, o verbo deve perder o artigo, e este será substituido por *i* relativo: *jaguára Pedro i-jucá-u;* porque sempre o relativo refere o nome que fica mais longe.

l) Se ao verbo activo e neutro, em vez do artigo ou nota, são dados pronomes e relativo, a terceira pessoa do presente do modo indicativo deve ser formada mediante as seguintes regras: o verbo acabado em consoante recebe o accrescimo de *î*, como *apõr*, «saltar», *i-por-î*, *ailic*, «arrojar», *ce-itik-î*, *ajur*, «vir», *i-ur-î;* o verbo acabado em vogal simgela, com til, ou sem til, recebe o accrescimo de *û*, como *a-ikê*, «entrar», *ce-ikê-û*, *a-çapinhã*, «atiçar», *i-xa-pinhã-ũ;* o verbo acabado em diphtongo com til, ou sem til, não recebe accrescimo algum, como *a-cequiî*, «tirar», *cequiî*. Na negação dessa terceira pessoa, desapparece o accrescimo, para ser posposta a dicção *eym*. E cumpre não perder de vista que á terceira pessoa relativa, tanto póde servir de nominativo a terceira pessoa como tambem a primeira; *Pedro i-çó-û*, «Pedro se foi», *xe-çó-û*, «eu me vou». O padre MONTOYA manda accrescentar ao verbo com som nasal um *n* e depois um *î;* mas o padre LUIZ FIGUEIRA não admittia esse accrescimo a taes verbos, como já acima ficou notado: accresce sómente o *û*. Se a terceira pessoa é precedida de adverbio, ou de gerundio, deve ter, além do relativo competente, a sobredita posposição: *eboquèi-Pedro-ipór-i*, «eis, lá salta Pedro», *jace-guábó Pedro i-ur-î*, «chorando Pedro vem». Como se vê, tanto o artigo ou nota, se o verbo é de artigo, como o pronome, se é de pronome, desapparecem; excepto o pronome *i*, quando o nome não está presente, porque, nesse caso, serve de relativo ao verbo.

m) Todos os verbos, quer acabem em vogal, quer em consoante, quer em diphtongo, têm accento agudo na ultima syllaba nos tempos do modo indicativo. Nos mais modos, ou tempos, em que recebem incrementos, não mudam o accento da sobredita syllaba, e as dos incrementos se pronunciam breves e corridas.

n) Os verbos, que começam por *ç* ou *h*, *r*, *n*, recebem a particula *re* logo depois do artigo ou nota, ou pronome, nos casos que a pedem.

o) Todos os verbos activos e não os outros, que começam por *ç*, ou *h*, conforme já ficou explicado, conservam o tal *ç* ou *h*, se o tal *ç* ou *h* deverem ficar como relativos: fóra disso, ou são eliminados, ou são mudados em *r*. Nos verbos nunca o *ç* ou *h* é mudado em *r*.

p) Advirta-se que sempre que a lettra *i*, relativo, se antepõe á *ç* ou *h*, estas se mudam em *x*, mas só na mesma palavra simples, ou composta: *çuú*, «morder», *i-xuú*, «mordel-o»; *açó*, «eu vou», *ço*, «ir», *i-xó*, «o seu ir», isto é, «a sua ida», por estar o infinitivo sem caso; *çub-a*, «visitar», *i-xub-a*, «visital-o»; e isto se entende, não só com verbos, mas com quaesquer nomes, mesmo posposições: *çui*, «de, por causa de, fóra de, sem», precedido do *i*, relativo, faz *i-xui*, «delle, por causa delle, fóra delle, sem elle», visto que o *i*, como relativo, tambem significa «elle»; e, comquanto o padre MONTOYA escrevesse essa posposição como *gui*, ensinou afinal que, com o sobredito relativo, recebe *chu*, formando *chugui*, o que equivale ao *x*, como é pronunciado no norte do Brazil; *çocé*, «em cima», *i-xocé*, «em cima delle»; e, se bem que o padre MONTOYA escreveu, além de *çocè*, *açocè*, *ahocè*, *ocè*, deve se entender que a mudança em *x* é sómente quanto a *çocè*, por ficar immediatamente antecedido do *i* o *ç*. Exemplos de nomes: *ci*, «mãe», *i-xi*, «sua mãe» ou «mãe delle», *çam-a*, «corda», *i-xám-a*, «sua corda».

q) De duas pessoas, antecedendo o verbo activo, a segunda ou a immediatamente antes delle é o accusativo; oçó,

Pedro jaguara jucá-bo. «foi Pedro a maior onça».

v) Acerca dos tempos presente e futuro, quer do modo imperativo, quer do modo permissivo, é essencial não perder de vista que ao artigo do modo indicativo deve preceder a letra *t*: se esta letra encontrar consoante, toma então a letra *a*, formando *ta*: *t-a-jucá*. Se o verbo fôr de pronome pessoal, assim mesmo se fará: *ta-xe-jucá*. Todavia, no presente do imperativo, sóem deixar sem *t* as segundas pessoas dos dous numeros.

x) Todos os verbos activos, que, depois do artigo, têm alguma das syllabas *ra*, *re*, *ro*, *ru*, mettem nas terceiras pessoas a syllaba *gue*, como já ficou dito; mas, se aquellas terceiras pessoas, se deverem tornar relativas, *gue* é mudado em *ce*: *aracó*, «levar», *o-gue-racó-i*: mas, na relativa, é *ce-racó-i* ou *ce-racó-u*, como o padre LUIZ FIGUEIRA escreveu.

i) Em geral, na terceira pessoa do indicativo dos verbos de pronomes, é empregado o *i*: *xe-maenduar*, «eu me lembro», *nde-maenduar*, «tu te lembras», *i-maenduar*, «elle se lembra»: excepto nos verbos que depois do pronome *xe*, tiverem immediatamente a letra *r*, porque, neste caso, o *r* é mudado em *ç*, na terceira pessoa, *xe-ropár*, «eu ando perdido», *nde-ropár*, «tu andas perdido», *çopár*, «elle anda perdido». Todavia, ha quatro verbos, que têm *r* immediatamente depois do pronome *xe*, e não o mudam em *ç*, mas tomam o *i* da regra geral: *xe-rob*, «sou amargo»; *xe-rú*, «eu resolvo», *xe-rurú*, «estou inchado»; *xe-roiçang*, «tenho frio»: os quaes fórmam assim as referidas terceiras pessoas: *i-rob*, *i-rú*, *i-rurú*, *i-roiçang*.

u) Os verbos compostos de nomes, cuja primeira letra é *t*, este *t* permanece na terceira pessoa, mesmo que na primeira e segunda pessoa seja mudado em *r*, immediato ao artigo. Assim do nome *túba*, «pae», se fórma o verbo *xe-rúb*, «tenho pae», *nde-rúb*, «tens pae», cuja terceira pessoa é *túb*, «elle tem pae».

v) Dous verbos pódem compor um unico; mas, neste caso, o artigo ou nota é só para o primeiro: *a-çó-potar*, ro ir».

x) O infinitivo de qualquer v sem caso, ou não significando por de acção, póde servir de caso a activo: *nd-aipotar-i de-çó*, «não tua ida».

E outras mais regras, que, por das, pódem ser lidas nas gramma

—Ha poucas preposições; mas, a posições são muitas: e fazem o m papel das preposições em outras lin Eis as principaes: *çocé*, *coti*, *mo*, *p çupé*, *ári*, *aribo*, *apyri*, *tobákẽ*, *ten ianondé*, *irunamo*, ou *irumo*, *çui*, *recé*, *ri*, *ari*, *pupé*, *çupi*, *rupi*, *poo meté*, *piri*, *riré*, *é*, *ré*, *be*, *bé*, *ndi*, *lei*, *ramo*, *rangẽ*, *takicueri*, *ĩ*, *í*, *î*.

Çocé, usado tambem *açocé* e *oc* prime «estar sobre»: *xe-çocé*, « mim»: *i-itá-çocé*, «sobre a pedra». gundo o padre MONTOYA, com o a cimo de *pdẽ*, significa «sobrepuja eminencia»: *Tupã ci quaraci çocé in-i*, «a Mãe de Deus está sobre com eminencia».

Coti significa «para» com refere deslocação: *itá-coti*, «para o céu». bem se ajunta a adverbios: *có-c kiiõ-ngoti*, «para cá», *amõ-ngoti*, lá», *aépe-coti*, «para ahi».

Mo significa «como», para ex relação creada com outro individuo: *túba-mo aicó-ne*, «terei de ser com delle», ou, menos litteralmente, «s lhe-hei de pae».

Pe, com verbos de movimento, fica «para», regendo accusativo co ferencia á deslocação; *açó-tá-pe*, para a aldeia». Com verbos de q ção, faz ablativo, e significa «em *ro-pe-aicó*, «estou em minha casa». tes dous exemplos, vê-se que os regidos pela posposição perdem a syllaba: *tá*, de *tábá*, *ro*, de *óca*. bem serve de dativo de pessoa: *cóiac nde ruba-pe*, «leva isto a teu Tambem significa «com»: *xe-pó-pe*, minha mão». Póe ajuntar-se a ad de logar: *ki-pe*, «d'aqui».

Bo, sem accento agudo, expri modo de estar: *o-pucu-bo*, «ao prido»; *o-pó-bo*, de gatinhas». Ta

significa «por», em ablativo, com movimento: *caá-bo*, «pelo matto»; *nhũ-mbo*, «pelo campo». Com accento agudo, *bó*, serve para exprimir continente, effeito: *tuci-bó*, «enfermo», isto é, «o que contém doença»; *roi-bó*, «resfriado», isto é, «effeito do frio».

Çupé rege dativo de pessoa, ou de cousa, a que vem damno, ou proveito: *eraçó nde rúba çupé*, «leva a teu pae». Tambem rege ablativo, significando «com»: *a-nhcéng nde rúba çupé*, «fallei com teu pae». O padre MONTOYA escreveu *vpé*.

Ári, *aribo*, «em cima, sobre»: *xe-ari*, «sobre mim»; *oc-áribo*, «em cima da casa»; *o-io-ári*, «uns sobre os outros»; *i-aromo*, «por cima, ou pela superficie». *Apyri*, ou *ibiri*, exprime a posição de pessoas ou de cousas, juntas ou emparelhadas; *xe-ibiri*, ou *xe-apyri*, «junto de mim» ou «á minha ilharga», *xe-ibiri-xoára*, «o que costuma estar a meu lado»: *io-ibi-xe-pó*, dizem da posição das duas mãos para rezar: *io-ibiri-xoára*, «gemeos».

Tobákè significa «perante ou em presença»: muda o *t* em *r*, sempre que ficar-lhe atraz o nome relatado, ou o pronome pessoal, como tal ou como possessivo: *xe-robákè*, «perante mim» ou «em minha presença». Tem *ç* como relativo, e *g* como reciproco: *çobákè ai gmiãma*, «estou em pé perante elle»: *gu-obákè o-gue-recó*, «tem-n'o junto a si», ou «tem-n'o comsigo».

Tenondé significa «adeante»; e tambem muda o *t* em *r*, e tem *ç* como relativo e *g* como reciproco, pelo mesmo motivo da posposição anterior; *xe-tenondé*, «adiante de mim»; *çe-nondé*, «adiante delle»; *gue-nondé*, «dianteiro». *Tenondé* é empregada muitas vezes como preposição, fazendo assim excepção á regra geral: *tenondé-xoára*, ou *tenondé-guára*, «o dianteiro»; *tenondé-xoára-xé*, «eu sou o dianteiro». *Ianandé* é o mesmo que *tenondé*.

Irunamo, *irumo*, significam «com»: *xe-irunamo*, ou *xe-irumo*, «commigo»: *Pedro dereraçó oirunamo*, «Pedro te leva comsigo».

Gui, *agui*, *çui*, são as mesmas posposições pronunciadas de modo diverso; aquellas, segundo o padre MONTOYA, esta segundo o padre LUIZ FIGUEIRA. Regem o ablativo, significando «de», «fóra», «sem»: *xeroga-çui-aiú*, «venho de minha casa»; *i-gui caguy-ramo-aiapó*, «de agua faço vinho»: *xeroga-çui aicó*, «ando fóra de minha casa»: *iriapira-çui*, «rio sem fim». Tambem rege accusativo, significando «por causa»: *Tupã rauçu-çui*, «por causa do amor de Deus». Serve tambem para comparação, exprimindo a superioridade de alguem, ou de alguma cousa: *aiquaá ndecegui*, «comprehendo melhor do que tu». Tambem se ajunta a adverbios: *apoé-çui*, «de longe»; *ké-çui*, «d'aqui».

Pabẽ significa «todos», no plural; e póde ser preposição: *pabẽ-oroçó*, «todos vamos»; *toçó-pabẽ*, «venham todos». Tambem exprime companhia com outro: *t-iaçó xe-pabẽ*, «vamos, tu commigo».

Recé, *rí*, *arí*, são a mesma cousa; e regem accusativo e ablativo: significam, no primeiro caso, «por, por causa de, contra, defronte», e no segundo caso, «com, em companhia de, por (a favor de), em, de»: *nderecé-i-apó*, «por ti o faço»: *Tupã-recé*, «por causa, ou por amor de Deus»; *o-puã-xe-ri*, «levantou-se contra mim»: *xe-roga-rí*, «defronte de minha casa»; *teiké-ume-i-ecé*, «não entres com elle»; *ecoá-ume aiba-rece*, «não vaes em má companhia»; *amongetá Tupã xe-ie-cotiaçá-eỹme*, ou, mais frisantemente, *amongetá Tupã xe-rupîara*, «rogo a Deus por meus inimigos»; *emoĩ nde-ie-robiaçába-Tupã-recé*, «põe tua confiança em Deus»; *enhemoçarai-ume-xe-recé*, «não zombes de mim». Tambem exprime «mutuo»; *o-io-ecé o-io-auçub*, «amam-se reciprocamente». Tambem exprime «proveito»: *xe-recé-mbaé-an-õ-te-rerecó*, «guarda alguma cousa para mim», traduzido da ultima palavra para traz. Tambem exprime vontade: *nda-xe recé-catú guióbo*, «não tenho vontade de ir». Tambem exprime «em frente»: *xe-recé-î*, «em frente de mim». Exprime, outrosim, «pertencer»: *xe-recé-guára*, «o que me pertence». Tanto *recé*, como *rí*, *arí*, são usados á vontade; e assim se declinam: *xe-recé*, *nde-recé*, *i-ecé*, *ore-recé*, *iande-recé*, *pẽ-decé*, *i-ecé*; *xe-ri*, *nde-ri*,

i-ecé: guecé, reciproco. Em um dos exemplos acima, em vez de *amongetá Tupã*, usam *a-Tupã-mongetá*, pela figura *tmesis*.

Pupé, ou *pipé*, como o escreveu o padre MONTOYA, é posposição de ablativo, significando «com» e «em»; mas, no primeiro caso, suppõe-se instrumento: *ainupã xe-raira ibirá pupé*, «sovei com vara meu filho»; *xe-róca-pupé*, «em minha casa».

Çupi, rupi, são a mesma cousa: a primeira é empregada como *preposição;* a segunda como *posposição;* significando «segundo ou conforme», e «por causa», regendo accusativo; significam «por», «com», «em», regendo ablativo». Assim: *çupi-catú*, «conforme a verdade»; *nde-reráqua rupi*, «por causa de tua fama»; *nhum-rupi oguatá*, «anda pelo campo»; *Tupã rupi pecoá*, «ide-vos com Deus»: *caá-rupi guara*, «o que está no monte». Este *rupi* não se ajunta sómente a nomes: tambem compõe adverbios: *iárì-rupi*, «por cima»: *i-guira-rupi*, «por baixo»; *coi-rupi*, «por aqui pertinho». E com nomes fórma adverbios: *pó-rupi*, «á mão»; *pucú-rupi*, «ao largo».

Pocé serve para exprimir o acostamento de duas ou mais pessoas, especialmente na mesma cama ou rede: *xe-pocé-okérì*, «dorme commigo»; *oro-io-pocé-bo*, «nós encostados, uns aos outros». O padre MONTOYA escreveu *pohé*, ou *mbohé*.

Eymebé, ou *eymbobé* ou *ymbobé*, significa «antes»: *xe-eymebé*, «antes de mim»; *eborcoi eymbobé*, «antes disso».

Piri rege sómente dativo, accusativo e ablativo de pessoa; jámais de logar; e, nesses casos, significa «á», «para», «com»: *açó-xeruba-piri*, «vou a meu pae»; *amaná i-pìri*, «morro para elle»; *aiké-nde-pìri*, «entro comtigo».

Rìré, é, ré, significam «depois»: *xe-mané-riré*, «depois que eu morra»; *xe-çó-ré*, «depois que eu vá»; *xe-riré*, «depois de mim». *Riré*, quando ligada a adverbio, lhe é anteposta, *riré-amõ*, «dessa maneira», ou «em conclusão»; *riré-é*, «depois que»; *riré-eté*, «depois que de todos»; *riré-be*, ou *rire-mé*, ou *remé*, «todo que».

Be, sem accento agudo, unido a pronome, significa «para»: *xe-be*, «para mim»; *iandé-be*, «para nós», incluida a pessoa com quem se falla; *oré-be*, «para nós outros», excluindo aquella pessoa.

Bé, regendo ablativo significa «desde»: *i-puçajé-bé*, «desde a meia noite»; *cocé-bé*, «desde hontem»; *ang-bé*, «desde agora»; *xe-rendá-pe-bé*, «desde o logar em que estou assentado»; *xe-ambá-pe-bé*, «desde o logar em que estou em pé»; *igá-ropitá-bé*, «desde a pôpa da canôa». Tambem significa «juntamente», posposta a *rupi*, a *recé*, a *ndi*, formando a phrase «juntamente com»: *xe-rupi-bé*, «juntamente commigo»; *teon-guer'o-anga-recé-bé-bú-em*, «não permanece a alma no cadaver»; *i-ndi-bé aiké-uman-aéreme*, «já então eu tinha entrado juntamente com elle». Tambem serve para exprimir totalidade: *mbo-çapi-bé*, «todos tres»; *xe-po-bé*, «minha mão inteira»; *oré-be-bé*, «para todos nós outros», inclusivè a pessoa com quem se falla. Com *ramo*, ou com gerundio, significa «depois que», «logo que», «emquanto»: *xe-çó-ramo-bé*, «emquanto eu vou», ou «logo que eu vá», ou «depois de minha ida». Precedido de *çuí*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, ou de *guí*, segundo o padre MONTOYA, este *çuí*, ou *gui*, o rege: *xe-piã-çuí-bé* ou *xe-piã-gui-bé*, «de todo meu coração», ou não «todo de meu coração». Costumam empregal-o tambem como adverbio, como adiante direi.

Ndi, ndibé, ou *andi, andibé* significam «juntamente»: *abaré-ndi-açó*, «vou com padre»: *o-u-çoó-pirá-ndibé*, «elle come carne juntamente com peixe».

Ramo rege ablativo, significando «em»: *xe-r-óca-ramo*, «em minha casa». Com o accrescimo de *é*, significa «depois»: *xe-manõ-ramo-é*, ou *xe-manõ-ramo-é*, «depois que eu morra». Com o accrescimo de *i*, significa «a ponto», isto «proximo a»: *i-quaa-canhy-ramo-i*, «a ponto de perder o juizo». Tambem significa, «por causa», «para», «por»: *oqui-ramo-i*, «por causa da chuva»; *u-ramo-açó*, «para comer vou»; *Tupã-xerúbamo-arecó*, «tenho a Deus por pae». Conforme se vê neste ultimo exemplo, *ram* perdeu o r, por ter de ser unido a um

palavra acabada em consoante: retém, porém, o *r*, sempre que a palavra acaba em vogal. Tambem serve para exprimir «modo»: *nhenengáramo*, «modo de fallar».

Rángẽ serve para exprimir pressa em competencia: *xe-rangẽ*, «eu primeiro». E' tambem usado *tangẽ*.

Takicuéri, significa «depois»: *xe-rakicuéri*, «depois de mim». Adverbialmente, significa, «por detrás»: *xe-roca-takicuéri*, «por detrás de minha casa».

A posposição *ĩ*, com til, exprime diminutivo: *porang*, «formoso», *porang-ĩ*, «bonitinho».

A posposição *í*, com accento agudo, exprime perseverança, pontualidade, resolução, identidade: *ajerure-í*, «peço e insto»; *ieijé aço-í*, «vou hoje mesmo»; *ajur-í*, «venho sem falta»; *xe-ró-pe-í*, «em minha mesma casa».

A posposição *î*, com accento circumflexo, significa «em». No nome, que acaba em vogal aguda, faz accrescimo: *cuá*, *cuá-î*, «na cintura». No nome que acaba em vogal breve, substitue a esta: *aỹura* ou *ajura*, *ajur-î*, «no pescoço»; *apitéra*, *apiter-î*, «no meio ou no centro»; *apira*, *apir-î*, «na ponta». No nome, que acaba mesmo em *î*, assim fica: *aceî*, «ás costas». Em alguns casos, é seguida da posposição *pe*: *cuá-î-pe*, *aceî-pe*. O *î*, com accento circumflexo, serve para fechar a negação *nda* e *na*; mas, se o nome já é acabado em *î*, assim fica. Concorrendo a posposição com *í* agudo, póde ser eliminado, se convier á composição, ou podem subsistir os *í-î*, nessa mesma ordem, ou *î-í*, na ordem inversa, comtanto que guardem os respectivos accentos.

Acerca do *i*, como simples dicção, com til ou sem elle, já foram expostas as regras de seu uso na composição.

Mas, o *í*, com accento agudo no fim do verbo, além de exprimir perseverança, como já foi dito, exprime tambem resolução, ou pontualidade, ou totalidade para a acção do verbo, como *a-júr-í*, «elle vem decididamente ou sem falta», *o-iké-í*, «elle entra todo»; de sorte que este *í* torna-se parte do mesmo verbo, e o acompanha na conjugação em todos os tempos, como *o-júr-i-ne*, «elle virá decididamente ou sem falta», *o-iké-i-ne*, «elle entrará todo», posposta sempre ao *í* a particula final caracteristica do tempo do verbo. Tambem o *í*, com accento agudo, posposto ao nome, ao pronome, á posposição, aos adverbios, serve para exprimir a *mesma* pessoa, a *mesma* cousa, o *mesmo* logar: *xe-ae-í*, «eu mesmo»; *i-xama-í*, «sua mesma corda»; *xe-reçé-recé-í*, «diante de meus mesmos olhos»; *coecé-í*, «mesmo hontem, ou hontem mesmo».

Os adverbios são innumeros; e, como já foi dito, podem ser antepostos ou pospostos ao nome, ou ao verbo, a que servem: *icó-Jesus* ou *Jesus-icó*, «eis Jesus»; *curiteî-o-úr*, ou *o-úr-cureteî*, «elle vem depressa».

Os principaes adverbios interrogativos de tempo são: *arimbaé-pe*, «quando?», e *mbaéreme-pe*, «então?». O padre LUIZ FIGUEIRA os escreveu: *erimbáépé-e*, *ebáéremepé*; e o padre MONTOYA os escreveu: *arimbué* e *haéramo*, que, com *pe*, tornam-se interrogativos. Certamente foi erro typographico na grammatica do padre LUIZ FIGUEIRA a particula interrogativa *pé*, agudo, devendo ser *pe*, breve.

Os principaes adverbios interrogativos de logar são compostos de *ú?*, particula interrogativa, de *mamo*, adverbio de logar, e *e*, particula interrogativa, ou simplesmente de *mamo* e *pe*. Assim *úmàmo-pe*, ou só *úmà-pe*, *mamo-pe*, «aonde», «para onde?» Com posposições, são formados os seguintes: *mamoçui-pe*, ou *úma-çuí-pe*, «donde?»; *mamo-rupi-pe*, ou *úma-rupí-pe*, «por onde»; *mamo-é-pe* ou *úma-é-pe*, «em outro logar?» Ha tambem *marã-ngoti-pe*, «para onde?» Se o nome acaba em vogal com til, é preferivel usar a particula interrogativa *panga*: *nhũ-pangu*, «para o campo?» Mas, usa-se mesmo da particula interrogativa *pe*: *marã-pe*, «o que?»; não devendo ser confundida com a posposição *pe*, porque esta, quando o nome acaba em vogal com til, deve ser mudada em *me*. *Marà*, por si só, é interrogativa: «que?» Assim tambem o é por si só, *mbaé*: «que?»: *mbaé-abá*, «que homem?» Assim tambem o é por si só, *má*: «que?» «como?», «qual?»: e o precedem algumas vezes de

u, que significa «pois»: *uma*, «pois como?». E assim outros.

Agora, alguns adverbios de tempo: *oí*, segundo o padre MONTOYA, ou *coí*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «hoje, agora»; *coêramo*, segundo o padre MONTOYA, ou *coême*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «pela manhã, ao amanhecer»; *ieí*, «já hoje»; *ieijé*, «hoje mesmo»; *ieibé*, «hoje bem cedo»; *aribo*, «de dia»; *arébo*, «cada dia, durante o dia»; *açajê*, «meio dia»: *caaruramo*, segundo o padre MONTOYA, *carucume*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «á tarde»; *cori*, *corijé*, *corijé-cori*, segundo o padre LUIZ FIGUEI A, *curí*, *curié*, *curié-rié*, segundo o padre MONTOYA, «hoje mesmo, porém depois, logo»; *pytunume*, «de noite»; *pyçajé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *pyhagê*, segundo o padre MONTOYA, «meia noite, alta noite»; *pycarebo*, «cada noite, toda a noite»; *acibé*, «logo depois»; *çuéibi*, «logo então»; *naneme*, «a estas horas»; *coecé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *cochê*, segundo o padre MONTOYA, «hontem»; *coecé-coecé*, «ante-hontem»; *acó-coecé-coecé*, «traz ante-hontem», *coecé-nheim*, e *acoéme*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «antigamente»; *carambohé*, *arimbaé*, *imã*, segundo o padre MONTOYA, «antigamente»; *umam* segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, que é aquelle *imã* do padre MONTOYA, «já»; *oirã*, *oirandé*, «amanhã»; *aunhenhé*, *taujé taujebé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *nhenhcé*, *pojé*, *poijé*, segundo o padre MONTOYA, «logo mais tarde, ulteriormente»; *aéreme*, *aéremeé*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *haéramo*, segundo o padre MONTOYA, «então»; *iepí*, *iepi-nhé*, «sempre, cada dia»; *memé*, «sempre, todas as vezes, da mesma maneira»; *aáni*, «nunca»; *angeramanhé* ou *ang-é-rama-é*, «para sempre», ou, traduzido litteralmente, «alma que afinal se foi»; *co-ára porombucú*, «sempre perpetuamente», ou traduzido litteralmente, «durante mundo existir». E outros.

Alguns adverbios de logar: *qué*, *quié*, «aqui»; *quépe*, «algures»; *ucíù*, «lá»; *aépe*, «ahi»; *aê-aépe*, «ahi mesmo»; *aqueipe*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *acoîpe*, segundo o padre MONTOYA, «alli»; *amõ*, «longe, mais lá»; *pé*, «lá», «logar que se alcança com a vista», *pépe*, «longe, mais lá»; *cúpe*, segundo o padre MONTOYA, *cóbo*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «lá longe, em qualquer parte» (logar que não se alcança com a vista); *coỹ*, segundo o padre MONTOYA, *coĩ*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, «aqui pertinho»; *apoé*, «á parte, distante, longe»; *napoéî*, «não longe»; *bipe*, «algures»; *çajéi*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *hajê*, segundo o padre MONTOYA, «de travéz, fóra de proposito». E outros.

Ha, além desses, os adverbios denominados particulares: *pá*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, e antes delle o padre IVO D'EVREUX, *ta*, segundo o padre MONTOYA, «sim», affirmativo usado só pelo homem»; *hẽhẽ*, «sim , affirmativo usado só pela mulher; *aiê*, «sim», exprimindo assentimento; *enei*, «sim», exprimindo outorga; *eré*, «sim», usado só pela mulher que outorga; *aán*, *aãni*, «não»; *xií*, «não», exprimindo desdém; «depressa», *corí-corí-aúb* ou *corí-aú-aúb*, «muito depressa»; *coriteî*, «depressa», incitativo; *iepé*, «posto que, não obstante», *ipó*, «por ventura, na verdade»; *có*, «eis»; *na*, *nanga*, *niã*, «certamente»; *mengua*, «quiçá»; *teí* ou *eí*, «debalde», *té*, «eis que, senão quando». *Ne* é adverbio affirmativo; mas deve ser posposto immediatamente ao nome ou ao pronome, porque, sendo posposto ao verbo, é sempre particula do futuro, ou casual, significando «para que», e mudando em *te*, mais usualmente. E outros muitos.

Ha adverbios que significam phrases: *eneĩ*, dirigindo-se a uma unica pessoa, *peeneĩ*, dirigindo-se a duas ou mais pessoas, «ora sús animo!»; *eteumé*, «guarte não faças!»; *que*, «olha que, attenção!»; *teinhé*, «deixa»; *anjé*, «basta»; *nanhó*, «basta»; *nandé*, «mas antes assim»; *naçaubi*, «não sem causa»; *iâ*, *iâmurú*, «ainda bem», exprimindo satisfação pelo mal acontecido a outrem, *aeboé*, «mui a proposito»; *amé*, «assim é», exprimindo assentimento ironico; *aémo*, «comtudo isso»; *aandé*, «mas não é assim». E outros muitos, que pódem resultar da composição de particulas varias. Ha, por exemplo, uma certa phrase, for-

ada com adverbios, e muito usada em milia para reprehensão a meninos: *noteque-aẽ*, «olhae, estáe quietos». Este ẽ, escripto *ahẽ* pelo padre MONTOYA, gnifica «fulano».

—As interjeições são diversas: *ái!* exprime dôr; *má!* exprime lastima por não ter feito alguma cousa, ou não ter succedido algum facto, e é sempre posposta: *toguerúraé-má!* «ah! se o trouxera!»; *xe-raí-má!* «ah! meu filho!»; *xe-Tupã-mã!* «ah! Deus meu!»; *ki!* exprime decepção ou desgosto; *coá!* exprime commiseração; *thó!* exprime espanto; *hé!* exprime angustia; *apagué!* exprime alegria e bom humor. E outras muitas. Mas, convém notar que algumas interjeições não pódem ser usadas indistinctamente por homem e por mulher, tendo cada sexo palavras proprias para a expressão dos sentimentos.

—São tambem diversas as conjuncções: *aé*, «e»; *xe-aé-nde*, «eu e tu»; *abé*, «tambem»; no sentido copulativo é posposta: *xe-abé*, «eu tambem»; *abé*, «desta maneira», no sentido demonstrativo, é anteposta: *abé-eré*, «dize desta maneira»; *no*, «tambem», no sentido de outra vez; *cotenipó*, «ou», no sentido disjunctivo; *aeibé*, «logo, da mesma maneira»; *iâ*, *iabé*, *iabenhé*, *iacatunhé*, «do mesmo modo»; *çupibé*, *çupicatu*, «da mesma maneira»; *rameĩ*, *berameĩ*, *berameteĩ*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, *haêramo*, *aéramo*, segundo o padre MONTOYA, «por egual, semelhante», no sentido collectivo; *aymeté*, *aymetémaé*, «sendo assim como é», no sentido illativo, *rô*, *aroîrẽ*, *teipó*, *arombyg*, ou simplesmente *rombi*, segundo o padre MONTOYA, «afinal, finalmente». E outras.

—Nesta lingua, ha ainda outras regras que não devem ser esquecidas.

a) A repetição de syllabas nos nomes e nos verbos ou para maior força, em gráu superlativo, ou em gráu successivo, ou para maior graça e elegancia na phrase, ou para exprimir a acção por mais de uma vez, ou em partes diversas, é muito usada: *aixuban-xubán-guitecóbo*, «ando sempre a chupar»; *ajerurê-rurê*, «peço muitas vezes, ou peço instantemente». Se o nome ou verbo tem sómente uma ou duas syllabas, a repetição é inteira: *çu*, «altos e baixos»; *çú-çú*, «successivos altos e baixos»; *ápó*, «saltar»: *apó-apó*, «saltar mais de uma vez ou aos saltos». Os nomes e verbos acabados em diphtongo, perdem a ultima lettra, e a readquirem na repetição: *acaĩ*, «queimar-se»; *acá-acaĩ*, «queimo-me muito». Os nomes e verbos acabados em *ng*, ou sómente em *g*, ou em *c*, ou em qualquer consoante com excepção de *m* e *n*, estão sujeitos á mesma regra daquelles diphtongos: *mong*, «visgo», *momong*, «muito visgo»; *amondog*, «quebrar»; *amo-mondog*, «quebrar em varias partes»; *aiçoc*, «pilar»; *aiçó-çóc*, «pilar forte»; *açauçúb*, «amar»; *açauçú-çúb*, «amar sempre». E quando ha necessidade de accrescentar ao verbo alguma particula, se o mesmo verbo tem de ser repetido, o accrescimo será feito na repetição: *aitá*, «nadar»; *aitá-í*, «nadar com perseverança»; *aitá-aitá-í*, «nadar com muita perseverança». Tambem póde ser repetida a particula accrescentada ao verbo em vez deste: *nhã*, «correr»; *nhã-aúb*, «correr mal»; *nhã-aúb-aúb*, «correr pessimamente». E' usada tambem a repetição em adverbios.

b) Todos os verbos, quer acabem em consoante, quer em vogal, têm sempre no modo indicativo o accento agúdo na ultima syllaba. Nos mais modos e tempos, e mesmo no modo indicativo, recebendo incrementos, guardam invariavelmente o accento agúdo naquella syllaba, pronunciando-se breves e corridas as syllabas accrescidas, «de tal maneira (escreveu-o o padre LUIZ FIGUEIRA) que não se faz accento em nenhuma dellas: *jucá*, *jucábo*, *jucá-reme*». Bem entendido que nos diphtongos o accento é na primeira lettra delles.

As figuras de palavras são usadas na linguagem tupi, como o são nas demais linguas. Alguns exemplos disso são notados neste *Diccionario Geographico*. E assim tambem são usados os tropos; e, a proposito diz o padre MONTOYA: «Toda esta lengua está *llena* de figuras y metáforas, que los muy versados en ella se vem muchas veces atajados por no caer facilmente en la traslacion ó metáfora».

Occorre ponderar que mesmo as particulas ou dicções, que, no dizer de alguns dos grammaticos desta lingua, são simplesmente expletivas, ou exornativas, nada significando, e apenas servindo para compor com energia, graça, ou elegancia, palavras e phrases, exprimem, ao contrario, cada uma, determinada noção.

A lingua tupi nada precisa pedir ás outras linguas, mortas ou vivas. Concatenando syllabas, particulas ou dicções, e agglutinando palavras, o indigena brazileiro fórma nomes, verbos, adverbios, ou qualquer parte da oração, para exprimir com justesa admiravel qualquer certo e determinado pensamento, ou para assignalar individuo, animal, vegetal, ou mineral, ou para descrever logares; e a nomenclatura, especialmente, resulta da apparencia, ou do caracteristico, ou do modo de ser do individuo, objecto, ou logar nomeado, com a maior exactidão. Sómente a nomenclatura mineral não é perfeitamente caracteristica; é sempre *itá*, com algum adjectivo da côr: o ferro, *itá-ûna*, ou de simplesmente *itá-ũ*, «pedra preta»; a prata, *itá-tĩ-nga*, ou simplesmente *itá-tĩ*, «pedra branca»; *itá-júb-a* ou simplesmente *itá-jú*, «pedra amarella»; a esmeralda, *itá-obí*, «pedra verde»: e assim o mais. O padre MONTOYA, porém, dá outra nomenclatura mineral: *quarepotí*, palavra composta de *quar-i-potí*, «sujidade ou escoria do buraco»; e a essa palavra addita o adjectivo respectivo da côr. Evidentemente *quar-i-potí* é palavra creada após a descoberta da America, vendo o indigena a abertura de minas para a extracção do metal, e a apparencia deste ao sahir da mina; e, por isso, elle proprio traduziu «excremento de minas». Em seu *Tesoro de la lengua guarani*, nas palavras *quarepotí* e *tepotí*, póde ser apreciada essa nomenclatura mineral, mui diversa da usada ainda hoje pelo indigena brazilico nas provincias do norte.

Relativamente a nomes de pessoas, além da conhecida informação de HANS STADEN sobre os nomes dados aos recemnascidos, ha um trecho da obra do padre IVO D'EVREUX,—*Suite les choses mémorables advenues au Maragnon ès années* 1613 et 1614, I, capitulo L, obra esta traduzida pelo dr. CESAR AUGUSTO MARQUES, e impressa na cidade de São Luiz do Maranhão, em 1874, na qual, alludindo á difficuldade que os indigenas sentiam em conhecer os francezes por seus nomes, escrevêra elle: «Convem notar que se não escolherdes um nome pelo qual sereis conhecido em toda a parte, elles (os indigenas) vos darão um, escolhido entre as cousas naturaes, existentes no seu paiz, e o mais apropriado á sua physionomia, genio, ou maneira de viver, que por ventura descobrirem em vossa pessoa... e ordinariamente o fazem *reunidos em assembléa* e mais ou menos assim: «Que nome se lhe ha de dar? Não sei, é preciso considerar». Expõe cada um a sua opinião, indicando o nome que lhe parece mais apropriado: o nome acceito pela assembléa, é imposto, com assentimento do denominado, se é pessoa qualificada, ou, queira ou não queira, se é pessoa do povo». Um francez de apparencia entumecida, ficou nomeado *curuú*, conhecido sapo grande; outro, por fallar incessantemente, ficou *piririkiti*, isto é, piriquito.

Esse costume do indigena no Maranhão era o costume geral do indigena no Brazil inteiro. Por exemplo, o frade franciscano ficou distinguido dos outros missionarios pelo appellido de *tucúra*, isto é, *abaré-tucúra*, «padre gafanhoto», em allusão ao capucho ponteagudo, que ás costas lhe cae sobre o habito, dando-lhe apparencia daquelle orthoptéro.

Das aves, umas receberam do som de seu canto ou de seu grito o nome: por exemplo, *anum*, *aracuan*, *arapaca*, *arara*, *areré*, *colianguú*, *tié*, *piririquiti*, etc. Outras, o receberam de sua conformação physica, ou do caracteristico de algum de seus membros ou orgams: por exemplo, *gainambi*, *urubú*, *japú*, *çabiag*, etc., o primeiro conhecido por «beija-flôr», *guâi-n-ambiî*, significando «costado pintadinho»; o segundo, *jurúb-ú*, «boca negra»; o terceiro, *j-apyî*, «bico curvo»; isto é, «conirostro»; o quarto, conhecido por «sabiá», *çabiág*, «fedorento», sem embargo de seu bellissimo canto. Outras o receberam de seu modo de viver, ou

e seus costumes: por exemplo, *jabirú*, conhecido por *jaburú*, «o que se põe alto», alludindo, quer ás suas pernas altas, quer ao seu pouso em arvores altissimas; *apéaçóce*, corrompido em *aguaeaçóca*, allusivo a criarem-se sobre os guapés, *açóce*, «sobre», tambem conhecida só por *piassóca*, «pé quebrado», em allusão a parecer ter quebrada uma das pernas, quando fóra do rio ou lago, firmando-se só sobre a outra; *taiúiú*, «lodoso» allusivo a viver em brejos e paúes, etc.

Dos quadrupedes, poucos receberam do som de seu grito ou assovio, o nome: por exemplo: *aig*, conhecido pelo nome de «preguiça». Muitos receberam de sua conformação physica, ou do caracteristico de algum dos seus membros ou orgams: por exemplo, *çuçu-apára*, «veado de cornos torcidos», denominado galheiro; *timãndú-'á*, conhecido por «tamanduá», em allusão a ter curtas as pernas e viradas sobre as plantas as unhas dos pés, isto é, *tymã*, «pernas», *tú-a*, infinitivo de *atú*, «encurtar, ser curto», mudado o *t* em *nd*, por ser nasal o som da palavra anterior, *á*, «torcer», sendo que, segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. bras.*, o nome de *tamanduá* procede de *taixi*, «formiga», *mundé*, «armadilha», só por que este animal alimenta-se de formigas, mas, em um verdadeiro *mundéo* caiu elle acreditando nisso; *tái-titú*, conhecido por *caitetú*, de *tái* «dente», *titi*, «tremor», «tremor de dentes», tambem conhecido por «queixada», porque o tremor parece ser dos queixos, quando furiosos; *quati*, significando «focinho molle», etc. Outros o receberam do seu modo de viver, ou de seus costumes: por exemplo, *ira-uára*, conhecido por *irára*, significando «papa mel», *ira*, «mel», *uára*, «comedor»; *capii-uára*, conhecido por *capirara*, significando «comedor de herva miuda ou capim», *gu-aribo*, conhecido por *guariba*, significando «no alto», em allusão a viver nos galhos mais elevados das altissimas arvores; *cutía*, do verbo *acuti*, «espreitar», em allusão a ser muito vigilante; *páca*, do verbo *apáge*, «despertar», em allusão a sentir e ouvir o minimo ruido, etc.

Dos insectos, o indigena se preoccupou mais do mal que causam ao homem e ás cousas: *kijú*, conhecido por «grillo», é allusão ao crivo que esse insecto sóe fazer em pannos de lã e algodão: o padre IVO D'EVREUX escreveu *cujú*, e o padre MONTOYA, com referencia ao verbo, «crivar», escreveu *cuçu; quymbú*, conhecido por «gorgulho», allusivo ao pico e furo que este insecto faz nos grãos de cereaes.

Quanto aos peixes, é ainda o mesmo systema de denominações: *pirá-canjúba*, «peixe de cabeça amarella»; *pirá-jú*, «peixe amarello», conhecido por «dourado»; *pirá-bébé*, «peixe voador; *j-amãndu*, corrompido em *jamanta*, «circular», allusivo a ser redonda a «arráia», tambem conhecida por *jabobira*, ou, como o escreveu o padre MONTOYA, *jabebi*, isto é, *jab-ibi*, «barriga rachada», em allusão a ter a bocca na barriga; *pirápuã*, conhecido por baleia, allusivo a jorrar agua mui alto, em grandes espadanas, de *pu*, «rebentar», *ã*, para exprimir energia na acção, sendo verdadeiro dislate a traducção em «peixe redondo» ou peixe-ilha», porque só *apuá*, e não *puã*, significa «redondo».

Quanto aos vegetaes, é ainda o mesmo systema de denominações: *caá-pii*, conhecido por *capim*, «herva miudinha»; *iuá-caá-ti*, pronunciado *auá-caá-xi*, e conhecido por «abacaxi», «fructa folha ponteaguda»; *t-ajú*, conhecido por «cajú», «pescoçudo», em allusão á forma de sua castanha, pendente da fructa; *m-axáir-ã-nd-ib-a*, conhecida por *massanraduba*, «arvore que faz fartar muito» (de *paxáir*, «estar farto», mudado o *p* em *mo*, particula activa, *ã*, para exprimir energia na acção, *nd*, particula nasal, *ib*, «arvore», com *a* (breve) para complemento dessa palavra acabada em consoante), em allusão, não tanto aos fructos, mas sobretudo ao appetitoso leite que verte do tronco, quando ferido por algum córte, e que é chupado na mesma arvore até satisfazer o transeunte,—leite tão forte que serve para colla, como substituto da guttapercha; etc.

Quanto á nomenclatura dos logares, o indigena era de perfeição tal, que não

se limitava a assignalar no nome os principaes caracteristicos do logar nomeado:—o indigena, tendo de denominar uma serra, um ribeirão, uma lagôa, em uma mesma região,—não raras vezes procurava palavras que formassem nomes com som identico ou quasi identico, significando a serra, o ribeirão e a lagôa; —isto é, usava dar denominações com som identico ou quasi identico a logares varios na mesma região, mas significando diversamente: fino jogo de espirito que attesta nelle a especial tendencia para a arte, ou antes, para a sciencia da nomenclatura. Infelizmente, os explicadores das denominações, não comprehendendo o genio da lingua e fundados, menos em estudo que tivessem feito do que na reputação de sabios, que adquiriram, e a que alguns, aliás, tinham incontestavel direito,—deixaram attribuir aos indigenas dislates de toda a especie, como se fossem povos destituidos das operações da mente. Para taes explicadores, a lettra *i* ou *y* no fim da palavra era «rio, agua», *tuba*, «abundancia, muito»; e, sempre que deparavam com a palavra *itá*, significaria necessariamente «pedra». Os pobres indigenas, em summa, pelas explicações de MARTIUS e de outros sabios que por aqui andaram, nunca passaram de uns parvos no modo de nomear os logares. Veremos, neste *Diccionario*, a grande superioridade do indigena (*).

(*) Encontramos, nos originaes, as seguintes notas avulsas:

—*Guaraci*, «mãe do dia» ou «origem da luz». *Gu*, reciproco. Origem da luz e esta, por sua vez, origem de tudo. *Guaraciábo*, «originando a luz», isto é, «amanhecendo», isto é, «aurora». *Guaraciába*, «ao abrir o sol».

—*Abá-po-mong*, «homem pegajoso», isto é, sujeito que acompanha a outrem, dizendo-se seu amigo e não mais o deixando.

—*Jurú-xaxá*, «boca rota»; por isso assim denominam o «charlatão».

—*Çucuripi*, «morde e devora depois de apertar», (segundo outros, *çucuriuba*): de *çuá*, «morder»; *cu*, «tragar, devorar»; *ri*, o mesmo que *recé*; e *pi*, «apertar» (?). *Boipeba*, «cobra chata». *Boiroçanga*, «cobra muito fria». *Boicininga*, «cobra que retine», para significar a cascavel de guizos.

—«Onça ou Jaguar». Acerca deste animal, os indigenas o nomeavam, para distinguir suas especies, quer como assaltante, de cima ou de logar superior, *oó-océ*, de que a palavra «onça» é corrupção, de *oó*, terceira pessoa do indicativo de *aó*, «brigar, assaltar», *océ*, posposição para exprimir «de cima»,—quer como agarrador para devorar, *Yagúara*, de *Yá*, «colher, agarrar», *gúara*, participio de *ú*, «comer, devorar». Tambem o participio do verbo *aó* é *Yagúara*, soando o mesmo que *Yá-gúara*. A denominação «onça» é tambem tupi; entretanto, alguns lexicographos portuguezes, vendo-se em difficuldades para explicar a origem da palavra, perderam-se em conjecturas. CONSTANCIO considera «onça» como corrupção de «lynce»; CALDAS AULÊTE, não aceitando essa origem, considera a palavra «onça» como de formação italiana—*Lonza!*

A *Yá-guara* ou *Yagúara*, de especie legitima, é nomeada *Yáguára* ou *Yagúara-eté*, corrompida em *jaguariley*.

O padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, escreveu *iaguara*; mas, o padre MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, referindo-se á palavra *lagúa*, «cão», incluiu ahi diversos animaes, entre os quaes a onça, o tigre, o lobo, o sorilho, e outros! Sobre todos, o cachorro, não sendo do Brazil, nem da America, não podia ser *yguara*; era apenas *yáu-yáu*, por causa do seu latido. Todavia, como carniceiro, ou simplesmente como mordedor, entra no genero *Yá-gúara*: de *yá*, «agarrar, colher, pegar», *gúara*, participio de qualquer dos verbos irregulares, *ú*, «comer, devorar» e *çuá*, «morder». Para melhor assignalar o instrumento com que agarra, alguns costumam accrescentar ao *Yá* a palavra *aí*, «dente»: *Yá-aí-gúara*, por contracção *-Yaí-gúara*.

Não deve ser applicada esta denominação geral ao bôto (os indigenas dizem *buto*, e creio que é tambem tupi este nome, derivado do verbo *i-bú*, «sahir d'agua ou á tona d'agua»), conhecido na região amazonica por *uyára* ou *Yuára*, participio daquelle mesmo verbo *i-bú*, que é irregular: allusivo a mergulhar e sahir depois á tona d'agua. Alguns escrevem *yára*; ou, como GONÇALVES DIAS, em seu *Vocabulario da lingua geral*, na região amazonica, *iauára*. Na crença dos indigenas, o *Yuára* ou *uyára* é uma especie de *encantador*, chegando mesmo a sahir das aguas sob as fórmas de mancebo gentil para seduzir donzellas; e, nas aguas, arrasta ao fundo a pessoa encantada. Mesmo, algumas vezes, toma as fórmas de mulher bella para seduzir mancebos e arrastal-os ao fundo d'agua.

Da onça ha duas especies principaes: a *oó-océ*, nome corrompido pelos portuguezes em «onça», ou *y-océ-oó*, corrompido pelos francezes em «océlot»; e a *guá-çoó-rã*, corrompido em *guaçu-arã*, como o escreveu o padre MONTOYA, ou em *xuassú-rana*, como o têm escripto outros, *rã* ou *rana*, «não verdadeiro, semelhante», fazendo injustificavel referencia a «parecer *veado* e não sel-o», só porque *guaçu* ou *xuassú*, segundo elles escrevem, é a denominação generica deste animal. A palavra *rã*, no sentido de *rana*, nada tem aqui que fazer. O nome *guá-çoó-rã* é apócope de *guá-çoó-rama* ou *guá-çoó-rangúe*, figura muito usada em tupi, exprimindo *habito natural* de «comer carne», ou a *qualidade* de «carniceiro»; de *guá-rama*, futuro do verbo *ú*, «comer», ou *guá-rangúe*, preterito e futuro mixto do mesmo verbo, interpolada a palavra *çoó*, «carne», para exprimir a intima relação do verbo com o caso, formando uma só palavra. Nem póde haver referencia alguma á côr do pello do veado ou á semelhança com este: *çú-a-çú* é formado de *çu-çu*, «altos e baixos, saliencias», com a intercalação de *á*, «cabeça». O veado galheiro é *çú-á-çú-ápára*: sendo que *apára* é participio de *á*, «torcer, ser torto», com referencia aos cornos.

Tanto a *oó-océ*, como a *guá-çoó-rã*, tem varias especies, que se distinguem pela côr: *pytá*, «vermelha», *pytatin*, «parda violacea», *pinî-ma*, «manchada», *pihúú-na*, pronunciado *pixuna* por causa do *h* aspirado, «preta», *tanã*, «amarella» e diversas outras côres produzidas em gerações hybridas.

Além destas especies, ha a *mbaracaiá*, ou *mbaracajá*, tambem conhecida por *Yayaguára-tiriri*, corrompido em *jaguatirica*, «a que se arrasta para assaltar»: de *Yagúara*, participio de *Yá*, «assaltar, pegar, agarrar», precedido de *y*, relativo, para reger *tiriri*, «arrastar». Allusivo ao movimento que faz antes de assaltar; ao passo que as outras especies erguem-se sobre as patas trazeiras e ficam em frente da victima. A *mbaracaiá* fornece tres sub-especies, além das hybridas.

DICCIONARIO GEOGRAPHICO

DA

PROVINCIA DE S. PAULO

A

Aboboral.—Morro elevado, no municipio de Xiririca, á margem direita do rio *Ribeira de Iguape*, na distancia de 25 kilometros, mais ou menos.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Aboboral, corruptéla de *Abóg-bóra-áb*, «gretado naturalmente». De *abóg*, apócope de *abóbóg*, «gretar-se», *bóra*, particula de participio para exprimir ou significar a peculiaridade, *áb*, particula que, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, nada exprimindo por si só, significa entretanto a acção natural ou artificial de abrir, conforme fôr posposta ou anteposta. Se fôr posposta, como neste nome, o verbo torna-se neutro; e, assim posposta, «se accommoda ás cousas que naturalmente abrem, como á flôr, á manhã, ao ovo, á ostra, etc.». Se fôr anteposta, o verbo torna-se activo; e, assim anteposta, só se emprega «para significar o abrir das cousas, a que não é natural, como fender o páo, abrir a terra ou a vasilha, ou gretar a carne do animal ou couro com algum inchaço, etc.».

Este é um nome bem construido; porque, além do emprego exacto e correcto da particula *áb*, para exprimir a acção natural de abrir, com referencia ao verbo *abobóg*, este soffreu a apócope para formar o participio com *bóra*, a fim de exprimir peculiaridade, muita continuação do *facto, costume, segundo* a lição do já citado padre LUIZ FIGUEIRA, evitando de tal modo a repetição, mais uma vez, da syllaba *bó*. Esta apócope é muito usada na lingua tupi, quando o verbo é composto de duas syllabas eguaes, e o verbal, com que tem de fazer participio, começa por syllaba egual áquellas; e exemplo é o participio passivo do verbo *pipi*, «apitar», que é *pipira*, isto é, *pi*, apócope de *pipi*, e *pira*, particula de participio passivo, se bem que o padre LUIZ FIGUEIRA, em vez da apócope, diz que essa fórma de participio é feita pelo accrescimo só de *yra*.

Os indigenas usavam dar denominações com som identico a logares varios na mesma região, mas significando diversamente: fino jogo de espirito que attesta nelles a sciencia da nomenclatura.

O nome do morro é allusivo a ser cavernoso, além de fendas nas encostas, por effeito de revolução interior.

O nome do ribeirão é allusivo a gretas no leito, pela natureza do terreno, sobre que corre:—schistos argillosos, envolvidos em grandes massas de granito. As aguas passam por baixo de rochedos, formando cavidades, mais ou menos extensas.

O ribeirão não é navegavel; e, á foz, tem a largura de dez metros, mais ou menos. Nasce naquelle morro.

A altitude do morro é, mais ou menos, oitocentos metros, ácima do nivel do mar.

Acá.—Logar no municipio de Batataes.

Acá, corruptela de *I-áqûá*, «ponta de rio». De *i* «agua, rio», *áqûá*, «esquina, ponta». O *i* tem o som de *a* fechado.

Allusivo a formarem nesse logar, o corrego que tambem traz, e o ribeirão *Coqueiros*, um angulo agudo.

Acambury.—Affluente do rio Tieté, pela margem direita: no municipio de Araraquara.

Acambury, corruptéla de *Icamambúri*, «successivamente bolhoso». De *i*, «agua», com a pronuncia de *a* fechado, *camambú*, «bolha, empola», *ri*, «successivamente».

Allusivo a formarem bolhas as aguas, em todo o seu curso.

Acangueruçú.—Corredeira no rio Tieté: a primeira, logo abaixo de Porto-Feliz.

Acangueruçú não é *Acang-uêra-uçú*, «caveira grande». E', sim, contracção de *Aqua-ã-nguêra-uçú* ou *Áqu'-ã-nguêr'-uçú*, «muito empinado e veloz», pondo de parte *uçú*, que ahi está sómente para distinguil-a da corredeira menor, conhecida por *Acan-guê-mirim*, mais abaixo. De *áquá*, «correr», que, por se tornar nasal, significa «correr veloz», *ã*, «empinar», *nguêra*, fórma nasal de *cuêra*, que, neste caso, não é particula de preterito, mas de presente, exprimindo superlativo.

O som de *áquá*, é quasi *acú*; e o de *nguêra* é tambem tornando imperceptivel o *n*: e, por isso, os que dizem *Cangueiro* fazem uma corruptéla mais approximada da verdade.

Acarahy.—Nome de ribeirões no municipio de S. Vicente, e em outros.

Segundo o systema de MARTIUS, (*Glossario Lingua Brasilica*, e de outros, *Acarahy* seria «rio em que abunda o *acará*». O peixe *acará* é do genero *acanthurus*; e o maior é o denominado «Bandeira», cujo comprimento attinge a palmo e meio. O *acará* vive em agua pouco corrente; e algumas especies procura o lodo.

Tambem o *acará* da traducção do nome *Acarahy* póde ser não o peixe mas uma ave: *àcará*, ou, precedido do *gu* por euphonia, *guàcará*, conhecida ave branca. Estas aves habitam as margens dos rios.

Acarahy, corruptéla de *Aqúâ-ára-i*, «perseverantemente corrente». De *aqúá*, «correr», levado ao participio pela particula *ára*, significando «corredor», *i*, posposição para exprimir perseverança no facto. Por contracção, *Aqúâ-'ra-i*.

Allusivo a serem muito correntes, em todos os tempos, esses ribeirões.

Acarahú.—Ribeirão, no municipio de Ubatuba: desagua no Oceano. Corrego que recebe as aguas nas fraldas do morro *Juréa*, e deságua na lagôa *Sumirim*: no municipio de Iguape. Alguns o dizem *Guarahú*.

Acarahú, corruptéla de *Áquâ-ára-aú*, por contracção *Áqu'-ár'-aú*, «pouco corrente». De *áquá*, «correr», levado ao participio com a particula *ára*, significando «corredor, corrente», *aú*, dicção para significar defeito, ou má vontade na acção, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a não terem declive sufficiente para o escoamento das aguas; sendo por isso pouco correntes.

Acú.—Nome da passagem da freguezia da Sé para a de Santa Ephigenia, na cidade de S. Paulo. A ponte ahi construida traz ainda o nome *Ponte do Acú*; sobre o ribeiro *Anhangabaú*.

O nome exacto é *Acuã*: de *a*, prefixo, para significar «cousa corporea, elevação, inchação», e *cuã*, «enxuto». Allusivo a que existia nesse logar um enxuto ou tenso sobre o qual era o transito. Este tenso era o *Acuã*. (Vide o nome *Anhangabaú*).

Acú, como é hoje pronunciado, significa «quente ou de muito calor»; é, portanto, sem applicação no logar. O padre MONTOYA, no *Vocabulario*, refere-se á palavra *acú*, como derivada de *a*, particula de composição, e *cú*, «farinha»; mas, outra é a derivação da palavra *acú*, como se póde ver no *Tesoro*, tanto

assim que elle, no proprio *Bocabulario*, mais adiante, accentuando com *î*, diz: *yacuî xe-r-oga*, «está enxuta minha casa»; *añẽmbo acuî guitêna*, «estou me enxugando».

Affonso.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: no municipio de Redempção.

Ninguem acreditará que o ribeiro tirasse de algum individuo *Affonso* esse nome; e, aliás, poderiam habitar mais de um *Affonso* nessa região.

Affonso, corrupção de *Ahôcè*, «empinado». Com effeito, *ahôcè* significa «sobrepujar»; e esta palavra é sempre applicada a ribeirões taes.

Allusivo a ter forte declive o seu leito.

Agua-Branca. — Affluente do rio *Tieté* pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Sorocaba.

Affluente do rio *Sarapuhy*, pela margem esquerda: entre os municipios de Tatuhy e de Campo Largo de Sorocaba.

Affluente do ribeirão *Onça*, pela margem direita: no municipio de Ribeirão Preto.

Affluente do ribeirão *Lageado*, no municipio do Rio Novo. E' um corrego que corta a cidade; mas ahi está canalisado.

E, sem duvida, ha outros ribeirões e corregos, na provincia, com este nome.

Agua-Branca, corruptéla de *Aguâámbarã-nga*, «alagadiços doentios». De *aguâá*, «enseada, alagadiço», *mbarã*, «doença», com o suffixo *nga* (breve) para formar supino.

A corruptéla provêm de ser pronunciado, quasi imperceptivelmente, o *a* de *mba*.

Allusivo a que, alagando-se com as chuvas, suas varzeas, após as vasantes, produzem maleitas.

Agua-Chóca.— Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Capivary* (de cima), pela margem direita: no municipio de Monte-mór.

Agua-Chóca, corruptéla de *Iguâá-çógca*, «enseadas quebradas». De *i-guâá*, «enseada de rio», distincta das do mar, *çóg*, «quebrar-se», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino. O *i*, «agua, rio», é pronunciado como *a* fechado.

Allusivo a extravasarem-se suas aguas, no tempo das chuvas, formando alagadiços.

Os portuguezes, vendo aguas estagnadas, entenderam que o indigena dizia *Agua-chóca*.

Agua-Comprida.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda: no municipio de Santo Antonio da Alegria.

Affluente do ribeirão *Jacarehy*, pela margem direita: no municipio de Bragança.

Affluente do rio *Jundiahy-mirim*, pela margem esquerda: no municipio de Jundiahy.

Agua-Comprida, corrupção de *Aguâácoî-bib-a*, «enseadas pegadas umas ás outras». De *aguâá*, «enseada, alagadiço», *coî*, para exprimir cousas pegadas, *bib*, «approximar-se», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a terem, nas margens, successivas enseadas, ou a serem formados por successivos alagadiços.

Agua do Padre.—Salto notabilissimo, no rio *Paranapanema;* no municipio de Tijuco Preto.

Agua do Padre, corrupção de *Aqûándi-pâî*, «esquina e muitas cascatas». De *aqûá*, «esquina», *ndi*, «muitos», *pâî*, «dependurar», que, não regendo o caso, exprime a acção geral, e portanto significa «dependuramento».

Allusivo a mudar ahi bruscamente de direcção o rio, formando esquina; e a despenharem-se lindamente as aguas por varios canaes estreitos, em cascatas. O canal mais largo é o da esquerda, la-

deando a rocha. A quéda é de quasi quatro metros.

A corrupção proveiu de que os indigenas tratam por *pãi* o padre ou sacerdote.

Agua Fria.—Affluente do rio *Pirapóra*, pela margem esquerda: no municipio da Piedade.

Affluente do Rio-Verde, pela margem direita: no municipio de S. José do Rio Pardo. São corregos.

Agua Fria, corrupção de *O-iquê-atí-aî*, contrahido em *O-qu'-atí-aî*, «ambas as barrancas a prumo». De *a*, reciproco, para significar as duas margens, *iquê*, «lado, costado», *atí-aî*, «a pique, erecto, a prumo».

Allusivo a correrem entre barrancas altas e a prumo.

Agua Grande.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Apiahy.

Sua nascente, porém, é na provincia do Paraná.

Agua-Grande, corrupção de *Áquâ-áquâ-ni*, «velocissimo». De *áquâ*, «correr», repetido para exprimir o superlativo da acção, *ni*, particula de affirmação. Por contracção, *Áqu'-áquâ-ni*.

Os indigenas usam dizer *Cheaqúâ-aqúâ-ni-guikobo;* «fui voando»; dando assim ás palavras *áquâ-áquâ-ni* a expressão da maior velocidade.

A repetição de nomes ou verbos, como *áqúâ-áqúâ*, é uma das bellezas da lingua tupi; além de ser empregada, muitas vezes, para maior graça e elegancia da phrase ou da palavra, o é tambem para indicar o superlativo, ou para assignalar a frequencia do facto, successivamente ou em muitos logares, ou para exprimir no nome ou no verbo a maior energia da acção.

A regra é repetir sómente as duas syllabas da primeira palavra, como neste nome:—*áqúâ-áqùâ*. Se a primeira palavra tem apenas uma ou duas syllabas, é repetida inteira; como por exemplo: *apó-apó*, «aos saltos», ou «de salto em salto».

Aguapé.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal.

Agua-pé, corruptéla de *I-guâá-ipé*, «muitas enseadas». De *i-guâá*, «enseada de rio», *ipé*, «muitos».

Allusivo a formar, em ambas as margens, na varzea que constitúe o seu valle, muitos alagadiços.

Como se vê, não se trata, neste nome (a não ser por jogo linguistico), da nympheácea, cujo nome vulgar é *aguapé*, corruptéla de *ý-guâ-pé*, «redonda-chata», por allusão á fórma das folhas; de *y*, relativo, *guâ*, «redondo», *pé*, «chato».

No Amazonas, é pronunciado *uapé*. «Sobre a agua sobrenadam, condensados e unidos, os *uapés* de mil fórmas. Entre estes destaca-se um de folhas redondas, verde-avermelhadas, no meio das quaes surdem alvas flôres, golpeadas de escarlate, de feitio de estrellas, cujas finas hastes carmesins vêem-se mergulhar através da agua cristallina com ondulações airosas de serpente.» (José Verissimo, *Scenas da vida amazonica*).

José de Alencar, no seu bello romance *Ubirajara*, escreveu erradamente *igapê*. «A flôr de *igapê* é mais formosa quando abre e se tinge de vermelho aos beijos do sol, do que fechada em botão e coberta de folhas verdes.»

Aguapehy.—Affluente do rio *Itanhaen*, pela margem direita: no municipio de Itanhaen.

Affluente do rio *Una da aldêa*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Paraná*, pela margem esquerda: entre os rios *Tieté* e *Paranapanema*. Tem muitos saltos; e um de mais de 60 metros de altura. Este rio traz indevidamente hoje tambem o nome *Rio do Peixe*. Nasce na serra *Agudos;* e é formado por dous galhos, um da contravertente do rio *Paranapanema* e outro da do rio *Tieté*.

Alguns têm escripto *Aguapehú;* porque, quando ha *ii*, o primeiro *i* tem som guttural; sobretudo no fim da palavra.

Aguapehy, corruptéla de *Aquá-pii* «successivas esquinas», *pii* «amiudadas, successivas, umas atraz das outras».

Allusivo a serem excessivamente sinuosos.

Agua-Preta.—Corrego que reune-se ao *Agua-Branca*, e desagua, com este, no rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: entre os municipios de Iguape e de Xiririca.

Agua-Preta, corrupção de *Y-guâá-pa-eteî*, «inteiramente alagado». De *y*, relativo, *guâá*, «alagar, alagadiço, enseada», com o suffixo *pa* (breve) para formar supino, *eteî*, adverbio, significando «interiormente, totalmente, de todo o ponto», exprimindo tambem superlativo. Por contracção, *Y-guâá-p'eteî*.

Allusivo a fazerem successivas enseadas, alagando as margens.

Agua-Pura.—Affluente do rio *Itanhaen*, pela margem esquerda: no municipio de Itanhaen.

Agua-Pura, corruptéla de *Iguaá-piièrè*, «enseadas derramadas». De *i-guâá*, «enseada do rio», pronunciado o *i* como *a* fechado, *piièrè*, «derramar», pronunciado o primeiro *i* como *u*, segundo a lição dos grammaticos.

Allusivo ao transbordamento de suas aguas, formando alagadiços.

O ribeirão *Agua-Pura* nasce na serra *Mongaguá;* e suas aguas descem, derramando-se.

Agua-Santa.—Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: no municipio de Piracicaba.

Agua-Santa, corrupção de *I-guáá-çáîta*, «enseadas esparzidas». De *iguâá*, «enseada de rio», *çáî*, «esparzir, estender», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino.

Allusivo a estenderem-se em alagadiços as enseadas.

Agudo.—Corredeira, no rio *Mogy-guassú*, abaixo da fóz do *Rio Pardo*. E' a segunda corredeira abaixo da cachoeira *São Bartholomeu*.

Agudo, corrupção de *O-cuî-bo*, «ás quedas», ou «de quéda em quéda». De *o*, reciproco, *cuî*, «cahir», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo aos successivos desnivelamentos do leito do rio, nesse trecho.

Com este mesmo nome, e o mesmo significado, ha um ribeirão no municipio de Batataes. Nasce na serra *Matto-Grosso*.

Agudo, Agudos.—Morro, proximo ao *Botucararú*.

Morro entre Itatiba e Campinas.

Morro no municipio de Cajurú.

Serra, á margem direita do rio *Mogy-Guassú*, no municipio de Santa Cruz das Palmeiras.

Morros, proximos a Iporanga, no municipio de Apiahy. São os denominados *Agudos Grandes*.

Grande serra entre os rios *Tieté* e *Paranapanema:* desde o municipio de Lençóes até o de Campos Novos de Paranapanema.

Montanha, mais conhecida por *Agudos do Aterrado*, á margem esquerda do *Rio Grande*, nas divisas do municipio da Franca com a provincia de Minas-Geraes.

Todos estes morros e serras têm as encostas ingremes ou a pique, formando extensos e alcantilados paredões. Nada tem, portanto, de *Agudos*, que não é senão corruptéla de *Há-cûe*, «cortado, talhado»: de *há*, «cortar, talhar, tronchar», *cûè*, particula de preterito; allusivo aos sobreditos paredões a pique.

Demais, nestes morros *Agudos*, o cimo é área extensissima de chapadas; o que contrasta com o nome *Agudos*.

Alagôa.—Rio pequeno que, originado de pequenas cachoeiras, nos contrafortes da serra maritima, fórma-se de todas essas aguas na varzea, e, desde logo, abre-se em lagôa, para depois estreitar-se até tres metros, e assim desaguar no oceano, na praia *Ytá-cuá:* municipio de Ubatuba.

Alagôa parece, portanto, a traducção do nome tupi; e nada mais.

O rio, com effeito, é sómente a propria lagôa.

Com o nome *Lagôa*, e nas mesmas condições physicas deste rio, ha outro no municipio de Caraguatatuba.

O nome tupi é desconhecido.

Alambary.—E' o nome dos seguintes cursos d'agua:

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita, o qual por sua vez é affluente do rio *Paranapanema*, tambem pela margem direita: entre os municipios de Botucatú e de Santa Barbara do Rio Pardo.

Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem esquerda: municipio de Piracicaba.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: municipio de Botucatú.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes. E' mais conhecido por *Lambary*, e até já li, em um titulo, *Lamberehy*.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Tatuhy e de Itapetininga. A' margem direita deste ultimo *Alambary*, está a povoação deste nome, pertencente ao municipio de Itapetininga.

Alambary nada tem com o pequenino peixe prateado, que traz o nome *lambari*, corruptéla de *hãa-mberá-eí*, «brilha com tal imitação que engana». De *hãa* «imitação, semelhança», *berá*, «resplandecer, brilhar», precedido de *m* por causa do som nasal de *hãa*, segundo a regra em taes casos, *eí*, «bulra, engano, á tôa, sem causa real». Por contracção, *hãamber'-í*.

Alambary, corruptéla de *Araá-mb-araá-i*, «perseverantemente muito pestilento». De *araá*, «enfermidades de febres», *mb-araá*, repetição para exprimir superlativo, *i*, posposição de perseverança. Por contracção, *Araá-mb-ar'-i*.

Allusivo a serem maleitosas em qualquer tempo.

Alambary.—Morro no municipio de Iporanga, famoso pela gruta com dous ou mais compartimentos, um dos quaes extenso, com stalagmites e stalactites. Esta gruta é atravessada por um ribeirão, que traz tambem o nome *Alambary*; mas é o nome só da gruta, reflectindo sobre o morro e o ribeirão, certamente por não ter a tradição conservado os nomes destes.

Alambary, com referencia á gruta, é corrupção de *Rũ-mb-a-ro-á-aí*, «desordem interior e juntamente agua a cahir». De *rũ*, «revolução ou desordem interior», *mb*, particula para ligar *rũ*, que tem na pronuncia o som nasal, ao verbo *aá*, «cahir», com a intercalação de *ro* para exprimir a simultaneidade da acção do verbo, formando *a-ro-á*, «cahir juntamente», e *aí*, «aguacento, o que lentêja ou reçuma agua». Por contracção, *Rũmb-a-r'-á-'í*.

Allusivo á desordem emmaranhada no interior do monte, com precipicios; desordem produzida pela agua cahida de cima e filtrada, formando as stalagmites e as stalactites.

Esta gruta é a denominada *Lapa de Santo Antonio*, cuja descripção vou pedir ao conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo, no anno de 1805*. Escreveu elle: «Continuei a minha digressão pelo ribeirão de Yporanga ácima até chegar á gruta stalactitica, denominada *Lapa de Santo Antonio*, que fica á direita (deve ser *esquerda*, por isso que o viajante considerava *direita* ou *esquerda*, conforme subia ou descia o rio) no ribeirão do *Sumidouro*, o qual corre de um monte tambem á direita, onde sómente existem restos de antigas lavras. Não só nesta gruta, mas tambem em todos os morros á esquerda, e mesmo em suas faldas, se acham bancos de pedra calcarea secundaria, cortados por veios de spatho calcareos, dos quaes no tempo das grandes chuvas se destacam porções, que vêm entulhar então os ribeirões. Esta gruta tem quasi a direcção de oesnoroéste sudoéste; por baixo della

corre o dito ribeirão do *Sumidouro* (*), cujas aguas são frigissimas, *minando os ditos bancos calcareos, e alguma agua que transuda por elles*, e que fórma as bellas stalactites, attendiveis por sua brancura, pureza, esplendor, e fractura spathica. Na parte superior da entrada vê-se como dous óculos de igreja, e logo no principio, um côro rendado, e ornado de uma série de pyramides stalactiticas: do lado esquerdo faz a lapa como um saccó, e do direito, mais para o interior, columnas entrecortadas, e outras porções de avelhantados edificios, sobre os quaes obrou a mão inexoravel do tempo. Do lado esquerdo, em cima, ha pequenas grutas ou reconcavos, e em baixo furnas.»

De outra descripção publicada vou transcrever os seguintes trechos:

«Na caverna do morro do *Alambary* ha um grande salão, com cerca de 40 metros de altura, e um outro compartimento, no qual existe um poço. As columnas apresentam o aspecto de imagens em charóla n'uma procissão. O sólo é formado de grossas pedras. O ribeirão *Alambary*, que desce de um dos morros do municipio, depois de caminhar cerca de 200 metros, some-se e vem reapparecer nesta caverna».

O dr. Carlos Rath assim a descreve: «Esta gruta acha-se entre as pedras de cal, formando, na bocca da gruta, uma muralha preta de 612 pés... A gruta tem a largura de 130 palmos e fórma um vão, com a profundidade de 80 palmos... A altura da gruta póde ter 60 a 80 palmos, e é inteiramente ornada de stalactites e stalagmites. Estas stalactites e stalagmites formam, ás vezes, figuras mui pittorescas, que ficam penduradas nas abobadas... O canal, donde sahe a agua, fórma no fundo muitas cascatas,... e depois de ter corrido $^3/_4$ de legua, toma o nome de *Funil* ou *Sumidouro*, porque a agua sóme-se entre um buraco, tambem nas mesmas pedras de cal, e apparece na gruta de *Santo Antonio*, outra vez, para unir-se pouco distante com o rio de *Yporanga*. Para chegar a este rio, e á gruta de *Santo Antonio*, é preciso passar-se por um logar onde corre o rio entre rochedos de cal mui altos, empinados e lisos, que quasi não dão espaço para passagem de uma cabra... Esta cal preta fórma uma collina, que se estende para nordeste algumas oito leguas...»

O nome *Lambary*, como fonte de agua medicinal, é *H-a-mbaraá-i*, «agua de doença»: contrahido em *H-a-mbar''-i*.

(Vide o nome *Lambary*).

Alcatrazes.—Grupo de ilhotes, ao sul da bahia de S. Sebastião.

Alcatrazes, corrupção de *Háquâ-táî*, «pontas, cuidado!»

Os indigenas usavam assignalar assim, no mar, os logares perigosos.

A corrupção foi facil. Ha nesses ilhotes abundancia de passaros rabifurcados, conhecidos por *alcatrazes*.

Já li *Uraritáu* como o nome tupi desse grupo de ilhotes. Inexacto.

Allelúia.—Affluente do ribeirão *Guarapó*, pela margem direita: no municipio de Tatuhy.

Alleluia, corrupção de *Arê-rúî*, «tardo e quasi parado». De *arê*, «tardar», *rúî*, «quietude, pacifico, preguiça, etc.».

Allusivo á sua quasi nenhuma correnteza.

Almas.—Affluente do rio *Parahiba*, pela margem direita: no municipio de Taubaté.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de Paranapanema.

Affluente do rio *Corumba-tehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. João do Rio Claro.

Almas, corrupção de *Aî-mã*, «altos e baixos, e impedimentos». De *aî*, «altos e baixos, cousa não lisa», *mã*, «impedimentos, obstaculos». Por causa do accento agudo no *á* inicial, a palavra é pronunciada breve e corrida.

(*) Corruptéla de *Çu-mĩ-ndú-ri*, «escondido em altos e baixos e fazendo estrondo». De *çu*, «altos e baixos», *mĩ*, «esconder-se, occultar, sumir-se», *ndú*, «estrondo, estrepito», *ri*, posposição, significando, neste caso, «com». Em verdade, *Sumidouro* em portuguez, corresponde mesmo á aquella palavra em tupi.

Allusivo a pedras e outras obstrucções no leito desses ribeirões.

A' margem direita do ribeirão *Almas*, affluente do rio *Paranapanema*, na distancia de tres kilometros, ha uma gruta de grande extensão e profundidade, em ramificação da serra maritima ou Cubatão. Esta gruta tem tres compartimentos, em nivel diverso. O mais alto é o maior: 25 metros de comprimento sobre 12 de largura; o médio, 8 metros de comprimento sobre 5 de altura; o inferior ainda não foi medido, nem o será, por causa dos abysmos. Em todos ha grande abundancia de stalactites e stalagmites. Um observador escreveu o seguinte: «No superior, ha no fundo um como altar; no do meio, cuja entrada não é commoda, ha duas pedras ponteagudas que, tocadas com pedra ou ferro, produzem o som de sino; no ultimo, ha bonita cascata, formada pelas aguas precipitadas de um corrego que o atravessa.»

(Vide o nome *Capão Bonito)*.

A serra Cubatão e suas ramificações, nessa região, contém muitas e extensas grutas.

Amparo.—Cidade situada á margem esquerda do rio Camandocáia.

(Vide *Camandocáia)*.

O nome primitivo da povoação era o do rio *Camandocáia;* mas, havia outra de igual nome na provincia de Minas-Geraes.

Ananan.—Affluente do rio *Jundiahy-mirim* pela margem esquerda: no municipio de Jundiahy.

(Vide o nome *Nanan)*.

Ancião.—Cabeceira do ribeirão *Tambahú:* no municipio de Casa Branca.

Morro, no mesmo municipio. Nasce ahi aquella cabeceira.

Ancião, nome da cabeceira, é corrupção de *Atã-aî*, «altos e baixos, e rodeios». De *atã*, «rodeio», *aî*, «altos e baixos». O *aî* torna-se nasalisado por causa do *ã* anterior.

Allu[illegible]scer sobre altos e baixos, e co[illegible] caracol.

Ancião, nome do morro, é corrupção de *ati-ã*, «empinado e alto». De *ati*, «levantar-se, erguer-se», *ã*, «empinar-se»

Allusivo a formar quasi um paredão, por muito alcantilado.

Andaiatú.—Affluente do rio *Ribeira d'Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca.

Andaiatú, corruptéla de *Ã-nd-ayê-tú*, «empinado e muito encachoeirado». De *ã*, «empinar», *nd*, intercalação para ligar *ã* a *ayê*, «muito», *tú*, «golpe, queda».

Allusivo a ter ingreme o leito; e a descer de salto em salto, de cachoeira em cachoeira.

Andaraquára.—Morro: no municipio de S. Vicente.

Morro: no municipio de Nazareth.

Affluente do rio *Atibaia*, quando ainda *Atibainha*, pela margem direita: no mesmo municipio de Nazareth. Nasce naquelle morro.

Andaraquára, nome dos morros, é *Ã-nd-ari-quár-a*, «empinado, buracos em cima». De *ã*, «empinar», *nd*, intercalação para ligar *ã* a *ári*, «em cima, sobre», *quár*, «buraco, fojo, poço», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a ser alcantilado, e a ter no cume buraco ou poço, demonstrando natureza vulcanica.

O cimo do morro *Andaraquára*, de Nazareth, traz o nome especial *Butá*, corruptéla de *Mbo-ỹî-itá*, contrahido em *Mb'-ỹî-'tá*, «morro ôco». De *mbo*, particula activa, *ỹî*, «ser ôco, concavo, abrir naturalmente, fazer seio», *itá*, «pedra, morro».

Allusivo a ter no alto concavidade; correspondendo assim ao outro nome.

Andaraquára, nome do ribeirão, é *Ã-nd-ar-y-qúâ-ára*, «empinado, ladeador, e muito corrente». De *ã*, «empinar», *nd*, intercalação para ligar *ã* a *ar*, «ladear», *y*, relativo, *qúâ*, «correr», com a particula *ára*, para formar participio activo.

Allusivo a ter o leito ingreme, ladear o morro do mesmo nome e ser veloz no curso.

André Lopes. — Morro granitico, muito alto, no municipio de Xiririca.

André Lopes, corrupção de *Ã-nd-y-e-nho-pì*, «erecto e pellado no alto». De *ã*, «empinar, estar em pé, erecto», *nd*, intercalação por causa do som nasal de *ã*, e para ligal-o a *y*, relativo, *re*, intercalação por começar em *n* o verbo *nho-pì*, «ser tosquiado»; sendo que *nhopì* é composto do reciproco *nho* e do verbo *pì*.

Allusivo a ser erecto, e pellado no alto; e dahi a corrupção.

Este morro tem a altitude de 800 metros, mais ou menos.

Angico.—Morro, entre os municipios de Guaratinguetá e de Cunha.

Angico, corruptéla de *Â-ng-iquê*, «encosta empinada». De *ã*, «empinar», *ng*, intercalação por ser nasal a palavra anterior, *iquê*, «lado, costa».

Allusivo a ser alcantilado.

Angóla.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Jacarehy.

Angóla, corrupção de *Y-haqueógca*, «o dobrado». De *y*, relativo, *haqueógca*, infinitivo de *haqueóg*, «torcer, dobrar», com o suffixo *ca* (breve). Por contracção, *Haqu'ogca*.

Allusivo ás voltas e revoltas que esse ribeirão dá em seu percurso.

Anhangabaú.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, e este por sua vez affluente do rio *Tieté;* de ambos pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo, atravessando a cidade em grande parte.

E' o nome tambem attribuido a um ribeirão affluente do rio *Jundiahy:* e corre a oeste da cidade desse nome. Mas, creio que houve equivoco: o nome deste é *Mangába-aú*. (Vide o nome *Mangabahu)*.

Anhangabaú, ou, segundo outros, *Anhanga-y* (dizem os que seguem a regra de MARTIUS e de outros estrangeiros que por aqui andaram) significa, na opinião desses e de outros, «rio onde habita o mau *espirito*».

Mas, é inexacta a explicação. E o nome corrupto é mesmo *Anhangabaú*.

Anhangabaú, corruptéla de *Y-nhã-ng-ába-aú*, «quasi nenhuma correnteza». De *y*, relativo, *nhã*, «correr», *ng*, intercalação por ser nasal o som de *nhã*, e para ligal-o a *ába*, para exprimir o modo ou a acção, *aú* ou *äub*, particula ou posposição para exprimir defeito na acção ou no modo.

Alguns chronistas escreveram *Anhangabahy;* mas é a mesma corruptéla *Anhangabaú*, variando sómente no modo de pronunciar o *y* final. Em um documento do mosteiro de S. Bento foi escripto, em 1600, *Anhangovahy*.

Y-nhã-ng-ab'-aú é, portanto, o verdadeiro nome destes cursos d'agua. A mudança para *Anhang-aú* proveiu da crendice de ser o diabo, *anhang*, transformado em phantasma, *aú*, quem murmurava naquellas aguas, então correndo na solidão entre basta floresta.

Anhangoára.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Anhangoára, corruptéla de *Y-nhã-guára*, «corredor». De *y*, relativo, *nhã*, «correr», *guára*, para formar participio, exprimindo qualidade. O *y* inicial sôa como *a* fechado.

Allusivo a ser muito corrente.

Este rio é aurifero; se bem que não tanto que compense a despesa da mineração, segundo o affirmou o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo, no anno de 1805*.

Elle escreveu *Nhanguara;* e assim certamente o ouviu aos moradores naquella região.

Tambem já li *Nhungára*, manifesta corruptéla.

Anhanguera. — Affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no municipio do Carmo.

Ahi é conhecido um porto antigo com este nome.

Anhanguera, corruptéla de Y-nhang-uêra, «encestado». De y, relativo, nhang,

«encestar, juntar», levado ao participio pelo accrescimo do verbal *uêra*.

Allusivo a correr entre margens altas, não extravasando suas aguas.

Confundido este nome com *Anhanguêra*, «diabo», deu-se a corruptéla supra; e tambem espalhou-se a crença de ter o diabo passado por alli.

Anhanguera.—Serra, ramificação da serra *Japy;* no municipio de Itú.

Anhanguera, corruptéla de *Nhe-ã-iquê-rò*, «encostas empinadas». De *nhe*, reciproco, *ã*, empinar», *iquê*, «lado, costado», *rò*, «pôr-se». O reciproco *nhe* exprime a acção da cousa sobre si mesma.

Allusivo a ser muito alcantilada.

Anhemby.—Nome que se diz tambem dado pelos indigenas ao rio *Tieté*, segundo alguns chronistas.

Alguns, com frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, no seu *Glossario de palavras indigenas*, dizem que *Anhemby* significa «rio de enambús».

Não me parece verdadeira esta proposição. E' certo que o *nambú* ou *nhambú*, ou *ynambú*, abunda nas mattas que marginam o rio *Tieté*. Mas, por que admittir que *Anhemby* significa «rio de enambús»? Que relação tem este nome com o dessa linda e apreciavel ave?

Tambem *nhamby* é o nome de uma herva rasteira que dá botões amarellos, applicados á odontalgia. Esta herva, semelhante na folha ao coentro, queima como mastruço: os indigenas, além de a empregarem como tempero de cosinha, a comiam inteiramente crúa.

Assim, pois, tanto poderia ser «rio de enambús», como «rio da herva *nhamby*»; e, neste caso, os indigenas teriam assignalado de preferencia o logar em que esta herva existia em abundancia.

Mas, a verdade é outra. Nem o indigena cogitava da ave ou da herva para denominar o rio.

Anhemby, corruptéla do *Aî-hẽ-mbi*, «não liso e sahida alta». De *aî*, «não liso, altos e baixos, obstaculos», *hẽ*, «sahida, barra, fóz», *bi*, «levantar, alçar», precedido de *m*, por ser nasal a pronuncia de *hẽ*.

Allusivo a ter muitas cachoeiras, gargantas, corredeiras, e outros obstaculos; e a ter, á barra, o salto *Itapûra*, cuja quéda vertical é de 9 m., 68.

Anhuma.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: entre os municipios de Campinas e Amparo.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda, logo abaixo da cachoeira ou salto *Capivara*. E' conhecido pelo nome *Ribeirão das Anhumas*.

Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Brotas e Araraquara, aos quaes serve de divisa. E' tambem conhecido pelo nome *Ribeirão das Anhumas*. Tambem o nomeiam *Ribeirão dos Inglezes* por algum motivo particular.

Segundo o systema de MARTIUS e de outros, *Anhuma* seria denominado por ter em suas margens abundancia deste macrodactylo fissipede, maior do que o perú; o qual alimenta-se de peixes, camarões e insectos. A pelle é cheia de ar; e é de facil domesticação: tambem conhecido por *canintahú*, vocabulo onomatopico, por ser o som de seu canto. O bico é conico e curvo como o do papagaio: tem uma ponta de tres a cinco pollegadas na testa, e dous esporões na parte interior das azas, aquella e estes de substancia córnea. Esta crista córnea tem virtudes medicinaes; e ha a crença de que basta trazel-a, para estar preservado de estupôr o individuo que a tem em si. Outra crença do indigena é que, emquanto esta ave não cessa de beber em um rio, ribeiro ou lago, até ao ponto de saciar a sêde, outra ave não atreve-se a beber no mesmo rio, ribeiro ou lago.

Mas, este ribeirão *Anhuma* não tem relação alguma com essa ave, que aliás abundaria em suas margens.

Anhuma, corruptéla de *Y-nhã-hũ-m-a*, «correnteza e rodomoinhos». De *y*, relativo, *nhã*, «correr», *hũ*, «revolver-se em si mesmo», *m*, complemento de *hũ*, por ser nasal, com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a correr sobre montes, descendo com velocidade e formando rodomoinhos.

Anhumas.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da cachoeira *Capivara*.

Anhumas, corruptéla de *Y-nhà-húmo*, «correnteza e rodomoinhos». (Vide *Anhuma*).

Anhumas.—Serra, ao norte do municipio de Bragança, proximo ás divisas com a provincia de Minas Geraes, e prolongando-se nella.

Anhumas, corruptéla de *Ã-n-húú-m-a*, «empinada e pantanosa». De *ã*, «empinar», *n*, complemento do som nasal de *ã*, e para ligal-o a *húú*, «lodo, lama, borra, fezes, detritos, etc.», *m*, complemento de *húú*, com *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a ser alcantilada essa serra, porém de formação geologica tão fraca que, em sua superficie, nasce e cria-se o limo e o lodo, até ao ponto de formar pantáno.

Anna da Costa.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Anna da Costa, corrupção de *Ndacôîta*, «não pegado com outro». De *nda*, preposição de negação, *côî-ta* verbal derivado de *côî*, «ser pegado com outro, ou nascerem dous do mesmo ventre, ou da mesma fonte», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino. E' pronunciado *Nacôî-ta;* e não ha necessidade de *î* para fechar a negação, porque já existe um em *côî*.

Allusivo a ter este ribeirão, ás margens, varias lagôas, mas não formadas por suas aguas, embora communicadas nas grandes cheias.

As mais notaveis são *Timboava*, *Poçofundo*, *Cambuçá*, *Cauvi*.

Apára.—Ilha na costa maritima, em frente ao bairro do Toque-Toque-Pequeno: no municipio de S. Sebastião.

Apára não é o nome desta ilha, pois que *apá-ára*, por contracção *apá-'ra*, significa «o que entorta, o torcedor, o tortuoso», e portanto seria inapplicavel a uma ilha.

Apá-'ra era a palavra designativa do canal tortuoso que ahi começa, para a entrada meridional da bahia de S. Sebastião; e nada mais.

Como «signal de rumo», esta ilha poderia ser nomeada pelos indigenas, segundo o systema de denominações com sons quasi identicos para varias cousas da mesma região, *Apà-á*. Nas mattas, tinham e ainda têm o costume de quebrarem, torcendo, ramos de arvores, como rastro deixado para a volta; e isto é assim expressado em tupi: *ib-apá-á*. De *ib*, «arvore», *apá*, «torcer», *á*, «quebrar». Não se tratando de rastro em terra, mas sim de rumo no mar, os indigenas poderiam figuradamente dizer *Apà-á*, por servir de rumo, como ainda hoje; e por confusão com a palavra designativa de «canal tortuoso», se corromperia em *Apára*. (Vide *Toque-Toque*).

Aparado.—Cachoeira no rio *Paranapanema*, anterior á corredeira *Funil*, e mais tres, todas acima da confluencia do rio *Apiahy*.

Aparado, corruptéla de *Apá-rá-bo*, «torto e levantado». De *apá*, «ser torto, torcido, entortado», *rá*, «levantado», com a particula *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Com effeito, a cachoeira é formada por um travessão de granito, que se levanta acima das aguas em direcção diagonal de uma a outra margem; dando apenas escoamento ás aguas, aos borbotões, por um canal estreito. Quando ha enchente do rio, as aguas, transpondo esse travessão, mesmo proximo á margem esquerda, despenham-se aos saltos entre pedras, no declive de um metro mais ou menos.

Apiahy.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: entre os municipios de Apiahy, Faxina e Paranapanema.

E' formado pelos ribeirões *Apiahy-guassú* e *Apiahy-mirim*. Nasce na Serra Geral, divisoria dos tributarios do so-

bredito rio *Paranapanema* e do rio *Ribeira de Iguape;* tendo por cabeceiras os corregos *Campina, Caximba, João de Oliveira*, que formam o *Areas*, e este, com outros ribeirões, forma o *Roseira*. Este *Roseira*, depois de colligir tambem as aguas do *Apiahy-mirim*, toma mais adiante o nome de *Apiahy-guassú*; e, de certo ponto até á fóz, o de *Apiahy*.

Segundo AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da Provincia de S. Paulo*, o nome *Apiahy* significa «rio do menino».

Apiahy, corruptéla de *Api-aî-i*, «o que em todo o seu curso, é torcido e tem altos e baixos.» De *api*, «torcer», *aî*, «altos e baixos», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo ás incessantes voltas ou torceduras que esse rio faz; e ás pedras e outros embaraços que o tornam impraticavel, principalmente quando baixam suas aguas.

Apiahy.—Villa á margem direita do ribeirão *Palmital* e á esquerda do ribeirão *Agua-grande*.

Tira o nome do morro onde nascem esses ribeirões: *Api-aí*, ponta derrocada». De *api*, «ponta, principio e fim da cousa», *aí*, «derrocado, desbaratado, desmoronado». Este *aí* final parece ter sido empregado para affirmar como notavel o aspecto das rochas.

Com effeito, esse morro é coberto de numerosas e grandes rochas em desordem, parecendo ao longe um edificio em ruinas.

Hoje o *Api-aí* é conhecido por morro da *Descoberta* ou do *Ouro;* e, assim, a villa é a que lhe mantém, ainda que corruptamente, o nome.

Apiaçába.—Nome do porto do caminho primitivo de *Piratinim* para a costa maritima e vice-versa.

Este nome é mencionado no titulo de sesmaria de Ruy Pinto, de 10 de Fevereiro de 1533: «. . . as terras do *Porto das Almadias*, onde *desembarcam* quando vão para *Piratinim*, quando vão desta ilha de S. Vicente, que se chama *Apiaçába*, que agora novamente chama-se o *Porto de Santa Cruz*. . . .». Vê-se pela oração seguinte que o nome *Apiaçába* é do porto.

Apiaçába, corruptela de *Y-piû-çaba*, «logar do apartamento do caminho», de *y*, relativo, *piâ*, «apartar caminho», *çába*, verbal de participio, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, causa, fim, intuito, etc., fazendo *çaba*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Apotribú.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem esquerda: no municipio de S. Roque.

E' tambem escripto *Potribû*.

Em um documento de 1660, li *Apoteroby*. Neste documento, não é referido ribeirão ou rio, senão simplesmente «paragem chamada *Apoteroby*».

Por erro, denominam tambem esse ribeirão, ácima do salto, *Mumbaça*, corrupção de *Nhumbáû*, «campo com mancha de montes». De *nhun* «campo», *mb*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *nhun*, supprimido o *n*, e *áû*, «mancha». Allusivo ao campo, que ahi existe e dizem «rincão de pastos», com monticulos aqui e alli.

Seja, porém, como fôr, a verdade é que tudo isso é corruptéla de *Pó-terõ-ibiỹ*, contrahido em *Pó-ter'-ibiỹ*, «salto torcido e concavo». De *pó*, «salto», *terõ*, «torcido, torto», *ibiỹ*, «concavo, ôco, seio». O *iỹ* tem o som guttural de *û*.

Allusivo ao facto de, ao ladear o morro que hoje é tambem conhecido por este nome (á alguma distancia do rio *Tietê*), dar este ribeirão um salto retorcido e concavo embaixo; razão por que ahi deve existir alguma gruta.

Apparecida (N. S. da).—Povoações-freguesias: uma no municipio de Guaratinguetá; outra no municipio de Botucatú.

Ha romarias constantes a essas igrejas. Especialmente, a primeira é conhecida em todo o sul do Brazil; e de todas essas regiões vêm annualmente, ou durante o

no, romeiros a cumprir promessas. A eja é muito sumptuosa.

Apparição.—Serrote, no municipio Caconde.

Apparição, corruptéla de *Há-pa-ári-* por contracção *Há-p'-ári-çã*, «derado em cima e flammejante». De *há*, errocar, desconcertar, cortar, tronxar», n o suffixo *pa* (breve) para formar ino, *ári*, «em cima», regendo como posição, o verbo anterior, *çã*, «prozir chama, luzir ou brilhar como nma».

Os indigenas sóem dizer *içã*, o acto esquentar, pelo attrito, páus sêccos a tirar fogo: esquentam o accendem emente. Esses dous páus seccos são *-cang*).

Allusivo ao facto de, por effeito de rrocamentos no cume, mostrar-se illuinado: não sendo, porém, isso senão o splendor dos cristaes de rocha que ahi bundam.

Ha um logar *Apparição*, no municipio de Cunha, onde nasce o rio *Pahybuna*: ignoro, porém, se é igual corruptéla, ou se acaso effeito de alguma rendice.

Apucarana.—Serra que hoje pertence á provincia de Paraná, mas que está ligada á historia dos *Guayanazes* de Piratininga.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasil.*, *Apucarana* significa «morro em que se minera á mão»! Simplesmente um disparate. Muito espirito teve o abogene que disto assim o informou.... *Apucarana*, corrupção de *Opóca-rũ-ne*, eruptivo, volcanico». De *opog*, «estalar rrebentando», mudado o *g* em *ca* (breve) ara formar infinitivo, *rũ*, «revolução inerior», *ne* (breve), posposição para eximir certeza.

Allusivo a ter sido vulcão esse morro. isto coincide com a descripção feita *Itinerario* publicado na *Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*, X, 153, primeira parte, 848:

«Esta serra em cima é *um taboleiro* trezentos *e tantos passos de comprido* e quasi outros tantos de largura: tem pouca vegetação, e aqui e alli se vêem grandes e isoladas pedras de todos os tamanhos e fórmas.

«.... Que lindo e magestoso quadro! O mais bello céo do universo brilhava sobre nossas cabeças, e estendidos como um mappa a nossos pés, viamos rolar caudalosos rios, atravessando as mais pittorescas e magnificas florestas do Brazil:—perto de nós, concavidades soturnas e *montanhas atiradas sobre montanhas* mostravam que alguma *erupção vulcanica* tivera logar alli; e, *no meio de todo este cháos*, a *Apucarana* levantava sua alta e descalvada cabeça, olhando com tranquillidade as formas phantasticas que as convulsões da natureza tinham accumulado em derredor de si». E é difficil chegar ao seu cume, «defendido por enrugados e escarpados rochedos, cobertos de musgo tão macío como velludo, e matizado de mil cores brilhantes.»

Assim, pois, *Apucarana* não é senão o morro vulcanico, cuja erupção produziu toda essa desordem material.

Araçá.—Ponta, ou cabo pequeno, no municipio de S. Sebastião, dominando a entrada sul do canal. Ahi os portuguezes construiram um forte, que não mais existe.

Araçá, corruptela de *Ár-a-içá* «ladeado e alto». De *ár*, com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante, «ladear», *içá*, «estatura, altura, pilares, elevação sobre alicerces ou terra, alto».

Allusivo a ser alta e ladeado de mar, apenas pegada ao continente por uma restinga.

Araçariguama.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Araçariguama.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasil.*, esse nome significa «sitio onde se reunem araçaris para comerem».

Araçari é uma ave com bico igual ao tucano, preto nas costas, amarello no papo, e esverdinhado em redor do amarello. O povo o conhece por tucano *miudo*.

Pela significação dada por MARTIUS, *Araçari-guâma* deveria conter outras particulas ou palavras,e não apenas o nome da ave, e o supino futuro do verbo *aû*, «comer». Patentemente, MARTIUS forçou a significação, e para isto subentendeu a *reunião* de taes aves.

Mas, isso não é exacto. *Araçariguama* é corruptéla de *Ar-açâî-ri-guâá-mo*, «cahe e immediatamente se esparze fazendo lago». De *ar*, «cahir», *açâî*, «espalhar-se, esparzir-se, derramar-se, estender-se, alargar-se», *ri*, posposição para exprimir a acção successiva ou immediata do verbo anterior *guâá*, «fazer bojo, enseada, lago», com o suffixo *mo* (breve) para formar gerundio, visto que o nome, ou palavra inteira, ficou nasalisado por effeito do verbo *açâî*, cuja pronuncia é nasal, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a formarem um lago as aguas das cabeceiras e vertentes, immediatamente que cahem do monte; correndo depois em um só ribeirão até a fóz.

Alguns dizem que, por tradição, esse lago é *artificial;* mas, não sendo facil mudar a direcção natural das aguas, o nome *Ar-açâî-ri-guâá-ma*, indica perfeitamente a collecta das aguas vertentes e cabeceiras em um centro que se alarga, donde então seguem formando um ribeirão.

O nome corrupto do ribeirão passou á villa *Araçariguâma*. Esta povoação foi fundada pelo capitão-mór Guilherme Pompeu de Almeida e continuada por seu filho o padre dr. Guilherme Pompeu de Almeida, no fim do seculo XVII e principio do seculo XVIII.

Araçátúba.—Corredeira no rio *Tietê*.

Araçátúba, corruptéla de *Harû-haçâtú-bo*, por contracção *Har'-haçá-ty-bo*, «lugar de arrecifes e de impedimento atravessado». De *harù*, «atravessar», *ty*, «ponta, arrecife», *bo*, (breve), para exprimir logar. O *y* tem som guttural.

Em uma descripção de viagem em 1792, li nome um pouco differente:—*Araratúva*. A preoccupação de que o indigena só cuidava de *araras* produziu este e outros nomes corruptos.

O nome *Har'-haçá-ty-bo* é allusivo a uma muralha atravessada, deixando apenas um canal estreito, eriçado de pedras, pelo qual as aguas correm impetuosas.

Araçatúba.—Morro no municipio de Cananéa em frente ao canal *Ararapira*.

Deste morro nasce um pequeno ribeiro, que tem tambem esse nome.

Outros escrevem *Araçaúba*.

Araçatúba, corruptéla de *Ar-àocê-ty-bo*, «ponta alto-rematada». De *ar*, «rematado», *áocê*, «sobrepujar, ser alto», *ty*, «ponta», com a particula *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a ser um promontorio; cuja ponta é rematada muito alto.

Araçátúba, nome do ribeiro, é *Ar-açâî-tiû-bae*, «o que faz bojo e esparze aos lados». De *ar*, «lado», *açâî*, «esparzir», *tûî*, «fazer bojo», com o suffixo *bae* (breve) para formar supino.

Allusivo ao fluxo e refluxo da maré, produzindo na enchente a repreza de suas aguas.

Ao mesmo tempo, o indigena poderia ter querido assignalar a região como «abundante de *araçá*». De *araçá*, fructa da familia das myrtaceas, *tib-a*, «logar natural» com referencia a *araçá*, que antecede e é o genitivo do nome. Os indigenas sohiam fazer este jogo linguistico de nomes com som identico, mas com significados diversos, para logares em uma mesma região.

Aracahy.—Affluente do ribeirão *Apotribú*, pela margem esquerda: no municipio de S. Roque.

Aracahy, corruptéla de *Araquaî-i*, «o que em todo o seu curso é cinturado». De *araquâî*, «cintura», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo ás muitas e successivas gargantas que este ribeirão tem.

Aracanguá.—Duas corredeiras no rio *Tietê*: uma é *guassú*, a maior; outra é *mirim*, a menor. Estão entre os grandes saltos *Avanhandava* e *Itapura*.

Aracanguá, corruptéla de *Araquáî-anguá*, «estreitadas e cavadas». De *araquáî*, «cingir, fazer cintura», *anguá* «cavado por dentro».

Allusivo ao estreitamento do rio nesses dous logares formando cava.

Outros escrevem *Aratanguá*. E tambem *Araracanguaba*, nas *Noticias Praticas* do capitão J. A. CABRAL CAMELLO, sobre as viagens ás minas de Cuyabá, no anno de 1727.

Araçoiaba.—Grupo de montanhas de formação metallurgica, 16,8 kilometros ao occidente da cidade de Sorocaba.

Em alguns documentos antigos este nome é escripto *Hybiraçoiaba* e *Biraçoyaba*.

Segundo o engenheiro DANIEL PEDRO MÜLLER, o nome *Araçoiaba* significa «coberta do sol»: de *açoì*, «tapar, cobrir», com o verbal *ába*, que, sendo designativo de tempo, logar, instrumento, causa e modo, neste caso o é de logar: «Sitio coberto». Mas, os indigenas dizem *açoyâba*, sempre que querem nomear a cousa que tapa, cobre, ou encobre. *Arocoyâba* significaria «tapar, cobrir ou encobrir juntamente».

Penso, portanto, que isto não é exacto. Além de que, tirar da circumstancia da *sombra*, feita pela serra, a denominação para o morro, seria fazer de um facto commum a todas as serras e montes o caracteristico desta; accrescendo que a sombra desloca-se successivamente, acompanhando o movimento apparente do sol, de manhã ao occidente, de tarde ao oriente.

Já escrevi que o nome verdadeiro desse morro de ferro era *Ára-ci-ába*, significando «cabellos do sol»: os indigenas denominavam o sol *ára-ci*, «mãe do dia», de *ára*, «dia», *ci*, «mãe».

Sem duvida, brilhando aos raios do sol aquellas montanhas de ferro e de outros mineraes, *Ára-ci-ába* corresponderia perfeitamente á denominação. Por egual, ou pelo mesmo motivo, os indigenas denominam *Gu-ára-ci-ába* o beija-flor.

Mas, tambem não é verdadeira esta versão. O nome verdadeiro é *Bi-ro-açú-eiì-ába*, como está escripto nos documentos antigos. Por contracção, *Bi-r'-açú-eiì-ába*. De *bi*, «pegar-se», *ro*, particula copulativa exprimindo simultaneidade, *açú*, «altos e baixos», *eiì*, «muitos», *ába*, verbal designativo, neste caso, de logar ou região.

É, portanto, *Bi-r'-açú-eiì-ába*, «região de muitos altos e baixos, pegando-se uns aos outros».

Allusivo á formação oreographica daquella região inteira. O nome não refere-se, portanto, sómente a um morro, mas á região e ao grupo das montanhas.

Recentemente, li em uma noticia de almanach que o nome *Araçoiâba* (o noticiarista escreveu *Araçaiaba)* derivou-se de *Acaracoeyambaê!* E isso parece ter sido escripto com seriedade...

Aranhas (das).—Salto notavel no rio *Paranapanema*, ácima da villa de S. Sebastião do Tijuco-Preto: entre os municipios deste nome e o de Santa Barbara do Rio Pardo.

Aranhas, corruptéla de *Ar-ã-ña*, «queda a pique e corredeira». De *ar*, «cahir», *ã*, «em pé, a pique», *ña*, «carreira, corredeira, correnteza».

Allusivo á corredeira e ao grande salto, tendo passado as aguas por um estreito canal, de cinco metros de largura mais ou menos, formado por altas massas de rochas sobrepostas e cahindo de uma altura de tres a quatro metros, com enorme rumor que se prolonga e se ouve a grandes distancias.

Desde a parte superior, alguns querem que haja tres principaes quedas, além de outras menores, intervalladas por bacias em que as aguas formam remanso. A de cima, porém, é antes uma cachoeira entre ilhotes e extensos rochedos do que propriamente um salto. A segunda é mais uma corredeira entre altos rochedos, precipitando-se ahi as aguas com grande fragor. A ultima já está descripta.

Araquá.—Serra á margem direita do rio *Tieté*: entre os municipios de S.

João do Rio Claro, Brotas, Dous Corregos e Jahú.

E' tambem conhecida por *Aracoára;* e assim está escripto em documentos antigos.

Nos ultimos tempos, corromperam-lhe o nome em *Araraquára.*

Araquá ou *Aracoára*, significando «buraco do mundo», de *ára*, «mundo», *quâ* ou *quâra*, «buraco», exprimiria bem o pensamento do indigena, ao ver essa serra frequentemente envolta em exhalações, e afigurando-se-lhe que em cima da montanha haveria algum grande buraco, por onde sahiam essas nuvens ou vapores. *Araquiá*, denominam assim essas exhalações os indigenas do rio Amazonas: *ára*, «mundo», *quiá*, «sujidade»; «sujidade do mundo».

Em um documento de 1788, o nome *Aracoára* está escripto como significando «morada do dia», *ára*, «dia», *coára*, «buraco, morada». Entenderiam os indigenas, navegando o rio *Tieté*, a ser exacta esta versão, que, nascendo o sol por detraz da cordilheira, alli morava o dia.

Mas, tudo isso é imaginativo; nem tem razão de ser. O verdadeiro nome é *Araquâî*, «alterna, torneado, com cinturas».

Allusivo aos picos e suas fórmas, e ás abertas entre esses picos. A serra e seus morros offerecem realmente esse aspecto; e, quando o sol illumina os serros, mostra nestes, mesmo de longe, os picos torneados e com cinturas.

Araquan. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. Manoel do Paraiso e de Botucatú.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasil.*, significa «ilha das araras»! Foi mesmo uma *arara* que elle enguliu, e de mór tamanho.

No mesmo systema, poderia ser «rio de aracuan». *Aracuan* é uma ave conhecida na sciencia por *Ortalida cannicolis.* Anda pelo chão aos bandos, e anninha-se em arvores altas. De seu canto, [illegible] u o nome.

[illegible] e.

Araquan, corruptéla de *Yrù-yiqu* por contracção *Yr'-yiqu'-ã*, «barran de ambos os lados». De *yrù*, «com nheiro», *iquê*, «lado», precedido de relativo, *ã*, «em pé, levantado, a piq

Tambem o nomeiam *Araquá*, cor téla de *Araquâî*, «cingido»: o que prime a mesma idéa de ambas as r gens altas ou barrancas de um e outro lado.

Com effeito, este ribeirão tem a suas duas margens.

Ararapira.—Morro notavel, ao po do canal que separa do continen ilha denominada corruptamente *Cara* e serve de limite meridional ás pro cias de S. Paulo e Paraná.

E' tambem o nome de um rib que nasce na serra *Çavoca* e des no canal por onde se escoam as a do mar *Trapandé;* nome este tam corrupto. O ribeirão *Ararapira*, su ao fluxo e refluxo do mar, tem banc arêa na barra. Este ribeirão ficou communicação com o rio *Varadour* provincia do Paraná, em virtude da tura de um canal, á custa das duas vincias, depois de 1870.

Segundo frei FRANCISCO DOS PR RES MARANHÃO, em seu *Glossar palavras indigenas*, o nome *Arar* significa «sitio de peixe-arara»!

Não vale a pena deter a att sobre tal significação; porquanto, s um peixe com o nome *pirá-arára* ter as côres desta ave, é certo q collocação das duas palavras indica a differença e não deixa confundir *a pira* com *pirá-arára:* tanto mais *pira* do primeiro nome tem o *a* b e portanto não podia significar «pe como no segundo.

Ararapira é corruptéla de *Y-rá pira*, «o duplamente assignalado». relativo, *rá*, «signal, assignalar», tido para duplicar o effeito do si levado ao participio passivo pelo ac cimo da particula *pira* (breve). O cial tem a pronuncia guttural de chado, como os grammaticos o ensi

Allusivo a ser esse morro, e talvez tambem o ribeirão, o limite entre os *tupis* e os *carijós* nessa região, segundo narram todas as chronicas do principio do seculo XVI.

Araraquara.—Cidade situada em um planalto junto aos morros deste nome, onde ha as denominadas *furnas*.

E' certo que nestes morros, bem como na serra *Jaboticabal*, aninham-se *araras* aos bandos; mas o nome *Araraquara* nada tem com essas aves.

Nasce nestes morros, e corre por entre altos e baixos, um pequeno ribeirão, que é nomeado *Araraquára*.

Serra, no municipio de Batataes. Tambem nasce e ladeia os morros desta serra um ribeirão *Araraquára*, affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda, no municipio de Santo Antonio da Alegria.

Com o mesmo nome *Araraquára* ha um affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no municipio de Santa Izabel.

O nome dos ribeirões, *Araraquára*, é corruptéla de *Ar-á-ar-á-quâr-a*, «successivas quedas e voltas, com poços». De *ar*, «cahir», *á*, «torcer», repetidos, um e outro, para exprimir a successão dos mesmos factos, *quâr*, «poço, fojo, buraco», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a saltos e voltas; com poços no leito.

O nome das serras, *Araraquára*, é corruptéla de *Arà-rá-quâr-a*, «altos e baixos», repetido sem o *a* inicial, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, para exprimir a successão do mesmo facto no logar nomeado, *quâr-a*, «buraco».

Allusivo á formação dessa cordilheira, cujos morros são desiguaes, no espaço de muitas leguas; com buracos e cavernas.

O nome *Araraquára*, por confusão, tem tambem sido dado em mappas á serra *Araquáî*, cuja significação é diversa.

(Vide o nome *Araquá*).

Araras.—Cidade.

(Vide o nome *Patrocinio das Araras*).

Araras.—Serra, no municipio de Bragança, atravessando as divisas com a provincia de Minas Geraes.

Serra, nos municipios de Mogy-mirim, Limeira, S. João do Rio Claro e Araras.

Ao sul da primeira das serras supramencionadas, e ao norte da segunda, ha dous ribeirões com o nome *Araras*. O primeiro deságua no rio *Jaguary*, pela margem direita. O segundo, no rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: e á sua margem está a villa de Araras.

Araras, nome da serra, é corruptéla de *H-a-rá-ár*ì, contrahido em *H-a-rá-'r*ì, «desigual em cima». De *h*, relativo, seguido de *a* (breve), segundo a regra de duas consoantes, sendo certo que o *h* é o relativo dos nomes que começam por *r* como *rá*, «desigual, encrespado, levantado», *ar*ì, «sobre, em cima». O *ì* final é breve.

Allusivo a ter no cimo, cada uma dessas duas serras, altos e baixos.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de Tijuco-Preto. Ha, mais abaixo da barra deste ribeirão, o denominado «Paredão das araras».

Mas, segundo o systema dos indigenas — de darem denominações identicas ou quasi identicas no som a logares ou cousas differentes na mesma região, porém com significações diversas, *Araras*, nome de rio ou de ribeirão, é corruptéla de *Araá-rò*, «que se põe doentio». De *araá*, «molestia de febres», *rò*, particula significando «tornar-se, pôr-se», exprimindo qualidade ou condição.

Allusivo a se tornarem maleitosas no tempo das aguas.

Araraú.—Affluente do *Rio Preto*, pela margem esquerda: no municipio de Itanhaen.

Morro, no mesmo municipio.

São na mesma região; mas, comquanto sôem identicamente, significam diversamente.

Araraú, nome do ribeirão, é *Araá-araá-aú*, por contracção *Ara'-'ra-'ú*, «muitissimo doentio». *Araá*, «doença, enfermidade», repetido para exprimir successão do facto, e accrescentado com *aú* para exprimir que é defeito natural.

Allusivo a ser muito sezonatico, em todos os tempos. Com effeito, as suas aguas são pretas, provenientes dos pantanaes; e cobertas de *aguapés*. A podridão naquella região é tão grande que, no verão, é preciso viajar de noite, por causa das mutúcas pretas em enorme quantidade, que assaltam os viandantes durante o dia.

Araraú, nome do morro, é *Ar-ar-aû*, «sujo de todos os lados». De *ar*, «ladear, lado», repetido para exprimir mais de um lado, *aû*, «mancha, sujidade».

Allusivo a ser circumdado daquelle ribeirão acima descripto e de pantanaes.

Neste morro, ha uma aldêa de indigenas mansos, que vivem miseravelmente.

Araruna.—Affluente do ribeirão *Araras*, pela margem esquerda: no municipio de Araras.

Nada tem o nome deste ribeiro com o zygodactilo, conhecido por *ararúna* ou *araúna*, de que ha duas especies: a azul-claro, e a azul-ferrete.

Araruna, nome deste curso d'agua, é corruptéla de *Araá-húú-na*, «doentio e turvo». De *araá*, «molestia de febres», *húú*, «fezes, borra», *na* (breve), particula final.

Allusivo a ter a agua turva, e esta produzir molestia de febres.

Este ribeirão tem no leito pedras de ferro.

Arary.—E' o nome de ribeirões ou corregos permanentemente maleitosos.

Arary, corruptéla de *Araá-ri*, «perseverantemente doentio». De *araá* «molestia de febre», *ri*, o mesmo que *i*, posposição de perseverança.

Ararytaguaba.—E' o nome antigo da povoação, hoje cidade de Porto-Feliz. Em verdade, pouco criterio mostrou, *em 13 de Outubro de 1797*, quem tirou ao logar o lindo nome *Araritaguaba*, para substituil-o pelo de *Porto-Feliz*; sem embargo de ter sido nos velhos tempos, para os exploradores e negociantes, o inicio e o termo de grandes riscos e fadigas, nas viagens de ida e volta, com destino aos sertões de Matto-Grosso e de Goyaz.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasil.*, o nome *Araritaguaba* significa «sitio onde as araras pousam sobre pedras para comerem».

E' exacta a explicação: *Arára-itá-guâba*. De *arara*, ave cujo nome é este, *itá*, «pedra, penêdo», *guâba*, verbal derivado de *aû*, «comer», por acabar este verbo em *ú* puro, conforme a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*; exprimindo *guâba* o logar em que se come. Por contracção, *Arar'-itá-guâba*.

Com effeito, as araras, para alimentarem-se de sal, pousavam na grande penedia á margem do rio *Tietê*; penedia essa que exsuda abundante liquido salitroso, produzindo cristalisações. E' mesmo junto á cidade.

Todavia, em um documento de 1727, li o nome *Aritaguâba*, corruptéla de *Ari-itá-guá-bo*, «pedra torcida em cima». Por contracção, *Ar'-itá-guá-bo*. De *ári*, «em cima, sobre, no alto», *itá*, «pedra, penêdo», *guábo*, verbal derivado de *á*, «torcer, entortar», precedido de *gu*, reciproco, e seguido da posposição *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. Mas, a tradição tem conservado *Arárítáguâba*, certamente por melhor euphonia, e até porque corresponde ao facto, attribuido ás araras, de irem alli alimentar-se de cristalisações salinas.

Convém deixar notado que a natureza da pedra que fórma a penedia é *amarello-claro*; e os indigenas dizem *taguá* (os de Amazonas dizem *tauá*) o que é «amarello».

Arataca.—Morro ou serrote, no municipio de Yporanga.

Arataca, corrupção de *Yo-rá-taquâ*, «pontas desatadas». De *rá*, «desatar,

escoser», precedido do reciproco *yo*, ajo effeito, assim unido a verbo activo, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, exprimir plural, e communicação de uns para com outros; *táquâ*, o mesmo que *háquâ*, «ponta».

Allusivo ao derrocamento communicativo dos cabeços do morro ou serrote; por serem rochas eruptivas.

A corrupção foi facil; porque, entre os indigenas, é denominado *arataca* a armadilha para apanhar passaros; e esse nome, tão usado, foi causa da corrupção do nome do morro ou serrote.

Arcos.—Ribeirão pequeno, que nasce na serra *Yporanga*, e depois junta as suas aguas ás do ribeirão *Roseira*, pela margem esquerda: no municipio de Apiahy.

Arcos, corrupção de *Aiqûe*, «torcido, quebrado, arqueado». De *á*, «torcer», *iqûe*, «lado».

Allusivo a formar quasi um arco.

Areado.—Affluente do ribeirão *Piranyo*, que por sua vez é affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Areado, corrupção de *Araá-bo*, «maleitoso». De *araá*, «molestia de febre», *bo* (breve), particula para exprimir modo de ser, qualidade, condição, logar.

Com effeito, este ribeirão desce da serrania das *Fornalhas*, e atravessa terrenos mineraes, formando poços, onde as aguas escuras, e algumas vezes verdes, apparecem cobertas de espumas.

A' barra do ribeirão *Areado*, está o porto denominado da *Piranga*.

O ribeirão terá tres metros de largura e um de fundo.

Toda essa região é aurifera; além de outros mineraes. O quartzo tem veias negras de manganez; e nos crystaes é encontrada uma pasta de argila, cal, ferro ou manganez, e carvão. Ha tambem pyrite, grande parte do qual já reduzido a oxido de ferro.

Ha vestigios de lavras antigas.

Areias.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Vermelho, e á margem direita* de outro que não é senão um braço daquelle, e conhecido por *João Paulo*.

(Vide estes dous nomes: *Vermelho* e *João Paulo*).

Areias, corruptéla de *Haiê*, «atalho».

Allusivo a ser por ahi mais curto o caminho geral, *Hapé*, corrompido em *Sapé*, hoje, *Jatahy*.

(Vide o nome *Sapé*).

Areias (das). — Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: nos municipios de Caconde e de Mocóca.

Até certo ponto corre parallelo com a serra Mantiqueira.

Areias, corruptéia de *Ar-eĩ* «muitas voltas». De *ar*, «ladear», *eĩ*, «muitos».

Allusivo a ser muito sinuoso, ladeando successivamente os montes.

Areias.—Um dos ribeirões que são cabeceiras do rio *Apiahy-guassú*.

Areias é o mesmo *Roseira*, com o nome assim mutilado e ainda mais corrompido do que *Roseira*.

(Vide *Roseira*).

Areias do Gato.—Morro no municipio de Yporanga.

Areias do Gato, corrupção de *Ar-heyî-gu-yî-ta*, «rasgado, ao lado, e ôco». De *ar*, «lado», *heyî*, «rasgar», *gu*, reciproco, *yî*, «caverna, ôco», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino. O som guttural de *y*, em uma e em outra palavra, é o de *a* fechado. E bem difficil é a pronuncia deste nome:—dahi essa corruptéla disparatada, de sorte que não ha sentido algum em *Areias do Gato*.

Allusivo a ser cavernoso e ôco este morro.

Neste morro ha uma gruta notavel por sua extensão:—mais de 13 kilometros. E um ribeirão a percorre, formando boqueirão de mais de 50 metros. A 6 kilometros, mais ou menos, da entrada da gruta, no interior desta, ha duas massas de stalagmites representando um throno e um pulpito.

Areranha.—Affluente do *Rio Verde*, pela margem direita: no municipio de S. João Baptista do Rio Verde.

Areranha, corruptéla de *Ar-ar-ã-ña*, «successivas quédas a pique e corredeiras». De *ar*, «cahir», repetido para exprimir a successão do facto, *ã*, «em pé, a pique», *ña*, «carreira, corredeira, correnteza».

E' um ribeirão pequeno.

Nada tem com a *ariranha* ou *lontra brasiliensis*.

Aricandúba.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Aricandúba, segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. bras.*, significa «cannavial das araras». Foi mais uma arara que elle enguliu.

Cannavial! E' sabido que a palavra *candyba*, em tupi, foi formada após o estabelecimento dos portuguezes, depois que elles introduziram a canna de assucar na capitania de S. Vicente e successivamente nas outras. E essa palavra exprimia, não só *ca-nd-ib-a*, «arvore da canna», mas tambem e principalmente *candù-ib-a*, contrahida em *cand-ib-a*, «arvore torta», allusivo a entortar-se a canna de assucar quando muita crescida. O indigena tambem denominava-a por sua fórma exterior, *taquár'-ẽẽ*, «taquara doce»: *ẽẽ*, «doce, saboroso, gostoso». Tambem com mais propriedade a denominaram *tacẽmaré*, pronuncia de *tá-cẽẽ-mb-ára-é*, contrahida em *ta-cẽẽ-mb-ár'-é*, «espiga muitissimo saborosa»: de *tá*, «espiga», *cẽẽ*, «saboroso, doce, gostoso», *mb*, intercalação nasal, *ára*, particula de participio activo para exprimir qualidade da pessoa ou da cousa, *é*, para exprimir distincção com superlativo: allusivo a nascer como *espiga*, e ser dulcissimo. O nome *taquár-ẽẽ* é improprio, porque *ta-quár-a* é «espiga furada»: e a canna de assucar não é ôca.

Seja como fôr, não sendo tupi a palavra *canna*, MARTIUS fez o que fazem em geral os estrangeiros. Nem *ari* tem relação alguma com *arára*.

A canna de assucar é uma graminea oriunda do Indostão, na Asia. Foi introduzida na Persia antes do seculo V; e dali os arabes a levaram para a Syria, no seculo VII. Da Phenicia, no seculo XI, os Cruzados a levaram para a Sicilia, na Europa. No seculo XIV, todos os paizes africanos do Mediterraneo a cultivavam; além da Sicilia, e de alguns logares meridionaes da Hespanha. Da Sicilia, segundo JOÃO DE BARROS, foram mudas para a ilha da Madeira, no seculo XV. E dahi para o Brazil, no seculo XVI. *Aricandúba*, portanto, nada tem com essa graminea.

E' certo que PIGAFETTA, que em 1519 navegava na esquadra de Fernando de Magalhães, referindo-se á estada no porto de *Santa-Luzia* (nome dado por Magalhães por ter ahi entrado em 13 de Dezembro), depois Rio de Janeiro, menciona presente de taquaras dulcissimas, feito pelos indigenas! Não seria *canna crioula?*

Aririáia.—Serra entre o *Mar Pequeno* e o rio *Jacupiranga:* nos municipios de Iguape e de Cananéa.

Arariáia é o braço de mar entre a ilha *Cananéa* e o continente.

E' tambem o nome de dous ribeirões: *Aririáia-uçú* e *Arariaia-mirim:* formando uma unica barra no Mar-Pequeno.

E' tambem o nome de uma lagôa.

(Vide o nome *Itinga*).

Mas, antes de verificar a origem deste nome, convem trasladar para aqui o que o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu:

«Sahindo para fóra do pontal feito pelo morro e ilha (Cananéa), que decorre desde Iguape até aqui, vae dar-se á bahia de *Trepandé*, que não é outra cousa mais que o ponto de reunião das aguas deste braço de mar com o de *Arariaya* ou mar que fica por detraz da ilha... Sahi da barra, entrei na bahia, de onde me dirigi ao mar de *Arariaya* para ir examinar, de sul a norte, os rios que desaguam em dito mar... O rio de *Arariayussú* é abundante de madeiras de construcção: entrei por este rio dentro com o designio de

ir dar em umas lavras de ouro, bem que pobres, que aqui antigamente houve, só a fim de ver os crystaes de rocha que nellas se encontram, mas não foi possivel o guia dar com ellas.»

Para verificação do nome desses logares, a transcripção supra adianta muito pouco.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, no *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Aririáia* significa «palmeira saudavel ou saborosa». Erro.

Aririáia, corruptéla de *Ári-ári-áî-a*, pronunciado ás vezes, contrahido em *Ár'-ari-áî-a*, «sobrepostas umas ás outras, e erectas». De *ári*, «sobre», repetido, para exprimir a successão do mesmo facto, *áî*, «erectas, tesas», com o accrescimo de *a* (breve) para formar infinitivo.

Allusivo a formar a serra varias camadas, superpostas umas ás outras; e de tal modo alcantiladas as encostas que parecem paredões.

Arariáia, nome do braço de mar, é corruptéla de *Ár-ar-i-áî-a*, «duas margens, e altos e baixos». De *ár*, «ladear», repetido para exprimir mais de um, *i*, o mesmo que *ri*, para exprimir mutuo, isto é, as duas margens, *áî*, «não liso, altos e baixos», com *a* (breve) para formar infinitivo.

Allusivo a ser estreito e com margens como um rio; e a ter muitos cómoros de areia.

Como já temos notado e observado, os indigenas sofam dar a logares varios, na mesma região, nomes com som identico ou quasi identico, mas com significados diversos.

Assim, o nome *Arariáia*, que tem a lagôa, é *Araá-ri-áyè*, «muito e successivamente doentia». De *araá*, «doença», *ri*, «successivamente», *ayè*, «muito». Allusivo a produzir febres. *Arariáia*, nome dos dous ribeirões, é a mesma corruptéla, por causa da mesma qualidade da agua, denegrida por oxido de ferro, sendo que, por syncope, alguns pronunciam *Ariraiauçú*, relativamente a um desses ribeirões.

Ariró.—Serra entre as provincias de S. Paulo e do Rio de Janeiro; ou, antes, nas divisas das duas. E' tambem conhecida por *Carióca*.

Ariró, corruptéla de *Ari-rô*, «em cima, revolto». De *ari*, «em cima, sobre, no alto», *rô*, «revolver, revolto interiormente».

O nome *Carióca* exprime o mesmo facto. De *cá*, «quebrar», *ri*, intercalação para exprimir simultaneidade, *óca*, supino de *óg*, «sacar, arrancar»: «sacado, e ao mesmo tempo quebrado».

Allusivo ao derrocamento geral que alguma sublevação interior operou nessa serra.

Arpoár.—Ponta no municipio de S. Sebastião, ao norte, em frente á ponta septentrional da ilha.

Arpoár, corrupção de *Yyapuá*, «redondo».

E', com effeito, redonda essa ponta; e antigamente ahi existia um fortim.

Arrelá.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Pelo systema de MARTIUS, o nome *Arrelá* poderia ser corrupção de *Arerá*, significando «rio de arerá». O *arerá* é o *ariranha;* e com aquelle nome está mencionado este quadrupede no *Roteiro Geral* por GABRIEL SOARES DE SOUZA, cap. 101. E' uma especie de lontra; mas não deve ser confundida com o *yandu*, denominada *Lutra brasiliensis*. A cabeça é chata e larga, as orelhas pequenas, o corpo longo, as mãos com cinco dedos compridos e ligados por uma membrana, unhas curvas e agudas. Pello pardo cinzento escuro. São mergulhadores. Fazem seus ninhos em buracos, á ribanceira dos rios. Alimentam-se de peixes e camarões.

Mas, esse pequeno corrego nada tem com o *arerá* ou *ariranha*.

Arrelá é corrupção de *Aré-rá*, «cahe e se desata». De *áré*, «cahir e no mesmo acto nascer», *rá*, «desatar, descoser».

Allusivo ao facto de, ao cahir da serra, esparzir suas aguas, formando uma pequena lagôa.

Arrependido.—Serra, entre os municipios de Casa Branca e de Santa Cruz das Palmeiras.

Affluente do ribeirão *Tambahú*, pela margem direita: no municipio de Casa Branca.

Nasce naquella serra.

Arrependido, nome da serra, é corrupção de *Ar-ẽ-pendi*, «encostas carcomidas e ôcas». De *ar*, «lado», *ẽ*, «concavo, ôco», *pendi*, o mesmo que *petí*, tornado nasal por causa do *ẽ*, que o antecede, «carcomido».

Allusivo a cavernas e grutas nas suas encostas.

Arrependido, nome do corrego, é corrupção de *Aré-pẽ-ndi*, «muitas dobraduras e lento». De *aré*, «tardar, vagar, lento», *pẽ*, «dobrar, torcer», *ndi*, «muitos».

Allusivo a ser excessivamente sinuoso; e dahi a sua pouca correnteza.

Arujá.—Ribeirão affluente do ribeirão *Bacururú*, pela margem direita: no municipio de Mogy-das-Cruzes. Tambem este corrego é conhecido pelo nome de *Bacururú-mirim*.

Segundo frei Francisco dos Prazeres Maranhão, no seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Arujá* significa «morada de sapos»!

Mas, não ha nessa palavra referencia alguma a sapos.

Arujá, corruptéla de *Arú-yáú*, «lamacento, limoso.» De *arú*, «ter alguma cousa em si», exprimindo a qualidade do objecto, *yáú*, «limo, lama, sarro, folhagem secca e detritos vegetaes».

Allusivo a ser muito sujo de limo, lama e detritos vegetaes esse corrego.

A povoação, conhecida pelo nome de *Arujá*, tirou-o do ribeirão a cuja margem direita está.

Tambem provir de *Aroyâ*, «pegal-o pegando-se com elle», o nome *Arujá*: é o verbo *Ayâ*, «pegar», com a intercalação de *ro* para significar acção commum de dois ou mais. Allusivo a reunirem-se, mesmo na povoação, duas cabeceiras que formam o *Bacururú-mirim*.

O ribeirão por suas duas cabeceiras nasce na região entre as duas serras *Cantareira* e *Itapety*, que ahi se pegam.

Assacoéra.—Nasce na serra *Monguáguá*, e desagua no rio *S. Vicente*, pela margem direita: no municipio de S. Vicente.

Segundo frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Assacoéra* significa «volta do rio».

Mas, ainda é um erro. *Assacoéra* é corrupção de *Ie-aciá-cuêra*, «cortado». De *aciá*, «cortar», precedido do reciproco *ie* para exprimir a acção do agente sobre si mesmo e levado ao preterito pelo accrescimo *cuêra*.

Allusivo a ser cortado em certo ponto, ahi despenhando-se da serra.

Assunguy.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Segundo frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Assunguy* significa «rio de agua azulada». Seria exacto, se fosse *i çugui*: de *i*, «agua», *çugui*, «azul».

Assunguy é corruptéla de *Açoi-gui*, «encoberto». De *açoi*, «tapar», *gui*, «parte inferior, baixo».

Allusivo a correr suas aguas por baixo dos rochedos, ficando encobertas ou tapadas em varios logares.

Este rio precipita-se da serra em varios saltos, com grande estrepito; e sua quéda das serranias é de mais de trezentos metros. Sobretudo, no tempo das chuvas, o rumor de suas aguas é ouvido na distancia de leguas.

E' de uma correnteza extraordinaria; e essa rapidez, em uns logares com quédas entre frestas e canaes abertos nos rochedos, tem sido calculada de mais de trinta metros em 15 segundos.

O conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em seu *Diario de uma viayem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno do 1805*, referindo-se a este ribeirão, escreveu:

«Entrei, emfim, á esquerda no rio de *Assoungui*. Passadas tres ou quatro vol-

tas, vae ter-se ao primeiro salto: o rio, *minando as ilvasias que entre si deixa a rocha granitica*, corre por diversas apertadas boccas, fazendo *grande ruido*;... a rocha acha-se em parte *furada* pelo continuo embate das aguas... Decorrendo as margens até perto do segundo salto, observei o seguinte: córregos nascentes dos morros, que demoram nestas alturas; os mesmos blócos da rocha granitica já mencionada; e, nas faldas de um tezo sobranceiro ao rio, pedaços de um barco muito ochraceo e talcoso, já com a natureza fissil dos schistos».

Esta narração explica assás o nome.

Atibaia.—Cidade situada á margem esquerda do rio *Atibaia*, sobre uma collina.

E', pois, o nome do rio; e a povoação o recebeu deste.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome é *Tibaya* e significa «rio da feitoria». E' simplesmente um disparate, attendendo-se a que esse nome, com referencia ao rio, é anterior á conquista e ao estabelecimento dos portuguezes.

Este rio nasce no denominado *Morro Sellado*, formando duas cabeceiras, o *Cachoeira* e o *Atibainha*; e, desde que recebe as aguas do rio *Jaguary*, engrossa e toma o nome *Piracicaba*.

Atibaia, corruptéla de *Tipái*, «rio alagado». Por isso, os antigos diziam *Tibáia*, e não *Atibaia*. De *ti*, «rio», *pá*, aphéresis de *iupá*, «lagoa, alagadiço», *î*, posposição significando «em».

Allusivo a correr em varzeas extensas, por entre alagadiços.

Com effeito, desde as suas duas cabeceiras, corta varzeas successivas, alagadas completamente no tempo das aguas. E' certo que ás suas margens, mas em distancias, ostentam-se em fila montanhas; porém, o caracteristico do rio é o curso em varzeas.

Ha serra *Atibaia?*

(Vide *Santo Antonio da Caxoeira*).

Se ha, é a mesma corruptéla—*Ti-pâî*, «morro dependurado». De *ti*, «montão», *pâî*, «dependurar».

Atuahy.—Cachoeira no rio *Tieté*; entre a *Itapocú* e o salto de *Itú*: no municipio de Itú.

Um corrego, que ahi desagua pela margem direita, tem tambem este nome.

Esta cachoeira é mencionada por PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, a proposito da fazenda de cultura de Salvador Pires, sogro de Bartholomeu Bueno da Ribeira, e portanto avô de Amador Bueno da Ribeira.

Atuahy, corruptéla de *Itú-aî-i*, «salto e successivos arrecifes». De *itú*, «salto, quéda d'agua», pronunciado o *i* inicial com o som de *a* fechado, *aî*, «cousas salientes, altos e baixos», *i*, posposição de perseverança. Por causa daquella pronuncia do *i* inicial, alguns dizem *Atú-âî-i*.

Allusivo ao salto que ahi existe, e ao canal, á margem direita, muito estreito, semeiado de pedras, umas debaixo, outras apparecendo acima da superficie das aguas, correndo estas ahi extraordinariamente.

Atuchy.—Affluente do rio *Capivary*, pela margem esquerda: nos municipios de Capivary, Itú e Tieté.

Deve ser escripto *Itú-qui*, «saltinho». De *itú*, «salto, quéda d'agua», pronunciado por alguns o *i* inicial como *a* fechado, *qui*, «pouco, pequeno». Por causa da pronuncia sobredita, alguns dizem *Atú-qui*. Alguns escrevem *Atúaqui* e *Atúxi*.

Avacúcaya.—Cachoeira no rio *Tieté*: no municipio de Porto-Feliz, ácima desta cidade.

Avacucáya, corruptéla de *Há-cûe-quâî*, «talhado e com garganta». De *há*, «talhar, cortar, tronchar», *cûe*, particula do preterito, com referencia ao verbo *há*, que a antecede, *quâî*, «estreitar, fazer garganta ou cintura».

Allusivo a ter ahi o rio um degráo de pedra, sobre o qual montam as aguas para precipitarem-se por um canal ou garganta, com o desnivelamento de 0,^{m}50 por 150 metros.

Avanhandava.—Salto notavel no rio *Tieté*. Antes deste salto, ha uma corredeira conhecida com o nome de *Avanhandava-mirim*.

Com o nome *Avanhandava*, ha naquelle logar, á margem direita do dito rio, uma povoação, que foi colonia militar.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. ling. brasil.*, o nome *Avanhandava* significa «logar em que apparecem phantasmas». O indigena caçoou certamente com o sabio viajante.

Avanhandava é corruptéla de *Ayè-anhã-d'-aba*, «logar de correnteza excessivamente veloz». De *ayè*, para exprimir o superlativo da acção do verbo, ao qual é preposto *anhã*, «correr, correnteza, velocidade», *daba*, o mesmo que *ába* recebendo o *d* por causa do som nasal de *anhã*, e exprimindo neste caso o logar.

Nas *Noticias Praticas* do capitão J. A. CABRAL CAMELLO, sobre as viagens ás minas de Cuyabá no anno de 1727, o nome deste salto está escripto—*Panhandabá*, que «é um despenhadouro bastantemente alto, nelle se varam as canôas por terra pela parte direita, e com ellas as cargas em distancia de um quarto de legua, pouco mais ou menos». E' erro *Panhandabá*.

A altura do salto é de 11,^{m}66 e a extensão de 315.^{m} E' uma quéda magestosa; e ainda depois, entre ilhotas e penedos, as aguas revoltas soffrem outras quédas minimas.

Precedendo este salto, o rio *Tieté* tem uma extensão de cerca de 152 kilometros, a começar da corredeira *Escaramuça*, abaixo da fóz do rio *Jacaré-pepira-guaçú*; e ahi nessa extensão é pouco corrente, parecendo *rio morto*.

Abaixo deste mesmo salto, o rio *Tieté*, em extensão de mais de 100 kilometros, espraia-se, tornando-se pouco profundo e apresentando muitos baixios e cachoeiras.

Avaré.—Morro granitico muito elevado, no municipio de Rio Novo.

Avaré, corruptéla de *A-bir-é*, «isolado e altissimo». De *a*, para exprimir superlativo, *bir*, «levantar, elevar, ser alto», *é*, «isolado, só, apartado». A mudança do *b* em *v* foi obra de portuguezes. O resto veiu depois.

Allusivo a estar isolado no campo, e a ser muito alto.

Avaré.—Nome recentemente dado á villa do Rio Novo, quando foi elevada á cidade.

E' tirado do morro do mesmo nome. (Vide o nome *Rio Novo*).

Avarehy.—(Vide o nome *Arerehy*).

Avarémanduava.—Cachoeira no rio *Tieté*: no municipio de Porto Feliz.

O capitão J. A. CABRAL CAMELLO, nas *Noticias Praticas*, sobre a viagem ás minas de Cuyabá, no anno de 1727, descendo o rio *Tieté*, desde Porto-Feliz, escreveu por informação o seguinte: «... um salto *Abarémanduaba*, por cahir nelle o veneravel padre José de Anchieta, e ser achado dos indios debaixo da agua rezando no Breviario». E outros têm repetido esta explicação do nome.

Além de ser duvidoso que por lá andasse aquelle apostolo da gentilidade brazilica, é certo que o nome tem applicação verdadeira na lingua tupi.

Já li o nome *Araranhanduba*, tambem dado a esta cachoeira.

Avarémanduáva, corrupção de *I-yêrè-mã-nd-o-á-bo*, «cahe do alto e faz rodomoinho», *i*, «agua», com pronuncia de *a* fechado, *yêrè*, «torcer, dar volta», *mã*, «enfeixar, reunir estreitamente, retorcer», *nd*, intercalação por causa do som nasal de *mã*, que é ligado a *o-á-bo* verbal derivado de *á* «cahir do alto», precedido do reciproco *o* e seguido de *bo* (breve) para exprimir o modo de estar.

Allusivo a formar o rio ahi um canal de cerca de 5 metros, rompendo o paredão de pedra que o atravessa nesse logar; com corredeira, quéda e rodomoinho na extensão de mais de 50 metros.

A parte do paredão, correspondente ao canal referido, soffreu destruição, para facilitar a navegação de um vapor do Engenho Central de canna. Ha dous canaes menores no mesmo paredão.

Ácima da cidade de Porto-Feliz, ha outra cachoeira menor com o nome

Avarémanduára-mirim. Forma-a um dique, que, represando as aguas, forçou a abertura de um canal estreito para seu escoamento em rodomoinho.

Avecúia.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Porto Feliz.

Cachoeira no rio *Tieté*, proxima á fóz daquelle ribeirão: no mesmo municipio.

Segundo o systema dos indigenas, embora soando quasi identicamente os nomes do ribeirão e da cachoeira, a significação de um e de outro é muito diversa.

Avecúia, com referencia ao ribeirão, é corruptéla de *Y-yê-cúî*, «o que se deixa cahir». De *y* relativo com a pronuncia de *a* fechado, *yê*, nota de reciproco para exprimir a acção da pessoa ou da cousa sobre si mesma, *cuî*, «cahir, cahir-se». A particula *yê* não é, neste caso, precisamente nota de reciproco; é mais uma nota de passivo, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarany*, e a do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo ás quédas que este ribeirão dá, descendo dos montes; prestando-se o terreno, em outras direcções, a curso menos accidentado.

Mas, com referencia á cachoeira, *Avecúia* é corruptéla de *Y-yê-qúâ*, «esquinado». De *y*, relativo, *yê*, nota de passivo, *qúâ*, «esquinar-se, fazer ponta aguda».

Com effeito, a cachoeira é ahi formada por um penedo de forma esquinada, que se prolonga de outro quadrangular. Já têm sido feitos trabalhos para a destruição da esquina.

Pelo systema de MARTIUS, o nome *Avecúia* significaria «sitio em que abundam cúias»; dizendo provir da «*cuieté*», conhecida na sciencia por *Crescentia cujete*, da familia das Bignoniaceas, e cujo fructo, dividido ao meio, fornece vasilha que suppre o prato, a malga, a tigela, o cópo, etc., e que é feita das duas metades concavas, depois de extrahida a polpa interior: é a *cúya*. Mas, aberto sómente junto ao pedunculo, e tambem extrahida aquella polpa, forma a *cúya-mbuca*, para guardar ou conduzir liquidos, por si só, ou envolvida em uma rede de fibras: de *cúya*, «vasilha», *mbúca*, verbal derivado do verbo *púg*, «furar, arrebentar», mudado o *g* em *ca* (breve), para formar supino, significando «cúya furada». E incorrectamente muitos escrevem e dizem *cumbúca*. Além de fornecer o vasilhame já referido, a polpa interior tem applicação medicinal, como anti-tetanico e spasmodico, na hernia e na morphéa. Emfim, é conhecida a industria de *cúias* lindamente pintadas, com côres fixas, pelos indigenas do valle do rio Amazonas.

Mas, *Avecúia* nada tem com essa arvore nem com o seu fructo. E' simplesmente *Y-yê-qúâ*.

Avenca.—Morro, no municipio de Cananéa.

Avenca, corrupção de *Ayè-ẽ-qua*, «muito ôco e tramado». De *ayè*, «muito, excessivo», *ẽ*, «concavo, ôco», *qua*, com pronuncia breve, «trama, tramado».

Allusivo a ser muito gretado; mostrando que poderá ter no interior cavernas com stalagmites e stalactites.

Neste morro passa um ribeirão, cuja agua torna-se morna: é o *I-tacú-roi-çáî*, «agua que deixa de ser fria para ser morna». De *i*, «agua», *tacú*, «calor», *roi*, «frio», *çáî*, «cessar». Isto é, «agua quente, por cessação do frio».

Allusivo ao facto de receber quentura só quando atravessa o morro *Avenca*.

Averehy.—Volta do rio *Parahyba*, em frente á cidade de Jacarehy.

(Vide o nome *Jacarehy*).

Averehy, corruptéla de *I-yerè-eí*, contrahido em *I-yere'-eí*, «volta desnecessaria do rio». De *i*, «rio, agua», *yerè*, «volta», *eí*, «inutil, ocioso, sem necessidade, sem fim algum, sem causa, de caçoada». O *i* inicial soa como *a* fechado.

Allusivo a uma volta inutil do rio nesse lugar.

Alguns dizem *Avarehy*, e explicam que significa, «agua do padre», *abaré-í*, por ter-se afogado ahi um jesuita! Mas, é uma estulticia.

Neste logar já houve trabalho do homem para indireitar o rio; mas a natureza não é de facil correcção e as grandes enchentes deixam ver isso.

Aytinga.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita.

Aytinga, corruptéla de *Aî-tynga*, «atado e com altos e baixos». De *aî*, «altos e baixos», *tynga*, verbal derivado de *ty*, «atar», com *nga*, para formar supino.

Allusivo a correr entre penedos, e sobre cachoeiras.

Azeite.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Itariri*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape. Este rio *Azeite*, antes de desaguar no *Itariri*, recebe o *Guanhan;* e ambos formam o *Itariri*, que desagua no rio *S. Lourenço*.

Azeite, corrupção de *A-ceî-ta*, «cahido de repente», de *a*, «cair», *ceî*, «de repente, de roldão», em fórma de supino pelo accrescimo do suffixo *ta* (breve), conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo ao facto apparente de cahirem de repente, depois de terem nascido; formando catadupa.

São clarissimas suas aguas.

Embora o verbo *a* não faça supino com o suffixo *ta* (breve), veiu a fazel-o por causa da intercalação de *ceî*, formando o verbo composto *á-ceî*, «cahir de repente», conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Azul.—Affluente do rio *Capivary*, pela margem esquerda: no municipio de Monte-mór.

Azul, corruptéla de *I-hûú*, «agua pôdre». De *i*, «agua», *hûú*, «pôdre, desfeito». O *h* é aspirado; e na pronuncia parece *ç*. O *i* soa *a* fechado.

Allusivo a ter este corrego aguas quasi estagnadas.

Azul.—Morros, e serra.

(Vide os nomes *Morro-Azul* e *Serra-Azul*).

B

Bacaetaba.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Campo Largo de Sorocaba.

Este corrego nasce na serra *Araçoiaba:* tem tambem o nome *Taboão.*

Bacaetaba, corruptéla de *Báquâ-itá-ába*, por contracção *Báquâ-itá-'ba*, «corre em declive e aos degráus»: de *báquâ*, «correr», *itá*, «estante, armação, pilar, cousa que em outra se estriba», com o suffixo *ába*, para exprimir modo de correr. Comquanto *itá* seja substantivo, ficou neste caso como parte do verbo *baquâ*. Os degráus são formados de schistos horizontaes.

Bacuruvú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: nos municipios de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes. O corrego *Arú-yáû*, seu affluente, é nomeado tambem *Bacururú-mirim.*

(Vide *Arujá*).

Bacururú, corrupção de *Baquâ-ro-yû*, «muito corrente, e com alagadiços». De *baquâ*, «corrente, velocidade, força, porfia», *ro*, intercalação para exprimir simultaneidade, *yû*, «alagadiço, banhado, lagôa».

Allusivo a ser muito corrente este ribeirão; produzindo, não obstante, muitos banhados em suas margens.

Bacury.—Grande lagôa, á margem do ribeirão das *Palmeiras:* no municipio do Espirito Santo de Barretos.

Bacury, corruptéla de *Mbo-qúêr-iî*, «suja, por ser sem correnteza». De *mbo*, particula activa, *qúêr*, «dormir, repousar, não mover-se», *iî*, «suja, manchada».

Allusivo a ter quasi paradas as suas aguas, com lodo ao fundo, e com limo á superficie.

Nada tem, portanto, este nome com a excellente fructa *bacuri*, que abunda no interior das provincias do Maranhão e do Piauhy.

Bacury.—Serrote, no municipio de Piracicaba.

Bacury é corruptéla de *Mbo-aquir-iî*, «frouxo com resvaladouros». De *mbo*, particula activa, *aquir*, «afrouxar, ser frouxo», *iî*, «resvalar». Por contracção *Mb-'aquir-iî.*

Allusivo a esboroar-se de alto a baixo, formando resvaladouros.

Bacury.—Corredeiras no rio *Tieté*, precedente á cachoeira *Itupirú.*

São duas: a *guaçú* e a *mirim.*

Bacury, corruptéla de *Mbo-curí*, «que faz pressa». De *mbo*, particula activa, *curí*, «apressar, pressa».

Allusivo á grande correnteza das aguas nesses logares.

Alguns escrevem *Vacury:* mas é erro.

Li em uma carta geographica da provincia de S. Paulo, impressa pela Companhia Mogyana, os nomes *Vacurytuba* e *Vacurytuba-mirim.* O *tuba* foi enxertado a martello.

Bagres (rio dos).—Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem direita: no municipio de Franca do Imperador.

Bagres, corrupção de *Báquâ*, «corrente, veloz». São a mesma cousa *báquâ* e cabáquâ; e precedido de ti, for-

mando *ti-báquâ*, significa «agua corrente». O *ti*, mudado em *ri*, é usado; dahi *Ribáquâ*.

E' diamantino.

Baguary.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem direita; pouco ácima da cachoeira *Itupirú*.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, significa «rio do passaro soccó».

Baguary é ave conhecida na sciencia pelo nome *Ciconia americana*. Do genero das cegonhas. E' melhor escripto *mbaguari*. Semelha a garça, mas é pardilha.

Parece que o *soccó* é especie diversa da do *mbaguari;* ainda que do mesmo genero dos Longirostros. Vive nas margens dos rios e lagos; alimenta-se de peixes, camarões e mariscos.

Nada, porém, tem este curso d'agua com a ave *mbaguari*.

Baguary, corruptéla de *Báquâra-í*, por contracção *Báquâr'-í*, «perseverantemente corrente». De *báquâ*, «corrente, velocidade, força, porfia», levado ao participio pelo accrescimo *ára*, significando «corredor, corrente», *í*, posposição para exprimir perseverança.

Bahú.—Pico enorme na extremidade dos denominados *Campos do Jordão*, na serra Mantiqueira, e contraforte *Soares:* municipio de S. Bento de Sapucahy. Este pico é geralmente conhecido por *Pedra do Bahú*, por ter no cimo uma pedra de enorme dimensão.

Bahú poderia ser corruptéla de *Tuú*, «phantasma»; e é tambem pronunciado *hoú*. O *h* é sempre aspirado. Por ser difficil, e talvez mesmo impossivel, subir a essa pedra, por causa do muito limo e de outras circumstancias locaes, a crendice dos indigenas tomaria esse penêdo por um phantasma. Estando ácima do nivel do mar mais de 1,800 metros, é avistado na distancia de muitas leguas em redor.

Mas, o nome é simplesmente *Mbo-ri*, «resvaladio». De *mbo*, particula activa, *ri*, «resvalar, escorregar».

Allusivo ao muito limo, que cobre sua superficie, por todos os lados, e que faz escorregar quem tenta subil-o. O som é *Mboú*, porque o primeiro *i* é guttural.

Bahú-guassú.—Monte de mediana altura, e pouco saliente, na costa entre as praias de *Peruhibe* e da *Juréa*; procedente das ramificações da serra *Itatins*.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, significa «sitio do grande velho». Simplesmente um não senso...

Bahú-guassú é corrupção de *Paũ-ng-u-açú*, «entre altos e baixos». De *paũ* «entre», mudado o *p* em *mb*, por não haver palavra antecedendo *paũ*; *ng*, por ser nasal o som da pronuncia de *paũ*, e mais *u*, porque o *g* reclama quasi sempre o *u*; *açú*, «altos e baixos».

Applicarei a este morro o que, ácerca do denominado *Peruibe*, escreveu o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, no *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de São Paulo no anno de 1805:* «...este morro divide-se em differentes cabeços, e por consequencia em diversos valles; em quasi todos os valles, ribeirões...».

Esta morraria é que tinha o nome *Mbaũ-ng-u-açú*: e o mais alto desses cabeços é o *Guarahú*, tambem eivado de corruptéla.

Bairro-Alto.—Povoação-freguezia, no municipio de Parahybuna.

Baixo-aterro.—Affluente do rio *Sesmarias*, quo por sua vez é affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Barreiro e Areias.

Baixo-aterro, corrupção de *Báquâ-eteí-rõ*, «muitissimo corrente». De *báquâ*, «corrente», *eteí*, para exprimir superlativo, *rõ*, «por-se, estar».

Allusivo a correr veloz.

Bam-Bam.—Serra, no municipio do Espirito Santo da Boa Vista; mais conhecida pelo nome *Serra do Ribeirão Grande*.

Este nome *Bam-Bam* está hoje fixado apenas em um logar da serra; mas é o da serra inteira.

Bam-bam, corruptéla de *Bang-bang*, «excessivamente torcida». De *bang*, «cousa torcida», repetido para exprimir excesso.

Allusivo a formar uma curva, com extensão superior a 13 kilometros sobre 6m,6 de largura, mais ou menos.

Nesta serra, exactamente no logar que traz o nome *Bam-bam*, ha uma arvore notavel, com a denominação *Carapucúba*, cujos galhos são dispostos de modo a formarem com o tronco uma cruz perfeitissima; tem a altura de quatro metros, rodeiada de outras da mesma especie, porém menores, com a mesma fórma.

Bananal.—Cidade, á margem do rio do mesmo nome, affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

E' tambem o nome:

De um affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: nos municipios de Iguape e de Xiririca.

De um affluente do rio *S. Lourenço*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

De um affluente do rio *Juqueryquerê*, pela margem direita: no municipio de S. Sebastião.

De um affluente do rio *Itapanhaú*, pela margem esquerda: no municipio de Santos.

De um affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no municipio de Ribeirão-Preto. A fóz deste ribeirão está o denominado *Porto do Bananal*.

Segundo o systema de MARTIUS e outros, *Bananal* significaria «rio em cujas margens abunda a *banana*». Mas, nem *banana* é palavra tupi, nem a fructa assim denominada tinha no Brazil esse nome, senão o de *pacobá*. O nome *banana* é do idioma fallado na ilha de S. Thomé, com referencia á fructa conhecida por *banana de S. Thomé*, por ter sido dahi importada. Os povos brazilicos dizem: *pacobái*, a arvore do pacobá; *pacobárárí*, o cacho; *pacobarob*, a folha; *pacobá-rebirè*, ou *pacobáy-poti*, a flôr, na ponta do cacho; *pacobá ribapé*, a casca da arvore. A fructa pequena ou pequenina, *pacobáhỹ*.

Com effeito, o nome *Bananal* não tem relação alguma com essa fructa.

Bananal, corruptéla de *Mbo-ã-ñã-ñã-á*, por contracção *Mb'-a-nâ-n'-á*, «empinado, muito corrente, e sinuoso». De *mbo*, particula activa, *ã*, «empinado», *ñã*, «correr», e repetido para exprimir superlativo, *á*, «torcer, fazer voltas».

Allusivo ao forte declive do leito, á muita correnteza das aguas, e ás sinuosidades do curso.

Ao lado occidental da cidade, ha um ribeirão que se precipita da serra, da altura de mais de 200 metros, formando cascata.

Na mesma serra existe uma pedra ponteaguda, de fórma conica, de 100 metros de altura, mais ou menos.

(Vide o nome *Prata*).

Bananal.—Corredeira no rio *Ribeira de Iguape*: no municipio de Xiririca.

Bananal, corruptéla de *Mbo-ã-ñã-ñã-á*, por contracção *Mb'-ã-ñã-ñ'-á*, «corredeira em forte declive, torcida». De *mbo*, particula activa, *ã*, «empinada», *ñã*, «correr», e repetido para exprimir superlativo, *á*, «torcer, fazer volta».

Com effeito, esta corredeira é entre montes lateraes, que formam ilhas e paredões; ao mesmo tempo que as aguas descem em forte declive.

Dizerem *Bananal-grande* com referencia a esta corredeira, é um erro, por terem corrompido o nome do serrote, cujo nome vae adiante, e foi corrompido em *Bananal-pequeno*.

Bananal.—Duas ilhas no rio *Ribeira de Iguape*: no municipio de Xiririca.

Uma é *Bananal Grande*; outra, *Bananal Pequeno*.

Bananal, nome de cada uma destas ilhas, é *Pañ-ñã-á*, «ilha ladeada de corredeiras». De *pañ*, «ilha», *ñã*, «correr, corredeira, correnteza», *á*, «ladear, ser ladeado». Muitas vezes o *p* inicial é mudado em *mb*: por isso o nome acima podia ser pronunciado Mbáñ-ñã-á.

As denominações *grande* e *pequeno*—, com referencia a estas duas ilhas, nada têm com a lingua tupi; assim, as differençavam os portuguezes, pelo tamanho relativo de cada uma.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «Toda esta ribeira, de Xiririca para cima, é magestosa, já pelos montes lateraes, que lhe ficam sobranceiros e ameaçam abater-se sobre si entulhando a madre, já pelas muitas ilhas e rochedos depostos no meio da ribeira, quaes medalhas antigas conservadas na noite dos tempos, apezar da correntesa das aguas, que pareciam dever sossobral-as; e, não obstante o continuo choque que soffrem, d'ellas zombam quaes torres inabalaveis ao furor dos ventos».

Bananal.—Morro na cordilheira *Cantareira*, em direcção nordeste.

Bananal, corruptéla de *Mbo-anã-anã-á*; por contracção *Mb'-anã-'n'-á*, «muito grosso e desconcertado». De *mbo*, particula activa, *anã*, «engrossar», repetido para exprimir superlativo, *á*, «desconcertar, tronchar».

Allusivo a ser muito grosso e derrocado.

Bananal-Pequeno.—Serrote, no municipio de Xiririca: á margem direita do rio *Ribeira de Iguape*.

Bananal-Pequeno, corrupção de *Mbo-anã-á-pepẽ-na*, «grosso, torcido e esquinado». De *mbo*, particula de composição, *anã*, «grosso», *á*, «torcer», *pepẽ-na*, verbal derivado de *pepẽ*, «esquinar», com o suffixo *na* (breve) para formar supino. Por contracção, *Mb'-anã-á-pepẽ-na*.

Allusivo a ser grosso, torcido e esquinado, para ligar-se ao morro ou serrote *Lençol*, nome tambem corrupto.

(Vide o nome *Lençol*).

Bangú.—Serrote no municipio de Cunha.

Bangú, pronuncia conseguida de *Bangĩ*, «alcantilado e torcido». De *bang*, «torcido, torto», *ĩ*, «resvalar ou resvaladouro».

Este serrote é da serra maritima.

Banharão.—Corredeira no rio *Tieté*, em posição paralella á serra *Araquá*. Ahi, pela margem direita, afflue um ribeirão tambem com esse nome, servindo de divisa aos municipios de Jahú e de Dous Corregos.

Banharão, corrupção de *Mbo-anhã-rã*, «que se põe a correr». De *mbo*, particula para tornar activo o verbo neutro *anhã*, «correr», com o accrescimo do *rõ*, o mesmo que *rã*, «pôr, pôr-se». Por contracção, *Mb'-anhã-rõ*.

Uma das cabeceiras do ribeirão é conhecida por *Salto*.

Em documento antigo li *Baenharon*.

Em um modernissimo mappa vi o nome *Banharão* dado tambem á serra *Araquá*; mas é erro. O nome é sómente da corredeira e do ribeirão.

—Ha outro ribeirão muito corrente —*Banharão*, affluente do rio *Mogyguassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jaboticabal e de Barretos.

—Ha tambem um corrego *Banharão*, affluente do mesmo rio *Tieté*, pela margem esquerda, no municipio de S. Manoel do Paraiso. Mas, parece que é nome postiço; porque o indigena não daria o mesmo nome a dous cursos d'agua, na mesma região.

Baracéa.—Affluente do rio *Una*, pela margem esquerda: no municipio de Taubaté. Este nome, porém, é só nas cabeceiras; porque, de certo ponto em diante, o nome é *Itaim*.

(Vide o nome *Itaim*).

Baracéa, corrupção de *Mbaraá-ateỹ*, contrahido em *Mbaraá-'teỹ*, «frouxo e sezonatico». De *mbaraá*, «febre», *ateỹ*, «frouxo». Esta palavra *ateỹ* tem pronuncia guttural.

Allusivo a derramar-se em alagadiços limosos, produzindo febre palustre.

Barery.—Duas cachoeiras no rio *Tieté*, em seguida a Baurú. Uma *assú*, outra *mirim*.

Barery, corrupção de *Mboró-yêrè-i*, «por contracção *Mbor'-yèr-i*, «o que tem successivamente muitas voltas». De *mboró*, «contêr, executar por si», *yêrè*, «volta», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo ás voltas successivas, que a canôa ou embarcação é forçada a dar nessas cachoeiras.

Barqueçaba.—Praia no municipio de S. Sebastião. E' tambem escripto *Barekessába*.

Barqueçaba é corrupção de *Mbaraá-quê-çaba*, «repouso de enfermos». De *mbaraá*, «enfermidade, enfermo», *quêr*, «repousar, dormir, socegar», mudado o *r* em *çába*, para formar participio, segundo a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, para os verbos acabados em *r*.

Allusivo a ser essa praia um logar muito apropriado para o curativo de enfermidades, que depende de banhos do mar; e, sem duvida, foi assim denominado, por ser preferivel a outras praias nessa costa.

Barreiro.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de S. José do Barreiro.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: desagua um pouco acima da cachoeira-salto *Pirassununga*.

Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda: no municipio de Santo Antonio da Alegria.

Barreiro, corrupção de *Mbîerè-bo*, «o derramado». De *mbîerè*, ou *pîerè*, «derramar», com o suffixo *bo* (breve) para formar supino.

Allusivo:

Quanto ao primeiro, ao facto de, após nascer no monte *Formoso*, cahir sobre uma varzea, e dahi, em terreno baixo, desaguar no rio *Parahyba*.

Quanto ao segundo, ao facto de, após nascer em um monte adjacente ao *Morro-Grande*, derramar-se em uma varzea até sua fóz no rio *Mogy-guassú*.

Ha outros cursos d'agua com o nome *Barreiro, e são:*

Affluente do rio *Ipanema-mirim*, pela margem direita: nos municipios de Sorocaba e de Campo Largo. Este encontra-se com outro affluente do mesmo rio *Ipanema-mirim;* e, para ser distinguido do outro, é nomeado *Barreirinho*.

Affluente do rio *Tietê*, pela margem direita, 13 a 14 leguas abaixo do salto *Avanhandava*.

E alguns corregos insignificantes.

Ignoro se estes tambem nascem em logar alto, e de lá derramam suas aguas em varzeas; ou se o nome tem outra explicação.

Barretos.—Villa situada a 13 kilometros da margem esquerda do rio *Mogy-guassú*, ou *Rio Pardo*.

Barro-branco.—Affluente do ribeirão *Toucinho*, pela margem direita, e este—do ribeirão *Tremembé*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Este é um dos ribeiros que, vertendo da serra *Cantareira*, constituem os mananciaes derivados para o abastecimento de agua da cidade de S. Paulo.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: entre os municipios de Atibaia e de Bragança.

Barro-branco, corrupção de *Mbáraá-mbarángûa*, «ruim e doentio». De *mbáraá*, «enfermidade», *mbaráangûa*, «ruindade». O primeiro *á* de *mbáraá*, por seu accento agudo, predomina no som: dahi *mbáraa*. O primeiro *a* de *mbarangûa* é quasi syncopado: *mb'-rangûa*.

Baruery.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. Paulo e de Parnahyba. Dahi veiu á estação da estrada de ferro Sorocabana o nome *Barueri*.

Affluente do rio *Capivary*, pela margem esquerda: entre os municipios de Capivary, Monte-mór e Porto-Feliz.

Baruery ou *Boruery*, corruptéla de *Mború-yerè-i*, «o que lento volteia incessantemente». De *mború*, «lento, manso, pouco corrente», *yerè*, «voltear», *i*, posposição para indicar perseverança com referencia a *yerè*. Por contracção, *Mború-yer'-i*.

(*) **Baryry.**—Villa, creada em 1890, por decreto do governador do Estado de S. Paulo.

E' a antiga parochia de *Sapé do Jahú*.

(*) Isto vinha em nota avulsa.

Bassoróca.—Logares, em Sorocaba, Mogy-mirim, Casa-Branca e em outros pontos, que se mostram rasgados pelas chuvas.

Bassóróca, corruptéla de *Mbaê-çorógca*, «cousa rasgada, rasgaduras». De *mbaê*, «cousa», *çoróg*, «rasgar», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

—A *Bassoróca* de Mogy-mirim, segundo a descripção feita, em 1886, por um periodico local, «está a cerca de tres kilometros do centro da cidade: é uma excavação caprichosa, que occupa talvez dous hectares de área, principiando com a profundidade de 8 metros mais ou menos e continuando sempre mais profunda para os lados do campo do Belem, até manifestar-se como um abysmo... O interior da *Bassoróca* é um labyrintho, composto de cavernas, grutas mais ou menos extensas e corredores invios, formados pela filtração e queda lenta das aguas... O sólo, que parece ter sido rasgado pelas chuvas ou enxurradas, é todo arenoso; mas, de espaço a espaço, apresenta alguma vegetação, detritos de plantas, argilas de diversas côres e pedras pequenas de fórmas exquisitas... Aqui e alli apparecem concreções, em fórma de pyramides irregulares ou de estalagmites, proximas a diversas vertentes, que vão constituir um regato crystallino, serpeante pelo meio das grutas».

As *Bassorócas* de Casa Branca e outras, segundo estou informado, são mais extensas e mais caprichosas.

Batalha.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem esquerda: no municipio de Lençóes.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Batalha, corrupção de *Mbáî-itá-rò*, «*dependurado em degráu*». De *mbái*, o mesmo que *páî*, «dependurar-se», *itá*, «armação, estante, pilar, degráu, cousa que em outra se estriba», *rò*, posposição para exprimir o modo de pôr-se. O *i* de *itá* tem pronuncia guttural.

Allusivo a descerem as aguas como que dependuradas em saltos.

Batataes.—Cidade. Não está assentada á margem do ribeirão *Batataes*, affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda, mas sobre duas collinas, separadas por um corrego.

O nome, porém, é daquelle ribeirão; porque a povoação primitiva foi nas cabeceiras delle.

Nada tem com batatas; sim, é corruptéla de *Mbáî-itá-itá*, «dependurado de degráu em degráu». De *mbáî*, o mesmo que *páî*, «dependurar-se», *itá*, «armação, estante, pilar, degráu, cousa em que outra se estriba», repetido o *itá*, para exprimir a successão do facto. O *i* de *itá* tem som guttural.

Allusivo aos saltos successivos neste ribeirão, de 13 a 14 metros de altura. São imponentes e medonhos estes despenhadeiros das aguas.

Batatal.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Batatal, corruptéla de *Mbáî-itá-itá*, «dependurado de degráu em degráu». De *mbáî* o mesmo que *páî*, «dependurar-se», *itá*, «armação, estante, pilar, degráu, cousa em que outra se estriba», repetido o *itá*, para exprimir a successão do facto. O *i* de *itá* tem o som guttural.

Allusivo a corredeiras e quédas successivas no leito formado de pedreiras de marmore de diversas côres.

Batatal.—Morro, no municipio da Conceição dos Guarulhos.

Batatal, corruptéla de *Mbo-itá-itá*, «faz degráus». De *mbo*, particula activa, *itá*, «armação, estante, pilar, cousa em que outra se estriba», repetido o *itá* para exprimir a successão do facto. O *i* de *itá* tem som guttural.

ivo a ser formado de camadas stas umas ás outras, deixando o degráus nos seus extremos.

edor.—Affluente do ribeirão *Pas-te*, pela margem direita: entre os ios de Lorena e de Cruzeiro.

dor, corrupção de *Mbã-tecò*, «ba-r golpes com estrondo». De *pã*, r não ter palavra antecedente, *p* em *mb*, «bater, dar golpes trondo», *tecò*, «acção, potencia, Nasce na serra *Mantiqueira*, e ena distancia da nascente, é cheio ras até desaguar no *Passa-Vinte*. ne *Batedor* (escreveu-me um in-te local) é allusivo ao facto de m suas aguas de encontro a pe-lumosas fazendo ruido e estrondo».

ns entendem que o *Passa-Vinte* é seu affluente; sendo, portanto, *dor* affluente do rio *Parahyba*, argem esquerda. O logar, em que ontram as aguas de ambos é de-do *Entre-Rios*.

curso é de pouco mais de uma de poucas voltas, e com quatro cachoeiras. Pouco abaixo de sua e, tem dous metros de largura, metro de profundidade: na fóz, e largura, e 1 de profundidade. gosissimo nas cheias.

irú.—Duas cachoeiras no rio *Tieté*, da *Potundúba:* a *guassú* e a

ente do rio *Tieté*, pela margem la: nos municipios de Lençóes e taleza. Sua fóz é pouco abaixo as cachoeiras.

rú, corruptéla de *Mbaî-yû-rũ*, durado, com gargantas e rodo-s». De *mbâî*, o mesmo que *pâî*, durar», *yû*, «cousa estreitada, gar-, *rũ*, «revolver».

sivo a serem as cachoeiras, assim ribeirão, em forte declive; es-do-se em alguns logares as mar-fazendo rodomoinhos as aguas.

bedor.—(Vide o *nome Bebedouro)*.

Bebedouro.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem direita, já proximo á fóz deste. E', por isso, considerado tambem affluente do rio *Tieté*, pela margem direita. Mais conhecido por *Bebedor*.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Barretos e Jaboticabal.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Belém do Descalvado e Pirassununga.

Bebedor, corrupção de *Bebé-bo-óó*, «rodomoinhos grandes». De *bebé-bo*, verbal derivado de *abebé*, «rolar, fazer circulos ou bólas», com o suffixo *bo* (breve) para formar supino, *óó*, «grosso, grande».

A corrupção foi facil, quer pelo som, quer mesmo pela cousa em si: os rodomoinhos denunciam no leito dos rios *sorvedouros*, e sorver é beber aspirando.

Allusivo a rolarem suas aguas em grandes rodomoinhos.

Bejú.—Corredeira no rio *Tieté*, em seguida á de *Pirapóra-mirim*.

E' tambem conhecida por *Boyuiquára*, ou apenas por *Bojuy*.

Bejú, ou *Bojuy*, corrupção de *Mbo-yû* ou *Mbo-yû-í*, «que faz garganta, em toda a extensão». De *mbo*, particula para tornar activo o verbo, *yû*, «estreitar, fazer garganta», *í*, posposição de perseverança.

O accrescimo *quâra*, corruptéla de *guâra*, é sem valor algum; fixa apenas o *modo* ou a *fórma* por que o rio ahi se estreita, com referencia a *yû*.

Berguigão.—Ilhota, no municipio de Cananéa.

Berguigão, corrupção de *Mbiri-guî-guiã-mo*, «empinada e mais pequena». De *mbiri*, «pouco, pequeno», *guî*, particula para comparação, *guiã-mo*, supino de *ã*, «empinar, levantar-se, estar em pé».

Allusivo a ser menor do que outras ilhas proximas, e elevar-se a pino como uma pyramide.

Desta ilhóta são extrahidas cascas de marisco para o fabrico de cal. Os donos das canôas as approximam, e encostan-

do-as á ilhota, escavam esta sobre ellas, sem desembarque, por muito difficil.

Bertioga.—Canal que separa do continente a ilha *Guaimbé*, corruptéla de *Guembé*.

Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, nas *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, entendeu que *Bertioga* era corrupção de *Buriqui-óca*, «casa de macacos *buriquís*».

Por boa, já aceitei, na obra *Algumas Notas Genealogicas*, essa extranha versão. Posteriormente, porém, verificando o modo por que escreveu esse nome o conhecido HANS STADE, muito attento ao som das palavras que ouvia aos indigenas quando serviu de artilheiro na fortaleza daquelle logar, reconheci immediatamente o erro de Frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, ainda que HANS STADE escrevêra, tambem corruptamente, *Bri-ók-óka*.

O nome poderia ser *Ibi-ri-óg-óca*, «furo ou cava por acção exterior contra a terra». De *ibi*, «terra», *ri*, posposição significando neste caso «contra», *óg-oca*, verbal derivado de *óg*, «saccar, arrancar, fender, furar», com a repetição desse verbo em supino, *óca*, mudado o *g* em *ca* (breve).

A repetição dos verbos e nomes, na lingua *tupi*, além de dar maior graça e elegancia, exprime a frequencia da acção do verbo ou nome repetido; acção superlativa, ou acção successiva.

Mas, melhor examinando o caso, é *Mbirì-og-óca*, «furo pequeno»: de *mbiri*, «pouco, pequeno», *og-óca*, verbal derivado de *óg* e repetido, como acima fica dito. E, de facto, o furo propriamente tal, além de pouco extenso, é estreito.

Betary.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Yporanga.

Ha um peixe de mar, cujo nome é *Betara*: mas, mesmo que fôra do rio, nada tem o nome deste ribeirão com tal peixe.

Betary, corruptéla de *Mbì-itá-ri*, por contracção *Mbi-'tá-ri*, «centro com pedras». *De mbi*, o mesmo que *pi*, por não ter palavra anterior, «centro, meio», *itá*, «pedra», *ri*, posposição significando «com». E' innavegavel por causa desses embaraços naturaes no leito.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, no *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, referindo-se a este ribeirão, escreveu: «... passei pelo ribeirão *Betari*, e entrei á direita (o escriptor subia o rio *Ribeira de Iguape*), puxada a canôa a braços; mas este ribeirão é tão falto d'aguas, que fui logo obrigado a voltar».

Bethlem do Descalvado.—Cidade. (Vide *Descalvado*)

Bethlem de Jundiahy.—Cidade, que hoje tem o nome *Itátiba*. (Vide *Itátiba*).

Bexiga.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Bexiga, corruptéla de *Petica*, «carcomida». De *petí*, fazendo *mbetí*, «carcomir, picar, fazer furos miúdos», levado ao supino pelo suffixo *ca* (breve).

Allusivo a ser picada essa praia por carangueijos pequenos e grandes.

Daqui se vê que o nome *bexiga*, dado á variola, é tupi.

Bicame.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Tieté.

Bicame, corrupção de *Mbicoen*, o mesmo que *Picoen*, «canal, concavo, convexo», conforme o modo de ver a cousa.

Allusivo a correr entre barreiras altas, de lado a lado.

Bichoró.—Affluente do rio *Aguapehú*, pela margem esquerda: no municipio de Itanhaen.

Bichoró, corruptéla de *Mbo-çoróg*, «rasgador». De *mbo*, particula activa, *çorog*, «rasgar».

Allusivo a correrem suas aguas entre morros, e sob pedras, perfurando a serra.

Bigoá.—Affluente do rio S. Lourenço, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Segundo o systema de MARTIUS, e de outros, *Bigoá* deveria significar «rio de *mbiguá*». *Mbiguá* é um corvo que vive em aguas, ás margens dos rios e dos lagos.

Mas, é outro o significado desse nome. *Bigoá*, corruptéla de *Bu-guãá*, «lagôa-manancial». De *bu*, manancial», *guãá*, «enseada, lagoa».

Allusivo a nascer de uma lagoa. Com effeito nasce no morro denominado da *Lagoinha;* e sua extensão é de cerca de 14 kilometros.

Todavia, é possivel que naquella região alagadiça abunde o *mbiguá*. Os indigenas soiam fazer esse jogo linguistico.

Biriçá.—Morro ou pico da cordilheira cujo espigão é o divisor entre as bacias dos rios *Jaguary* e *Atibaia*: no municipio de Bragança.

Bir'-içá, «erecto e de muita altura». De *bir*, «levantar, alçar», *içá*, «pilar, estatura, altura», além de outras significações, para exprimir bem a forma e a altitude do pico.

Todos os morros ou picos dessa cordilheira são rochas graniticas e eruptivas.

Biritiba.—Pequeno corrego, dando o nome a um bairro, no municipio de Mogy das Cruzes.

Biritiba, corruptéla de *Mbiri-iti-bae*, «pequenino, e sujo de hervas e plantas aquaticas». De *mbiri*, «pouco, pequeno», *iti-bae*, de *iti*, «ser sujo de hervas e plantas» com o suffixo *bae* (breve) para formar participio. Por contracção, *Mbiri-'ti-bae.*

Boamirim.—Bairro no municipio de Itapecerica.

E' corrupção de *Mboy-mirim*; e do ribeiro assim nomeado tirou o nome este bairo.

(Vide *Mboy*).

Boassara.—Bairro na freguezia de N. S. do O', municipio de S. Paulo.

Boassara, corruptéla de *Mob-haçá-ára*, por contracção *Mbo-haça-'ra* «o que atravessa». De *mbo*, particula para tornar activo o verbo *haçá*, «atravessar», com o suffixo *ára* para formar participio.

Allusivo a um caminho que ahi atravessaria e por ventura ainda atravessa outro. Estes caminhos são denominados «travessios» ou «atravessadouros», *mbo-haçá-'ra.*

Boaséca.—Ribeirão que desagua no mar nomeado *Aririáia.*

Boaséca, corrupção de *Mboyâ-heçé-cûe*, «successivamente arrimado». De *mboyâ*, «arrimar-se», *hecé*, «successivamente», o mesmo que *rehé*, com varias significações, *cûe*, particula de preterito.

Allusivo a descer da serra, sempre arrimado a esta.

Boa-Vista (S. João da).—Cidade. (Vide *S. João da Boa Vista*).

Bocáîna.—Ramo interior da Serra do Mar, entre os municipios de Cunha, de S. José do Barreiro, de Arêas e de Silveiras.

Os indigenas não deram tal nome a aquelle ramo da Serra do Mar. O nome *Bocáîna* é simplesmente o da grande depressão naquella serra, permittindo sua travessia ou transposição por ahi, mais facilmente do que por outros pontos; tendo esse caminho por porto maritimo *Mambucaba*, que é o do rio do mesmo nome, na provincia do Rio de Janeiro.

Tanto *Bocáîna* como *Mambucaba* são corruptélas.

O primeiro, de *Bóca-áîna*, «abertura desbaratada». De *bóca*, verbal derivado de *bóg*, «fender-se, abrir-se, gretar-se», mudado o *g* em *ca* (breve) para formar supino; e de *áîna*, verbal derivado de *áî*, «desbaratar, derrocar, ter altos e baixos», com o suffixo *na* (breve) para formar supino, por ser grave ou mesmo circumflexo o accento no î, segundo a lição de padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani.* Por contracção, *Boc'-áî-na.*

O segundo, de *Mã-mb-ucá-ába*, «logar por onde se faz a volta ou rodeio». De *mã*, «voltear caminho», *mb*, interca-

lação por ter a pronuncia de *mã* som nasal, *ucá*, particula de composição que se põe no fim do verbo, exprimindo constrangimento na execução da acção do mesmo verbo, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, e *ába*, verbal para formar participio e exprimir logar.

O padre LUIZ FIGUEIRA escreveu *ucár*; mas, pelo padre A. R. DE MONTOYA foi escripto *ucá*, mais em harmonia com a indole da lingua, que não conhece *r* senão o brando.

O nome *Mambucába*, dado ao rio e ao porto, não o foi senão com referencia á *Boc'-ái-na*, na serra.

Conseguintemente, e á vista do exposto, mal e indevidamente se diz *Serra da Bocáîna*: não ha tal serra, senão porque os portuguezes applicaram o nome da depressão ao referido ramo da Serra do Mar.

Alguns explicam que *Bocáîna* é a bocca da serra; e esta explicação tem origem no facto de applicarem os indigenas o verbo *yaî*, «abrir, no sentido de alargar», á acção de *abrir a bocca*.

Admittido este verbo na composição do nome *Bocáîna*, teriamos *Bóca-yaî-na*, «abertura larga». E é tambem possivel ou provavel esta explicação; não, porém, a de *bocca da serra*; embora figuradamente assim possa ser.

Todavia, segundo descripção dessa serra *Bocáîna*, «formada de grupos graniticos, dispostos em zigs-zags em suas altas cadeias, e sem picos, visto como na superficie dessas formações ha verdadeiros parallelogramos e rhombos de grande extensão», é possivel que *Bocáîna* seja corruptéla de *Mbocá-yaî-na*, «torcido e despegado»: *mbocá*, o mesmo que *pocá*.

Allusivo a estar separado da Serra do Mar, e formar esses zigs-zags.

A tradição, porém, tem conservado a primeira explicação.

Bocaîna.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de *Silveiras*.

Segundo o systema dos indigenas, de darem nomes com som quasi identico a logares varios na mesma região, mas com significado diverso, *Bocaîna*, nome do ribeirão, é corruptéla de *Mbo-quaîna*, «cingido». De *mbo*, particula activa, *quaî*, «cingir», com o suffixo *na* (breve) para formar supino.

Allusivo a correr entre montes.

Bocaîna.—Villa á margem da estrada de ferro «S. Paulo e Rio de Janeiro», no ponto em que é ligada á D. Pedro II, (hoje *Estrada Central*). Tira da serra o nome.

Bocaîna.—Serrote, nos municipios de Atibaia e de Bragança.

Serra, no municipio de Jahú.

O nome é allusivo á depressão ou abertura na montanha.

Bocama.—Cachoeira ultima no rio *Itararé-guassú*, affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda.

Bocama, corruptéla de *Pocá-mo* ou *Mbocá-mo*, «torcida». De *pocá*, «torcer, quebrar a fila», com o suffixo *mo* (breve) para formar supino.

Bocó.—Morro, no municipio de Itapetininga.

Bocó, corruptéla de *Mbo-cóg*, «contraforte, arrimo, sustentaculo». De *mbo*, particula para tornar activo o verbo, *cóg*, «arrimar, sustentar».

Allusivo a ser ahi o contraforte da serra.

Bofete.—Serra entre os rios *Paranapanema* e *Tieté*: ramificação da serra maritima para o interior dessa região.

Bofete, corruptéla de *Bog-éteî*, «totalmente fendido». De *bog*, «ser fendido, ser gretado», *éteî*, «totalmente, de todo», exprimindo superlativo.

Allusivo a ser uma serra completamente escavada; com fendas exteriores e grutas interiores.

Boiada.—Affluente do *Rio Pardo*: pela margem direita, no municipio de Cajurú.

Boiada, corrupção de *Bú-yyâi-bo*, «o que nasce embrenhado». De *bú*, «nascer», com applicação a rio, fonte, etc., *yyâi-bo*, verbal derivado de *yyâi*, «embrenhar», com o suffixo *bo* (breve) para formar supino.

Allusivo ao facto de ter este rio, em sua nascente, no serrote que delle tomou o nome, uma cachoeira profundissima, em cujo centro ha jequitibás, e outras arvores gigantescas que, vistas do alto, semelham pequenos arbustos. O rio parece surgir desta profundeza coberta de brenhas.

O serrote é no municipio de Mococa; e seu cume é um chapadão ou campo.

Boi-coára.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem.....: no municipio de Iguape.

Boi-coára, corruptéla de *Mbo-quâr-a*, «esburacado». De *mbo*, particula activa, *quar*, «buraco, fojo, poço», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a ter poços e peráus no leito.

Boissucanga.—Ribeirão que nasce na face sul da cordilheira maritima, no ponto em que está sua segunda declinação para o poente: no municipio de S. Sebastião.

Boissucanga nada tem com cobras, e muito menos com as cabeças desses reptís. E', sim, corrupção de *I-mbiaçácang-a*, «rio cuja bocca é enxuta.» De *i-mbiaçá*, «barra ou bocca do rio», *cang*, «enxuto, secco», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a espalharem-se suas aguas na praia, não tendo por isso fóz.

Boituba.—Serrote baixo, ou, antes, planura que se estende entre os rios *Tieté* e *Sorocaba*, até a affluencia deste naquelle. Nos municipios de Porto-Feliz e Tieté.

Ha ahi uma estação da Estrada de Ferro Sorocabana.

Boituba, nada tem com cobras, como alguns suppõem, julgando vêr nesse nome *mboi-tyba*, que significaria abundancia de cobras.

Boituba é corruptéla de *Mboì-tú-bo*, «cortado a golpes». De *mboì*, «cortar, despegar, apartar, despedaçar», *tú-bo*, verbal derivado de *tú*, «golpear, golpe», com o suffixo *bo* (breve) para formar supino.

Com effeito, é essa uma extensa planura que os affluentes dos rios *Tieté* e *Sorocaba* cortam em sulcos mais ou menos fundos, algumas dezenas de metros abaixo do nivel geral das terras.

No *Esboço geologico da região comprehendida entre os rios Sorocaba e Tieté*, pela Commissão Geographica e Geologica da Provincia de S. Paulo, li: «Na faixa comprehendida entre a cidade de Porto-Feliz e as estações de Cerquilho e Boituva, uma grande mancha de terra roxa cobre estes grès e forma uma *extensa chapada cortada por pequenos valles e de altitude media de 600 metros*».

Bom-Abrigo.—Ilha, ao sul da barra de Cananéa, a leste da ilha *Cardoso*. E' pequena, de formação granitica, dando em sua face occidental surgidouro fundo e seguro.

Por isso, os portuguezes, ouvindo o som do nome em tupi, entenderam *Bom-Abrigo*.

Bom-Abrigo é corrupção de *Mbo-ibiri-bo*, «emparelhada». De *mbo*, particula activa, *ibiri*, «emparelhar, estar junto. enfrentar», com a posposição *bo* (breve) para exprimir o modo, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a estar na mesma latitude, e á vista, com a ilha *Cardoso*.

Bombas.—Morro, no municipio de Yporanga.

Bombas, corrupção de *Mbõ-bae*, «inchado». De *mbõ*, o mesmo que *põ*, «inchar», com a particula *bae* (breve) para formar participio.

Bom-Bicho.—Pequeno rio, que deságua na bahia *Trapandé*: no municipio de Cananéa.

Bom-Bicho, corruptéla de *Mboebichŷ*, «arrastado».

Allusivo a ter muito fraca corrente. E' alagadiço.

Estando o accento predominante em *bi*, o resto do nome é pronunciado breve: —dahi a corruptéla.

Bom-Jardim.—Nascente d'agua no serrote divisorio das aguas do rio *Tieté* com o seu affluente *Cabuçu:* no municipio de Conceição dos Guarulhos.

Bom-Jardim, corrupção de *Mbo-yâtŷ*, «enterra-se abrindo gretas». De *mbo*, particula activa, *yâ*, «raxar, fender, gretar», *tŷ*, «enterrar, apertar tapando».

Menos á lettra, significa «grota funda».

Allusivo a ser uma nascente no fundo de uma grota.

Está na altitude de 678 metros.

Bom-Successo.—Villa; á margem esquerda do rio *Paranapanema*, distante dous kilometros.

Bonete.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa-Bella.

Bonete, corruptéla de *Mboi-éteì*, «pedaço solto». De *mboi*, «pedaço», *éteî*, «solto, ocioso».

Allusivo a ser uma pequena praia sem ligação com as outras, por interrupções naturaes.

Bonito.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem esquerda: no municipio de Rio Bonito.

Affluentes (dous) do rio *Paranapanema*, pela margem direita: nos municipios de Rio Novo e de Santa Cruz do Rio Pardo.

Affluente do *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: um no municipio de Bethlem do Descalvado, e outro no de Araraquara.

Cursos d'agua nos municipios de Piedade, de Brotas e de Rio Novo.

Bonito, corrupção de *Mbohiî-ta*, «vagaroso». De *mbohiî*, «carga, peso, ou ser pesado», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo á lentidão de suas aguas.

Bonito (Rio).—Villa. E' a antiga freguezia de *Samambáia*.

(Vide *Rio Bonito*).

Bopy.—Morro, na freguezia de S. S. do O': municipio de S. Paulo.

Bopy, corruptéla de *Bi-pî*, «erecto e torneado». De *bi*, «levantar, alçar», *pî*, «tornear». O *i* de *bi* tem pronancia guttural.

E' da mesma fórma do morro *Jaraguá*.

(Vide este nome).

Porém, é muito menor do que este.

Boracéa.—Ribeiro que nasce das vertentes austraes da serra *Paranapiacaba*, fazendo barra no oceano: no municipio de Santos. Um cabo ao sul da fóz desse ribeirão tomou tambem esse nome.

Boracéa, corrupção de *Mborá-çáì*, «desatado e esparzido». De *mborá*, o mesmo que *porá*, «destorcer, desatar», *çáì*, «esparzir».

Allusivo a correr muito raso, alagando as margens quando ha chuvas.

Bossoróca.—São terrenos rasgados pelas chuvas.

(Vide os nomes *Bassoróca* e *Botoróca*).

Botoroca.—Affluente do rio *Iriî-riî-piranga*, pela margem direita. Este *Iriî-riî-piranga* é tambem denominado de *S. Vicente*, formando o escoante occidental do lagamar de Santos.

Botoróca, corruptéla de *Mboçoróca*, «o que rasga». De *çorog*, «rasgar», precedido da particula *mbo* para tornar activo o verbo e mudado o *g* em *ca* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a correr entre terra rasgada. Com effeito, este ribeirão nasce na serra *Mongaguá*, e suas aguas descem entre barrancas.

Ha alguns logares na provincia com o nome *Bossoróca:* ainda é semelhante explicação. São terrenos rasgados pelas chuvas. Não se confunda com *Moaçá-rógca*, «dobrar corda, ennovelar».

Bosque.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Botucatú.

E' tambem conhecido por *Curujinha*. (Vide o nome *Curujinha*).

Bosque, corruptéla de *Bóg-ca*, «fendido». De *bóg*, «fender, rachar, abrir», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

Allusivo a ter no leito buracos e caldeirões, pela natureza do terreno, formado de sedimentos horisontaes.

A's vezes, as aguas somem-se para reapparecerem adiante.

A corruptéla provem de terem este e outros ribeirões, na serra *Botucatú*, onde nascem,—*capões* ou *bosques* que lhes cobrem as cabeceiras.

Botucatú.—Cidade, cujo nome é tirado da serra á margem esquerda do rio *Tieté*, na distancia de trinta kilometros, mais ou menos, entre os municipios de Lençóes, de Botucatú, de Rio Bonito, de Tatuhy, de Itapetininga, de Guarehy e de Rio Novo, formando um quarto de circulo, e dando ramificações que estão á margem direita do rio *Paranapanema*.

Botucatú, corruptêla de *Mbitú-catú*, «muito vaporoso». De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, «bafo, evaporação, calor interior», *catú*, «muito». Este *catú*, embora signifique tambem «bom, bem, licito», serve para superlativo, e tambem para comparativo, quando collocado no fim do nome ou do verbo, segundo as circumstancias.

Allusivo a ser de natureza carbonifera esta serra.

Botucavarú.—Monte que se eleva ácima do nivel do mar, de 950 a 1.000 metros, e faz parte da serra *Itatins*.

Attribuem a este morro grandes riquezas mineraes; e o nome bem o indica. No cume ha um lago, segundo boato ou tradição popular; e, segundo o mesmo boato ou tradição, criam-se nesse lago enormes jacarés.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario de palavras indigenas*, escreveu que *Botucavarú* significa «lugar de folguêdo»! Bom lugar de folguedo o cimo desse morro...

Outros têm dito que significa «mosca a cavallo». De *mbutú*, insecto da ordem dos dipteros, familia dos Tabanios, de que ha varias especies; uma das quaes é o *tavão* ou *atabão besteiro*, ou moscardo dos bois, *tabanus bovinus*, por morder os bois e os cavallos. Por causa da crina, e ouvindo os indigenas o nome *cavallo*, logo que viram este quadrupede, o denominaram *çaba-yú*, «cabello-amarello», e tambem *cabarú*. Por isso, a versão de «mosca a cavallo» foi admittida; e muitos affirmavam vêr sobre o morro como que uma enorme mosca granitica! Tanto póde a imaginação...

Botucavarú é corrupção de *Mbitú-caí-harú*, «evaporação que queima e faz damno». De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, «bafo, evaporação», *caí*, «queimar, queimadura», *harú*, «damnoso, malefico».

Allusivo a fazer nesse morro um calor tal que produz enfermidades. Certamente o morro é mineral.

Botucavarú, morro no municipio de Parnahyba,—sem duvida tem a mesma explicação.

Botujurú.—Morro á margem esquerda do rio *Jacupiranga*: no municipio de Iguape.

Morro entre os municipios de Jundiahy, Itatiba e Atibaia.

Botujurú, corrupção de *Mbitú-yú-rú*, «o que tem evaporação morna». De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, «bafo, calor de fogo, evaporação», *yú*, «morno», *rú*, «ter».

Allusivo ao facto de sahir do interior do morro um calor morno.

Boturantim.—Salto no rio *Sorocaba*, na distancia de quasi tres quartos de legua da cidade deste nome.

Outros escrevem, ainda tambem corruptamente, *Voturantim*.

Tem cerca de 16 metros de altura.

Boturantim, corrupção de *Ibity-rã-tĩ*, «evaporação semelhando nevoa». De *ibity*, «nevoa», *rã*, «parecido, semelhante», *tĩ*, «vapor, evaporação». O *y* de *ibity* tem pronuncia guttural. Por-

tanto, o nome inteiro deve ser pronunciado *Ibitû-ran-tim*.

Allusivo ao effeito causado no logar pela evaporação daquella enorme massa d'agua, annuviando o ar, e dando ao phenomeno antes a apparencia de nevoeiro, do que realmente de quéda d'agua. O nome envolve uma bella imagem poetica.

(?) *Ibiti-ra-tỹ*, «ponta da serra». De *ibitira*, «serra» *tỹ*, «ponta».

Boturuna.—Morro elevado, no municipio de Parnahyba.

Boturuna, corruptéla de *Mbitú-rũn-a*, «revolução interior, evaporação». De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, «bafo, calor de fogo, evaporação», *rũ*, «revolução interior», com o accrescimo de *a*, porque *rũ*, pelo som nasal da pronuncia, acaba em consoante.

Alguns dizem que é corruptéla de *Ibity-r-ú-na*, «nuvem negra»; mas tratando-se de morro, o nome *Mbi-tú-rũ-na* exprime perfeitamente a natureza metallica do morro; e, como aurifero, foi explorado em 1590 por Affonso Sardinha.

Proximo a este morro estabeleceu-se o capitão Guilherme Pompeu de Almeida; fundando ahi a capella de N. S. da Conceição.

(Vide *Algumas Notas Genealogicas*, relativamente a Guilherme Pompeu de Almeida).

Mais incorrecto do que *Boturuna*, já li *Voturuna*.

(Vide *Voturuna*).

Botuverá.—Serrote, no municipio de Itapecerica.

Botuverá, corruptéla de *Ibiti-berá*, «serra resplandecente». De *ibiti*, «serra», *berá*, «resplandecer, resplendor».

Allusivo a que, sendo escalvada, mostra o brilho de micaschistos que, com outros granitos, a compõem.

Boygassú.—Varzea, no municipio de Caraguatatuba.

Outros escrevem *Mogy-guassú*.

Com effeito, o nome *Boygassú*, exprime apenas o local: corruptéla de *Mbo-ígaú-uçú*, «pantanal extenso.» De *mbo*, particula activa, e, por predominar o som do *b*, não sôa o *m* senão imperceptivelmente, *igaú*, «lama, detritos», *uçú*, «grande, largo».

Quanto ao nome *Mogy-guassú*, exprime mais a qualidade pegajosa da lama.

(Vide o nome *Mogy-guassú*).

Allusivo ao pantanal que ahi existe.

Os rios, que descem da serra maritima, derramam-se na planicie; e suas aguas formam esses pantanaes.

Ao principio suppuz que o nome *Boygassú* era corruptéla de *Mbae-y-gu-haci*, «cousa trabalhosa». De *mbae*, «cousa», *y*, relativo, *gu*, reciproco, *haci*, «difficil, trabalho, dor». E esta palavra *y-gu-haci* tenho lido escripta *yguassú*; e, á conta dos indigenas do rio Amazonas, *euassú*, segundo Gonçalves Dias. Mas, não tem applicação ao caso, ainda que trabalhosa cousa seja um pantanal.

Boyinquára.—E' a mesma cachoeira no rio *Tietê*, que alguns nomeiam corruptamente *Bejú* e *Bojuy*.

(Vide *Bejú*).

Boyinquára, corrupção de *Mbo-yû-guâra*, «estreitado em forma de garganta». De *mbo*, para tornar activo o verbo *yû*, «estreitar, fazer garganta», *guâra*, verbal para exprimir o *modo* ou a *forma*.

Braço.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Pinheiros.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Braço, corrupção do *Mbaraá-ocê*, «muito doentio». De *mbaraá*, «molestia, doença de febres», *ocê*, posposição para exprimir superabundancia. Neste nome predominou o som do *b*.

Allusivo a produzir sezões em tempo de vasante das aguas.

Bragança.—Cidade, cujo nome, quando ainda era freguezia, era *Jaguary*: então ainda no municipio de Atibaia. Está assentada a 850 metros acima do nivel do mar, em uma pequena elevação á margem direita do ribeirão *Ta-*

puxinga, que nasce no morro Itapixinga, e deságua no rio *Jaguary*, pela margem esquerda, com o nome *Uberaba*.

Alguns escrevem mais correctamente, soando igualmente como o de morro.

(Vide o nome *Itapixinga*).

A região em que está o municipio de Bragança, é tambem conhecida por *Guarapocaba*.

(Vide o nome *Guarapocaba*).

Brajaymirìndúba.—Rio que, nascendo na serra maritima, corre no municipio de Ubatuba, e desagua no oceano.

E' tambem conhecido por *Brajahiba*, corruptéla de *Mbaraá-y-aib-a*, «máu e doentio». De *mbaraá*, «doença», *y*, relativo, *aib*, «máu», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Já li em documento de 1610 *Marajaimirìndìba*.

Brajaymirìndúba, corruptéla de *Mbaraá-ayè-mĩrĩ-ndú-bae*, «muito doentio, a pique, estrondoso». De *mbaraá*, «doença», *ayè*, «muito», *mĩrĩ*, o mesmo que *pyrĩ*, «a pique, a prumo», *ndú*, «estrondar», *bae* (breve) para formar participio, significado «o que é».

Allusivo a produzir febres e outras enfermidades; e a ser a pique nas cachoeiras, fazendo as aguas grande estrondo.

De uma informação local colhi o seguinte:—«Tres cachoeiras, conhecidas por *Iraribá*, *Prata* e *Piabas*, formam este rio: em alguns logares são cascatas, quasi verticaes, em outros são saltos, produzindo grandes detonações, principalmente a *Iraribá*. Cahindo da serra, corre em uma varzea salpicada de pantanos até quasi á fóz. E' muito corrente; e com as chuvas torna-se perigoso em sua travessia. O rio, quando já na varzea, tem cerca de 22 metros de largura; e assim vae até o denominado *Poço dos Bagres*. Dahi continúa, ora se alargando, ora se estreitando, até a sua fóz na praia, que lhe tomou o nome; medindo a fóz cerca de 40 metros. Sua profundidade varía de 2 a 5 metros; e a extensão com as voltas, mede cerca de 4 kilometros.

Bragitúba, ou *Brigitúba*, ou *Brajahytúba*.—Affluente do ribeirão *Passa-Vinte*, pela margem direita: no municipio de Lorena.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Todos aquelles tres nomes são corrupções de *Mboró-ai-ye-tiû-bae*, por contracção *Mbor'-ai-ye-túî-bae*, «o que boja, fazendo charco». De *mboró*, o mesmo que *poró*, particula de composição para exprimir o effeito do verbo, ao qual se junta e antecede, *ai*, «aguar, ser aguanoso», *ye*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *túî*, «bojar, fazer barriga», com o suffixo *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a terem facil escoadouro nos rios a que afflúem; e, portanto, suas aguas reflúem, e formam lagoas e charcos.

Branco.—Morro, no municipio de Parnahyba.

(Vide o nome *Cabello Branco*).

Neste morro, além de marmore de varias côres, ha mina de ferro de boa qualidade.

Branco.—Uma das cabeceiras do rio *Botoróca:* no municipio de S. Vicente.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Itanhaen.

Cabeceira do rio *Piroupava:* no municipio de Iguape.

Affluentes do rio *Una d'Aldêa*, pela margem direita: no municipio de Iguape. Ha o de *cima* e o de *baixo*.

Ha tambem um rio *Branco* no municipio de Cananéa: com lindos saltos.

Todos estes ribeirões, excepto o de Cananéa, têm na respectiva região, um companheiro denominado *Preto*.

O *Branco* do rio *Piroupava* fórma com o *Preto* uma forquilha; e são as cabeceiras do mesmo *Piroupava*.

Muito correntes.

Branco, corrupção de *Mbaraá-ngûe*, «ruim». De *mbaraá*, «crear enfermidade, ter ruindade», com *ngûe* o mesmo que *cûe*, para exprimir preterito.

Allusivo a produzir doença, febres e maleitas.

Brotas.—Villa, fundada entre as duas vertentes do rio *Jacaré-pipira-mirim.*

Este rio, ainda a pequena distancia da villa, despenha-se por um terreno muito accidentado, formando nas suas successivas quedas uma série de saltos e de bellas cascatas.

Brotas, corrupção de *Pór-a-ôî-ta*, «saltos torcidos». De *pór*, com o complemento de *a* (breve), conforme a lição do padre A. R. MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, formando *por-a*, «saltar, dar quéda, salto», *ôî-ta*, derivado de *ôî*, «torcer», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino. Por contracção, *P'-r'-ôî-ta.*

Allusivo a essa successão de saltos no rio *Jacaré-pipira-mirim;* e os primeiros exploradores traduziram o nome em *Salto*, e outros depois corromperam o nome tupi em *Brotas*, por causa do som.

Brumado.—Corredeira no rio *Mogyguassú:* muito perigosa embora não o pareça.

Brumado, corrupção de *Mború-yá-bo*, «enganadora e dissimulada». De *mború*, «enganador, perigo occulto», *yá*, «dissimular», com o suffixo *bo* (breve), para formar supino.

Bufão.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da fóz do rio *Apiahy:* no municipio de Itapéva da Faxina.

Bufão, corrupção de *Mbuã*, «levantar, estar em pé, fazer frente». O verbo é *puã;* mas é este um dos que mudam o *p* inicial em *mb.*

Allusivo a ser formada por um dique ou travessão de granito durissimo, no qual ha apenas um canal estreitissimo, por onde as aguas precipitam-se, formando mais abaixo enormes e successivos rodomoinhos.

Bugio.—Affluente do [illegible], pela margem direita [illegible] *tinga*, tambem [illegible] *municipio de* [illegible]

Bugio, corruptéla de *Mbo-îigi*, «apertado». De *mbo*, particula activa, *îigi*, «apertado, duro». Por contracção *Mb'-îigi.* O primeiro *î* tem som guttural.

Allusivo a correr entre montes.

Em seu curso, recebe as aguas de dous mananciaes, no logar *Jardim*, nascidos de duas grutas; de outros quatro, nas terras do sitio *Cachoeira;* de mais dous, no sitio denominado *Bugio;* de um, no sitio *Pedreira;* e, finalmente, de mais dous, já quasi á sua fóz.

No *Corrasquinho* tem elle a sua origem principal. Seu curso é de seis kilometros.

Apenas tem tres pequenas cachoeiras.

Bugios.—Cachoeira, no rio *Paranapanema.*

Bugios, corruptéla de *Mbo-îigi*, «apertado». De *mbo*, particula activa, *îigi*, «apertado, duro». Contrahido em *Mb'-îigi.* O î tem som guttural.

Allusivo a estreitar-se ahi o rio, na extensão de quasi um kilometro, formando passagem perigosissima.

Mais abaixo desta cachoeira, 4 kilometros mais ou menos, ha outra cachoeira, que tem o mesmo nome, e é tão perigosa: formada entre dous lagedos, que ahi estreitam o rio, deixando apenas um canal profundo, com temiveis rodomoinhos.

Por serem duas cachoeiras, a corruptéla foi no plural: *Bugios.*

Buquira.—Villa, conhecida hoje por *Villa das Palmeiras*, sem uma razão natural para isso.

Esta villa está á margem esquerda do rio *Buquira*, antes de receber o ribeirão *Ferrão*, nome tambem corrompido.

Este rio divide-se em *Buquirinha* e em *Buquira-Grande*: é o grande salto que os separa assim. O *Buquirinha* tem quatro cachoeiras importantes: além de outras menores.

Ha tambem a serra *Buquira*, que [illegible] de divisa aos municipios de Bu[illegible] Caçapava. Nesta serra ha mi[illegible]

E ha tambem a serra *Buquira*, no municipio de Nazareth; tambem, como aquella, ramificação da serra *Mantiqueira*.

O nome do rio, *Buquira*, é corruptéla de *Bi-gui-rõ*, «de alto a baixo». De *bi*, «alto», *gui*, «baixo, logar inferior», *rõ*, «pôr-se».

Allusivo ao grande salto que o divide em dous, como acima está mencionado.

O nome das serras, *Buquira*, é corruptéla de *Mbo-yê-guir-a*, contrahido em *Mb'-yi-guir-a*, «ôco embaixo». De *mbo*, particula activa, *yî*, «ôco», *guir*, «em baixo», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a cavernas.

Buquiri.—Nome de um logar no municipio de Lorena, proximo á serra.

Tambem assim era denominada pelos indigenas a região que forma a ilha em que está situada a cidade de Santos. Dahi—a versão de macacos que, segundo frei GASPAR DA MADRE DE DEOS, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, se denominariam *buriquis*, applicada truncadamente á explicação do nome *Bertioga*.

(Vide o nome *Bertioga*).

Buquiri, corruptéla de *Mbo-quir-í*, «successivamente chuvoso». De *quir*, «chover», *í*, posposição para exprimir perseverança; precedido de *mbo*, para tornar activo o verbo, exprimindo ao mesmo tempo «habito», apócope de *mboró*, o mesmo que *poró*.

Burú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: nos municipios de Porto Feliz e de Itú.

Já li escripto *Bulgrú!*

Burú, corrupção de *Mbi-rũ*, «rodomoinho». De *mbi*, o mesmo que *pi*, «centro, fundo», *rũ*, «revolver».

Ha no rio *Tieté*, proximo á fóz deste seu affluente, a corredeira *Burú*, que é corruptéla tambem de *Mbi-rũ*.

Tanto no ribeirão, como na corredeira, ha muitos rodomoinhos. O som guttural de *Mbi-rũ*, é que produziu a corrupção supra.

Butá.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de S. José dos Campos.

Butá, corruptéla de *Mbo-itá*, «faz degráu». De *mbo*, particula de composição para tornar activo o verbo, *itá*, «ser em forma de estante, ter pilares, formar degráus, ou cousa que se estriba em outra». Por contracção *Mb'-itá*; tendo som guttural o *i*.

Allusivo a cahirem da serra suas aguas com ou sobre um salto de tres metros de altura, e outros menores.

Butá é tambem o alto do morro *Andaráquara* no municipio de Nazareth.

(Vide o nome *Andaraquára*).

Buturussú.—Serra, no municipio de *Itanhaen*.

Buturussú, corrupção de *Ibiti-ruçú*, «serra grande». De *ibiti*, «serra», *ruçú*, «grande, largo», precedido de *r*, por ser necessario na composição da palavra, a fim de separar duas vogaes.

Allusiva a ser extensa, alta e larga.

Buzios.—Pequena ilha, dividida apparentemente em duas por causa de uma depressão no centro: a leste da ilha *S. Sebastião*.

Figurando duas, e por serem muito pequenas e razas, os indigenas a denominaram *Bú-bo*, «sahidas debaixo d'agua», isto é, «surgidas do mar». Os portuguezes, ouvindo o som da palavra, pensaram ser *buxios*, esquecendo-se de que *buzio* é de origem africana: e assim ficaram com esse nome. Alguns escrevem, ainda com maior corrupção, *Búgios*, porque os africanos pronunciam *bújiis*.

Bú-bo, verbal deridado de *abú*, «sahir debaixo d'agua» com o suffixo *bo* (breve) para formar supino, ou antes, para exprimir o modo de estar.

Com effeito, estes ilhéos, de tão razos, são vistos no meio das ondas como surgindo do mergulho, a proporção que o navegante aproxima-se de cada um.

C

Caáguassú.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Sorocaba. Alguns têm escripto com menos incorrecção *Cuáguassú*.

Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: entre os municipios de Cabreúva e de Jundiahy. Ha ahi tambem um morro com este nome.

(Vide o nome *Caguassú*).

Uma das cabeceiras do ribeirão *Jundiovira*, pela margem direita, no municipio de *Jundiahy*.

Cuáguassú, com referencia a curso d'agua, é corruptéla de *Quâ-quâ-çú*, «poços ou fojos, com altos e baixos». De *qûa*, «poço, fojo», *çú*, «altos e baixos». *Qûa*, repetido, é para assignalar a frequencia, successivamente ou em muitos logares, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo aos peraús nesses ribeirões.

Cabaços.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca.

Cabaços, corruptéla de *Cabáqûa*, «corrente, veloz».

Allusivo á grande correnteza de suas aguas.

Em frente á fóz deste rio ha uma pequena ilha, que traz hoje o mesmo nome *Cabaços*.

Cabeça.—Affluente do rio *Corimbatehy*, pela margem direita: no municipio do Rio Claro.

Cabeça, corrupção de *Quab-êcè*, «successivamente corrente». De *quab*, «passar, correr», *êcè*, o mesmo que *hêcè*, o mesmo que *rehê*, «successivamente».

Allusivo a ter forte declive, e a ser por isso sempre corrente.

Cabello-branco.—Morro granitico, á margem esquerda do rio *Juquery*: no municipio de S. Paulo.

Cabello-Branco, corrupção de *Quâ-bi-bang-ca*, «torcido e ponta alta». De *quâ*, «ponta», *bi*, «levantar, elevar, alçar, alto», *bang*, «torcer» levado ao supino pelo accrescimo da particula *ca* (breve). O som do *u* de *quâ* é quasi imperceptivel.

Allusivo a não se mostrar bem erecto, e a ser altamente ponteagudo.

A corrupção foi operada pelo facto de ser composto esse morro de schistos argillosos e de quartzitos, mostrando no alto elementos calcareos.

Caboçú.—Affluente do rio *Guapira*, pela margem esquerda: nasce nos morros denominados *Perucùia*, e corre entre os municipios de S. Paulo e da Conceição dos Guarulhos.

E' tambem o nome de um ribeirão affluente do rio *Tieté*, pela margem direita, na freguezia de N. S. do O': municipio de S. Paulo.

E' tambem o nome de um ribeirão que, nascendo na serra *Cubatão*, banha o municipio de Santos e desagua no furo *Bertioga*.

Ha, na provincia, outros cursos d'agua com esse nome.

Caboçú, corruptéla de *Guàà-buçú*, «enseada larga». De *guàà*, «enseada, alagadiço», *buçú*, «largo, grande», o mesmo que *uçú*.

O primeiro ribeirão é o que serve de divisa aos municipios de S. Paulo e da

Conceição dos Guarulhos. Depois da sua confluencia com o *Trememb*é, este toma o nome de *Guapira*.

(Vide o nome *Guapira*).

Cabras.—Morro, no municipio de Itatiba.

Morro, no municipio de S. Vicente.

Morro, no municipio de Atibaia.

Ilha pequena, no oceano; do municipio de Ubatuba.

Ilha pequena, no oceano; do municipio de S. Sebastião, ao sul.

Ilha pequena, no oceano; muito proxima á barra da Enseada, na ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*; do municipio de Santos.

Cabras, corrupção de *Quâ-bae*, «ponte-agudo». De *quâ*, «apontar, ter ponta», com o suffixo *bae* (breve) para formar supino.

Allusivo a não serem razos.

Os morros são pedregosos.

As ilhas são de margens graniticas e altas; rodeiadas de profundidade. Apenas a do sul de S. Sebastião tem na face oriental um arrecife que se prolonga, sob as aguas, para o canal.

Cabreúva.—Villa situada á margem esquerda do ribeirão *Cabreúva*, affluente do rio *Tieté*, pela margem direita. O nome é do ribeirão.

Este nome nada tem com a arvore *cabreúva*, alta, de cerne vermelho, resinosa, conhecida na sciencia por *Myrocarpus frondosus* e *Myrocarpus fastigiatus*: da familia das leguminosas.

Segundo MARTIUS, no seu *Glossario ling. brasil.*, este nome significa «arvore onde pousa o passaro caburé»! E' boa...

Cabreúva, corrupção de *Qua-ába-ré-ii-bae*, «corre lento e é sujo». De *qua*, «correr, passar», *ába* particula de participio, para exprimir neste caso o modo, *ré*, «tardar, ser lento, vagaroso», para caracterisar o modo de correr, *ii*, «ser sujo, manchado», com a particula *bae* (breve), para exprimir o que é. O *qua* sôa como *ca*.

E' o inverso de *qua-'bá'-quâ*, ou como o escreve o padre A. R. DE MONTOYA, *cabáqua*, «*muito corrente*», por ser a *repetição do verbo áqua*, «correr».

Allusivo a correrem lentas as suas aguas, sobre terreno de varzea e massapé preto em grande parte, e portanto sujas.

Cabreúva.—Morro entre os municipios de Nazareth, de Mogy das Cruzes e de Conceição dos Guarulhos.

(Vide o nome *Guavirutuba*).

Cabreúva, corrupção de *Quâ-bïr-ii-bo*, «ponta alta em resvaladoiro». De *quâ* «ponta» *bir*, «elevar, alçar, levantar», *ii*, «resvalar», *bo* (breve) para exprimir o modo de estar.

Caçapava.—Cidade, á margem da estrada de ferro *S. Paulo e Rio de Janeiro*, entre S. José dos Campos e Taubaté.

Da antiga povoação dista a actual cerca de uma legua: é hoje conhecida por *Caçapava velha*.

Caçapava, corruptéla de *Caá-haçá-paba*, «travessia de monte». De *caá*, «monte», *haçáb*, o mesmo que *taçá* «passar, attravessar», *pába*, o mesmo que *ába*, «logar onde»; e é *pába*, porque *haçáb* acaba em *b*, e portanto, segundo a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, muda o *b* em *p* para formar o verbal *pába*.

A acção ou o logar de atravessar é sempre *haçapába*. Se é simplesmente «travessia de rio», dizem, *I-haçá-pába*; se é «travessia de montes», dizem, *Caá-haçá-pába*, por contracção *Caá-'çá-pába*.

Allusivo a ter sido por ahi o travessio entre as serras *Itapeva* e *Mantiqueira*.

Caçaquéra.—Logar alagadiço, no municipio de S. Bernardo.

Caçaquéra, corruptéla de *Gu-açái-quér-a*, «esparzido e parado». De *gu*, reciproco para exprimir a acção da cousa em si mesma, *açái*, «esparzir, espalhar, estender», *quér*, «dormir, estar quieto», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo ás aguas pluviaes que ahi accumulam, se espalham, ficam paradas, e são depois absorvidas pelos raios solares.

Cachimbo.—(Vide o nome Caximbo).

Cachoeira.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: no municipio de Santo Antonio da Cachoeira. A' margem esquerda deste ribeirão está a cidade deste nome.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Itatiba. Desde este ribeirão eleva-se em amphitheatro a collina, sobre a qual está assentada a cidade de Itatiba.

Affluente do rio *Turvo*, pela margem esquerda: no municipio do Espirito Santo de Barretos. A' margem deste ribeirão ha uma lagôa, tambem com o nome *Cachoeira*, tomado do ribeirão.

Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda: no municipio de Batataes.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bocaina.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Tremembé*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo. (Vide o nome *Tremembé*).

Rio, no municipio de *Cananéa;* desagua no mar *Aririaia*. Tem saltos de alguns metros de altura.

Cachoeira, corruptéla de *Cá-tã-iiêrè*, «quebra duro e derrama-se». De *cá*, «quebrar», *tã*, apócope de *tatã*, muito usada na lingua tupi para composição de nomes, «duro, rijo, forte», *iiêrè*, «derramar». Por causa de som guttural de *iiêrè*, o *t* sôa como *x*.

Allusivo a descerem as aguas, de quéda em quéda, de poço em poço, derramando-se successivamente.

A palavra *cachoeira*, portanto, nunca foi portugueza: e a prova disso está em que MORAES e AULETE, para assignalarem-lhe a origem, inventaram, em seus *Diccionarios da Lingua Portugueza*, a palavra composta *Cachão-eira:* de *cachão*, significando «agua em borbulhão depois de despenhada». Neste sentido foi usada só pelo padre ANTONIO VIEIRA (*), depois de ter estado no Brazil, a palavra *cachão*.

Por igual, a palavra *cataduípa* parece tambem de origem tupi: *cá-tã-ndú-pe*, «quebra duro com estrondo». De *cá*, «quebrar», *tã*, apócope de *tatã*, «duro», *ndú*, «estrondo», *pe* (breve), posposição significando «com». Tanto MORAES, como AULETE, dizem que *cataduípa* é de formação grega, *kata-doupos*, «som do que cahe com ruido»; e LITTRÉ, em seu *Dictionaire de la langue française*, o confirma. Em tal caso, cumpre reconhecer a coincidencia da formação grega com a formação tupi, para exprimir o mesmo facto. E', porém, digno de nota que os classicos citados por MORAES na palavra *Cataduípa*, são posteriores á descoberta do Brazil; e, pois, é possivel que nisso a formação tupi haja influido de algum modo.

Em summa: o nome *cachoeira* é tupi.

Cachoeira da Escada.—Rio que serve de divisa ás provincias de Rio de Janeiro e de S. Paulo, no littoral.

Cachoeira da Escada, corrupção de *Cá-tã-iiêrè-yo-itá*, «quebra duro derramando-se de degráu em degráu». De *cá*, «quebrar», *tã*, «duro», *iiêrè*, «derramar», *yo*, reciproco, para exprimir communicação de uns com outros, e plural, *itá*, «armação, degráus, pilares, cousa em que outra se estriba».

Allusivo a descer sobre uma série successiva de pedras talhadas em fórma de degráus.

Cachoeirinha.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Nazareth.

E' *Cachoeira*, com diminutivo em portuguez.

Cáco.— Morro, no municipio de Iporanga.

Cáco, corruptéla de *Cá-cûe*, «o quebrado». De *cá*, «quebrar, abrir», *cûe*, particula de preterito.

Mesmo a palavra *cáco*, no sentido de *cousas quebradas*, não é portugueza, senão tupi, como acima se vê.

Allusivo a ser derrocado em alguns logares (*).

(*) *Bahiano ou Portuguez?*

(*) Esta explicação estava riscada e com a seguinte nota: «Risquei. Mas, segundo informação, o nome *Caco* que tem o morro, provém de um individuo que lá era situado. Continúo, porém, a entender que a palavra portugueza *caco* é de origem tupi».

Caconde.—Cidade, desmembrada em 1864 do municipio de Casa-Branca.

Está situada a tres kilometros do *Rio Pardo.*

Caconde é corrupção de *Qûa-aquẽó-nd-ẽ*, «quebrada bem notavel, por onde passam muitos». De *qûa-'qûeó*, «passarem muitos», *nd*, intercalação para ligar o *ó* ao *ẽ*, por causa da nasalidade da pronuncia da palavra anterior, *ẽ*, «distincto, á parte». Tambem é escripto *Caqũeó*, segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani.* Por contracção, *Ca-'qû'ó-nd-ẽ.*

(Vide *Guaxupé).*

Allusivo á quebrada da serra *Cubatão*, servindo de passagem geral a todos naquella região. Nessa depressão da serra corre um affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita.

A cinco kilometros da cidade, ha a formosa cataracta, conhecida pelo nome corrupto *Varadouro*, no *Rio Pardo.* De 60 metros de largura, que na média tem este rio, estreita-se ahi, em canal de 3 a 5, aberto na rocha, na extensão de pouco mais de 100 metros, fazendo as aguas grande ruido e rodomoinhos. Nas repontas das enchentes os peixes luctam, á entrada desse estreito para serem os primeiros a subil-o.

Varadouro, corruptéla de *Y-yâr-a-yûrũ*, «colhido em estreito revolto». De *y*, relativo, *yâr-a*, infinitivo do verbo *yâr*, «colher, reunir», *yû*, «estreitar, fazer pescoço ou garganta», *rũ*, «revolver-se». O *a* final de *yâr-a* é breve.

Cadeada.—Serra, no municipio de Cananéa, servindo de divisa, pela sua ramificação *Tapinhocapa*, entre as provincias de S. Paulo e de Paraná.

Cadeada, corrupção de *Quâ-ndi-ábae*, «muitas pontas, e tortuosa». De *quâ*, «ponta», *ndi*, «muitos», *à*, «torcer», com a particula *bae* (breve) para formar participio, significando «o que».

Com effeito, esta serra, de altitude superior a 800 metros, tem muitos picos; e ramifica-se, com tortuosidades, para diversos pontos, inclusivè para o littoral, onde fórma promontorios, como o que se vê da villa de Cananéa.

Caetano.—Affluente do rio *Juqueryquerê:* no municipio de S. Sebastião.

Caetano, corrupção de *Cuá-atã-mo*, «duro no meio». De *cuá*, «meio entre os extremos», *atã-mo*, verbal derivado de *atã*, «ser duro», com o suffixo *mo* (breve) para formar supino, por ser nasal a lettra *ã* da palavra anterior.

Allusivo a ter este ribeirão gargantas graniticas entre a nascente e a fóz, mesmo no meio, entre esses extremos.

Nada tem egualmente este nome com a arvore de matto virgem, nomeada tambem corruptamente *Caetano*, cuja madeira é empregada em frecháes.

Caeté.—Ribeirão que, nascendo na serra maritima, desagua no rio denominado *Bertioga*, municipio de Santos.

Nada tem este nome com o *caité*, cujas folhas servem para forrar os *yacá*, ou *jacá.* E' tambem conhecido por *bananeira do matto*, por causa da fórma. Da familia das Musaceas.

Caeté, corruptéla de *Quâ-eté*, «caudaloso». De *quâ* infinitivo, de *aquâ*, «correr», *eté*, para exprimir o superlativo sempre que é repetido ou que se junta a verbos como neste caso.

Este ribeirão é tão caudaloso que suas aguas formam o denominado *Largo do Caeté.*

Segundo o systema dos indigenas, dando denominações com som quasi identico, mas com significação diversa a logares da mesma região, *Caeté*, com referencia a este *Largo*, é corruptéla de *Qûa-eté*, «poço grande». De *qûa*, «poço, fojo, buraco», *eté*, «grande, verdadeiro, forte».

Dizer *Largo do Caeté* é uma redundancia.

Caetétuba.—Bairro, no municipio de Atibaia.

Este nome do bairro é tirado de um morro «completamente quebrado e deitado». De *cá*, «quebrar», *eté-i*, «inteiramente, completamente», *tuba*, infinitivo do verbo *ayub*, «estar deitado, estar no chão»: *Cá-eté-i-tuba.* Nada tem tambem com o *caité*, vegetal.

Mesmo na estrada que atravessa esse bairro, ha espalhadas muitas pedras soltas, denotando ter por causa um grande derrocamento.

Cafundó.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem esquerda: nos municipios de Patrocinio de Santa Isabel e de S. José dos Campos.

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de S. José do Rio Pardo.

Cafundó, corrupção de *Quâi-yi-nd-óg*, «talhado e em concavidades tapadas». De *quâi*, «cortar, talhar», *yî*, «concavidade, oco, abertura natural», *nd*, intercalação nasal, *óg*, «tapar». O *yî* tem som guttural.

Allusivo a correrem entre barrancas altas, a prumo, como que talhadas por baixo de rochas que lhes tapam o leito em varios logares.

Caguassú.—Nome de varios morros na provincia.

Caguassú, corruptéla de *Caá-guaçú*, «morro grande» ou «matto grosso».

Ha com este nome um morro proximo á cidade de S. Paulo. Por existir ainda por esse lado uma certa extensão de matta, alguns titulos o denominaram *Matto grosso*.

Muitos quereriam que *Caguassú* fosse corruptéla de *Canguaçú* ou *Canguçú*, carniceiro da especie *mbaracayá*, do genero *Felis* ou onça: assim denominado pelos indigenas, de *acang*, «cabeça», *uaçú* ou *uçú*, «grande, grossa», conhecida na sciencia por *felis pardales*. Tanto mais que este quadrupede carniceiro habitaria tambem esse morro e os respectivos mattos.

O nome *Caá-guaçú*, não é, porém, mencionado em documentos antigos: sim, o de *Itayassupeba*, corruptéla de *Itá-guaçú-pé-bae*, «penhasco chato, chapadão», allusivo á sua parte superior.

(Vide *Itayassupeba*).

Cahêpupú. — (Vide o nome *Cuipupú*).

Cahucáia.—Morro entre os municipios de Cotia e de Una.

Cahucáia, corruptéla de *Quaî-quaî-a*, «cingido por todos os lados». De *quaî*, «cingir», repetido para exprimir superlativo, com o accrescimo de *a* (breve) para formar infinitivo.

Allusivo á sua estructura granitica.

Cahy.— Affluente do ribeiro *Cururú* ou *Pinhal*, e este do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Cabreuva e de Jundiahy.

Cahy, corruptéla de *Cá-í*, «constantemente quebrado». De *cá*, «quebrar, abrir», *í*, posposição para exprimir perseverança no facto.

Allusivo a alargar-se em muitos logares, derramando suas aguas pelas margens.

Caiassica.—Logar no municipio de Santos, nas cabeceiras do rio *Itapanhaú*.

Caiassica, corruptéla de *Caá-ci-ca*, «morros pegados». De *caá*, «morro», *ci* «pegar», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

Caiobá.—Morro elevado que marca a extremidade da maior das ramificações da serra *Itatins*, a qual se desdobra para sudoeste. E' fronteiro ao canal, na margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*, formando cabo na foz do rio *Guaratuba*.

Tambem este rio é denominado *Brejaituba* por causa de uma lagoa pequena, que existe no alto deste morro.

Caiobá, corruptéla de *Caá-hobá*, «monte aberto». De *caá*, «monte», *hobá*, «aberto».

Os indigenas, para dizerem «monte claro», usam da phrase *Caá-catú-hobá*; e, pois, *catú* é simples accrescimo para exprimir superlativo. A palavra *hobá* significa «aberto, desentulhado, despegado, claro, lucido». Assim, um morro isolado, sem estar pegado á serra ou a outro monte, é *caá-hobá*.

Exactamente, este monte *Caiobá* é isolado, e portanto aberto de todos os lados.

Caipupú.—Serra, no municipio da Conceição de Itanhaen.

Caipupú, corruptéla de *Caá-popú*, «monte que sôa ôco». De *caá*, «monte», *popú*, «o que sôa ôco».

Já li escripto tambem *Cahẽpupú*.

Cairossú.—Nome de bairros na provincia de S. Paulo.

Cairossú, corrupção de *Caá-yurû-oçú*, «entrada grande ou larga do monte». De *caá*, «monte», *yurû*, «bocca, entrada», *oçú*, «grande, largo». Por contracção, *Caá-yurû-'çú*.

Esses logares eram assim nomeados e assignalados, para a certeza das communicações.

Cajú.—Vertente do ribeirão *Itaim*: no municipio de Parnahyba. Nasce junto ao morro *Jaraguá-mirim;* e, quando engrossa, e começa a quéda, toma o nome *Itaim*.

Cajú, corruptéla de *Acú-yú*, «tépido». Allusivo a serem caldas suas aguas. Com effeito nasce em morro aurifero.

(Vide o nome *Itaim*).

Cajurú.—Villa á margem do ribeirão *das Mortes*, distante um quarto de legua do que traz o nome *Cajurú*, e que é affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Cajurú e de S. Simão.

Segundo frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario das palavras indigenas*, o nome *Cajurú* significa «matto triste e feio». E Martius, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, escreveu significar «matto de papagaios»! —de *caá*, «matto», *ajurú*, «papagaio».

Tudo isto não tem razão de ser. Errou tanto um como outro.

Mais procedencia teria a derivação do nome do um arbusto proprio dos terrenos siliciosos: *ajurú*, *guajurú*, *vajurú*, *gagerú*, *guajuri*; nomes estes mais ou menos corruptos. Da familia das Rozaceas: conhecido na sciencia por *multicaulio icaco*. Do arbusto viria o nome ao ribeirão; pois que ha, com effeito, ali esse arbusto com fructos adstringentes.

Porém, o nome *Cajurú* não é do ribeirão; este o traz emprestado.

Cajurú, corruptéla de *Caá-yûrú*, «bocca ou quebrada do monte». De *caá*, «monte», *yûrú*, «bocca, entrada».

Com effeito, á quebrada da serra é a posição ou situação do logar; quer o antigo arraial, á margem esquerda do ribeirão *Cajurú*, quer a actual villa, á margem direita do ribeirão *das Mortes*.

No *Itinerario da viagem terrestre, da cidade de Santos, na provincia de S. Paulo, a Cuyabá, capital da provincia de Matto Grosso*, pelos engenheiros major J. M. da S. Reis e capitão J. da Gama Lobo d'Eça, em 1857, ha os seguintes trechos:

«A' meia legua do Catingueiro, passa-se pela ponte que transpõe o ribeirão do Cubatão, o qual borda o serrote do mesmo nome, e um quarto além o ribeirão das Mortes, que corre sobre lage. Deixando o ribeirão das Mortes, caminha-se um quarto de legua até o arraial do Cajurú, e passa-se o ribeirão do mesmo nome, correndo sobre arêa, e permittindo passagem a váo, e uma legua além o corrego e rancho do logar chamado—Lage».

O nome *Cajurú*, em summa, assignala sómente a entrada para o travessio do monte.

Calhetas.—Praia, ao sul da cidade de S. Sebastião.

Calhetas, corrupção de *Caá-yheỹî-ta*, «monte rasgado». De *caá*, «monte», *yheỹî-ta*, supino do verbo *heỹi*, «rasgar», precedido do *y* relativo, e fechado pelo suffixo *ta* (breve) por causa do *î* com accento circumflexo.

As praias são interrompidas por montes que se prolongam até ao mar; e, pois, o nome *caá-yheỹî-ta* é allusivo a serem rasgados os montes ou morros divisorios dessa praia com a septentrional e a meridional, *Toque-Toque-Pequeno* e *Toque-Toque-Grande*.

(Vide estes dous nomes).

Camandocaia.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita; pelo que é tambem nomeado *Jaguary-mirim*: entre

os municipios de Bragança, de Amparo, Soccorro e Mogy-mirim.

Um seu affluente, pela margem direita, traz o nome *Camandocaia-mirim*: serve de divisa aos municipios do Amparo, Serra-Negra e Mogy-mirim.

Segundo alguns, *Camandocaia* significa «terras ferteis». Segundo outros, significa «feijão queimado»: de *cumandá*, «feijão», *cáia*, «queimar».

Induzido por esses dous erros, mas não para seguil-os, suppuz que seria corruptéla de *Caá-mondó-cáia*, «sitio de queimada para caçar». De *caá-mondó*, «caçar», *cáia*, «queimar». Com effeito, os indigenas usavam fazer queimadas para caçarem em abundancia, e assim reunirem grandes provisões.

Apanhados os animaes, os moqueavam. Moquear é assar a fogo lento, sobre uma grelha de madeira, denominada *mocaẽtá* ou só *mocaẽ;* geralmente de fórma triangular, descançando cada angulo em uma pedra ou em uma forquilha de madeira resistente ao fogo. Assim assados o peixe e a carne, conservavam esses alimenticios sem sal algum, durante algum tempo. A palavra *moquear*, hoje aportuguezada, vem de *mocaẽ*, «seccar, enxugar, tostar», *tá*, contracção de *tátá*, «fogo».

Mas, conforme o systema que empregavam para as denominações, os indigenas não cogitavam da «queimada para caçar», por mais abundante de caça que houvesse sido essa região.

Camandocaia é corruptéla de *Quâmã-nd-o-quâî-a*, «gargantas, impedimentos e poços». De *quâ*, «poço, fojo, buraco», *mã*, «impedimentos», *nd*, intercalação nasal, *o*, reciproco, *quâî-a*, infinitivo, sem caso, de *quâî*, «fazer cintura, garganta, estreitar apertando». O *u* de *quâ* e de *quâî-a* é pronunciado quasi imperceptivelmente.

Allusivo a correr entre montes, com gargantas em que as aguas se precipitam para depois cahirem encachoeiradas, formando poços.

Cambahúva.—Affluente do ribeirão *Das Cruzes*, e este do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal.

Cambahúva, corrupção de *Gu-ambũiĩ-bo*, «margens resvaladias». De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ambiĩ*, «lado, costado», *iĩ*, «resvalar», *bo* (breve) para formar supino.

Allusivo a ter as margens em resvaladouro, e lodosas.

Cambaiuvoca.—Morro, no municipio de Jaboticabal.

Cachoeira no rio *Tieté*, abaixo da fóz do rio *dos Porcos*, no mesmo municipio.

Cambaiuvoca, corruptéla de *Gu-ambũbogca*, «fendido ao lado». De *gu*, reciproco, *ambiĩ*, «lado, costado», *bóg*, «fender-se, gretar-se, abrir-se», levado ao supino pelo accrescimo de *ca* (breve).

Quanto ao morro, o nome é allusivo a grutas que nelle existem, bem como ás fendas que mostra.

Quanto á cachoeira, o nome allude ao canal que se mostra aberto ao lado, entre os arrecifes e a margem do rio.

Cambará. — Affluente do ribeirão *Paraty*, pela margem direita: no municipio de Jacarehy.

Cambará, corruptéla de *Guãã-mbáraá*, «alagadiços pestilentos». De *guãã*, «enseada, alagadiço», *mbáraá*, «doença, enfermidade, febres palustres».

Allusivo a produzirem febres as suas aguas transbordadas e paradas nas enseadas.

Hoje tem o nome *Remedios*, por causa da Capella que existe em suas cabeceiras ou vertentes.

Cambaropy.—Rio que, nascendo na serra *Aririáia*, corre no municipio de Cananéa, e desagua no mar conhecido tambem por *Aririáia*.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, este nome significa «peixe de escamas».

Cambaropy, corrupção de *Camambúrupí*, «com bolhas». De *camambú*, «empôla, bolha», *rupí*, posposição significando «com».

Allusivo ao facto de fazerem bolhas em empôlas as aguas deste rio, certamente por serem mineraes.

Camberihú. — Ilha pequenina, em uma enseada, a leste da ilha *Cardozo.*

Camberihú, corruptéla de *Paã-mboriahú*, «ilha esteril». De *paã*, «ilha». *mboriahú*, «pobreza, esterilidade, sem prestimo».

Cambixa.—Affluente do rio *Una da Aldêa:* no municipio de Iguape.

Cambixa, corrupção de *Cambi-ca*, «forqueado». De *hacambi*, «fazer forquilha, forquear», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino, perdendo por isso o *ha* inicial.

Allusivo a ter dous braços em forquilha.

Cambory.—Pequeno ribeirão que nasce na serra maritima e que desagua no canal da Bertioga; no municipio de Santos.

Pequeno ribeirão que nasce na serra maritima e desagua no oceano; no municipio de S. Sebastião.

Affluente do rio *Itanhaen*, pela margem direita: no municipio de Itanhaen. E' conhecido por *Cambury-guassú.*

Cambory, corruptéla de *Gu-ambi-ri*, «successivamente apertado». De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ambi*, «apertar entre duas cousas», *ri*, o mesmo que *rehé*, «successivamente».

Allusivo a correrem suas aguas successivamente, entre margens altas.

Cambuçá. — Affluente do ribeirão *Anna da Costa:* no municipio de Iguape.

Cambuçá, corruptéla de *Gu-ambii-çáî*, «ambas as margens estendidas». De *gú*, reciproco, *ambii*, «lado», *çáî*, «estender, esparzir».

Allusivo a ter baixas as margens; de sorte que com as chuvas as aguas se esparzem.

Por isso, é mais uma lagoa corrente do que propriamente um ribeirão.

Cambucy.—Morro proximo á cidade de S. Paulo, ao sul.

Affluente do rio *Tamanduatchy*, pela margem esquerda, logo em seguida a aquelle morro.

Cambucy, nome do morro, é corruptéla de *Gu-ã-mb-y-cỹ*, «empinado em resvaladouro». De *gu*, para exprimir neste caso o modo de estar, *ã*, «empinar, estar erecto», *mb*, intercalação nasal para ligar a *y* relativo, *cỹ*, «resvalar».

Allusivo ás suas encostas alcantiladas.

Cambucy, nome do corrego, é corruptéla de *Gu-ã-mbicỹ*, «fundo liso e margens empinadas». De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ã*, «empinar», *mbicy*, o mesmo que *picỹ*, «fundo liso», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *ã*.

Allusivo a correr livremente, sem embaraço algum, entre margens altas.

Cambuhy.—Morro, no municipio de Araraquara.

Cambuhy, corruptéla de *Gu-ã-mboí*, «despegado e empinado». De *gu*, para exprimir o modo de estar, *ã*, «empinar», *mboí*, «despegar, separar, cortar».

Allusivo a ser separado da serra, tendo alcantiladas as encostas.

Cambury.—Ilha pequenina, na fóz do pequeno ribeirão que traz, no som, quasi o mesmo nome: no municipio de S. Sebastião.

Cambury, corruptéla de *Quâ-mbiri*, «um pouco pequenita». De *quâ*, «pequenita», *mbiri*, «um pouco». O primeiro *i* de *mbiri*, tem som guttural, por existir na palavra um segundo *i*, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani.* Dahi o som *Q'â-mburi.* O *u* de *quâ* tem som quasi imperceptivel; ou de todo imperceptivel para os que não fallam a lingua tupi.

O bairro tirou desta ilhota o nome.

Campanã.—Estreito, no rio *Paranapanema*, á barra do corrego *Neblina.*

Campanã, corruptéla de *Gu-apá-nhã*, «torcida e em corredeira». De *gu*, para exprimir o modo de estar, *apá*, «torcida», *nhã*, «correr».

E' pronunciado *G'-ãpã-nhã*, porque o som nasal de *nhã* torna tambem nasal as outras vogaes, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani.*

Com effeito, ahi a largura do rio é reduzida a seis metros, formando um canal torcido, em terrivel corredeira.

Campina.—Ribeirão, no municipio de Apiahy, que, com outros, fórma o rio *Apiahy-guassú.*

Morro, na serra maritima, onde nasce aquelle ribeirão.

Campina, nome do ribeirão, é corruptéla de *Gu-api-ĩ-na*, «de volta em volta». De *gu*, para exprimir o modo de estar, *api*, «torcer, fazer voltas, ladear», *ĩ-na*, «estar».

Allusivo a descer fazendo successivas voltas, ladeando o morro.

Campina, nome do morro, é *Gu-apĩ-na*, «pellado». De *gu*, para exprimir o modo de ser, *apĩ*, «pellado, despontado», com *na* (breve) para completar a palavra.

Estes dous nomes são pronunciados *G'-ãpĩ-na*, porque o som nasal de *ĩ* nasalisa o *a* de *api*, segundo a lição do padre A. R. MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani.*

Allusivo a ser escalvado e despido de vegetação.

Campinas.—Cidade notavel por seu commercio e industria. Era a antiga freguezia de N. S. da Conceição, e depois villa de S. Carlos.

O local em que posteriormente estendeu-se a povoação, era conhecido por *Caá-eté* «matto grosso», por causa da floresta ou matta virgem que o cobria.

O nome *Campinas* corresponde apenas ao local em que foi edificada, ha mais de um seculo, 1772—1773, a pequena ermida de N. S. da Conceição.

Não é nome portuguez, no sentido aqui empregado: *caá-apĩ-na*, «monte sem vegetação». De *caá*, «monte», *apĩ*, «ser pellado, calvo», e, com referencia á terra ou monte, significa «ser escalvado, sem arvores nem plantas», com o accrescimo *a* por acabar em consoante, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, podendo mesmo considerar-se em supino, pelo *suffixo na*, por ser nasal a pronuncia do *ĩ final. Este som nasal* do *ĩ* final fere tambem *caá*, conforme a regra dos grammaticos, soando *caã.*

Caá-apĩ-na para contrastar com *Caá-eté.*

MORAES, em seu *Diccionario da Lingua Portugueza* e, com elle, outros, não dá a etymologia da palavra *Campina;* e modernos são os classicos por elle citados. Acredito que seja de origem tupi.

Campo-Largo (de Atibaia).—Freguezia, no municipio de Atibaia.

Situada a dous kilometros do ribeirão *Maracanã*, melhor fôra que guardasse este nome bem corrigido.

(Vide o nome *Maracanã*).

Campo-Largo, corrupção de *Caá-pó-îeechág*, «chapadão, a perder de vista.» De *caá*, «monte», *pó*, o mesmo que *bó*, «extensão, grandeza», *ieechág*, «o que alcança a vista».

Não se trata de *campo*, propriamente tal, mas de *chapada* e *chapadão:* são formações differentes.

A chapada é sempre sobre o monte, e esteril. O som da palavra composta *caá-pó* produziu *campo;* até mesmo porque a chapada tem disso a apparencia. E *îeechág* produziu *largo.*

Campo-Largo (de Sorocaba).—Villa, á margem direita do ribeirão *Guacuriú.*

Tambem ahi ha chapadas ou chapadões, semeados de lagoas, em uma das quaes nasce o referido ribeirão.

Portanto. *Campo-Largo* é, ainda aqui, corrupção de *Caá-pó-ieechág* «chapadão a perder de vista».

Campos Novos (Remedio dos).—Freguezia, no municipio de Cunha.

Camuna.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita no municipio de Iguape.

Camuna não é o nome verdadeiro deste ribeirão; sim *Momuna.*

Inclui neste Diccionario o nome *Camuna*, porque li-o em um escripto.

(Vide o nome *Momuna*).

Cananéa.—Villa situada na ilha do mesmo nome.

Cananéa, como nome da ilha, poderia ser corruptéla de *Caá-anã-n-é*, «monte espesso, separado». De *caá*, «monte», *anã*, «espesso, grosso», com applicação a corpo, bosque, monte, *n*, intercalado por ser nasal o som de *nã*, a ligar com *é*, «separado, á parte».

Allusivo a estar separado do continente pelo *Candairó*. Por contracção, *Caá-'nã-n-é*.

Os indigenas, nomeando-a *Caá-anã-é*, quereriam talvez assignalar a differença entre essa ilha e a denominada corruptamente *Ilha Comprida*, porque esta é arenosa e sem vegetação, tendo apenas algum mangue.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «Sahi da ilha de Iguape para a de Cananéa em canôa pelo braço de mar (ou Mar-pequeno) formado pela terra firme e pela lingua de terra, ou ilha, que decorre desde a barra do norte de Iguape até Cananéa: esta ilha estende-se até doze leguas (segundo julgo) e vem fazer o pontal da villa de Cananéa com o morro, por detraz do qual fica a villa deste nome. Tendo andado cousa de cinco ou seis leguas,..... mais adiante, o mesmo braço alarga-se e divide-se em dous, mettendo-se de permeio uma ilha, que se prolonga ao sul até perto da barra, e sobre cuja extremidade fica a villa de Cananéa: estes dous braços, que correm, um por diante da villa, e outro por detraz, tornam a reunir suas aguas junto á barra, e reunidas desaguam no mar. E' da barra de Cananéa, ou da barra de Iguape, que se servem os desta villa, porque a outra, por baixa, não admitte embarcação de qualidade alguma... A villa de Cananéa fica na ilha, em baixo do morro mencionado, á borda do mar».

E, pois, attendendo bem para esta descripção e para a phrase usada em algumas chronicas «*as ilhas* da Cananéa»,—assaltou-me o espirito a duvida —se o nome era da ilha ou do braço mencionado; e assentei *que era* deste. O braço ou canal teria o nome *Canã-n-é*, «tortuoso sem perigos». De *canã*, «tortuosidades, meneios, meneiar-se», *é*, «commodidade, facilidade, sem embaraços, sem perigos», com a intercalação de *n*, por ser nasal a syllaba *nã*.

Allusivo a ser de boa navegação, apezar das tortuosidades, esse braço de mar; em contraste com o outro braço parallelo, entre a ilha e o continente.

Todavia, quer a ilha, quer o canal, podiam ter recebido as mencionadas denominações em tupi. E os indigenas sohiam usar disso, no modo de nomear logares.

Cancan.—Cachoeira, no municipio de S. Carlos do Pinhal. O ribeirão, em que ella existe, traz tambem esse nome: e é affluente do ribeirão *Monjolinho*, pela margem direita, e este do rio *Jacaré-pipira-guassú*, tambem pela margem direita.

(Vide os nomes *Monjolinho* e *Jacaré-pipira*).

Cancan é corruptéla de *Tan-tan*, «duro».

Allusivo a ser uma cachoeira perpendicular de cerca de cem metros de altura, com enorme estrondo que ahi as aguas fazem ao despenharem-se.

Candapuhy.—(Vide os nomes *Comprida* e *Condapuhy*).

Canella.—Affluente do rio *Una do Prelado*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Canella, corrupção de *Quá-né*, «muito corrente». De *quá*, infinitivo de *áquá*, «correr», *né*, adverbio affirmativo, dando maior energia ao verbo.

Allusivo á velocidade de suas aguas, ao descerem da serra em forte declive.

Caneú.—Laga-mar, ou a parte interior da bahia de Santos.

Caneú, corruptéla de *Canã-i-hu*, «torvellinho incessante». De *canã*, «meneiar-se, dar voltas», *i*, posposição para exprimir perseverança, *hú*, «revolução, turbação interior».

Por contracção, Can'-i-hú.

Segundo frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, o nome *Caneú* significa «logar onde as aguas se reunem». E' o caso de dizer que ouviu cantar o gallo, mas não soube onde. Com effeito, o incessante torvellinho que ahi fazem as aguas é o resultado do encontro de diversas correntes, com variedade de procedencias, nesse logar da bahia.

O nome não é, portanto, do laga-mar da bahia, senão só do local em que existe esse incessante torvellinho.

(Vide o nome *Engaguassú*).

Cangaguá.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Cangaguá, corruptéla de *Cang-aguáa*, «enseadas seccas». De *cang*, «secca, enxuta», *aguáa*, «enseada, varzea».

Allusivo a serem enxutas as varzeas marginaes.

Mas, ha uma particularidade deste ribeirão: nasce em uma lagoa, no alto da serra *Itapeti*, a qual só tem agua no tempo de chuvas, e por isso é tambem denominada *Cang-aguáa*, «lagoa secca».

E' o conhecido jogo linguistico dos indigenas.

Cangica.—Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia, proximo ao arraial *Terra-Preta*.

Affluente do ribeirão *Guarahú*, pela margem direita: entre os municipios de Itú e do Salto.

Cangica, contracção de *Cangi-ca*, «fraco, debil, de pouca força», em forma de supino pelo accrescimo do suffixo *ca* (breve).

Allusivo a ser um corrego pequeno e razo, sem força alguma de correnteza, parecendo agua parada.

Eu mesmo, em viagem da cidade de S. Paulo á cidade de Atibaia, quando ainda não existia estrada de ferro, tive occasião de observal-o.

Cangioca.—Pequeno rio, na ilha *Cardoso: no municipio de Cananéa.*

Cangi-og-ca, «de pouca força, e tapado». De *cangi*, «fraco, debil, de pouca força», *og*, «tapar», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino, supprimido ou não o *g* final.

Allusivo á sua pouca correnteza, e ás arêas que amontoam-se em sua fóz; sendo que não tem fonte e é apenas alimentado pelas aguas das chuvas.

Canguéra.—Affluente do rio *Piragibú*, pela margem direita: no municipio de S. Roque.

Canguéra, desarticulado em *Canguêra*, «o sêcco». De *cang*, «seccar, enxugar ou ser enxuto», *uêra*, o mesmo que *cûe* ou *cuêra*, particula de preterito, ainda que algumas vezes se toma como particula de presente.

Allusivo a não ter agua senão em tempo de chuvas; e, por isso, seccar, em tempo diverso.

Canha.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem direita: entre os municipios de Iguape e de Cananéa.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Taubaté e de Caçapava.

Affluente do rio *Atibaia*, quando ainda traz o nome *Atibainha*, pela margem esquerda: no municipio de Nazareth. E' mais conhecido por *Cachoeirinha*.

Canha, corruptéla de *Canhỹ*, «o sumido». O *ỹ* tem, na pronuncia, som gutural e nasal, conforme a regra ensinada pelo padre A. R. DE MONTOYA, no *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a sumirem-se debaixo de pedras ou debaixo da terra.

O primeiro supra mencionado é conhecido por *Iconha*, de *Y-canhỹ*, corruptéla ainda maior do que *Canha*.

(Vide o nome *Iconha*).

A proposito deste verbo *canhỹ*, li, ha tempos, uma dissertação sobre a palavra *canhembóra*, dizendo o escriptor que era mixta de tupi e africano. E', porém, palavra inteiramente tupi; formada do verbo *canhỹ*, com o accrescimo de *bóra* para significar a mesma pessoa, em muita continuação e costume, v. g., *canhembára*, «o que anda fugido, ou per-

ido», *canhembora*, «o fujão, que costuma fugir», segundo a lição textual do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. A palavra *canhỹ-mbóra* é mais correcta do que *canhem-bóra*.

Canivete.—Affluente do ribeirão *Tapuxinga*, pela margem direita: no municipio de Bragança. O *Tapuxinga*, depois de receber as aguas de outros corregos, engrossa, e toma o nome *Uberaba*, para affluir no rio *Jaguary* pela margem esquerda.

Canirete, corrupção de *Cany-éteî*, «morto por inutil». De *cany*, «morto, perdido, acabado», *éteî*, «inutil, ocioso».

Allusivo a ser um *rio morto:* apenas corrente no tempo das chuvas.

Tem o leito obstruido de terras roladas da collina sobre que está a cidade de Bragança, e dizem que em consequencia de excavações na mesma serra. Acredito, porém, mais em facto natural, porque o nome é antigo e anterior á conquista.

Canôas.—Affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no municipio da Franca.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Bocaina, de Silveiras, e de Arêas.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy-guassú.

Affluente do rio *Arêas*, pela margem esquerda: no municipio de Mocóca e de Caconde.

E ha outros cursos d'agua com esse nome assim corrupto. Nada tem com *canôa*.

Canôas é corrupção de *Canhỹa*, «o sumido». De *acanhỹ*, «desapparecer, perder-se, sumir-se», formando *canhỹa* no infinitivo, segundo a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, para perder o primeiro *a* e accrescentar outro *a* no fim. O *y* tem na pronuncia o som guttural e nasal.

O affluente do rio *Parahyba* tem tambem o nome *Itá-qûa-çaba*, significando a acção de *passar entre pedras*.

As aguas de todos estes ribeirões correm entre, sobre, ou por baixo de pedras furadas e mesmo penedias altas.

Cantaréira.—Serra entre os municipios de S. Paulo, Conceição dos Guarulhos, Mogy das Cruzes, Santa Izabel e Patrocinio de Santa Izabel: extremidade sudoeste da serra *Mantiqueira*.

Cantareira, corrupção de *Caá-haty-aî-yo-yrè-yrè*, «montes tesos, uns atraz dos outros». De *caá*, «monte, morro», *haty-aî*, «erecto, teso», *yo*, reciproco para exprimir plural e communicação de uns com outros, *yrè-yrè*, «uns atraz dos outros». Pela difficuldade da pronuncia do nome, os portuguezes entenderam *Cantareira*. O ultimo *yrè* é pronunciado breve e corrido. Todos os *y* são pronunciados gutturalmente e quasi não ouvidos.

Esta serra *Cantareira* é uma *corda de morros*, dos quaes os mais altos attingem altitude superior a 950 metros; sendo certo que o *Jaraguá* tem 1.100 metros. Esta corda de morros prolonga-se para nordeste, sob os nomes *Bananal*, *Itaberaba*, *Retiro* e *Itapehy*, e outros, até á grande curva do rio *Parahyba*, e mais ao norte até á serra *Mantiqueira*.

Esses morros são mais ou menos erectos como o *Jaraguá*.

Capahyba.—Affluente do rio *Jacarépipira-mirim*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jahú e de Dous Corregos.

Capahyba, corruptéla de *Há-pa-ĩ-bae*, «o que é sujo e sinuoso». De *há*, «torcer, voltar», levado ao supino pelo accrescimo da particula *pa* (breve), *ĩ*, «ser sujo», *bae* (breve), particula de participio. O *h* é aspirado: dahi a corruptéla para *c*.

Capão.—O nome de alguns morros: de *cáa*, «monte, morro», e *paũ*, «ilha, insulado, isolado». Os indigenas o applicavam, não só aos montes, como aos mattos salientes e separados ou isolados; e tambem aos montes cavernosos. Neste ultimo sentido, *Capão* é corruptéla de *Caá-apan*, por contracção *Caá-'pan*, «morro sonante», allusivo a ter grutas ou cavernas.

Ha o *Capão-Alto,* no municipio de Itapetininga.

Ha o *Capão-Bonito*, no municipio de Paranapanema.

E outros.

Quanto ao *Capão-Bonito,* é certo que a serra marginal do ribeirão *Almas*, no municipio de Paranapanema, encerra muitas e successivas grutas.

(Vide o nome *Almas).*

Capão Bonito de Paranapanema.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Almas.*

Sempre pareceu-me extranho o nome *Capão Bonito*, que antecede ao *Paranapanema;* e pessoa alguma podia explicar-m'o. Consegui, porém, saber o que era isso. Não ha razão para que a villa ainda conserve esse nome; porque era o da antiga povoação no logar em que está o monte.

Capão Bonito, corruptéla de *Caá-apã-ibyî-ta*, «monte cavernoso e sonante». De *caá*, «monte», *apã,* «soar, ter som», *ibyî*, «cavernar, ser concavo, ser ôco», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino. Contrahido em *Caà-'pã-byî-ta.* E' guttural o som do *y*.

Com effeito, distante da villa 20 kilometros, mais ou menos, e afastada do ribeirão *Almas* cerca de 3, á margem direita, ha nma pequena montanha, na qual existe uma gruta, extensa e profunda. Tem 3 pavimentos: o de cima mede 25 metros de comprimento sobre 12 de largura; o do meio, 8 de comprimento sobre 5 de largura e 4 de altura, o ultimo é em baixo dos dous, nas profundezas. No superior, as stalagmites formam um como altar. No médio, cuja entrada é por uma abertura no sólo do primeiro, proxima á rocha, ha pendentes da abobada duas stalactites que, tocadas com pedra ou objecto de ferro, sôam como sino. No ultimo, passa um corrego, cujas aguas, em cascata, despenham-se de grande altura, com estrondo.

Que construcção engenhosa a deste nome! Até o som de sino nas stalactites teve representante na palavra *apã.*

Capão Bonito do Rio Novo.—Ha um bairro *Capão Bonito* no municipio de Rio Novo. Nesse bairro, segundo escreveu-me um informante local, «ha um morro bastante elevado nas cabeceiras do corrego *Ponte-Alta* e que é visto a grande distancia, bem como mais ao oeste ha uma ponta de serra, que pelo lado sul não é accessivel, tornando-se por isso tambem muito saliente: distam um do outro dous a tres kilometros».

Capella do Monte Serrate de Itú.—Povoação assentada á margem do rio *Tieté*, no logar em que está o denominado *Salto.* E' hoje uma freguezia; e com varias fabricas, entre as quaes duas ou tres de tecidos e uma de papel, desenvolve sua prosperidade.

Capetevar.—Esta palavra está escripta incorrectamente no titulo de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532, para a descripção dos respectivos limites.

Em 1674, o padre jesuita LOURENÇO CRAVEIRO, annotando este titulo, escreveu não ser conhecido este *Capetevar.* Certamente não o podia ser:—porque não era nome correcto. Os indigenas denominavam o cabeço mais alto, no meio de uma serra, pela palavra *Caá-apité-á:* de *caá*, «monte», *apité*, «centro, meio», *á*, «cabeça, saliencia». Por isso, nesse documento antigo de sesmaria, está escripto: «. . . subirá para serra ácima até o cume, e dahi a buscar o *capetevar*, e dahi virá entestar com o rio. . .»

O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *apitéruá*, «sobresahir entre os demais, estar com eminencia». Sem duvida, mudado o *u* em *v*, a corruptéla fica explicada.

Capinzal.—Affluente do rio *Jacúpiranga*, pela margem esquerda: entre os municipios de Iguape e de Xiririca.

Capinzal, corrupção de *Caá-api-çáì*, «o que ladeia o montè, e derrama-se». De *caá* «monte», *api*, «ladeiar», *çáì*, esparzir-se, estender-se, derramar-se». Por contracção, Caa-' pi-çáì.

Ha, com effeito, nas baixadas em que correm esses ribeirões, depois de cahirem do monte, capim em abundancia: dahi a corrupção para *Capinzal.*

Capinzal.—Affluente do rio *Piroupava:* no municipio de Iguape.

Capinzal, com referencia a este ribeirão, é, sim, corrupção de *Caá-pi-ĩ-áoçe*, «muito abundante de capim». De *cáa*, «herva», *pì* «pello», *ĩ* «fino», *áoçe* posposição para exprimir superlativo. A palavra *capím* não é portugueza, é *tupi*: designa o cabello herbaceo, ou a herva em forma de cabello.

Allusivo a ter em seu leito capim em tal abundancia que impede a sua navegação e mesmo o curso de suas aguas.

Capituba.—Nome de logares altos e de cursos d'agua.

Se se trata de logares, *Capituba* é corruptéla de *Caá-a-pi-tù-bo* «morro socado no alto». De *caá* «morro, monte», *á* «cabeça», *pi* «centro, meio», *tù-bo*, verbal derivado de *tú* «golpear, socar» com o suffixo *bo* (breve) para exprimir o modo de estar.

Allusivo a chapadas no cume desses morros.

Se se trata de cursos d'agua, *Capitúba* é corruptéla de *Caá-api-i-tú-bo* «o que ladeia o monte aos saltos». De *caá* «monte, morro», *api* «ladeiar», *i-tú-bo*, verbal derivado de *i-tú*, «saltar a agua» com o suffixo *bo* (breve) para exprimir o modo de estar.

Allusivo a saltos ou quédas, ao ladeiarem o monte.

Capivara.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Botucatú e S. Manoel.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita, no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Capivara, nome destes ribeirões, nada tem com o quadrupede *capíi-uára* ou *capìibá*. Este quadrupede habita ás margens de rios e de lagoas, nos capinzaes. E' de facil domesticação, apanhado pequeno: e, domesticado, acompanha os donos como cão. E' arisco: ao menor ruido, foge, e atira-se na agua do rio ou lagoa proxima; mergulha, e, caminhando pelo leito, reapparece longe. E' semelhante ao porco, porém mais alongado no comprimento e mais comprimido na largura. Tem o systema dentario quasi como o das pacas e cotias. A cabeça é comprida, mas o focinho é arredondado: as orelhas, pequenas, arredondadas, pretas, quasi sem pello; os olhos grandes e negros. Os membros dianteiros têm quatro dêdos; os trazeiros, tres sómente: ligados por membranas necessarias para a natação, e armados de unhas pretas, fortes e encurvadas. Pello duro e aspero. Sem cauda. Ha duas especies: a commum, cuja côr é pardo-amarellado nas costas, esbranquiçado na barriga: e a *capíiuara-túga*, inteiramente branca. Na sciencia, este roedor é denominado *Cabiaia* ou *Hydrochocrus-capybara.*

O nome dos ribeirões *Capivara*, ainda mesmo que ahi haja abundancia de tal quadrupede, não se explica pelo nome deste. E' corruptéla de *Caá-api-yâ-ára*, «o que se arrima ao monte, ladeando-o». De *caá*, «monte», *api*, «ladeiar», *yâ* «arrimar-se, pegar-se», *ára*, verbal para formar participio, exprimindo neste caso o modo da acção do verbo. Por contracção, *Caá'-pi-yâ-'ra.*

Allusivo a descerem as aguas sempre pegadas ao monte.

Ambos estes ribeirões *Capivara* têm saltos e corredeiras. O affluente do rio *Paranapanema* mostra, além de outros, um de quatro metros de altura, perto da estrada: sua correnteza é de tres metros por kilometro.

Capivara.—Cachoeira no rio *Paranapanema*, 30 kilometros mais ou menos abaixo do rio *Tibagy*, affluente daquelle pela margem direita.

Capivára é, tambem no nome desta cachoeira, corruptéla de *Caá'-api-yâ-ára*, por contracção *Caá-'pi-yâ-'ra*, «o que se arrima ao monte». De *caá* «monte», *api* «ladear», *yâ* «arrimar-se, pegar-se», *ára*, verbal para formar participio, exprimindo neste caso o modo de acção do verbo.

Allusivo a ser o canal principal muito unido ao monte que á direita margêa o rio.

O outro canal mais largo é trancado por uma muralha, na qual ha um salto de quasi um metro de altura.

Entre os dous canaes ha um ilhote, cujo comprimento é de cerca de 200 metros.

O canal da margem direita tem de 15 a 20 metros de largura; e as aguas correm por ahi impetuosamente, em plano fortemente inclinado.

Capivarú.—Affluente do rio *Piroupava*, no municipio de Iguape.

Capivarú, corruptéla de *caá-pii-arú* «o que tem capim». De *caá* «folha, herva», *pii*, «fino, delgado», *arú*, «conter, possuir». E ainda por isto se vê que *capim* não é palavra portugueza, senão tupi.

Allusivo a ter sempre capim no leito, em forte tecedura.

Capivary.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: nos municipios de Campinas, de Indaiatuba, de Monte-mór e de Tieté. A' sua margem está assentada a cidade de Capivary. E' o *Capivary-guassú*.

Affluente do mesmo rio *Tieté*, e tambem pela margem direita: com o nome *Capivary-mirim*.

Affluente do supra mencionado rio *Capivary*, denominado, por isso, *Capivary de cima*. A' margem direita deste rio está a villa de Monte-mór.

Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem esquerda: nos municipios de Itapetininga e de Paranapanema.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Jambeiro, Caçapava e S. José dos Campos. Este ribeirão divide em duas partes a villa de Jambeiro.

Affluente do rio *Capivara*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem esquerda: entre os municipios de Rio Novo e de Espirito Santo da Boa Vista.

E outros.

E' tambem o nome de outros cursos d'agua, ribeirões e corregos; assim como de bairros proximos ou banhados por taes cursos d'agua.

Capivary, corruptéla de *Caá-api-yâ-àra-i*, «o que ladeiando o monte, arrima-se perseverantemente a elle». De *caá*, «monte», *api*, «ladeiar», *yâ*, «arrimar-se, pegar-se», *àra*, verbal para formar participio, exprimindo o modo da acção do verbo, *i*, posposição para exprimir perseverança. Por contracção, *Caà-'pi-yâ'-r'-i*.

Allusivo a descerem as aguas ladeiando o monte e sempre arrimadas a este.

Capoeiras.—Morros no municipio de Apiahy. Ahi nasce o *Taquari*, affluente do rio *Ribeira de Iguape*.

Capoeiras, corruptéla de *Cá-pûera*, «o quebrado». De *cá*, «quebrar-se, derrocar-se», *pûera*, particula de preterito.

Allusivo á fórma eruptiva desses morros.

Nada tem com *cáa-pu-êra*, «matto outr'ora derrubado»: de *cáa*, «matto», *pu*, «rebentar, derrubar rebentando», *êra*, particula de preterito.

Capuava.—Pequeno rio, no municipio de Caraguatatuba. Nasce na serra maritima.

Nada tem com *capuaba*, «matto ou monte derrubado»: de *caá*, «monte ou matto», *pu*, «rebentar, derrubar rebentando», *ába*, verbal para formar participio e exprimir o logar.

Capuava, corrupção de *Ti-apú-ába*, «rio estrondoso». De *ti*, agua, rio», *apú*, «estrondar», *ába*, verbal para formar participio e exprimir a causa. Por contracção, *T'-'apú-ába*.

Allusivo, por effeito da represa das aguas na lagôa *Maçá-guassú*, a fazerem estas grande estrondo até que furam aquella lagôa no pequeno isthmo que a separa do mar.

(Vide o nome *Maçá-guassú*).

Alguns suppõem que o estrondo é feito quando o furo é aberto: mas é illusão. A lucta das aguas para abrir o furo é que produz o estrondo.

Caputera.—Bairros nos municipios de Mogy das Cruzes, de Mogy-mirim e de Sorocaba.

Sem duvida, ha bairros com o mesmo nome em outros municipios.

Caputera, corruptéla de *Caá-apitér-a*, «meio do monte». De *caá*, «monte», *apitér*, «centro, meio», com o complemento de *a* por acabar em consoante, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo á parte superior das elevações.

Caraça.—Cachoeira no rio *Ribeira de Iguape:* no municipio de Apiahy.

Caraça, assim denominam os indigenas uma especie de *samambaia*, que se cria em terras porosas e seccas, e cujos ramos ou hastes brotam de um bulbo. Parece que tem na sciencia o nome *Polypodium-incannem*. Da familia das Cryptogamicas. E' o feto macho do Brazil.

Mas, não se trata deste vegetal.

Caraça é corruptéla de *Qûára-áocè*, por contracção *Qûár-'áocè*, «muito esburacado». De *qûára*, «buraco, fojo, poço, cova», *áocè*, para esprimir superlativo.

Allusivo a ter muitos poços e buracos; de sorte que as aguas rodomoinham successivamente.

Caracatinga.—E' o ribeirão *Cayacotinga*.

(Vide este nome).

Caracol.—Cachoeira no rio *Ribeira de Iguape*, um pouco abaixo da villa de Yporanga.

Cachoeira no ribeirão *Itariry*.

Caracol, corrupção de *Qûara-haquéóg*, «canal retorcido». De *qûara* «buraco, canal», *haquéóg*, «retorcer, dobrar». Por contracção, *Quar'-haquéóg*.

Semelhando ao caracol e coincidindo o som do nome, a forma do canal da cachoeira concorreu para o nome corrupto.

Caragoatá.—Serrote no municipio de Amparo, em ramificação da *Serra Negra*.

Caragoatá nada tem com a planta deste nome, conhecida na sciencia por *Tillandsia usneoides*, da familia das Bromeliaceas, que dá uma especie de pinhas e fornece á industria textil longos e fortes filamentos. A pinha possúe tres qualidades apreciaveis, a côr, o cheiro e o sabor.

Caragoatá é corruptéla de *Ca'-rũ-aquài-atã*, por contracção *Ca'-r'-aquài-tã*, «cingido fortemente mas derroccado por causa de revolução interior». De *cá*, «quebrar, derrocar», *rũ*, «revolução interior», *aquáî*, «cingir», *atã*, «forte, fortemente».

Allusivo á sua forte structura, e tambem á sua natureza eruptiva.

Caraguatatuba.—Villa situada á beira do mar, ao norte do rio *Juquery-querê*.

Segundo o systema de MARTIUS, este nome significaria «sitio abundante de *caragoatá*». Mas, este nome nada tem com essa planta bromeliacea.

Caraguatatuba, é corruptéla de *Curaá-guaty-aty-bo*, por contracção *Curaá-guat-aty-bo*, «enseada com altos e baixos». De *curaá*, «enseada», *guaty-aty-bo*, verbal derivado de *aty*, «levantar, fazer montão», precedido, de *gu* e accrescentado com *bo* (breve) para formar supino. A repetição de *aty*, neste nome, significa que o facto se dá em mais de um logar. O *y* tem na pronuncia som guttural; e por isso sôa *u*.

Allusivo a ter essa enseada parcéis e cómoros de areia em varios logares.

Carahá.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Piedade. Nasce na serra *São Francisco*, ao sul.

Carahá, corruptéla de *Guaraá*, «doentio». De *gu*, reciproco, *araá*, «ser doentio, doença, enfermidade de febres».

Allusivo a ter alagadiços pestilentos nas margens; por causa de aguas transbordadas do rio *Sorocaba*, e ali paradas e apodrecidas.

Carajaúna.—Morro entre os rios *Garaú* e *Una do Prelado*, ao sul da serra *Itatins*.

(Vide o nome *Guarahu*).

Carajaúna é corrupção de *Caá-ra-aú*, «morro desigual e incommodo».

(Vide o nome *Garaú*).

Carambehy.—Affluente do ribeirão *Aracahy*, e este do rio *Potribú;* no municipio de S. Roque.

Este pequeno ribeiro *Carambehy* banha a cidade de S. Roque, pelo sul.

Carambehy, corruptéla de *Carẽ-mbeí*, «perseverantemente tortuoso». De *carẽ*, «tortuoso, torcido», *mbeí*, o mesmo que *beí*, precedido do *m* por causa do som nasal de *carẽ*, «perseverantemente, á porfia».

Caramby.—Corredeira no rio *Tieté*, entre o salto de Itú e a cidade de Porto Feliz.

Caramby, corruptéla de *Carẽ-mbi*, «tortuosa e funda». De *carẽ*, «tortuoso», *mbi*, o mesmo que *pi*, precedido do *m* por causa do som nasal de *carẽ*, «centro, fundo».

Caramocoara.—Ilha, em frente á foz do rio *Cubatão;* a qual foi mencionada na carta de sesmaria de Pero de Góes, de 10 de Outubro de 1532.

Em minha obra *Algumas Notas Genealogicas* escrevi que talvez fosse *Caramoacara*, «gavião ou aguia real». Agora, porém, verifiquei que o nome *Caramocoara* estava exacto, mas um pouco corrompido.

Caramocoara é corruptéla de *Caramong-guâra*, «redonda». De *carapong*, mudado o *p* em *m*, conforme a indole da lingua tupi, «redondo, grosso, inchado», com o accrescimo *guâra*, muito usado para completar a expressão da fórma, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

E', com effeito, bem redonda essa ilha.

Caramurú.—Ribeirão que, ao cahir da serra, fórma poço, e mais abaixo *desce em cascata* e encachoeirado, tomando o nome *Rio Pardo*, e mais abaixo o de *Juquery-queré:* entre os municipios de S. Sebastião e de Caraguatatuba.

Caramurú, corruptéla de *Qûa-ramo-yrú*. De *qûa*, «poço, buraco», *ramo*, posposição significando «em», *yrú*, «sorver, engolfar, entrar fundo, encaixar».

Allusivo a cahirem suas aguas em um grande e fundo poço, para depois seguirem.

A proposito do nome deste ribeirão, verifiquei que o appellido *Caramurú*, dado a Diogo Alvares Corrêa, primeiro povoador da Bahia, não significa *Dragão que sahiu do mar*, segundo algumas chronicas; sim, significa «mettido no buraco», *Qûa-ramo-yrú*. Conforme frei ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATAM, em seu *Novo Orbe Serafico Brasilico*, I, «é tradição constante derivada dos primeiros até os de agora, que naufragada a náo de Diogo Alvares entre os baixos do Rio Vermelho, da entrada da Bahia, e acudindo ali o gentio, com o maioral destes acompanhou tambem sua filha, e que, andando ella com o pae, por entre aquellas pederneiras, por estar de todo vazia a maré, á colheita dos despojos, vira a tal india a Diogo Alvares *em a concavidade* de uma dellas, onde o susto e temor do numeroso e bravo gentio, o *havia escondido*... Então a india, ou como admirada da sua primeira vista, ou compadecida da sua fortuna, chamára pelo pae, e, apontando para Diogo Alvares, entre aquellas aberturas, dissera assim: *Caramurú-guaçú*...» Sem aceitar para o caso o mais que escreveu frei A. DE SANTA MARIA JABOATAM a tal respeito, reconhece-se a verdade da tradição mesmo com o accrescimo *guaçú*. A india teria exclamado *Qûa-ramo-yrú, guaçú*, como dizendo—«Olha: um joven mettido no buraco!» E nada mais do que isso. *Guaçú* significa joven ou homem feito.

Caramussa.—Affluente do rio *Apiahy*, pela margem esquerda: no municipio de Itapeva da Faxina.

Caramussa, corrupção de *Qûa-ramo-hocè*, «muitissimo esburacado». De *qûa*, «buraco, fojo, poço», *ramo*, posposição

para exprimir a qualidade ou o modo, *hocê* ou *ocê*, posposição para exprimir o superlativo.

Allusivo a ter no leito muitos buracos ou fójos.

Com effeito, as aguas deste ribeirão abrem successivamente fojos, alguns muito profundos, conhecidos pelo nome *caldeirões*. A formação do terreno nessa região é a causa disso.

Caranema.—Affluente do rio *Iperó*, pela margem esquerda: no municipio de Campo Largo de Sorocaba.

Caranema, corruptéla de *Qûar-a-nẽma*, «rodomoinhos». De *qûar-a*, «fojo, buraco, poço», *nẽmã*, «volta e revolta». A ultima syllaba tem pronuncia quasi breve e corrida, por causa do acento principal em *nẽ*.

Allusivo a abrirem-se em seu leito fojos, revolvendo-se ahi as aguas em rodopio.

A formação do terreno nessa região é a causa desse facto.

Carapautuba.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Pindamonhangaba.

Carapautuba, corruptéla de *Qûar-a-paî-i-tu-bae*, «o que tem quedas, cascatas e poços». De *qûar-a*, «poço», *paî*, «dependurar», *i*, «agua», *tu*, «golpe, queda, salto», *bae* (breve) formando participio, «o que».

Nasce na serra *Quebra cangalha*, e desce em cachoeira e em cascata, formando poços.

Carapeva.—Morro cujo alto serve de divisa entre os municipios de Taubaté e de S. Luiz de Parahytinga.

Carapeva, corruptéla de *Cara-pé-bae*, «curto e chato». De *cará*, «curto», *pé-bae*, verbal derivado de *pé*, «achatar-se, ser chato», com o suffixo *bae* (breve) para formar participio.

Deste morro nasce um ribeirão, que tambem por corruptéla é nomeado *Guarapeva*. E', porém, nome de diversa significação.

(Vide *Guarapeva*).

Os indigenas sohiam dar nomes com quasi identico som a logares varios na mesma região, mas significando diversamente.

(*) **Carapicuiba.**—Antiga aldêa de indigenas, formada no seculo XVI, á margem do ribeirão do mesmo nome.

Allusivo aos seus rodomoinhos.

Nada tem o nome desse ribeirão com o *carapecú-aîba*, «cogumello venenoso»; de *carapecú*, «cogumello», *aiba*, «ruim, máu, prejudicial». Conhecido na sciencia por *Agaricus* da familia das Cryptogamicas. Nasce e cria-se em paúes, esterqueiras ou terras pôdres; e tambem em madeiras apodrecidas. Tem a forma de chapéo de sol.

(*) Estavam avulsas estas notas:

—*Carapicuiba*, corruptéla de *Qûar'-i-picui-bae*, «o que se revolve em fojos». De *qûar-a*, «fojo, buraco, poço», *i*, posposição significando «em», *picui*, «revolver», precedido de *y*, «se», com o accrescimo *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

—Alguns escrevem *Carapucuibe* e ha quem pronuncie —*Carapucuba*. No conhecido jogo linguistico dos indigenas é explicavel essa série de palavras quasi identicas no som, applicadas á mesma região.

—*Qûar-a*, «fojo, buraco, poço», *pucu*, «largo», *bae* (breve), para formar participio significando «o que».

—*Quâr-a*, «fojo, buraco, poço», *ipi*, «secco, enxuto», com *cuibae*, «o que é». O primeiro i de *ipí* é pronunciado quasi imperceptivelmente por seu accento grave.

Seria allusão a grotas largas, ou a grotas seccas, ou a fójos ou cóvas, largas, ou seccas, isto é, sem corrego ou agua no fundo. Devo notar que *ipi*, para significar «secco, enxuto», só se applica áquillo que seccou ou enxugou pela acção do fogo, do sol, ou do tempo. Haverá alli grotas ou fójos que tivessem seccado, ou que fiquem seccos em certos periodos de tempo?

—*Quâr-a*, «fojo, buraco poço,», *pu*, «rebentar», *cuibae*, segundo o padre MONTOYA, ou *co-bae*, segundo o padre LUIZ FIGUEIRA, para substituir o verbo «ser», que caracteristicamente não ha na lingua tupi. E, neste caso, *Quâr-a-pu-cuibae* significaria—«aquelle que é rebentante em poços», visto que o *cuibae* ou *cobae* é verbal empregado em sentido demonstrativo, como ensinam os grammaticos. Ainda assim, seria allusão a rodomoinhos ou a fójos.

Carapiranga.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Logar em que o rio *Ribeira de Iguape*, proximo á fóz daquelle seu affluente, se alarga muito e torna-se raso, com fojos e rodomoinhos, formando cómoros movediços de areia. A navegação ahi é difficil, pela incerteza do canal.

Carapiranga, corruptéla de *Qûar-a-pi-rũ-nga*, «rodomoinhos e fojos». De *qûar-a*, «fojo, poço, buraco», *pi*, «centro, fundo», *rũ*, «revolução sobre si mesmo», com o suffixo *nga* (breve), para formar

supino. A pronuncia de *rũ* é guttural-nasal: dahi o som de *a* na corruptéla.

Allusivo aos caldeirões e rodomoinhos no leito do ribeirão, e tambem naquelle logar do rio *Ribeira de Iguape*.

Caraú.—Rio pequeno que nasce na ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*, em varzea, e desagua no furo *Bertioga*: no municipio de Santos.

Dous affluentes do rio *Itapanhaú*, pela margem esquerda: no mesmo municipio de Santos.

Caraú, corruptéla de *Qûa-ára-aú*, por contracção *Qû'-ár'-aú*, «pouco corrente». De *qûa-ára*, participio de *áqûa*, «correr», significando «corredor, corrente», *aú*, dicção para exprimir defeito ou má vontade na acção, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a correrem em varzea, sem declive sufficiente para o escoamento das aguas.

Cardoso.—Ilha ao sul da barra de Cananéa, e a oeste da ilha *Bom Abrigo*. Ha nesta ilha um morro notavel.

Cardoso, corrupção de *Caá-ndog*, «morro cortado ou quebrado». De *caá* «monte», *ndog*, «quebrar, cortar». O som desta palavra composta produziu a brutal corrupção *Cardoso*.

Alguns querem dizer que talvez ali houvesse fixado estabelecimento, nos tempos primitivos da conquista, algum individuo de tal sobrenome ou appellido. Mas, não procede tal conjectura. A ilha era assim denominada pelos indigenas, por parecer, vista de leste, cortada, quebrada, ou aparada. Em sua maior largura, que é de uma legua mais ou menos, ergue-se o morro com suas ramificações: e, para o sul, estreita-se tanto que parece um extenso e alto muro no mar. Sua elevação é superior a 800 metros.

Junto a esta ilha, do lado do oceano, ha bancos de areia e um lagedo, denominado *Moléques*, corrupção de *Búr-é-que*, «parceis, arrecifes».

(Vide o nome Moléques).

No cume do morro ha uma lagoa; e, para subir o morro, em certo logar, ha uma escada de pedra, natural.

Ao sul deste morro ha uma extensa gruta.

Carioca.—Serra, cuja extremidade occidental está no municipio de Bananal; mas em sua quasi totalidade é do territorio da provincia do Rio de Janeiro.

Desta serra nasce e corre, tambem na provincia do Rio de Janeiro, um affluente do rio *Bananal*, pela margem direita, com o mome *Carióca*.

Carióca, nome da serra, é corruptéla de *Quâr-io-ógca*, «buracos tapados». De *quâr*, «buraco, fojo, poço», *îo*, reciproco, para exprimir plural e communicação, *og*, «tapar, encerrar», com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

Allusivo a grutas e cavernas, em communicação umas com outras, nessa serra.

Carióca, nome do ribeirão, é corruptéla de *Quâr-i-oquâ*, «golpes d'agua e buracos». De *quâr*, «buraco, fojo, poço», *i*, «agua», *quâ*, «golpe», precedido de *o*, reciproco, para exprimir a acção de cahir a cousa sobre si mesma.

Allusivo a ser encachoeirado, formando poços.

Os indigenas tinham o costume de dar nomes com o mesmo som, mas de significados diversos, a logares na mesma região. Por isso, o nome da serra e o do ribeirão, embora significando diversamente, sôam identicos.

Carmo.—Villa, situada á margem esquerda do ribeirão *Corrente*. E' conhecida por *Carmo da Franca*, por ter sido desmembrada do municipio da Franca.

Com o mesmo nome *Carmo*, ha um affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no mesmo municipio de Carmo e serve de divisa, em parte, com o municipio de Santa Rita do Paraizo.

O nome deste ribeirão, *Carmo*, é corruptéla de *Gu-ár-ã-mo*, «queda empinada». De *gu*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *ár*, «cahir, queda», *ã*, «empinar», com o suffixo *mo* (breve) para formar supino.

O accento predominante está em *úr;* por isso, a phrase *ã-mo* é pronunciada breve e corrida, segundo a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica.*

Allusivo a uma cascata e salto de cinco metros de altura. As aguas precipitam-se com grande fragor em toda a largura do ribeirão. Esta cascata é avistada da villa do Carmo.

Carneiros.—Corredeira, no rio *Itapetininga:* no municipio de Itapetininga, abaixo do denominado *Porto*, na estrada da Faxina.

Carneiros, corrupção de *Quâ-ni-yêrè*, «velocidade e voltas». De *quâ*, infinitivo de *áquâ*, «correr», *ni*, particula affirmativa, exprimindo a maior acção do verbo, *yêrè*, «volta».

Allusivo a correrem ahi velozmente as aguas, com voltas entre blócos de pedra.

Carqueja. — Extremidade da serra que atravessa o municipio de Cajurú.

Carqueja, corruptéla de *Caá-iquê-yâ*, «encosta do monte gretada». De *caá*, «monte», *iquê*, «lado, costado», *yâ*, «gretar, abrir, raxar», por effeito natural.

Allusivo a se mostrarem ahi cavernas e grutas.

Em geral, as serras que existem no municipio de Cajurú, têm cavernas; e a *Carqueja* tem ligação com a *Morrinhos*, em que ha extensas grutas.

(Vide o nome *Morrinhos).*

Carrapato.—Affluente do rio *Paranapanema,* pela margem esquerda: entre os municipios de Itapeva da Faxina e de Bom-Successo.

Alguns escrevem *Carrapatos.*

Carrapato, corrupção de *Quâr-a-paìta*, «em forte declive, formando poços». De *quâr-a*, «poço, fojo, buraco», *paì*, «dependurar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo á sua grande declividade, com quédas e cascatas, formando poços.

Carvalho.—Affluente do rio *Una do Prelado,* pela margem direita: no municipio de Iguape.

Carvalho, corrupção de *Quâr-a-hárû*, «poços perigosos». De *quâr-a*, «poço, fojo, buraco», *hàrú*, «perigoso».

Allusivo a fójos e peráus.

Nada tem, portanto, o nome corrupto *Carvalho* com o de algum individuo, que alli se estabelecesse, segundo alguns suppõem.

Este ribeirão ladeia montes eruptivos, que formam aquella região, denominada pelos indigenas *Bahú-guassú.*

(Vide o nome *Bahú-guassú).*

Casa-Branca.—Cidade, na qual ha uma estação da Estrada de ferro Mogyana.

Está assentada no declive de um monte baixo; e, na raiz deste monte, ha um pequeno corrego cujas aguas são espraiadas.

Ahi, o antiquissimo caminho, que era o travessio dos indigenas e que depois foi a estrada geral para a Franca, formava uma curva, ladeiando o monte, para noroeste. Dahi o nome, corrompido em *Casa Branca.*

Casa Branca é corruptéla de *Haçábang-ca*, «travessio torcido». De *haçá*, «passagem, travessio», *bang*, «torcer, encurvar», levado ao supino pelo accrescimo da particula *ca* (breve), para significar «torcido». O *h* tem som aspirado.

O facto de existir mais adiante a casa caiada da Estiva, ou Registro do despacho dos generos, foi causa da corruptéla.

De um *Itinerario de viagem*, em 1857, vou transcrever alguns trechos, que explicam de certo modo a denominação tupi: «Sahi do Aterradinho ás 8 horas da manhã, e, caminhando meia legua ao rumo de 60 gráus, cheguei á villa de Casa Branca, que, por suas construcções, e trato de seus habitantes, se mostra uma das mais civilisadas povoações que em minha viagem atravessei. Continuando dahi ao rumo *noroeste*, caminhei tres quartos de legua até o *alto do campo.* A uma legua e um quarto da villa passa-se pelo logar chamado *Estira*, ainda no mesmo rumo noroeste, e

atravessa-se a vão ùm pequeno corrego... O terreno mostrou-se, neste dia, *pouco accidentado*».

Este antiquissimo caminho está hoje abandonado e quasi tapado; porque, depois de 1857, foi aberta uma estrada denominada *de rodagem*, mais recta ao alto do campo.

Cascalho.—Pequeno furo, communicando o rio *S. Vicente* com o laga-mar de Santos. Foi cortado pelo aterrado da estrada; mas a maré o invade pelas duas extremidades.

Cascalho, corrupção de *Cácá-bo*, «logar que approxima». De *cácá*, «acercar, approximar», com a particula *bo* (breve), para exprimir logar.

Allusivo a ser uma especie de atalho por agua entre aquelle rio e o laga-mar.

Casimbambas.—Affluente do ribeirão *Retiro Velho*, e este do rio *Parahytinga:* entre os municipios de Lorena e de Guaratinguetá.

Casimbambas, corrupção de *Gu-acẽ-mb-ámbù*, «o que sahe fazendo ruido». De *acẽ*, «sahir», precedido de *gu*, como reciproco, *mb*, intercalação por ser nasal a pronuncia da palavra anterior, *ambù*, «zonido, tropel, ruido, ronco, bufo, grunhido».

Allusivo á lucta que, ao affluirem no ribeirão *Retiro Velho*, suas aguas têm com as deste ribeirão; sem duvida por sahirem quasi perpendicularmente ao curso do ribeirão. Esta resistencia produz um ruido ou ronco proprio das aguas em conflicto.

Alguns escrevem *Carimbambas* ou *Canimbambas* e portanto ainda com maior corrupção do que *Casimbambas*.

Castelhanos.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Castelhanos, corrupção de *Cá-herã-aány*, «não pouco aberta». De *cá*, «abrir», *herã*, «pouco», *aány*, adverbio, «não». Por contracção, *Cá-herã-'ány*.

Allusivo a ser muito desabrigada essa *vasta enseada*.

Castello.—Nome errado, dado em mappas á ilha companheira da que traz o nome *Figueira*, tambem errado. (Vide *Castilhos* e *Figueira*).

Castilhos.—Ilha fronteira á costa situada a sueste de Cananéa. Sua extensão é de 2,8 kilometros.

Castilhos, corrupção de *Quipií*, «irmã menor». Companheira da que traz o nome *Figueira*, corruptéla de *Tiqueira*, «irmã maior», os indigenas as differençavam assim, considerando-as irmãs: a maior, *Tiqueira*, a menor, *Quipií*. O *i* de *qui* e o primeiro *i* de *pii* têm pronuncia guttural: dahi a corrupção para *Castilhos* e *Castello:* tendo o *i* de *qui* o som de *a* fechado.

Casqueira.—Affluente do rio *Una do Prelado:* no municipio de Iguape.

Casqueira, corrupção de *Caá-iquê-ro*, «o que costeia o monte». De *caá*, «monte», *iquê*, «costear, ladeiar», *ro*, particula de composição significando «pôr-se».

Allusivo a ladeiar os morros.

Casqueiro.—Ilha no laga-mar de Santos.

E' tambem denominada, ainda mais corruptamente, *Teixeira*.

Casqueiro, corrupção de *Caá-haquicuêrì*, «por detraz do monte». De *caá*, «monte», *haquicuêrì*, «por detraz». Por contracção, *Caá-'quicuêrì*.

Allusivo á collocação por detraz dos montes da ilha de S. Vicente.

Cassandóca.—Monte e praia: no municipio de Ubatuba.

Ha outra pequena praia que traz o nome *Cassandoquinha*.

Logar elevado e chato, á margem esquerda do ribeirão *Tatuapé*, desde as cabeceiras deste: no municipio de S. Paulo. Ahi existem capões de matto e campo.

Cassandóca, corruptéla de *Caá-çandogca*, «morro com pedaços de campo». De *caá*, «monte, morro», *çã-nd-óg*, «quebrar a corda», applicado tambem para exprimir «quebrar a fila, quebrar a harmonia ou o conjuncto», com o suffixo *ca* (bre-

ve), para formar supino. Isto com referencia ao monte e ao logar elevado.

Mas, quanto á praia *Quâ-çandóg-ca*, é allusivo a ser solta e batida das ondas, ao inverso das outras que são guardadas por muralhas de pedras. E' uma praia bravia. De *quâ*, «golpe», *çandong*, «quebrar».

Cassaquera.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Bernardo.

Cassaquera, corruptéla de *Gu-áçaî-quêr-a*, «esparzido e parado». De *gu*, reciproco, *açáî*, «esparzir», *quêr*, «dormir, repousar, parar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a alagar-se, e ter quasi nenhuma correnteza.

Cassununga.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Rita de Passa Quatro e de S. Simão.

Affluente do ribeirão *Piahy*, pela margem esquerda, e este affluente do ribeirão *Tremembé*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Pedra no rio *Parahyba*, na volta que, em frente á cidade de Jacarehy, faz esse rio.

Não se trata de *cassununga*, vespa conhecida, *cá-çúnũ-nga*, «vespa ruidosa», De *cá*, o mesmo que *cáb-a*, «vespa», *çúnũ-nga*, verbal derivado de *çúnũ*, «fazer ruido», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Em certas estações do anno, emigram, como gafanhotos, de um logar para outro; e, em seu trajecto, fazem tal rumor, que os praticos tratam de arredar-se desse rumo, afim de não serem mordidos.

Cassununga, (alguns escrevem *Vassununga)*, é corruptéla de *Haçá-nong-a*, «impedimento atravessado». De *haçá*, «atravessar», *nong*, «impedir», com *a* (breve), por acabar em consoante, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani;* e, por estarem esses verbos no infinitivo nús ou sem caso, significam a acção delles em geral, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, na sua *Arte de grammatica da lingua brasilica.*

Allusivo a serem encachoeirados.

Quanto á pedra no rio *Parahyba*, é o mesmo significado: porque, de encontro a ella, as aguas do rio são forçadas a tomar outra direcção.

(Vide o nome *Jacarehy)*.

Cataibú.—Morro, no municipio de Jundiahy.

(Vide o nome *Caxaibú)*.

Cathióca. — Cachoeira no ribeirão *Itaim*, abaixo da denominada *Itambé:* no municipio de Cunha.

Cathióca, corruptéla de *Qûa-ti-yuî-ógca*, «espumosa, e poço». De *qûa*, «poço», *ti-yuî-og*, «espumar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a formarem as aguas ahi muita espuma; e a existir, logo abaixo da cachoeira, um poço.

E' conhecida pelo nome «cachoeira do Guedes»; o nome *Cathióca* é trazido indebitamente por uma extensão do ribeirão.

Catanumi.—Morro granitico, á margem esquerda do rio *Juquery:* entre os municipios de S. Paulo e de Parnahyba.

Catanumi, corruptéla de *Quâ-atã-haîme-i*, contrahido em *Quâ-'tã-n-'aim'-i*, «inteiramente a pique e ponteagudo». De *quâ*, «ponta», *atã*, «tesa, erecta», *n*, intercalação nasal, *haime*, «a pique», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo ás suas encostas a prumo, e a ser ponteagudo.

Catiguá.—Ribeiro proximo á cidade de Santo Antonio da Cachoeira.

Catiguá, corruptéla de *Hati-guá*, «manchado de sedimentos». De *hati*, «sedimentos, fezes, buruzo, bagaço, cisco», *guá*, «listrar, manchar, riscar, formando veias». O som aspirado do *h* semelha o som de *c:* dahi a corruptéla.

Allusivo aos sedimentos que, no fundo de seu leito, formam listras ou riscos veiados.

Catocas.—Affluente do rio *Inferno:* no municipio do Carmo da Franca.

Catocas, corrupção de *Cotóg-ca*, «sinuoso». De *cotog*, «meneiar-se, voltear», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo ás muitas voltas que dá.

Cattas-Altas.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: entre os municipios de Apiahy e de Iporanga.

Este ribeirão, de cerca de 80 kilometros de extensão, com 20 de largura, é obstruido de cachoeiras e cascatas. A' margem esquerda, ha uma pedra com inscripção.

Acerca destes e de outros corregos em que outr'ora se fizeram *cattas* naquella região, o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu o seguinte: «...larguei a ribeira *(Ribeira de Iguape)*, e entrei pelo dito ribeirão *(Taquari)*, passei pelo *Ouro-grosso* e *fino* e outros corregos, que aqui vem desaguar, nas quaes se vêem restos de antigas lavras de ouro, hoje abandonadas por já não darem lucro, e adiantei-me até perto do salto, que não pude ver por avisinhar-se a noite: a formação do ouro é a geral já mencionada, e só nas proximidades do salto se vêem as enormes massas da rocha granitica de grão fino e miudo, fazendo já passagem á porphidica..... Uma observação, que em geral tenho feito, é que as formações do ouro não são permanentes, mas sim destacadas dos morros visinhos, onde seria bom examinar, se o paiz, por montuoso e inculto, o não obstasse».

Catumby.—Tremedal, á margem esquerda do rio *Tieté*, no municipio de S. Paulo (freguezia do Senhor Bom Jesus do Braz).

Catumby, corruptéla de *Catu-húú-ybÿì*, contrahido em *Cat'-úú-ybÿì*, «muito fundo atoleiro». De *catu*, para exprimir excesso, *húú*, «lameiro, lodo, detritos», *ybÿì*, «concavo, ôco, seio». O som da pronuncia é guttural.

Allusivo a existir ahi um brejo, em fórma concava, e muito fundo de lameiro.

Cauvi.—Pequena lagôa, á margem do ribeirão *Anna da Costa*: no municipio de Iguape.

Cauri, corrupção de *Guáá-ayby*, contrahido em *Guáá-y'by*, «lagôa ruim». De *guáá*, «enseada, lagôa», *ayby*, «ruim».

Allusivo ás suas más aguas.

Cauvú.—Corrego affluente do ribeirão *Caboçú*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo, freguezia de N. S. do O'.

Caurú, corrupção de *Quâ-yû*, «lagoinha». De *quâ*, «pequenito», *yû*, «alagadiço, lagôa».

Allusivo a formar a agua desse corrego, logo que cahe do monte, uma pequena lagôa, e dahi seguir até o *Caboçú*.

Cavado.—Morro, entre os municipios de Sorocaba e de Piedade, servindo-lhes de divisa.

Cavado, corrupção de *Cá-yâb*, «fendido e quebrado». De *cá*, «quebrar», *yâ*, «fender-se naturalmente, ter gretas, abrir-se».

Allusivo a fendas e esburacamentos nas encostas.

Caveiras.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa-Bella.

Caveiras, corrupção de *Cá-hêrã*, «um pouco aberta». De *ca*, «abrir», *hêrã*, «um pouco».

Allusivo a ser um pouco desabrigada a enseada.

Caveirinha.—Affluente do rio *Una da Aldêa:* no municipio de Iguape.

Caveirinha, corrupção de *Qûa-ei-renhin-a*, «quasi secca, conservando pequenos poços». De *qûa*, «poço, cóva», *ei*, «inutil, sem causa, pequeno», *re*, particula que pede o verbo começado por *n*, segundo a lição do padre A. R.

DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, *nhin*, «seccar-se», com *a*, por acabar em consoante.

Hoje o denominam *Coveiro:* allusivo ás muitas cóvas ou fójos, que se manifestam quando secco; e só no tempo das chuvas enche-se o leito.

Cavetá.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Parnahyba e de Araçariguama.

Cavetá, corruptéla de *Yàb-etá*, «muitas gretas». De *yâb*, «fenda natural, greta, racha», *etá*, «muitas».

Já li *Icavetá*.

Allusivo a ser muito gretado no leito, pois que nasce no morro *Voturuna*, que é eruptivo.

Tambem ha um corrego *Cavetá*, affluente do rio *Jundiahy-mirim*, pela margem esquerda: no municipio de Jundiahy.

Cavóca.—Serra altissima de mais de 1.000 metros acima do nivel do mar; servindo de divisa ás provincias de S. Paulo e do Paraná.

(Vide o nome *Mãiatira)*.

Caxaibú.—Morro: entre os municipios de Jundiahy e de Itatiba.

Alguns o dizem *Caxambú*.

Caxaibú, corruptéla de *Caá-çáì-ibiy*, «monte baixo e esparramado». De *caá*, «monte», *çáì*, «esparzir, estender, esparramar», *ibiy*, «baixo».

A pronuncia de *ibiy* é guttural.

Caxambú é uma fonte de aguas mineraes, na provincia de Minas Geraes. E explico aqui este nome por serem muito procuradas por enfermos estas aguas.

Caxambú, corruptéla de *Catã-mbú*, «golfa e ferve». De *catã*, «golfar, fazer torvellinhos, menear-se», *mbú*, o mesmo que *pú*, «ferver», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *catã*.

Allusivo a golfar da terra a fonte, fazendo bulhões ou uma como fervura.

Em tupi, a palavra *camambú* significa «bolha»; e com referencia á agua, é a bolha que o liquido faz como a ferver.

Caximba.—Ribeiro que, com outros, fórma o rio *Apiahy-guassú:* no municipio de Apiahy.

Caximba, corruptéla de *Qûa-ci-eymbae*, «o que não tem origem». De *qûa*, «buraco, poço», *ci*, «madre», formando *qûa-ci*, «origem, fonte, vertente», *eym*, posposição para exprimir negação, *bae*, particula para formar participio, significando «o que». O *ci* póde ser pronunciado *chi*, segundo o costume de alguns. E *bae* é sempre corrido, e em fórma breve.

Allusivo a ser formado, em seu começo, por aguas de chuva, sem fonte.

A proposito do nome deste corrego, examinei a palavra *cacimba*. O nosso lexicographo MORAES dá á palavra *cacimba* etymologia africana; mas, sendo buraco, cova, ou poço, para conservar aguas da chuva, a lingua tupi tem a denominação supra *Qûa-ci-eỹm-bae*. Não é portanto de etymologia africana; podendo, porém, corresponder á mesma idéa o som das palavras respectivas, se em verdade existe em lingua africana tal palavra identica no som e na idéa representada. Do que MORAES escreveu não se collige essa identidade; e pois, não só elle, como AULETE que o copiou sem confessal-o, erraram quanto á etymologia de *cacimba*.

Caximbo.—Affluente do rio *Bacururú*, pela margem direita no municipio de Conceição dos Guarulhos.

Caximbo, corruptéla de *Quâ-ty-mbo*, «corre enterrado». De *quâ*, o mesmo que *aquâ*, «correr, passar», *ty*, «enterrar, apertar tapando», com *mbo* (breve) para formar supino. O padre A. R. DE MONTOYA, no seu *Tesoro de la lengua guarani*, dá como supino deste verbo, não só *tỹmo*, como tambem *tymba*.

Allusivo a correr sob pedras, parecendo tapado, em muitos logares.

Caximbú.—Morro, entre os municipios de Atibaia e de Itatiba.

Caximbú, corruptéla de *Gu-achỹ-mbhúú*, «lodoso e escorregadio». De *gu*, reciproco, para significar as duas encos-

tas, *achỹ*, «escorregadio», *mb*, intercalação nasal, *húú*, «lodo, lama».

As encostas deste morro são, com effeito, lamacentas e lodosas.

Cayacanga.—Morro proximo ao rio *Ribeira de Iguape*, no municipio de Xiririca.

Cayacanga, corruptéla de *Caîa-acang-a*, «cabeça a abrazar-se». De *caia*, «queimar-se, abrazar-se», no infinitivo, *acang*, «cabeça», formando com *caîa* uma só palavra, e recebendo *a* por acabar em consoante. Por contracção, *Caî-'acang-a*. (*)

Allusivo a ser vaporoso esse morro, deixando sahir evaporações no cabeço. E' mineral aurifero.

Alguns kilometros distante está o que tem o nome *Votupóca*.

(Vide o nome *Votupóca*).

(*) Estava a seguinte nota:
Não será *Caá-cang-a*, «morro secco»? De *caá*, «morro», *cang*, «secco, enxuto», com *a* (breve) por acabar em consoante.
Parece, porém, que o nome é do estreito que ahi fórma o rio *Ribeira de Iguape*: e, portanto, será corruptéla de *Quai-cang-a*?

Cayacotinga.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Itú e de Porto Feliz.

Corredeira no mesmo rio *Tieté*, pouco acima da fóz daquelle ribeirão.

Os indigenas usavam dar a logares na mesma região nomes com som identico ou quasi identico, significando porém diversamente.

Cayacotinga, nome do ribeirão, e *Cáî-acú-tĩ-nga*, «vapor quente, a queimar». De *cáî*, «queimar», *acú*, «quente», *tĩ*, «evaporar» com o suffixo *nga* (breve) para formar supino.

Allusivo a correr sobre terreno de formação carbonifera, recebendo pelo leito evaporações quentes.

(Vide o nome *Penonduva*).

Cayacotinga, nome da corredeira, é *Coacú-ty-nga*, «pontas escondidas». De *coacú*, «esconder, occultar», *ty*, «ponta», com o suffixo *nga* (breve) para formar supino, relativamente ao nome inteiro.

Allusivo a pedras ponteagudas no leito, *mas cobertas pela agua*.

A proposito, vale a pena deixar notado que *restinga* ou melhor, *rastinga*, é de origem tupi, significando «pontas levantadas». De *rá*, «mancha, levantado, não nivelado», *ty*, «ponta», com o suffixo *nga* (breve) para formar supino, em relação ao nome inteiro. Allusivo a pedras e baixios no mar e nos rios e lagoas.

MORAES e AULETE ignoram a origem dessa palavra.

Cayubi.—Affluente do ribeirão *Itimirim*, este do ribeirão *Itinguassú*, e este do rio *Una da Aldêa*: no municipio de Iguape.

Cayubi, corruptéla de *Qùa-yû-bi*, «poços e alagadiços, pegados uns aos outros». De *qûa*, «poço», *yû*, «alagadiço», *bi*, «pegar-se».

Allusivo á sua formação por entre aguas estagnadas e putridas.

Cedro.—Ha este nome, em bairros diversos, na provincia de S. Paulo. Mas, estes bairros tiram de ribeirões proximos o nome.

Cedro, corrupção de *Cé-ndùrû*, «cascata ruidosa». De *cé*, o mesmo que *hé*, «dependurar», *ndùrû*, «ruido, estrepito».

A palavra *ndùrû* é pronunciada breve e corrida, por causa do accento predominante em *cé*, syncopado o *n*.

Allusivo a cascatas ruidosas, nesses ribeirões, e a cachoeiras successivas.

E' notavel a cascata *Cedro*, no municipio de Cunha. Com o nome *Cedro* é tambem conhecida a cascata, onde nasce o rio *Pissinguaba*, no municipio de Ubatuba.

Ceromonia.—Affluente do ribeirão *dos Veados*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Ceromonia, corrupção de *Terô-monù*, «sinuoso e turvo». De *terô*, «torcido, torto», *monù*, «mesclar, borrar, turvar». O *t* é mudado em *ç*, formando *Cerô-monù* pela necessidade do relativo.

Cerquilho.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Tieté.

Cerquilho, corrupção de *Ti-quir-a*, «pouca agua». De *ti*, «agua», *quir*, «pouco, pouquito», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O *t* é mudado em *ç*, pela necessidade do relativo.

Allusivo a ser muito raso, e quasi sem agua.

Cervo. -- Affluente do *Rio-Grande*, pela margem esquerda: no municipio de Santa Rita do Paraizo.

Cedro, corrupção de *Cé-rõ*, «põe-se dependurado». De *cé*, «dependurar», *rõ*, pôr-se». A pronuncia *rõ* é breve e corrida por causa do accento predominante em *ca*.

Allusivo a cascatas.

Cervo-grande.—Affluente do..... ..... pela margem..... no municipio de Lençóes.

Cervo-grande, corrupção de *Céri-áquâ-aány*, contrahido em *Cer'-aqúàny*, «pouco corrente». De *ceri*, «pouco», *áquâ*, «correr», *aány*, particula de negação do verbo, ao qual é posposta. Por isso é tambem conhecido pelo nome—*Rio-morto*.

Ceveiro.—Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: no municipio de Piracicaba.

Ceveiro, corrupção de *Ce-yêrè*, «sinuoso». De *ce*, relativo, por existir *rè* no verbo *yêrè*, «voltear, fazer sinuosidades».

Allusivo ás muitas voltas que dá em seu curso.

Chapéo.—Serrote notavel, no municipio de S. Luiz do Parahytinga: entre o rio *Parahytinga* e o ribeirão denominado tambem *Chapéo*, nome este tirado do dito serrote. O ponto culminante é conhecido por *Agudo*.

Morro, á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape;* dando tambem o nome *Chapéo* a um ribeirão, affluente daquelle rio.

Morros, dando o nome a arraiaes, á margem esquerda e á margem direita do rio *Mogy-guassú*, logo abaixo da confluencia do *Rio Pardo*, nas proximidades da cachoeira *S. Bartholomeu*.

Chapéo, corrupção de *Ytá-pé*, «morro chato». De *ytá*, «pedra, morro», *pé*, «chato».

Tratando-se de morros, os indigenas costumam supprimir por aphéresis o *y* de *ytá*, pronunciando sómente *tá*. Dahi *Tapé*, que alguns, dobrando a lingua, pronunciam *Xa-pé*. A fórma de chapéo como origem do nome é um não senso.

Sem duvida, esses morros são mineraes.

O nome *Chapéo d'uvas*, que existe na provincia de Minas Geraes, não é senão *Ta-pé-húú-bae*, «morro chato apodrecido». *Itúú-bae*, verbal derivado de *húú*, «apodrecer», com o suffixo *bae* (breve), para formar participio.

Ha com effeito morros, cuja terra é pôdre; e mesmo naquella provincia ha o serrote denominado *Farinha Pôdre*, nome tambem corrupto e talvez derivado da natureza do respectivo terreno.

Charro.—Affluente do ribeirão *Guapiara*, pela margem direita: no municipio de Paranapanema.

E' de pequena extensão; e desce da serra, formando cascatas, ou pequenos saltos.

Charro, corrupção de *Cháî-rò*, «o que se põe dependurado». De *cháî*, «dependurar-se», *rò*, «pôr-se».

Allusivo ás cascatas e pequenos saltos.

Chibarro.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, ou, antes, uma de suas principaes vertentes ou cabeceiras: no municipio de Araraquara.

Chibarro, corrupção de *Ti-paî-rò*, «rio que se põe dependurado». De *ti*, «rio, agua», *paî*, «dependurar», *rò*, particula de composição, significando «pôr-se».

Allusivo a descer da serra em cascatas e cachoeiras; e tem mesmo um magestoso salto de cerca de 25 metros de altura.

Entre este ribeirão e o *das Cruzes* está situada a villa de Araraquara. Por outra, este ribeirão *Chibarro* está ao sul da villa.

Quando passa proximo da villa, corre menos accidentado do que quando desce da serra.

Chiqueiro.—Morro, no municipio de Itapecirica. E' unido ao *Itátúba*.

Tambem, menos incorrectamente, é conhecido pelo nome *Jiqueira*.

(Vide o nome *Jiqueira*).

Morro, entre os municipios de Taubaté e de Redempção.

E' a mesma explicação do outro.

Cintra.—Morro, no municipio de Canauéa.

Cintra, corrupção de *Cỹ-terõ*, «resvaladio e torto». De *cỹ*, «liso, resvaladio», *terõ*, «torto». A palavra *terõ* é pronunciada breve e corrida.

Allusivo a ser lubrico e torcido.

Cipó.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: em territorio ainda occupado pelos indigenas, algumas leguas acima da fóz daquelle rio.

Ci-pó, «saltos pegados». De *ci*, «junta de duas ou mais cousas, pegar, unir, achegar», *pó*, «salto».

Nada tem com o vegetal sarmentoso, de caule longo e flexivel, *cỹ-pó*, «vara lisa»: de *cỹ*, «liso». *pó*, «vara, páu, fio». E, aliás, nessa região deve haver *cỹpó* em abundancia.

Ci-pó é allusivo a cahirem da serra as aguas de quéda em quéda, formando como uma escadaria.

Cipoáda.—Morro, servindo de centro nas divisas entre os municipios de Serra-Negra, Amparo, Socorro e Penha (hoje Itapira). E' redondo.

Cipoáda, corrupção de *Cỹ-puá-bo*, «resvaladio em redor». De *cỹ*, «resvalar, ser liso, ser escorregadio», *puá*, «ser redondo, fazer circulo», *bo* (breve) para exprimir o modo de ser ou de estar, significando, com *puá*, «em redor».

Allusivo a ser alcantilado em toda a circumferencia.

Ciriba.—Nome tupi da ilha de S. Sebastião, como consta de um documento de 1602.

Ciriba, corruptéla de *Ciri-bae*, «apartada, separada». De *ciri*, «apartar, separar», *bae* (breve) para formar participio.

Claro.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Apiahy.

Affluente do rio *Assungui*, pela margem esquerda: no municipio de Piedade. Nasce da serra da qual se destaca o *Morro-Agudo*.

Affluente do rio *Juqueryqueré*, pela margem direita: no municipio de S. Sebastião.

Affluente do rio *Una-da-aldêa*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no municipio de Parahybuna.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municipios de Pirassununga e de Santa Rita de Passa Quatro e de Santa Cruz das Palmeiras.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Lençóes.

Affluente do rio *Pardo* pela margem direita: no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo.

Affluente do rio *Piracicaba* pela margem esquerda: no municipio de Piracicaba.

Affluente do rio *Atibaia* pela margem direita: no municipio de Nazareth. E' mais conhecido pelo ribeirão de *Casa-da-telha!* A cascata mostra a altura de cerca de vinte metros.

Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no municipio de S. João da Boa Vista.

Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio do Rio-Bonito.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Queluz e de Pinheiros.

Affluente do rio *Corimbatehy*, pela margem direita: no municipio de S. João do Rio Claro.

Este nome *Claro* é corrupção de *Cháî-rò*, «o que se põe dependurado». De *cháî*, «dependurar-se», *rò*, «pôr-se».

Allusivo a formarem cascatas e successivos pequenos saltos em seu curso. A côr *clara* das aguas na quéda faz entender o nome *Cháî-rò* como *Cláro*.

O ribeirão *Claro*, no municipio de Apiahy, é proximo ao morro *Chapéo*. (Vide o nome *Chapéo*). Embora extenso, e profundo, as cascatas e os saltos o impedem até a serra *Itapirapuan*.

O ribeirão *Claro*, entre os municipios de Queluz e de Pinheiros, offerece uma curiosidade natural, na proximidade de suas cabeceiras, na serra *Mantiqueira*. E' uma gruta de mais de cincoenta metros de extensão, com divisões.

Coatinga. — Affluente do ribeirão *Taiaçupéva*, e este do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Mogy das Cruzes, de Santa Branca, e de Jacarehy.

Coatinga, corruptéla de *H-uá-ty-nga*, «lama esbranquiçada». De *h*, relativo, substituindo o *y* de *yuá*, «lama, limo, cousa pegajosa», *ty*, «branquear, ser branco», com *nga* (breve) para formar supino. O *h* tem som aspirado.

Com effeito, este *Coatinga*, affluente de *Taiaçupéva*, segundo fui informado, tem no leito um barro branco, molle emquanto humido, que endurece logo depois de extrahido, tomando em pouco tempo a consistencia de pedra.

Cocaes.—Serra, no municipio de Itatiba, entre os rios *Atibaia* e *Capivary*.

Serra, no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: nos municipios de Amparo, Casa Branca e de S. João da Boa Vista.

O nome *Cocaes* nada tem com coqueiros: ainda que, de facto, existam taes palmeiras nesses logares.

A serra em Itatiba tem tambem o nome *Mombúgca*, «furado de um lado ao outro». E' o verbo *pug*, «arrebentar, furar», precedido de *mo*, particula activa, e levado ao supino pelo suffixo *ca* (breve).

Allusivo a ser cortado por dous ribeirões, cujas nascentes se contrapõem e quasi se encontram; e, entretanto, os dous pedaços permanecem arrimados um ao outro. Sua altitude é de mais de 950 metros.

A serra em S. Carlos do Pinhal é egualmente cortada por um ribeirão formando um salto.

O nome *Cocaes* dessas serras, é corruptéla de *Cógca-á*, por mostrarem arrimados os dous pedaços, um ao outro. De *cóg*, «arrimar, sustentar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino, *á*, «imitar, simular». O nome *Cogca-á*, por contracção *Cogc'-á*, é o mais usado.

Cocaes, nome do ribeirão, é corruptéla de *Côî-guâá*, «enseadas pegadas naturalmente». De *côî*, «duas cousas pegadas naturalmente», *guâá*, «enseada».

Com effeito, o ribeirão, depois de formar uma enseada, em fórma de lagôa, denominada *Areia-branca*, cahe, mais abaixo, de um salto de pedra, com quasi dous metros de altura. Recebe successivamente as aguas dos ribeirões *Prata* e *Feio*, depois de ter formado outra enseada mais pequena; e sob o ultimo nome, desagua no rio *Jaguary*.

Ha tambem um bairro com o nome *Cocáes*, no municipio de Sarapuhy; por causa de lagôas.

Cocoéra. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Cocoéra, corruptéla de *Cucuî-uêra*, «cahido». De *cucuî*, «cahir», levado ao participio preterito pelo accrescimo do verbal *uêra*.

Allusivo a nascer, e logo depois cahir do monte; e dahi seguir a desaguar no rio *Tieté*.

Comprida.—Ilha situada desde a barra *Icapara* até a de *Cananéa;* entre o oceano e o *Mar-pequeno*, e, desde certo ponto, entre o oceano e a ilha *Cananéa*.

E' tambem conhecida por *Ilha Grande*.

Comprida, corrupção de *Cuí-piî-bo*, «arenoso em muitos logares». De *cuí*, «areia, pó», *piî*, «a miudo, muitas vezes, em muitos logares», com a particula *bo* (breve), para exprimir «logares» e não «vezes».

A corrupção operou-se, porque realmente a ilha é comprida.

Com effeito, esta ilha tem manchas extensas de areal, que o mar e os ventos nella depositam.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «Sahi da villa de Iguape para de Cananéa, em canôa, pelo braço de mar (Mar pequeno) formado pela terra firme e pela lingua de terra, ou ilha, que decorre desde a barra do norte de Iguape até Cananéa: esta ilha estende-se até doze leguas (segundo julgo), e vem fazer o pontal da villa de Cananéa com o morro, por detraz do qual fica a villa deste nome».

Em toda a extensão desta ilha, é notada uma aglutinação de cascas de um animalculo de côr parda escura, originado na fermentação dos detritos vegetaes, superpostos ás areias.

As marés grandes a alagam, em sua maior parte. E não é sadia. Seus habitantes, em geral, vivem empalemados.

Comprido.—Rio que, nascendo na cordilheira maritima, tem seu curso no municipio de Ubatuba.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de S. José dos Campos e de Jacarehy.

Comprido, corrupção de *Cuí-pii-bo*, «arenoso em muitos logares». De *cuí*, «pó, areia», *pii*, «a miudo, em muitos logares, muitas vezes», *bo* (breve) para exprimir logar.

Acerca do *Comprido*, de Ubatuba, obtive as seguintes informações: «E' formado de cachoeiras, que nascem na serra, e corre veloz entre e sobre pedras. Mais abaixo deram-lhe o nome *Rio Grande*, por ser navegavel por canôas; e mesmo outr'ora entraram em seu leito pequenas embarcações de coberta: arrancada, porém, uma pedra que existia *no meio da barra*, conservando-lhe sempre a profundidade pelo movimento de rodomoinhos, as arêas começaram a aglomerar-se ahi, impedindo a entrada de taes embarcações no rio».

Quanto ao *Comprido*, que serve de limites entre os municipios de S. José dos Campos e de Jacarehy, dizem que o leito foi cavado pelos interessados em tornal-o mais fundo.

Conchas.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: nos municipios de Tieté e de Tatuhy.

Conchas, corruptéla e tambem traducção de *Côî-ytã*. A palavra *ytã* é pronunciada breve e corrida, por causa do accento predominante em *côî*. De *côî*, «duas cousas pegadas naturalmente», *ytã*, «concha», isto é, uma das bandas que cobrem o marisco. Sendo guttural a pronuncia do *y*, *tã* soa *xã* e, por ter de ser pronunciado breve e corrido, sôa *xa*.

Allusivo a correr sobre terreno em que são encontradas, sob camadas de calcareo cinzento escuro, conchas fosseis. São exactamente da especie bivalve.

Altitude 450 metros.

Mas, cousa notavel! Concha, que assim é em portuguez, hespanhol e em latim, de que aquelles idiomas se derivaram, é *conca*, em italiano, *conque*, em francez, *cogchê*, em grego, *çankha*, em sanscrito. A pronuncia da palavra grega é a mesma da palavra franceza. A pronuncia da palavra tupi é *cõnxà*, segundo já ficou dito.

Condapuhy.—Ribeirão que, nascendo no morro, á ponta meridional da ilha *Comprida*, corre de sul a norte; e desagua no interior da barra *Icapára*: no municipio de Iguape.

(Vide *Comprida*).

Alguns escrevem *Candapuhy*, sem duvida alguma incorrectamente, por não corresponder ao objecto nomeado.

Condapuhy, corruptéla de *Cundá-poí*, «sinuoso e estreito». De *cundá*, «retorcido, enroscado, cheio de voltas e revoltas», *poí*, «estreito, adelgaçado». Com effeito, é sinuoso e estreito; e tambem fundo.

Congonhal.—Grupo de morros, no municipio de Piracicaba. Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem esquerda: no mesmo municipio.

Congonhal, corruptéla de *Gu-ong-ong-ayè*, «muitos, juntos». De *gu*, reciproco, *ong*, «juntar, reunir», repetido e seguido de *ayè*, «muitos», para exprimir superlativo na quantidade. O *y* de *ayè* tem pronuncia guttural: por isso o *ng*, que o antecede, sôa *nh*.

Allusivo á reunião ahi de muitos picos, formando, porém, os morros uma só serra.

Quanto ao nome do ribeirão, é *Gu-ong-ong-ayè*, «muitos impedimentos». De *gu*, reciproco, *ong*, «impedir», repetido e seguido de *ayè*, «muitos», para exprimir superlativo na quantidade. A differença do nome anterior está sómente no verbo, que é outro.

Com effeito, é um ribeirão muito obstruido.

Congonhas.—Cachoeira no rio *Tietê*, proximo á fóz do rio *Jacaré-pipira-guassú*.

Congonhas, corruptéla de *Gu-ong-ong-a*, «muitos impedimentos». De *gu*, reciproco, *ong*, «impedir», repetido para exprimir superlativo, com o accrescimo *a*, por acabar em consoante.

Allusivo aos muitos arrecifes ahi.

Contendas.—Serra, no municipio de Cajurú.

Contendas, corrupção de *Coi-tenỹ*, «duas voltas pegadas». De *coî*, «duas cousas pegadas naturalmente», *tenỹ*, «volta, rodilha».

Allusivo a ter essa serra duas voltas, pegadas uma á outra, em fórma de S.

Coqueiros.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Batataes.

Coqueiros, corrupção de *Qui-quêr-a*, «dorminhoco e frouxo». De *qui*, «frouxo», *quêr*, «dormir, repousar», com *a* (breve) por acabar em consoante.

Allusivo a ser muito pouco corrente, e a alagar-se nas margens.

Ha palmeiras em suas margens:—dahi a corrupção.

Coraú.—Dous morros, pertencentes á serra *Cubatão*: no municipio de S. Vicente.

Coraú, corruptéla de *Coî-raú*, «duvidosamente pegados». De *coî*, para exprimir duas cousas pegadas, *raú*, particula que exprime a duvida no facto, ou mesmo a falsidade.

Allusivo a serem levantados tão juntos, um ao outro, estes dous morros, que ha duvida se são pegados.

Corcovado.—Morro, no municipio de Natividade.

Corcovado, antes traducção do que corruptéla de *Canduaá-bo*. Este *bo* (breve) exprime o modo de estar.

Cordão.—Cachoeira, com salto, no rio *Mogy-guassú*.

Cordão, corruptéla de *Cuî-tã*, «quéda forte». De *cuî*, «cahir», *tã*, «forte».

Cordeiro.—Pequeno rio, que desagua no rio *Sabauna*, pela margem direita: no municipio de Cananéa.

Cordeiro, corrupção de *Có-yêrê*, «sinuoso». De *có*, o mesmo que *ycó*, «estar, andar, ser, etc.», *yêrê*, «voltear, volta».

Allusivo a formar voltas em zig-zag.

Não é exacto o que a respeito deste pequeno rio escreveu o dr. CARLOS RATH, em seus *Fragmentos Geologicos e Geographicos*.

Corimbatahy.—Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: entre os municipios de S. João do Rio Claro, de Piracicaba e de Pirassununga.

Segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, significa «rio de peixe corimbatá». O padre A. R. DE MONTOYA, no *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *quirymbatá*.

Póde ser que ahi abunde este peixe; pois que em outros proximos tambem abunda. Mas, o nome deste rio nada tem com esse peixe.

Corimbatahy, corrupção de *Curĩ-mbatey-i*, «perseverantemente frouxo». De *curĩ*, «corrente, veloz», mb, intercalação nasal, *atey*, «frouxo, frouxidão», *i*, posposição para exprimir perseverança.

Allusivo a alagar suas margens, em toda a extensão; e, não obstante, ser muito corrente.

E' maleitoso.

Corisco-Velho.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, acima da foz do rio *Guarehy*.

Corisco-Velho, corrupção de *Curi-curi-yêrê*, «rodomoinho e corredeira». De *curi*, «depressa», repetido, *curi-curi*, «muito depressa», *yérê*, «volta». O padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, escreveu *corí*; o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *curỹ*.

Allusivo a formarem ahi as aguas um rodomoinho á direita; e prolongando-se á esquerda uma muralha estreita até além do meio do rio, as mesmas aguas canalisam-se, precipitam-se transversalmente em corredeira, com um desnivelamento de cincoenta centimetros.

Corrego-rico.—Corredeira, no rio *Mogy-guassú*.

Não se trata de corrego. Ha com esse nome, desaguando naquelle rio, nesse logar, pela margem esquerda, um ribeirão muito corrente.

Corrego-rico, corrupção de *Curi-curica*, «velocissimo». De *curi*, «apressar, ter velocidade. rapidez»; repetido, *curi-curi*, para exprimir o superlativo da acção, e, por isso, «velocissimo»; com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo ao desnivelamento do rio nesse logar, apertado entre montes, forçando as aguas a precipitarem-se em forte declive.

Corrente.—Affluente do rio *Sapucahy-mirim*, pela margem direita: no municipio do Carmo da Franca. Este tem um salto, após uma corredeira, proximo á villa do Carmo.

Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Araraquara.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio do Rio *Novo*.

Corrente, corrupção de *Curêi-ta*, «o que se menêa». De *curêi*, «menear-se», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo ao meneio de suas aguas, ao descerem a serra.

Corrupção.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: entre os municipios de Itapetininga e de Espirito Santo da Boa Vista, aos quaes serve de divisa.

Corrupção, corrupção de *Curuchã*, «vergões».

Allusivo ás elevações successivas em seu leito, semelhando *vergões* no corpo humano.

Com effeito, a formação do terreno, sobre o qual corre o ribeirão, dá origem a cavidades no leito dos rios, denominadas vulgarmente *caldeirões*. Neste ribeirão as cavidades não passam de simples elevações e depressões, por ser pouco corrente, produzindo, entretanto, successivos rodomoinhos.

Seu fundo é de lage preta em alguns logares. A agua é salobra.

Corumbá.—Certa extensão do rio *Sorocaba*, abaixo da barra do ribeirão *Ipanema*.

Corumbá, corruptéla de *Curĩ-mb-báî*- «presteza e saliencias». De *curĩ*, «presteza, velocidade», *mb*, particula para ligar *curĩ*, cujo som é nasal, á *áî*, «saliencias».

Allusivo á corredeira, e ás cachoeiras, nesse logar do rio.

Coruja.—Morro, no municipio de Iporanga.

Coruja, corruptéla de *Gui-rî-yâ-yâ*, «gretado na parte inferior». De *gui*, «parte inferior, debaixo», *rî*, posposição significando «em», *yâ-yâ*, de *yâ*, «gretar», repetido para exprimir successão do facto.

Allusivo ás grutas em sua base.

Corujas.—Affluente do rio *Assungui*, pela margem esquerda: no municipio de Sarapuhy.

Corujas, corrupção de *Çurú-yâ*, «gretado e sorvido». De *çurú*, «sorver», *yâ*,

«gretar rachar, abrir naturalmente». Os dous verbos estão no infinitivo: mas traduzi assim.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, referindo-se a este ribeirão, escreveu o seguinte: «No ribeirão *das Corujas*, cuja natureza geognostica parecia prometter ouro grosso de manchas, que eu mandei correr até a serra, *onde desapparece, mettendo-se debaixo della por entre rochedos*, e que eu mandei socavar, nada apresentou na batêa: sómente achei nas suas margens pedras espalhadas de um verdadeiro silex amarello escuro, e entre a brecha já dita, máus crystaes de rocha».

Segundo outro viajante, este ribeirão, «em tempo secco, é muito insignificante, porém com qualquer chuva, enche-se o leito de 4 braças de largura e alaga toda a visinhança e dá nado. Da mesma maneira *abaixa com rapidez*». Nasce de um morro agudo na *Serra Negra*.

Costão de Pernambuco.—Serra, no municipio de Itanhaen, proximo ao littoral.

Costão de Pernambuco, corrupção de *Côî-ytã-ndi-pirá-mbugca*, «conchas fechadas e juntamente outras abertas e arrebentadas». De *côî*, «pegadas», *ytã*, «concha», *ndi*, «juntamente», *pirá*, «abrir», *mbúgca*, supino de *púg*, «arrebentar», mudado o *p* em *mb*, por causa do som nasal de *ytã*, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a que a praia, na frente desta serra, tem o sólo formado inteiramente de lindas conchas, de varias qualidades e de varios tamanhos.

Coticahen.—Canal, no municipio de Cananéa.

Coticahen, corruptéla de *Cotî-caren*, «voltas tortas». De *cotî*, «ver uma cousa muitas vezes», *caren*, «torta».

Allusivo ao facto de ser visto o mesmo logar muitas vezes, por causa das voltas e tortuosidades do canal.

Couros.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Bernardo.

Affluente do rio *Pirapitinguy*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy-mirim.

Couros, corruptéla de *Coî-yrù*, «dous companheiros pegados». De *coî*, «duas cousas pegadas naturalmente», *yrù*, «companheiro».

Allusivo a terem duas cabeceiras, que depois pegam-se para formarem o ribeirão.

Coveiro.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Coveiro, corrupção de *Cuî-uêra*, «o cahido». De *cuî*, «cahir-se», levado ao preterito pelo accrescimo do verbal *uèra*.

Allusivo a cahirem suas aguas; e depois de formarem um poço, seguirem até á affluencia com o rio *Ribeira de Iguape*.

Couves.—Duas ilhas situadas a leste da bahia de Ubatuba.

E tambem duas ilhotas no oceano, pertencentes ao municipio de Santos.

Couves, corrupção de *Coî*, «duas cousas pegadas naturalmente».

Assim o estão essas duas ilhas, por muito proximas, uma da outra, parecendo uma só.

Couves.—Affluente do rio *do Peixe*, pela margem esquerda: no municipio de S. José dos Campos.

Couves, corrupção de *Coî*, «duas cousas pegadas naturalmente».

Allusivo a ser esse ribeirão a juncção de dous cursos d'agua.

Crescendúba.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: serve de divisa aos municipios de Sarapuhy e de Itapetininga.

Crescendúba, corrupção de *Kér-'ecè-nduî-bae*, «o que reboja e por isso dorme». De *kér*, «dormir», *'ecè*, o mesmo que *recè*, «por causa», *nduî*, nasalisação do verbo *tuî*, «rebojar», com bae, «o que».

O verbo *tuî* é ahi nasalisado, por ser precedido de *recê*.

Allusivo ao retrocesso de suas aguas, quando ha cheia no rio *Itapetininga*, ficando por isso paradas.

Crescendúba.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: serve de divisa aos municipios de Sarapuhy e de Itapetininga.

Crescendúba, corruptéla de *Curẽ-hecè-ndu-bae*, «o que se meneia successivamente e faz estrondo». De *curẽ*, «meneiar-se», *hecè*, o mesmo que *rehè*, «successivamente», *ndu*, «fazer estrondo», levado ao participio pelo accrescimo da particula *bae* (breve), significando «o que».

Allusivo ás muitas voltas, e ao estrondo das aguas nas cachoeiras.

Cresciumal.—Affluente do .... pela margem .....: entre os municipios de Pirassununga e de Araras.

Cresciumal, corrupção de *Kér-i-cy-úú-m-áû*, «manchado de lodo, resvaloso e parado». De *kér*, «dormir, repousar», *cy*, «resvalar», significando «resvaloso» por estar precedido do *i*, relativo, *úú*, «lodo, limo» seguido de *m*, para ser ligado a *áû*, «sujo, manchado».

Allusivo a ter logares cobertos de lodo, e por isso resvaladios; e a ter quasi paradas as suas aguas.

Cristaes.—Serrote entre os municipios de Parnahyba e de Jundiahy.

Cristaes, corrupção de *Quiri-hetá*, «muito chuvoso». De *quiri*, «chuvoso, chuva miuda», *hetá*, «muito». O verbo «chover» é *quir;* e o *i*, podendo exprimir perseverança, significa tambem «miuda».

Com effeito, sobre esse serrote cahe constantemente chuva miuda.

Cruz.—Corredeira no rio *Tieté*.

Cruz, corrupção de *Cúri*, «apressado».

Cruzeiro.—Villa, situada á margem direita do ribeirão *Embahú*.

Era este o nome da antiga povoação; mas, foi mudado, em 1871, para *Cruzeiro*.

(Vide o nome *Embahú*).

Cruzes.—(Vide o nome *Das Cruzes*).

Crystaes.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de Santa Cruz do Rio Pardo.

Affluente do rio *Juquery*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. Paulo e de Jundiahy.

Corredeiras no rio *Paranapanema*, abaixo do *Salto-Grande*, depois que o rio faz uma pequena volta para o sul.

Crystaes, corrupção de *Cury-hetá*, «excessivamente corrente». De *cury*, «veloz, ligeiro, pressa», *hetá*, «muito».

E' uma serie de cachoeiras esse trecho do rio *Paranapanema*, mais de cinco kilometros. Além do canal muito sinuoso, a velocidade das aguas é o seu principal caracteristico: em uma dessas cachoeiras as aguas são muito agitadas, de sorte que, mesmo pelo canal mais largo, a passagem é perigosa. Na ultima, formada lateralmente por paredes graniticas, as aguas entram e correm com maior impetuosidade, em forte declive.

Julgo util transcrever um trecho do *Resumo do itinerario de uma viagem exploradora, emprehendida por ordem do barão de Antonina:* «Entrámos no Paranapanema, que corre com sessenta braças de largura, de oesnoroeste, por baxios e corredeiras até o morro dos Monos, onde pousámos com uma e meia legua de marcha da fóz do Itararé e rumo de nornoroeste. A's sete horas da manhã (dia seguinte) seguimos entre serranias por corredeiras fortes, que findam em curto canal de dez a doze braças de largura, com duas ilhotas em sua desembocadura, donde o rio voltêa para nornoroeste por baxios e corredeiras até a cachoeira do *Crystal*, onde conduzimos á mão as canoas vazias, e pousámos com duas leguas e meia de marcha a rumo geral de oesnoroeste».

Tambem o ribeirão *Crystaes*, ou *Crystal*, que afflúe no rio *Paranapanema*, tem grande correnteza; e, por isso, o indigena o nomeou tambem *Cury-hetá*.

Cubatão.—Serra maritima, *ou do mar*, como é assignalada em alguns map-

pas: e desde a serra *Bocaina* margina o littoral da provincia de S. Paulo.

Cubatão, corruptéla de *Gu-bi-itá-ã*, contrahido em *Gu-bi-it-'ã*, «empinado em escadaria». De *gu*, reciproco, *bi-itá*, «escada, degráos», *ã*, «empinar». O som do primeiro *i* é guttural, segundo a lição dos grammaticos, quando ha dous *ii* juntos; e, pois, sôa como *a* fechado. A palavra *bi-itá* é composta de *bi* «levantar, alçar», *itá*, «estante, armação, degráos, pilares, em geral tudo em que outra cousa se estriba».

Allusivo a ser formada de camadas horizontaes, superpostas umas ás outras; de sorte que, com os paredões em alcantil ou a pique, em cada camada, semelha um amphitheatro em toda aquella extensão do littoral, ora approximando-se deste, ora afastando-se.

Ha outra serra, com o mesmo nome *Cubatão;* no municipio de Cajurú.

E' o mesmo significado, sem duvida por ser formada do mesmo modo.

No extremo desta serra, e á margem do ribeirão do mesmo nome, está situada a villa de Cajurú.

Cubatão.—Dous ribeirões que nascem nas serras supra referidas. O primeiro desagua no *Caneú*, lagamar de Santos.

Assim, é ainda denominado *Cubatão* um corrego que banha o sopé da chapada, na qual está assentada a cidade da Franca.

Ha tambem um affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca.

E um affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de *Sorocaba*.

Cubatão, nome destes ribeirões, é corruptéla de *Cúî-páî-ta-ã*, contrahido em *Cúî-páî-t'-ã*, «empinado, dependurado e cahido». De *cúî*, «cahir», *páî*, «dependurar», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino, *ã*, «empinar».

Allusivo a terem leito ingreme, formando cascatas e saltos.

Cucanha.—Ribeirão no municipio de *Caraguatatuba*. Desagua no oceano.

Cucanha, corruptéla de *Cúî-cánhy*, «cahe e some-se». De *cúî*, «cahir», *cánhy*, «sumir-se».

Allusivo a sumir-se sob pedras e penhascos, quando cahe da serra; reapparecendo depois, e indo desaguar no oceano.

Cunha.—Cidade, situada na cordilheira maritima, nas immediações do ribeirão *Jacuhy*, affluente do rio *Parahytinga*.

O nome *Cunha* veiu de um capitão-general Francisco da Cunha Menezes, que em 1785 elevou á villa a antiga freguezia, creada em 1736. Modo estupido de denominar logares!

O logar, segundo as tradições, tinha o nome *Facão*. Em redor deste nome multiplicam-se as lendas; entre as quaes a da existencia de uma familia portugueza, de sobrenome *Falcon*, que ahi se estabelecêra em 1730, e entre cujos membros havia um frei Manoel.

O assentamento feito em 1.º de Fevereiro de 1736, pelo visitador ordinario padre Francisco Pinheiro da Fonseca, no livro dos bens da fabrica da matriz da nova freguezia, menciona apenas o *sitio do Falcon;* e o assentamento relativo á posse do vigario João Velho Cabral, após a transferencia da matriz para a egreja nova de N. S. da Conceição, menciona simplesmente *freguezia do Facão*. Como, porém, induzir disso que houve alli uma familia *Falcon*, e, um frade, irmão do chefe della? Onde estão os descendentes dessa familia?

Dizendo os assentamentos *sitio do Falcon* e *freguezia do Facão*, prova isso sómente que aquelle sitio ou aquella região eram assim denominados corruptamente.

Com effeito, *Facão*, ou *Falcon*, é corruptéla de *Tacang*, «ramo, galho», com referencia á serra maritima. Estava esse sitio em uma collina, *ramificação* daquella serra: dahi a designação por aquelle modo, para distinguil-o de outros na mesma serra.

Tudo o mais não passa de uma lenda, sem explicação plausivel.

(*) **Cupencê.**—Bairro no municipio de Santo Amaro.

(*) Estava em nota avulsa.

Cupi.—Lagôa, no municipio de Mogyguassú.

Cupi, corruptéla de *Húú-piî*, «lodosa e escorregadia». De *húú*, «lodo, borra, fezes, detritos», *piî*, «resvalar, escorregar o pé».

Curral.—Praia, na ilha de *S. Sebastião:* no municipio de Villa Bella.

Curral, corruptéla de *Curaá*, «enseada». O nome completo é *Acuráa;* mas, com apheresis do *a* inicial, é usada *Curaá*.

Allusivo a ser em semicirculo esta praia, por margear uma enseada.

Curuçá.—Região em que foi situada, á margem esquerda do rio *Tieté*, a povoação, que é hoje a cidade de Tieté, e cujo nome anterior era *Pirapóra de Curuçá*.

Curuçá, corruptéla de *Cuaçá*, «andar debalde, fallar á tôa, fazer a cousa ao inverso, errar».

Allusivo ao facto de, descendo ou subindo o rio *Tieté*, até aquelle logar, onde faz esquina, achar-se o viajante, depois, ainda á pouca distancia do logar de onde sahiu, por causa de voltas e revoltas do rio.

Com effeito, o rio *Tieté* fórma nessa região uma grande volta triangular, de norte a sudoeste, e de sudoeste a norte. A porção de terra, dentro do triangulo, é hoje denominada popularmente, *peninsula;* com mais de 9 kilometros de extensão e 800 a 900 metros de largura em alguns pontos. Por isso, o indigena considerava a navegação do rio, nesse logar, como «viagem baldada, sem proveito, a tôa, errada»; indicando assim que um canal, ligando as duas extremidades do rio, ao norte, seria um bom e util atalho para a navegação, poupando o trabalho de percorrer inutilmente a grande extensão de mais de 18 kilometros.

Nada tem, portanto, este nome *Curuçá* com *cruz*, á qual se prendem varias lendas de thesouros occultos. A' palavra *cruz* corresponde *curuçú*, «encruzar»; e não *curuçá*. Tem havido confusão a este respeito.

Curucutú.—(*)

(*) Estava em branco no original, com a nota—*Santos*, ao lado.

Curujinha.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Botucatú.

E' tambem conhecido por *Bosque*.

(Vide o nome *Bosque*).

Curujinha, corruptéla de *Cury-chỹ-na*, «deslisa-se rapido». De *cury*, «pressa», *chỹ*, «deslisar», *na*, particula com som breve para completar a palavra, que é nasal.

Allusivo á sua muita correnteza.

Curumahú.—Rio pequeno, que nasce nas vertentes dos morros da ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*, e desagua no canal *Bertioga:* no municipio de Santos.

Curumahú, corruptéla de *Cú-rũ-amã-húú*, «sorvedouros, rodomoinhos e turvo». De *cú*, «sorver, tragar», *rũ*, «revolver-se», *amã*, «circulo, roda», *húú*, «borra, sujidade, cousa turva».

Depois de lhe correr parallelo o *Maratan-uá*, este affasta-se para o centro da varzea, e só se lhe approxima de novo para desaguar nelle quasi á sua fóz.

(Vide o nome *Maratan-uá*).

Curupacê.—Pequena extensão do rio *Juqueryquerê*, ao sahir no oceano: entre os municipios de Caraguatatuba e de S. Sebastião.

Nos foraes da doação de terras a Martim Affonso de Souza e a seu irmão Pedro Lopes de Souza, é mencionado *Curupacê* como rio, servindo de divisa da capitania de Santo Amaro, pela parte do norte. Mas, não é rio: sim o trecho ultimo do rio *Juqueryquerê*.

Curupacê, corrupção de *Cuí-rupi-ycê*, «sahida arenosa». De *cuí*, «areia», *rupi*, «com», *ycê*, «sahida». Por con-

tracção *Cuí-rup'-ycê*. Este *y* que precede *cê* é relativo.

Allusivo a ter o rio *Juqueryquerê*, nessa extensão, até á sua fóz, muitos cómoros de areia que se deslocam successivamente por effeito do fluxo ou refluxo das marés.

E' uma extensão apenas de meia a uma legua. E mais merece o nome de enseada estreita do que fóz de rio.

Curupira.—Morro, á margem direita do rio *Camandocáia:* no municipio de Soccorro.

Morro, á margem direita do ribeirão *Cachoeirinha:* no municipio de Nazareth.

Morro proximo ao pico *Jaraguá:* no municipio de S. Paulo. Neste morro, houve antigamente exploração de lavras auriferas.

Curúpira, «feito pedaços». De *curú*, «pedaço, fazer pedaços», *pira*, particula de participio passivo.

Allusivo a ser formado, cada um desses morros, de pedaços de pedra e de terra dura, de todos os tamanhos: são como fragmentos, ainda aggregados, de morros graniticos.

Não haja confusão com o diabrete *Cury-pi-ru*, «volteador ligeiro». De *cury*, «ligeiro, rapido, veloz», *pi*, «centro, pé», *ru*, «revolver». A palavra *ru*, além de ter o som guttural, é pronunciada breve.

Curúrú.—Morro pertencente á serra *Japy:* no municipio de Cabreúva.

Curúrú é tambem o nome actual do ribeirão cuja cabeceira é *Saltinho*, e cuja fóz, desde a varzea, é *Pirahy:* no mesmo municipio e na mesma região.

Curúrú, nome do morro, é *curúrû*, «formado de pedaços». De *curú*, «pedaços de terra ou de pedra», *rû*, «ter».

Mas, o ribeirão toma esta denominação, só quando atravessa a varzea, cujo é o nome: *h-yî-rurú*, «concavidades humidas». De *h*, relativo, *yî*, «concavidades, abertura, ôco», *rurú*, «humido».

Allusivo a ter essa varzea diversos logares, em que brota agua perenne.

Cuscuzeiro.—Pedra notavel, á margem direita do rio *Corumbatahy:* no municipio de S. João do Rio Claro. A serra, sobre que está esta pedra, traz este mesmo nome.

Pedra notavel, á margem do rio *Pinheirinho:* no municipio de Santo Antonio da Alegria.

Cuscuzeiro, corruptéla de *Cucuî-uêra*, «o que se cahiu». De *cucuî*, «cahir-se», levado ao preterito pelo accrescimo do verbal *uêra*.

São, sem duvida, enormes meteorolithos, ou pedras meteoricas que cahiram da athmosphera.

O *bedengó*, que foi trazido da provincia da Bahia para o Rio de Janeiro, é corruptéla de *pẽhẽ-ng-óó*, «pedaço grande». De *pẽhẽ*, «pedaço», que, por ser nasal, pede *ng* para ligar-se a *óó*, «grosso, grande». O *p* inicial sóe ser mudado em *mb*, quando não é precedido de outra palavra—dahi esse som *Mbẽhẽ-ng-óó*. O *bedengó* é tambem conhecido na provincia da Bahia pelo nome *Quilá*, corruptéla de *Cuî-rá*, «pedaço de ferro cahido». De *cuî*, «cahir», *r*, intercalação para bem separar na pronuncia o *î* e o *á*, «pedaço de ferro, cousa corporea». Aquelle verbo é usado *cuî* e *cucuî*.

Ha na provincia do Amazonas uma grande pedra meteorica: *Cucuhy*. E' esquadrejada: méde quasi 300 metros de altura; e está isolada no meio das florestas que a rodeiam, mostrando escalvadas as encostas, coroada de vegetação o seu cume.

Cucuhy, corruptéla de *Cucuì-í*, «cahido por si mesmo». De *cucuì*, «cahir-se», *í*, posposição para assignalar melhor a applicação do verbo ao facto, exprimindo, neste nome, a acção da propria cousa.

Cutia.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Cutia*.

Portanto, o nome é do ribeirão, affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda.

Ha tambem com o mesmo nome um affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: entre os municipios de Iguape e de Xiririca.

Pelo systema de MARTIUS, o nome *Cutia* significaria «rio de *acuti*». *Acuti*, roedor conhecido no Brazil inteiro, sob o nome de *cutia*. Vive em buracos, aos casaes. Côr parda-ferruginea na cabeça, parda com salpicos escuros no lombo, parda amarellada nos lados, preta nas extremidades. Muito viváce; olhos em movimento constante e assustadiço. Corre aos saltos, quando perseguida. Quatro dedos nas mãos, tres nos pés. Assentado sobre as patas trazeiras, segura com as mãos os fructos e os leva á bocca. Os dentes incisivos são tão fortes que róem o endocarpo osseo do côco. Desses dentes os indigenas servem-se para as incisões no corpo e a *tatuagem*.

Mas, o nome destes ribeirões não tem relação alguma com o roedor *acuti*.

Cutia, corrupção de *Coti-a*, «voltas». De *acoti*, «fazer voltas», levado ao infinitivo pela deslocação do *a* inicial para o fim da palavra.

Allusivo a fazerem esses ribeirões successivas e numerosas sinuosidades, em todo o curso.

Cuvetinga. — Affluente do ribeirão *Toucinho*, pela margem direita, e este do ribeirão *Tremembé*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Cuvetinga, corrupção de *Quỹ-ii-tỹ-nga*, «sujo e resvaladio». De *quỹtỹ*, «ser sujo», com a intercalação do verbo *ii*, «resvalar, resvaladio», *nga*, particula para formar supino. Para exprimir «limpar o sujo», usa-se de *quỹtỹ-ng-og*.

Allusivo a ser lodoso e sujo o fundo.

A intercalação de um verbo em outro, ou de uma palavra em outra, é uma das construcções mais difficeis da lingua tupi, pela necessidade de evitar a synthese, isto é, a confusão e o não senso.

Este é um dos ribeiros que, vertendo da serra *Cantareira*, constituem os mananciaes derivados para o abastecimento de agua da cidade de S. Paulo.

D

Das Aguas Turvas.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: nos municipios de S. Carlos do Pinhal e de Belém do Descalvado.

Das Aguas Turvas, corrupção de *Ndaaquâ-tuî-bae*, «faz bojo e não corre». De *nda*, particula de negação, *áquâ*, «correr», *tuî*, «fazer bojo», com o suffixo *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a pararem suas aguas, por causa de impedimentos na fóz, fazendo bojo, e turvando-as.

Das Criminosas.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Apiahy.

Criminosas, corrupção de *Cúrì-mẽocè*, «excessivamente corrente». De *cúrì*, «pressa, rapidez, velocidade», *mẽ*, o mesmo que *pe*, e assim empregado neste nome por causa do som nasal de *cúrì*, para exprimir movimento, *ocè*, para exprimir superlativo de *cúrì*, exprimindo ao mesmo tempo a razão, «de alto».

Allusivo ao leito excessivamente ingreme, produzindo extraordinaria velocidade.

Das Cruzes.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Queluz.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Araraquara. Este ribeirão é mencionado sob o nome *Da Cruz, e atravessa a lagôa Bacúry*.

Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem direita: no municipio de Araraquara.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal.

Das Cruzes, corrupção de *Cúrì*, «apressado».

Allusivo a serem muito correntes.

O *Cruzes*, affluente do *Jacaré-pipira-guassú*, no municipio de Araraquara, tem um salto de 40 metros de altura.

Descalvado.—Affluente do rio *Una do Prelado*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Descalvado, corrupção de *Ndi-qûar-yâ-bo*, «muito esburacado e gretado». De *ndi*, «muito, muitos», *qûar*, «poço, fojo, buraco», *yâ*, «abrir, rachar, gretar», com o *bo* (breve), para formar supino.

Allusivo aos caldeirões que as aguas abrem naturalmente em seu leito, formando poços e buracos.

Descalvado.—Serra, entre os municipios de Belém do Descalvado e de S. Carlos do Pinhal.

Morro, no municipio de Iporanga.

Descalvado, corrupção de *Ndi-quaî-yâ-bo*, «muito cortado e rachado». De *ndi*, «muito, muitas», *quaî*, «cortar», *yâ*, abrir, rachar, gretar», com o suffixo *bo* (breve), para formar supino.

Com effeito, aquella serra e aquelle morro mostram encostas e resvaladou-

ros, como que lascados, além de rachados.

Por causa destes córtes e concavidades, são baldos de vegetação nesses logares: sendo portanto *escavado*, e não *descalvado*. Dahi, e pelo som do nome em lingua tupi, a corrupção para *Descalvado*.

Descaroçador. — Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Pirassununga.

Descaroçador, corrupção de *Ndi-quâra-ocê-ndog*, «o que malha quebrando, sobre successivos buracos». De *ndi*, «muitos», *quâra*, «buraco», *ocè*, «sobre», *ndog*, o mesmo que *çog*, «moer, malhar quebrando». Por contracção, *Ndi-quâr'-ocè-ndog*.

Allusivo a cahir a agua sobre buracos, e derramar-se successivamente sobre outros.

Por causa do som, e por semelhar-se ahi a agua á rama do algodão, ao sahir do *descaroçador*, foi que se operou a corrupção.

Desejo.—Serra, no municipio de Rio Verde.

Desejo, corrupção de *Nda-eté-yi*, «muitas concavidades». *Nda-eté*, «muitos», devendo perder o *a* por causa da vogal *e* que se lhe segue, e portanto *nd'-eté*, e mais *yi*, «concavidade, ôco, abertura».

Allusivo ás cavernas ou grutas que tem.

Despraiado.—Affluente do ribeirão *Itingoçú*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Despraiado, corrupção de *Nda-i-pìâ-ába-î*, «rio sem caminho para elle». De *nda*, particula de negação, perdendo o *a* por causa do *i*, «rio», *pìâ*, «caminho», *ába*, para exprimir logar», *î*, posposição para fechar a negação *nda*. Por contracção, *Nd'-i-pìâ-ab' î*.

Allusivo a correr sempre entre barreiras altas, não fazendo *praia* em parte alguma e portanto sendo impossivel porto e caminho para este. Dahi a corrupção *Despraiado*, no sentido de não ter praias.

Com effeito, o *Despraiado* precipita-se da serra *Itaimbé* em successivas cascatas.

Desterro.—Cascata, no municipio de Cunha.

Desterro, corrupção de *Ndi-têrô*, «muitas tortuosidades». De *ndi*, «muitas», *terô*, «tortuosidades».

Com effeito, a cascata é extensa; e, em vez de ser em linha recta, faz diversas curvas: o que o indigena julgou util assignalar.

A sua quéda é vertical, e de 25 a 30 metros: e fórma uma bacia, onde as aguas cahem.

Esta cascata é formada pelo rio *Jacuhy;* e, antes daquella quéda vertical, as aguas descem sobre rochedos, fazendo as referidas curvas. Ao lado direito da quéda das aguas, estão as grutas; e, por baixo della ha algumas pequenas furnas.

A cascata é linda; e suas aguas batidas pelos raios solares, offerecem aspecto agradabilissimo á vista.

Dista da cidade de Cunha 2 $^1/_2$ leguas; e, não obstante tal distancia, o estrondo de sua quéda é alli ouvido.

Doce.—Morro, á margem esquerda do rio *Juquery:* no municipio de S. Paulo.

Doce, corruptéla de *Hocè*, «altissimo», exprimindo superlativo.

E' tambem conhecido pelo nome *Urubuqueçava.*

(Vide o nome *Urubuqueçava).*

Doce.—Affluente do ribeirão *Turvo*, e este do rio *Bananal:* no municipio de Bananal.

Affluente do *Rio Verde*, pela margem direita: no municipio de Casa Branca.

Doce, corruptéla de *Ndú-ocè*, «muito estrondoso». De *ndú*, «estrondo», *ocè*, particula de superlativo, ou de abundancia.

Allusivo ao estrondo de suas aguas em saltos.

Acerca do rio *Doce*, no municipio de Bananal, é elle muito pequeno; e apenas tem uma cachoeira e quéda, sem fazer grande estrondo, a não ser nas grandes enchentes. E' tambem conhecido em alguns logares por Piracema e Manso.

Acerca do rio *Doce*, que nasce na provincia de Minas Geraes e rega a do Espirito Santo, é irrisoria a explicação dada a esse nome:—o de terem navegantes portuguezes encontrado no mar, em frente deste rio, agua doce!

Sempre o disparate!

Ora, exactamente ao despenharem-se suas aguas no salto denominado *do Inferno*, com enorme estrondo, é que o rio tem o nome *Doce*, corrupção de *Ndú-ocê:* e, após aquelle salto, ha outros e tambem cachoeiras rio abaixo.

Quanta doçura!

Dos Cubas.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo.

Dos Cubas, corrupção de *Ndû-ocúî-bae*, «o que cahe com estrepito». De *ndû*, estrepito, ruido, estrondo», *ocúî*, terceira pessoa do presente do indicativo de *cúî*, «cahir», levado ao participio pelo accrescimo da particula *bae* (breve), significando «o que».

Allusivo a descerem suas aguas com estrondo, por causa de cachoeiras.

Dos Gatos.—Ilha, a 9,9 kilometros da costa, fronteando o bairro *Boyssucanga:* no municipio de S. Sebastião.

Dos Gatos, corrupção de *Gu-áty-aî*, «tesa». De *gu*, reciproco, *áty-aî*, o mesmo que *hátyai*, perdendo o *h* por causa de *gu*, «teso, erecto, empertigado».

Allusivo á forma pyramidal da ilha.

Dos Negros.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: nos municipios de S. Carlos do Pinhal e de Belém do Descalvado.

Dos Negros, corrupção de *Ndû-nẽ-rû*, «muito estrepitoso». De *ndú*, «estrondo, estrepito, ruido», *nẽ*, para exprimir a acção do agente sobre si proprio, *rû*, «ter cousa em si ou comsigo».

Allusivo a ter este ribeirão muitas cachoeiras, onde o barulho das aguas é estrepitoso.

Dourado.—Serra, no municipio de Brotas.

Dourado, corruptéla de *Ndurú-yá-bo*, «brota estrondosa». De *ndurú*, «estrondo, estrepito», *yâb*, «greta, brota, fenda natural», *bo* (breve), para exprir o modo de estar.

Allusivo a uma fonte denominada pelo povo *Agua-Virtuosa*, por attribuir-lhe propriedades medicinaes: a agua jorra com tanta força que produz grande fragor, ouvido de grandes distancias.

Por contracção, *Ndur'-yâ-bo;* e o *y* tem som guttural.

Dourado.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, anterior á *das Aranhas*.

Dourado, corruptéla *Ndurú-yá-bo*, por contracção *Ndur'-ya-bo*, «fenda estrondosa». De *ndurú*, «estrondo, estrepito», *yâb*, «greta, fenda natural, brota», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo aos diversos canaes nessa cachoeira, pelos quaes as aguas passam com fragor.

Dourados.—Grande salto no rio *Paranapanema*, logo abaixo da fóz do *Rio Pardo*.

Dourados, corruptéla de *Ndurú-yâ-bo*, por contracção *Ndur'-yâ-bo*, «gretado e estrondoso». De *ndurú*, «estrepito», *yâb*, «greta, brota, fenda natural», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Relação alguma tem com o peixe *dourado*.

Allusivo ás gretas innumeras na grande muralha, de uma a outra margem do canal, pelas quaes irrompem jorros d'agua ou simples fios de escuma, conforme o maior ou menor diametro das gretas e orificios, formando da altura de mais de nove metros o grande salto com estrondo. Este salto é no canal á esquerda da *Ilha Grande*, com um e meio kilometro de comprimento. Pelo lado direito da mesma ilha, ha o *Canal Paulista*, em cuja bocca superior existe uma cachoeira, terminando na inferior egualmente por um grande salto, tambem perigoso.

No tempo das chuvas, o *Salto Grande* não apresenta o mesmo aspecto acima

descripto: as aguas precipitam-se magestosamente de cima da muralha, formando lençol.

Abaixo deste *Salto Grande*, as aguas precipitadas, formam bacia e rodomoinho, e depois entram em estreitissimo canal entre altas penedias, para juntarem-se immediatamente com as do *Canal Paulista*, no extremo da ilha.

Obra admiravel da natureza!

Dourado.—Affluente do rio *Paraná*, pela margem esquerda: no municipio de Araraquara.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Lençóes.

Dourado, corruptéla de *Nda-yo-* «não desatado». De *nda*, particu negação, perdendo o *a* por causa (reciproco, com pronuncia guttural. «desatar, descoser», *î*, particula pa char a negação. Por contracção, *N rab-î*.

Tambem não tem relação alguma o peixe *dourado*.

Allusivo a correr entre margens sem se desatar em alagadiços, outros da mesma região.

Dous Corregos.—Villa situada dous corregos affluentes do rio pela margem direita.

(Vide o nome *Prata*).

E

Embaré.—Nome da praia da barra de Santos, desde a ponta fronteira á fortaleza até o morro que é vertice do angulo formado com a praia *Itararé*, em S. Vicente.

Segundo alguns, os indigenas denominavam assim esta praia, porque ahi sohiam passeiar constantemente os padres da Companhia de Jesus, abençoando a todos os que delles se approximavam.

Mas, isto não tem a minima procedencia ou plausivel explicação.

Embaré é corruptéla de *Mbaràa-hé*, «commodo para enfermidades». De *mbaràa*, «enfermidade, molestia», *hé*, «commodidade». Por contracção, *Mbar'-hé*.

Allusivo á propriedade dos banhos de mar, nessa praia, para o curativo de varias molestias.

Por egual, os indigenas denominaram *Arari* o affluente do rio *Tocantins*, pela margem esquerda, na provincia do Pará, conhecido dos portuguezes pelo nome *Rio da Saude*, e traçado em mappas como *Agua da Saude*. De *araá*, «febres, molestias de calor em geral», *ri*, posposição e adverbio, significando, neste caso, «contra». Allusivo a curarem suas aguas taes enfermidades; e o padre José de Moraes, referindo-se a escriptos do padre Jeronymo da Gama, escreveu que «este missionario,... chegando a este rio *da Saude* muito enfermo e coberto de chagas, o mesmo foi lavar-se que ficou livre e inteiramente são, podendo-se-lhe dar o nome de *Jordão*, porque até na côr imita este suas aguas».

Embaú.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda, depois de receber o ribeirão *Passa-Vinte* pela margem esquerda: entre os municipios de Bocaina e de Cruzeiro.

Este *Embaú* tem um affluente com o nome *Embaú-mirim*.

Embaú, corrupção de *Hẽ-mb-aú*, «defeito na barra». De *hẽ*, «sahida», *mb*, intercalação por causa do som nasal da palavra *hẽ*, ligada á seguinte, *aú*, para exprimir defeito.

Allusivo a refluirem suas aguas formando banhados.

Ha tambem o *Embaú-mirim*, affluente do ribeirão *Passa-Vinte*, pela margem direita, pouco acima da juncção deste com o *Embaú*. Mas, o nome é do *Embaú*, e só deste.

Ha um logar, no municipio de Iguape, com o nome *Embaú*, em que se fez um furado do rio *Una da Aldêa*, para o rio *Ribeira de Iguape*, para facilitar, a navegação, mediante o não uso das voltas.

Embery.—Contraforte da serra *Mantiqueira*, no municipio de S. Bento de Sapucahy-mirim.

Embery, corruptéla de *Em-bir-ĩ*, «alcantilado, alto e ôco». De *em*, «concavo, ôco», *bir*, «levantar, ser alto», *ĩ*, «resvalar».

Allusivo a ser muito alto e alcantilado, e a ter cavernas.

Ha tambem ahi um corrego, affluente do rio *Sapucahy-mirim*, pela margem direita, no sobredito municipio.

Embiacica.—Morro, na freguezia de N. S. da Penha de França: no municipio de S. Paulo.

Embiacica, corruptéla de *Ibi-aci-ca*, «terra fragosa».

Os indigenas dizem *ibi-aci*, referindo-se á terra ou monte fragoso.

O accrescimo de *ca* (breve) é para dar-lhe a forma de supino.

Allusivo a ser um morro com fragas e penedias.

Embirussú.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: no municipio de S. João da Boa-Vista.

Campina extensa, no mesmo municipio.

Embirussú, quanto ao ribeirão, é corruptéla de *Hẽ-mbi-ruçú*, «sahida muito apertada». De *hẽ*, «sahida», *mbi*, o mesmo que *pi*, «apertar», mudado o *p* em *mb*, por motivo do som nasal da palavra anterior, *ruçú*, que em composição, quando não é para exprimir largura e grandeza, significa «muito».

Allusivo a sahir entre barrancas altas.

Embirussú, quanto á campina, é corruptéla de *ẽ-mbir-uçú*, «concavidade elevada, larga e extensa». De *ẽ*, «concavidade», *mbir*, «elevar, alçar, levantar», *uçú*, «largo e extenso».

Allusivo a ser valle entre montes, mas não baixo como uma varzea.

Encantados.—Serra no municipio de Cajurú.

Encantados, corrupção de *Y-canduaá*, «o corcovado». De *y* relativo, *canduaá*, «fazer corcova, ser torto».

Allusivo á sua forma em corcóva.

Engaguassú.—E' o nome que os indigenas deram á barra grande, comprehendendo o laga-mar fronteiro á cidade de Santos.

As velhas chronicas mencionam o nome *Induá-guassú*, «pilão grande». Mas, é isso uma invenção, á que tambem já prestei culto, na supposição de que o indigena imaginára nesse fundo, feito pela serra em meio-circulo, um verdadeiro «pilão grande».

O padre José de Anchieta escreveu *Ungua-guassú*, segundo alguns o dizem.

Frei Gaspar da Madre de Deus, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, entende que esse era o nome da ilha!

Tudo—erro.

Engaguassú, como já acima foi dito, era o nome da barra grande.

Engaguassú, corruptéla de *Hẽ-n-guâá-guaçú*, «enseada maior da sahida». De *hẽ-n*, «sahida», *guâá*, «enseada, *guaçú*, «maior».

Nada tem, portanto, com a ilha *Guaiahó*, ou de *S. Vicente*.

(Vide o nome *Guaiahó*).

Antes de entrar no rio para a barra-grande, o mestre da canôa tem difficuldades a vencer no laga-mar, cujas aguas em luta produzem rodomoinhos.

(Veja-se a palavra *Canéu*).

Entupido.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Queluz.

Entupido, corrupção de *I-tú-pi-bo*, «apertado e com salto». De *i-tú*, «salto d'agua», *pi*, «apertar, prensar, espremer», com o suffixo *bo* (breve), para formar supino.

Allusivo a um salto de dous metros de altura que fazem as aguas por um paredão de pedra lisa, tomando toda a largura do rio; e, pouco abaixo dessa quéda, entram as aguas repentinamente em estreitissima garganta entre dous penedos, de 4 metros de altura, 2 de largura e 10 de extensão.

Enxovia.—Affluente do rio *Tatuhy*, pela margem esquerda: no municipio de Tatuhy.

Enxovia, corruptéla de *Hẽ-çóg-ìî*, «barra quebrada, sujo». De *hẽ*, «sahida», *çog*, «quebrar, cortar», *ìî*, «sujo».

Allusivo a perder na fóz as margens altas e a ter lodoso o leito.

Escada.—Freguezia no municipio de Mogy das Cruzes.

A invocação é N. S. das Escadas. E' situada no contraforte nordeste da serra *Itapety*. Foi um aldeamento de indigenas, fundado por Braz Cardoso, em começo do seculo XVII. A povoação foi elevada á freguezia em 1846; depois exautorada; e, afinal, em 1872, restaurada.

A' margem esquerda do rio *Parahyba;* para o qual ha uma antiga descida ingreme, tirando talvez dahi o nome.

Escaramussa. — Duas corredeiras no rio *Tietê:* das quaes, uma acima, e outra abaixo, do salto *Avanhandava;* e esta é extensa e por isso chamada *Escaramussa-Grande.*

Uma grande corredeira no rio *Mogy-guassú*, antes da confluencia do *Rio Pardo.* Esta corredeira tem a extensão de mais de 800 metros, com a differença de nivel de cerca de dous metros, e é descida em menos de sete minutos.

Escaramussa, corrupção de *Y-cará-amocỹ*, «desfiladeiro perigoso». De *y*, relativo, *cará*, «destreza, perigo», *amocỹ*, verbal derivado de *cỹ*, «desfilar, deslisar-se», com a intercalação de *mo* para tornar activo o verbo. Por contracção, *Y-cará-'mocỹ.* Estas duas ultimas syllabas são pronunciadas breves e corridas, por causa do accento agudo em *cará.*

Allusivo á rapidez com que ahi correm as aguas; o que é perigoso para as canôas.

Espraiado.—Affluente do rio *Juquery*, pela margem esquerda: no municipio de Juquery.

Espraiado, corrupção de *Iê-páî-á-á-bo*, «dependurado, de quéda em quéda». De *iê*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *páî*, «dependurar», *á*, «cahir», repetido para exprimir a successão do mesmo facto, *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a correr sobre leito ingreme, formando cascatas e quédas.

Tem com effeito varios saltos, um dos quaes, o penultimo, tem a altura de cinco metros; e, depois do ultimo salto, fórma uma grande lagôa. Antes deste ultimo salto, ha um alagadiço.

Desagua proximo á villa de Juquery.

Espirito Santo da Boa Vista.—Villa, na encosta da serra *Espirito Santo da Boa Vista* ou *Palmital.*

(Vide o nome *Palmital).*

Espirito Santo de Barretos.—Villa, a 13 kilometros, mais ou menos, da margem esquerda do rio *Mogy-guassú.*

E' assentada em campo.

O nome *Barretos* proveio da familia que fundou a povoação, cujo chefe era Francisco Barreto.

Espirito Santo de Batataes.—Villa em territorio que pertenceu ao municipio de Batataes.

Espirito Santo do Pinhal.—Cidade cujo municipio foi creado em partes de territorio dos de Mogy-mirim e de Mogy-guassú.

Espirito Santo do Rio do Peixe.—Povoação no municipio de Caconde. E' parochia.

Espirito Santo do Turvo.—Villa á margem esquerda do rio *Turvo,* affluente do rio Paranapanema.

Estaleiros.—Serrote, ramificação da serra *Paranapiacaba:* no municipio de S. Vicente.

Estaleiros, corrupção de *Hetá-hêrà*, «um pouco aparado». De *hetá*, «aparar», *hêrà*, «um pouco».

Allusivo a ter no cimo uma assentada quasi horisontal.

Estreito.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, acima de sua barra.

Estreito, corrupção de *Eteî-ta*, «ultimado». De *eteî*, «ultimar, finalisar, soltar», com o suffixo *ta* (breve) para formar supino.

Allusivo a que, dahi até a sua fóz, o rio *Paranapanema* não tem mais obstaculos á franca navegação.

Esta corredeira tem dous principaes desnivelamentos perigosos por causa dos cabeços ou pontas de pedra: o de cima dá passagem funda; no de baixo, se bem que com passagem tambem funda, ha ondulações terriveis.

Etá.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu *Yetá*.

Tanto *Etá* como *Yetá* são corruptélas de *Yê-ìtá*, «aos degráos». De *itá*, «formar degráos, ou declive», precedido de *yê*, reciproco para exprimir acção da cousa sobre si mesma.

Allusivo ás corredeiras e quédas successivas, umas após outras.

De uma informação local extrahio os seguintes trechos: «Talvez ha mais de cem annos, o rio *Ribeira de Iguape*, por effeito de desmoronamento de suas barrancas, furou no *Etá*, formando a barra actual deste. Nesta barra, o *Etá* tem pouca correnteza; mas, para cima, tem muitas cachoeiras e corredeiras, *umas junto ás outras*. O leito do rio é formado de um cascalho tão aparado que parece cimentado: este cascalho compõe-se de pedras pequenas e brancas, muito duras».

(Vide o nome *Itá*).

F

Facão.—Affluente do ribeirão *Araras*, pela margem direita: no municipio de Araras.

Facão, corrupção de *H-áquâ-aány*, contrahido em *H-áqu'-aany*, «não correnteo». De *h*, relativo, *áquâ*, «correr», *aany*, particula de negação.

Allusivo á sua pouca correnteza.

Fartura.—Serrote, no municipio de Parahybuna.

Serra, entre os municipios de S. João Baptista do Rio Verde e de S. Sebastião do Tijuco-Preto.

Serrote, entre os municipios de S. João da Boa Vista e de S. José do Rio Pardo.

Trazem tambem o nome *Fartura* tres pequenos ribeirões que nascem daquelles serrotes, nos já referidos municipios.

E outros.

A' margem esquerda do ribeirão, que nasce da serra entre os municipios de S. João Baptista do Rio Verde e de S. Sebastião do Tijuco-Preto, está a freguezia do mesmo nome *Fartura*.

Sendo de pequena extensão, os indigenas, para fazerem o jogo linguistico com o nome da serra e dos serrotes, os nomeavam *H-atúr-a*, «curtos». De *h*, relativo, *atúr*, «encurtar, abreviar», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

Fartura, nome da serra e dos serrotes, é corrupção de *H-atir-a*, «levantada em montão». De *h*, relativo, por existir *r* em *atir*, «levantar, fazer montão», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

O *i* de *atir* tem pronuncia guttural, o *h* aspirado é algumas vezes corrompido em *f*.

Allusivo a serem elevações entre campos, ou superpostas a outras serras.

A *Fartura*, no municipio de Parahybuna, é ramificação da serra maritima.

A *Fartura*, que divide os municipios de S. João Baptista do Rio Verde e de S. Sebastião do Tijuco-Preto, é entre os rios *Paranapanema* e *Itararé*. E' tambem conhecida por *Serra do Barão de Antonina*.

Sobre esta serra, cuja altitude é superior a 800 metros e forma como uma ilha no meio da vasta planicie dos campos, existiu a aldêa dos *Cahiuá*, já cathechisados; e para o lado do *Rio Verde*, ha uma grande lagoa, e mais adiante desta o *Salto da aldêa*, imponente quéda d'agua. A aldêa foi transferida para outra serra entre os rios *Itararé* e *Verde*.

A *Fartura*, no municipio de S. João da Boa Vista, é um dos contrafortes da serra *Caracol*, ramificação occidental da grande serra *Mantiqueira*.

Faxina.—(Veja-se adiante *Itapéva da Faxina*).

Fazenda.—Pequeno rio, que desagua na enseada *Pecinguaba*: no municipio de Ubatuba.

Fazenda, corruptéla de *Hagẽ-nd-a*, «apressado». De *hagẽ*, «pressa, apressar», *nd*, por ser nasal aquella palavra, e mais *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a precipitar-se da serra, de cachoeira em cachoeira, recebendo pequenos affluentes tambem encachoeirados, até que, antes de attingir a varzea, as aguas cahem a prumo de uma *cachoeira grande*, na altura de cinco metros. A fóz, porém, é baixa.

Feia.—Lagôa, no municipio de S. João da Boa Vista.

Feia, corrupção de *Ti-ey*, «sem agua». De *ti*, «agua», *ey*, particula de negação.

Allusivo a que só tem agua no tempo das chuvas.

Quando não ha chuvas, secca.

Feio.—(Vide o nome *Rio Feio*).

Feijão.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-mirim*, pela margem direita: nos municipios de S. Carlos do Pinhal e de Brotas.

Feijão, corrupção de *Tey-ã*, «muito empinado». De *tey*, «muito», *ã*, «empinar». O *y* é pronunciado por alguns como *j*: *Tej-ã*. Por isso a corrupção em *Feijão*.

Allusivo a ter ingreme o leito.

E' cabeceira do rio *Jacaré-pipira-mirim*: nome este que é dado sómente depois da affluencia do ribeirão *Lobo*.

Feital.—Morro, no municipio de Mogy das Cruzes.

Morro, entre os municipios de Una e de Cotia. E' mais conhecido por *Morro Grande*.

Morro, no municipio de S. Roque.

E em outros municipios.

Feital, corrupção de *H-é-itá*, «encosta forte». De *h*, relativo, *é*, «apto, forte», *itá*, «arrimo, cousa em que outra se firma, estante, armação, pilar».

Ferrão.—Affluente do ribeirão *Buquira*, pela margem direita: no municipio de Palmeiras (antiga freguezia de *Buquira*). Nasce em um alagadiço.

Alguns o consideram uma das cabeceiras do rio *Buquira*; sendo a outra o denominado *Buquirinha*, cuja origem é nos serrotes que divisam este e os municipios de Taubaté e de Caçapava.

Ferrão, corrupção de *Terõ*, «torcido, torto».

Allusivo á sua forma, desde a nascente até á fóz.

Figueira.—Praia, na ilha de S. Sebastião; no municipio de Villa Bella.

Figueira, corruptéla de *Ti-cuêra*, «duro, forte, apertado»: participio de *ti*, pelo accrescimo *cuêra*.

Allusivo a serem ahi muito apertadas as areias, formando um solo duro.

Figueira.—Ilha de forma circular, a sudéste da de Cananéa.

Figueira, corruptéla de *Tiqueira*, «irmã maior». Companheira da que traz o nome *Castilhos* ou *Castello*, corrupção de *Quipii*, «irmã menor», os indigenas as differençam assim, considerando-as irmãs: a maior *Tiqueira*, a menor *Quipii*, tendo o *i* de *qui* e o primeiro *i* de *pii* pronuncia guttural.

(Vide *Castello* e *Castilhos*).

Figueira.—Affluente do rio *Jahú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jahú e de Dous Corregos.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema. Sua barra é fronteira á do *Tibagy*.

Figueira, corrupção de *Ti-iquê-ro*, «margens altas a prumo». De *ti*, «elevar, levantar», *iquê*, «lado, costado», *ro*, «pôr-se». Por contracção, *Ti-'quê-ra*.

Allusivo a correrem entre paredes.

Figueira.—Corredeira, no rio *Mogy-guassú*.

Figueira, corrupção de *Y-îi-yêrè*, «volta apertada». De *y*, relativo, *îi*, «apertado, duro», *yêrè*, «volta».

Allusivo a estreitar-se ahi o rio, fazendo uma volta entre montes, com canal apertado, por onde as aguas correm com extraordinaria velocidade.

Figueira.—Serra, nos municipios de Jahú e de Dous Corregos.

Figueira, corrupção de *Ti-iquê-ro*, «encostas alcantiladas». De *ti*, «elevar, levantar», *iquê*, «lado, costado», *ro*, «pôr-se». Por contracção, *Ti-'quê-ro*.

Allusivo a ter encostas quasi a prumo.

Folha-Larga.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Morro, no municipio de Cananéa.

Folha-Larga, corrupção de *Yo-araquaî*, «cingido de todos os lados». De *yo*, reciproco, *araquaî*, «cingido».

Relativamente ao ribeirão, é allusivo a correr entre margens altas.

Relativamente ao morro, é allusivo á sua formação granitica.

Fome.—Praia na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Fome, corruptéla de *Tómì*, «pulverulento».

Allusivo a levantar-se nesta praia muita poeira.

Formosa.—Lagôa, no municipio de S. João da Boa Vista.

Formosa, corrupção de *Húú-m-ocè*, «muito lodosa». De *húú*, «lodo, borra, fezes, detritos», *m*, intercalação nasal, *ocè*, para exprimir superlativo.

Forquilha.—Ribeiro, no municipio de S. João Baptista do Rio Verde.

Affluente do rio *Una da Aldêa*, no municipio de Iguape.

Forquilha, corrupção de *I-y-o-quir-a*, «rio, se chove». De *i*, «rio», *y*, relativo, precedendo *o*, reciproco de relação, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, *quir*, «chover», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a não ter agua corrente senão quando chove.

Fortaleza.—Freguezia, no municipio de Lençóes.

Serra, nos municipios de Arêas e de Queluz, á margem direita do rio *Parahyba*.

Fortaleza, corrupção de *Y-oitá-hêcè*, «paredão, de ambos os lados». De *y*, relativo, *oitá*, «pilares, armação, estantes, e tudo em que alguma cousa se arrima ou estriba», *hêcè*, o mesmo que *rêhè*, para exprimir mutuo, com referencia aos dous lados ou vertentes.

Allusivo a ser quasi a pique, de um e outro lado.

Nesta serra, que alguns dizem simplesmente morro, ha uma pedreira que, com as chuvas, se desfaz em areia grossa.

Fradinho.—Affluente do ribeirão *Prata*, e este do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Cajurú e Batataes.

Fradinho, corrupção de *Hati-ĩ*, «tem polme». De *hati*, «polme, sedimento de vegetaes em pó, fézes, borra», *ĩ*, «ter, estar, pôr».

Allusivo a ser sujo de detritos vegetaes.

Franca.—Povoação que, sendo simples freguezia em 1804, foi elevada á villa em 1824, sob o nome de *Villa Franca do Imperador*, e elevada á cidade em 1856.

Dista das divisas com a provincia de Minas Geraes, ao norte, 12 a 15 leguas.

O nome *Franca* é uma das bajulações daquelles tempos coloniaes, para com Antonio José da *Franca* e Horta, que então governava a capitania.

E' ignorado o nome tupi desse lugar. Os primeiros posseiros o denominaram *Sertão de capim mimoso*, assignalando-o, assim, como optimo para a criação de gado.

Funda.—Lagôa, no municipio de Mogy-Guassú.

Funda, corrupção de *Húú-ndi*, «muito lodo». De *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos», *ndi*, «muito, muitos», pronunciado breve, por estar em *húú* o accento predominante.

O *h*, sendo aspirado, confunde-se com o *f*: dahi a corrupção.

Fundo.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Affluente do rio *Jaguary:* no municipio de S. João da Boa Vista.

Affluente do rio *Capivary*, pela margem esquerda: no municipio de Tieté.

Dous affluentes do rio *Paranapanema*, pela margem direita: em territorio ainda occupado por indigenas.

Affluente do rio *Apiahy*, pela margem esquerda: no municipio de Itapeva da Faxina.

E outros.

Fundo, corruptéla de *H-ỹî-ndi*, «muitas concavidades». De *h*, relativo, *ỹî*, «concavidade, abertura, natural, seio, ôco», *ndi*, «muitos». A palavra *ỹî* tem som guttural; e a palavra *ndi* é pronunciada breve, por predominar o accento de *ỹî*.

Allusivo a depressões no leito, formando fójos, poços, buracos de toda a especie, por causa da respectiva formação geologica. São perigosos esses peráus.

Funil.—Corredeira no rio *Ribeira de Iguape*, um pouco abaixo da villa de Yporanga.

Corredeiras no rio *Paranapanema*, acima da fóz do rio *Apiahy*.

Corredeira no rio *Mogy-guassú*.

Corredeira no rio *Atibaia*.

Funil, corrupção de *Hũ-n-îi*, «revolve-se apertado». De *hũ*, «revolução interior, revolver-se em si mesma», *n*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *hũ*, e para ligar esta palavra a *îi*, «apertado», cujo primeiro *î* tem pronuncia guttural.

Allusivo ao movimento ondulativo e aos rodomoinhos que, nessas corredeiras, fazem as aguas revoltas.

Por estreitarem-se os rios nesses logares, formando corredeiras, a corrupção do nome foi facilmente aceita.

Furadinho.—Lagôa, no municipio de Cajurú. Contém esta lagôa uma ilha, cuja extensão e largura méde sete hectares de terra.

G

Gaicá.—Porto, ao sul da cidade de S. Sebastião, 8,3 kilometros de distancia. Dahi—o nome dado á fazenda do convento do Carmo, nesse logar, hoje em abandono.

Gaicá, corruptéla de *Iga-ycá*, «quebra canôa». De *igá*, «canôa», *cá*, «quebrar», precedido de *y*, relativo.

Allusivo a bater ahi muito forte o mar, atirando as canôas sobre as pedras.

Gaiovira.—Pequeno corrego, affluente do ribeirão *Figueira*, pela margem esquerda: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Gaiovira, corruptéla de *Quâî-o-bira*, «cingido e levantado de ambos os lados». De *quâî*, «cingido», *o*, reciproco, para exprimir o plural e communicação, relativamente ao verbo *bir*, «levantar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a correr entre paredões altos.

Gambá.—Serrote no municipio de Jaboticabal; mais conhecido por *Monte-Alto* (Vide este nome).

Gambá, composto de *g*, reciproco, *ã*, «empinar». *mb*, pela nasalidade de *ã*, e *á*, «cabeço, pico».

Allusivo ás suas encostas alcantiladas, fazendo ponta no cimo.

Garaú.—Morro entre os rios *Garaú* e *Una do Prelado:* no municipio de Itanhaen *(Vide o nome Carajauna)*.

Garaú é o nome que o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, dá a este morro; mas, AZEVEDO MARQUES, nos *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da Provincia de S. Paulo*, dá o nome *Jaguary*. O padre AYRES DE CASAL, em sua *Corographia Brazilica*, assim tambem o denomina; mas, é confusão. (Vide os nomes *Carajaúna* e *Jaguary*).

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA dá o nome *Garaú*, não só ao morro, como tambem a um rio: «...em todo este rio nada vi digno de observar-se, á excepção de uma *araranha*, especie de lontra de rio, maior que o *vivia*, a qual julgo será a *mustela lutris brasiliensis* de Linnêo; e *jacarés*, de onde se deriva o nome do rio *(Lacerta Alligator)*. Chegado ao porto, subi o morro de *Garaú*...».

Garaú, nome do monte, é corruptéla de *Qûára-aú*, «esburacado em excesso até o ponto de encommodar». De *qûár*, «buraco, bojo», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *aú*, particula para exprimir defeito, encommodo, ou má vontade na acção. Por contracção, *Qûár'-aú*.

Allusivo a ser um morro de penedias, com arvores enormes e corpulentas, cujas raizes se estendem á superficie, tornando-se desigual o sólo. O caminho é

por cima desse morro; e, pois, o travessio torna-se encommodo.

Sua base é de pedras núas.

Quanto ao rio, *Garaú* é corruptéla de *Quâ-ára-aú*, contrahido em *Qu'-ár'-aú*, «máu corredor». De *quâ*, «passar, correr», *ára*, verbal de participio, para exprimir a actividade do verbo, *aú*, particula para exprimir defeito, encommodo, ou má vontade na acção.

Allusivo a ser pouco corrente.

(Vide o nome *Guarahy*).

Tambem o indigena quereria por ventura assignalar ahi a existencia de animal devorador, fazendo assim o costumado jogo linguistico; e, com effeito, *garaú* é o mesmo *guára-ú*, participio presente de *aú*, «comer», repetindo no final o *ú*, para maior energia na acção, «devorador».

Allusivo aos jacarés que ahi abundam.

Ha tambem tres pequenas ilhas, em frente á fóz deste rio, com o nome *Garaú*, corruptéla de *Gúará-aú*, contrahido em *Gúar'-aú*, «sem prestimo». De *gúara*, para exprimir utilidade, *aú*, «ficção, bulra, phantasia»; importando as duas palavras o significado «ficção de utilidade».

Só a maior, denominada *Ilha-Grande*, relativamente ás outras duas, serve de abrigo aos pescadores, visto como tem porto e agua potavel.

Garayúva. — Pedra superposta ao morro *Lopo:* no municipio de Santo Antonio da Cachoeira.

Alguns escrevem *Guarayuva*.

(Vide o nome *Lopo*).

Garayúva, corruptéla de *Gu-ári-yúb-a*, «superposta ao longo». De *gu*, reciproco, *ari*, «em cima, sobre», *yub*, «estar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Não é, pois, propriamente um nome, como em geral o suppõem, mas uma descripção do modo de estar da pedra.

A altitude até a pedra é 1655 *metros. Muitas leguas em redor*, não existe *pico tão elevado.*

E' formado de granito com grandes crystaes de feldspatho, alinhados segundo o grande eixo. Na base do morro o aspecto gneissico domina, segundo li em um trabalho da Commissão Geographica e Geologica da Provincia de S. Paulo, de 1889.

Garcia (do).—Corredeira, no rio *Tieté*, logo abaixo da cidade de Tieté.

Garcia, corrupção de *Y-aci*, «curta» De *y*, relativo, *aci*, «pedaço, curto».

Allusivo a ter apenas a extensão de cerca de dez metros com um desnivellamento de trinta centimetros.

No *Diario de navegação do rio Tieté*, escripto em 1769 pelo sargento-mór Theotonio José Duarte, o nome da corredeira *Do Garcia* figura como significando «perdeu-se este homem nella»!

Garrafão.—Morro, pertencente á serra *Bocáina:* no municipio de Jacarehy.

Garrafão, corrupção de *Guaratã* (*)...

(*) Estava incompleto no original, com signal de adiamento para depois de informações e com um espaço em branco; e avulsa a nota—*Caá*, «monte», *tan*, «teso, duro, erecto».

Gejava. — Monte situado na ponta septentrional da barra *Icapára:* municipio de Iguape.

Gejava, corruptéla de *Ye-iîàba*, «resvaladiço», ou «resvaladeiro». De *ye*, reciproco, para exprimir a acção da pessoa transeunte sobre si mesma, *iî*, «resvalar», levado ao participio pelo accrescimo de *ára*, «o que resvala».

Com effeito, para ir de Iguape além do morro da Vigia, não preferindo passar pela picada da linha telegraphica, é preciso caminhar sobre uma fila ou orla de pedras cobertas de limo, adherentes ao dito morro.

Segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, o nome *Gejava* significa, «lugar onde só póde passar uma pessoa de cada vez». Elle confundiu a significação, tomando o effeito pela causa. O nome não é do monte, mas dessa passagem difficultosa, quando a maré está cheia. O transeunte é obrigado a equilibrar-se; por isso o indigena fez preceder de *ye*

o *ii*, para exprimir a acção do
nte sobre si mesmo, conforme a
lo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua
e grammatica da lingua brasilica.
nomes em tupi é este um dos
propriados ao logar denominado.

ybatyba.—Rio que desagua em
á ilha de S. Vicente, ou *Guaiahó*,
a-mar de Santos.
ente do rio *Parahyba*, pela mar-
squerda: no municipio de Tau-

haja confusão com o rio *Juru-*
, que corre no municipio de Santo
, trazendo em suas cabeceiras o
Rio Grande.
e o nome *Jurubatuba).*
irão, affluente do rio *Capirary-*
.
e o nome *Capivary).*
ndo frei GASPAR DA MADRE DE
em sua *Memoria para a historia*
pitania de S. Vicente, o nome
atyba significa «rio em cujas mar-
bunda a palmeira *gerivá*». Na
toada escreveu frei FRANCISCO
AZERES MARANHÃO, em seu *Glos-*
de palavras indigenas.
a tem este nome com a palmeira

ybatyba é corruptéla de *Yêrê-abá-*
contrahido em *Yêrê-'bá-ty-bae*,
e muitas voltas». De *yêrê*, «vol-
bá, «muitas», *ty*, «atar, prender».
particula *bae* (breve), para formar
pio, significando «o que».
sivo a correr entre encostas de
s fazendo sinuosidades.

—Morro, na serra *Itaberaba*, entre
nicipios de Conceição dos Guaru-
de Nazareth.
corruptéla de *Y-ii*, «resvaladio».
relativo, *ii*, «resvalar, escorregar».
sivo a ser lamacento em tempo
vas, de tal modo que é escorre-

apẽ.—Nome que consta de titu-
sesmaria de Pero de Góes, 1532.
e o nome *Joapen).*

Gipuvúra.—Morro, no municipio de Iguape.

E' o mesmo que tem o nome *Guaviruúva.*

(Vide o nome *Guaviruúva).*

Gloria.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

Gloria, corruptéla de *Gu-óia*, «o que cabe». De *gu*, reciproco, regendo *óia*, terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *yá*, «ser egual, caber, não sair de sua capacidade, conforme».

Allusivo a não extravasar suas aguas, mesmo em tempo de chuva; em contraste com o rio *Bananal.*

Goiabal.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jacarehy e de Mogy das Cruzes.

Goiabal nada tem com a fructa *goiaba*, como a muitos terá parecido.

Goiabal é corrupção de *Gui-aybá*, «em baixo de brenhas». De *gui*, «em baixo», *aybá*, «brenhas».

Allusivo a ter seu curso em mattas e entre penedias.

Gomeatinga.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Santa Branca.

Gomeatinga, corruptéla de *Coỹme-atinga*, «quasi soterrado». De *coỹme*, «por pouco, esteve perto, quasi», *ati*, «soterrar», fazendo supino com *nga*, por estar sob a influencia do som nasal de *coỹme*, dominando o som desta palavra o nome inteiro.

Allusivo a ter o leito muito entulhado de pedras cahidas do monte.

Gorita.—Morro, no municipio de S. João do Rio Claro.

Gorita, corruptéla de *Guir-ii-ta*, «cavernoso». De *guir*, «em baixo», *ii*, «ôco», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a cavernas e a fragosidades.

Gramma.—Ribeirão mencionado na lei das divisas do municipio de S. José do Rio Pardo.

Vertente da serra maritima, na qual nasce o rio *Jucuhy:* no municipio de Cunha.

Gramma, corrupção de *Gu-áĩme*, «a pique». De *gu*, reciproco, *háĩme*, «a pique», perdendo o *h* por causa do *gu*, reciproco.

Allusivo, quanto ao ribeirão, a cair a pique; e quanto á vertente da serra, ser a pique a mesma vertente.

Gramminha.—Morro, no municipio de S. Luiz de Parahytinga.

Gramminha, corrupção de *Gu-áĩme-ĩna*, «estar a pique». De *gu*, reciproco, *háĩme*, «a pique», *ĩna*, supino de *ĩ*, «estar». Por causa de *gu*, desapparece o *h*.

Gravy.—Morros que servem de divisa aos municipios de Mogy-mirim e da Penha do Rio do Peixe, por esse lado.

Gravy, corrupção de *Gu-áî-bi*, «altos e baixos successivos». De *gu*, reciproco, para exprimir plural e communicação de uns com outros, *áî*, «altos e baixos», *bi*, «pegar-se, seguir-se».

Allusivo a existirem naquelle morro, do lado da Penha do Rio do Peixe, hoje *Ytá'-pira*, successivas ondulações, de sorte que quem o ascende daquelle lado sóbe e desce essas ondulações do terreno.

Gregorio.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Taubaté e de Pindamonhangaba.

Gregorio, corrupção de *Gu-yeroyè*, «inclinado» ou «em forte declive». De *gu*, reciproco, *yeroyè*, «fazer reverencia, inclinar-se, ser em declive».

De facto, este ribeirão nasce na serra *Quebra cangalha*, e precipita-se em forte declive para a baixada, e, ahi correndo, desagua no rio *Parahyba*.

Guabiróba.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Já li o nome deste ribeirão como *Guariróva*.

Guabiróba, corruptéla de *Gu-abirú-ó-bae*, contrahido em *Gu-abir'-ó-bae*, «tapado e de barriga». De *gu*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *abirú*, «barriga», *ó*, «tapar», com *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a encontrarem suas aguas resistencia nos pantanos do rio *Mogy-guassú*, refluindo e formando alagadiço em fórma de barriga ou bojo.

Guabiróbas.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no municipio de Cunha.

Guabiróbas, corrupção de *Gu-apir-óg*, «pontas cortadas». De *gu*, reciproco, para exprimir mais de uma, *apir*, «ponta, principio e fim das cousas», *óg*, «tronchar, cortar».

Allusivo a que, no logar da reunião de suas duas cabeceiras, ha um salto, cuja altura é de 60 metros, mais ou menos; e este salto como que corta aquellas duas pontas.

Dahi em diante, tem o nome de *Ribeirão da Serra*, sinuoso, encachoeirado, com alguns saltos; raso e arenoso.

A mudança do nome, desde aquelle grande salto, justifica o nome *Gu-apìr-óg*.

Talvez a corrupção se operasse do facto de por ventura existir alli abundancia da saborosa myrtacea *Guabiróba*.

Guacundúva. — Morro elevado, na serra *Itatins:* no municipio de Itanhaen.

Guacundúva, corruptéla de *Gu-acúndu-bae*, «quente e ruidoso». De *gu*, reciproco, *acú*, «quente», *ndú*, «ruido, estrondo, estrepito», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

O dr. Carlos Rath escreveu *Quacundúca;* mas é erro. Elle menciona tambem um rio com este nome, que então será corrupção igual á de cima, significando o mesmo.

O nome do morro é allusivo a ser vulcanico. Com effeito, é quente, e deixa ouvir ruido interior; não tendo, por isso, senão escassa vegetação.

O nome do ribeirão é allusivo ao facto de nascer quente, e correr entre penhascos e pedras, fazendo desde a sua origem grande ruido e estrondo.

Guacuritú.—Cachoeira no rio *Tieté*, acima da *Itú-pirú*.

Ha *Guacuritú-uçú* e *Guacuritú-mirim*. Entre as duas se interpõem quatro com outras denominações.

Guacuritú, corruptéla de *Quâ-cury-ty*, «corredeira e arrecife». De *quâ*, infinitivo de *aquâ*, «correr», *cury*, «presteza, pressa», *ty*, «pontas». O *y* tem som guttural.

Guacuriú.—Affluente do rio *Iperó*, pela margem esquerda: no municipio de Campo Largo de Sorocaba.

Guacuriú, corruptéla de *Quâ-cury-ú*, «põe-se a correr velozmente». De *quâ*, infinitivo de *aquâ*, «correr», *cury*, «presteza, pressa», *ú*, «estar, pôr-se, etc.». Tambem o *ú* póde exprimir a maior energia na acção.

Nasce em uma lagôa; e, depois de formar, em seu curso, outras lagôas e charcos, deslisa-se veloz.

Guaiahó.—Nome da ilha de S. Vicente, na qual estão situadas a cidade de Santos e a villa de S. Vicente, como se vê da carta de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532. Neste documento está escripto *Gohayó*, mais correcto: «...ilha de S. Vicente, d'onde chamam *Gohayó*».

Guaiahó, corruptéla de *Gu-aî-óg*, «cortada e despegada». De *gu*, reciproco, *aî*, «despegar, abrir, separar», *óg*, «cortar, arrancar». Os verbos *aî* e *óg* apparecem unidos neste nome para exprimirem separação por força.

Allusivo a ter sido separada do continente pela força das aguas que a rodeiam.

Guaió.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Guaió, que alguns tambem escrevem *Guaiaó*, é corruptéla de *Gu-aioóg*, «tapado». De *aóg*, «tapar», precedido de *gu*, reciproco, com a intercalação da particula *io*, para exprimir o acto de voltar sobre si mesmo, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a não poder desaguar no rio *Tieté*, quando este está cheio; refluindo suas aguas sobre elle mesmo, e formando pantanos na varzea.

Alguns nomeiam *Guaió* tambem o morro; mas é erro. O nome é só do ribeirão.

Guaipacaré.—Nome tupi da povoação, que é hoje cidade de Lorena.

(Vide o nome *Lorena*).

Guamicanga. — Corredeira no rio *Tieté;* tambem conhecida corruptamente por *Vamicanga*.

Guamicanga, corruptéla de *Gu-amî-cá-nga*, «aperta e abre». De *gu*, reciproco, *amĩ*, «apertar, espremer, ordenhar», *cá*, «quebrar, abrir», fazendo supino com *nga*, por estar sob a influencia e ferido da pronuncia nasal de *amĩ*, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a estreitar-se ahi o rio; e, logo que finda a corredeira, alargar-se de modo notavel.

Guamiranga. — Morro elevado, á margem direita do rio *Ribeira de Iguape:* no municipio de Iguape.

Este morro é granitico, de mistura com gneis.

Guamiranga, corruptéla de *Gu-amĩ-nga* ou *Gu-apĩ-ra-gua*, «pellado e desatado». De *gu*, reciproco, *amĩ*, o mesmo que *apĩ*, «ser pellado», *ra*, «ser desatado, descosido», fazendo supino com *nya*, por estar sob a influencia e ferido da pronuncia nasal de *apĩ*, conforme a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a não ter vegetação e a ser derrocado.

Guamium.—Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: no municipio de Piracicaba.

Guamium, corruptéla de *Gu-amĩ-i*, «perseverantemente apertado». De *gu*, reciproco, *amĩ*, «apertar, espremer, ordenhar», *i*, posposição de perseverança com a pronuncia guttural, mixta com a

nasal, por causa de *amĩ* que nasalisa o nome inteiro.

Guananan.—Affluente do rio *S. Lourenço*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Guananan, corruptéla de *Qu-ana-nã*, «muito corrente». De *gu*, reciproco, *anã*, «correr», repetido para exprimir superlativo.

Allusivo á sua extraordinaria correnteza.

Guaniqué.—Ilha no canal *Bertioga*: no municipio de Santos.

Guaniqué, corruptéla de *Quá-ne-iquê*, «lados muito esquinados». Por contracção, *Qua-n'-iquê*. De *qua*, «esquinar», *ne*, adverbio affirmativo, para exprimir superlativo, *iquê*, «lado, costa».

Não é propriamente uma ilha, senão porque está ladeada de agua: é uma ostreira abundantissima. Ha ahi uma fabrica de cal.

Está á fóz do rio *Cabussú*.

Por isso mesmo que é uma ostreira, e sendo certo que os indigenas sabiam fazer o jogo linguistico dando denominações com som identico ou quasi identico a cousas diversas na mesma região, *Guaniqué* é tambem corruptéla de *Qúane-quê*, «jazigo para a passagem futura». De *qúa*, infinitivo deste verbo, «passar», mas que, por não ter caso, significa «passagem», *ne*, para exprimir futuro, *quê* «dormir, repousar».

Allusivo a ser nessa ostreira um cemiterio.

Com effeito, nas ostreiras os indigenas sepultavam os mortos; e, portanto, o segundo nome *Quâ-ne-quê* seria allusivo a isso.

Guanxima.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Guanxima, corruptéla de *Gu-achỹma*, «resvaladiço». O primeiro *a* é tambem ferido de pronuncia nasal soando *an*, por causa do *ỹ*, que tem pronuncia nasal além da guttural. Supino de *achỹ*, «resvalar».

Allusivo a ser esta praia um pouco *limosa ou lodosa, e portanto* resvaladiça.

Guapéva.—Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem direita: no municipio de Jundiahy, e proximo á cidade.

Guapéva, corruptéla de *Gu-apé-bo*, «á superficie», isto é, «raso». De *gu*, reciproco, *apé*, «chato, plano, á superficie», *bo*, para exprimir o modo de estar, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Guapiára.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: entre os municipios de Paranapanema e de Itapetininga.

Não se trata de *Igapiára*, corruptéla de *Y-ypó-yâr-a*, «colher á mão». De *y*, para exprimir que o facto é praticado ao acaso, *y*, relativo sómente para *pó*, «mão», *yâr*, «colher, apanhar, pegar», com o accrescimo de *a* por acabar em consoante, segundo a lição dos grammaticos. Os indigenas, assim dispondo, querem exprimir o acto de apanhar á mão o peixe em pouca agua, decantando o banhado; e este verbo está admittido na lingua portugueza, *gapiar* ou, menos incorrecto, *gapuiar*, significando «pescar ao acaso, á aventura». O modo de decantar o banhado é simples: fazem-se elevações rectas de tijuco, sustentadas por páus cravados no meio, de modo a separar a parte do banhado, onde tem de ser feita a pesca; e, depois, decanta-se a maior porção de agua, que fôr possivel: accumulados no fundo os peixes, facil é agarral-os á mão; e, se ha muita agua, é applicado o *timbó*, para que subam á tona.

Guapiára é participio do verbo *api*, «torcer, ladear», precedido de *gu*, reciproco, e seguido de *ára*. E, portanto, *Gu-api-ára* significa «o que se torce».

Com effeito, este ribeirão corre ao lado do monte, fazendo successivas curvas.

Ha tambem uma parte do ribeirão *Peruraúva* que traz esse nome *Guapiára*.

(Vide o nome *Peruraúva*).

Guapira.—Nome que trazem, não só um serrote, ramificação da serra *Cantareira*, como tambem um affluente do

rio *Tieté*, pela margem direita, que assim é nomeado sómente depois da confluencia do ribeirão *Cabuçú* com o ribeirão *Tremembé*.

(Vide os nomes *Cabuçú* e *Tremembé*).

Gu-á-pira, com referencia ao serrote, é «cortado». De *gu*, reciproco, *á*, «cortar», *pira*, verbal para formar participio passivo.

Allusivo a fazer ahi uma depressão ou *aberta* tão funda que semelha um córte.

Com referencia ao affluente do rio *Tieté*, o nome *Guapira* é corruptéla de *Gu-ãã-pira*, «alagado». De *gu*, reciproco, *ãã*, «alagar, espraiar em lagôa, encharcar», *pira*, particula do participio passivo. O *gu*, reciproco, é para exprimir que o alagamento é pelas duas margens.

Allusivo ás varzeas que o ladeam.

Os indigenas, nomeando o serrote e o ribeirão com nomes, embora identicos ou quasi identicos no som, com significados diversos, não fizeram senão o costumado jogo linguistico, em que eram habilissimos.

Guapituba.— Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Bernardo.

Era á margem direita deste ribeirão a famosa *villa de Santo André*, fundada por João Ramalho, e creada officialmente em 8 de Setembro de 1553.

Guapituba, corruptéla de *Gu-api-túî-bae*, «sinuoso, e derramado». De *gu*, reciproco, para exprimir as suas margens, *api*, «torcer, fazer volta», *túî*, «derramar, fazer bojo», *bae* (breve), para formar participio. (*)

(*) Estava em nota avulsa:

Guapetúba, corruptéla de *Gu-apé-ỹtú-bae*, «raso e sujo». De *gu*, reciproco, *apé*, «plano, á superficie», *ỹtú*, «ser sujo», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Tenho lido em titulos de terras *Carapetúba* e *Guarabetúba!*

Guapiú.—Affluente do rio *Una d'Aldêa*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape. Tambem conhecido pelo nome *Rio das Pedras*, que nelle afflúe.

Guapiú, corruptéla de *Guaãã-ipiyûg*, «varzeas podres». De *guãã*, «enseada, varzea», *ipiyûg*, «podre, apodrecido».

Allusivo a serem suas varzeas deposito de detritos.

E' considerado rio morto. (*)

(*) Ha tambem na divisa entre os municipios da Capital e de S. Bernardo um bairro denominado *Guapiú*.

Guapurá.—Dois morros no municipio de Itanhaen; ramificações da serra maritima.

Ha o *guassú* e o *mirim*.

Guapurá, corruptéla de *Gu-api-rá*, «desatado na ponta». De *gu*, reciproco, *api*, «ponta, principio ou fim de alguma cousa», *rá*, «desatar».

Allusivo ao derrocamento no cimo desses morros.

Guapurundúba.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca. Em suas margens ha vestigios de mineração de ouro. A' sua fóz existe uma capella.

Tenho lido tambem *Vapurundúba*, e *Iraporandúva*; mas, estes são outra fórma do nome: em vez de *gu*, reciproco, foi empregado *y*, relativo: *Y-apóra-ndú-bae*, «com saltos estrondosos». De *y*, relativo, *apór*, «salto, saltar, cahir de cima», completado pelo *a* (breve), por acabar em consoante, *ndú*, «fazer estrondo», *bae* (breve), para levar o verbo ao participio.

Guarahú.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem direita: no municipio de Iguape. E' antes um dos braços do rio *Jacupiranga*, segundo me informaram, do que propriamente affluente.

Affluente do rio *Tremembé*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: servindo de divisa aos municipios de Itú e do Salto, até á affluencia do corrego *Cangica*.

Guarahú, corruptéla de *Quâ-àra-aú*, por contracção *Qu'-ar'-aú*, «máu corredor». De *quâ-àra*, participio do verbo *aquà*, «correr», *aú*, particula para exprimir defeito ou má vontade na acção, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA,

na *Arte de grammatica da lingua brasilica*, e escreveu *aúb*.

Allusivo a serem pouco correntes.

Guarahy.—Ribeirão que nasce na face sudéste da serra *Itatins*, e desagua no oceano: no municipio de Itanhaen. Divide os morros *Peruhibe* e *Una*.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, *Guarahy* significa «rio de guarás»!

Nem este é o modo de construcção de nomes em tupi, com referencia a rios, pois que o *i* deve ser preposto e não posposto, nem de facto o nome *Guarahy*, por allusão a *guarás*, tem relação com esse ribeirão.

Alguns o denominam *Garoú;* e assim é geralmente conhecido.

(Vide o nome *Garaú)*.

Por isso, deixo *Guarahy*, que é nome errado; e passo a examinar o nome *Garaú*.

Garaú, corruptéla de *Quâ-ára-aú*, por contracção, *Qu'-ar'-aú*, «máu corredor».

De *quâ-ára*, participio do verbo *aquâ*, «correr», *aú*, particula que exprime defeito ou má vontade na acção, segundo o ensina o padre LUIZ FIGUEIRA, na *Arte de grammatica da lingua brasilica*, o qual escreveu *aúb*.

Allusivo a ter esse ribeirão pouca correnteza.

Guarapés. — Affluente do ribeirão *Bacuruvú*, pela margem direita: no municipio de Conceição dos Guarulhos.

Guarapés, corruptéla de *Gu-ar-a-pé*, «sinuoso e raso». De *gu*, reciproco, *ar*, «ladear», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante e ter de ligar a *pé*, «chato, plano, á superficie».

Allusivo ao seu pouco fundo e ás voltas que faz.

Guarapéva.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita; no municipio de S. Luiz do Parahytinga.

Nasce no morro *Carapéva;* e, nestes dous nomes, o indigena fez o seu costumado jogo linguistico, porque são identicos os sons.

(Vide o nome *Carapéva)*.

Guarapéva, corruptéla de *Cara-pé-bae*, «veloz e raso». De *cará*, «pressa, destreza», *pé*, «chato, plano, á superficie», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

Allusivo a ser muito corrente, e raso, ou sem grande fundo.

Tem pedregoso e arciento o leito.

Guarapinumã.—Nome da entrada para o porto de Santos.

Quando não tinha maior conhecimento do systema das denominações em tupi, escrevi que *Guarapinumã* era corrupção de *Guirá-pixuna*, «passaros noctivagos», que ali abundariam e ainda abundam. Hoje, porém, tornou-se-me manifesto o erro daquella explicação. *Guarapinumã* é corruptéla de *Guâá-ri-pè-nẽmã*, «caminho de voltas e revoltas para a enseada». De *guâá*, «enseada», *ri*, exprimindo communicação, *pè*, «caminho», *nẽmã*, «voltas e revoltas».

Allusivo a ser de muitas voltas e revoltas o canal.

Guarapiranga. — Antiga aldêa de *Guayanazes*, nas immediações do local em que é a actual cidade de S. Paulo, parecendo que era para os lados do municipio de Santo Amaro, pois que o rio *Mboy-guassú* é tambem conhecido por *Guarapiranga*.

O nome *Guarapiranga* é dado ao rio *Mboy-guassú* só em seu principio e até certa extensão, ao receber a affluencia do *Mboy-mirim*. Corruptéla de *Guiri-apir-â-nga*, «cabeceiras empinadas». De *gu*, reciproco, *iri*, «rio», *apir*, «principio», formando *iri-apir*, «cabeceira de rio», *ã*, «empinar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a nascer na serra *Paranapiacába*, tambem conhecida por *Cubatão;* e dahi em forte declive até a planicie.

Tambem em alguns documentos antigos o nome *Guarapiranga* é dado, talvez por confusão, ao logar e rio *Ipiranga*.

Tratando-se de uma aldêa, o systema das denominações era diverso: em algumas nações, os chefes tomavam os

nomes de animaes, e estes nomes eram os das respectivas aldêas.

Segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, *guarapiranga* significa «guará vermelho». Mas, como denominação da especie, seria um não senso attribuido ao indigena. Embora seja certo que, nas duas primeiras idades, a ave marinha guará é branca, e depois preta, é não menos certo que, sendo vermelha a sua côr natural, quando já completamente formada, o indigena, sempre tão intelligente e correcto nas denominações, não commetteria o erro de dizer «guará vermelho». Assim, pois, não póde prevalecer o significado de MARTIUS.

Talvez *Guarapiranga* fosse allusivo ás tres *araras vermelhas*, vivas, que, pousadas sobre um ramo secco, á entrada da *óca*, eram as armas régias de que o chefe da nação *Guayanaz* usava, segundo o affirmam as chronicas:—*Guára-pirã-nga*. O nome desta ave é onomatopaico: *ára* é o grito della, e, só pela repetição, é formado *ára-ára*, contrahido em *ar'-ara; pirã*, «ser vermelho, avermelhar, colorado como sangue», com o accrescimo *nga* (breve), para formar supino, precedido de *gu*, reciproco.

De outro modo não ha explicação para *Guarápiranga*, como nome de aldêa.

Guarapó.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Tatuhy.

Guarapó, corruptéla de *Quâr-apó*, «saltos e poços». De *quâr*, «poço, bojo, buraco», *apó*, «saltar».

Allusivo a ter o leito muito accidentado, com saltos e poços.

Guarapocáia.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Guarapocáia, corruptéla de *Quâr-a-pógca-ayè*, contrahido em *Quâr-a-póge'-ayé*, «arremesso e muito estrondo». De *quâr-a*, «arremesso, golpe», *póg*, «estrondar», levado ao supino pelo accrescimo de *ca* (breve), *ayè*, «muito».

Allusivo á constante e forte arrebentação de ondas do mar nessa praia.

Guarará.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Bernardo.

Gu-ar-ar-á, «torcido, e ladeador». De *gu*, reciproco, para exprimir successão do facto, *á*, «torcer».

Allusivo a ser muito sinuoso.

E' um corrego.

Guararará.—Morro notavel na cordilheira que, de norte a sul, divide em duas vertentes a ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro:* no municipio de Santos.

Pequeno rio que nasce naquelle morro e desagua no canal *Bertioga*.

Guararará, corruptéla de *Quár-a-rirú*, «tem buracos». De *quár-a*, «buraco, bojo, poço», *rirú*, para exprimir «ter, conter». O *i* de *rirú* tem som guttural: e, para uns sôa como *a*, para outros como *u*.

Allusivo, quanto ao morro, a ter em baixo cavernas e no alto buracos; e quanto ao rio, a ter peráus.

(Vide adiante o nome *Guararuhú)*.

Guararema.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Guararema, corruptéla de *Gu-ar-ar-'ê-ma*, «de quéda em quéda ao sahir». De *gu*, reciproco, *ar*, «cahir», repetido para exprimir a successão do facto, *hẽ*, «sahida», com a apheresis do *h* por ser antecedido de uma consoante, e tomando a fórma de gerundio, pelo accrescimo do suffixo *ma* (breve), para significar «ao sahir».

Allusivo a ter ingreme o leito, com um pequeno salto e cachoeiras, ao fazer barra no rio *Parahyba*.

Guararuhú.—E' o mesmo morro, na ilha de Santo Amaro, já retro descripto sob o nome *Guararará:* no municipio de Santos.

Antigas chronicas o nomeiam *Guararuhú;* e isso não destôa do outro nome *Guararará*, exprimindo um volcão apagado ou extincto, desde longas éras.

Guararuhú, o mesmo que *Guará-ruhú*, «revolvido interiormente como que

arquejando por vomitar». De *guará*, «revolver», *rũ*, «revolução interior», *hú*, «arquejar por vomitar».

Mas, hoje é conhecido por *Guarararú*. (Vide o nome *Guarararú)*.

Guaratan.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem esquerda: no municipio de Itapetininga.

Gu-ar-atã, «ambas as margens a prumo». De *gu*, reciproco, *ar*, «lado, ladear», *atã*, «erecto e teso». Esta palavra *atã* é apócope de *tatã*.

Nada tem este nome com a arvore *guarãtan*, podendo, entretanto, abundar em suas margens.

Guaratinguetá.—Cidade situada á margem direita do rio *Parahyba*.

Guaratinguetá é o nome do affluente do mesmo rio *Parahyba*, pela margem esquerda; o qual nasce na serra da *Mantiqueira* e traz o nome *Taquaral*, corruptéla de *T-áquâ-ára-á*, contrahido em *T'-açu'-ar'-á*, «muito corredor». De *t*, relativo, *áquâ*, «correr», levado ao participio activo pela particula *ára*, e *á*, «muito».

Allusivo a ter grande correnteza, por ser ingreme o leito.

Guaratinguetá, corruptéla de *Qûár-a-tỹ-ng-etá*, «muitos poços e arrecifes». De *qûár*, «poço, fojo, buraco», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *tỹ*, «ponta», *ng*, intercalação nasal, *etá*, «muitos».

Allusivo a ser muito encachoeirado, com arrecifes e poços.

Mas, uma lagôa, acima da fóz desse ribeirão, coberta de *guapê*, de musgo, e tendo um kilometro de extensão, é denominada *Guáâ-rè-ỹtú-nga-etá*, por contracção, *Guàà-rè-ỹtú-ng'-etá*, «enseada separada, com muitas manchas». De *guàà*, «enseada», *rè* o mesmo que *é*, «separada, á parte», *ỹtú*, «ser sujo, ter manchas», levado ao supino pelo accrescimo *nga* (breve), por ter pronuncia nasal, *etá*, «muitos».

Allusivo a ser uma enseada que foi separada do rio *Parahyba*, suja de *guapê*, musgo e limo, á superficie das aguas, e de detritos vegetaes no fundo.

Segundo a tradição indigena, era por ahi o antigo leito do rio *Parahyba;* depois tornou-se em enseada; e esta, afinal, foi separada do rio, formando lagôa. O nome corresponde á tradição.

Guaratúba.—Rio que nasce na serra maritima, e corre de norte a sudéste, para desaguar no oceano: no municipio de Santos.

Segundo MARTIUS e outros deturpadores da lingua tupi, *Guaratúba* significaria «abundancia de guará». Mas, o indigena era muito intelligente, para que cogitasse disso.

Ha tambem com o nome *Guaratúba*, no municipio de Iguape, um pequeno rio que nasce no morro *Caiobá*, e desagua no rio *Ribeira de Iguape*, formando á fóz uma lagôa.

Guaratúba, corruptéla de *Gu-ar-aty-bae*, «erectas ambas as margens». De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ar*, «lado», *aty*, «levantado, erecto, a prumo, em montão», *bae* (breve), para formar participio. O som do *y* é guttural.

Allusivo a correr entre barrancas erectas.

Guarayúva.—Pedra superposta ao morro *Lopo*.

(Vide os nomes *Guarayúva* e *Lopo)*

Guarehy.—Affluente do rio *Capivary*, pela margem direita: no municipio de Capivary.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Guarehy. A' margem esquerda deste rio, e em uma elevação, está situada a villa do mesmo nome.

Guarehy, corruptéla de *Gu-arê-i*, «tardo perseverantemente». De *gu*, reciproco, *arê*, «ser tardo, vagaroso, lento», *i*, posposição para exprimir perseverança.

Com effeito, nessa região, «o sólo apresenta-se em geral pouco accidentado, apenas com as depressões produzidas por erosões proporcionaes ao volume d'agua dos rios, como sóe acontecer n'essas formações de sedimentos horizontaes», segundo o *Relatorio da Com-*

missão geographica e geologica da provincia de S. Paulo.

No rio *Guarehy*, em seu leito, têm sido encontradas madeiras fosseis e schistos carbonosos pretos.

Em um mappa, o rio *Guarehy* apparece como affluente do rio de *Santo Ignacio*, no municipio de Tatuhy. Mas, é erro. Este rio *Santo Ignacio* corre no municipio de Rio Novo.

Guaripocába.—Morro, a sete kilometros da cidade de Bragança: no municipio deste nome.

Alguns escrevem erradamente *Guarapocába.*

Gu-ári-pó-quâ-bae, de que *Guaripocába* é corruptéla, significa, «o que é atado de alto a baixo». De *gu*, reciproco, *ári*, «sobre, cima», *pó*, «saltar», empregado, porém, para formar a locução ou adverbio *gu-ári-pó*, «de alto a baixo», *quâ*, «atar, cingir», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

Allusivo á sua inteiriça structura granitica.

Guaripú.—Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda: no municipio de Batataes.

Gu-ári-pú, «ruidoso de alto a baixo». De *gu-ári*, «de alto a baixo», *pú*, «ruido».

Allusivo a fazerem barulho as suas aguas, quando descem do monte, de salto em salto, de cachoeira em cachoeira.

Guarujá.—Praia, na ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro:* no municipio de Santos.

Guarujá, corruptéla de *Gu-ár-yyâ*, «abertura de um ao outro lado». De *gu*, reciproco, *ár*, «ladear», *yâ*, «abrir, gretar, rachar», precedido de *y*, relativo.

Os verbos *ár* e *yâ*, estando no infinitivo sem caso, significam a acção geral, «lado» e «abertura».

Allusivo a existir ahi, em um morro, que se prolonga até o mar, uma especie de gruta, communicada para ambos os lados.

O morro é denominado *Ytapú.* De *ytá*, «pedra, morro», *púg*, «arrebentar»: significando «morro arrebentado ou furado», allusivo á gruta.

Guarulhos (Conceição dos).—Villa proxima da cidade de S. Paulo, distando apenas tres leguas, mais ou menos.

Foi ahi um aldêamento de indigenas, trazidos para aquelle logar em 1560, depois da derrota que soffreram em Piratininga (S. Paulo). Por isso, foram desde então conhecidos por *Gu-arú-bo*, «trazidos». De *gu*, reciproco, *arú*, «trazer», *bo* (breve), para formar supino e ao mesmo tempo exprimir o modo de estar.

Não eram, pois, indigenas cuja nação se denominaria *Guarulhos;* nem em tupi ha a lettra *l* e muito menos *lh.*

Guassahy.—Campo extenso, nos municipios de Cotia e de S. Roque.

Guassahy, corruptéla de *Gu-açâi-ii*, «esparzido e duro». De *gu*, reciproco, *açaî*, «esparzir, estender», *ii*, «duro, rijo, apertado».

Allusivo a ser um vastissimo campo secco e duro.

Os portuguezes traduziram isso em *Vargem Grande.* São, porém, extensissimas campinas.

Guatapará.—Affluente do rio *Mogyguassú*, pela margem direita: no municipio de Ribeirão Preto.

E' abaixo da barra do ribeirão *Mombúca.*

Guatapará é a denominação de um pequeno veado, que habita os cerrados de beira-campo. Por ter os cornos assás pesados e em desequilibrio com o tamanho do corpo, o indigena assim o nomeou *Guatapará*, contracção de *Guatáapará*, «anda a cahir com o peso». De *guatá*, «andar», *apará*, «cahir por causa propria, cahir com o proprio peso».

Mas o nome desse ribeirão nada tem com o pequeno veado.

Guatapará é corruptéla de *Gu-ytápárá*, «dique granitico levantado, de uma á outra margem». De *gu*, reciproco, para exprimir o facto em relação ás duas

margens, *ytápá*, que alguns dizem corruptamente *itaipáva*, «logar de pedra», *rá*, «levantado».

Allusivo a ser encachoeirado, e com saltos.

Guatemy.—Morro ou serrote, entre os municipios de Jundiahy e Itatiba.

Guatemy, corruptéla de *Gu-ateÿ-ma-i*, contrahido em *Gu-ateÿ-m'-i*, «perseverantemente frouxo». De *gu*, reciproco, para designar as duas faces do morro, *ateÿ*, «ser frouxo», com o suffixo *ma* (breve), para formar supino, *i*, posposição de perseverança, para exprimir que o facto se dá em toda a extensão do morro.

Allusivo a ter porosa e desaggregada a terra.

Guatinga.—Lagôas, nos municipios de Jacarehy e de Lorena.

Guatinga, corruptéla de *Guâá-ty-nga*, «enseada atada». De *guâá*, «enseada», *ty*, «atar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a serem saccos, onde as aguas represadas, no tempo da secca, formam lagôas.

Affluente do ribeirão *Taiaçupéva*, entre os municipios de Mogy das Cruzes, de Santa Branca e de Jacarehy.

(Vide o nome *Coatinga*).

Grande varzea, no continente, banhada pela maré, por detraz da ilha *Guaniqué*: no municipio de Santos.

Serrote, que fórma o fundo desta varzea, fechando-a.

Os indigenas davam a logares varios na mesma região, nomes identicos ou quasi identicos no som, mas differentes no significado.

Guatinga, nome da varzea, é corruptéla de *Guaá-ty-nga*, «enseada atada». De *guaá*, «enseada», *ty*, «atar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser como um sacco.

Guatinga, nome do serrote, é corruptéla de *Gu-haty-nga*, «pontuda»: supino de *haty*, «ter ponta».

Guavirotúba.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Já li *Guarirotúba;* mas, é erro.

Segundo o systema de MARTIUS e de outros, *Guarirotúba* significa «abundancia de *guairiroba*» ou «abundancia de *guabiroba*».

Guairiroba é uma palmeira, cujo palmito é amargo. De *airi*, «palmeira», precedido de *gu*, reciproco, *irób*, «amargo», completado por um *a*, por acabar em consoante.

Guabiroba é um arbusto e arvore do campo, cujo fructo amarello é saboroso quando bem maduro. Ha muitas especies. Da familia das *Asperifoliceas;* e é conhecida na sciencia por *Cordia rodendifolia*. Não deve ser confundida com a *guabirába*, da familia das *Myrtaceas;* a qual pertence ao genero *Abbevillia:* seu fructo é superior em gosto á *guabirába:* além de ser produzido em arvores altas e bem copadas, nas provincias septentrionaes do Brazil.

Nada tem, porém, o nome deste ribeirão com a palmeira, cujo palmito é amargo, nem com a saborosa fructa *guabiróba*.

Guavirotúba é simplesmente corruptéla de *Gu-abirú-túî-bae*, «o que reflúe formando em si mesmo barriga». De *gu*, reciproco, *abirú*, «barriga, recheio», *túî*, «refluir», *bae* (breve), particula de participio. O *b* foi mudado em *v* pelos portuguezes, por vicio de pronuncia.

Allusivo a ter o leito mais baixo do que o nivel das aguas do rio *Atibaia*, nas enchentes deste; de sorte que suas aguas encontram resistencia, e reflúem, alagando-lhe as margens.

Guavirutúba.—Morro, ao oéste da serra *Itaberaba:* entre os municipios de Nazareth, de Mogy das Cruzes e de Conceição dos Guarulhos.

Figura nas divisas dos municipios supra referidos como *Cabreúva*.

(Vide o nome *Cabreúva*).

Guavirutúba, corruptéla de *Gu-abir-yty-bo*, «de ponta elevada». De *gu*, reciproco, *abir*, «elevar, levantar, alçar», *yty*, «ponta», *bo* (breve), correspondendo ao *gu*, reciproco, para exprimir o modo de estar.

Allusivo á ser grosso na base, tendo porém no cimo uma ponta que se afina e se eleva.

Guaviruúva.—Affluente do rio *Piroupava*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Guaviruúva, corruptéla de *Gu-abirîî-û-bo*, «cabelludo e sujo». De *gu*, reciproco, correspondente ao *bo* (breve) final, para exprimir o modo de estar, *abirû*, «ter cabello, cabelludo», *iî*, «ser sujo, limoso, resvaladiço». O primeiro *i* de *iî* tem som guttural, segundo a regra do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a ser entupido de *capim-guassú*, cujas pontas apparecem sobre a agua; e a ter fundo charcoso. E' considerado *rio morto*.

Morro, no municipio onde nasce o rio *Piroupava* e o ribeirão *Guaviruúva*, seu affluente.

Os indigenas eram engenhosos nas denominações; e, sempre que na mesma região podiam empregar nomes cujo som fosse identico ou quasi identico, embora com significações diversas, preferiam taes nomes.

Assim, *Guaviruúva*, como nome do morro, soando embora como o do affluente do *Piroupava*, é corruptéla de *Gu-abirû-iî-bo*, «barrigudo e resvaladiço». De *gu*, reciproco, correspondendo a *bo* (breve) final, para exprimir o modo de estar ou a qualidade, *abirû*, «ter barriga, inchar», *iî*, «resvalar, ser limoso, sujo». O primeiro *i* de *iî* tem som guttural.

Allusivo a ser grosso, e escorregadio por causa do limo.

Este morro é tambem conhecido pelo nome *Gipuvúra*, corruptéla de *Cỹ-pi-iî-rò*, «tão liso que se põe escorregadio». De *cỹ*, «liso», *pi*, «pé», *iî*, «resvalar», *rò*, particula que significa «pôr-se, tornar-se», exprimindo tambem a qualidade da cousa.

Guaxatuba.—Pico, ao sul da villa *Cabreúva*, pertencente á cordilheira paralella á *Japy*, á margem direita do rio *Tieté*.

Guaxatúba, corruptéla de *Gu-achỹ-ty-bae*, «ponteagudo e liso». De *gu*, reciproco, *achỹ*, «ser liso, resvaladio», *ty*, «apontar, ter ponta», levado ao participio pelo accrescimo de *bae* (breve), exprimindo «o que». Guttural o *ỹ*.

E' granitico este pico; e tem a altitude de 965 metros.

Allusivo á sua fórma lisa e ponteaguda.

Guaxinduba.—Ribeiro, que nasce na serra maritima e, correndo na direcção mais geral de norte a sul, desagua no oceano: no municipio de Caraguatatuba.

Ribeirão, que nasce no serrote *Fartura* e, reunido ao do *Machado*, vão desaguar no *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

Ribeirão, que nasce da serra *Japy*, dando seu nome a esse logar, e desagua no ribeirão *Cururú*: nos municipios de Cabreúva e de Itú.

Guaxindúva, corruptéla de *Gu-achỹ-ndú-bo*, «deslisa-se aos saltos». De *gu*, reciproco, *achỹ*, o mesmo que *cỹ*, «deslisar, resvalar, escorregar», *ndú*, o mesmo que *tú*, «saltos», mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *achỹ*, com o suffixo *bo*, para exprimir o modo de estar.

Allusivo ás lindas cascatas e quedas d'agua que esses ribeirões fazem ao cahirem das serras em que nascem.

O do municipio de Caraguatatúba tem saltos e cachoeiras.

O do municipio de S. José dos Campos tem tres quedas, de 5 a 6 metros de altura cada uma.

O do municipio de Cabreúva apresenta uma linda cascata.

Morro, entre os municipios de Jundiahy e de Parnahyba.

Guaxindúba, corruptéla de *Gu-achỹ-ndii-bo*, «sujo e resvaladiço». De *gu*, reciproco, *achỹ*, «resvalar, escorregar», *nd*, intercalação por causa do som nasal de *achỹ*, *ii*, «sujo», *bo* (breve), para exprimir o modo de ser, qualidade, condição. O *ii* tem som guttural.

Allusivo a ser limoso e lamacento, e portanto escorregadio.

Já li *Caxinduva;* mas é corruptéla.

Guaxingu.—Extensa varzea entre os municipios de Sorocaba e de Tatuhy.

Guaxingú, corruptéla de *Guáá-chỹ-ng-ii*, «enseada suja e escorregadia». De *guáá*, «enseada», *achỹ*, o mesmo que *cỹ*, «escorregadio, lubrico, resvaladio», *gn*, intercalação nasal, *ii*, «sujo, manchado», com pronuncia guttural.

Allusivo a ser lodosa esta varzea.

E' varzea do rio *Sorocaba*.

Cachoeira no rio *Sorocaba:* no municipio de Tatuhy, e na mesma região da varzea supra descripta.

Guaxingú, corruptéla de *Gu-atĩ-ng-ii*. «atalho em resvaladouro». De *gu*, reciproco, para exprimir de uma á outra margem, *atĩ*, «atalhar, rodear», *ng*, intercalação nasal, *ii*, «resvalar».

Allusivo a ser ahi um dique com tão forte desnivelamento, que, para muitos, é mais um *salto* do que uma *cachoeira*.

Lagôa, em um campo, entre os municipios de Sorocaba e de Campo Largo.

Guaxingú, corruptéla de *Gu-atĩ-ng-ii*, «resvaladio em seu redor». De *gu*, reciproco, *atĩ*, «rodeiar, atalhar», *ng*, intercalação nasal, *ii*, «resvalar».

Allusivo a serem escorregadias as suas margens.

Guáxo.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Barbara e de Santa Cruz do Rio Pardo.

Guáxo, corruptéla de *Gu-áchy*, «resvaladio». De *gu*, reciproco, *achy*, «escorregadio, resvaladio, lubrico». O *y* é guttural e breve.

Allusivo a ter lodo e limo no leito.

Guaybê, ou Guaimbê.—Nome da ilha, á que os portuguezes deram o nome de *Santo Amaro*, a nornoroeste da de *S. Vicente:* no municipio de Santos. Tem a extensão de cinco leguas e a largura de tres, ou 30 kilometros de comprimento e 20 na maior largura, mais ou menos. Foi doada pelo Rei de Portugal a Pero Lopes de Souza em 1534, com o nome *Guahybé*.

Nada tem o nome desta ilha com *quaî-imbé*, por contracção, *quaî-'mbé*, «cipó de amarrar». De *quaî*, «cingir, amarrar, atar», *imbé*, «cipó»: arbusto da familia das *Aroideas*, conhecido na sciencia por *Arum*.

O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *Guembé*.

Bem examinando o caso, verifiquei que esse nome é corruptéla de *Quaî-ĩ-mb-é*, «separada por ter sido cortada». De *quaî*, «cortar», com *ĩ*, por accrescimo, para exprimir neste verbo a causa, *mb*, intercalação nasal da pronuncia de *quaî-ĩ*, segundo a regra ensinada pelo padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, *é*, «á parte, separada».

Allusivo a ter sido cortado do continente este pedaço de terra, que fórma a ilha; e *Bertioga*, corruptéla de *Mbiri-óc-óga*, «furo pequeno ou cava por acção exterior», corresponde ao nome *Quaî-ĩ-mb-é*, dada á ilha pelos indigenas, mantendo a tradição de que o mar em tempos antigos, forçára a terra e abrira esse canal.

Guayra.—Nome attribuido a um grande salto no rio *Paraná*.

Digo—*attribuido*—porque *Guayra* é corruptéla de *Gu-hair-a*, «signal de limites, raia». De *gu*, reciproco, *hair*, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, «limitar, raiar, raia».

As reducções de indigenas, formadas no seculo XVII pelos padres da Companhia de Jesus, e destruidas pelos Pau-

listas em 1628-1634, trazem mal esse nome; salvo para assignalar que haviam sido estabelecidas dentro dos limites do dominio de Portugal, desde a margem direita e quasi á fóz do rio *Piquiri*.

O rio *Paraná*, logo que, aguas abaixo, é deixada a ilha denominada das *Sete Quedas*, fórma o salto, por estreitar ahi seu leito a serra *Maracajú*, atravez da qual se despenha immediatamente em *sete quedas*.

Alguns têm escripto *Guayrà*, e outros, *Guayrá*.

Eu mesmo, em minha obra *Algumas Notas Genealogicas*, não podendo explicar tal nome como de reducções ou aldeiamentos, soccorri-me ao *Guára*, «morador», escrevendo ainda erradamente *Goàra*. Desproposito sómente justificavel pela ignorancia da lingua tupi, então que tal escrevi.

Guirra.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio de Patrocinio de Santa Izabel.

Guirra, corrupção de *Gui-ii-ra*, «resvalar, resvaladiço», intercalação em *gûira*, «a parte inferior, o baixo, o fundo».

Allusivo a ter no leito pedras tão lisas e cobertas de limo, que é difficil andar ahi sem resvalar.

Tem este ribeirão varias corredeiras; e poços, no fim de cada corredeira.

A intercalação de um verbo em outro, ou de uma palavra em outra, é uma das construcções mais difficeis da lingua tupi, pela necessidade de evitar a synchyse, isto é, a confusão ou o não senso.

H

Hepacaré.—Nome tupi da região, que comprehende os municipios de Lorena e de Cruzeiro, marginando o rio *Parahyba.*

(Vide o nome *Lorena).*

Outros dizem que a região com esse nome era deste Taubaté até Lorena; mas não o creio.

E' simplesmente tambem um não senso dizerem e escreverem que *Hepacaré* significa «logar das goiabeiras».

E esta e outras bernardices são attribuidas estupidamente aos indigenas...

Hibapaára.—Logar, á margem direita do rio *Sarapuhy*, mencionado em um documento de 14 de Julho de 1601 como *tapéra.*

Hibapaára, corruptéla de *Ib-apá-á*, «ramo torcido e quebrado». De *ib*, «arvore», *apá*, «torcer, torcido», *á*, «quebrar».

Allusivo ao costume que os indigenas têm de assignalar, por meio de ramos torcidos e quebrados, a róta que seguem, nas mattas, e mesmo nos campos, quando ha arvores para isso; a fim de que outros os possam seguir ou elles possam voltar ao mesmo logar de onde sahiram.

(Vide o nome *Poá).*

I

Iariqué.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Iariqué, corruptéla de *Yâri-iquê*, «entrada larga». De *yâri*, «largo», *iquê*, «entrada».

Allusivo a alagar-se em sua fóz.

Ibaté.—Morro, entre os municipios de S. Roque e de Araçariguama.

Ibaté, «alto». Portanto, no nome foi supprimida a palavra *caá*, «monte, morro».

Caá-ibaté, «morro alto».

Ibiacica.—Nome de logares em varios pontos da provincia.

Ibiacica significa «terra cortada». De *ibi*, «terra», *aci*, «cortar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo aos córtes feitos pelas chuvas.

Nos terrenos baixos e alagadiços esses córtes, alargando-se, são denominados *çang-a*, «esparzido», no infinitivo, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Ibibobóca.—Nome de bairros, em varios pontos da provincia.

Ibibobóca significa «terra rachada em mais de um logar, gretada, ou mesmo simplesmente porósa», por isso que *bóg* está repetido, exprimindo plural. De *ibi*, «terra», *bóg*, «rachar, fender, gretar», levado ao *supino pelo accrescimo* de *ca* (breve), formando *bógca*, ou simplesmente *bóca*, na repetição.

Os indigenas denominavam e ainda denominam *ibibobóg*, ou mesmo *ibibobóca*, uma cobra que não mata ou não venenosa, de que ha varias especies notaveis pela belleza de suas escamas. Quem affirma qua tal cobra não mata, é o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, onde, com referencia á palavra *mboî*, menciona varias qualidades deste reptil, e seus verdadeiros nomes em tupi.

Mas, o nome destes bairros da provincia nada tem com a cobra *Ibibobóca*, segundo deixei acima explicado.

Ibicába.—Logar proximo á cidade de Limeira: no municipio deste nome.

Ibicába, corruptéla de *Ibi-quâ-ába*, por contracção, *Ibi-quâ-'ba*, «logar de buracos, socavões, fójos». De *ibi*, «terra», *quâ*, «buraco, socavão, fojo», *ába*, particula para exprimir logar.

Allusivo a não ser plana essa região.

Ibirapoera.—Aldeiamento dos indigenas, no logar que é hoje villa de Santo Amaro. Foi fundada em 1560, pouco mais ou menos, pelo padre José Anchieta.

Ibirapoera, corruptéla de *Ibirá-puêra*, «páu pôdre». De *ibirá*, «arvore, pau, madeira», *puêra*, o mesmo que *cuêra*, particula de preterito. A traducção lit-

teral é «o que foi arvore, o que foi páu, o que foi madeira».

Allusivo a existir então nessa região muito páu pôdre, proprio para lenha.

Ibitinga.—Serrote, no municipio de Araraquara. Ha ahi a povoação, hoje freguezia deste nome.

Ibitinga, «terra fumacenta». De *ibi*, «terra», *îi*, «fumo, vapor», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Ibituruna.—Morro, no municipio de Parnahyba; fronteiro aos contrafortes orientaes da serra *S. Francisco*. Tem a fama antiga de ser aurifero.

E' o mesmo *Boturuna* e *Voturuna*. (Vide o nome *Boturuna*).

Icanhema. — Pequeno corrego na ilha de *Santo Amaro:* no municipio de Santos. Desagua no canal que de Santos vai á Barra Grande.

Icanhema, corruptéla de *Ycaẽ-ma*, «secco, enxuto». De *y*, relativo, *caẽ-m*, «seccar, enxugar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante; ou *caẽ-mo*, em supino.

Allusivo a seccar em certas estações do anno.

Icapára. — Enseada ou barra, que communica a parte septentrional do *Mar Pequeno* com o oceano, em Iguape. Tambem alguns escrevem mais incorrectamente *Capára*.

Icapára, corruptéla de *Y-guáâ-apáára*, por contracção *Y-guáâ-'pá-'ra*, «enseada tortuosa». De *y*, relativo, *guâá*, «enseada», *apá*, «ser torto, torcer, entortar, voltear», levado ao participio pelo accrescimo do verbal *ára*.

Por causa das areias movediças nésta enseada, as aguas, no fluxo e refluxo das marés, formavam um escoadouro de leito instavel e sempre tortuoso; e, por isso, os portuguezes traduziram em «Canal Torto» o nome *Y-guâa-'pá-'ra*.

Içara.—Affluente do rio *Guararema*, pela margem direita: no municipio de *Mogy das Cruzes*.

Içara, «pequenino corrego, charro, ou rego d'agua».

Outros escrevem apenas *Içá*.

Icaveta.—(Vide o nome *Caveta*).

Iconha.—Pequeno rio que nasce no morro *Ararapira* e desagua na bahia *Trapandé*.

Iconha, corruptéla de *Iquê-o-ã*, contrahido em *Iqu'-o-ã*, «lados empinados». De *iqué*, «lado, costa», *o*, reciproco, para exprimir as duas margens, *ã*, «empinar».

Igreja-Velha. — Barrancas altas, á margem direita do rio *Paranapanema*, entre as cachoeiras *Itaipava* e *Aparado*. Ahi o rio se estreita, ficando com a largura sómente de 25 metros.

São de barro amarellado, cortadas quasi a prumo, deixando vêr listas verticaes de oxydo e ferro, produzidas pela acção das aguas do monte. A mais elevada é de cerca de 25 metros de altura.

Por isso, o indigena assignalou-as com o nome *Y-guâ-eîì-é*, «muitas listas differentes». De *y*, relativo, *guâ*, listas, manchas», *eîì*, «muitos», *é*, «differente, diverso, distincto». Por excesso de contracção, *Y-gu'-eîì-é*, foi operada a corrupção *Igreja-Velha*.

A explicação de apresentar a mais alta barranca o aspecto de um antigo edificio em ruinas, produzindo na imaginação religiosa do povo a idéa de uma igreja em tal estado, não tem razão de ser.

Iguape.—Cidade situada no littoral, proximo á fóz do rio *Ribeira de Iguape*.

Não tem tal nome a minima referencia á *Ig-uápê*, significando «rio de *uápê*», de *ig*, «rio», *uápê*, arbusto aquatico, cujas folhas redondas sobrenadam nos rios, ribeiros e lagôas, e cujas flores são brancas, tocadas de vermelho ou de roxo. Naquella região deve existir este arbusto; mas, disso o indigena não cogitou para denominar aquella região littoral.

Muito menos procede a significação que de Iguape deu frei FRANCISCO DOS

PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, dizendo ser «logar alagadiço»!

Aquella região littoral era denominada *Y-guâá-î-pe*, «na enseada». De *y*, relativo, *guâá*, «enseada, barra», *î*, posposição que, para explicar partes de sitio ou logar, e significando «em», deve ser sempre acompanhada de *pe* (breve), segundo o ensina o padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a ter sido situada a povoação ou aldêa, primitivamente, mesmo em frente á barra *Y-guâá-'pá'-ra;* sendo transferido posteriormente para o local actual, segundo consta do livro do tombo da camara municipal.

Acerca da cidade de Iguape, então ainda villa, o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «A villa de Iguape está situada em uma planicie, que é continuação das margens da *Ribeira* ao sul, e está nas margens do chamado *Mar pequeno*, que é como um braço de mar de outra barra que tem a villa mais ao sul: esta é muito baixa, de maneira que não podem entrar embarcações, e mesmo a da *Ribeira* não admitte embarcações grandes carregadas; e é pena, porque as difficuldades são na entrada, e no restante da *Ribeira* ha bom fundo para toda a casta de embarcações. Agora projectam encanar a *Ribeira* com o *Mar pequeno*, a fim de transportar os *arrozes* até o porto da villa: temo sómente que a *pouca queda das aguas* não frustre esta pretenção, visto a *pequena differença de nivel*... Antigamente trabalhavam muito na construcção de embarcações, ramo que tem diminuido, talvez pela nenhuma bondade das madeiras».

Referindo esta ultima parte do trecho transcripto que, no porto de Iguape, «antigamente trabalhavam muito na construcção de embarcações», e sendo certo que os portuguezes denominavam *ribeira* «a parte da margem de um rio em que se fabricam navios», é licito acreditar que o nome do rio não foi corrompido senão depois que, pela identidade do som da palavra, transportaram para o mesmo rio a denominação *Ribeira de Iguape*, dada ao porto. A verdade é que, quer nas tradições locaes, quer em alguns mappas feitos na provincia, é ouvido e lido o nome *Rio da Ribeira de Iguape:* o que exclúe a idéa de terem os portuguezes denominado *ribeira* um tão grande rio, a não ser por corrupção do nome em tupi *Arêb-yêrê-iguâá-pe*, coincidindo no som com o de *A Ribeira de Iguape*.

(Vide o nome *Ribeira de Iguape*).

A cidade de Iguape é notavel pela romaria ao Senhor Bom Jesus, no mez de Agosto de cada anno. Eis como o conselheiro MARTIM FRANCISCO, em seu *Diario* já citado, descreveu a origem desta devoção: «Fui ver uma pequena casa de banhos, onde se lavou o Senhor Bom Jesus, imagem muito milagrosa, no geral entender da plebe, para cuja festa concorre immensidade de povo da capitania e de fóra a cumprir promessas, ou a pedir o sare de diversas enfermidades que padece... A dita casa é de figura octaedrica, e sobre as oito faces assenta como um hemispherio: ella está proxima a um morro, que fica detraz da villa: delle correm por muitas barrocas regatos de boa agua...: á superficie deste morro observam-se blocos de uma rocha granitica, algum já decomposto... Fui correr a continuação dos morros, que ficam por detraz da villa e se prolongam até a barra, e nelles não achei novidade alguma: sempre as grandes massas da mencionada rocha granitica, desarrumadas. Esta rocha fórma pelo seu desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas, das quaes tem a gente do paiz sabido tirar proveito, estabelecendo engenhos d'agua de pilar arroz».

Segundo consta do livro do tombo da matriz velha de Iguape, o reverendo Christovão da Costa e Oliveira, vigario da vara daquella comarca, em visita por ordem do bispo diocesano, ahi escreveu em 22 de Outubro de 1730, as tradi-

ções populares acerca desta Imagem, as quaes, sem as palavras e narrações inuteis, são: «Que, em 1647, dois indios boçaes acharam, rolando com as ondas, na praia de *Una*, junto ao rio chamado *Pussaúna*, um vulto, e, tirando-o, o levaram para o limite da mesma praia, onde, em cóva, o puzeram de pé com o rosto para o nascente, e assim o deixaram com um caixão que divisaram ser de cêra do reino e umas botijas de azeite doce; que, voltando depois ao mesmo logar, notaram que o dito vulto estava com o rosto para o poente, e não acharam vestigios de que pessoa humana o pudesse virar; que, sabido o caso por visinhos, estes resolveram tirar a Imagem e conduzil-a ao ponto mais alto do monte *Juréa*, de onde Jorge Serrano e sua mulher Anna de Góes, seu filho Jorge Serrano e sua cunhada Cecilia de Góes, revesando-se, a transportaram até a barra do rio chamado *Ribeira de Iguape*, onde foram os moradores d'aquella villa buscar a Santa Imagem, e, trazendo-a com muito acatamento, a puzeram no rio a que chamam hoje, com muito grande alegria, a *Fonte do Senhor*, para lhe tirar o salitre e ser encarnada de novo... e, conseguindo o ornato, a collocaram n'esta igreja da Senhora das Neves, em que está, aos 2 de Novembro de 1647, conforme assento de um curioso, tirado de outro mais antigo; que tambem era tradição que a Santa Imagem do Senhor Bom Jesus vinha do reino de Portugal, embarcada para Pernambuco, e que, encontrando o navio outro de inimigos infieis, lançaram os do navio portuguez a Santa Imagem ao mar para não ser tomada...».

Este documento foi transcripto integralmente por Azevedo Marques, nos *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo*, com referencia ao nome *Iguape*.

O projecto do canal, a que o conselheiro Martim Francisco se referiu, no trecho transcripto, foi realisado; e, no extremo [illegible] ual aberto, com cerca de tres kilometros de extensão, foi formada uma povoação, ora denominada *Porto da Ribeira*. Ha, porém, reclamações contra tal canal, que ameaça destruir uma ponte da cidade, sem dar a compensação do resultado que era argumento para sua abertura.

Iguatemy. — Affluente do ribeirão *Toucinho*, pela margem direita, e este do rio *Tremembé*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Campinas. Junta-se ao *Jardim*.

Iguatemy, corruptéla de *Igaû-ateÿ-ma-i*, por contracção *Igaû-ateÿ-m'-i*, «perseverantemente frouxo e lamacento». De *igaû*, «lama, residuos de aguas, detritos, sujeira», *ateÿ*, «ser frouxo», levado ao supino pelo suffixo *ma* (breve), *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a ser muito lento em seu curso, ou pouco corrente, e a ser sujo de lama e de detritos em seu leito.

O primeiro é dos ribeiros que, vertendo da serra *Cantareira*, constituem os mananciaes derivados para o abastecimento de agua da cidade de S. Paulo.

O segundo é um dos ribeiros approvados para o fornecimento de agua á cidade de Campinas.

Iguatinga.—Enseada, no municipio de Iguape. E' tambem conhecida por *Lagôa dos Patos*. E' á margem direita do rio *Ribeira de Iguape;* proximo ao morro *Caiobá*.

Iguatinga, corruptéla de *I-guaá-tynga*, «enseada de rio, presa». De *i*, «rio», *guaá*, «enseada», *ty*, «atar, prender», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser uma enseada, por ter communicação com o rio *Ribeira de Iguape*, por um canal; mas dever ser tida por uma lagôa, por isso que é quasi fechada, sendo paradas as aguas, com lodo e capim.

Imbaiá.—Enseada, ou sacco, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

O nome vulgar é «Sacco do Imbaiá».

Imbaiá, corruptéla de *Y-mbaê-á*, «colhedor de cousas». De *y*, relativo, *mbaë*, «cousa», *á*, «colher». O padre A. R. DE MONTOYA escreveu *Mbaîá*.

Os ramos, com que atalham os rios e as enseadas para a pescaria, são *caámbaîá*. Portanto, o nome *Imbaiá* é allusivo ao facto de prestar-se a esse modo do pescar.

Imbanhy.—E' o mesmo rio *Embaú*, affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Bocaina e de Cruzeiro.

(Vide o nome *Embaú*).

Dizer MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, que o nome tupi deste ribeirão é «rio de cipó», é simplesmente um não senso. E tupi é a mesma palavra *cipó*, que se escreve *cÿ-pó*, «vara ou caule liso», isto é, sem ramos.

Indaiá.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no municipio de Natividade.

Indaiá, contracção de *I-nd-aî-á*, «altos e baixos e arrecifes». De *ĩ*, «ter em si», *nd*, intercalação por ser nasal o verbo anterior, e para ligal-o á *aî*, «saliencia», *á*, «cabeça, pedaços pequenos de qualquer cousa».

Allusivo a cachoeiras e pontas de pedra no leito.

Indaiá.—Corredeira, no rio *Mogyguassú*.

I-nd-aî-á, «altos e baixos, e torcida». De *ĩ*, «ter em si», *nd*, intercalação para ligar o verbo á *aî*, «saliencias», *á*, «torcer».

Allusivo a ter saliencias e a fazer curva.

Indaiatuba.—Villa, situada em uma elevação alguns kilometros distantes da margem direita do rio *Jundiahy*.

O nome provém da abundancia da palmeira pequena *indaiá*.

Indaiatúba, corruptéla de *Indaia-tib-a*, «logar de *indaiá*». A palavra *tib-a* «logar natural», é *guttural*.

Com o nome *Indaiatúba* ha tambem um bairro no municipio de Sorocaba.

Indaiaúba.—Praia, na villa de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Indaiaúba, corruptéla de *I-nd-aiûá-ĩ-bae*, «escorregadio por ter limo». De *ĩ*, «ter em si», *nd*, intercalação para ligar aquelle verbo á *aiûá*, «limo», *ĩî*, «resvalar, escorregar», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Inferno.—Affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no municipio do Carmo da Franca.

Inferno, corrupção de *Y-yérè*, «rodomoinhos». De *i*, «agua», *yérè*, «volta».

Allusivo a ter constantes rodomoinhos.

A razão desta corrupção foi o facto de existir, tambem affluente do *Rio Grande*, outro ribeirão, cujo nome é *Anhanguêra*.

(Vide o nome *Anhanguêra*).

Em summa, este ribeirão nada tem com o inferno.

Ha tambem no municipio de Santa Rita do Passa Quatro um ribeirão, denominado *Inferno*, affluente do pela margem . Este nome é a mesma corrupção do anterior.

Inhoahyba.—Serra, no municipio de Sorocaba. Alguns a suppõem prolongamento da serra *S. Francisco;* mas é de formação diversa.

Inhoahyba, corruptéla de *Y-nhõ-aib-a*, «malmente isolado». De *y*, relativo, *nhõ*, «só, isolado», *aib-a*, «malmente, imperfeitamente».

Allusivo a ser realmente uma serra diversa da *S. Francisco;* e, não obstante, parecer que é prolongamento desta.

Esta serra se compõe de um mineral micaseo e unctuoso, em quartzito; ao passo que a serra *S. Francisco* é um massiço granitico, como bem o diz seu nome, completamente corrompido.

(Vide o nome *S. Francisco*).

Ipanema.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: entre os

municipios de Sorocaba e de Campo Largo.

I-panẽ-ma, «rio esteril, ou sem prestimo». De *i*, «agua, rio», *panẽ*, «ser esteril, sem prestimo», com o suffixo *ma* ou *mo* (breve), para formar supino.

Segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, *I-panẽ* significa «rio sem peixe». E este significado o deu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, e, pois, esta vez acertou.

Com effeito, a proximidade das minas de ferro deve determinar naturalmente a esterilidade desse curso d'agua.

Ipatinga.—Lagôa, cujo maior diametro é de 30 metros, formada em terreno de campo, entre o ribeirão *Itanguá* e o ribeirão *Ipanema*.

Ipatinga, por outra, *I-pá-ty-nga*, significa «logar d'agua», *pá*, o mesmo que *pába*, «logar», *ty*, «atar, prender», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Não é *iûpá*, «logar de agua pôdre». Allusivo a ser esse logar um grande reservatorio de agua.

Iperó.—Affluente do rio *Sarapuhy*, pela margem direita: no municipio de Campo Largo de Sorocaba.

Iperó, corruptéla de *I-pi-rõ*, «rio de fundo revolto». De *i*, «rio», *pi*, «centro, *rõ*, «revolver». De um rio fundo dizem os indigenas *ipiguaçú*.

A principio suppuz fosse corruptéla de *I-pa-rá*, «rio de fundo não liso». De *i*, «rio», *pi*, «centro», *rá*, «não liso, não igual, com altos e baixos». E, então, tive occasião de verificar que a palavra *peráu*, como designativa de «buracos no fundo dos rios e das lagôas», é de origem tupi; e não vem de *perrau*, em francez, como o escreveu MORAES, em seu *Diccionario da lingua portugueza*.

Em todo o caso, quer seja *I-pi-rõ*, quer fosse *I-pi-rá*, o nome exprimiria o mesmo facto; porque os *peráus* são a causa do *fundo revolto*, formando ahi *as aguas rodomoinhos*.

Com effeito, a zona em que tem seu curso este ribeirão é a de terrenos, cuja formação geologica é grez, schistos e calcareos silicosos carboniferos; e as aguas, correndo sobre terrenos dessa natureza, abrem cavidades, que são os taes *peráus*, e sobre essas cavidades as mesmas aguas se revolvem em rodomoinho.

Ipiranga.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo. Celebre por ter sido ás suas margens que o Principe Regente D. Pedro, depois Imperador, ergueu o grito da independencia do Brazil, em 7 de Setembro de 1822. Era o commandante da Guarda de Honra, que assistiu a este facto memoravel, o coronel Antonio Leite Pereira da Gama Lobo, avô de minha mulher. E' um direito meu recordal-o.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no municipio de S. Luiz de Parahytinga.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes. E' um pequeno corrego.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Pindamonhangaba.

Rio que nasce na serra maritima e desagua no oceano: no municipio de Caraguatatuba.

Rio que nasce na serra maritima e desagua no oceano: no municipio de Ubatuba. E' mais conhecido pelo nome *Ipiranguinha*.

Ipiranga, corruptéla ou antes, contracção de *Y-pi-rá-ã-nga*, «leito desigual e empinado». De *y*, relativo, *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *ã*, «empinar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, dá *guiama* como suffixo deste verbo. Erro.

Nada tem, portanto, estes ribeirões e corrego com «agua vermelha» ou «rio vermelho». O indigena não teria commettido este não senso.

PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, referindo-se a documentos antigos, denomina Ilypiranga o affluente

do ribeirão *Tamanduatehy;* o que melhor confirma o significado, porque *iti* significa «arrojar». (*)

(*) Em nota avulsa:
No auto da medição da meia legua para o Rocio da cidade de S. Paulo, lavrado em 27 de Julho de 1769, está assim escripto: ...-e para a parte do caminho de Santos se mediu outra meia legua de rocio, fazendo peão nesta Cidade, e chegou a dita meia legua até o sitio de José da Silva Brito, junto ao corrego chamado—*Opiranga*, onde da mesma fórma ficou um signal para se assentar padrão».

Iporanga.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga. O nome da villa *Iporanga* provém do deste ribeirão.

Com este nome ha tambem um pequeno corrego no municipio de Santos.

Iporanga significaria «rio formoso». De *i*, «rio, agua», *porang*, «formoso, ornado, agradavel», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Mas, não se trata de *I-porang-a*, «rio formoso»; sim de *Y-pór-a-ã-nga*, «empinado e com saltos». De *y*, relativo, *pór-a*, «salto, quéda», *ã*, «empinar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Contrahido em *Y-pór'-ã-nga*.

O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, dá por supino deste verbo *guiama*. E' manifesto erro: isso poderá ser tudo menos supino.

Allusivo a descer em forte declive, como que empinado, formando saltos, cascatas, cachoeiras. Corre mesmo entre rochedos calcareos mui altos, empinados e lisos.

Um rio, assim descendo, deve ser realmente «formoso»; mas disto o indigena não cogitou.

Um pouco abaixo das cabeceiras do affluente do rio *Ribeira de Iguape* existe uma gruta ou lapa denominada *de Santo Antonio*. Eis como a descreveu o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, no seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, já citado: «Continuei a minha digressão pelo ribeirão de *Yporanga* acima até chegar á gruta stalactitica denominada *Lapa de Santo Antonio*, que fica á direita no ribeirão do *Sumidouro*, o qual corre de um monte tambem á direita, onde sómente existem restos de antigas lavras. Não só nesta gruta, mas tambem em todos os morros á esquerda, e mesmo em suas faldas, se acham bancos de pedra calcarea secundaria, cortados por veios de spatho calcareos, dos quaes no tempo das grandes chuvas se destacam porções, que vem entulhar então os ribeirões. No veio da agua, porém, só se observa a formação pondinguica, que assenta sobre uma argilla schistosa, chamada pelos praticos do paiz *piçarra folhada*. Esta gruta tem quasi a direcção de oesnoroeste sudoeste; por baixo della corre o dito ribeirão *Sumidouro*, cujas aguas são frigidissimas, minando os ditos bancos calcareos, e alguma agua que transuda por elles, e que fórma as bellas stalactites, attendiveis pela sua brancura, pureza, esplendor e fractura spathica. Na parte superior da estrada vê-se como dous oculos de igreja, e logo no principio um côro rendado e ornado de uma série de pyramides stalactiticas: do lado esquerdo faz a lapa como um sacco, e do direito, mais para o interior, columnas entrecortadas, e outras porções como de avelhantados edificios, sobre os quaes obrou a mão inexoravel do voluvel tempo. Do lado esquerdo, em cima, ha pequenas grutas ou reconcavos, retiro de infelizes, e, em baixo, furnas, aonde talvez vem acoutar-se fracos animaes perseguidos de féras. Emfim, aqui tudo é magestoso, tudo é grande».

Acima de suas cabeceiras, ha minas de chumbo, isto é, a cal toma a côr azulada com veios brancos.

Iraribá.—Uma das cachoeiras que formam o rio *Brejahimirindúba:* no municipio de Ubatuba.

Além desta cachoeira, ha as de nome *Prata* e *Piabas*.

(Vide os nomes *Prata* e *Piabas*).

Iraribá, corruptéla de *Ar-arib'-á*, «cortado de alto a baixo». De *ar*, «cahir, a baixo», *aribo*, «de alto», (composto de *ári*, «sobre, em cima, alto», e *bo* (breve), para exprimir o modo de estar), *á*, ou *há*, «cortar, talhar».

Allusivo a formar um desnivelamento quasi a pique, produzindo grande estrondo a quéda das aguas.

Iriguassú.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Caçapava.

Iriguassú ou *Irii-guaçú*, «rio que inunda». De *irii*, «rio que baixa», *guaçú*, «largo, grande».

Allusivo a alagar-se extraordinariamente.

Iririáia.—Serra, lagôa, ribeirão, braço de mar: nos municipios de Cananéa e de Iguape.

(Vide o nome *Aririáia)*.

Iriribú.—Serra, no municipio de Cananéa.

Iriribú, corruptéla de *Yryr-ibiy*, «baixa e successivamente cortada». De *yr*, «cortar», repetido para exprimir a successão ou a continuidade do facto, *ibiy*, «baixa, pequena».

O *iy* tem som guttural.

Allusivo a ser escalvada; e, por baixa, muito diversa das outras montanhas proximas.

Tambem dizem no logar *Yr-yr-iÿ*.

Iriripiranga.—E' o nome tupi do rio *Casqueiro:* no municipio de Santos. A' margem daquelle rio ou braço de mar, os indigenas formavam aldêa nas estações proprias, em que desciam a serra *Paranapiacaba*, para fazerem as provisões de mariscos e de peixes. E essa aldêa tirava do rio o nome.

Iriripiranga, corruptéla de *Irû-ri-pirã-nga*, «dous juntos, avermelhados». De *irû*, «companheiros», *ri*, posposição para significar «simultaneidade, juncção», *pirã*, «ser vermelho, avermelhar, colorado como sangue», com o accrescimo *nga* (breve), para formar supino.

Não é, portanto, «vespa vermelha», como o pretendeu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.;* mas «ostra vermelha», ou porque as duas conchas sejam avermelhadas, ou porque o marisco produza a famosa tinta *purpura*.

Itá.—Serrote, á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*, ramificação da serra maritima: nos municipios de Iguape e de Paranapanema.

Itá, corruptéla de *Hetá*, «aparado».

Allusivo a ser achatado no cimo. Apenas mostra um morro com ponta, vulgarmente denominado *Pico;* mas é separado do serrote, e é de terra, sem pedras.

Deste serrote, para o lado do rio *Ribeira de Iguape*, nasce o ribeirão *Itá*, cujo nome anda trocado por *Etá*.

(Vide o nome *Etá)*.

Os indigenas usavam dar a varios logares, na mesma região, nomes quasi identicos no som, significando porém diversamente.

Assim, o serrote é *Hetá*, e não *Itá:* o ribeirão, ao contrario, é *Ytá*, e não *Etá*. Na corrupção têm sido trocados.

Itabaquara.—Affluente do ribeirão *Embaú*, pela margem esquerda: entre os municipios de Lorena e de Cruzeiro. Nasce na serra *Mantiqueira*.

Itabaquara, corruptéla de *Hetá-baquara*, «muito corrente». De *hetá*, «muito», *baquara*, «corredor, corrente».

Allusivo a ser veloz em seu curso.

Antes da sua affluencia, o ribeirão *Embaú* é *Piquete*.

(Vide o nome *Piquete)*.

Itaberába.—Serrote, entre os municipios de Nazareth e de Conceição dos Guarulhos.

Já li escripto *Ituverava!*

Outros escrevem *Itaverava*. E', porém, corrupção portugueza, trocado o *b* em *v*.

Itaberába, corruptéla de *Ytá-berà-bae*, «pedra que brilha». De *ytá*, «pedra, penha», *berá*, «brilhar, resplandecer», com *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a que, sendo escalvado, deixa ver o brilho de micaschistos, de crystaes, e de quartzos e quartzitos varios que a formam; e no alto della, diorites despontados.

Itaberaba.—Affluente do rio *Bacuruvú*, pela margem direita: entre os

municipios de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes.

Itaberaba, corruptéla de *Itá-abi-rá-bae*, contrahido em *Itá-'bi-rá-bae*, «desigual, desnivellado, formando degráus». De *itá*, «estante, degráu», *abi*, «desigual», *ra*, «sem nivel», *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a ser successivamente encachoeirado, com degráus.

Itacoéra. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. Paulo e de Mogy das Cruzes.

Itacoéra não é «buraco de pedra», como o escreveu frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario*. Para significar «buraco de pedra», deveria ser *Ytá-quâra*.

Itacoéra, corruptéla de *Ytá-iqué-rù*, «margens graniticas». De *ytá*, «pedra», *iqué*, «lado, costado», *rù*, «companheiro», para assignalar referencia aos dous lados ou ás duas margens.

Allusivo a correr entre morros graniticos. Seu leito é formado de lages.

Alguns pronunciam *Itá-kér-a;* mas é a mesma cousa. Os indigenas do rio *Amazonas* e as nações que delles provieram não usam muito do *u* em seguida ao *g* ou ao *q*.

Tenho, porém, minhas duvidas se *Itácoéra* é o nome desse curso d'agua. Considerado relativo o *y* inicial, resta *Tacûéra*, «aldêa que existiu»: de *táb-a*, «aldêa», *cûéra*, particula de preterito. A palavra *tab-a*, em certas composições, prende sempre a ultima syllaba. Os indigenas do norte do Brazil usavam e usam *tapéra*, ou *tap-éra*, o mesmo que *táb'-uéra* ou contracção de *ta-pûéra*, pois que *pûéra* é tambem particula de preterito, mudado o *c* de *cûéra* em *p*.

Sem duvida, nesse logar existiu alguma aldêa; e, então, a palavra *Y-tacûéra* foi applicada ao ribeirão.

Itacolumé.—E' outro nome dado ao *Igualemy*.

(Vide este nome).

Itacolumé, corruptéla de *I-tacú-roi-imé*, contrahido em *I-tacú-roi-'mé*, «agua nem quente nem fria». De *i*, «agua», *tacú*, «quente», *roi*, «frio», *imé*, negação.

Allusivo á sua agua tibia.

Itacolumi.—Morro granitico, no municipio de S. Roque.

Itacolumi, corruptéla de *Ytá-curubi*, «pedras pequenas, cascalho».

Allusivo a ser predominante na formação deste morro o cascalho.

Não haja confusão com montanhas e picos nas provincias de Minas Geraes, Rio de Janeiro e Maranhão, nem com o extenso baixio na provincia da Bahia, cujos nomes andam tambem corrompidos em *Itacolumi*, mas são *Y-táquâ-a-ro-mĩ*, «pontas que se occultam, umas ás outras». De *y*, relativo, *táquâ*, «pontas», *amĩ*, «esconder, occultar», com a intercalação de *ro*, para exprimir reciprocidade. Por contracção *Y-taqu'-a-ro-mĩ*.

Allusivo a ter varios picos, occultando-se uns aos outros, nas montanhas; e, no baixio, a mesma cousa, sendo desiguaes os rochedos cujas pontas se mostram acima da superficie das aguas.

Itácuá.—Praia maritima, em Ubatuba.

Ytá-cuá, «cintura de pedra». De *ytá*, «pedra», *cuá*, «cintura, meio entre os extremos».

Allusivo a estar essa grande pedra no meio da praia, como que cinturando-a.

Itacuraçá.—Campos e terras, no municipio de Cunha.

Itacuraçá, corruptéla de *Ytá-curú-açáî*, por contracção *Ytá-cur'-açáî*, «pedregal esparzido». De *ytá-curú*, «pedregal», *açáî*, «estender, esparzir».

Itacurussá.—Lagôa, na ilha *Cardoso:* municipio de Cananéa.

Itacurussá, corruptéla de *I-tacú-roi-çáî*, «agua quente, no verão». De *i*, «agua», *tacú*, «quente», *roi*, «frio», *çáî*, «cessar»; sendo que *roi-çáî*, significa «cessação do frio» ou «verão».

Com effeito, a agua desta lagôa, um pouco turva, é tépida durante o verão.

Alguns a consideram rio, porque, em certas occasiões, rompe os cómoros de areia e faz barra para o oceano; e, então, esvasia-se tanto, que os pescadores apanham á mão os peixes, quasi em secco a debaterem-se.

Itacurutiba.—Planalto, além do ribeirão *Tatuapé*, ao lado da margem direita deste: no municipio de S. Paulo. E' no caminho da Penha de França.

Ytá-curú-tib-a, «cascalhal». De *ytá-curú*, «cascalho», *tib*, «logar das cousas por natureza», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a ser alli deposito natural de cascalho.

Divide as aguas dos ribeirões *Tatuapé* e *Aricanduva*.

Itáguaçába.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Silveiras, de Arêas e de Queluz.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Tieté, de Capivary e de Piracicaba.

Outros escrevem *Itagaçaba*.

Itaguaçaba, corruptéla de *Ytá-qûaçaba*, «pedra furada». De *ytá*, «pedra», *qûa*, o mesmo que *qûar*, «ter buraco», mudado o *r* final em *ç*, conforme a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, quando ha necessidade de usar do verbal *ába*, para exprimir o instrumento, o modo, a causa, o intuito, a occasião, o logar, com referencia á acção do verbo, soando *çaba*. Do mesmo modo o *r* final do verbo é mudado em *ç*, quando para exprimir o que faz a cousa, ha necessidade de formar o participio presente com a particula *ára*, soando *çára*.

Allusivo a terem rompido montes ou penedos para desaguarem. Ao principio, as aguas teriam furado o monte, sob o qual se escoariam; no decorrer do tempo, porém, a parte superior ao furo ter-se-hia esboroado, ficando este a céo aberto, sómente entre altas penedias.

Itaguapuá. — *Pedras* ou penhascos *empinados, entre a estação* do Lageado e a povoação denominada *Barnel:* no municipio de Mogy das Cruzes.

Itaguapuá, corruptéla de *Ytá-áqûápuã*, «penhasco empinado». De *ytá-áqûá*, «penhasco», *puã*, «empinar, levantar».

Com effeito, ha nesta região muitas pedras grandes, levantadas ou empinadas.

Itaguassú. — Affluente do ribeirão *Poti*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Itaguassú, ou *Yta-guaçú*, «penedo, pedra grande». De *ytá*, «pedra», *guaçú*, «grande, enorme».

Allusivo a nascer em um penhasco cujo nome é mesmo *Itaguassú*, correndo depois sobre pedra de afiar até á fóz.

Itaguassú.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Ytá-guaçú, «penedo, pedra grande». De *ytá*, «pedra, penha», *guaçú*, «grande, enorme».

Allusivo a existir ahi uma penedia, que se projecta sobre o mar.

Itaicy.—Morro pedregoso, que fórça o rio *Jundiahy* a mudar bruscamente de direcção: entre os municipios de Jundiahy e de Indaiatuba.

Itaicy, corruptéla de *Ytá-y-ci*, «penha despedaçada». De *ytá*, «pedra, penha, morro granitico», *y*, particula que precedida do verbo neutro significa «se». *ci*, «despedaçar, fazer pedaços»: isto é, «penha que se despedaçou», com referencia á acção propria da cousa.

Allusivo a ser uma penha que se derrocou, espalhando em redor milhares de pedras de todos os tamanhos e fórmas.

Itaim.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Itú.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Affluente do ribeirão *Jacurú*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: entre os municipios de Cunha e de Lagoinha.

Affluente do rio *Juquiry*, pela margem esquerda: no municipio de Parnahyba. Em seu principio tem o nome *Cajú*.

(Vide o nome *Cajú*).

Affluente do rio *Una*, pela margem esquerda: no municipio de Taubaté. Em suas cabeceiras o nome é *Baracéa*.

(Vide o nome *Baracéa*).

E outros.

Itaim, corruptéla de *Ytá-ĩ*, «ter pedras». De *ytá*, «pedra», *ĩ*, «ter em si alguma cousa».

Com effeito, esses tres ribeirões são pedregosos, isto é, correm sobre pedras, e têm varios saltos, em todo o seu percurso. O primeiro affluente do rio *Tieté* tem, proximo á fóz, os principaes saltos.

Itaipava.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, logo abaixo do salto *Ytápucú*.

(Vide o nome *Itapucú*, salto).

Itaipava, corruptéla de *Ytá-paba*, «logar de pedras, arrecifes, baixios».

Ha ahi entre os arrecifes, um canal unico, estreito e ingreme, com correnteza violenta. A descida é perigosa; mas a subida é impossivel para canôas carregadas.

Itaipé.—Logares nas serras, em que ha planos superpostos, uns aos outros até o cume, formando como escadaria em amphitheatro.

A serra maritima é assim em varios logares.

Itá-ipé, «muitos planos apoiados uns sobre outros». De *itá*, «armação, estantes, pilares, em geral o que se apoia em outros», *ipé*, «muitos».

Itaipú.—Ponta granitica que fecha a barra grande de Santos e de S. Vicente, pelo lado do sul.

Itaipú, corruptéla de *Ytá-apiy*, «ponta de pedra». De *ytá*, «pedra», *apiy*, soando *apú*, «ponta, ponteagudo».

Allusivo a ser um promontorio granitico.

Itaitúba.—Lagôa, no municipio de Iguape. E' á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*.

Itaitúba, corruptéla de *Ytã-tib-a*, «logar de conchas». De *ytã*, «concha», *tib*, para exprimir logar peculiar de cousas, com o accrescimo de *a* (breve). O *i* tem som guttural.

Mas, *ytã* neste nome não é qualquer concha; é a grande, com a côr e o brilho da madreperola. Serve de colher; por isso os indigenas, ao verem a colher, disseram logo *ytã*.

Com effeito, nessa lagôa abundam as conchas grandes e brilhantes.

Itajubá.—Affluente do rio *Una da Aldêa*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Não se trata de *ytá-yû-hob-á*, «pedra amarella que dá folhas e grãos», ou simplesmente *ytá-yû*, «pedra amarella», como os indigenas nomeiam o ouro. De *ytá*, «pedra», *yû*, «ser amarello», *hob*, «folhas», *a*, «grão, cousa corporea, pedaço de metal, fructo, cabeça, inchação». Por contracção, *Ytá-yû-'ob-á*.

Itajubá, nome deste affluente do rio *Una da Aldêa*, é corruptéla de *Ytá-iupá*, «pedras e lagôas». De *ytá*, «pedra», *iupá*, «lagôa».

Allusivo a ter muitas pedras no leito, e a formar lagôa em varios logares. Corre em terreno charcoso; mas é veloz na correnteza.

Itambé.—Morros da serra *Matto-Grosso:* no municipio de Batataes.

Morro, entre os municipios de S. Luiz de Parahytinga, de Natividade e de Parahybuna pela freguezia do Bairro-Alto; servindo-lhes de divisa o alto delle.

Itambé, corruptéla de *Ytá-mb-ẽ*, «penha ôca». De *ytá*, «pedra, penha», *mb*, intercalação nasal, *ẽ*, «ôco, concavo».

Allusivo a terem grutas e cavernas.

Itambé.—Cascata lindissima, no municipio de Cunha, a 3 $^1/_2$ leguas da cidade.

Itambé, corruptéla de Hetá-am-pé, mudado o p em b por causa do som

nasal de *am*, formando, por contracção, *Het'-am-bé*, «muitos degráus». De *hetá*, «muitos», *am*, «em pé, erecto, perpendicular», *pé*, «esquina de pedra, de madeira, etc.».

O ribeirão que a fórma, traz o mesmo nome *Itambé*.

E' em linha recta, em degráus ou pequenos saltos, na extensão de 200 metros mais ou menos. O ultimo salto tem a altura de mais ou menos 50 metros. Do primeiro ao nivel do ultimo a altura é de 250 metros.

Itamombúca.—Rio que nasce na cordilheira maritima, e desagua no oceano: no municipio de Ubatuba.

Itamombúca, contracção de *Ytá-mombúgca*, «pedra furada de ambos os lados». De *ytá*, «pedra», *mombugca*, «furar de um ao outro lado, perfurar», com o accrescimo de *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a formar sua fóz, furando uma penedia.

A praia ahi tem o mesmo nome *Itamombúgca*.

Itanguá.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Sorocaba.

Ytá-anguá, por contracção *Ytá-'nguá*, «pedra cavada». De *ytá*, «pedra», *anguá*, «cousa cavada, á semelhança de pilão, almofariz, morteiro».

Allusivo a terem no leito pedras cavadas, formando poços ou caldeirões.

Itanhaen. — Rio que, nascendo na serra *Itatins*, escôa-se por aquella serra abaixo, a desaguar no oceano. Tem muitas cachoeiras.

A' margem esquerda deste rio, proximo á fóz, está situada a villa da Conceição de Itanhaen.

Itanhaen, segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, significa «bacia de *pedra», ou «pedra* que sôa»!

Outros querem dar por origem ao *nome Itanhaen, o* morro sobre o qual foi edificado naquella região o convento da Ordem Franciscana; porque *ytá*, «pedra, morro», *nhaen*, «concavo».

A verdade, porém, é outra.

Itanhaen, corruptéla de *Ytã-nhã-ẽ-î*, «conchas amontoadas á fóz». De *ytã*, «conchas», *ñã* ou *nhã*, «agregar, juntar, agglomerar, reunir, amontoar», *hẽ*, o mesmo que *cẽ*, «sahida», e com referencia a cursos d'agua, «fóz», *î*, posposição significando «em».

Allusivo aos baixios de conchas e cómoros de areias movediças que se formam á sua fóz, permittindo que a penetrem sómente pequenas canôas.

O celebre chronista franciscano, frei ANTONIO DE SANTA MARIA JABOATAM, em seu *Novo Orbe Serafico Brasilico*, escreveu *Itanhaem*, certamente com mais correcção do que os que escrevem *Itanhaen*. O som de *Ytá-nhan-hẽ-î* é mesmo *Itanhaem*.

Itanhaen.—Cachoeira, no rio *Tieté*, entre as de *Avarémanduava* e de *Tiririca;* a quarta abaixo de Porto Feliz.

Alguns a consideram antes corredeira do que propriamente cachoeira.

Itanhaen, corruptéla de *Etá-nhaen*, «muitos canaes». De *etá* ou *hetá*, «muitos», *nhaen* ou *ñaẽ*, «concavidade, canal».

Allusivo a dar varias passagens por entre as rochas eruptivas que a formam.

Itáóca.—Morros, entre os municipios de Apiahy e de Itapeva da Faxina.

Morros, onde nasce o rio *Pirapóra*, á cuja margem está situada a villa da Piedade: no municipio de Una. Estes morros trazem o nome de *Casa de pedras*, por conterem grutas ou cavernas, algumas das quaes têm espaço para abrigar cem a trezentas pessoas. Ha ahi *aguas virtuosas*.

Não se trata de *itá-óca*, «casa de pedra».

Itáóca, nome desses morros, é corruptéla de *Ytá-óó-quà*, «pedras enormes». De *ytá*, «pedra», *óó*, «grande, grosso, enorme», *quâ*, particula do plural, pronunciado breve e corrido.

Allusivo á formação desses morros por enormes rochedos.

Com effeito, segundo informação local, já publicada, em relação aos morros entre Apiahy e Faxina, «ahi, enormes rochedos erectos apresentam em seu conjuncto um aspecto phantastico». E, em relação aos morros no municipio de Una, os grandes rochedos formam desfiladeiros que se cruzam e conduzem ás grutas.

Itapanhaú.—Ribeirão, no municipio de Santos.

Itapanhaú, corruptéla de *Y-tã-pã-ñãú*, «estrondos lunares». De *y*, relativo, *tã*, syncope de *tatã*, «forte, duro», *pã*, «golpe, pancada, ruido de golpe», *ñaú*, o mesmo que *aú*, «lunar».

Allusivo a grandes estrondos que ha na cachoeira, nos plenilunios: e, coincidindo os temporaes com os plenilunios, o povo, ignorando a lingua tupi, acredita que aquelles estrondos na cachoeira procedem das tempestades no oceano. Nessas occasiões, o rio avoluma e agita suas aguas, e estas derramam-se na varzea que o margina.

Nasce na serra maritima, formando a referida cachoeira; tem curso de sete leguas mais ou menos; e, desde a barra do ribeirão *Itutinga*, é navegavel para embarcações de calado de 15 a 20 palmos. Desagua no canal *Bertioga*, um quarto de legua distante da barra deste canal.

Itapanhuapindá.—Serrote, no municipio de Cananéa.

Itapanhuapindá, corruptéla de *Y-tá-pan-hû-apĩ-nd-á*, «picos escalvados vulcanicos». De *y*, relativo, *tá*, contracção de *tatá*, «fogo», *pan*, «golpe, choque», *hû*, «revolução interior, esforço por vomitar», *apĩ*, «ser escalvado, descarnado, rapado», *nd*, intercalação por ser nasal a pronuncia desse verbo, *a*, «cabeça, pico, ponta elevada, inchação, grão». A traducção litteral deve ser «picos escalvados, em revolução interior, com choques e fogo».

Allusivo a ser de natureza eruptiva, bem o mostrando nos picos escalvados, no ruido interior como que esforçando-se por vomitar, e nas evaporações.

Deste serrote nasce um ribeirão, que tem nome quasi identico no som, mas muito diverso no significado, segundo o systema usado pelos indigenas para as denominações de logares na mesma região. O ribeirão é conhecido tambem pelo nome *Itapanhuapindá*, corruptéla de *Ytá-apayûá-apĩ-nd-á*, por contracção, *Ytá-'payûá-'-pĩ-nd-á*, «pedras inteiras e quebradas, revolvidas». De *ytá*, «pedra», *apayûá*, «revolver, enredar, confundir, pegar uns com outros», *apĩ*, «cortar, quebrar, mutilar, britar», *nd*, intercalação para ligar *apĩ*, que tem pronuncia nasal, a *á*, «inteiro, sem partir», assim usado em composições.

Allusivo a ter o leito obstruido com pedras inteiras e quebradas, em confusão ou revolvidas.

Itapebussú.—Logar, em que foi assentada a extincta villa de S. Felippe, 1600-1610. Este logar é no territorio que veiu a constituir posteriormente, 1654, o municipio de Sorocaba: tres leguas distante da cidade deste nome.

Hoje é conhecido pelo nome *Itavuvú*, e tambem *Itapuvú*.

(Vide os nomes *Itapuvú* e *Itavuvú*).

Itapebussú, corruptéla de *Ytá-peb-uçú*, «planalto grande». De *ytá*, «pedra, morro», *peb*, «plano, chato», *uçú*, «grande, largo, vasto, extenso».

Allusivo a ser essa região, á margem direita do rio *Sorocaba*, ao norte e nordeste, uma vastissima planicie, embora um pouco acima do nivel das terras proximas.

Itapecerica. — Região montanhosa, em uma de cujas collinas está assentada a villa do mesmo nome.

Itapecerica, corruptéla de *Ytá-pé-cirica*, «morro plano escorregadio». De *ytá*, «pedra, morro», *pé*, «plano, chato», *ciri*, «escorregar, resvalar deslisando», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser muito lamacenta essa região, e por isso resvaladia ou lubrica. Com effeito, quer na collina em que foi fundada a povoação, quer mesmo na região denominada S. Lourenço, a lama

é tanta que fórma extensos pantanaes com caldeirões. Affirmo-o, porque já soffri os encommodos de uma viagem a esses logares, até *S. Lourenço.*

Com este nome *Itapecerica* ha um morro no municipio de Villa Bella, dando o nome a um bairro.

E' a mesma corruptéla supra.

Itapeciricuçú.—Morro, na costa maritima: no municipio de Ubatuba.

Itapeciricuçú, corruptéla de *Ytá-pi-ciri-iquê-uçú*, contrahido em *Ytá-pi-ciri-'qu'-uçú*, «morro granitico de encosta larga em resvaladouro». De *ytá*, «pedra, penha», *pi*, «pé», *ciri*, «deslisar, escorregar», formando *piciri*, «resvalar», *iquê*, «lado, costado», *uçú*, «largo, grande».

Allusivo a ser alcantilado.

Itapecuá.—Serrote, entre os municipios de Nazareth e de Juquery.

Itapecuá, corruptéla de *Ytá-pé-cuá*, «pedras quebradas e cascalho miudo». De *ytá*, «pedra», *pé*, «esquina», *cuá*, «cascalho miudo».

Allusivo a ter esse serrote, em sua formação, abundancia de pedras britadas e de cascalho miudo.

Itapema.—Morro, á margem opposta do canal da barra de Santos, em frente á cidade. Está isolado em uma extensa varzea, cujo nome corrupto é *Pae-cará.*

(Vide o nome *Pae-cará).*

Itapema, corruptéla de *Ytá-pẽ-ma*, «penha quebrada». De *ytá*, «pedra, penha», *pẽ*, «quebrar, dobrar, torcer», com o suffixo *ma* (breve), para formar supino.

Allusivo a mostrar uma cintura, estreitando-se ao meio, como as duas partes maiores de uma moella de ave.

Itapema.—Duas cachoeiras no rio *Tieté:* uma *Itapema-assú;* outra *Itapema-mirim.* Ambas um pouco abaixo da cidade de Tieté.

Cachoeira, no rio *Parahyba:* entre os municipios de Mogy das Cruzes e *de Jacarehy.*

Yta-pẽma, «pedra quebrada». De *yta*, *«pedra», pẽm, «quebrar, torcer,* dobrar», e *a* (breve), por accrescimo, visto que acaba em consoante, ou mesmo para formar supino.

Allusivo a formar ahi um canal na penedia que atravessa o rio.

Tenho tambem lido *Itupanema*, corruptéla de *Itú-pa-nẽ-mã*, «volta e revolta no arrecife». De *itú-pa*, «arrecife, baixio», *nẽmã*, «volta e revolta de caminho».

Outros escrevem *itaipa*, «arrecifes, baixios».

Itapetininga.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita.

Com o nome *Itapetininga* ha a cidade que, embora não esteja á margem deste rio, dista apenas uma legua, mais ou menos.

Itapetininga, segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, significa «logar de pedra sêcca»! Qual o destino que elle daria á palavra *pe*, para assim traduzir esse nome?

Itapetininga é corruptéla de *Yta-apitenỹ-nga*, por contracção *Ita-'pi-tenỹ-nga*, «ladeado de penedos, e sinuoso». De *yta*, «pedra, penedo», *api*, «ladear», *tenỹ*, «ser sinuoso, enrodilhado», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a correr entre penedias, fazendo innumeras sinuosidades, algumas das quaes em esquinas. Segundo uma informação scientifica, este rio «segue encaixado entre barrancos altos de grez molle».

Itapetinga.—Morro extenso entre os municipios de Atibaia e de Nazareth.

Itapetinga, corruptéla de *Yta-pe-tỹ-ngûe*, «morro granitico cortado a prumo e ponteagudo». De *yta*, «pedra, penha», *pé*, «cortar verticalmente, tronchar», *tỹ*, «ter ponta», com o accrescimo *ngûe*, particula de preterito, por ser nasal a pronuncia de *tỹ*, «ponta», segundo o ensina o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani.*

Allusivo a ser um morro formado de uma só pedra, de quasi uma legua de extensão, apresentando em varios logares córtes verticaes ou paredões a pru-

mo: além de um pico, cuja altitude é de 1430 metros.

Itapety.—Serrote, entre os rios *Parahyba* e *Tieté:* nos municipios de Mogy das Cruzes, de Jacarehy e de Santa Izabel.

Itapety, corruptéla de *Yta-peti*, «morro granitico carcomido». De *yta*, pedra, penha», *peti*, «carcomido, roido, picado, furado de dentro para fóra».

Allusivo á gruta que este serrote tem no alto. Não me foi possivel obter a descripção do interior desta lapa.

Itapéva.—Pedra enorme, que existe no municipio de Nazareth, bairro da Capella, perfeitamente chata ou plana, de mais de sessenta metros quadrados.

Itapéva, corruptéla de *Yta-pé-bae*, «pedra chata». De *yta*, «pedra», *pé*, «ser chato, plano», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Itapéva.—Morro, em ramificação da serra *Mantiqueira:* no municipio de S. Bento de Sapucahy-mirim.

Planaltos nos municipios de Jacarehy e de Sorocaba, conhecidos por *campos*.

Itapéva, corruptéla de *Yta-pé-bae*, «morro plano». De *yta*, «pedra, penha», *pé*, «plano, chato», com o suffixo *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a ter no cume uma planura.

Da planura do morro supra avista-se todo o curso do rio *Parahyba*, desde a cidade de Jacarehy até á villa de Bocaína.

Itapéva.—Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem esquerda: no municipio de Piracicaba. Faz barra proximo ao salto.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Sorocaba. Faz barra logo abaixo do salto *Boturantim*, ou, como outros mais erradamente escrevem, *Voturantim:* no mesmo municipio de Sorocaba.

Itapéva, nome destes corregos, é corruptéla de Ita-ipé-bo, «logar de muitas pedras». De ita, «pedra», ipé, «muito, muitos», bo (breve), para exprimir sitio ou logar, porque não está unido a verbo.

Allusivo a correrem em região pedregosa, tendo mesmo o leito formado de pedras, na sua maior extensão.

Com effeito, o seu curso é assim; e fazem barra, proximo a dous notaveis saltos.

Itapeva da Faxina.—Campos, entre os rios *Taquary*, margem direita, e *Apiahy*, margem esquerda, ambos affluentes do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda.

Com este nome é conhecida a povoação, hoje cidade, naquella região.

Itapeva da Faxina, corrupção de *Yta-pé-bae-chachĩ-na*, «morro chato enrugado». De *yta*, «pedra, penha», *pé*, «ser chato, plano», *bae* (breve), particula de participio, significando «o que», *chachĩ*, «enrugar, franzir», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a serem campos com depressões ou concavidades continuadas, e irregulares muitas dellas, semelhando rugas.

Estas depressões ou concavidades são denominadas *tembé*, ou *temb-é*, «concavidades ou o que é concavo»: de *temĩ*, particula de participio passivo, fazendo *temb* quando precede vogal, como neste caso, e *é*, «ser concavo».

Por ter a fórma concava o labio inferior do homem, os indigenas o designam pela palavra *temb-é*.

Segundo a tradição, um desses *temb-é* serviu de cemiterio a indigenas mortos; e até ha ahi uma inscripção notavel que ainda pessoa alguma logrou explicar. Mas, é duvidoso que seja isso uma inscripção, visto como os indigenas não conheciam nem praticavam a lingua escripta, como é notorio.

Itapirapuan.—Serra, na divisa do municipio de Apiahy com a provincia do Paraná.

Itapirapuan, corruptéla de *Yta-pirapuan*, por contracção Yta-pira-puan, «morro alto derrocado». De yta, «pedra, penha», apirá, «derrocar, desatar, esbo-

roar», *puan*, «levantado, em pé, erecto, a pique».

Allusivo a ser erecta ou a prumo, deixando ver o derrocamento de pedras soltas nas encostas.

Ha a crença popular de ser diamantifera esta serra.

Perto deste morro existe uma caverna ou gruta, de mais de 170 palmos de comprimento, e 104 de largura, com duas entradas naturaes: á altura de 100 palmos, mais ou menos. Aos lados, ha outras grutas menores.

Mas, com o mesmo nome ha um ribeirão, que ladeia a serra e desagua no rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda.

Segundo o costume dos indigenas, davam nomes identicos ou quasi identicos no som, mas diversos na significação, a logares na mesma região. Por isso, embora sôe identicamente o nome *Itapirapuan*, tanto para o morro, como para o ribeirão, o significado é diverso.

Itapirapuan, como nome do ribeirão, é *Yta-á-pira-apuan*, por contracção *Yt'-á-pira-'puan*, «lados empinados de pedra». De *yta*, «pedra», *á*, «ladear», *pira*, particula de participio passivo presente, fazendo *a-pira*, «ladeado», *apuan*, «empinado, a prumo, erecto».

Allusivo a correr entre altas margens graniticas.

Em alguns mappas, é este ribeirão que é indicado como raia divisoria nessa parte, entre a provincia de S. Paulo e a do Paraná. E, neste caso, o morro pertenceria á do Paraná. Mas, moradores de Apiahy impugnam essa divisa, que convém rectificar.

Com effeito, devendo ser tirada uma linha da serra *Çavoca* á cabeceira do rio *Itararé*, e contravertendo esta cabeceira, em linha recta, com a do ribeirão *Itapirapuan*, parece que o ribeirão, e não o morro, é a divisa.

Itápyra.—Nome restituido á cidade da Penha do Rio do Peixe, por acto do *Governo, n. 40 de 1.º* de Abril de 1890, *sob o fundamento de que* «os indigenas *assim designavam o rio* que banha aquella povoação, por ser pedregoso e abundante de peixe».

Os indigenas sohiam dar nomes com som identico, ou quasi identico, a logares varios na mesma região, significando porém differentemente. Muito sabios na formação dos nomes locaes, pois que estes deveriam designar os caracteristicos physicos da cousa nomeada, e não eram definitivamente acceitos senão após deliberação em assembléas nocturnas, como bem o expôz o padre Ivo D'Evreux, na obra *Viagem ao norte do Brazil nos annos de 1613 a 1614*, faziam os indigenas admiravelmente aquelle jogo linguistico, quando tinham de dar nomes a rios, lagôas, montes e outros logares na mesma região.

O nome *Ytapyra* está incorrectamente escripto. Desarticulado ou desunido, mostra as duas palavras de que foi composto: *yta-'pir-a*, contracção de *yta-apir-a*.

O *y* em *pyra*, tendo pronuncia guttural, não é o mesmo que *pira*, contracção de *apir-a*.

Os indigenas denominam *yta-'pir-a* qualquer morro em fórma de penha; e o morro, sobre que assenta a cidade, cujo nome tupi foi agora restaurado, tem aquella fórma, com declividade ingreme para a margem do ribeirão. De *yta*, ou mesmo *ita*, «pedra, morro», *apir*, «ponta», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, segundo a lição dos grammaticos: «ponta de pedra» ou «pedra ponteaguda», dando a idéa de «penha, penhasco», eis o significado exacto do nome *Ita-'pir-a*.

Quanto ao ribeirão, que tem trazido o nome injustificavel de *Penha*, era *Itapi-rû*, «fundo pedregoso e escuro». De *ita*, «pedra», *pí*, «centro, fundo», *rû*, o mesmo que *tû*, o mesmo que *hû*, «negro, preto, escuro». Com effeito, o fundo deste ribeirão é pedregoso e escuro, e até as aguas parecem turvas. A palavra *rù* deve ser pronunciada breve e corrida, por causa do accento predominante em *pi*, segundo a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*; por isso, o som é quasi identico ao de Ita-'pir-a.

E estes nomes nada têm com peixe; pois que não ha, em qualquer delles, a palavra *pirá*, que é a que significa «peixe».

Mas, mesmo que a palavra *pirá* estivesse compondo um ou outro desses nomes, não se seguiria que o indigena quizesse alludir a peixe; porquanto, *pirá* é tambem o verbo que significa «abrir», empregado para exprimir a acção de entesar o arco, e *apirá* significa «desatar a ponta, derrocar, cahir de bruços». Só em tres casos, o indigena, dizendo *yta-pirá*, ou *itá-pirá*, ou *y-ta-pirá*, podia referir-se a peixe: no primeiro, *yta-pirá*, significando «pedra peixe» ou «peixe petrificado», como os ha em abundancia na serra *Baturité*, em Ceará; no segundo, *ita-pirá*, «peixe a nadar»; no terceiro, *y-ta-pirá*, «peixe colhido ou apanhado».

Mesmo a palavra *Yta-pira*, se fôr escripta e pronunciada *y-tá-pira*, diverso será o significado: «o colhido, o comprado, o vendido»: de *y*, relativo, *tá*, o mesmo que *yá*, «colher, comprar», *pira*, particula de participio passivo, formado este da terceira pessoa do presente do indicativo, sem o artigo, conforme a lição dos grammaticos. A palavra *pir-a* tambem significa «crú», isto é, não cosido, «verde», isto é, não maduro: *çoó-pir-a*, «carne crúa», *iba-pir-a*, «fructa verde».

Nestes termos reclamei contra aquelle acto do Governo, no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 8 de Abril de 1890.

Ha proximo á cidade de Piracicaba um corrego affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita, com o nome *Ytapira*, em referencia ao morro entre o mesmo corrego e o rio, onde foi edificada a matriz.

Itapisantuba.—Affluente do rio *Una da Aldêa*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Itapisantuba, é nome escripto em mappas: mas tenho lido tambem *Saputantúba* e *Saputa-ndúva*.

Itapisantuba, nome menos incorrecto do que aquelles, é corruptéla de *Ytá-pytã-ndib-a*, «logar de pedras avermelhadas». De *ytá*, «pedra», *pytã*, «avermelhada, colorada de vermelho», *ndib*, o mesmo que *tib*, «logar natural», e assim pronunciado por causa da nasalidade da palavra *pytã*.

Allusivo a ser essa região muito abundante de granito pórphyro purpureo, em cuja composição entra o feldspatho; e assim se mostra nas margens deste ribeirão em grandes depositos.

Suas aguas são côr de café.

Itapitangui.—Serra, no municipio de Cananéa.

Com o mesmo nome nasce desta serra um ribeirão, que desagua no *Mar Pequeno*.

Itapitangui, corruptéla de *Ytá-pitangiî*, «morro granitico manchado de vermelho». De *ytá*, «pedra, penha», *pitang*, «avermelhado, pardo», *iî*, «ser manchado, sujo».

Allusivo a ser de *saibro*, sarapintado de ochre amarello e vermelho.

O ribeirão tem esse mesmo nome, por causa das margens e de bancos desse barro. O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: «O rio *Itapitangui*, direcção norte-sul, onde achei bancos de argilla branca, de ochre amarello e vermelho pulverulento; neste rio desaguam o *Juiry*, a *Cachoeira-grande*, *Taquavurutuca*, *Pasmado* e outros. A formação geral destes rios é uma areia grossa, denominada *saibro* pelos do paiz».

Itapitinga.—(Vide o nome *Itapetinga*).

Itapixinga.—Morro granitico, no municipio de Bragança.

Deste morro nasce um ribeirão, que traz o nome *Tapuxinga*; aliás no som quasi o mesmo nome do morro, conforme o systema dos indigenas de darem na mesma região a logares diversos nomes de som quasi identico, mas de significado differente.

Itapixinga, corruptéla de Ytá-apã-ytinga, «morro pellado e sujo». De ytá, «pedra, morro», apã, «ser pellado, sem

vegetação», *ỹtú*, «ser sujo», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Por contracção *Ytu-'pĩ-ỹtú-nga*.

Allusivo o ser este morro sem vegetação alguma; tendo apenas parasitas, musgo e limo nas fendas de sua extensa lage.

Este morro tem a altitude de 1056 metros.

Tapuxinga, nome do ribeirão, é corruptéla de *Ytá-pi-ỹtú-nga*, «fundo de pedra sujo». De *ytá*, «pedra», *pi*, «centro, fundo», *ỹtú*, «ser sujo», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter o leito granitico e sujo. Com effeito, essa região é, em geral, granitica; e o ribeirão, recebendo do morro as aguas, não póde deixar de recebel-as sujas e limosas.

A razão da pronuncia de *x* é porque o *t* é precedido de *y*, que tem pronuncia guttural e, por isso, o *t* sôa como *x* para muitos. O som guttural do *y* fére tambem o *ú* da mesma palavra, de modo a parecer *i* fechado.

Itapuá.—Corredeira, no rio *Tietê* logo abaixo da *Caramby:* entre o Salto de Itú e a cidade de Porto Feliz.

Itapuá, corruptéla de *Ytá-puá*, «pedra redonda». De *ytá*, «pedra», *puá*, «redonda».

Allusivo a ser forçada a corredeira por uma pedra redonda que ahi existe.

Itapucú.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da fóz do ribeirão da *Barreira*.

Ytá-pucú, «pedra larga». De *ytá*, «pedra», *pucú*, «larga».

Allusivo a existir uma larga muralha de rocha eruptiva, formando um lageado continuado, sobre o qual as aguas correm velozmente repartidas em varios canaes, por espaço de mais de meio kilometro. O canal principal, encostando-se no fim á barranca, parece não ter senão sahida estreitissima. E' impraticavel esta cachoeira.

Itapucú.—Salto, no rio *Paranapanema*, logo abaixo da cachoeira do mesmo nome.

Ytá-pucú, pedra larga». De *ytá*, dra, *pucú*, «larga».

Allusivo a ser formado por uma muralha que atravessa o rio, produz seu desnivelamento a quéda vertical aguas de mais de dous metros.

Após a quéda, as aguas formam larga e profunda bacia com rodomoin

Mais abaixo, ha uma corredeira lenta, sob o nome de *Itaipava*, em canal unico, estreito e ingreme, e pedras. A descida é perigosa; m subida é impraticavel para canôas regadas.

Itapucú.—Os indigenas assim d minavam os campos em cima de mo quando largos.

Em titulos de terras, no municipi Atibaia, freguezia de Campo Larg este nome dado a campos sobre mo

Assim, *Ytá-pucú* significa «morro go». De *ytá*, «pedra, morro», *p* «largo».

Itapúra.—Ultimo salto no rio *T* antes de desaguar no rio *Paraná*, mais de nove metros de altura.

Ha dous: um, maior, cujo é o n *Itapúra*, outro, menor, acima daqu denominado *Itapúra-mirim*.

O rio se despenha daquella al com grande estrondo; ao mesmo te que os peixes, arrastados e envolv naquelle turbilhão, dão saltos como para não soffrerem na quéda o peso aguas.

Sendo «salto de pedra» como sig cado de *Yta-pór-a*, seria um não s que o indigena não praticaria; por MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. B* accrescentou «salto do peixe», como explicar o anterior significado. porém, está no nome *Itapúra* ou *pór-a* a palavra *pirá*, «peixe»? E' dentemente forçada a explicação.

A verdade é esta: *Itapúra* é co téla de *Yti-pú-rõ*, «arrojado de a baixo com estrondo e rodomoinhos *yti*, «arrojar de alto a baixo», *pú*, trondo», *rõ*, «revolver, fazer torvelli

Com o nome *Itapúra* existe, ju este salto, á margem direita do rio

desde 1858, um estabelecimento militar, cuja sorte tem variado concorrentemente com a variedade de opiniões no governo.

Itapuvú.—Logar, á margem direita do rio *Sorocaba*, ao norte do municipio.

E' o mesmo *Itapebussú*.

(Vide o nome *Itapebussú)*.

Itapurú, corruptéla de *Ytá-pé-ibiỹ*, «morro plano, baixo». De *ytá*, «pedra, penha», *pé*, «plano, chato», *ibiỹ*, «baixo».

Allusivo a ser um planalto pouco elevado.

(Vide o nome *Itavuvú)*.

Itaquaçába. — Duas cachoeiras no rio *Tieté:* uma, a *guaçú*, immediata á *Avarémanduáva;* outra, a *mirim*, logo após a *Guacuritú*, no trecho entre os saltos *Avanhandava* e *Itapúra*. Alguns ainda dividem a primeira, fazendo duas successivas.

Itaquaçába, corruptéla de *Ytá-quâçaba*, «pedra furada». De *ytá*, «pedra», *quâ*, o mesmo que *quâr*, «ter buraco, furo», mudado o *r* final em *ç*, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, quando ha necessidade de usar do verbal *ába*, para exprimir o instrumento, o modo, a causa, o intuito, a occasião, o logar, com referencia á acção do verbo, soando *çába*. Do mesmo modo o *r* final do verbo é mudado em *ç*, quando, para exprimir o que fez a cousa, ha necessidade de formar o participio presente com a particula *ára*, soando *çára*.

Com effeito, ha nesses logares uma muralha de pedra, de margem á margem, atravessando o rio; apenas com um furo ou buraco, formando canal.

Itaquantúba.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Itaquantúba, corruptéla de *Ytá-cuã-tib-a*, «logar de cascalho». De *ytá-cuã*, «cascalho», *tib-a*, «logar natural das cousas».

Póde ser pronunciado *Itaquanduba*.

Itaquapeninduba.—Logar, na parochia *da Penha de França*: municipio *de S. Paulo.*

Itaquapeninduba, corruptéla de *Ytá-cuã-pinî-ndib-a*, «logar de cascalho pintado». De *ytá-cuã*, «cascalho, pedra miuda», *pinî*, «pintar, manchar», cujo som nasal faz mudar o *t* de *tib* em *nd*, *ndib*, «logar natural das cousas», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O *i* de *tib* tem som guttural de *u* (fechado).

Allusivo a existir nesse logar abundancia de tal especie de cascalho.

Itaquaquecetúba.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

A' margem esquerda deste ribeirão está a povoação *Itaquaquecetuba*, que do mesmo ribeirão tira o nome.

Itaquaquecetúba, corruptéla de *Ytá-aqûa-guecè-tíû-bae*, «o que bója por causa do penhasco». De *ytá*, «pedra», *aqûa*, «esquina, ponta», formando *ytá-aqûa*, «penhasco, esquina ou ponta de pedra», *guecè*, o mesmo que *rehé*, «por causa», *tíû*, «bojar, fazer enseada ou volta convexa, transbordar», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a fazer um grande alagadiço ou *banhado*, porque, forçado a desaguar no rio *Tieté*, quasi de encontro ao curso deste, por causa de um penhasco triangular que existe proximo a sua fóz, operando-se assim impedimento ás suas aguas, estas são detidas e transbordam.

Este ribeirão tem tres cabeceiras; uma das quaes nasce em uma gruta.

A povoação está mesmo proxima ao *banhado*.

O ribeirão é tambem conhecido pelo nome *Tipóia*, corruptéla de *Ti-póoî*, «em fórma de rêde de dormir».

Allusivo a esse mesmo *bojo* ou *banhado* supra mencionado; ennoveladas as aguas nesse logar.

A rêde de dormir é *io-ty-póoi*, «sacco atado pelos dous extremos». De *io*, reciproco mutuo, *ty*, «atar», formando *io-ty*, «atar os dous extremos», *póoî*, «fazer sacco, bojo».

Ti-póoî, portanto, é uma contracção de *Io-ty-póoi*, pela aphéresis do reci-

proco *io*, como o usam os indigenas. Mas, este nome é apenas uma phantasia: o nome verdadeiro, exprimindo os caracteres physicos do ribeirão, é *Ytá-aquâ-guecè-tíû-bae*, por contracção *Ytá-'quâ-guecè-tíû-bae*.

Com referencia a um taquaral que existe entre o banhado e o penhasco, margeando o ribeirão, o nome é *Y-táquâ-guecè-tub-a*, «logar de taquaras successivas». De *y*, relativo, *táquâ*, «cana ôca», isto é, *tá*, «espiga», *quâ*, «buraco, furo», *guecè*, «successivamente», *tub*, «logar das cousas», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. (*)

Os indigenas sohiam dar a logares diversos na mesma região nomes identicos ou quasi identicos no som, mas differentes nos significados, como neste caso.

(*) Estava em avulso a seguinte nota incompleta:

O padre MANOEL DA FONSECA, na *Vida do Padre Belchior de Pontes*, escreveu *Taquacocétyba* (pag. 132) e *Taquacocétûba* (pag. 103).

Tratando-se de morros e penhascos, os indigenas costumam supprimir por aphéresis o *y* de *ytá*, pronunciando sómente *tá*. *Quaco* ou *quaqueó*, como escreve o padre A. R. DE MONTOYA, no seu *Tesoro de la lengua guarani*, «passar, passagem, voltear, volta, torcer, quebrar». *Ta-quaco*.

Cé, para exprimir «quasi».

Ta-qua-cocé. *Cocé*, para exprimir «sobre». *Tíû-bae*,...

Itaquaxiára.—Morro, no municipio de Itapecerica.

Itaquaxiára, corruptéla de *Ytá-quatiár-a*, «pedras pintadas». De *ytá*, «pedra», *quatiár*, «pintar», com *a* (breve), por accrescimo, visto acabar em consoante.

Allusivo ás pedras manchadas que ahi existem em grande quantidade.

Itaquerê.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem direita: no municipio de Araraquara.

Itaquerê, corruptéla de *Iti-aqui-rehê*, contrahido em *It'-aqui-rehê*, «successivamente frouxo e sujo de detritos vegetaes». De *iti*, «detritos vegetaes», *aquir*, «frouxo», perdendo o *r* final por ser seguido de *rehê*, «successivamente».

Allusivo a formar margens alagadas, por correr em quasi toda a sua extensão, em varzedo, no qual a vazante deixa detritos.

Itaquery.—*Serra, no municipio de S. João do Rio Claro. Nesta serra ha extensos campos.*

A povoação denominada *Itaquery*, está situada nesta serra.

Serra, no municipio de Araraquara e Jaboticabal.

Itaquery, corruptéla de *Ytá-aquir-i*, «pedra em geral frouxa». De *ytá*, «pedra, morro», *aquir*, «frouxo, quebradiço», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo á formação calcarea desta serra, em quasi toda a sua extensão.

Itaqui.—Serra, nos municipios de S. Roque e de Cotia.

Affluente do ribeirão *Baruery*, pela margem esquerda: entre os municipios de Cotia e de Parnahyba. Nasce na serra acima mencionada.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municipios de Mogy-guassú e de S. João da Boa Vista.

Itaqui, seja nome da serra, seja nome dos ribeirões, é *Ytá-cuí*, e significa «muita pedra». De *ytá*, «pedra», *cuí*, «muito ou muitos».

Com effeito, os ribeirões têm os leitos cobertos de pedras, crystaes e quartzos; e a serra contém grande quantidade de crystaes de todos os tamanhos, quartzos e pedras de outras qualidades.

Itáqui é tambem o nome em tupi da pedra de amolar. Talvez exista tambem na serra e nos ribeirões essa pedra.

Itararé.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda.

Serve de divisa ás provincias de S. Paulo e de Paraná, desde que nasce na Serra-Geral até desaguar naquelle rio. Refiro-me ao *Itararé-guassú;* porquanto o *Itararé-mirim*, affluente deste, corre na provincia do Paraná.

Ytáraré, «pedra côncava».

Allusivo aos furos que as aguas do rio abriram nos penhascos, passando algumas vezes por baixo destas pontes graniticas.

No *Resumo do itinerario de uma viagem pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema, etc., emprehendida por ordem do barão de Antonina, em 1845*, está feita a seguinte notavel descripção: «Entre os dias 26 a 29 (Agosto) entramos

no *Itareré*, reunido já com o *Jaguariahyva* e *Jaguarecatú*, de cerca de trinta braças de largura, descemos por cachoeiras e baixios perto de seis leguas, onde pelo lado esquerdo entra um ribeirão, que o chamamos *Itareré-mirim*, levando á mão as canôas vasias na cachoeira *Tibuna*, d'onde navegámos por baixios, corredeiras e itopavas, quatro leguas até a cachoeira da *Bocaina*, pela qual levámos as canôas vasias á mão. Daqui, voltêa o rio por serranias em uma série de corredeiras, itopavas e baixios, encontrando-se ilhotas até sua desembocadura no *Pananapanema*».

Ytá-raré não é, portanto, como o escreveu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, «pedra levantada» ou «pedra que surge d'agua».

O rio *Ytá-raré* passa debaixo de pontes graniticas, em alguns logares acima da confluencia do ribeirão *Jaguarécatú*, pela margem esquerda, e portanto do territorio paranaense. Uma destas pontes graniticas, que é a principal, serve á estrada geral, de Itapeva da Faxina, na provincia de S. Paulo, a Castro, na do Paraná; e ha ahi um registro fiscal para a cobrança do imposto de transito do gado.

Mas, além do rio, ha ainda com o nome *Itararé* uma serra, ramificação da *Paranapiacaba*, prolongando-se junto á margem direita daquelle rio.

Os indigenas usavam dar nomes identicos ou quasi identicos no som, mas de significados differentes, a logares varios na mesma região. Assim, *Itararé*, nome da serra, embora sôe quasi o mesmo que *Ytararé*, nome do rio, é desarticulado deste modo: *Itá-rá-ré*, «paredões levantados successivamente». De *itá*, «pilares, armação, estantes, cousa em que outra se assenta», *rá*, «levantado, não egual», *ré*, contracção muito usada da posposição *rehé*, syncopadas as duas lettras intermedias, significando, neste caso, «successivamente», para exprimir plural e continuidade.

Allusivo a erguerem-se esses morros, *ora em escarpas e encostas* ingremes, *ora em altos paredões*, á margem do rio. A altura destes paredões é de 100 a 200 metros; e taes morros são de rocha granulada siliciosa, de mistura ou ligada com materias calcareas.

O rio *Ytararé*, e os outros que correm sobre essa formação geologica, a talham em alguns logares tão fundamente que o leito delles quasi que desapparece, por impossivel de ser attingido, a mais de 100 metros de profundidade. As cavidades são innumeras, por força das águas sobre esse terreno de facil desagregação. Toda essa região é diamantina.

Itararé.— Serrote, na ilha de *S. Vicente:* faz parte da cordilheira que atravessa a ilha, desde a villa de S. Vicente até á cidade de Santos.

O nome é dado a esse serrote, porque o mar o escavou, formando uma especie de sacco. *Ytá-raré*, «morro granitico concavo». Com aphéresis do *y*, sôa *'tá-raré:* de *ytá*, «pedra, penha», *raré*, «concavo».

Mas, segundo o systema dos indigenas, deram á praia que enfrenta o sacco o nome *Tararé*, soando quasi o mesmo que o nome *Ytáraré*. E' a praia de *S. Vicente*, immediata á praia *Embaré*.

(Vide o nome *Tararé*).

Itariry.—Affluente do rio *S. Lourenço*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Ha tambem com o mesmo nome a serra, sobre a qual desce este ribeirão. A encosta oriental cahe sobre o municipio de Itanhaen.

Ribeirão ou serra, *Itáriry*, corruptéla de *Itá-ri-ri*, «successivos degráos». De *itá*, «estante, armação, pilares, ou cousa que em outra se estriba», *ri*, posposição significando, neste caso, «successivamente», e, repetida, exprimindo o superlativo do facto.

Tenho lido este nome como *Itaririú;* mas não me parece correcto, porque, significando «o que contém pedra», *ytá*, «pedra», *ririú*, «vaso, cesto, o que contém», seria sem applicação a esses logares.

Escreveu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, que *Itariry* significa «cachoeira das conchas»!

Itáriri é allusivo, em relação á serra, a superposição successiva, em camadas horizontaes, de rochas que formam a mesma serra naquella região; e em relação ao rio, é allusivo aos saltos, como que em degráos, que as aguas são forçadas a transpôr em successivas quédas, por causa daquella mesma superposição das rochas. Ha, além dos saltos, cachoeiras impetuosas, das quaes a principal é a denominada *Caracól*, em zigs-zags.

Itarirú.—(Vide o nome *Itariry*).

Itatiára.—Morro, no municipio de Santos. E' no continente, quasi á margem do canal ou furo *Bertioga*.

Itatiára, corruptéla de *Ytá-ati-ára*, contrahido em *Ytá-'ti-ára*, «morro granitico alto». De *ytá*, «pedra, penha», *ati*, «levantar, amontoar», com a particula *ára* para formar participio activo.

Allusivo a ser erecto e alto.

Itatinga.—Morro, no municipio do Rio Novo.

Morro, no municipio de Xiririca. E' á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*, proximo ao ribeirão *Pilões*. E' conhecido pelo nome traduzido «Pedra Branca».

Itatinga, isto é, *Ytá-ty-nga*, «pedra branca». De *ytá*, «pedra, morro», *ty*, «branco», *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo á sua formação calcarea.

No cimo do primeiro, ha uma lagôa, bastante funda, onde se abrigam as antas quando perseguidas pelos caçadores.

Dista da povoação que tomou o nome *Itatinga*, uma legua mais ou menos.

Itatins.—Ramificação da serra maritima, entre os rios *Peruhybe* e *Una do Prelado*, no municipio de Itanhaen.

Alguns dão a esta serra maior extensão; e a fazem internada no municipio do Igu[illegible] [illegible]as, é erro: é uma serra isolada por varios rios e cursos [illegible] que a rodeiam.

Itatins, corruptéla de *Ytá-tỹ*, «n[illegible] graniticos ponteagudos». De *ytá*, «[illegible] penha», *tỹ*, «ponta».

Allusivo a formar essa região [illegible] corda de serra altissima, com [illegible] agudos, entre os quaes o *Botuc*[illegible]

(Vide o nome *Botucavarú*).

Estes morros, em geral, são [illegible] chas vivas; alguns são escalvados.

MARTIUS, em seu *Gloss. Ling.* diz que *Itatins* é «cachoeira de [illegible] brancas»!

Nem se trata de *cachoeira*, s[illegible] *serra*.

Itatúba.—Morro, entre os mun[illegible] de Itapecerica e de Cotia; proxi[illegible] morro *Chiqueiro*.

Morro, no municipio de Araçarig[illegible] mais conhecido por *Itatúva*.

Itatúba, corruptéla de *Ytá-tib-a*, [illegible] natural de pedras». De *ytá*, «p[illegible] *tib* para exprimir logar natural d[illegible] sas com o accrescimo de *a* (brev[illegible] acabar em consoante.

A corruptéla proveiu de ter so[illegible] tural o *i* de *tib*.

Allusivo a existir nesses morros [illegible] pedra.

Itaveráva.—(Vide o nome *Itab*[illegible]

Itayassupéva.—Nome tambe[illegible] pelos indigenas ao morro *Caguass*[illegible] ximo á cidade de S. Paulo.

(Vide o nome *Caguassú*).

Itayassupéva, corruptéla de *Yt*[illegible] *pé-bae*, «chapada, chapadão». D[illegible] «pedra, penha», *uaçú*, «grande[illegible] mando uma só palavra—*ytá-wa*[illegible] *ita-guaçú*, «penhasco, penha alt[illegible] «ser chato», com a particula *bae* [illegible] para formar participio e significa[illegible] que».

Itayaó.—Morro, que serve de [illegible] aos municipios de S. Luiz de I[illegible] tinga, de Natividade e de Para[illegible] pelo lado da freguezia do Bairr[illegible]

Itayaó, corruptéla de *Ytá-yâóg*, «morro granitico apartado». De *ytá*, «pedra, penha», *yâóg*, «apartar».

Allusivo a ser um morro isolado das outras elevações na mesma região.

Itavúvú.—Logar em que foi edificada a extincta villa de S. Felippe, 1600-1610. No territorio que depois constituiu a circumscripção municipal de Sorocaba; tres leguas, mais ou menos, distante da cidade deste nome, ao norte.

E' o mesmo *Itapebussú* e *Itapurú*.

(Vide os nomes *Itapebussú* e *Itapuvú*).

Itavuvú, corruptéla de *Ytá-biỹ-biỹ*, «morro granitico muitissimo baixo». De *ytá*, «pedra, penha», *biỹ*, «baixo, não alto», repetido para exprimir superlativo.

Allusivo a ser uma planicie ou planalto, pouco acima do nivel das outras terras visinhas.

Itĩ.—Affluentes do rio *Una da Aldêa*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Ha o *Itingoçú* e o *Itimirim*.

Itĩ, corruptéla de *Y-tỹ*, «atado, cingido». De *y*, relativo, *tỹ*, «atar, cingir, apertar».

Allusivo a correrem entre margens graniticas altas.

Com effeito, esses rios correm entre rochas e sobre pedras, passando ás vezes por baixo destas.

O primeiro, isto é, o *Itingoçú*, que é o maior, é denominado por alguns tambem *Despraiado;* mas o *Despraiado* é seu affluente.

(Vide o nome *Despraiado*).

O segundo, isto é, o *Itimirim*, que é o menor, é muito veloz na correnteza.

Nascem no morro *Guacunduba*.

Itinga.—Affluente do rio *Bananal*, pela margem esquerda: no municipio de Bananal.

I-ty-nga, assim chamado este pequeno corrego por descer da serra *Bocâina* sobre leito de pedras brancas, e com agua crystalina, formando uma lindissima *cascata, que é avistada* da cidade do *Bananal.*

I-ty-nga, «agua branca». De *i*, «agua», *ty*, «branca», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

E «Agua Branca» é o nome que o povo dá a esse curso d'agua.

Itinga.—Pequeno ribeirão, de muitas voltas e sinuosidades, que liga a lagôa *Aririâia* ao rio deste mesmo nome: no municipio de Cananéa.

Ha tambem nessa mesma região a serra *Itinga*.

Embora soando quasi identicamente, tem significados diversos o nome do ribeirão e o nome da serra.

I-ty-nga, nome do ribeirão, significa «agua branca». De *i*, «agua», *ty*, «ser branco», formando supino com *nga* (breve).

Allusivo a ser crystalina a agua.

Itinga, nome da serra, é corruptéla de *Y-ty-ngûe*, «pontuda». De *y*, relativo, *ty*, «ponta», com *ngûe*, o mesmo que *cûe*, que nem sempre é particula de preterito, como neste caso.

Allusivo a ter essa serra alguns picos.

Itinga.—Lagôa, no municipio de Sorocaba. Redonda e formada em campo.

Itinga, isto é, *I-ty-nga*, significando ao mesmo tempo, por gracioso jogo linguistico, «agua presa» e «agua branca», corresponde perfeitamente aos dous caracteristicos desse logar:—é uma lagôa de agua clara. De *y*, «agua», *ty*, «atar, prender», e *ty*, «ser branco, claro», com o suffixo *nga* (breve) para formar supino.

Itituva.—Logar pedregoso, no municipio de Araçariguama.

Itituva, corrupção de *Ytá-tib-a*, «logar de pedras». De *ytá*, «pedra», *tib*, «logar das cousas», com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante.

O *i* de *tib* tem pronuncia guttural.

Com effeito, nesse logar ha muitas pedras e grandes.

Itrápuá.—Varzea extensa, á margem esquerda do rio *Tamanduatehy:* no municipio de S. Bernardo.

Itrapuá, corrupção de Ytiapĩ-á, «logar em que se accumulam detritos vegetaes».

De *ytiapiî*, «detritos vegetaes arrojados», *á*, «colher».

Allusivo a amontoarem-se nessa varzea detritos vegetaes que as aguas do rio ahi arrojam e deixam.

Em alguns titulos de terras dão este nome ao ribeirão *Cassaquéra;* mas é confusão.

Itú.—Cidade situada na planicie *Pirapitinguy;* e, em um dos lados da povoação está o ribeirão *Caracatinga.*

Dista uma legua, mais ou menos, do *itú-guaçú*, «salto grande». De *i-tú*, «salto, golpe, quéda d'agua», *guaçú*, «grande, largo».

O salto tem a altura de 9m,75; e as aguas despenham-se saturando de evaporações o ar.

O nome *Itú* ficou á povoação, sem o accrescimo da palavra *guaçú*.

O salto é no rio *Tieté;* e hoje ha neste logar uma freguezia com a invocação de N. S. do Mont'serrate, e com o nome *Salto de Itú*, cuja prosperidade em fabricas de tecidos e de papel vae fazendo sobrepujar a velha cidade, aliás muito bem edificada e com boas igrejas.

Tambem com o nome de *Itú* ha um curto corrego que afflúe no ribeirão *Branco:* no municipio de S. Vicente.

E' uma simples cachoeira que se derrama naquelle ribeirão.

Itupéba.—E' o mesmo que *Itupéva;* mas corruptéla maior.

(Vide o nome *Itupéva*).

Itupanema.—Cachoeiras no rio *Tieté.*

(Vide o nome *Itapema*).

Itupema.—São as mesmas cachoeiras no rio *Tieté*, com o nome *Itapema* ou *Itúpanema.*

(Vide o nome *Itapema*).

F. DE OLIVEIRA BARBOSA, nas *Noticias da capitania de S. Paulo, escriptas em 1792*, escreveu *Itapêma.*

Itupéva.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municipios de S. João da Boa Vista, de Mogy-guassú e de Mogy-mirim. Hoje é mais conhecido pelo nome *Rio das Pedras*, por ser encachoeirado.

Corredeira, no mesmo rio *Mogy-guassú*, á fóz daquelle seu affluente.

Cachoeira, no rio *Tieté*, logo abaixo da que é nomeada *Aracanguassú.*

Cachoeira, no rio *Jundiahy*, ainda no municipio deste nome, mais conhecida por *Itupéba.* Neste logar ha uma estação da linha ferrea ituana.

Itupéva, corrupção de *Y-ty-ipé-bo*, «logar de muitas pontas». De *y*, relativo, *ty*, «ponta», *ipé*, «muitas», com a particula *bo* (breve) para exprimir logar. Por contracção, *Y-ty-'pé-bo.*

E' este *y-ty*, com som guttural, que significa «arrecife».

Y-ty-péb-a, significando «ponta chata», seria um não senso. Sôa quasi identicamente como *Y-ty-'pé-bo;* mas não significa o mesmo que este. O indigena quiz apenas assignalar as «pontas» ou «arrecifes».

A corredeira *Itupéva*, no rio *Mogy-guassú*, tem arrecifes.

Itupirú.—Cachoeiras no rio *Tieté.* Ha a maior, alguns kilometros abaixo do saltête *Itúpanema.* Ha a menor, pouco antes do salto *Itapúra.*

A primeira é assignalada, comparativamente á outra, com o superlativo *Matu-eté-î*, «muitissimo», para exprimir maior perigo. Este *Matu-eté-î* passou a ser *Matto-secco!*

A segunda é tambem perigosa, mas não tanto como aquella: é passada a meia carga.

Alguns têm traduzido *Itupirú* em «Ilha secca»! Não ha duvida que *pirú* significa «secco, enxuto»; mas não se trata de *pirú.*

Itupirú, corruptéla de *Y-tu-pi-rũ*, «arrecifes e rodomoinhos». De *y*, relativo, *ty*, «ponta», *pi*, «fundo, centro», *rũ*, «revolver-se, revolução sobre si mesmo».

Não deve ser confundido *y-ty* com *i-tú*, embora soando quasi o mesmo; porque o *y* tem pronuncia guttural, com o som de *u* fechado.

Do mesmo modo o *ũ* de *rũ* tem a pronuncia guttural, com o som de *u* fechado.

Y-tá significa «pontas», ao passo que *i-tú* significa «quéda d'agua».

Ituparananga.—Salto no rio *Sorocaba*, ao descer a serra *S. Francisco.*

Ituparananga, corruptéla de *Itú-paranã-nga*, «estrondosa quéda d'agua». De *itú*, «quéda d'agua», *paranã*, «fazer estrondo, ruido grande», com o suffixo *nga* (breve) para formar supino.

Alguns escrevem, ainda mais incorrectamente, *Tuparananga.*

E já li *Ituparanga!*

Allusivo ao estrepito que, nessa quéda, entre medonhos despenhadeiros, as aguas fazem, contorcendo-se e deixando escapar evaporações neblinas.

Itutinga.—Affluente do rio *Itapanhaú*, pela margem esquerda: no municipio de Santos.

Itutinga, corruptéla de *Itú-ty-nga*, «quéda d'agua, atada». De *i-tú*, «quéda d'agua», *ty*, «atar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a formar cascata com tres lindos saltos, que se avistam do oceano.

Itutinga.—Cascata que as aguas do *Rio das Pedras* formam na serra *Cubatão:* municipio de Santos.

Itutinga, corruptéla de *Itú-ty-nga*, «quéda d'agua, atada». De *i-tú*, «quéda d'agua», *ty*, «atar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a cahir, apertada entre penhascos, formando em apparencia, de longe, uma larga fita branca ou uma lamina de prata.

O significado «cachoeira branca» é simplesmente um não senso; porquanto não ha cascata ou quéda em que a agua não se mostre branca.

Ituveráva.—Serrote, nos municipios de Conceição dos Guarulhos e de Nazareth, aos quaes serve de divisa.

Ituveráva é corruptéla de *Ytá-beráb-a.* (*)

(Vide o nome *Itáberába*).

(*) Ultimamente deram nome semelhante ao municipio do Carmo da Franca.

Ivaparanduva.—E' o mesmo rio *Guapurundúba.*

(Vide o nome *Guapurundúba*).

J

Jabaquára.—Uma das vertentes do ribeirão *Pilões:* entre os municipios de Xiririca e de Apiahy.

Nome de um corrego no municipio de Santos.

Nome de um corrego no municipio de Villa Bella: e a praia em que desagua.

Jabaquára, corruptéla de *Yâb-a-quár-a*, «raxas e buracos». De *yâb*, «raxa, abertura natural», com *a* (breve) por acabar em consoante, *qûar*, «buraco, poço, fojo», com *a* (breve) por acabar em consoante.

Ailusivo a buracos, no leito de cada um. Correm sobre formações geologicas frouxas; por exemplo, calcarea.

Ao mesmo tempo, por um jogo linguistico, o indigena assignalou nesses cursos d'agua sua grande correnteza: *Y-a-baqua-ara*, contrahido em *Y-a-baqu'-ara*, «corredor». De *y*, relativo, *a* (breve), para ligar o relativo a *baquâ*, «correr veloz», *ara*, particula activa de participio.

Jaborandy.—Affluente do rio *Mogyguassú* pela margem esquerda: no municipio de Espirito Santo de Barretos.

Affluente do rio *Sapucahy*, tambem conhecido por *Pinheirinho*, pela margem esquerda: no municipio de Santo Antonio da Alegria.

Jaborandy, corruptéla de *Yâb-borandi*, «muito gretado». De *yâb*, «greta», *bóra*, *particula de participio*, *ndi*, «muito».

E' possivel que no logar haja abundancia da arvore jaborandy, tão utilmente empregada na medicina. Mas, o indigena, se disso cogitou para a denominação dos sobreditos ribeirões, foi sómente como jogo linguistico.

Jaboticaba.—Affluente do rio *Una d'Aldêa:* no municipio de Iguape.

Nada tem este nome com a saborosa fructa preta *jaboticaba*, da familia das Myrtaceas; sendo, aliás, certo que nessa região abunda essa fructa.

Jaboticaba, corruptéla de *Y-iapó-técaba*, por contracção *Y-iapó-téc'-ába*, «logar pantanoso». De *y*, relativo, *iapó*, «pantano, charco», *tecó*, «ser», no sentido de lei, condição, estado, costume, habito, natureza, com o accrescimo *ába* para formar participio, exprimindo logar, modo, instrumento.

Com effeito, o terreno sobre o qual corre este ribeirão, é charcoso; e suas aguas são denegridas, por atravessarem pantanaes. No tempo das chuvas, porém, é muito corrente.

Parece que o nome é mais dessa região, do que propriamente o ribeirão.

Jaboticabal.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: entre os municipios de Guaratinguetá e de Lagoinha. Afflúe ao rio *Parahytinga*, já sob o nome de *Rio do Peixe*, depois de reunir suas aguas com as do *Jaboticatuba*.

Jaboticabal, corruptéla de Y-apó-yticába-á, por contracção Y-apó-yticáb'-á.

«sinuoso e arrojado aos saltos». De *y*, relativo, *apó*, «salto», *yticaba*, de *ytig*, «arrojar», com o accrescimo *ába*, e mudado o *g* em *c*, para formar participio, exprimindo logar, modo, etc., *á*, «torcer e fazer voltas».

Com effeito, este ribeirão nasce no alto da serra *Quebra-cangalhas;* e logo que nasce, e á distancia de cerca de kilometro e meio, precipita-se, formando salto encachoeirado de 14 metros de altura; e mais abaixo á distancia de cerca de um kilometro, precipita-se de novo, formando outro salto encachoeirado de 18 metros de altura.

Antes de fazer juncção com o *Jaboticatuba*, ha outras cachoeiras e saltos menores; mas, 50 metros acima dessa barra, ha um de 3 metros de altura, e em seguida um poço, e logo após as aguas se alargam e espraiam.

Com o nome *Rio do Peixe*, afflúem os dous ribeirões no rio *Parahytinga*, no logar *Jaguarão*.

Jaboticabal.—Villa situada em um morro, duas leguas distante da margem esquerda do rio *Mogy-guassú*.

A serra, que deu o nome á villa, e começa proximo a ella, é *Yâb-ytica-abá*, por contracção *Yâb-ytic'-abá*, «muitas fendas e derrocamentos». De *yâb*, «greta, fendas, rachas», *ytica*, supino de *ytig*, «derrocar», mudado o *g* em *ca* (breve), *abá*, «muitos», posposto e regendo tanto *yâb* como *ytica*.

Allusivo a ter derrocados os cimos, com grutas ou cavernas na base.

(Vide o nome *Araraquara*).

Se ha muitas arvores de jaboticaba nessa serra, o nome tupi da serra teria sido logo referido a essa fructa. Com effeito, *yaboticabá*, contracção de *yabotic'-abá*, significa «muita jaboticaba».

Os indigenas costumavam fazer esse jogo linguistico nas denominações, para logares na mesma região, com som identico, mas significando differentemente.

Ainda que existisse nessa região «abundancia de jaboticaba», significado de *yabotica-tib-a*, o indigena não cogitaria disso para denominar o ribeirão. Fez ahi apenas o costumado jogo linguistico.

Jaboticabeira. — Affluente do rio *Barreiro*, e este do ribeirão *Morungava:* entre os municipios de Santa Barbara do Rio Pardo e de Lençóes.

Jaboticabeira, corruptéla de *Y-apó-yticába-yêrè*, «sinuoso e arrojado aos saltos». De *y*, relativo, *apó*, «salto», *ytig*, «arrojar», levado ao participio pelo accrescimo de *ába*, mudado o *g* em *c*, exprimindo logar, modo, etc., *yêrè*, «volta». Por contracção *Y-apó-yticab'-yêrè*.

Com effeito, este corrego desce do alto da serra dos *Agudos* fazendo successivas voltas, e aos saltos, de quéda em quéda.

Jaboticahú.—Varzea, á margem esquerda do rio *Tieté*, no municipio de S. Paulo, freguezia do Senhor Bom Jesus do Braz.

Jaboticahú, corruptéla de *Y-apotí-ig-aû*, «suja de detritos vegetaes e animaes». De *y*, relativo, *apotí*, «ser sujo», *igaû*, «detritos ou escumas do mar ou de rio». Por contracção *Y-apot'-ig-aû*.

Allusivo a ser uma varzea, em que após a vazante do rio *Tieté*, ficam detritos de toda a especie, ahi deixada pelas aguas formando manchas.

Jaboticatuba.—Confluente do ribeirão *Jaboticabal*, pela margem esquerda: no municipio de Lagoinha.

(Vide o nome *Jaboticabal*, ribeirão).

Jaboticatúba, corruptéla de *Y-ibitû-catú-bo*, «logar de vento forte». De *y*, relativo, *ibitû*, «vento», *catú*, para exprimir superlativo, *bo*, particula denominativa do logar. Não é pois o nome do ribeirão, senão do logar em que nasce, na serra *Quebra-Cangalha*.

Com effeito, esse logar é conhecido pelo nome *Boqueirão do vento;* traducção livre de *Y-ibitû-catú-bo*.

O ribeirão desce a serra aos saltos e com temiveis cachoeiras; e, após um percurso, de mais de duas leguas, conflúe com o *Jaboticabal*, e ambos reunidos tomam o nome Rio do Peixe, até desaguarem no rio Parahytinga.

Jacaré.—Affluente do ribeirão *Cururú*, ou, antes do ribeirão *Pirahy*, pela margem direita: no municipio de Cabreúva.

(Vide o nome *Cururú*).

Jacaré, corruptéla de *Y-áqûa-ré*, «muito corrente». De *y*, relativo, *áqûa*, «correr», *ré*, o mesmo que *é*, «destreza, ligeireza». Este *é*, em todas as significações varias, sóe ser precedido do *r*, para bem destacar a pronuncia das palavras, evitando a contracção.

Com effeito, é um ribeirão apenas arqueado, mas quasi sem voltas, precipitando suas aguas por declive na serra, até desaguar no *Pirahy*, já mencionado.

Como se vê, o nome deste ribeirão é inteiramente extranho ao saurio, denominado *yacaré*, cujas tres especies brazilicas são: o *assú*, o *tinga*, o *cúrna*.

O *assú* é a especie maior; chega a ter 5 $^1/_2$ metros de comprido. A's margens do rio *Amazonas*, no tempo do verão, empilham-se aos centos, uns sobre outros, simulando madeiras cortadas. Se passa por ahi homem ou animal, a pilha move-se logo, e o infeliz é devorado. O *assú* é preto, esbranquiçado no dorso e branco no ventre.

O *tinga* é a especie menor; não attinge mais de 2 metros. E' pardo-esverdeado-claro.

O *cúrna*, especie intermediaria entre as duas supra mencionadas, é esverdeado-escuro, com escamas asperas, e muito catinguento.

Jacaré-guassú.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio do Rio Novo.

Desagua em frente ao *Salto-Grande*.

E' hoje conhecido pelo nome *Rio Novo*, á cuja margem esquerda foi fundada a povoação, hoje villa de S. José do Rio Novo.

Jacaré-guassú, por existir outro affluente do mesmo rio *Paranapanema*, pela mesma margem, e proximo, tambem nomeado *Jacaré-mirim*, por ser menor.

Jacaré, corruptéla de *Y-áqûa-ré*, «muito corrente». De *y*, relativo, *áqûa*, «correr», *ré*, o mesmo que *é*, «destreza, ligeireza».

Com effeito, esses dous ribeirões, com suas quédas e corredeiras, soffrem um desnivelamento notavel.

Jacaréguáva.—Pequeno rio, no municipio de Santos. Desagua no laga-mar da *Bertioga*.

Jacaréguáva, corruptéla de *Y-áqua-yêrê-guaá-bo*, «enseada e alagadiços». De *y*, relativo, *áqua-yêrê*, «enseada», *guáá*, «alagadiço, banhado», *bo* (breve), para designar logar.

Allusivo ás varzeas que o marginam e que no tempo das chuvas são alagadas.

Jacarehú.—Rio, na ilha *Cardoso*, no municipio de Cananéa.

Sua extensão é de 1 $^1/_2$ kilometro.

Jacarehú, corruptéla de *Y-áquâ-ára-aú*, por contracção *Y-áqu'-ar'-aú*, «pouco corrente». De *y*, relativo, *áquâ*, «correr», levado ao participio pela particula *ára*, e *aú*, para exprimir defeito na acção.

Allusivo a serem quasi paradas suas aguas.

Seu leito é pantanoso, e algumas vezes se alaga: suas margens são bordadas de mangue.

Jacarehy.—Cidade situada a margem direita do rio *Parahyba*.

Este nome nada tem tambem com o amphibio *Jacaré*, como alguns pretendem attribuindo ao indigena tal disparate ou tolice, sob a capa de lenda.

Jacarehy é corrupção de *Y-aqûá-yerê-eí*, «esquina e volta desnecessaria». De *y*, relativo, *áqûá*, «esquina, ponta», *yerê*, «volta», *eí*, «inutil, ocioso, sem necessidade, sem fim algum, sem causa, caçoada». Ha mesmo a phrase *i-áqûâ-yerê*, «enseada. ou volta de rio». Por contracção *Y-aqûá-'re-eí*.

Allusivo á volta desnecessaria do rio *Parahyba* nesse logar: o qual, mais abaixo, faz sacco ou enseada, em terreno baixo, simulando uma lagôa: é o *Avarehy* ou *Averehy*.

(Vide o nome Avarehy).

Na supra referida primeira volta, ha a pedra *Cassununga*, que recebe de encontro as aguas do rio, fazendo-as tomar outra direcção; de fórma que a pedra é o vertice daquelle angulo agudo.

O indigena entendia que era desnecessario que o rio procurasse aquella pedra.

(Vide o nome *Cassununga*).

Jacarehy.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: nos municipios de Santo Antonio da Cachoeira e Bragança.

Jacarehy, corruptéla de *Y-aqûá-yerê-eîì*, «muitas esquinas e voltas». De *y*, relativo, *áqûá*, «esquina», *yerê*, «volta», *eîì*, «muitas». Por contracção *Y-áqûá-'rê-eîì*.

E' assim realmente este pequeno ribeirão em seu curso: successivas voltas esquinadas.

Jacarépaguá.—Reunião das aguas dos rios *Branco*, *Peruhibe* e outros, formando golfo, após uma volta esquinada, ao norte da serra *Itatins:* no municipio de Itanhaen.

Jacarépaguá, corruptéla de *Y-á-ûá-yêrè-pi-guâá*, por contracção *Y-áqûá-'re-pi-guâá*, «volta esquinada e golfo». De *y*, relativo, *áqûá*, «esquinar», *yêrè*, «volta», *pi-guâá*, «golfo, bahia».

Allusivo a formar-se ahi uma volta bastante aguda, e bahia ou enseada, em communicação com o oceano.

No municipio do Rio de Janeiro ha o rio *Jacarépaguá*, que de certo ponto para cima é nomeado *Agua Branca*, corruptéla de *Áqûa-banca*, «esquinado e torcido», de *áqûá*, «esquinar», *banca*, supino de *bang*, «torcer», mudado o *g* em *ca* (breve); e ha a serra com o mesmo nome.

Jacaré-pipira.—Dous affluentes do rio *Tieté*, pela margem direita: nos municipios de Araraquara, S. Carlos do Pinhal, Brotas, Dous Corregos e Jahú.

Ha dous: *Jacaré-pipira-guaçú* e *Jacaré-pipira-mirim*. Este é, nas cabeceiras, *Feijão;* e logo que afflúe o ribeirão *Lobo*, é *Jacaré-pipira*.

Em Leis Provinciaes de divisas, está escripto, em vez de *pipira*, *popira;* mas foi erro.

O *Jacaré-pipira-guaçú* é conhecido vulgarmente por «Jacaré-Grande»; o outro, só por «Jacaré».

Este nome nada tem com o amphibio *Jacaré*. E' corruptéla de *Y-áqûá-yerê-pipira*, «com voltas esquinadas e apertado». De *y*, relativo, *aqûá*, «esquina», *yerê*, «volta», formando a palavra *i-áqûá-yerê*, «enseada ou volta do rio», *pi*, «apertar, pensar», com a particula *pira* (breve), para formar participio passivo.

Allusivo a terem muitas e successivas voltas esquinadas, correndo entre barreiras altas.

O *guaçú* desagua abaixo do *mirim:* isto é, descendo o rio *Tieté*, o *mirim* é anterior ao *guaçú*.

Ambos tem as cabeceiras nas serras entre os rios *Tieté* e *Mogy-guaçú*.

O significado de MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, «rio onde os jacarés apanham peixe», é simplesmente um não senso.

Já li que *aJacré-pipira* significa «Jararézinho»! Arrojo da ignorancia...

Jaceguáy.—Affluente do rio *Mboyguassú*, pela margem direita: entre os municipios de Santo Amaro e Itapecerica.

Jaceguáy, corruptéla de *Y-áocè-guâá*, «muitas enseadas». De *y*, relativo, *áocè*, para exprimir abundancia e excesso, *guâá*, «enseada, banhado».

Allusivo a ser muito sinuoso, e com banhados ás margens.

Jacob. — Cachoeira, no rio *Tieté;* acima da *Avaremandoáva*.

Jacob, corruptéla de *Haqueóg*, «torcida».

Allusivo a fazer voltas o canal, por causa da posição torcida do arrecife.

Abaixo desta cachoeira, que tem o desnivelamento de 1 metro por 300 de extensão, o rio estreita-se, ficando reduzido a 20 metros de largura.

Jacú.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Pinheiros.

Ha dous *Jacú:* o *Jacú* e o *Jacú-mirim*.

Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem esquerda: no municipio de Espirito Santo da Boa Vista. Servia de antiga divisa entre os municipios de Itapetininga e de Botucatú.

Jacú, nome destes ribeirões, não tem referencia alguma ao *jacú*, semelhando o faisão, do qual ha quatro especies: o *assú*, o *tinga*, o *pema*, o *cógca*, corrompido com *cáca*.

O *jacú-assú*, tambem conhecido por *jacú-pytã*, ou *jacú-ipé*, sarapintado; o *jacú-tinga*, por predominar nesta especie a côr branca nas azas e na poupa, ainda que as costas sejam de côr quasi negra com reflexos metallicos azues; o *jacú-pẽma* ou *jacú-pẽmba*, ou *jacú-pena*, verde-bronzeado, rajado de amarello-ruivo; e o *jacú-cógca*, corrompido em *jacú-cáca*, preto. Todos, porém, têm no pescoço, pelo lado inferior, uma pequena mancha de pennas vermelhas côr de sangue.

O *jacú* é maior do que a gallinha, e de facil domesticação. Sua carne é apreciada.

Jacú, nome dos ribeirões, é corruptéla de *Y-acúî*, «cahido». De *y*, relativo, *acúî*, «cahir-se».

Os dois primeiros nascem na serra *Mantiqueira;* e o terceiro na serra *Botucatú*.

Allusivo a descerem suas aguas aos saltos, vindos de logares altos.

Jacúba.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de S. João da Boa Vista.

Jacúba, corruptéla de *Y-acú-bae*, «o que é quente». De *y*, relativo, *acú*, «quente», com o suffixo *bae* (breve) para formar participio, significando «o que».

Este nome nada tem com *jacúba*, que é attribuido exclusivamente a uma preparação de agua, farinha e assucar, para beber. *Jacúba*, com referencia a esta e a outras identicas preparações, é corruptéla de *Y-á-cú-bae*, «o que se bebe», isto é, «bebida». De *y*, relativo, *á*, «se», precedendo o verbo neutro *cú*, «beber, sorver, tragar», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Não é, portanto, termo africano, como o pensou José Verissimo, em sua obra *Scenas da vida amazonica*.

O ribeirão *Jacúba* tem, com effeito, em suas cabeceiras, caldas as aguas. Nasce em ramificação da mesma serra, onde existem os denominados *Poços de Caldas*.

Jacuhy.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: nos municipios de Cunha e Lagoinha.

Jacuhy, corruptéla de *Y-á-cuí*, «arenoso». De *y*, relativo, *á*, «grão, granulo, cabeça», *cuí*, «pó», formando *á-cuí*, «pó granulado ou em grãos».

Allusivo a ter muita areia no leito.

Suas aguas são frias e claras.

Nasce na serra maritima, a noroeste, no logar *Gramma*.

(Vide o nome *Gramma*).

E' encachoeirado; e tem a famosa cascata *Desterro*, cuja quéda vertical é de 25 a 30 metros, mais ou menos.

(Vide o nome *Desterro*).

Com o mesmo nome *Jacuhy*, ha um affluente no rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo (freguezia de N. S. da Penha de França).

Jacupiranga.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

A' margem do rio *Jacupiranga* está uma povoação que ora traz o mesmo nome; mas é a antiga *Botujurú*.

O conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, no *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu *Jacajeiranga*. Isto prova que *Jacupiranga* é uma corrupção posterior á aquella data. Nem mesmo o nome poderia ter referencia á ave *jacú*, porque não ha especie de *jacú* com a denominação *jacú-pirã-nga*, significando «jacú vermelho».

Jacupiranga é, portanto, corrupção de *Y-áqûá-yerê-ã-ngûe*, «voltas esquinadas e altas». De *y*, relativo, *áqûá*, «esquina», *yerê*, «volta», *ã*, «em pé, empinado», *ngûe*, particula de preterito, o mesmo que *cûe*, assim mudado em *ngûe*, por causa da pronuncia nasal do verbo *ã*. Contrahido em *Y-aquá-yer'-ã-ngûe*.

Allusivo ás muitas voltas esquinadas do rio, formando paredões. São logares perigosos por causa dos rodomoinhos.

A's margens deste rio, em quasi toda a sua extensão, houve exploração de ouro.

Jacurú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Jacurú, corruptéla de *Y-acury*, «apressado». De *y*, relativo, *acury*, «velocidade, presteza, pressa».

Allusivo a ser muito corrente.

Jacurupáva. — Corredeira, no rio *Tieté;* abaixo da cachoeira *Avarémandoara-mirim*.

Jacurupáva, corruptéla de *Y-acurypába*, «corredeira». De *y*, relativo, *acury*, «presteza, velocidade, pressa», *pába*, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, causa, instrumento, etc.

Jacusinho. — Affluente do ribeirão *Santo Ignacio*, pela margem esquerda: no municipio de Rio Novo.

Jacusinho, corrupção de *Y-acú-tĩ*, «quente e vaporoso».

(Vide o nome *Jacutinga*).

Não é o mesmo *Jacutinga;* mas é o mesmo significado.

Jacutinga.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Rio Novo.

Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem esquerda: no municipio de S. João da Boa Vista. E' originario de Minas Geraes.

Affluente do ribeirão *das Cruzes*, e este do ribeirão *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal.

Y-o-cotĩ-nga, «volteador». De *y*, relativo, *o*, reciproco, *cotĩ*, «voltear, dar voltas», *nga* (breve), para formar supino. Aquelle *o*, reciproco, serve para exprimir que as voltas são tantas e successivas que parecem dobrarem-se sobre ellas mesmas, nada adiantando o viajante.

Com effeito, assim são esses cursos d'agua.

Ha muitos outros corregos com este nome na provincia.

Nada tem, portanto, este nome com a especie da ave *jacú*, denominada *jacutinga*.

Jaguacahen.—Enseada á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape:* no municipio de Iguape.

Jaguacahen, corruptéla de *Y-i-guâácaẽ*, «enseada secca». De *y*, relativo, *i*, «rio», *guâá*, «enseada», *caẽ*, «secco, enxuto». O *i* «rio», sôa como *a* fechado.

Allusivo a ter o rio mudado ahi o seu curso, irrompendo uma pequena peninsula e deixando entre o leito velho e o novo uma ilha. O leito velho ficou quasi obstruido; e, em tempos de falta de chuva, sécca.

Jaguamimbába.—Este nome era o da extensão mais elevada da grande serra *Amã-ti-quir-a*, corrompido em *Mantiqueira*.

(Vide o nome *Mantiqueira*).

Jaguamimbába, corruptéla de *Y-áquâmĩ-mbába*, «logar em que as pontas se escondem». De *y*, relativo, *áquâ*, «ponta», *mĩ*, «esconder, occultar», levado ao participio pela particula *ába*, precedido de *mb* por ser nasal a pronuncia de *mĩ*, para exprimir o logar.

Mais em Minas Geraes do que na provincia de S. Paulo, o nome *Jaguamimbába* é conservado; porque, de facto, os picos da grande serra mostram-se alli mais envolvidos em constante nevoeiro branco.

Os portuguezes, entendendo que o nome *Jaguamimbába* era corruptéla de *guaybĩ-ába* ou, melhor, *guaybĩ-mb-ába*, «cabello de velhas», mesmo por causa do nevoeiro branco, deram ao principal

rio que nasce nessa serra o nome de *Rio das Velhas*, substituindo o nome tupi.

Jaguaovira.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: entre os municipios de Apiahy e de Xiririca.

Jaguaovira, corruptéla de *Y-áqûá-o-bir-a*, «esquinado, e alto de ambos os lados». De *y*, relativo, *áqûá*, «esquinar, esquina», *o*, reciproco, para exprimir plural e communicação, *bir*, «levantar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. E' o mesmo *Taquarovira*, um pouco acima da fóz do ribeirão *Betary*. O nome *Taquarovira* é corruptéla de *T-aqûá-ro-bir-a*, e, pois, é ainda o mesmo nome *Y-aqûa-o-bir-a*, só com a differença de ter sido substituido o relativo *y* por *t*, e o reciproco *o* pela particula *ro*, para exprimir o exercicio mutuo da acção do verbo, com referencia ás duas margens.

Na substancia, os dous nomes são identicos, como foi acima demonstrado; e são allusivos a formar o rio muitas esquinas em seu curso, e sempre entre margens altas.

Jaguaquára.—Morro ponteagudo no municipio de Cabreúva.

Jaguaquára, corruptéla de *Y-agûá-aquâ-rò*, por contracção *Y-agûá-'quâ-rò*, «redondo e ponteagudo». De *y*, relativo, *agûá*, «redondo», *áquâ*, «ponta», *rò*, «pôr-se».

Jaguára.—Logar no *Rio Grande*, em que se formou a passagem para os que iam da região, que depois foi capitania e provincia de S. Paulo, á Uberaba e a outros pontos de Minas Geraes e da de Goyaz.

Actualmente, a estrada de ferro Mogyana construiu ahi uma bella ponte com trilhos para seu trem rodante.

Jaguára, corruptéla de *Y-aqûá-yerè*, «volta esquinada». De *y*, relativo, *áqûá*, «esquina, esquinar», *yerè*, «volta».

Com effeito, o *Rio Grande* fórma ahi *uma volta com* esquina bem pronunciada.

Por causa do accento agudo em *áqûá*, a palavra *yerè* seria pronunciada breve e corrida, quasi fazendo a contracção *Y-áqûá-'erè*.

Jaguarahé.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Cotia e de Santo Amaro.

Jaguarahé, corruptéla de *Y-áquá-rehé*, «sucessivamente esquinado». De *y*, relativo, *aqûa*, «esquina e enseada», *rehé*, posposição significando, neste nome, «sucessivamente».

Com effeito, este ribeirão fórma, em seu curso, successivos zig-zags.

A estrada antiga da cidade de S. Paulo á villa da Cotia o atravessa nas cabeceiras.

Jaguareté.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita. Ainda em sertões povoados de indigenas.

Jaguareté, corruptéla de *Y-aquâ-ára-eté*, por contracção *Y-aqu'-ar'-eté*, «muito corrente». De *y*, relativo, *áquâ*, «correr», accrescido com a particula *ara*, para formar participio activo, *eté*, para exprimir superlativo.

Sem duvida, naquella região ha o animal feroz *jaguareté;* mas o indigena não cogitou disso para denominar o rio.

Com effeito, este curso d'agua desce do espigão alto dos *Agudos*, em leito ingreme, com um desnivelamento de mais de um metro por kilometro.

Neste ribeirão, ha um grande salto logo que deixa o campo e entra na matta: além de outros menores.

Jaguary.—Rio que, depois de receber as aguas do rio *Camandocaia*, e juntando-se ao rio *Atibaia*, fórma o rio *Piracicaba:* entre os municipios de Bragança, Amparo, Itatiba e Campinas. E' originario da Provincia de Minas Geraes.

Affluente do rio *Mogy-guassu*, pela margem direita: entre os municipios de S. João da Boa Vista, de Casa-Branca de Pirassununga e de Santa Cruz das Palmeiras. Tem o nome *Jaguary-mirim*, para o distinguirem do rio *Jaguary*, confluente do rio *Piracicaba*.

Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita; entre os municipios de S. João da Boa Vista e de Casa Branca. E' tambem conhecido por *Jaguary do Campo.*

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Izabel, de Patrocinio, de S. José dos Campos e de Jacarehy.

E' *Jaguary-mirim* até a sua confluencia com o *Rio do Peixe.* Ahi ha um imponente salto, de tres metros de altura.

Segundo MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, o nome *Jaguary* significa «rio das onças»!

Não é verdade.

Antes, porém, de explicar o nome *Jaguary*, com referencia aos mencionados cursos d'agua, devo dizer alguma cousa acerca da *onça*, animal feroz.

Os indigenas o nomeavam de dous modos, e mesmo para distinguir suas especies: quer como assaltante de cima ou de logar superior, *oó-ocè*, de que a palavra «onça» é corrupção (de *oó*, terceira pessoa do indicativo do verbo *aó*, «brigar, assaltar», *ocè*, adverbio para exprimir posição superior ou de cima), quer como agarrador para devorar, *yâ-guara* (de *yâ*, «colher, agarrar», *guara*, participio de *ú*, «comer, devorar»). Mesmo o participio de *aó*, «brigar, assaltar», é *yagûara*, soando quasi o mesmo que *ya-guára.*

A denominação «onça», como se vê, é portanto tupi. Os lexicographos portuguezes, vendo-se em difficuldades para explicar a origem da palavra, perderam-se em conjecturas: CONSTANCIO considera «onça» como corrupção de «lynce»; CALDAS AULÊTE considera a palavra «onça» como de formação italiana — *Lonza.*

A *yâ-guára* ou *ya-gûara*, de especie legitima, ou de geração não cruzada, é nomeada *yâ-guára-été* ou *yagûara-eté*, pois que *été* serve para assignalal-a como «verdadeira».

O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, na palavra *yagûar*, mencionou o cão, o leão, a onça, o lobo, o zorilho, o tigre e outros animaes menores. Creio, porém, que é exaggerada essa classificação; se bem que, uns como carniceiros, e outros como simplesmente mordedores, possam ser *yâ-guára*, que é participio de qualquer dos verbos irregulares *ú*, «comer, devorar», e *çuú*, «morder».

Mas, em summa, a onça não podia ter dado o nome a esses cursos d'agua.

Desses animaes ferozes ha: a *oó-ocè*, corrompido pelos portuguezes em «onça», ou *ocè-oó*, corrompido pelos francezes em *ocelót*, só com a differença de ser posposto ou anteposto ao verbo *óo*, o adverbio *ocè:* e a *guá-çoó-arã*, nome este corrompido em *guaçú-rã* pelo padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, ou *suassú-rana*, ou mesmo *çuçúarana*, como têm escripto outros ainda mais incorrectamente. Com effeito, o nome *guá-çoó-rã* é o verdadeiro: é apócope de *guá-coó-rama* ou de *guá-coó-rangûe*, figura muito usada em tupi, exprimindo habito natural de «comer carne», ou a qualidade de «carniceiro»: de *guá-rama*, futuro do verbo *u*, «comer, devorar», ou de *guá-rangûe*, preterito e futuro mixto do mesmo verbo, intercalada a palavra *çoó*, «carne», para exprimir a intima relação do verbo com o caso, formando uma só palavra.

Tanto a *oó-ocè*, como a *guá-çoó-rã*, tem varias especies, que se distinguem pela côr: *pỹtã*, «vermelha», *pỹtãtin*, «parda-violacea», *pini-ma*, «pintada, ou manchada», *pi-hûú-na*, pronunciado *pixuna* por causa do *h* aspirado, «preta», *tauá*, «amarella», e diversas outras côres produzidas em gerações hybridas.

Além destas especies, ha a *mbarácáiá*, que alguns pronunciam *maracajá*, tambem conhecida pelo nome *yâ-gua-tiriri-ca*, corrompido em *jâ-gua-tiri-ca*, significando «o que se arrasta para agarrar». De *yâ*, «agarrar», *guá*, apócope de *guára*, particula de participio activo, *tiriri*, «arrastar», com a particula *ca* (breve), para formar supino.

E' a especie *gato*.

Allusivo ao movimento rasteiro que faz antes de assaltar; ao inverso das outras especies que, ou assaltam de cima ou de logar superior, ou erguem-se sobre as patas trazeiras, enfrentam a victima, e a agarram.

A *mbarácáiá* fornece tres sub-especies; além das hybridas.

O nome *mbarácáiá* é composto de *mbaê-rá-çáî-á*, «manchas imitando queimado». De *mbaê*, particula que sóo preceder a substantivos em certos casos, *rá*, «mancha», *çáî*, «queimar», *á*, «imitar».

A sub-especie *mba-rá-çáî-yû*, significa «manchas de amarello queimado». De *yû*, «amarello».

Com effeito, nas côres do gato *mbaracaîû* entram o cinzento-amarellado e o pardo quasi negro, formando listas e manchas no pello.

Afastada a idéa de *onça* no nome *Jaguary*, de sorte que os viajantes podem transpôr sem perigo esses cursos d'agua, embora expostos a ser devorados nas mattas por esses mesmos animaes ferozes, digo que *Jaguary* é corruptéla de *Y-áqûá-ri*, «successivamente esquinado». De *y*, relativo, *aqua*, «esquinar, esquina», *ri*, posposição significando, neste caso, «successivamente». Tambem póde ser *Y-aqûa-ara-i*, contrahido em *Y-aqu'ar'-i*, «perseverantemente esquinador»; isto é, levado o verbo *aqûa* ao participio pelo accrescimo da particula *ára*, significando «esquinador», e *i*, posposição de perseverança. Quer um, quer outro modo, ambos exprimem o mesmo facto.

Allusivo ás muitas esquinas ou voltas angulares que esses rios e ribeirões formam em seu curso, mais ou menos accidentado.

Jaguary.—Ilha, no rio *Ribeira de Iguape*, proximo á villa de Xiririca, com o nome *Jaguary*; mas tira-o da enseada ou sacco que o rio *Ribeira de Iguape* fórma nesse logar, *i-aguáá-ri*, «em frente da enseada do rio»: de *i*, «rio», *aguáá*, «enseada, sacco», *ri*, «em frente».

Jaguary.—Morro, entre o rio *Una do Prelado* e *Rio Verde:* no municipio de Iguape.

Jaguary, corruptéla de *Y-aquâ-ri*, «com ponta». De *y*, relativo, *aquâ*, «ponta», *ri*, «com».

Allusivo a ser ponteagudo.

Mal e indevidamente tem sido confundido com o *Garaú*.

(Vide o nome *Garaú*).

Sua base é de pedras núas.

Jahú.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-mirim*, pela margem esquerda: nos municipios de Jahú, Brotas e Dous Corregos.

Desde o territorio da freguezia do Sapé, subindo até o ponto de denominar-se *Prata*, corrupção de *Páî-ta*, «dependurado», allusivo a cachoeira e cascatas, é *Jahú*, corruptéla de *Y-ayû*, «o que se estreita». De *y*, relativo, significando «o que se», *ayû*, verbo neutro, «estreitar, ter garganta».

(Vide o nome *Prata*).

Allusivo a estreitar-se em varios logares, fazendo gargantas, entre montes.

Nada, pois, tem este nome com o peixe *jahú*, especie grande de bagre, excedendo em comprimento a um metro, com grossura proporcional. Este peixe de couro abunda nos rios maiores da provincia de S. Paulo.

Jambeiro.—Villa, ás margens do ribeirão *Capivary*.

(Vide o nome *Capivary*).

O nome é do serrote que serve de divisa entre este municipio e o de Caçapava, e interna-se no de S. José dos Campos. Mas, não é conhecido senão pelo unico nome *Serrote*.

O nome da freguezia era *Capivary;* mas com a elevação á villa, foi esta denominada *Jambeiro*. O ribeirão *Capivary* a divide em duas partes.

Jambeiro, corrupção de *Y-â-mb-yêrè*, «empinada e com voltas». De *y*, relativo, *â*, «empinar, estar em pé», *mb*, intercalação por causa do som nasal de *â*, que teve de ser ligado á *yêrè*, «volta».

Allusivo a ter empinadas as encostas e a formar zig-zags.

Nada, pois, tem este nome com a myrtacea *Jambeiro*, cujo fructo é saboroso, e é a propria casca, em cujo centro está solto o caroço. E' arvore da Asia, transplantada para o Brasil: não a mencionou como indigena GABRIEL SOARES, no *Roteiro Geral*, 1837.

Japaguarehú.—Pequeno rio na ilha *Cardoso*, municipio de Cananéa. Sua extensão é de menos de um kilometro.

Japaguarehú, corruptéla de *Y-apà-aqúâ-úra-aú*, por contracção *Y-ap'-aqú'-ar'-aú*, «pouco corrente». De *y*, relativo, *apá*, particula para exprimir o sujeito da cousa, *aqúâ*, «correr», levado ao participio pelo accrescimo de *úra*, e *aú*, para exprimir o defeito na acção.

Em verdade, sua correnteza é quasi nulla, por soffrer o effeito do fluxo e refluxo das marés.

Japy.—Serra com varios morros, entre os rios *Tieté* e *Jundiahy*: nos municipios de Jundiahy, Itú, Parnahyba, Araçariguama e Cabreúva.

Nada tem o nome desta serra com o passaro *conirostro* conhecido por *japi* e *japú*, e tambem por *ché-chéo*, *japuri* e *guácho*. Deste *conirostro* ha tres especies: os que têm côres preta e branca, com encontros amarellos, *cassicus icteronotus*; os que têm a côr preta, com encontros encarnados, vulgarmente denominados *japiins do matto*, *cassicus hæmorrhous*; e os de penacho, com cauda amarella, maiores do que os das duas especies já referidas, *cassicus cristatus*.

A terceira e ultima especie é a do *yapi*; as outras duas, por menores, são *yapi-ĩ*.

Este passaro arremeda os outros passaros. Seus ninhos são suspensos a galhos de arvores, e em fórma de abobora d'agua.

Japy, nome da serra, é corruptéla de *Yâ-pi*, «aberturas fundas». De *yâ*, «abrir, rachar», *pi*, «fundo, vazio».

Allusivo a compôr-se a serra de tres filas de morros parallelos, com intervallos fundos. E mais ha, em cada fila, *abertas* ou gargantas numerosas para travessio facil.

Tambem nesta serra ha grutas pouco notaveis. No cume de um de seus picos existe uma lagôa; e na vertente occidental, ha uma linda cascata.

Jaraguá.—Pico, que se destaca da serra *Cantareira*, e é notavel por sua altitude, acima do nivel do mar, 1100 metros: no municipio de S. Paulo, de cuja cidade dista cerca de vinte kilometros.

Este pico tem escarpada uma das faces; e a rocha é inteiramente núa.

Jaraguá, segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, significa «morros que dominam o campo»! e, segundo A. DE SAINT-HILAIRE, «agua que murmura»!

Nada disso.

Jaraguá é corruptéla de *Y-araquáî*, «o roliço». De *y*, relativo, *araquáî*, «roliço, cingido, torneado».

Allusivo a ser cingido fortemente, com a fórma roliça.

Jaraguaú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo, freguezia de N. S. do O'.

E' tambem conhecido por *Jaravahú*; mas o significado é o mesmo.

(Vide o nome *Jaravahú*).

Jaraguaú, corruptéla de *Y-ar-aguâá-úú*, «ladeado de varzeas lodosas». De *y*, relativo, *ar*, «ladear», *aguâá*, ou simplesmente *guâá*, «enseada, varzea», *úú*, o mesmo que *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos, etc.».

Allusivo a ter ás margens, e na barra, varzeas pantanosas. O vèrbo *ar* é ahi empregado em dous sentidos, «ladear» e «rematar», para alludir tambem á varzea da barra, hoje quasi deseccada por ter sido rasgada.

Jararahy.—Affluente do rio *Cotia*, pela margem direita: no municipio de Cotia.

Jararahy, corruptéla de *Y-araá-araá-i*, contrahido em *Y-araá-'raá-i*, «perseverante e superlativamente doentio». De *y*, relativo, *araá*, «doença», repetido para exprimir superlativo, ou a successão do

mesmo facto, *i*, posposição de perseverança.

Com effeito, este corrego é quasi todo alagadiço; ainda que tem alguma cachoeira, como a que se vê da antiga estrada de rodagem Ituana.

Jaravahú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Jaravahú, corrupção de *Y-aroyâ-úú*, «pantanaes pegados uns aos outros». De *y*, relativo, *aroyâ*, «pegar-se um ao outro», *úú*, «alagadiço, lamacento, atoleiro, pantanal».

Allusivo a ter varzea ás margens, com pantanos e atoleiros.

Jardim.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Campinas. Junta-se ao *Iguatemy*, formando um só.

(Vide o nome *Iguatemy*).

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Jacarehy.

Jardim, corruptéla de *Y-aî-nd-ĩ*, «tem altos e baixos». De *y*, relativo, *aî*, «saliencias, altos e baixos», *nd*, intercalação por causa da pronuncia nasal de *ĩ*, «ter em si».

Allusivo a descer em cachoeira.

Jardim. — Logar, no municipio de Cunha, onde dous mananciaes nascem em duas grutas, os quaes afflúem ao ribeirão *Bugio*.

(Vide o nome *Bugio*).

Jardim, corrupção de *Y-aí-nd-ĩ*, «tem brenhas». De *y*, relativo, *aí*, «brenhas», *nd*, intercalação por causa da pronuncia nasal de *ĩ*, «ter em si».

Allusivo a ser embrenhado esse logar, entre penhas e com grutas.

Jatahy.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Piracicaba. Pouco acima da sua fóz, ha o baixio com o mesmo nome.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no municipio de S. *Simão*.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Jatahy e de Bocaina.

O nome *Jatahy* nada tem com a abelha vermelha *yatcí*, que a corruptéla diz *jatahy* ou *jetahy*, e que produz um mel medicinal.

Nada tem tambem com o *jatahy*, corruptéla de *yutaí*, da mesma familia do *yut'-obá*, de que ha varias especies. A arvore é classificada entre as leguminosas; excellente para construcções, tambem é proveitosa por causa da resina que exhúda da casca e das raizes, aromatica, amarellada, transparente como o ambar, com applicação a varias industrias. Da casca os indigenas faziam e ainda fazem *ubá* ou canôa.

Jatahy, nome dos ribeirões, é corruptéla de *Yo-ytá-í*, «perseverantemente pedregoso». De *yo*, que aqui não é reciproco, mas exprime qualidade natural, *ytá*, «pedra», *í*, posposição de perseverança.

Allusivo a serem encachoeirados e com pedras no leito, em todo o seu curso, esses ribeirões.

Quanto ao baixio no rio *Tieté* com esse nome, é, segundo a descripção recente de um explorador, «uma corredeira formada por arrecifes á margem direita, com o canal á margem esquerda». E', pois, o mesmo significado «perseverantemente pedregoso».

Jatahytuba.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Jatahytúba, corruptéla de *Y-ateỹ-tiúbae*, «o que bója e afrouxa». De *y*, relativo, *ateỹ*, «ser frouxo, afrouxar», *túî*, «bojar, fazer barriga», com o suffixo *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a serem reprezadas suas aguas; de sorte que fórmam uma lagôa, que traz o mesmo nome; além de espalharem-se tanto e em tal extensão que o terreno se encharca.

E, aliás, póde haver na região abundancia da abelha e da fructa jatahy:

tendo servido isso ao jogo linguistico do indigena.

Jativóca.—Morro, no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Jativóca, corruptéla de *Y-ati-bog-ca*, «morro gretado». De *y*, relativo, *ati*, «montão, morro, elevação», *bog*, «rachar, fender, abrir, gretar», com *ca* (breve), para formar participio.

Allusivo a ter cavernas.

Jayrê.—Morro notavel á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape:* entre os municipios de Xiririca e de Iguape, abaixo das Sete Barras.

Jayrê, corruptéla de *Yáî-ré*, «despegado e á parte». De *yaî*, «despegado», *ré*, o mesmo que *é*, «á parte, retirado».

Allusivo a estar separado de outros montes e serras naquella região.

Com effeito, é isolado entre charcos e pantanaes.

Jequetibá.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: entre os municipios de Atibaia, de Bragança e de Itatiba.

Não ha referencia alguma á magestosa arvore, conhecida por *jequitibá*, corruptéla de *Yê-cuî-ty-bae*, «o que deixa cahir a ponta». De *yê*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *cuî*, «cahir», *ty*, «ponta», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo ao seu fructo que, depois de amadurecido, deixa cahir a tampa ou ponta, ficando o casúlo. Esta tampa é conhecida entre os rusticos por «isqueiro de mico».

Desta magestosa arvore da familia das Myrtaceas, tem sido assignaladas duas especies, a *rosea* e a *vermelha*, aquella conhecida na sciencia por *Couratari legalis*, e esta por *Couratari strellensis;* mas, MARTIUS especificou tambem uma terceira especie, a *Couratari domestica*. A casca dá uma qualidade de *embira;* e como adstringente, é empregada nas diarrhéas e nas anginas.

Ainda mesmo abundando esta arvore nas margens deste affluente do rio *Atibaia*, ao nome do ribeirão é completamente extranha a arvore.

Jequitibá, nome do ribeirão, é corruptéla de *Yê-quiti-bae*, «o que se limpa». De *yê*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *quiti*, «limpar, esfregar», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a correrem suas aguas em tal declive, que levam comsigo quaesquer corpos extranhos e sujidades.

E' pedregoso e encachoeirado.

Jerumirim.—Logar, no rio *Ribeira de Iguape*, em que as aguas são apertadas entre paredões, fazendo voltas, acima da fóz do ribeirão *Pilões:* no municipio de Yporanga.

Logar, no rio *Paranapanema*, em que igualmente as aguas são apertadas entre paredões, fazendo voltas e correndo depois em uma cachoeira, 16 kilometros mais ou menos abaixo da fóz do ribeirão *Taquary:* no municipio do Rio Novo.

Dous logares no rio *Sorocaba*, um em seguida ao outro, com garganta apertada, entre paredões altos, com saltos, um dos quaes de 2.^{m}50, com corredeiras successivas. As aguas descem em cascatas formando rodomoinhos.

São mais conhecidos por *Jurumirim*.

Jerumirim é corruptéla de *Yûr-o-pỹrĩ*, «a pique de ambos os lados formando garganta». De *yûr*, «garganta», *o*, reciproco, para exprimir os dous lados, *pỹrĩ*, «a pique». Mas, neste *pỹrĩ* apparece mudado o *p* em *m*, por estar precedido de *o* reciproco; nada tem com *mirim*, «menor, pequeno».

Com effeito, nesses logares, que trazem o nome *Jurumirim*, o rio se estreita, entre montes alcantilados.

As aguas ahi correm velozmente, precipitando-se revoltas em cascata.

Jerumirim.—Morro, á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape:* no municipio de Yporanga.

Jerumirim, corruptéla de *Yê-eré-ïi-pỹrĩ*, «escarpado que se chamusca». De *yê*, reciproco, exprimindo a acção da cousa sobre ella propria, *erè*, o mesmo

que *heré*, «chamuscar», *ìì*, «resvalar», *pỹrĩ*, «a pique», que, precedido de *ìì*, exprime apenas «escarpado, alcantilado». O *p* é mudado em *m*.

Allusivo a ser formado em escarpa; e contendo abundancia do mineral *pyrites*, ser isto causa de sua combustão espontanea em varias épocas. Em 1847, porém, sahiu do cume do morro uma torrente de agua quente, e com sua impetuosidade destruiu tudo por onde passou. Essa torrente seccou depois de dous dias.

Jiqueira.—Morro, no municipio de Itapecerica.

(Vide o nome *Chiqueiro*).

Jiqueira, corruptéla de *Y-ìì-cuêra*, «o resvaladio». De *y*, relativo, *ìì*, «resvalar», *cuêra*, particula de preterito, mas tomada algumas vezes por presente, como neste caso, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a ser muito lamacento, e por isso resvaladio.

A palavra *chiqueiro*, que figura nos diccionarios da lingua portugueza, é corrupção de *Y-ìì-cuêra*, por ser lamacento e lubrico o curral de porcos.

Jiquitaia.—Cachoeira, no rio *Sorocaba*.

Jiquitaia, corruptéla de *Y-iquê-çáî-a*, «lados estendidos». De *y*, relativo, *iquê*, «lado», *çáî*, «estender, esparzir», no infinitivo.

Allusivo a que, depois de estreitado por uma muralha, o rio alarga-se em cerca de 150 metros, com um desnivelamento de 2 metros para 200 metros de extensão, e um canal tortuoso e incerto, denominado pelos indigenas *cẽ-canáî*, «sahida sinuosa e movediça». De *cẽ*, «sahida», *canáî*, «cousa torta que não se ajusta». Incerto, por causa da areia cuja deslocação é incessante.

João de Oliveira.—Ribeiro, que com *outros fórma o rio Apiahy-guassú:* no *municipio de Apiahy.*

(Vide os nomes *Campina* e *Caximba*).

João de Oliveira, corrupção de *Nhoã-ndi-yêrè*, «muitas voltas seguidas umas ás outras». De *nho*, reciproco, para exprimir communicação de umas com outras, *ã*, dicção que exprime a maior energia na acção, *ndi*, «muitas», *yêrè*, «volta».

Allusivo a ser muito e muito sinuoso este ribeirão; de tal modo que os que estão em uma volta avistam os que se acham em outras, de tão proximas que são umas ás outras.

João Paulo.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Arêas.

João Paulo, corrupção de *Y-o-ã-páî-rò*, «dependurado entre margens empinadas». De *y*, relativo, *o*, reciproco, *ã*, «empinar, elevar perpendicularmente», *páî*, «dependurar», *rò*, «por».

Allusivo a descer em cascatas, entre margens altas.

Este ribeirão recebe o *Vermelho*, proximo á cidade de Arêas, e seguem assim reunidos até o *Parahyba*.

Joapen.—E' a palavra com que o padre LOURENÇO CRAVEIRO, reitor do collegio dos Jesuitas de S. Paulo, explicou em 1674 o nome *Giòapê*, dado ao campo mencionado no titulo de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532.

(Vide o nome *Giòapë*).

Joápen, corruptéla de *Y-iapẽ*, «o limite». De *y*, relativo, *iapẽ*, «limite, extremo, fim».

O cerco de qualquer pedaço de terra para bemfeitorias, ou de um espaço de rio ou de lagôa para pescar, affirmando dominio, é *ynhapẽ*.

Portanto, esse campo seria o limite daquella sesmaria.

Juá.—Affluente do rio *Juquiry*, pel margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Juá ou *Yuá*, «limoso».

Allusivo a ter lodoso e coberto de limo o leito.

Embora tenha algumas cachoeiras, suas aguas não tem muita correnteza, por causa dos poços que existem no leito.

E' um pequeno ribeirão.

Jubanguá.—Trecho do rio *Sorocaba*, desde *Bacaetava* até a fóz do rio *Sarapuhy*.

Jubanguá, corruptéla de *Yû-bang-o-á*, «gargantas e torcimentos para ambos os lados». De *yû*, «garganta», *bang*, «torcer», *o*, reciproco, *á*, «ladear, lado». O infinitivo, quando não tem caso, exprime a acção do verbo em geral.

Allusivo ás muitas sinuosidades e gargantas do rio, nessa extensão.

Esse trecho de rio é, com effeito, apertado entre margens altas; reduzida a 25 até 20 metros a sua largura: com successivas sinuosidades.

Juiry.—Affluente do rio *Itapitangui*, pela margem direita: no municipio de Cananéa.

Juiry, corruptéla de *Y-iriê*, «rio que baixa». De *y*, relativo, *iriê*, «rio que baixa».

Allusivo a baixar muito até o ponto de ficar quasi secco.

Jundiacanga.—Lagôa, entre os municipios de Campo Largo de Sorocaba e de Sarapuhy.

Jundiacanga, corruptéla de *Yû-nda-ocang-a-î*, «lagôa que não sécca». De *yû*, «lagôa, alagadiço», *nda*, particula de negação, *ocang*, terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *canga*, «seccar, enxugar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, e mais o accrescimo de *î* para fechar a negação.

Allusivo a não seccar em tempo algum, por ser alimentada por uma vertente.

Tanto a lagôa como a vertente formam parte das divisas dos dous municipios supra referidos; e a lagôa é mesmo na estrada entre a cidade de Sorocaba e o bairro de Jundiacanga.

Jundiahy.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Atibaia, de Jundiahy, de Indaiatuba e de Itú. A' margem esquerda deste rio está situada a cidade de Jundiahy.

Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem direita, conhecido por *Jundiahy-mirim:* no municipio de Jundiahy.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes. Tambem conhecido por *Jundiahy de Mogy*.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Sorocaba.

Jundiahy, segundo o systema de MARTIUS, significaria «rio em que abunda o peixe *yundiá*». Este peixe é de escama semi-ossea, vivendo no lôdo dos rios e dos lagos. E' do numero dos peixes chamados *do matto*, porque, ao primeiro repiquete da enchente, sóbem com as aguas, e descendo estas, ficam sobre folhas seccas, no meio dos mattos que haviam sido inundados, e ahi desovam, á espera do segundo repiquete para voltarem ao rio.

O proprio MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, escreveu que *Jundiahy* é «rio dos bagres», porém a descripção de *yundiá* acima feita, demonstra que este peixe não é da familia dos *bagres*.

Mas, o indigena não cogitou de denominar esses cursos d'agua com o nome de peixe que por ventura ahi abundaria: era bastante intelligente, e portanto não commetteria tal sandice.

Jundiahy é corruptéla de *Yû-ndi-aí*, «alagadiços e muita folhagem e galhos seccos». De *yû*, «alagadiço, aguas pôdres», *ndi*, «muitos, muito», *aí*, «folhagem secca, galhos cahidos das arvores, hervas rasteiras, detritos vegetaes de toda a especie».

Allusivo a alagarem-se suas margens, em tempo de chuvas, formando aguas paradas e cobertas de limo: e ao mesmo tempo atulhados de folhas e ramos seccos esses alagadiços, além de outros vegetaes.

Jundiaquára.—Affluente do ribeirão *Acarahú:* no municipio de Ubatuba.

Jundioquára, corruptéla de *Yû-ndi-i-quár-a*, «alagadiços e muitos poços

d'agua». De *yû*, «alagadiço, agua pôdre», *ndi*, «muitos», *i*, «agua», *quár*, «poço, fojo, buraco», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a alagar-se, formando as aguas em suas margens, poças onde param e apodrecem, cobertas de limo e manchas.

Jundiaquira.—Bairro, no municipio de Sorocaba.

Jundiaquira, corruptéla de *Y-ĩ-ndi-o-quir-a*, «perseverantemente chuvoso». De *y*, relativo, *ĩ*, «estar», *nd*, particula para ligar *ĩ* que é nasal a *i*, posposição de perseverança, *o*, artigo de terceira pessoa, precedendo *quir*, «chover», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em *r*. A traducção litteral seria «o que está perseverantemente chuvoso».

Allusivo á constancia das chuvas nesse logar.

Jundiuvira.—Serrote, no municipio de Cabreúva.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Parnahyba e de Jundiahy.

Jundiuvira, corruptéla de *Yo-ndi-y-bir-a*, «muitas elevações seguidas». De *yo*, reciproco, para exprimir communicação, *ndi*, «muitos», *y*, relativo, *bir*, «levantar, elevar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Alguns escrevem *Jundiovira*, porque o *y*, relativo, tem tambem o som de *u* francez.

Allusivo a ter varios picos, communicados uns com outros.

Este serrote é ramificação da serra *Japy*.

Quanto ao nome *Jundiavira*, que tem o ribeirão supra, é corruptéla de *Yû-ndi-ibi-rõ*, «muitas gargantas e barrigudo». De *yû*, «garganta, estreito», *ndi*, «muitos», *ibi*, «barriga», *rõ*, «pôr-se».

Allusivo ás innumeras voltas que dá, estreitando-se em muitos logares; e á represa de suas aguas na barra, alargando-a.

Com effeito, este ribeirão desce do *morro Caá-guassú*, ladeando a serra *Japy*, *do lado sul*, e seguindo seu curso entre *os serrotes Jaguaquara* e *Jundiovira*.

Os indigenas costumavam designar com nomes identicos no som, mas diversos no significado, logares varios, na mesma região. Dahi o nome *Jundiovira*, dado tanto ao serrote como ao ribeirão.

Jupuvúra.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: entre os municipios de Iporanga e de Xiririca.

Jupuvúra, corruptéla de *Y-yo-pi-búrũ*, «rodomoinhos». De *y*, relativo, *ye*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *pi*, «centro», *bú*, «sahida d'agua», *rũ*, «revolver».

Allusivo aos muitos rodomoinhos em seu leito.

Segundo parece-me, é este o mesmo ribeirão que traz o nome *Pilões*.

(Vide o nome *Pilões*).

Juquery. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Atibaia e de Conceição dos Guarulhos. A' margem esquerda deste rio está a povoação do mesmo nome.

Com o nome *Juquery-mirim* ha um affluente do sobredito rio *Juquery*, pela margem esquerda.

Este nome nada tem com o *Juqueri*, arbusto sarmentoso e trepante; caule articulado quadrangular, ramoso, com espinhos recurvados, folhas alternas, ovaes, coriáceas, com nervuras longitudinaes; flores em umbella simples, e, quando abertas, são de côr verde-esbranquiçada; o fructo é uma baga espherica, violacea, com duas ou tres sementes redondas; raiz longa, delgada, enrugada, flexivel, fibrosa, difficil de ser quebrada. Esta raiz, que é medicamentosa, é cinzenta ou avermelhada por fóra, branca, amarellada, ou rosea por dentro; o meditullio, branco e mais lenhoso de que a casca; sabor mucillaginoso e amargo. E' a mesma *yapecanga*, ou salsa-parrilha, conhecida na sciencia por *smilax*, com suas variedades. Da familia das Asparagineas. Remedio contra a syphilis.

Tambem nada tem com o *yuquiri*, arbusto conhecido na sciencia por *mimosa brasiliensis*, da familia das leguminosas.

e conhecida vulgarmente por *herva viva* ou *malicia das mulheres:* planta espinhosa, folha miuda, foliolos oppostos que se contrahem logo que são tocados, venenosa, medicinal, criando-se á beira dos rios e de alagadiços.

Tambem nada tem com *yuqueri*, «salmoura, lexia»: de *yuqui*, «sal». Os indigenas tiram de arvores o sal, queimando-as, e lexiviando as cinzas.

Juquery, nome do rio, é corruptéla de *Yû-qui-ri*, «alagadiço por causa de chuva». De *yû*, «alagadiço, aguas pôdres», *qui*, «chuva», *ri*, posposição significando neste caso, «por causa».

Com effeito, desde as proximidades de suas cabeceiras no serrote *Itaberába*, o valle deste rio é uma só varzea, interrompida ligeiramente em um ou outro logar por morros ás margens.

A região é mesmo muito attrahente de chuvas: e os alagadiços se formam, porque o rio, quando enche, transborda concorrendo assim para o alagamento de suas margens e da varzea, em toda a sua extensão.

Alguns, tomando o effeito pela causa, traduzem *Yuquiri*, «turvo, crescido por enchente», e assim o escreveu o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*. Mas a explicação do nome é o que acima está.

Juqueryquerê.—Parte do rio que serve de limite aos municipios de S. Sebastião e de Caraguatatuba.

E' a ultima parte antes de *Curupacê*. (Vide os nomes *Caramurú*, *Curupacê* e *Rio Pardo)*.

Juqueryquerê é corruptéla de *Yuqui-ri-qui-rehé*, «fluxo e refluxo da agua salgada». De *yuqui*, «sal, salgado», repetido para exprimir aquelle fluxo e refluxo; tendo o primeiro o accrescimo de *ri*, e o segundo de *rehé*, para significarem mutualidade.

E' este um dos nomes mais engenhosamente formados. A repetição de *yuqui-ri* foi feita sómente das duas ultimas syllabas, segundo a lição dos grammaticos; *mas a palavra ri foi substituida pela rehê significando a mesma cousa* e contrahido em *r'ê* para exprimir o fluxo e o refluxo.

Allusivo a soffrer essa parte do rio a influencia das marés.

Portanto, o nome *Juqueryquerê* não póde ser applicado ao rio inteiro.

Juquiá.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, referindo-se a este rio, assim o descreveu: «Larguei a ribeira, e entrei á *direita* (elle subia a ribeira) pelo rio *Juquiá*:... a este rio, que se prolonga pelo sertão a dentro, e digno de attenção pelas muitas madeiras de construcção de que abunda, vêm ter ou desaguar differentes rios, á esquerda (deve ser direita) o rio do *Quilombo*, e á direita (deve ser esquerda) o de *S. Lourenço*, ambos muito piscosos e cheios de lagôas igualmente piscosas: o terreno de suas margens é um barro talcoso mais ou menos silicioso, excepto nos *Pedrões*, que é um barro vermelho carregado, côr proveniente do ferro. Tenho-me espantado da prodigiosa multidão de passaros, que sem medo algum vêm comnosco confraternisar».

Alguns attribuem o nome deste rio a um peixe sem escama, cujo nome é *yuquiá*. E' semelhante ao *mandiú*, ou *mandi armado* por ter espinhos com que se defende.

Juquiá, corruptéla de *Y-i-quiá*, «rio sujo». De *y*, relativo, *i*, «rio, agua», *quiá*, «ser sujo, sujar, sujidade» E' guttural a pronuncia do *i*, «rio, agua».

Allusivo aos detritos animaes e vegetaes que seus affluentes despejam em suas aguas; além dos que elle proprio recebe de suas cabeceiras e das lagôas e charcos ás suas margens. Tambem concorre para isso, não só a represa de suas aguas pela maior velocidade do rio *Ribeira de Iguape*, como tambem o atravessar este rio terrenos alagadiços. E', com effeito, mui sujeito a inundações

grandes. Da de 1850, ainda hoje, ha memoria.

O rio *Juquiá*, em sua parte superior, tem tambem, muitas cachoeiras, saltos e gargantas.

Em algumas descripções de viagem em rios, tenho lido a palavra *Juquiá* empregada para designar as gargantas ou logares apertados entre rochedos, ou arrecifes. Mas, essa palavra, assim empregada, será *yû-quâî* e não *yu-quiá:* aquella significando «garganta cingida», esta, «lagôa suja».

Mas o nome verdadeiro deste rio é *Y-i-quiá:* o fundo de seu leito é cheio de detritos de toda a especie e de lamaçal.

Sua barra é ladeada de morros graniticos; e entre as aguas do *Juquiá* e as do rio *Ribeira de Iguape* ha pedra alta, tambem granitica.

Juréa.—Promontorio notavel, ao extremo noroeste do municipio de Iguape, entre o rio *Una do Prelado* e o *Rio Verde.*

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, descreveu assim este morro: «Deixando as differentes cachoeiras que contém este morro, direi que este morro é um dos mais altos desta costa; que sua direcção é quasi nornoreste susueste, e desta mesma sorte se prolonga; que está coberto de blócos de uma rocha cinzenta-escura e avermelhada, a qual entra nas rochas empastadas, crystallisadas, que os mineralogistas denominam *pórfido:* o cimento é de natureza siliciosa com crystaes de feldspatho branco ou vermelho, contendo de mais mica, schorlnegor e granadas, como bem se observa nas faldas do mesmo morro junto ao mar».

Outro viajante, Dr. CARLOS RATH, em seus *Fragmentos geologicos e geographicos*, escreveu: «...a famosa montanha da *Jureia*, mui conhecida dos navegantes, a qual, á direita da barra do rio *Una*, lança uma grande cabeça sobre o mar em fórma de promontorio, está inteiramente isolada na planicie, e se estende do lado do rio acompanhando-o por espaço de mais de quatro leguas, lançando acima outra cabeça sobre o mar conhecido pelo nome *Carajauna*».

Ao principio, não podendo atinar com a explicação tupi do nome *Juréa*, suppunha que seria corruptéla de *Yerè-yâ*, «garras retorcidas», ou, como outros escrevem corruptamente, *geréua*, denominação dada á ave de rapina, conhecida vulgarmente por *urubú-rei*, e na sciencia, *catharthes aura;* mas, depois de melhor verificar o systema racional dos povos brasilicos, no que era relativo ás denominações de logares, reconheci que, assim explicando o nome *Juréa*, faria injustiça á intelligencia e á pericia dos indigenas.

E' certo que o *urubú*, corruptéla de *Yurúb-ú*, «bocca negra», porque assim a tem a especie denominada *commum*, abunda em toda a costa maritima da provincia de S. Paulo. E, do *urubú*, a sciencia menciona tres especies: o urúbú commum ou propriamente dito, preto, conhecido na sciencia por *catharthes jota*, o *urúbú geréua*, conhecido na sciencia por *catharthes aura*, por ter pennas côr de ouro na cabeça, e o *urubutinga*, especie rara, que tem na cabeça pennas brancas, e só nas provincias do Maranhão, Pará e Amazonas, apresenta mais exemplares.

O *urubú*, quando novo, tem a plumagem branca ou esbranquiçada.

Tenho para mim que não ha senão o *urubú* commum. O de *cabeça branca* e o de *cabeça aurea*, sendo embora *aves de rapina*, só por erro podem ser classificados no genero *urubú*: além de não andarem em bandos como este, não têm negra a bocca. O indigena classificou-os melhor.

O *yêrè-yâ*, ou *geréua*, além do brilho e da variedade de côres das pennas, tem grandeza e porte altivo, e domina pela força o *urubú*, do qual parece inimigo. O urubú, embora em bando numerosissimo, fóge logo que avista o *geréua*.

O de *cabeça branca*, maior do que o *geréua*, é considerado a aguia do Brazil, por sua corpulencia e força, bem como pela altitude de seu vôo.

Nada, porém, tem o nome *Juréa* com aquella ave de rapina, como já disse.

Juréa é corruptéla de *Y-ii-rehê*, «com resvaladouros». De *y*, relativo, *ii*, «resvalar», *réhê*, posposição, significando neste nome «com». O som de *ii* é guttural.

O *ii*, verbo que fórma este nome, mas, que ahi está sem caso, significa «resvaladouro, resvaladeiro»; porque, em tupi, o verbo, no infinitivo sem caso, exprime apenas a acção geral, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a ser esse fragoso morro cercado de resvaladouros e precipicios, sendo necessario o maior cuidado em atravessal-o.

O já citado conselheiro MARTIM FRANCISCO, referindo-se á viagem entre Itanhaen e Iguape, bem o disse: «os caminhos a não serem praias, são impraticaveis ou antes *precipicios ao que por elles anda*». E isto, elle o disse exactamente depois de haver transposto o morro *Juréa*.

A proposito, é curiosa a explicação do nome *Juréa*, dada pelo padre AYRES DE CASAL, na sua *Corographia Brasilica*: «O monte *Juréa*, por corrupção de *Judéa*, ao qual deram este nome por parecer *judiar* com os caminhantes, que nunca o transitam *sem trabalho e cansaço grande*, passando a estrada pela sua summidade, porque o mar sempre bate furioso na sua base: é alto e vistoso: delle descem varias torrentes, entre as quaes se nomeia o rio *Verde*, que fórma algumas cascatas».

Quem *judiaria* do illustrado padre AYRES DE CASAL, dando-lhe a explicação que elle escreveu naquella sua notavel obra?

A descripção do morro e dos trabalhos em transital-o, é, porém, verdadeira; corresponde perfeitamente ao nome tupi *Y-ii-rehê*.

Em algumas provincias, ha logares com o nome *Urubú*, com referencia a rios; mas, nada tem tambem tal nome com essa ave de rapina. E' corruptéla de *Y-rũ-bú*, «rodomoinhos». O *y* tem som guttural.

Jurihú.—Rio, que, nascendo na serra *Cadeado* e ladeando pelo norte a serra *Capinhoacába*, desagua no mar *Trapandé*: no municipio de Cananéa.

Jurihú, corruptéla de *Y-i-ri-ú*, «rio de agua escura». De *y*, relativo, *i*, «agua», *ri*, o mesmo que *ti*, «rio», *ú*, «ser escuro, preto».

Allusivo a ter as aguas escuras. Estas aguas têm o sabor de pedra-hume. A' semelhança do *Rio Negro*, affluente do rio *Amazonas*, não se cria peixe neste rio, nem ás suas margens póde existir animal algum, seja qual fôr a sua especie.

E' rio pequeno.

Jurubatuba.—Rio, que, nascendo na vertente interior da serra maritima *Cubatão*, é nomeado *Rio Grande* até receber o *Rio Pequeno*; e dahi até á affluencia do ribeirão *Mboy-guassú*, cujas aguas se reunem a elle pela margem esquerda, é *Jurubatúba*. Desde aquella affluencia tem o nome *Pinheiros* até fazer barra no rio *Tieté*, pela margem esquerda.

Só como *Jurubatúba* e parte de *Pinheiros* corre no municipio de Santo Amaro; e passa distante da villa meio kilometro.

(Vide o nome *Pinheiros*).

Nada tem de commum este nome com *Geribatyba*.

Jurubatuba, corruptéla de *Y-arêb-ytúbae*, «tardo e sujo». De *y*, relativo, *arêb*, «tardar», *ytú*, «ser sujo», com o accrescimo de *bae* (breve), para formar participio significando «o que é sujo».

Allusivo á lentidão de suas aguas e aos detritos vegetaes e páus cahidos no rio, que descem e se accumulam em sua fóz.

PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, escreveu *Jaraigbatiba*.

Jurú-mirim—Logares apertados nos rios *Ribeira de Iguape*, *Sorocaba* e *Paranapanema*.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Parahyba.

Corredeira, no rio *Tieté:* no municipio de Porto Feliz.

Jurú-mirim, corruptéla de *Yûr-o-pyrĩ*, «a pique de ambos os lados, formando garganta». De *yûr*, «garganta, pescoço», *o*, reciproco, *pyrĩ*, «a pique».

A pronuncia guttural nasal de *pyri*, precedido de *o*, reciproco, muda o *p* em *m*.

Jurupará.—Affluente do rio *Pirapora*, pela margem direita: no municipio de Piedade.

Jurupará, corruptéla de *Yo-rũ-pará*, «variedades de phenomenos que participam da natureza dos rodomoinhos». De *yo*, que, neste caso, em vez de ser reciproco, exprime apenas a natureza da cousa, *rũ*, «revolver-se»; *pará*, «variedade».

A palavra *pará* significando «variedade», nada tem, relativamente a este a outros nomes, com *pará*, «mar».

O nome *Yo-rũ-pará* é allusivo a depressões no leito do ribeirão: formando as aguas successivos circulos, que participam da natureza dos rodomoinhos.

Este ribeirão *Jurupará* desce ladeando a serra de *S. Francisco*:—por isso as aguas manifestam em rodomoinhos e enrugamentos na superficie as depressões que existem no leito.

Juruvaúva.—Affluente do ribeirão *Jundiavira*, pela margem direita: entre os municipios de Parnahyba e de Cabreúva. (*)

(*) Estava em branco o logar destinado á explicação.

L

Lage.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Cajurú e de Batataes.

Mas, o nome *Lage* não é propriamente desse ribeirão e de outros corregos que, nessa região, trazem-n'o. Tambem o traz a serra que atravessa o municipio de Cajurú, naquella sobredita região. O nome é do travessio que ainda hoje, se vê sobre aquella serra, e que os indigenas diziam *hayè*, em contraposição a *Taqüeó-nd-ê*, «passagem ou caminho geral», e *Guã-y-xupé*, «passagem particular».

(Vide os nomes *Caconde* e *Guaxupé*).

Hayè, que corrompeu-se em *Lage*, por causa do *h* aspirado e do *y* com pronuncia de *j* dada por alguns, significa «atalho» ou «travessio», abreviando os indigenas por sobre aquella serra o trajecto ou a viagem.

No *Itinerario da viagem terrestre da cidade de Santos, na provincia de S. Paulo, a Cuyabá, capital da provincia de Matto Grosso*, pelos engenheiros Miranda Reis e Gama Lobo d'Eça, em 1857, ha o seguinte trecho com referencia ao dia 3 de Dezembro: «Deixei o pouso ás 3 horas da manhã, e segui ao rumo 60.° A tres quartos de legua do pouso, passa-se pelo campo chamado *da Boiada*, e uma legua além *da Boiada* pelo logar chamado *Ponte Funda*. Continuando no mesmo rumo (60.°), chega-se no fim de tres leguas de marcha ao Catingueiro, onde ha pouso e rancho á direita da estrada. A' meia legua do Catingueiro, passa-se pela ponte que transpõe o ribeirão *do Cubatão*, o qual borda o serrote do mesmo nome, e um quarto além o ribeirão *das Mortes*, que corre sobre lage. Deixando o ribeirão *das Mortes*, caminha-se um quarto de legua até o arraial do Cajurú, e passa-se o ribeirão do mesmo nome, correndo sobre areia e permittindo passagem a váo, e uma legua além o corrego e rancho do logar chamado *Lage*. Caminhando mais uma legua no mesmo rumo (60.°), começa a descida da serra conhecida com o nome *Serra da Lage*, com um quarto de legua de extensão de *pessimo caminho*, a qual finda na ponte do ribeirão chamado *Pé do morro*. Continuando mais um quarto de legua, cheguei ao pouso *Retiro da Lage* ás cinco horas da tarde, e ahi pernoitei. Junto do pouso corre sobre *lage* o ribeirão do mesmo nome».

Tudo nessa região é *lage;* e dahi a corrupção de *hayè*.

Lage.—Ilha granitica, no oceano, ao norte da barra de Santos.

Lage, corrupção de *Háyì*, «pequenita». O *yì* exprime tambem que, além de pequena, é redonda e concava.

Inhabitada. Ha nella uma fonte cujas aguas são proveitosas a certas enfermidades.

Lageado.—Nome de ribeirões em varios municipios: de S. Paulo, Araraquara, Rio Novo, Rio Verde, Santa Barbara do Rio Pardo, Franca e outros.

Serra e ribeirão no municipio de Ribeirão Preto; mas o nome *Lageado*, aqui, é uma corrupção de *hayê-hayê*, «travessios cruzados», que existiam sobre aquella serra, e por ventura ainda existem. Não é, portanto, nome da serra e do ribeirão.

Lagôa.—Rios que, nascendo na cordilheira maritima, correm nos municipios de Caraguatatuba e Ubatuba, e desaguam no oceano depois de formarem sacco ou enseada.

São tambem nomeados *Alagôa*.

(Vide o nome *Alagôa*).

Lagôa Verde. — Lagôa notavel no municipio de Cajurú.

Lagôa Verde, corrupção de *H-ayûá-eiî*, «muito limosa». De *h*, relativo, *ayûá*, «limo, lodo, lama pegajosa», *eiî*, «muito, muitos».

Cercada de arvoredo, seu leito contém limo, lodo, detritos de toda a especie.

Lagoinha.—Villa proxima á margem direita do ribeirão *Jacuhy*, affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita.

Lagoinha é corruptéla do nome tupi daquella região: *Yygaû-ĩ-na*, «lamacenta». De *y*, relativo, *ygaû*, «lama, agua empoçada», *ĩ*, «conter, ter», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo á natureza lamaçal dessa região; formando as aguas pequenas poças e mesmo lagoinhas.

Lambary.—«Fonte medicinal» é o que significa *H-a-mbar''-i*, corrompido em *Lambary*.

De *h*, relativo, *a*, intercalação necessaria entre as duas consoantes, *mbaraá*, «doença», *i*, «agua».

(Vide o nome *Alambary*).

Lambary.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

(Vide o nome *Alambary*).

Lapa.—Affluente do ribeirão *Passacinco*, pela margem esquerda: no municipio de S. João do Rio Claro.

Lapa, corruptéla de *Y-há-pa*, «cortado». De *y*, relativo, *há*, «cortar», com o suffixo *pa* (breve), para formar supino.

Allusivo a sumirem-se suas aguas sob pedras, em certo logar, reapparecendo immediatamente depois.

Laranjal.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: no municipio do Espirito Santo da Boa Vista.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Laranjal, corruptéla de *h-ar-ã-há*, «margens altas e sinuoso». De *h*, relativo, *ar*, «lado, ladear», *ã*, «empinar», *há*, «torcer».

Laranjal.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, um pouco acima do *Salto das Aranhas:* no municipio de S. Sebastião do Tijuco Preto.

Laranjal, corrupção de *Harú-ã-há*, «impedimento alto e torcido». De *harú*, «impedimento», *ã*, «empinar», *há*, «torcer».

Com effeito, ha ahi quasi um salto no tempo da vasante com uma quéda de $1^{m},16$ em 280 de extensão. Semeada de ilhotes, a passagem mesmo em tempo de cheia, não é feita senão com canôas descarregadas; e é torcida.

Laranja Azeda.—Cachoeira, no rio *Tieté:* antes do denominado *rio morto do Avanhandava*.

(Vide o nome *Avanhandava*).

Affluente do rio *Turvo*, pela margem esquerda: servindo de divisa aos municipios de Itapetininga e de Paranapanema, do lado da serra maritima.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Pirassununga.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Nazareth.

Laranja Azeda, corrupção de *H-ar-ã-hecê*, «successivamente, margens empinadas». De *h*, relativo, por causa de

ter *r* o verbo *ar*, «ladear, lado», *ã*, «empinar», *hecê*, posposição, «successivamente». Segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, o relativo das palavras que têm *r* é o *h*.

Com effeito, de todos esses ribeirões, as aguas correm em sulcos profundos, entre paredões a pique.

Ha tambem no municipio do Rio Verde um cofrego com o nome *Laranja Azeda;* mas, é pequeno o volume de suas aguas.

Laranja Doce.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita. Ainda em sertões habitados por indigenas.

Corredeira, em frente á fóz daquelle ribeirão ou rio.

Laranja Doce, corruptéla de *H-a-ra-ña-hôcè*, «extraordinariamente corrente». De *h*, relativo, por causa da particula *ra* intercalada no verbo absoluto *aña*, «correr», para o tornar activo, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, e do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, e *hôcè*, posposição de superlativo.

O ribeirão ou rio *Laranja Doce* desce do espigão alto dos Agudos sobre leito muito ingreme, com um desnivelamento de mais de dous metros por kilometro sem muitas sinuosidades.

A corredeira *Laranja Doce* não póde deixar de ser considerada tambem cachoeira, porque ahi, o rio *Paranapanema* fórma uma larga bacia com bancos de cascalho e areia no centro, e é atravessado por varios arrecifes, entre os quaes varios canaes, sendo o unido á barranca da margem esquerda o mais praticavel. Segundo a nota da exploração feita pela Commissão Geographica e Geologica da provincia de S. Paulo «este canal, cuja profundidade vem decrescendo de cima para baixo, de $2^m,60$ a $0^m,60$ n'uns baixios que precedem a entrada da corredeira, tornam a augmentar até o maximo de $2^m,50$ no meio, descendo depois ao *minimo de $0^m,90$ sobre o ultimo travessão e na passagem mais difficil*».

Laranjeira.—Cachoeira difficil no rio *Paranapanema*, um pouco acima da cachoeira *Rebojo* e famosos rapidos de *Santo Ignacio*.

E' precedida de uma corredeira, a qual, no tempo da vasante, fórma uma quéda notavel: sendo as aguas encaminhadas por um canal estreito e pedregoso unido á margem direita, porque, nesse tempo, mais de duas terças partes do leito fica em secco.

Um kilometro, mais ou menos, abaixo, começa a terrivel cachoeira, cuja situação justifica o nome *H-i-rũ-aña-yêrè*, «aguas a correrem revoltas e em rodomoinhos». De *h*, relativo, *i*, «agua», com pronuncia guttural de *a* fechado, *rũ*, «revolver», *aña*, «correr», *yêrè*, «volta». Os indigenas dizem mesmo *i-yêrè* para designarem o «rodomoinho das aguas».

Com effeito, ahi as aguas correm entre paredes graniticas, formando rodomoinhos. Ao lado esquerdo ha um lagedo, cuja extensão é calculada em meio kilometro: um canal o corta bifurcando-se na parte inferior com agua insufficiente para a navegação de canôas carregadas.

Laranjeiras.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: entre os municipios de Itapecerica e de Una.

AZEVEDO MARQUES errou dizendo-o affluente do rio *Ribeira de Iguape*, entre os municipios de Iguape e de Xiririca.

Laranjeiras, corrupção de *H-ar-ã-yêrè*, «voltas e margens empinadas». De *h*, relativo, *ár*, «ladear, lado», *ã*, «empinar», *yêrè*, «volta».

Com effeito, este ribeirão corre entre margens altas, quasi a prumo, e é muito sinuoso.

A laranjeira não é nativa da America; salvo a que é denominada *da terra*, se mesmo esta não fôr uma degeneração daquella. O facto da existencia agglomerada deste arvoredo em mattas, póde ser explicado pela prolificação de sementes ali deixadas por transeuntes.

Em todo e qualquer caso, o nome do ribeirão Laranjeiras não tem relação alguma com aquella arvore.

Lava-pés.—Nome de varios corregos em diversos municipios: como por exemplo no da cidade de S. Paulo, no de S. José dos Campos, no da Cotia, de Cajurú e outros.

Em geral, são proximos ás povoações; e alguns entendem que o nome *lava-pés* indica apenas o corrego cujas aguas lavam ao viandante os pés, antes de entrar elle no povoado.

Será isso? Ignoro-o.

Lavrinha.—Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem esquerda: no municipio de Itapetininga.

Lavrinhas.—Povoação, ou freguezia, no municipio de Itapeva da Faxina. (*)

(*) Estava ao lado um ?.

Lençóes.—Cidade, sita á margem esquerda do ribeirão *Lençóes*, affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda.

A primitiva corrupção era *Lançóes;* e assim apparece escripto em velhos titulos de propriedade, bem como no *Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil*, por J. C. R. MILLIET DE SAINT-ADOLPHE, traduzido por CAETANO LOPES DE MOURA.

Lençóes, corrupção de *Hẽ-yuî-og*, «barra espumosa». De *hẽ*, «sahida, barra, fóz», *yuî-og*, «espuma». A pronuncia da palavra *yuî* é guttural e difficil.

Allusivo a formar muita espuma, á superficie das aguas que na barra se estende por causa do nivel inferior ao das aguas do rio *Tieté*. Ha uma lucta entra ellas; de sorte que as do ribeirão, sendo mais fracas, soffrem retenção, e por isso são forçadas a alargarem-se.

A espuma parece um *lençól* superposto ás aguas:—dahi a corrupção.

Lençól.—Morro no municipio de Xiririca.

Lençól, corrupção de *Nhe-ẽ-çócè*, «concavo em cima». De *nhe*, reciproco, para exprimir a acção da cousa em si mesma, *ẽ*, «*concavo*», *çócè*, significando neste caso *a parte superior ou de cima.*

Allusivo á sua natureza vulcanica.

E' da mesma região que o *Votupóca*, o *Aboboral* e outros.

(Vide os nomes *Aboboral* e *Votupóca*).

Esses morros têm elevação ou altitude superior a 800 metros.

Limeira.—Cidade, banhada pelo pequeno ribeirão *Tatuhiby*, corruptéla de *Ti-ỹtú-ibiy*, por contracção *T'-ỹtú-ibiy*, hoje simplesmente conhecido pelo nome *Tatú*.

(Vide os nomes *Tatú* e *Tatúhiby*).

A razão do nome *Limeira* é obscura. Alguns attribuem o nome a um sitio nesse logar, onde havia grande plantação desta auraciacea. Todavia, não acceito senão com muita reserva uma tal explicação.

Limeiro.—Affluente do rio *S. Lourenço*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Limeiro, corruptéla de *Hĩ-m-yêrè*, «voltas pequeninas». De *hĩ*, «pequenino, pouquito», *m*, intercalação por ser nasal o som de *hĩ*, e para ligal-o a *yèrè*, «volta».

Allusivo a fazer successivas voltas, e estas pequeninas e breves. Tem a largura de quatro metros; e sua extensão é de cerca de quarenta kilometros.

E' navegado por canôas.

Nasce ao lado esquerdo do morro denominado *da Lagoinha;* e ao passo que o ribeirão *Bigoá*, nascendo ao lado direito daquelle morro, só tem cerca de quatro kilometros de extensão, o *Limoeiro*, por suas innumeraveis e pequeninas voltas, faz o percurso de cerca de quarenta kilometros, já referidos.

Limoeiro.—Corredeira, no rio *Tieté*, entre o salto de Itú e a cidade de Porto Feliz.

Limoeiro, corrupção de *Hĩ-m-yêrè*, «pequenina volta». De *hĩ*, «pequenino, pouquito», *m*, intercalação por causa do som nasal da palavra anterior, *yêrè*, «volta».

Allusivo á curva pequena que ahi faz o rio.

Limoeiro.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Lorena e de Cruzeiro, aos quaes serve de divisa.

Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: entre os municipios de Piracicaba, de S. Pedro e de Botucatú, aos quaes serve de divisa.

Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem esquerda: entre os municipios de Rio Bonito e de Botucatú, aos quaes serve de divisa.

Limoeiro, corrupção de *Y-mbi-yêrè*, «o que se derrama». De *y*, precedendo o verbo neutro *mbi-yêrè*, o mesmo que *pi-bu-yêrè*, «derramar», serve para exprimir a acção da pessoa ou da cousa sobre si mesma, e portanto, é traduzido «se». O *y* inicial tem som guttural; e o *b* tem som quasi imperceptivel.

Allusivo a serem ribeirões que, com as aguas das chuvas transbordam, inundando as margens.

Lobo.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-mirim*, pela margem esquerda: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Lobo, corruptéla de *Hú-bo*, o mesmo que *Tú-bo*, «aos saltos» ou «de golpe em golpe». De *tú*, «golpe», mudado o *t* em *h* por euphonia, *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. O *h* tem pronuncia aspirada.

Allusivo aos saltos e cachoeiras que tem. E' até notabilissima a grande cachoeira deste ribeirão.

Depois de reunir-se ao ribeirão *Feijão* é que este toma o nome de *Jacaré-pipira*.

Lopo.—Morro, na extremidade sul-doeste da serra *Mantiqueira*. Está situado na divisa com a provincia de Minas Geraes.

Lopo, corrupção de *Yo-pohiî*, «carregado». De *yo*, reciproco, mutuo, *pohiî*, «carga, peso». O primeiro *i* de *pohiî* tem pronuncia guttural, e o segundo é breve, conforme o ensina o padre A. R. DE MONTOYA, no preludio de sua *Arte de la lengua guarani*, quando, no fim da dicção, ha dois *ii*. Por isso, *pohiî* é pronunciado quasi breve e corrido, mal percebido o *i* guttural.

Allusivo a ter superposta a famosa pedra *Gu-ari-yúba;* formando ambas as peças a altitude de 1655 metros.

(Vide o nome *Garayúra*).

Lorena.—Cidade, situada á margem direita do rio *Parahyba*, em frente a uma ilha, formada pela divisão das aguas do mesmo rio em dous braços. O municipio confina ao norte, com a provincia de Minas Geraes pelo alto da serra *Mantiqueira*.

O nome *Lorena* foi acto bajulatorio para com o capitão general Bernardo José de Lorena, que em 1788 elevou á villa aquella povoação.

Esta povoação era antigamente conhecida pelo nome *Guaipacaré;* e pelos que navegavam o rio, era dito—*o porto do Hepacaré*. E já li que isto significava, em linguagem tupi, «logar das goiabeiras»!

Hepacaré é corrupção de *I-páũ-'qûá-'rè*, «enseada da ilha de rio». De *i-páũ*, «ilha de rio», *aqûá*, «esquina», *yêrè*, «volta», formando *aqûa-yêrè*, «enseada, ou volta que o rio faz». Era um jogo linguistico com o nome *Guaipacaré*, como adiante se verá.

Em verdade, nessa região ha uma ilha, em fórma triangular, de sorte que, pelo braço do rio, á margem esquerda, quem navega tem de fazer uma volta; ao passo que pelo outro braço, á margem direita, é quasi recto o trajecto.

A povoação, estando á margem direita, era *Guaipacaré*, corruptéla de *Gu-i-páũ-áqûá-rehé*, «em frente de ilha esquinada». De *gu*, reciproco, para exprimir communicação, *i-páũ*, «ilha de rio», *áqûá*, «esquina, ponta», *rehé*, «em frente». Por contracção *Gu-i-páũ-'qûá-'rè*. O som do *i* é guttural, como *a* fechado.

Com effeito, a povoação está situada em frente da ilha triangular, e portanto com esquinas nas extremidades, tanto de cima, como de baixo. Por sua vez,

Machado. — Cachoeira pequena no rio *Tieté;* sendo tambem no canal uma corredeira.

Entre as cidades de Porto Feliz e de Tieté.

Machado, corrupção de *Haçá-bo*, «logar atravessado». De *haçá*, «atravessar, cousa atravessada», *bo* (breve), para exprimir logar.

Allusivo á cachoeira, por cujo lado ha apenas um canal.

Macúco.—Serra, nos municipios de Taubaté, de S. Luiz de Parahytinga e de Lagoinha.

Dous affluentes do rio *Paranapanema*, pela margem direita: um, no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo; outro, no de Campos Novos de Paranapanema.

Macúco, corruptéla de *Mbo-cúcuî*, «cahido». De *mbo*, particula activa, *cúcuî*, «cahir».

Allusivo, quanto á serra, ao seu derrocamento; e, quanto aos ribeirões, ao seu leito em forte declive com quédas.

Maïcatira.—Serra, de que a serra *Cavóca* é prolongamento; assignalando esta uma parte dos limites da provincia de S. Paulo com a do Paraná.

Maïcatira, corruptéla de *Mo-ã-quâ-atir-a*, contrahido em *M'-ã-quâ-'tir-a*, «empinada, e pontas altas». De *mo*, particula activa, *ã*, «empinar», *quâ*, «ponta», *atir*, «levantar, alçar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a ser muito alcantilada, e a ter muitos picos altissimos.

Mambucába.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Cabreúva.

Mambucába, contracção de *Mã-mbucá-ába*, isto é, *Mã-mbuc'-ába*, «impedido e ruidoso». De *mã*, «impedir, impedimento», *mbucá*, o mesmo que *pucá*, «fazer ruido», mudado o *p* em *mb*, por ser nasal a palavra anterior, *ába*, particula para exprimir o modo, a causa, o intento, etc.

Allusivo a ser encachoeirado, fazendo as agu

Mambuhú.—Affluente do rio *Itanhaen*, pela margem direita: no municipio de Itanhaen.

Mambuhú, corruptéla de *Mo-mb-úú*, «lodoso». De *mo*, particula activa, *mb*, por ter som nasal a palavra seguinte *úú*, o mesmo que *húú*, «lodo, lama, limo».

Allusivo a correrem suas aguas em terreno lodoso.

Mambural.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Mambural, corruptéla de *Mbaã-mborá*, «manchado de atoleiro». De *mbaã*, o mesmo que *paã*, «atolar», pela mudança do *p* em *mb*, visto não ter palavra antecedente, *rá*, «mancha, manchar», precedido da particula activa *mbo*, formando *mborá*, «manchado».

Allusivo a ter nos leitos e nas margens manchas de atoleiro.

Mamoré.—Serra, no municipio de Santos.

(Vide o nome *Maroré*).

Mandaçáîa. —Corredeira, no rio *Paranapanema:* um pouco abaixo da barra ou fóz do rio *Itapetininga*.

Mandaçáîa, corruptéla de *Mã-nd-haçá*, «impedimento atravessado». De *mã*, «impedimento», *nd*, intercalação por ser nasal o som de *mã*, e para ligal-o a *haçá*, «atravessar».

Allusivo a existir ahi, no meio do rio, um largo lagedo de rocha dura: e o canal, em diagonal do lado direito para o esquerdo, e pouco fundo, fórça por seu declive as aguas a uma correnteza correspondente a seis kilometros por hora.

Mandaqui.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Mandaqui, ou *Mã-nd-aqui*, «impedido e frouxo». De *mã*, «impedir, impedimento», *nd*, intercalação nasal, *aqui*, «frouxo».

Allusivo a ter obstruido o leito, e alagar as margens.

Mandihy.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Nada tem este nome com o peixe *mandii*.

Mandihy, corruptéla de *Mã-nd-eiì*, «muitos impedimentos». De *mã*, «impedimento», *nd*, intercalação por ser nasal o som *mã*, e para ligar a *eiì*, «muitos», exprimindo plural.

Allusivo a ter o leito atravancado com pedras e madeiras pôdres.

Mandimbo.—Affluente do ribeirão *Cachoeirinha*, este do ribeirão *Banharão*, e este do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda; entre os municipios de Jaboticabal e de Barretos.

Mandimbo, corruptéla de *Mã-nd-iìmbo*, «impedido e sujo». De *mã*, «impedir», *nd*, intercalação nasal, *iì*, «sujo», *m*, intercalação nasal, *bo* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter o leito obstruido de detritos vegetaes; com cachoeiras.

Mandinga.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no municipio de Cunha.

Mandinga, contracção de *Mã-nd-yîng*, «impedido e gretado». De *mã*, «impedir, impedimento», *nd*, intercalação por ser nasal o som de *mã*, e para ligal-o a *ỹî*, «concavar, gretar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino, A nasalidade de *mã* fére tambem *ỹî*, que, sem isso seria guttural.

Allusivo a saltos, cachoeiras e outros obstaculos em seu leito; inclusive concavidades e gretas.

A proposito do nome deste ribeirão, tenho duvida em admittir a palavra *mandinga* como de origem africana.

Segundo os lexicographos, ter *mandinga* é «ter difficuldades, contra as quaes é necessario luctar». Não é, por ventura, o mesmo significado de *mandinga*, em tupi?

Mandióca.—Uma das cabeceiras do ribeirão *Assungui*, pela margem direita: no municipio de Sarapuhy.

Mandióca, isto é, *Mã-ndi-ógca*, «muitos impedimentos e tapado». De *mã*, «impedimento», *ndi*, «muitos», *ógca*, de *óg*, «tapar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo aos saltos e cachoeiras; represado, porém, na barra.

Mandira.—Affluente do rio *das Minas*, pela margem direita: no municipio de Cananéa.

Mandira, isto é, *Mã-ndir-a*, «impedimentos amontoados». De *mã*, «impedimento», *ndir-a*, o mesmo que *tir-a*, «fazer montão, amontoar». O *t* é mudado em *nd* por causa do som nasal de *mã*. O *a* (breve) final é exigido por acabar em consoante o verbo *tir*, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a entulhar-se o leito deste ribeirão com terras desmoronadas da serra, formando elevações.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, descrevendo os cursos d'agua desta região, escreveu: «Todos estes rios são pouco attendiveis pela sua nenhuma largura, pela pouca profundidade d'agua e pela pequena extensão, o que provém das proximidades das serras de onde elles nascem: comtudo, no tempo das aguas, são assás caudalosos, e, não ha immenso tempo, com as grandes chuvas desabaram porções das serras, que vieram entulhar o rio *das Minas* e ribeirão do *Mandira*, arrastando comsigo enormes madeiras...».

No ribeirão *Mandira* ha imponentes saltos. E, significando *tir-a* tambem «levantado, alto», *mã-ndir-a* póde por ventura ser referencia aos sobreditos saltos, «impedimentos altos».

Em summa, a idéa representada pelo nome corresponde ao facto.

Mandissununga.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Tieté.

Mandissununga, corruptéla de *Mãndi-çunú-nga*, «muitos impedimentos, e

ruidoso». De *mã*, «impedir, impedimento», *ndi*, «muitos», *çunú*, «fazer ruido», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a saltos e cachoeiras em seu curso, fazendo ruido e estrepito as suas aguas, nas successivas quédas.

Mandiú.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de Santa Izabel. E' um corrego.

Mandiú, corruptéla de *Mã-nd-yû*, «impedido e apertado». De *mã*, «impedir, impedimento», *nd*, intercalação por ser nasal o som de *mã*, e para ligal-o a *yû*, «garganta, logar estreito».

Allusivo a ter o leito atravancado de pedras, e a estreitar-se em varios logares. Corre entre margens altas.

Não é exacto que nas cabeceiras deste corrego está situada a villa de Santa Izabel; sim, á margem direita do ribeirão *Araraquara*.

Manducáîa.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo.

Manducáîa, corruptéla de *Mã-nd-y-quaî-a*, «impedimentos e gargantas». De *mã*, «impedimento», *nd*, intercalação nasal, *y*, relativo, *quáî*, «cingir, fazer garganta ou cintura, estreitar», com o accrescimo de *a* (breve), para formar infinitivo, sem caso, e portanto exprimindo a acção geral do verbo.

Allusivo aos saltos, cachoeiras, e gargantas ou estreitos, no seu curso.

Mangabahú.—Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: no municipio de Jundiahy.

(Vide o nome *Anhangabaú*).

Mangabahú, corruptéla de *Mong-ábaaû*, «pantanoso». De *mong*, «ser pegajoso», *ába*, particula de participio presente para exprimir a causa, o modo, o logar, o instrumento, etc., *aû*, «lama, mancha, sujidade». Este *aû* é sempre posposto na composição dos nomes.

Allusivo a ter no leito lama pegajosa.

Aproveitando esta occasião direi que *o nome da fructa* geralmente conhecida *por mangába é mong-ába*, «pegajosa, viscosa»; porque verte um leite viscoso, emquanto não está bem madura.

Manquinho.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Juquery.

Manquinho, corruptéla de *Mã-ngui-ĩna*, «leito impedido». De *mã*, «impedir, impedimento», *gui*, «logar em baixo, ou inferior», precedido de *n* por ser nasal o som da palavra antecedente, *ĩ*, «estar, ser, pôr», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser encachoeirado, e a ter alguns saltos.

Manso.—Affluente do ribeirão *Turvo*, e este do rio *Bananal:* no municipio de Bananal.

(Vide os nomes *Doce* e *Piracema*).

Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem esquerda: no municipio de S. José dos Campos.

Manso, corruptéla de *Mã-çú*, «impedimento», *çú*, «altos e baixos». Estando em *mã* o accento predominante, a palavra *çú* é pronunciada quasi breve.

Allusivo a pedras no leito, e a saltos; de sorte que é irregular o nivel do leito.

Mantiqueira.—Grande, alta e extensa serra, que faz a divisa entre as provincias de S. Paulo e Minas Geraes, internando-se e ramificando-se nesta ultima.

Mantiqueira, corrupção de *Mo-ã-ty-iquê-ró*, por contracção *M'-ã-ty-'quê-rò*, «encostas e pontas, a pique». De *mo*, particula activa, *ã*, «empinar, a prumo, a pique», *ty*, «ponta», *iquê*, «lado, costado», *rò*, «pôr-se».

Allusivo ás suas encostas muito alcantiladas; e ás muitas elevações ponteagudas que mostra em toda a sua extensão.

Antigamente era mais conhecida pelo nome *Jaguamim-bába*.

(Vide o nome *Jaguamimbába*).

O significado é o mesmo de um e de outro nome.

Ha na parte da serra, que serve de divisa ao municipio de Pinheiros, uma gruta com varias divisões interiores.

No municipio de Parnahyba existe tambem um serrote com o nome *Mantiqueira*, significando «encostas alcantiladas, e pontas».

Mantiqueira.—Affluente do ribeirão *Tremembé*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

A sua fóz fica acima da do ribeirão *Cachoeira*, affluente pela margem direita.

Mantiqueira, corrupção de *Mondiquir-a*, «distillado, gotejado». De *mo*, particula activa, *ndiquir*, o mesmo que *tiquir*, mudado o *t* em *nd* por causa da nasalidade de *mo*, «distillar, gotejar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

E' um arroio apenas formado por distillações da serra na sua cabeceira.

Maqueroby.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Este é o mesmo rio *Pinheiros;* porque *Maqueroby* é corruptéla de *Mo-iquêrobi*, «ambas as margens extensamente molhadas». De *mo*, apócope de *moró* para exprimir excesso, superlativo, extensão, pecularidade, etc., *iquê*, «lado», *robi*, o mesmo que *hobi*, «molhado».

Allusivo aos alagadiços marginaes.

Este ribeirão é mencionado pelo padre Lourenço Craveiro, em suas Notas ao titulo de sesmaria de Pedro de Goes, de 10 de Outubro de 1532: «...o rio *Maqueroby*, que está junto á aldêa da Conceição, o qual rio entra no *Anhemby* ahi mesmo». Era a aldêa da Conceição dos Pinheiros.

Pedro Taques, na *Nobiliarchia Paulistana*, com referencia á «grandiosa fazenda de terras de cultura», pertencente a João Pires, assim a descreveu: «uma legua de testada até o rio *Macoroby*, que lhe foi concedida de sesmaria com o seu sertão para a serra de Juquery».

E' a *Cantareira*.

Maracanã.—Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Maracanã, corruptéla de Marã-áqûánhã, por contracção Mor'-aqûá-nhã, «encerrado em barrancos, e muito esquinado». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir excesso, superlativo, habito, natureza, extensão, *áqûá*, «esquinar», *nhã*, «encestar, encerrar, estar dentro».

Allusivo a correr entre barrancos, embora de pequena altura, por serem em campo; fazendo muitas esquinas ou zigs-zags, sem, porém, fazer voltas.

Dista alguns kilometros da povoação Campo Largo de Atibaia.

Nada tem, portanto, este nome com o da ave trepadora, semelhante ao papagaio, conhecida por *maracanã*, côr cinzenta, pés negros, olhos vermelhos, tambem conhecida por *araracã* e *carai-aî*.

Maracanã.—Lagôa, no municipio de Mogy-guassú.

Maracanã, corruptéla de *Mbaraá-guâanâ*, por contracção *Mbaraá-guá-'nã*, «larga, redonda, doentia». De *mbaraá*, que se pronuncia *mará*, «doença de febres», *guâ*, ou mesmo *quâ*, «redondo», *anã*, «largo, gordo, grosso, espesso».

Allusivo a que, embora seja uma grande lagôa, suas aguas produzem febres.

Maranduba.—Ilha, no municipio de Ubatuba.

(Vide adiante o nome *Mirinduba*).

Maranhão.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo, freguezia do Senhor Bom Jesus do Braz.

Maranhão, corruptéla de *Marã-n-aã*, «ruim». De *marã*, «ruim», *n*, intercalação nasal, *aã*, exprimindo a mesma qualidade «ruim», para tornar bem certo o facto.

Allusivo a serem pestilenciaes as suas aguas.

Com effeito, nasce em terreno pantanoso; e ao descer, fórma póços no leito.

Os que habitam ás suas margens usam das suas aguas; mas a verdade é que não pódem ser sadias, por sua origem.

Não ha semelhança com o nome *Maranhão*, da provincia do mesmo nome, senão na corruptéla; porque a formação tupi é muito differente.

Maratan-ná.—Rio pequeno que nasce nos morros da ilha *Guaimbé*, ou de *Santo Amaro:* no municipio de Santos.

Depois de correr parallello ao rio *Curumahú*, afasta-se para o centro da varzea, e afinal vae desaguar no mesmo *Curumahú*, proximo á foz deste.

Maratan-ná, corruptéla de *Maratan-yûá*, «endurecido e pegajoso». De *maratan*, o mesmo que *paratan*, mudado o *p* em *m* por não existir palavra antecedente, «espesso, endurecido, duro», *yûá*, «pegajoso, visguento».

Allusivo a ser seu leito um atoleiro duro e pegajoso, quando atravessa a varzea.

Mariano.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Taubaté e de Caçapava.

Mariano, corrupção de *Marã-ni*, «maleitoso». De *marã*, «doença enfermidade, sezão», *ni*, adverbio, para exprimir a certeza do facto; e a pronuncia de *ni* é usada breve, tanto mais que o accento predominante está em *rã* da palavra anterior, conforme a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica.*

Maribondo.—Cachoeira no *Rio Grande*, que serve de divisa entre S. Paulo e Minas Geraes, abaixo da fóz do rio *Sapucahy*, alguns kilometros: no municipio de Espirito Santo de Barretos.

Nada tem o nome desta cachoeira com a terrivel vespa *maribondo*, cuja mordedura ou picada é muito dolorosa.

Maribondo, nome da cachoeira sobredita, é corruptéla de *Harú-bó-ndi*, «muitos impedimentos extraordinarios». De *harú*, «impedimento», *bó*, para exprimir superlativo, *ndi*, «muitos»; sendo que é pronunciado breve, porque o accento predominante está em *bó*, segundo a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica.*

Allusivo a corredeiras, saltos, e outros impedimentos nesse trecho do rio.

Maroré.—*Serra*, mencionada no titulo de sesmaria de Pedro Góes, de 10 de Outubro de 1532. E' um dos planos ou degráus da serra *Cubatão:* no municipio de Santos.

(Vide o nome *Cubatão*).

O padre Lourenço Craveiro, reitor do Collegio dos Padres Jesuitas em S. Paulo, annotando em 1674 aquelle titulo de sesmaria, escreveu *Mamoré*; mas é erro talvez do copista.

(Vide o nome *Mamoré*).

Maroré, corruptéla de *Mbururé*, «torta, torcida». O mesmo que *pururé*, mudado o *p* em *mb*.

Allusivo á sua formação em direcção inversa á da serra, da qual é contra forte.

E', porém, mais baixa do que a serra *Cubatão*, como acima ficou dito.

Mar Pequeno.—E' o estreito desde a barra *Icapára* até a de *Cananéa:* nos municipios de Iguape e de Cananéa. Sua largura varía de 400 a 1200 metros na extensão de 66.6 kilometros.

(Vide os nomes *Cananéa* e *Candairó*).

Este estreito é formado, desde a barra *Icapára* pela terra firme e pela ilha *Comprida;* e, de certo ponto para o sul até á barra de *Cananéa*, pela mesma ilha *Comprida* e pela ilha *Cananéa.*

(Vide os nomes *Comprida* e *Condapuhy*).

Mar Pequeno é uma grande corrupção de *Mo-há-pẽpẽ-mo*, «esquinado e sinuoso». De *mo*, particula activa, em vez de *mbo*, por causa do som nasal de *pẽpẽ*, conforme a lição dos grammaticos, *há*, «torcer, volver», *pẽpẽ*, «esquinar», com o suffixo *mo* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter margens successivamente esquinadas; e a ter canal muito sinuoso, de sorte que a embarcação é forçada a successivas voltas e revoltas.

Marques.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Lorena.

Marques, corrupção de *Mbo-áquâ*, por contracção *Mb'-áquâ*, «corrente».

Em algumas regiões, o *b* é pronunciado com preferencia, formando *báquâ*; em outras é o *m*, formando *máquâ*.

Mathias Péres.—Corredeira, no rio *Tieté*, em seguida á *do Garcia:* no municipio de Tieté.

(Vide o nome *Garcia*).

Mathias Péres, corrupção de *Mbo-ti-yo-yérè*, «ondas e rodomoinhos». De *mbo*, particula activa, que sôa *mo* ou *bo*, um e outro breves, como se quizer, *ti*, «agua», *yo*, reciproco, para exprimir plural e communicação de uns com outros, *api*, «ladear», *yérè*, com referencia a *ti*, «rodomoinho».

Querendo dizer «ondas, aguas vivas», a palavra composta é *i-yérè*. O *i* inicial é o mesmo que *ti*, «agua, rio». No nome *Mbo-ti-yo-api-yérè*, a palavra *ti* rege conjunctamente *yo-api* e *yérè*, sem ser necessario repetil-a em *yérè*.

Allusivo a fazer esse corrego rodomoinhos e ondulações.

No *Diario de navegação* do rio *Tieté*, escripto em 1769 pelo sargento-mór THEOTONIO JOSÉ DUARTE, o nome *Mathias Péres* figura como significando «perdeu-se este homem nella»!

Matinada.—Serrote da cordilheira *Mantiqueira:* no municipio de Buquira.

Matinada, corruptéla de *Hatĩ-áî*, «erecto, ponteagudo». De *hatĩ*, «ponta», *áî*, «erecto, teso».

Allusivo a se elevar ponteagudo.

Matto Grosso.—Serra, no municipio de Batataes.

Matto Grosso, corrupção de *Matû-hôcè*, «altissimo». De *matû*, o mesmo que *catû*, «muito», *hôcè*, «sobrepujar», exprimindo superlativo.

Allusivo á sua altitude de mil metros, mais ou menos, acima do nivel do mar. A extensão é de cerca de sessenta kilometros, além das ramificações.

Em alguns logares é *Ytá-mb-ẽ*, «morro ôco». De *ytá*, «pedra, morro», *mb*, intercalação por ter som nasal a palavra *ẽ*, «ôco, concavo».

Allusivo ás numerosas cavernas e grutas que ha nella, e que são assim denominadas ainda hoje pelo povo.

Não haja confusão com *Itambé*, que *é cousa diversa.*

(Vide o nome Itambé).

Matto Grosso de Batataes.—Povoação-freguezia, no municipio de Batataes. E' situada sobre a serra acima descripta.

Matta-tres.—Corredeira, no rio *Mogy-guassú.*

Matta-tres, corruptéla de *Matû-eté*, para exprimir superlativo.

Allusivo á velocidade das aguas nesse logar.

Matto-sêcco. — Corredeira, no rio *Tieté.*

Matto-sêcco, corruptéla de *Matû-etéî*, para exprimir superlativo.

Allusivo á veloz e impetuosa correnteza das aguas nesse logar.

E' tambem cachoeira.

(Vide o nome *Itupirú*).

Está abaixo, alguns kilometros, do saltete *Itupanema.*

Mboy.—Affluente do rio *Jurubatuba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santo Amaro e de Itapecerica.

(Vide o nome *Jurubatúba*).

Este é o *Mboy-guassú.* Ha, porém, o *Mboy-mirim*, affluente daquelle, pela margem esquerda: no municipio de Itapecerica.

A' margem esquerda do ribeirão *Mboy-mirim* está a povoação Mboy (ou melhor escripto, Mbeîu), antigo aldeamento de indigenas domesticados, e hoje parochia.

Mboy, corruptéla de *Mbeîu*, «cousa penhascosa, montanhosa, agrupamento de montes, cousa em cachos ou cacheada, cousas juntas, apinhadas», palavra que, como ensina o padre A. R. DE MONTOYA, no *Tesoro de la lengua guarani*, era empregada com applicação aos logares accidentados por penhascos, montes, ou mattas com arvores desiguaes na altura e mui juntas, apinhadas ou agglomeradas.

O padre MANOEL DA FONSECA, na *Vida do padre Belchior de Pontes*, diz: «Não se occupava sómente em exercicios espirituaes, mas, attendendo tambem a algum commodo temporal dos indios, lhes mudou a Aldêa... Estava esta Aldêa formada em uma ladeira pouco

alcantilada, mas com pouca vista; *porque os montes, de que estava cercada, lh'a impediam, ainda que os pinheiros que lhe formavam huma como muralha, a fizessem vistosa a quem nella entrava...* Deste logar a mudou para outro pouco distante, no qual, ainda que havia a mesma inconveniencia da vista pela visinhança dos montes, ficava comtudo assentada em um plano cercado de ribeiras».

A palavra, no som, não é *Embahú*, como alguns dizem; e, sim, simplesmente *Mbeîu*, soando o diphtongo *eî* quasi imperceptivelmente. Por isso, a gente do logar pronuncía menos incorrectamente *Embú*.

A corruptéla occorreu, portanto, menos na pronuncia dos naturaes e dos moradores, do que na maneira de reproduzir na escripta; e explica-se pela difficuldade de reproduzir a pronuncia nasal-guttural do diphtongo *eî* e syllaba *u*, e pela confusão com a do *y* guttural.

O *Mboy-guassú*, em suas cabeceiras, e até uma certa extensão, tem o nome *Guarapiranga*.

(Vide o nome *Guarapiranga*). (*)

(*) Em nota avulsa:

Quanto aos ribeirões, *Mboy*, corruptéla de *Mbohii*, «peso, carga». Allusivo a serem pesados ou pouco correntes esses ribeirões. O *i* sôa gutturalmente, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, no preludio, a proposito da pronuncia do primeiro, sempre que ha dous *ii* no fim da palavra.

Meninos.—Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. Paulo e de S. Bernardo.

Meninos, corrupção de *Mã-n-ĩ-na*, «impedido». De *mã*, «impedimento», *n*, consoante da mesma palavra *mã*, ligando esta a *ĩ*, «estar, pôr», com a particula *na* (breve) para formar supino.

Allusivo a ter, na fóz, nivel inferior ao das aguas do *Tamanduatehy;* de sorte que suas aguas, encontrando nas do ribeirão *Tamanduatehy* resistencia, refluem e alagam as margens. E' esta resistencia que fórma o impedimento, que o nome tupi manifesta.

Mequieiro. — Affluente do ribeirão *Saputantúba*, no municipio de Iguape. (*Vide o nome Moqueira*).

Milhã.—Serrote, no municipio de Piracicaba.

Milhã, corruptéla de *Mi-y-ã*, «empinada». De *mi*, particula passiva, para significar a cousa sobre que cahe a acção do verbo, anteposta ao infinitivo, *ã*, «empinar, estar em pé, ser a prumo», precedido do *y*, relativo, por já estar transformado em passivo o verbo *ã*, como acima se vê.

Este modo de formar participio passivo com a anteposição da syllaba *mi*, é ensinado pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica;* mas, o padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, o contesta, dizendo que esta lingua não tem para passivo senão a posposição *pira*.

Em todo o caso, este parece ser um nome formado segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA.

Allusivo a ser muito alcantilado o serrote; seu espigão é alto.

Mirante.—Bacia notavel no rio *Paranapanema:* no municipio de S. Sebastião de Tijuco Preto. E' abaixo do salto *Agua do Padre*, 17 kilometros. E' calculado seu diametro em 600 metros.

Mirante, corruptéla de *Myrõ-ti*, «aguas revoltas», *myrõ*, «revolver», *ti*, «agua».

Por causa do predominio do accento em *rõ*, a palavra *ti* sôa breve.

Allusivo a formarem as aguas rodomoinho, depois de descer em desfiladeiro estreito, ahi precipitando-se. As aguas, nessa bacia ou poço, *parecem* paradas; mas, no fundo, estão revoltas.

E' este um bellissimo trecho do rio *Paranapanema;* porque, após o desfiladeiro, o rio alarga-se em arco de um e de outro lado, e mostra um como lago no centro formado pela bacia.

Mirinduba.—Ilha pequena granitica, no oceano: no municipio de Ubatuba. Tem a fórma elliptica.

Está situada em frente á fóz do rio *Brajaimirinduba*.

Mirinduba, corruptéla de *Myrĩ-nd-ii-bae*, «pequena e apertada». De *myrĩ*, «pequena», *nd*, intercalação nasal, *ii*,

ertada, rija dura», *bae*, (breve), para nar participio.

Allusivo a ser pequena, cercada inte-rmente de pedra, e ainda com arre-s do lado de leste; sem sacco ou eada para abrigo, de sorte que o r bate rijo de encontro ás rochas.

Misericordia.—Rio, que desagua no al *Bertioga;* nasce no varzedo da de *Santo Amaro*, ou *Guaimbê:* no nicipio de Santos.

Misericordia, corrupção de *Mbiirè-ê-óg-ca*, contrahido em *Mbiir'-iqu'-óg-* «tortuoso e derramado». De *mbiirè*, nesmo que *piirè*, «derramar», *iquê-* «torcer», com o suffixo *ca* (breve), a formar supino.

Allusivo a fazer zigs-zags em seu so, sempre em varzea e alagadiços.

Mitra.—Serra, no municipio de Xi-ca.

Mitra, corruptéla de *Mbo-itarù*, por tracção *Mb'-itarù*, «teso á prumo». *mbo*, particula activa, *itarù*, «teso rumo».

Allusivo a ser alcantilada esta serra, n encostas empinadas.

A pronuncia é *Mitarù*, com accento dominante no *i*, e o mais sempre ve e corrido.

Moçambique.—Affluente do rio *Ri-ra de Iguape*, pela margem esquerda: municipio de Xiririca.

Moçambique, corrupção de *Hócè-ambi-* por contracção *Hóc'-ambi-ca*, «muito ertado entre duas alturas». De *hócè*, nesmo que *ócè*, *aócè*, *çocè*, *açocè*, para rimir alturas ou cousas que sobre-jam, *ambi*, «apertar entre duas cou-», com o suffixo *ca* (breve), para mar supino. O *h* tem som aspirado.

Allusivo a correr entre paredões altos.

Com effeito, do ribeirão *Pilões* para na, os ribeirões e corregos cortam ja-gos de grês branco inferior, formando vas fundas entre paredões altissimos.

Em seguida ao ribeirão *Pilões*, á mar-m esquerda do rio *Ribeira de Iguape*, tá o *Iporanga*, tambem entre pare-dões altissimos. E o immediato ao *Ipo-ranga* é o *Moçambique*. Essa região tem ahi a mesma formação.

Mocóca.—Cidade, na proximidade da serra *Cubatão*. E' a antiga parochia de S. Sebastião da Boa Vista.

Mas, o nome *Mocóca* é do ribeirão, que corta a cidade, e vae desaguar no *Rio Pardo*, pela margem direita.

Mocóca, nome do ribeirão, corruptéla de *Mbo-iquê-óg-ca*, por contracção *Mbo-'qu'-óg-ca*, «encerrado dos lados». De *mbo*, particula activa, cujo *b* é quasi imperceptivel na pronuncia quando pre-valece o *m*, conforme a lição dos gram-maticos, *iquê*, «lado», *óg*, «encerrar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a correr entre morros. Mesmo na cidade assim é; pois que esta é ro-deada de quatro morros, e o ribeirão passa entre elles.

Mocóca.—Serra, no municipio de Natividade.

Mocóca, corruptéla de *Mbo-óg-óg-ca*, por contracção *Mb'-óg-óg-ca*, «successi-vamente saccado». De *mbo*, particula activa, *óg*, «saccar, arrancar», repetido para exprimir a successão do facto, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a se mostrar revolvido, com pedras em desordem.

Mocóca.—(Vide o nome *Mucuóca*).

Mocotó.—Nome dado, nos caminhos de muitas voltas e encruzilhadas, a estes pontos de juncção.

Mocotó, corruptéla de *Mbo-co-tóg*, «me-neiar-se, fazer voltas». De *mbo*, parti-cula activa, *cotóg*, «meneiar-se, fazer voltas».

Moéla.—Ilhas, no oceano, a leste da ponta sul da ilha de *Santo Amaro* ou *Guaimbê;* ponta esta conhecida por *Mon-dúba*.

(Vide o nome Mondúba).

No municipio de Santos.

O nome *Moéla* é corruptéla de *Mbo-ê-yrù*, «separadas, porém companheiras». De *mbo*, particula activa, soando *mo* conforme a lição dos grammaticos, *é*, «á parte, separado», *yrù*, «companheiro», pronunciado breve e corrido, por causa do accento preponderante em *é*.

Allusivo a parecer uma e serem de facto tres.

O nome tupi, pelo som, e tambem a fórma desse pequeno archipelago semelhando, visto de longe, a *moéla* das aves, foram motivo para corruptéla.

Mogy.—Pequeno rio que desagua no laga-mar de Santos.

Mogy, corruptéla de *Mbo-îigi*, «apertado». De *mbo*, particula activa, *îigi*, «apertado, duro».

Allusivo a descer da serra entre penedias.

Mogy das Cruzes.—Cidade, com estação na linha ferrea de S. Paulo e Rio de Janeiro.

O nome primitivo era *Sant'Anna das Cruzes de Boygy-mirim*, segundo documentos antigos. E, por isso, escreveram alguns que o nome *Boygy* foi corrompido em *Mogy*.

E', porém, o nome *Cruzes Bogy*, corrupção de *Çurúg-bo-yigi*, «atoleiro duro». De *çurúg*, «atolar», *bo*, para exprimir logar ou sitio, *yigi*, «duro, apertado».

Allusivo á extensissima varzea, onde ha successivos atoleiros, ou pantanaes de lama visguenta. Os animaes têm difficuldade em soerguerem-se para continuarem o trajecto.

A tal historia de *cruzes* no logar, por causa de corpos enterrados, não passa de uma invenção. Basta pronunciar corrido *çurúg*, para quasi soar *cruzes*.

A razão por que passou a ser *Mogy*, com o accrescimo de *mirim*, foi porque no seculo XVII, foi descoberto o rio *Mogy-guassú*; sendo que este *guassú* não é o contraposto a *mirim*, como mal o entenderam os portuguezes desse tempo.

(Vide o nome *Mogy-guassú*).

Aquelle accrescimo, porém, não tendo *razão de ser, acabou* por desapparecer, quando foi fundada no mesmo seculo XVII, a povoação, hoje cidade de Mogy-mirim. Outra incongruencia, de que o indigena não cogitou.

(Vide o nome *Mogy-mirim*).

A verdade é que até agora era ignorada a origem do tal nome *Cruzes*.

Ahi fica a explicação.

Mogy-guassú.—Villa, á margem esquerda do rio *Mogy-guassú*.

Antes de creada a freguezia e villa de Mogy-mirim, o arraial de Mogy-guassú era séde da freguezia e tinha o nome de Mogy do Campo.

O rio é um dos principaes da provincia de S. Paulo: e é affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda.

Mogy-guassú, corruptéla de *Mong-igaû-uçú*, por contracção *Mong-igaû-'çú*, «pantanal pegajoso extenso», De *mong*, «pegajoso, visguento», *igaû*, «lama detritos», *uçú*, «grande, largo».

Com effeito, em uma extensão de mais de cem kilometros, desde a *Escaramuça* até á affluencia dos ribeirões *Bomfim* e *Piauhy*, ha os pantanaes famosos que deram ao rio o nome *Mogy-igaû-'çú*.

Vê-se pois, que não havia razão para dar á região de Mogy das Cruzes, o qualificativo de *mirim*, contraposto de *guassú*.

(Vide o nome *Mogy das Cruzes*).

Nem tambem o indigena jamais cogitou de dar o nome *Mogy-mirim* ao ribeirão, á cuja margem esquerda está a cidade do mesmo nome.

(Vide o nome *Mogy-mirim*).

O rio *Mogy-guassú* tem innumeras cachoeiras, e mais o salto *Pirassununga*, e corredeiras extensissimas. Seu fundo é, geralmente, granitico; mas, na região dos pantanaes, é arenoso.

A cachoeira principal é a *S. Bartholomeu*.

(Vide o nome *S. Bartholomeu*).

A corredeira mais extensa é a *Escaramuça*.

(Vide o nome *Escaramuça*).

Ambos esses nomes são corruptos.

As outras cachoeiras e corredeiras, cuja menção vale a pena, são: *Onça*,

Mombúca, *Brumado*, *Tira-catinga*, *Sucury*, *Agudo*, *Figueiro*, *Indaiá*, *Funil*, *Sete Taipavas*, *Itupéva*, *Tapapuaí*, *Corrego Rico* e *Cordão*.

Mas, com o nome *Mogy-guassú* ha tambem uma varzea pantanosa, proxima á villa de Caraguatatuba. Outros a denominam *Boyguassú*.

(Vide o nome *Boyguassú*).

O rio *Mogy-guassú* tem suas origens na provincia de Minas Geraes; e, após a affluencia do *Rio Pardo*, pela margem direita, alguns o denominam *Rio Pardo*, em vez de *Mogy-guassú*, de sorte que este torna-se affluente daquelle, pela margem esquerda.

Finalmente, ha tambem com o nome *Mogy-guassú* uma serra entre os municipios de Ytapira e do Espirito Santo do Pinhal, prolongando-se até além das divisas com a provincia de Minas Geraes. Sem duvida ha no alto della pantanaes.

Mogy-mirim. — Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Mogy*.

Os primeiros povoadores da região accrescentaram ao nome *Mogy* a palavra *mirim*, para o distinguirem do rio *Mogy-guassú*, do qual é affluente, pela margem esquerda, na supposição de que a palavra *guassú* no nome daquelle rio significava «grande».

Mas, quer o nome quer as qualidades hydrographicas, não são eguaes em um e em outro. O rio é, como já foi escripto, *Mong-igaû-'çu*, por allusão aos seus famosos pantanaes; ao passo que o ribeirão é simplesmente *Mbochi*, «ruim», por allusão á má qualidade da agua e a produzir maleitas e impaludismo, segundo informaram-me pessoas do logar.

Vê-se, pois, que a palavra *mirim* foi accrescimo feito ao nome pelos primeiros povoadores, por ignorarem a differença entre o rio e o ribeirão, quer das qualidades hydrographicas de cada um, quer dos nomes respectivos, originados de taes qualidades, segundo o systema dos indigenas.

Se o nome fosse o mesmo do rio *Mong-igaû-'çu*, isto é, *Mony-i*, significando «perseverantemente pegajoso», *i*, posposição de perseverança, seria isso um não senso, não coincidindo o nome com essa qualidade na agua do ribeirão.

Moinho. —Affluente do ribeirão *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda, entre os municipios de Porto Feliz e de Tieté.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Taubaté.

Moinho, corruptéla de *Mboĩ-na*, «delgado». De *mboĩ*, o mesmo que *poĩ*, «adelgaçar, ser delgado», com o suffixo *na* (breve), para formar supino. Este verbo *poĩ* é um dos que soffrem a mudança do *p* em *mb*.

Allusivo a correrem sempre estreitos.

Mombaça.—Campo proximo ao logar em que o ribeirão *Apotribú* faz tres saltos seguidos, antes de desaguar no rio *Tieté*.

Mombáça, corrupção de *Nhũ-mbáû*, «campo manchado de montes». De *nhũ*, «campo», *mbáû*, o mesmo que *páû*, mas mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *nhũ*, que o antecede, «ilha, cousa intermedia». Mesmo *nhũ-páû* ou *nh-mũbáû* significa «ilhas de monte em campo».

Moléques.—Arrecifes e parcéis ao lado da ilha *Cardoso*, no oceano: municipio de Cananéa.

Arrecifes ponteagudos, quasi em frente á *Praia Grande*, no municipio de S. Sebastião.

Moléques, corrupção de *Bur-é-que*, «parcéis, arrecifes». De *bur*, «sahir de baixo d'agua», *é*, «á parte, separado», *que*, posposição para assignalar perigo e exprimir a necessidade de cuidado na navegação.

(Vide o nome *Cardoso*).

Os ignorantes dizem que são os maritimos que assim denominam esses arrecifes e parcéis. Sim, elles pronunciam corruptamente o nome tupi, assás expressivo.

Com effeito, ao lado da ilha *Cardoso*, ha bancos de areia e um lagedo, que se mostram á flor d'agua.

E, quanto aos arrecifes proximos á *Praia Grande*, no municipio de S. Sebastião, são duas rochas ponteagudas, que de longe parecem uma só ilhota.

Mombúca.—Affluentes do rio *Itanhaen*, pela margem esquerda: no municipio de Itanhaen.

Ha o *açú* e o *mirim*.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita; no municipio de Ribeirão Preto.

Mombúca, «furador». De *mo*, particula activa, *mbúca*, infinitivo de *púg*, «arrebentar, furar», mudado o *p* em *mb*, por ser este um dos verbos que soffrem essa mudança, e mudado o *g* em *ca* (breve), segundo a regra dos grammaticos.

Allusivo a descer a serra entre e por baixo de pedras e penhascos.

Mombúca.—Corredeira, no rio *Mogy-guassú*.

Ahi, pela margem direita, afflúe o ribeirão do mesmo nome, e já mencionado no nome anterior.

Mombúca, corruptéla de *Mombi-ca*, por causa do som guttural do *i*, «excessivamente apertado». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir excesso, superlativo, etc., *mbi*, o mesmo que *pi*, «apertar, atar», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *mo*, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a estreitar-se ahi tanto o rio, entre rochas, que extraordinariamente velozes se tornam as aguas em sua descida.

Momúna.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Alguns escrevem *Camúna;* mas é erro. (Vide o nome *Camúna*).

Momúna, corruptéla de *Mo-húú-na*, «lodoso». De *mo*, particula activa, *húú*, «ter lodo, borra, fézes», com o suffixo *na* (breve), para formar supino. O *h aspirado parece um m:* dahi *Mo-mú-na*.

Mondúba.—Ponta sudeste da ilha *Guaimbê* ou de *Santo Amaro*, fronteira á *Ytaipú;* e ambas formam a entrada das barras de Santos e de S. Vicente.

Mondúba, corruptéla de *Mondíû-bo*, «logar em que faz rebojo». De *mo*, particula activa, *ndíû*, o mesmo que *tuí*, «rebojar», *bo*, posposição ou particula para designar sitio ou logar.

Allusivo ao entumecimento que ahi fazem as aguas, por causa do encontro e lucta das correntes; e, com isso, crescem as ondas, e vão quebrar-se alto na penedia.

Com effeito, essa ponta da ilha é difficil de ser transposta ou dobrada pelas embarcações ou navios que sahem barra fóra, aproando ao nordeste.

Mongaguá.—Serra, entre os municipios de S. Vicente e de Itanhaen.

Pequeno rio, que nasce naquella serra e desagua no oceano, servindo de divisa a aquelles dous municipios.

Mongaguá, corruptéla de *Mong-ayûá*, «lama pegajosa». De *mong*, «pegajoso, visguento», *ayûá*, «lama, limo».

Allusivo, quanto á serra, aos pantanaes em seu cimo; e, quanto ao rio, ao limo espesso em seu leito e barrancas.

Já li *Monguáguá;* mas é erro, se bem que o significado seja o mesmo.

Monos.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Branca, de Jacarehy e de Mogy das Cruzes.

Monos, corrupção de *Mo-úú-na*, «lodoso». De *mo*, particula activa, *úú*, o mesmo que *húú*, «lodo, limo, lama», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

A syllaba *na* é pronunciada corrida e breve, segundo a regra ensinada pelo padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a criar muito limo ou lodo no leito e nas barrancas.

Quando ha chuvas, torna-se volumoso.

Monte-alto.—Serrote, no municipio de Jaboticabal. E' conhecido no logar

pelo nome *Serrinha do Bom Jesus do Monte Alto.*

Traducção do nome *Gambá.*

(Vide este nome).

Monte de trigo.—Ilha, no oceano: pertencente ao municipio de Santos.

Monte de trigo, corrupção de *Mo-ty-aticuî*, «ponteagudo e calvo». De *mõ*, particula activa correspondendo a *ty*, «apontar, ponta», *aticuî*, «calvo, pellado no alto».

Allusivo á sua altura formando ponta: sem vegetação alguma no cimo. Por ser ilha granitica e fragosa, as encostas superiores são cobertas de capim, que semelha, na côr, o trigo:—dahi a corrupção. Na parte superior é arborisada.

E' fundo o mar em redor della: e, por isso, serve de abrigo a embarcações, no caso de necessidade; para o que tem boa barra e bom ancoradouro.

Está situada á meia distancia, mais ou menos, entre a barra de Santos e a barra-sul de S. Sebastião.

Monte-mór.—Villa, á margem direita do rio *Capivary.*

Nos tempos primeiros, a povoação era conhecida por *Capivary de cima;* mais tarde por *Agua Chóca.*

(Vide o nome *Agua Chóca*).

Montevidéo.—Ilha, no *Rio Grande*, em frente ao logar da antiga povoação de Santa Rita do Paraizo.

Montevidéo, corrupção de *Mõ-tembei-nd-é*, «separada da margem do rio». De *mõ*, particula activa para o verbo *é*, *tembei*, «margem do rio», *nd*, intercalação para ligar *tembei* a *é*, «á parte, separar».

Allusivo a ser uma ilha formada por fendas, ou fundos, que alguma enchente fez na margem proxima.

Moóca.—Affluente do rio *Tamanduahy*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Moóca ou *Mo-óg-ca*, «tapado». De *mo*, apócope do *moró*, para exprimir excesso, superlativo, extensão, habito, peculiaridade, etc., *óg*, «tapar», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo ao facto de refluirem as suas aguas, quando ha enchente no ribeirão *Tamanduatehy*, formando alagamento, com agua de outros ribeirões e do mesmo *Tamanduatehy*, cujas aguas tambem refluem por causa do nivel superior do rio *Tieté*, em tempo de chuva.

Em um titulo de sesmaria li *Móque;* mas é corruptéla.

A varzea marginal é tambem conhecida por *Moóca;* mas o nome é do ribeirão.

Moquem.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: entre os municipios de Piracicaba e de Botucatú.

Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: no municipio de Itapetininga.

Moquem, corruptéla de *Mo-quê-hẽ*, «dorme muito a gosto». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, superlativo, habito, *quê*, «dormir», *hẽ*, «a gosto, commodamente».

E' tambem conhecido por *Moquêra.*

(Vide o nome *Moqueira*).

Os indigenas assim denominaram alguns ribeirões ou mesmo corregos de imperceptivel correnteza.

Moqueira.—Affluente do rio *Saputantúba*, no municipio de Iguape.

Alguns dizem *Mequeiro;* mas é erro.

O supra mencionado affluente do rio *Tieté*, que é tambem conhecido por *Moquem.*

(Vide o nome *Moquem*).

Moqueira, corruptéla de *Mo-quêr-a*, «dorminhoco». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, habito, peculiaridade, excesso, *quêr*, «dormir», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a serem quasi mortos, por sua lentidão, esses dois ribeirões.

Moquetá.—Morro, á margem do ribeirão *Pirajuçára:* no municipio de Jacarehy.

Moquetá, corruptéla de *Mbo-iquê-itá*, «o que serve de esteio». De *mbo*, par-

ticula activa, *iquê*, «lado, costado», *itá*, «pilar, armação, estante, em geral cousa em que outra se firma». Por contracção *Mbo-iqu'-itá*.

Allusivo a ser contraforte da serra.

O padre A. R. DE MONTOYA, no seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *Hoquitá*, confundindo *Og-itá*, «pilar de casa».

Moraes.—Serra, no municipio de Cruzeiro.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Tieté e de Tatuhy.

Moraes, corruptéla de *Mo-rá*, «excessivamente desigual». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, *rá*, «desigual, altos e baixos». E' *mo* e não *po*, por estar o verbo no infinitivo.

Allusivo, quanto á serra, ás varias elevações irregulares que mostra: e, quanto ao ribeirão, aos altos e baixos em seu leito.

Moranchy.—Morro, entre os municipios de Amparo e de Campinas.

Moranchy, corruptéla de *Moró-ã-chỹ*, contrahido em *Mor'-ã-chỹ*, «muito empinado e escorregadio». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, peculiaridade, costume, excesso, extensão, etc., *ã*, «empinar», *chỹ*, «escorregar, resvalar».

Allusivo a ser muito alcantilado, e ter encostas limosas.

Já li escripto *Moranqui;* e assim é pronunciado.

Morpian.—Nome que, segundo alguns chronistas, os indigenas davam á ilha de S. Vicente.

Morpian, corrupção de *Moró-puã*, «altissimo». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, excesso, habito, extensão, *puã*, «levantar, elevar, erguer»; verbo este que, por ter recebido, neste caso, a particula *moró*, se faz *absoluto*, segundo a lição dos grammaticos. *Moró*, e não *poró*, porque *puã* está no infinitivo.

Bem se vê, portanto, que os indigenas não podiam referir-se á ilha, senão sómente ás altissimas montanhas *Cubatão*, ou mesmo talvez só ás altas montanhas que existem naquella ilha.

Morrinhos.—Serra, no municipio de Cajurú: pouco elevada, porém sinuosa e escabrosa.

Morrinhos, corrupção de *Moró-ỹî*, por contracção *Mor'-ỹî*, «excessivamente ôco». De *moró*, o mesmo que *poró*, ou *mboró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculiariadade, *ỹî*, «ôco, concavo, abertura, seio». Este *ỹî* é precedido do *moró*, e não *poró* ou *mboró*, por estar no infinitivo.

Allusivo ás grutas que tem.

Uma é um perfeito *tunel* de estrada de ferro; parecendo ser obra de arte. Atravessa a montanha de um lado ao outro. Méde 176 metros de extensão, 6 de altura e 4 de largura.

Outra, distante do tunel tres a quatro kilometros, tem um portico em fórma de arco de scenario de theatro, com 200 metros de diametro; e por ahi é a entrada para um enorme salão, que póde accommodar, á vontade, mil pessoas mais ou menos, e é em semi-circulo. As paredes são revestidas de camadas, pouco salientes, de argilla vermelha, semelhando tijolos; e o sólo é coberto de arêa fina, tambem vermelha. De um dos lados do salão, ha uma escavação na parede, com a fórma de um altar; e ao lado do altar uma columna bem modelada, sobre a qual foi fixada uma cruz por algum visitante.

Deste salão para outro compartimento interior, ha duas entradas: uma de 10 a 12 metros de largura, e 6 de altura: e outra, de 2 metros de largura, e 5 de altura.

Neste compartimento interior, existe uma lagôa profunda, cuja agua é crystallina e salina, escoando-se constantemente por um canal. E' conhecida por *Lagôa dos Morrinhos*.

A um dos lados desta lagôa, ha uma galeria estreita e baixa, mas de grande extensão, povoada de vampiros, que ahi cruzam-se a voarem. Por ser escura, ou balda de luz, só com o auxilio de uma

lanterna póde ser observada; e, ainda assim, é necessaria a maior precaução, porque o sólo é accidentado, além de escavado e com frequentes soluções de continuidade. As paredes são muito anfractuosas; e o som, que fóra dalli, mal seria ouvido, tem naquella galeria écho extraordinario.

O amigo, que me remetteu esta descripção, e a quem aproveito a opportunidade de agradecer-lh'a, concluiu exclamando: «E' esta gruta um verdadeiro primor da natureza!».

Com o nome *Morrinhos*, ha um bairro no municipio de Botucatú.

Morro Azul.—Morros, no municipio de Patrocinio de Santa Isabel.

Morros, no municipio de Atibaia.

Morros, entre os municipios de Limeira e de S. João do Rio Claro.

Morro Azul, corruptéla de *Moró-açú*, «altos e baixos em grande extensão». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, etc., *açú*, «levantar e altear». E' *moró* e não *poró*, porque precede o verbo no infinitivo.

Allusivo a serem morros seguidos, ou mesmo em grupo, formando elevações irregulares.

Morro cavado. — Morro, entre os municipios de Sorocaba e de Piedade.

Morro cavado, corrupção de *Moró-qûa-abá*, «muito esburacado por natureza». De *moró* o mesmo que *poró*, para exprimir na cousa a acção propria em relação ao verbo, além de exprimir excesso, superlativo, extensão, habito, etc., em outros casos, *qûa*, «esburacar», *abá*, «muito», com referencia ao verbo *qûa*.

Allusivo a ter cavernas.

Morro do Ouro.—Morro notabilissimo, no municipio de Apiahy. E' granitico e inteiramente pellado. Eleva-se 200 metros acima do nivel do regato que o ladêa.

Morro do Ouro, corrupção de *Moró-rõ*, «revolto interiormente por sua propria natureza». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir na cousa a acção propria em relação ao verbo, além de exprimir excesso, superlativo, extensão, habito, etc., em outros casos, *rõ*, «revolver interiormente». A palavra *moró* é empregada em vez de *poró*, por anteceder o infinitivo.

Allusivo á sua natureza mineral.

Coincidindo esta natureza mineral com o som do nome tupi, foi aceita a corrupção *Morro do Ouro;* e, de facto, sendo explorado, ahi encontraram signaes indicativos da existencia desse precioso metal. Um desastre, em que morreram mais de uma centena de pessoas, desanimou os exploradores.

Morro Grande. — Morro, entre os municipios de Atibaia, de Bragança, e de Santo Antonio da Cachoeira.

Morro, no municipio de S. José dos Campos.

Morro, entre os municipios de Nazareth, de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes.

Morro, no municipio de Apiahy.

Morro, no municipio de S. João do Rio Claro.

Morro Grande, corrupção de *Moró-áquâ-ni*, «muito alto ou muito extenso». Por contracção *Moró-'quâ-ni*. De *moró*, para exprimir, neste caso, superlativo, excesso, extensão, *áquâ*, «ponta», *ni*, adverbio affirmativo. O tupi, para dizer que uma cousa *sobrepuja* outra, usa da palavra composta *áquâ-ni*, e por estar empregada neste nome e ter som nasal, foi usado *moró*, em vez de *poró*, que tornou absoluto aquelle verbo, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, e a do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. Por isso, o nome póde significar que sobrepuja em altura ou em extensão.

Assim, pois, *Morro Grande*, sendo uma corruptéla, póde ser considerado tambem uma traducção, sómente quanto á palavra *Grande*.

Morro Pellado. — (Vide o nome *Saboó*).

Morros, nos municipios de S. Bernardo, de Jundiahy e de S. João do Rio Claro.

Morro Sellado.—(Vide o nome *Sellado*).

Morro Vermelho.—Morros e, em geral, espigões em voltas ou zigs-zags, nos municipios de S. Paulo, S. Bernardo e em muitos outros.

Morro Vermelho, corrupção de *Moró-yerè*, «muito tortuoso». De *moró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, peculiaridade, etc., *yerè*, «voltear». *Moró* e não *poró*, porque precede o verbo no infinitivo.

Morumby.—Morro, entre os ribeirões *Pinheiros* e *Pirajuçára:* no municipio de Santo Amaro.

Morumby, corruptéla de *Moró-iî-bi*, por contracção *Mor'-iî-bi*, «resvaladouros muitos altos». De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, peculiaridade, etc.. *iî*, «resvalar», *bi*, «alçar, levantar». *Moró*, e não *poró*, por estarem no infinitivo os verbos. Ambos os verbos, por isso se tornaram absolutos.

Allusivo a serem muito alcantiladas suas encostas. E' conhecido tambem por *Morro-pellado.*

Morungáva.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Barbara do Rio Pardo e de Lençóes.

Morungáva, corruptéla de *Mboró-huú-ng-ába*, por contracção *Mbor'-huú-ng-ába*, «constantemente turvo», De *mboró*, para exprimir peculiaridade, habito, excesso, superlativo, etc., *húú*, «lama, lodo, borra, fézes», *ng*, intercalação por ter som nasal a palavra *húú*, e para ligal-o a *ába*, particula para exprimir logar, modo, causa, destino, instrumento, etc.

Com effeito, este ribeirão tem turvas as aguas.

Mosquito.—Serra, no municipio de *Santo Antonio da Cachoeira.*

Cabeceira do ribeirão *Jacarehy*, affluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: no mesmo municipio.

Mosquito, corrupção de *Mo-gui-iî-ta*, «extensas cavernas resvaladias». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, peculiaridade, etc., tornando absoluto o verbo *gui*, «cavernar, ser cavernoso, logar em baixo ou inferior», *iî*, resvalar, escorregar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino. E' *mo*, e não *poró*, porque o verbo *gui* está no infinitivo.

Allusivo a cavernas, na serra.

Quanto ao corrego que, com o nome *Taboão*, é uma das cabeceiras do ribeirão *Jacarehy*, o nome *Mosquito* é corrupção de *Mo-gui-iî-ta*, «leito lodoso». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, peculiaridade, habito, etc., *gui*, «logar inferior em baixo», *iî*, «ser sujo, manchado», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter lodo ou limo no fundo.

Os indigenas sohiam denominar, na mesma região, logares varios com nomes que, ainda que soando identicamente, tinham diversa significação.

A corrupção proveiu do facto de se reproduzirem muito as moscas e mosquitos, quer no serrote, quer no corrego, por causa das lamas e do lodo.

Este serrote *Mosquito* é uma ramificação da serra *Mantiqueira.*

Ha tambem um ribeirão *Mosquito*, affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema. Deve ser a mesma corruptéla.

Motim.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Branca, de Jacarehy e de Mogy das Cruzes, aos quaes serve de divisa com o nome *Putehy.*

(Vide o nome *Potim*).

Mucuóca.—Pequeno rio, que desagua no oceano: no municipio de Caraguatatuba.

Mucuóca, corruptéla de *Mbúgea-yócûe*, contrahido em *Mbuc'-yócûe*, «arreben-

tado uma ou outra vez». De *mbug*, o mesmo que *púg*, «arrebentar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino, *yócûe*, «uma ou outra vez, de vez em quando».

Allusivo a formar uma lagôa, a qual quando muito cheia, arrebenta, esvasiando no oceano as aguas.

Mursa.—Morro, no municipio de Jundiahy.

Mursa, corrupção de *Mo-ôcè*, «muito alto». De *mo*, apócope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, etc., *ôcè*, o mesmo que *aôcè*, *hôcè*, *çôcè*, «sobrepujar». Em vez de *moró*, é *mo*, porque *ôcè* está no infinitivo; e tornou-se absoluto, segundo a lição dos grammaticos.

Allusivo a ser morro superposto a outros, com altitude consideravel.

Está situado quasi na mesma latitude do *Morro-Agudo* da serra *Japy*.

E', com effeito, um morro grande, não sómente por sua altura, como tambem pela área que occupa. Tem fórma de pico, sobre larguissima base circular, formando a serra denominada das *Sete Voltas*, porque a estrada antiga para Jundiahy as faz.

A serra, bem como o morro, tem a formação de schistos argillosos; e, não attingindo o morro a mais de 800 metros, é visto do pico *Jaraguá*, cuja altitude é de mais de 1.100 metros.

Murundú. — Affluente do ribeirão *Una*, pela margem esquerda: no municipio de Una.

Murundú, corruptela de *Mỹrõ-nd-húú*, «lodo revolto». De *mỹrõ*, o mesmo que *pỹrõ*, «revolver». *nd*, intercalação por causa do som nasal de *mỹrõ*, e a fim de ligal-o a *húú*, «lodo, borra, fézes».

Este nome *Mỹrõ-nd-húú*, ora traduzido litteralmente «lodo revolto», sohia ser applicado pelos indigenas aos rios e ribeirões *turvos*.

Tambem quando querem assignalar uma grande confusão de pessoas ou de cousas, dizem *mỹrõ-ndi*, «muita desordem». O som guttural de *ỹ* fére igualmente o *i* final, segundo a regra ensinada pelos grammaticos. *Murundú*, — tal é a pronuncia.

N

Nanan.—Affluente do rio *Jundiahy-mirim*, pela margem direita: no municipio de Jundiahy.

Nanan, corruptéla de *Na-nhã*, «não corrente». De *na*, particula de negação precedendo verbo, *nhã*, «correr».

E' tambem conhecido pelos moradores do logar como *Pedrinhas* e *Argolinhas*.

Allusivo a ser quasi parado, parecendo extenso e comprido alagadiço, e não propriamente corrego.

Natividade.—Villa, situada a tres kilometros da margem direita do rio *Parahybuna*, na região entre rio e o *Parahytinga*.

Nazareth.– Villa, á margem esquerda do rio *Atibaia*. Está situada sobre um morro de subida ingreme.

Neblina. — Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de S. Sebastião do Tijuco Preto.

Neblina, corruptéla de *Nhe-mbi-na*, «afundado». De *nhe*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *mbi*, o mesmo que *pi*, «fundar, baixar», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Com effeito, as aguas desse corrego cavaram fundo o leito.

Na região em que corre este affluente do *Paranapanema* ha a pedra preciosa denominada *ágatha*.

Nhundiahy.—Affluente do *Una d'aldêa*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Nhundiahy, corruptéla de *Yû-ndi-aî*, «muitos alagadiços, e altos e baixos». De *yû*, «alagadiço», *ndi*, «muitos», *aî*, «altos e baixos».

Já li *Nhundiahú*.

O

O'.—Povoação antiga, desde 1610. A capella data de 1618. Passou depois á freguezia; e ainda hoje o é.

O nome é do orago: *Nossa Senhora do O'*. Anteriormente, era *Nossa Senhora da Expectação*, ou da *Esperança*.

Olaria.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Sorocaba.

Affluente do *Rio Verde*, pela margem direita: no municipio de S. José do Rio Pardo. O *Rio Verde* afflúe no *Rio Pardo*, pela margem esquerda.

São mais corregos do que ribeirões.

Olaria, corrupção de *H-o-rá-rí*, «successivamente desigual». De *h*, relativo, por haver *r* no nome, *o*, reciproco, para exprimir plural e communicação de uns com outros, *rá*, «desigual, altos e baixos», *ri*, posposição o mesmo que *rehé*, significando, neste caso, «successivamente».

Allusivo á descerem as aguas encachoeiradas, e com successivas quédas.

Olhos d'Agua (Sant'Anna dos).—Freguezia, no municipio de Batataes.

Onça.—Morro, no municipio do Iporanga.

Onça, corrupção de *Hôcè*, «o mais alto». De *hôcè*, «sobrepujar».

Onça. — Corredeira, no rio *Mogy-guassú*.

Onça, corrupção de *Hôcè*, para exprimir superlativo.

Allusivo a ter ahi o rio muito ingreme o leito; de sorte que as aguas descem com extraordinaria velocidade.

Onça.—Affluente do rio *Una d'Aldêa*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Affluente do rio *Tatuhy*, pela margem esquerda: no municipio de Tatuhy.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Tieté.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Espirito Santo de Barretos.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no municipio de Ribeirão Preto.

Affluente do rio *Jacaré-pipira-mirim*, pela margem direita: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Sempre que o leito do ribeirão é ingreme, os indigenas sohem usar, entre outros nomes, da palavra *hôcè*, «sobrepujar».

Todos estes ribeirões têm cachoeiras e saltos, assim como voltas e gargantas. São muito correntes.

Nada, pois, tem com o animal feroz, cujo nome corrupto é onça, a denomi-

nação dada pelos indigenas a esses ribeirões.

(Vide o nome *Jaguary*).

Onça Parda.—Affluente do ribeirão *Piranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Aquelle *Piranga* é affluente do rio *Juquiá*.

Onça Parda, corrupção de *Hôcè-paî-ta*, «excessivamente pendurado». De *hôcè*, para exprimir superlativo, *paî*, «dependurar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a descerem suas aguas quasi em cascata, nos primeiros dez kilometros.

Orissanga.—Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no municipio de S. João da Boa Vista.

Orissanga, corruptéla de *Iroiçã-nga*, «agua esfriada». De *i*, «agua, rio», *roiçã*, «esfriar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a nascer quente; e, depois, em seu curso, esfriar-se.

Com effeito, este ribeirão vem da serra *das Caldas*, na provincia de Minas Geraes; e sem duvida o indigena, assim nomeando este ribeirão, quiz assignalar, nas suas cabeceiras, aguas thermaes.

Ostras (das).—Pequeno rio que nasce na serra maritima e desagua no oceano: no municipio de Ubatuba.

Ostras, corrupção de *O-terõ*, «torcido, torto». De *o*, reciproco, para exprimir plural, *terõ*, «torcido, torto». A palavra *terõ* é pronunciada breve e corrida, por estar em *o*, inicial, o accento predominante:—dahi a corrupção.

Allusivo ás muitas voltas que dá.

O facto de ter ostras é commum aos outros rios que desaguam no oceano.

Ouro.—Affluente do ribeirão *Chibarro*, pela margem direita: no municipio de Araraquara.

Ouro, corrupção de *Húú-rû*, «lamacento, pantanoso». De *húú*, «lama podre, lodo, fézes, borra», *rû*, «ter em si».

Allusivo a que este ribeirão tem varzeas pantanosas, ás suas margens: e de taes varzeas é extrahido o barro para as olarias.

Ouro Leve.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Ouro-leve, corrupção de *Oî-hecè*, «successivamente sujo». De *îî*, «sujo», precedido de *o*, reciproco, *hecè* o mesmo que *rehé*, significando, neste caso, «successivamente».

Allusivo a ter limoso o leito. E' corrego.

P

Pacaembú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo. E' mesmo nos arredores da cidade.

Pacaembú, corruptéla de *Paã-nga-hẽ-mb-hû*, «atoladiço, e barra alagada». De *paã*, «atolar», *nga* (breve), para formar supino, *hẽ*, «sahida, barra, fóz», *mb*, intercalação por ser nasal a palavra *hẽ*, e para ligal-a a *hû*, «alagar».

Allusivo a ter pantano no leito; e, em consequencia de refluirem suas aguas, alagar na barra as margens.

E' um corrego.

Pacáu.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-mirim*, pela margem direita: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Pacáu, corruptéla de *Po-qûây*, «tem gargantas». De *po*, «contêr», *quây*, «garganta, pescoço, cintura, emfim a parte que se estreita».

Allusivo a estreitar-se, em muitos logares, entre margens altas.

E' encachoeirado.

Paciencia.—Morro, na ilha *Guaimbê* ou *de Santo Amaro*, no municipio de Santos. E' na extremidade austral da ilha.

Paciencia, corrupção de *Pé-cy-hecê*, «frente resvaladia». De *pé*, «superficie», *cy*, «liso, escorregadio, resvaladio», *hecê* o mesmo que *rehé*, significando neste caso, «frente», e tendo tambem o som nasal *por causa da palavra anterior.*

A palavra *hecê* é pronunciada corrida e breve, conforme a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, por estar em *cy* o accento predominante.

Allusivo a ter a face austral em resvaladouro: sendo a face sudoeste ligada á serra.

Ha tambem um morro *Paciencia* no municipio de Ubatuba, com os mesmos caracteristicos physicos.

Paciencia.—Pequeno rio que desagua na enseada *Picinguaba:* no municipio de Ubatuba.

Paciencia, corrupção de *Pecẽ-hê-çâî*, «curto e barra esparzida». De *pecẽ*, «pedaço, curto», *hẽ*, «sahida», *çâî*, «esparzir». A palavra *çâî* é pronunciada breve e corrida por causa do accento predominante em *hẽ*.

Allusivo a ser curto e a alagar-se na fóz.

Nasce no morro *Paciencia*, mencionado no nome anterior, soando quasi o mesmo, mas com significado diverso, conforme o jogo linguistico, de que os indigenas faziam uso para nomear logares varios em uma mesma região.

E' encachoeirado até a varzea.

Paciencia.—Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem direita: entre os municipios da Franca e do Carmo.

Paciencia, corrupção de *Po-haci-hẽ-çâî*, «maleitoso e barra esparzida». De

po, «conter», *haci*, «doença, dôr», *hẽ*, «sahida, barra, fóz», *çáî*, «esparzir, estender». A palavra *çáî* é pronunciada breve e corrida por causa do accento predominante em *hẽ*.

Contrahido em *P'-'aci-hẽ-çáî*, porque em composição, as palavras começadas por *h*, o podem perder para melhor euphonia. Sobretudo com a particula *po* e com a palavra *poró*, ha quasi sempre contracção.

Allusivo a ter alagada a barra; e a ser muito doentio.

Pacú.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da fóz do rio *Tibagy* (este rio pertence ao territorio da provincia de Paraná), e entre as cachoeiras *Piau* e *Laranjeira*.

Pacú, corruptéla de *Pá-cuè*, «torcida». De *pá*, infinitivo de *apá*, «torcer, entortar», *cuè*, particula de preterito.

Allusivo a fazer o canal uma curva entre o ilhote que ahi existe e a margem direita do rio. O canal é estreito, e obstruido de pedras: sua profundidade é, em geral, de um metro, mais ou menos; sua extensão, mais de um kilometro.

Antes de chegar a um banco de cascalho, que precede o ilhote, o rio alarga-se muito, com baixios em toda a largura: e ahi, ao lado direito do banco de cascalho, começa verdadeiramente a cachoeira, onde as aguas correm extraordinariamente.

Não tem, portanto, o nome desta cachoeira relação alguma com o *pacú*, peixe.

Pacuiba.—Praia, na ilha de *S. Sebastião:* no municipio de Villa Bella.

Pacuiba, corruptéla de *Picuî-bo*, «revolver», *bo* (breve), para formar supino,

Allusivo a ser ahi muito forte a arrebentação das ondas.

Padre André.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Padré André, corrupção de *Paî-ta-ndi-yêrè*, «dependurado, e muitas voltas». De *paî*, «dependurar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino, *ndi*, «muitos», *yêrè*, «volta».

Allusivo a ter ingreme o leito, formando cascatas e cachoeiras; e a ser muito sinuoso.

Pae-cará.—Extrema varzea, ao lado do morro *Ytapema:* em frente á cidade de Santos e aos *Oiterinhos*, na margem opposta do canal.

Pae-cará, corrupção de *Po-acuraá*, «enseada extensa». De *po*, para exprimir neste caso, superlativo, *acuraá*, «enseada».

Allusivo a ser uma varzea que, ás vezes, se alaga.

Paineiras.—Affluente do rio *Juquery*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Paineiras, corrupção de *Páî-ie-ièrè*, «derrama-se dependurado». De *páî*, «dependurar», *ièrè*, «derramar», precedido de *ie*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma.

Allusivo a ter o leito empinado, e a ter, quasi na sua fóz, um salto, cuja altura é superior a dez metros; e por ahi se derrama inteiro.

Paiolinho.—E' a actual villa da Redempção.

(Vide o nome *Redempção*).

Paixão.—Lagôa, no municipio de Espirito Santo de Barretos.

Paixão, corrupção de *Iupá-cang*, «lagôa secca». De *iupá*, «lagôa», *cang*, «secco, enxuto».

Palhal.—Affluente do rio *Una do Prelado*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Palhal, corrupção de *Paî-há*, «dependurado». De *paî*, «dependurado», com o accrescimo de *ha*, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, intento, fim, causa, etc.

Allusivo ao leito ingreme, com cachoeiras, saltos e cascatas.

Palmeiras.—Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no municipio de Natividade.

A povoação, séde da parochia *Bairro Alto*, é á margem direita deste ribeirão.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: logo abaixo da cachoeira *Mattosecco*, no municipio de Araraquara.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Espirito Santo de Barretos.

A grande lagôa *Bacury* é á margem direita deste ribeirão.

(Vide o nome *Bacury*).

Affluente do ribeirão *Cocaes*, pela margem esquerda; e este *Cocaes*, affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de Santa Cruz das Palmeiras. A villa deste nome está á margem do corrego *Palmeiras*.

(Vide o nome *Cocaes*).

Palmeiras, corrupção de *Paã-miyêrè*, «derramado e atoladiço». De *paã*, «atolar, atoleiro», *miyêrè*, «derramar», sendo para notar que o verbo é *piyêrè*, e que o *p* é mudado em *m* por causa do som nasal de *paã*.

Allusivo a transbordarem-se suas aguas no tempo das chuvas; e, cessando estas, as margens alagadas formam pantano.

E' possivel que, nesses logares, existam *palmeiras*; mas disso não cogitou o indigena para denominar esses ribeirões e corrego, e *palmeira* não é palavra tupi.

Palmital.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: nos municipios de Apiahy e Xiririca.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: um, no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo; outro, no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Affluente do rio *Taquary*, pela margem direita: entre os municipios de Bom Successo e de Itapeva da Faxina.

Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: no municipio do Espirito Santo da Boa Vista.

Serras, com o mesmo nome, quer no municipio de Redempção, quer no municipio de Espirito Santo da Boa Vista.

Saltos terriveis no rio *Paranapanema*: municipio de S. Sebastião de Tijuco Preto.

Palmital, corrupção de *Pó-haîme-itá*, por contração *Pó-haîm'-itá*, «paredes a pique, saltos». De *pó*, «salto», *haîme*, «a pique», *itá*, «armação, pilar, estante, etc.».

Isto quanto aos rios e ribeirões.

Quanto ás serras, *Palmital* é corrupção de *Pó-haîme-itá*, por contracção *Pó-haîm'-itá*, «paredão excessivamente a pique». De *pó* o mesmo que *poró*, de que é apócope, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *haîme*, «a pique», *itá*, «armação, pilar, estante, etc.».

Com effeito, essas serras são alcantiladas; e tem altitude superior a 800 metros.

Os indigenas sobiam dar a logares varios na mesma região nomes identicos no som, mas differentes no significado.

No affluente do rio *Ribeira de Iguape*, o leito apresenta uma cascata com dez quédas successivas: e o desnivelamento é tão enorme que a temperatura da primeira quéda é diversa da da ultima, diversa tambem a flora.

Os denominados *Saltos do Palmital* são o maior obstaculo do rio *Paranapanema*. O rio faz esquinas entre paredões, cuja altura é de 50 a 70 metros. A margem esquerda do rio póde ser considerada de passagem impossivel; mas, á margem direita, em canal de largura irregular, entre a mesma margem e um extenso e largo lageado, é difficil, porém não impossivel, a passagem e é por ahi, e mediante picadas nas mattas, tanto no extremo superior, como no extremo inferior, que se faz a baldeação das cargas.

Os dous saltos principaes têm: o de cima, $6^m,16$ de altura, e o de baixo, $4^m,84$; e são separados por uma bacia ou poço, onde as aguas como que permanecem em deposito, segundo a apparencia: nesta bacia ou poço, fazem rodomoinho, e seguem rio abaixo, até cahirem do ultimo salto.

A extensão da cachoeira é de meio kilometro, mais ou menos.

Os saltos e paredões nos outros mencionados ribeirões são de menor importancia.

Vê-se, pois, que não se trata de palmares que dão o palmito, e que, aliás, pódem ahi existir em abundancia. Nem *palmito* é da lingua tupi; nem o indigena cogitaria disso para denominar esses logares. Palmito é *tuã*.

Pamoná.—Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: no municipio de Redempção.

Pamoná, corruptéla de *Paã-moná* «turvo e atoladiço». De *paã*, «atolar», *moná*, «mesclar, borrar, turvar».

Allusivo a ter lamoso o leito, e a estar constantemente revolvido; de sorte que suas aguas mostram-se turvas.

Pantáno.—Serra, entre os municipios de Bragança e de Amparo. O morro *Capitão-mór* pertence a esta serra: e o nome é particulado.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de Bragança. Nasce n'aquella serra; e alguns moradores do logar querem que, reunido ao corrego «do Arraial», fórme com este o *Passa Tres*, sem uma justificativa para tal enormidade, relativamente á geographia indigena: o *Passa Tres* é o mesmo *Pantáno*, depois de receber as aguas do sobredito corrego.

Os indigenas sohiam dar a logares diversos na mesma região nomes identicos ou quasi identicos no som, mas differentes no significado. *Pantáno*, nome da serra, é corruptéla de *Po-atã-na*, contrahido em *P'-atã-na*, e nasalisado o primeiro *a*, por causa da pronuncia nasal do segundo, a qual, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, fére todas as vogaes da mesma palavra: *P'-atã-na*, «muito erecto». De *po*, apócope de *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *atã*, «erecto, teso», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Pantáno, nome do ribeirão é corruptéla de *Paã-tã-na*, «atoladiço, duro». De *paã*, «atolar», *tã*, apócope de *tatã*, «duro, forte», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter pantanal em suas margens.

A margem sobre a qual foi construida a estrada entre Bragança e Amparo, não o mostra, porque ahi foi necessario fazer aterrado.

Pantáno.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Belém do Descalvado.

Pantáno, corruptéla de *Pã-tã-nì*, «golpe durissimo». De *pã*, «golpe, pancada», *tã*, apócope de *tãtã*, «duro, forte», *nì*, posposição affirmativa, com pronuncia breve.

Allusivo ao famoso salto que ha neste ribeirão. E' a prumo a muralha granitica, da qual se despenham com estrondo medonho as aguas. Sua altura é de mais de 40 metros.

Ao mesmo tempo, este ribeirão desagua no rio *Mogy-guassú*, justamente quando já tem começado os pantanaes deste rio. Esta parte do rio *Mogy-guassú* é *paã-tã-na*, «atoleiro duro», de sorte que o indigena fez assim um gracioso jogo linguistico.

O estudo destas denominações fixou em mim a opinião de que a palavra *pantáno*, não é portugueza, e sim tupi; e deve ser pronunciada *pantána*, e não *pántano*.

O lexicographo MORAES, quando escreveu que deve ser *pantáno*, para melhor corresponder á *pantána*, ouviu cantar o gallo sem poder dizer onde.

O lexicographo AULETE, este agarrou-se com unhas e dentes á mesma palavra na lingua hespanhola, como se tambem os hespanhóes não a houvessem levado da America. O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, na palavra *paã*, bem indica que na lingua hespanhola, não havia *pantano*.

Ha um corrego *Pantano*, affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de Ribeirão Preto.

Pantojo.—Morro, no municipio de S. Roque.

Pantojo, corruptéla de *Paã-túyù*, «barro atoladiço». De *paã*, «atolar», *túyù*, «lama, lodo, barro». E' pronunciada *Pantúyù*.

Allusivo a ser pantanoso; sem embargo de excellente calcareo, especialmente do bello marmore verde que possúe.

Paquetá.—Suburbio proximo á cidade de Santos.

Paquetá.—E' um suburbio da cidade de Itapetininga.

Não é nome dado pelos indigenas. Por ser logar de residencia ou de pouso de morpheticos, algum individuo lembrou-se de amenisar o facto com o nome *Paquetá*.

Hoje essa rancharia de morpheticos tem o nome—*Villa Rio Branco*. A razão de tal denominação ninguem a dá. Foi uma phantasia como a do nome *Paquetá*.

Pará.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Tieté.

Pará, corruptéla de *Pi-rá*, «leito desigual». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, mal nivelado».

Allusivo a ser encachoeirado.

Parador.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de S. João da Boa Vista.

Parador, corrupção de *Pi-ra-tôrẽ*, «tortuoso, e com leito desigual». De *pi*, «fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *tôrẽ*, «tortuoso, torto, torcido».

Allusivo a ter saltos, cachoeiras, buracos e gretas no leito, e fazer muitas voltas em seu curso.

Em consequencia de sua sinuosidade e dos buracos e gretas no leito, a corrente é quasi imperceptivel em varios logares: d'ahi a corrupção do nome em *Parador*.

Parahyba.—Rio importante que, formado dos rios *Parahybuna* e *Parahytinga*, faz uma volta, em meio circulo, mudando sua direcção para sudoeste-nordeste, e desce acompanhando e deixando á margem esquerda as vertentes da serra *Mantiqueira;* e, penetrando na provincia do Rio de Janeiro, banha muitos de seus mais importantes municipios, e desagua no oceano, em S. João da Barra.

Parahyba, corruptéla de *Poró-aîb-a*, contrahido em *Por'-aîb-a*, «excessivamente escabroso». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *aîb*, «máu», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, segundo a lição dos grammaticos.

Allusivo a ter no leito muitas obstrucções, bancos de areia, cachoeiras e saltos, como o que se vê no municipio de Queluz, que tornam impraticavel sua navegação regular; além dos banhados marginaes, produzindo molestias. São turvas as suas aguas.

Tambem já escrevi, imitando a outros, que *Parahyba* significava «peixe ruim», sendo, aliás, certo que abundam nelle boas especies de peixe do rio, e que, para significar «peixe ruim», era preciso escrever o nome *Pirá-aib-a*.

De peixes não cogitava o indigena, sem duvida mais sabio do que os seus conquistadores, tratando de nomear logares e cousas.

Este rio, desde a confluencia dos rios *Parahybuna* e *Parahytinga*, banha os municipios de Parahybuna, Santa Branca, Mogy das Cruzes, Jacarehy, S. José dos Campos, Caçapava, Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Lorena, Bocaîna, Cruzeiro, Jatahy, Pinheiros e Queluz.

Parahybuna.—Cidade, á margem esquerda do rio *Parahybunà*.

Este rio *Parahybuna* é o que, com o rio *Parahytinga*, em confluencia, fórma o rio *Parahyba*. Nasce na serra *Bocaîna*.

Parahybuna, corruptéla de *Poró-aîb-húú-na*, contrahido em *Por'-aîb-húú-na*, «superlativamente máu e turvo». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *aib*, «máu», *húú*, «turvar, ter lodo, borra, fézes», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a diversas obstrucções no leito, como cachoeiras e saltos; e suas aguas são muito turvas.

Na confluencia com o rio *Parahytinga* é que bem se vê a sujidade de suas aguas.

Proximo á barra do ribeirão *Lourenço Velho*, ha uma cachoeira notavel no leito do rio *Parahybuna;* além de outras.

Tambem o nome deste rio tem sido deturpado pelos que, sem conhecerem a lingua tupi, se arriscam a traduzir e interpretar nomes. Li o seguinte: *pirá*, «peixe», *hybuna*, «agua escura»!

Este rio banha os municipios de Cunha, S. Luiz de Parahytinga, Natividade e Parahybuna.

Parahytinga.—Rio que, nascendo na serra *Bocaîna*, conflúe com o rio *Parahybuna*, para formarem unidos o rio *Parahyba*.

Além deste rio *Parahytinga* ha um ribeirão *Parahytinga*, affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de S. José de Parahytinga.

E outro ribeirão *Parahytinga*, affluente do rio *Corumbatehy*, pela margem direita: entre os municipios de S. João do Rio Claro, de Belém do Descalvado e de Piracicaba.

Parahytinga, corruptéla de *Pi-rá-ì-ty-nga*, «fundo desigual e lagôas». De *pi*, «fundo», *rá*, «desigual, não nivelado, altos e baixos», *i*, «agua», *ty*, «atar, pender», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Assim, lagôa, de agua estagnada ou parada, é *i-ty-nga*, «agua presa».

Allusivo a serem o rio e ribeirões ladeados de lagôas de todos os tamanhos, e de toda a especie; e a terem obstruido com cachoeiras o leito.

A' margem esquerda do rio *Parahytinga*, está a cidade de S. Luiz de Parahytinga. A' margem esquerda do primeiro ribeirão *Parahytinga*, está a villa de S. José de Parahytinga.

Subindo o rio, desde a cidade de S. Luiz de Parahytinga, em um logar, a dous metros de distancia da barranca, *ha uma nascente ou fonte* de agua mineral, *que bróta abundante* e impetuosa, *formando espiral.*

O rio *Parahytinga* nasce mesmo em uma pequena lagôa, na serra *Bocaîna*.

Tambem este nome tem sido deturpado; pois que já li que é corrupção de *Pirá*, «peixe», *hytinga*, «agua clara»! Um verdadeiro não senso.

O rio *Parahytinga*, confluente do rio *Parahybuna*, banha os municipios de Cunha, Lagoinha, S. Luiz de Parahytinga e Parahybuna. Nasce na freguezia de N. S. dos Remedios dos Campos Novos, municipio de Cunha.

Paraiso.—Affluente do ribeirão *Lençóes*, pela margem direita: no municipio de S. Manoel do Paraiso. A' margem esquerda deste ribeirão está a villa de S. Manoel.

Affluente do rio *Corumbatehy*, pela margem direita: no municipio de S. João do Rio Claro.

Affluente do *Rio Grande*, pela margem esquerda: no municipio de Santa Rita do Paraiso. E' corrego.

Paraiso, corruptéla de *Poró-aî-çû*, por contracção *Por'-aî-çû*, «excessivamente obstruido com altos e baixos». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *aî*, «desbaratar, desordenar, cousa não lisa», *çû*, «altos e baixos». O *çû* é pronunciado breve e corrido, porque o accento predominante está em *aî*.

Allusivo a pedras e buracos no leito.

A serra, em que o ribeirão *Paraiso*, affluente do ribeirão *Lençóes*, tem suas cabeceiras, méde a altitude de 870 metros.

Paraná.—O segundo rio da America Meridional. Nasce no municipio de S. João d'El-Rei, provincia de Minas Geraes. Serve de divisa ás provincias de Minas Geraes, de S. Paulo, de Goyaz, do Paraná, e do Rio Grande do Sul com a Confederação Argentina; e afinal desagua no oceano, formando a grande bacia denominada *Rio da Prata*.

Paraná, corruptéla de *Poró-anã*, por contracção *Por'-anã*, «excessivamente grosso». De poró, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *anã*, «grosso».

Allusivo a ser um rio muito largo, excedendo de duas leguas em alguns logares.

O nome *Rio Grande*, que este rio tem, até receber a affluencia do rio *Parnahyba*, pela margem direita, não é senão uma traducção livre de *Por'-anã*.

O que admira mais é ter o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, affirmado que o nome *Paraná*, attribuido a alguns rios grandes, significa «parente do mar»! E' um não senso. Nem mar é *pará*, senão *pe-rá*, «superficie encrespada»; *pe*, «superficie», *rá*, «crespo, não liso, levantado»: allusivo ás ondas.

Tambem o padre A. R. DE MONTOYA, na obra citada, escreveu que *Paraguay* significa «rio de corôas»: de *pará*, «variedade», *guág*, «corôa de pennas», *i*, «rio». Mas, não é exacto; nem a palavra *pará*, significando «variedade», podia ser anteposta; nem a palavra *i*, significando «rio», podia ser posposta, e com accento breve.

Paraguay é corruptéla de *Poró-aguâá*, «extensas varzeas»: de *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *aguâá*, «enseada, varzea», allusivos aos banhados e varzeas que o ladeiam.

O rio *Paraná*, quasi igual ao rio *Amazonas*, levanta, como este, alterosas ondas quando sopra rijo o vento.

Tem o *Paraná* varios obstaculos em seu curso:—o terrivel salto *Urubúpungá*, a perigosa corredeira *Yeupihá*, e o imponente salto *Sete Quédas*, além de outros impedimentos. Ha nelle ilhas innumeras, das quaes uma de vinte leguas, conhecida pelo nome *Ilha Grande*, e outra de quatro leguas, em frente á fóz do rio *Amambahy*. No salto *Sete Quédas*, as aguas despenham-se atravez da serra *Maracajú*.

Em geral, sua correnteza é lenta; apezar de não ser sinuoso.

Paranapanema.—Villa, á margem *esquerda do ribeirão Almas*, affluente *do rio Paranapanema*, pela margem direita.

Esta povoação na occasião em que foi elevada á freguezia, antes de 1746, era á margem direita daquelle ribeirão *Almas*, proximo ao monte que os indigenas denominaram *Caá-'pã-'byî-ta;* e hoje esse logar é conhecido por *Freguezia Velha*.

Dahi foi transferida a povoação, com o mesmo nome *Capão Bonito de Paranapanema*, para a margem esquerda daquelle ribeirão; distante 20 kilometros do *Caá-'pa-'byî-ta!* Isto em 22 de Agosto de 1850.

(Vide o nome *Capão Bonito de Paranapanema*).

A villa actual nada tem com aquelle monte. Por isso, não póde continuar a conservar o nome *Capão Bonito*.

Paranapanema.—Rio grande, que, após a affluencia do rio *Itararé*, pela margem esquerda, serve de divisa ás provincias de S. Paulo e de Paraná.

Nasce na serra maritima ou *Cubatão*, onde estão situados os *Agudos Grandes;* e vae desaguar no rio *Paraná*, pela margem esquerda.

Paranapanema, corruptéla de *Páî-ar-anhã-pan-nẽmã*, contrahido em *Páî-ar-anã-pan-'ẽmã*, «dependurado na parte superior, corredeiras, quédas estrondosas, voltas e revoltas». De *páî*, «dependurar», *ar*, «sobre, em cima», *anhã*, «correr», *pan*, «golpe, pancada», *nẽmã*, «voltas e revoltas».

E' este um dos nomes mais completos, e por isso mesmo mais engenhosamente combinado. E' allusivo ao leito ingreme, desde a nascente até a barra do rio *Itapetininga;* ás innumeras e terriveis corredeiras; aos saltos, em que as aguas se despenham com fragor; ás voltas e revoltas, que faz em seu longo curso.

Nasce, na altitude de mais de 800 metros; e na barra do rio *Itapetininga*, essa altitude é reduzida a 563 metros. Por isso, as aguas descem em fortissimo declive, até aquelle logar, como que «dependuradas».

As cachoeiras, os saltos e as corredeiras mais notaveis deste rio, pódem

ser objecto de exame nos respectivos nomes; e, tanto quanto o rio *Tieté*, o rio *Paranapanema* contém em seu leito extraordinaria força motriz.

Desde a nascénte até a barra do rio *Itapetininga*, as cachoeiras, os saltos, as gargantas, as corredeiras, em um curso excessivamente sinuoso, succedem-se sem interrupção: a navegação desta parte do rio é absolutamente impraticavel.

Da barra do rio *Itapetininga* para baixo, são innumeras as cachoeiras e as corredeiras. As principaes são: *Mandaçáia*, *Itapucú*, *Itaipáva*, *Aparado*, *Funil*, *Bufão*, *Sete Ilhas*, *Corisco Velho*, *Jurúmirim*, *Laranjal*, *Tres Ilhas*, *Pary*, *Rio Fundo*, *Bugios*, *Anhumas*, *Laranja Doce*, *Capivara*, *Piau*, *Pacú*, *Laranjeira*, *Rebojo*, *Santo Ignacio*, *Saran Grande*, *Pedregulho*, *Serra do Diabo*, *Estreito*. Os saltos principaes são: *Itapucú*, *Aranhas*, *Pirajú*, *Agua do Padre*, *Palmital*, *Saltinho*, *Salto Grande* ou dos *Dourados*. Os estreitos, ou gargantas, são muitos; mas os principaes, além dos que já vão incluidos nas cachoeiras, corredeiras e saltos, são: o da *Igreja Velha* e o *Campanã*, á barra do corrego *Neblina*. Ha, além disso, poços, dos quaes o mais notavel é o *Mirante*.

Da barra do rio *Guarehy*, para baixo, até ao alto da cachoeira *Jurumirim*, a navegação é facil; porque o rio é, para bem dizer, desimpedido. Daquella cachoeira até ao *Salto Grande*, a navegação é absolutamente impossivel, por causa de uma série ininterrompida de cachoeiras, corredeiras e saltos:—saltos, 7, cachoeiras, 117, innumeras e perigosissimas: os desnivelamentos são tão successivos que o leito do rio tem sido bem comparado a uma escadaria. As barrancas são, nesse trecho, morros cuja altura é calculada entre 150 a 200 metros, com resvaladouros; e muitos em alcantil como paredões: e é exactamente ahi que as gargantas ou estreitos se multiplicam, com tortuosidades; e por estes estreitos ou gargantas, em declive ou empinados, as aguas correm impetuosas *formando rodomoinhos*. Da barra do rio *Itararé*, para baixo, é possivel a pequena navegação; mas só essa:—os estirões entre logares obstruidos são muitos, extensos e profundos, e mesmo o rio tem adquirido maior largura.

Este rio, desde a affluencia do *Itararé*, ainda é dominio dos indigenas, que ora estão a soffrer mais continuamente os impetuosos assaltos armados da ganancia mascarada em civilisação.

Assim, pois, não é verdade que o nome *Paranapanema* signifique, conforme MARTIUS e outros, «rio esteril, e sem prestimo»; ao contrario, é abundantissimo de peixe de todas as especies. O padre MANOEL DA FONSECA, na *Vida do padre Belchior de Pontes*, assignalando que «*Paranampanema*... era um sertão naquelle tempo (seculo XVII) trilhado dos moradores de S. Paulo, e como estrada para os sertões do sul», narra que, «tanto que o padre Pontes ouviu nomeal-o, disse que lhe não chamassem *Paranampanema*, que val o mesmo que rio falto ou bromado, mas lhe chamassem *Parannajuba*, que val o mesmo que rio amarello». Ora, dizendo tal, o padre Pontes não quiz traduzir litteralmente o nome, mas aproveitar a palavra para uma allusão: basta ler o resto dessa mesma pagina, em que vem referida a prophecia da descoberta das minas por Domingos Rodrigues. Aliás, no jogo linguistico dos indigenas, *Paranapanema* significa tambem «encachoeirado e sem proveito»: de *poró*, para exprimir na cousa a acção propria em relação ao verbo, e habito, extensão, excesso em relação ao substantivo e mesmo ao verbo, *añã*, «correntes violentas, empurrões», *panẽ*, «ser de nenhum proveito», com o suffixo *ma* (breve), para formar supino. Allusivo exactamente ás cachoeiras, corredeiras, saltos, gargantas e á impraticabilidade da navegação em grande parte do rio; e, certamente neste sentido, o padre Belchior de Pontes disse que esse nome *val o mesmo* que «rio falto ou bromado».

Serve aos seguintes municipios da provincia de S. Paulo: Capão Bonito, Itapeva da Faxina, Itapetininga, Espirito Santo da Boa Vista, Bom Successo, Rio

Novo, Santo Antonio da Boa Vista, Tijuco Preto, Santa Cruz do Rio Pardo (inclusive a freguezia de S. Pedro do Turvo), e S. José dos Campos Novos.

Paranapiacaba.—Nome attribuido á serra maritima, *Cubatão*. E alguns o limitam á parte mais alta dessa serra.

Os dous documentos, que podiam nomear esta serra, eram os titulos de sesmaria de Pedro de Góes e de Ruy Pinto; aquelle, de 10 de Outubro de 1532, este, de 10 de Fevereiro de 1533. Qualquer destes titulos não menciona o nome *Paranapiacaba;* e o primeiro limita-se a referir-se á «serra que está sobre o mar», sem nomeal-a. Só em 1674, o padre LOURENÇO CRAVEIRO, reitor do Collegio dos Jesuitas em S. Paulo, annotando o primeiro daquelles titulos, escreveu que aquella «serra que está sobre o mar» é a *Paranapiacaba*.

Mas, esta nota do padre LOURENÇO CRAVEIRO não prova senão que já naquelle tempo, 1674, o nome *Paranapiacaba* era attribuido á serra *Cubatão*. Li as duas *Informações* do padre JOSÉ DE ANCHIETA, 1584-1586, e nellas não vi o nome *Paranapiacába*. Na primeira, elle escreveu: «Para o sertão, caminho do Noroeste, além de umas *altissimas serras que estão sobre o mar*, tem a villa de Piratininga ou de S. Paulo, 14 ou 15 leguas da villa de S. Vicente...». Na segunda, foi escripto: «A quarta villa da capitania de S. Vicente é Piratininga, que está 10 ou 12 leguas pelo sertão e terra a dentro. Vão lá por *umas serras tão altas* que difficultosamente pódem subir nenhuns animaes, e os homens sóbem com trabalho e ás vezes de gatinhas por não despenharem-se...».

(Vide o nome *Cubatão*).

A verdade é outra. O nome *Paranapiacába* era designativo do caminho entre *Piratinim* e o porto proximo á fóz do rio *Mogy*.

(Vide os nomes *Mogy* e *Piaçagoera*).

Paranapiacába, corruptéla de *Pê-rá-ñáî-piâ-quâb-a*, «passagem do caminho do porto de mar». De *pê*, «superficie», *rá*, «encrespada», formando a palavra *pê-rá* «mar», *ñáî*. «porto», *piâ*, «caminho», *quâb*, «passar», que com o accrescimo de *a* (breve), fórma o infinitivo, o qual, não tendo caso, significa a acção do verbo em geral, «passagem», segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

No titulo de sesmaria de Ruy Pinto, ha referencia ao porto proximo á fóz do rio *Mogy*, que foi denominado pelos portuguezes *Porto das almadias*, e tambem *Porto de Santa Cruz;* e o nome tupi do porto era *Y-piâ-çába*, corrompido em *Apiaçába*, «logar do apartamento do caminho». De *y*, relativo, *piâ*, «apartar caminho», *çába*, verbal de participio, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, causa, fim, intuito, fazendo *çába*, segundo a regra ensinada pelo já citado padre LUIZ FIGUEIRA.

O porto permaneceu «porto das almadias», conforme a denominação dada no titulo de sesmaria de Ruy Pinto, ou «porto das canôas», conforme a denominação geral, até que, já neste seculo, foi feito e aterrado com as pontes necessarias.

Tambem, nesse titulo de sesmaria, a serra de que se trata não teve menção por seu nome. Eis o que está escripto: «E dahi (o porto referido) subirá direito para a serra por um lombo que faz, por uma agua branca, que cahe do alto, que chamam *Ytútinga*, e, para melhor se saber este lombo, entre a dita agua branca por as ditas terras não se mette mais de um só valle, e assim irá pelo dito lombo acima, como dito é, até o cume do *serro alto, que vae sobre o mar*, e pelo dito cume irá pelos outeiros escalvados que estão no caminho que vem de Piratinim».

Portanto, o nome *Paranapiacába* (*) ficou com a serra, por ter sido abandonado o caminho.

Este caminho foi exactamente o escolhido para o traçado da estrada de ferro, de Cubatão á cidade de S. Paulo.

(*) Em avulso:
Fr. GASPAR DA MADRE DE DEUS diz que este nome significa—«sitio donde se vê o mar»; outros têm ido pela mesma toada.

Paranapetinga.—(Vide o nome *Parapetinga*).

Paranapitanga.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: no municipio de Capão Bonito de Paranapanema.

Paranapitanga, corruptéla de *Poró-anhã-pi-tangẽ*, contrahido em *Por'-anhã-pi-tangẽ*, «margens altas, fundo, e muitissimo corrente». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc., *anhã*, «encestar, juntar», *pi*, «fundo», *tangẽ*, «pressa, velocidade».

Allusivo a correr entre montes alcantilados, com muita fundura e correnteza extraordinaria, por ser ingreme o leito.

O impagavel frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario de palavras indigenas*, escreveu que *Paranapitanga* é corrupção de *Pirahypitanga*, «rio de peixe vermelho»!

E ao pobre indigena são attribuidos taes disparates...

Pararaca.—Morro, no municipio de Natividade.

Pararaca, corruptéla de *Poró-aráquaì*, contrahido em *Por'-araquaì*, «muito cingido». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculiaridade, etc., *aráquaì*, «cingir, cingido».

Allusivo a ter uma cintura entre a base e o alto.

Pararangaba.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

Já li escripto a corruptéla *Paranangába*, «ruidoso». De *pararã*, «ruido», *ng*, intercalação por ser nasal o som de *pararã*, e para ligal-o á *ába*, particula para exprimir logar, tempo, instrumento, causa, modo, etc.

Allusivo a descer entre e sobre pedras, fazendo ruido suas aguas.

Paratehy.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Izabel, de Jacarehy e de S. José dos Campos.

Vide o nome *Paraty*).

Paratihú.—*Rio* que nasce na serra *Aririáia*, e desagua no *Mar Pequeno*: no municipio de Cananéa.

Azevedo Marques, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo*, menciona um affluente do rio *Tieté*, sem porém determinar a margem de sua affluencia, nem o municipio por elle banhado.

Paratihú, corruptéla de *Poró-áteÿ*, contrahido em *Por'-ateÿ*, «excessivamente frouxo». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculiariedade, etc., *áteÿ*, «frouxo». O *ÿ* final tem som guttural.

Allusivo a desatar-se em banhados.

Ha o *assú* e o *mirim*; este affluente daquelle, pela margem direita.

Paraty.—Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Izabel, de Jacarehy e de S. José dos Campos.

Alguns escrevem *Paratehy*; e outros, *Praty*. As leis que regularam as divisas entre os municipios supra referidos, usaram do nome *Paraty* e do nome *Paratehy*.

Nasce na serra *Ytapety*.

O nome *Paratehy*, embora corruptéla, é o que mais approxima da verdade.

Paratehy, corruptéla de *Poró-áteÿ*, contrahido em *Por'-átey*, «excessivamente frouxo». De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculiariedade, etc., *atey*, «frouxo». O *ÿ* final tem som guttural.

Allusivo a transbordar, esparzindo-se nas varzeas e formando extensos banhados.

Paraty.—Serrote que divide as aguas do ribeirão *Paraty* ou *Paratehy* das do rio *Parahyba*: entre os municipios de Mogy das Cruzes, de Santa Izabel e de Jacarehy.

Paraty, corruptéla de *Paraìti*, infinitivo de *Aparaìti*, «derrocar-se», portanto «derrocado», por não ter caso esse infinitivo assim empregado, e, em consequencia, significar a acção do verbo em geral.

Allusivo a ter esboroadas as encostas, por causa de successivos derrocamentos.

Para o lado do ribeirão *Paraty* ou *Paratehy* as encostas são muito empinadas.

(Vide os nomes *Paratehy* e *Paraty*).

Pardo (Rio).—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita. Alguns dizem que o rio *Mogy-guassú* é que é seu affluente pela margem esquerda: de sorte que, segundo estes, é o *Rio Pardo*, e não o *Mogy-guassú*, que afflúe no *Rio Grande*, pela margem esquerda.

Tem um affluente denominado *Pardo-pequeno*.

(Vide o nome *Mogy-guassú*).

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: atravessa de léste para oéste os municipios de Botucatú, Santa Barbara do Rio Pardo e Santa Cruz do Rio Pardo, banhando estas duas villas.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Ha além disso, o trecho do rio *Caramurú*, que depois de cahir de metade da serra, toma o nome de *Rio Pardo*, e depois o de *Juqueryquerê*, e afinal *Curupacê*.

(Vide os nomes *Caramurú*, *Curupacê* e *Juqueryquerê*).

Pardo, corrupção de *Páî-ndù*, «dependurado e ruidoso». De *páî*, «dependurar», *ndù*, «ruido». O *ndù* é pronunciado breve, porque o accento predominante está em *páî*.

Todos estes rios e ribeirões *Pardo* têm saltos, cascatas e cachoeiras; o que é causa de grande ruido e estrondo, porque as aguas se despenham impetuosas.

O affluente do rio *Mogy-guassú* nasce em altitude superior a 900 metros; e desce de quéda em quéda, formando cascatas, cachoeiras e saltos, até desaguar naquelle rio. São notaveis as cascatas e saltos, nos trechos que banham os municipios de Caconde, Mocóca e Casa Branca: o salto principal, no municipio de Mocóca, tem a altura de 8 metros. *Além das cascatas e dos saltos*, ha *innumeras cachoeiras que*, obstruindo o leito, tornam innavegavel esse rio, a não ser em logares de menor correnteza, mediante pequenas canôas e balsas. A cataracta, denominada *Varadouro*, no municipio de Caconde, é medonha: o rio, cuja largura média é de 60 metros, estreita-se até 5 metros no maximo, e 3, no minimo, e por esse canal, ladeado de morros graniticos, as aguas se despenham em terriveis rodomoinhos e com pavoroso estrondo. Este estreito está á distancia de cinco kilometros da cidade de Caconde. *Varadouro*, corrupção de *II-ár-ũ-ndúrù*, «colhidas em rodomoinhos, com estrondo»: de *h*, relativo, por existir *r* na palavra *ár*, «colher», *ũ*, o mesmo que *rũ*, «revolver em si mesmo», *ndúrù*, «estrondo». O *ũ* foi empregado em vez de *rũ*, porque existindo *r* em *ár*, não podia ser repetido.

O affluente do rio *Paranapanema* nasce na serra *Botucatú*, em altitude de 850 metros, mais ou menos; e tambem tem saltos, cascatas, cachoeiras e estreitos, com declividade correspondente a 1 metro por kilometro, não obstante ser muito sinuoso e ter no leito aquelle e outros impedimentos, alli denominado geralmente *itaipába*, corrompido em *itapuáva*. O barulho das aguas é tambem grande neste rio.

O affluente do rio *Ribeira de Iguape* é tambem de leito ingreme; e suas aguas descem de quéda em quéda, aos saltos, em cascatas e sobre cachoeiras, com estrondo. Desde a sua origem, na altitude de cerca de 800 metros, na serra divisoria das aguas do rio *Jacupiranga* e *Ribeira de Iguape*, até mais de 20 kilometros, seu curso é uma successão de saltos e cascatas; e suas aguas tambem fazem estrondo.

O nome *Pardo* não exprime, portanto, a côr desses cursos d'agua. E, aliás, é possivel que em alguns logares, onde baixam, os alagadiços sujem as aguas.

A pronuncia de *Páî-ndù* é *Paîdo*:—dahi a corrupção em *Pardo*.

Paricoéra.—Affluentes do rio Ribeira de Iguape, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Ha *Paricoêra-assú* e *Paricoêra-mirim*.

Paricoêra, corruptéla de *Piri-quér-a*, «um pouco dorminhoco». De *piri*, «um pouco», *quér*, «dormir», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo á lentidão de seu curso.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, escreveu que *Paricoêra* significa «peixe rei»!

Cachoeira, na barra daquelle mesmo *Pary*.

Pari.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema. Geralmente escrevem *Pary*.

Pary, corruptéla de *Páî-ri*, «successivamente dependurado». De *páî*, «dependurar», *ri*, o mesmo que *rehé*, «successivamente», neste caso.

Allusivo a ter o leito muito ingreme; em uma declividade de mais de dois metros por kilometro, já considerado o seu sinuoso curso. Com seus saltos, cascatas e cachoeiras, o *Pary* não tem navegação possivel.

Pary, nome da cachoeira, é uma assimilação da cerca de talas para pescar. A cachoeira é quasi um salto, sem canal praticavel; de sorte que não ha meio de sahir dalli, senão arrastando as canôas pela margem, depois de descarregadas.

Pari.—Arrabalde da cidade de S. Paulo, na varzea entre o ribeirão *Tamanduatehy* e o rio *Tietê*.

Tambem escrevem *Pary*.

Logar antigo de pescaria, em cuja operação era e é empregado o *pari*: dahi o nome do logar. O *pari* é feito de talas ou varas finas, amarradas umas ás outras verticalmente; e com isso o indigena fórma, no rio, ribeirão ou corrego, o *cacári* para apanhar o peixe que desce de encontro a essa tapagem. Em vez de *cacári*, já li *cacury*; mas o padre A. R. DE MONTOVA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *cacárí*.

Parnahyba.—Villa, á margem esquerda do rio *Tietê*.

Não se trata de *Paranahyba*; nem com este nome ha affluente algum do rio *Tietê*, naquelle municipio, como o pretendeu AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo*, á força de querer explicar o nome *Parnahyba*.

Ao principio, suppuz que fosse corruptéla de *Piã-ñáî-bo*, «logar do porto do caminho»: de *piã*, «caminho», *ñáî*, «porto», *bo* (breve), para exprimir logar. Com effeito, «defronte da banda do rio *Juquery*», como reza um documento antigo, em que Melchior da Costa pedia uma sesmaria de terras para suas duas filhas, quando já casado com Suzana Dias, devia existir um porto: e alli era estabelecida com *fazenda* a dita Suzana Dias, ao passo que o pedido de Melchior da Costa, em 1610, foi para o logar da actual villa.

Sem duvida era ahi o logar da passagem do rio *Tietê*, de uma para outra margem.

Mas, o nome *Parnahyba* tem outra verdadeira explicação. E' corruptéla de *Páũ-n-eîì-bo*, «logar de muitas ilhas». De *páũ*, «ilha», *n*, por ser nasal a palavra anterior, *eîì*, «muitos», *bo* (breve), para exprimir logar.

Allusivo a uma cachoeira, extensa e estrondosa, acima da villa, no rio *Tietê*, semeada de ilhotas cobertas de mattas.

E' mesmo visinha da villa essa cachoeira. Entre as ilhotas ha varios canaes, e alguns de difficil pratica. Como que para moderar a impetuosidade das aguas, a natureza collocou mais abaixo da cachoeira, uma pedra chata, ou ilha granitica, de certa extensão e largura, conhecida por *Itapéra* ou *Ytá-pé-ba*. De encontro a essa pedra ou ilha granititica, as aguas, que descem em catadupas, quebram-se espumantes. Tal é a origem do nome corrupto *Parnahyba*. A cachoeira é a hoje conhecida por *Cachoeira do inferno*.

Parurú.—Affluente do ribeirão *Piratúba*, pela margem esquerda: no municipio de Piedade.

Parurú, corruptéla de *Pari-rũ*, «proprio para *pari*». De *pari*, «cerca de talas para apanhar peixe», *rũ*, «por». O *rũ* tem pronuncia guttural.

Assim como em relação aos peixes, dizem *pari-rũ*, tambem do mesmo modo, relativamente á caça no matto, dizem *mundé-rũ*, «pôr armadilha».

Alguns querem que seja cabeceira principal do ribeirão *Piratúba*, e não seu affluente.

(Vide o nome *Piratuba*).

Passa-cinco.—Affluente do rio *Corumbatchy*, nos municipios de Piracicaba e de S. João do Rio Claro.

Foi-me difficil descobrir o nome tupi, de que é corruptéla *Passa-cinco*. A palavra *Passa* estava achada: *Páî-ocè*, contrahido em *Páî-'cè*, «dependurado no alto»: de *páî*, «dependurar», *ocè*, «sobre, em cima». Felizmente, verifiquei que, querendo o indigena exprimir energia, é usado *cing*, conforme o padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, classificando-o entre os adverbios incitativos; e, pois, *Passa-cinco* é corruptéla de *Páî-ocè-cing-a*, contrahido em *Páî-'cè-cing-a*. Este *cing*, o padre LUIZ FIGUEIRA o escreveu com *s* e não com *c*. O *a* foi accrescentado, por acabar em consoante a palavra *cing*.

Allusivo a ter o leito muitissimo ingreme, quando desce do *Morro Grande*.

Passa Quatro.—Affluente do ribeirão *Embaú*, pela margem esquerda: no municipio de Cruzeiro.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no municipio de Santa Cruz das Palmeiras.

Serra, no municipio de Santa Rita de Passa Quatro. Sobre esta serra está situada a villa deste nome.

Estes dois ultimos municipios são visinhos, constituindo uma mesma região.

Passa Quatro, corrupção de *Páî-ocè-quáî-ta*, «cingido e dependurado, nas cabeceiras». De *paî*, «dependurar», *ocè*, «sobre», *quáî*, «cingir, fazer cintura», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a terem esses ribeirões, quando ainda na serra, descendo-a em leito ingreme, muitas gargantas e estreitos.

Mas, quanto á serra, o nome é corruptéla de *Pó-aceî-quáî-ta*, «encostas muito talhadas». De *po*, apócope de *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculiaridade, *aceî*, «costas», *quáî*, «cortar, talhar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter essa serra encostas muito ingremes, e como que talhadas de alto a baixo.

Esta serra é tambem conhecida por *Agudo*, corruptéla de *Há-cuê*, cujo significado exprime a mesma idéa.

(Vide o nome *Agudo*).

Os indigenas sohiam dar nomes identicos ou quasi identicos no som, mas com significados differentes, a logares varios na mesma região.

Passa-tres.—Affluente do ribeirão *Piragibú*, pela margem esquerda: no municipio de Sorocaba

E' tambem conhecido por *Piragi-mirim*.

O *Passa-tres* nasce na serra *Inhoahyba*, prolongamento da serra *São Francisco*.

Passa-tres, corrupção de *Páî-ocè-eteî*, contrahido en *Páî-'cè-'teî*, «inteiramente muito dependurado». De *páî*, «dependurar», *ocè*, para exprimir superlativo, *eteî*, «inteiramente, de todo o ponto», para exprimir a maior acção e a maior extensão do verbo.

Allusivo a ter o leito muitissimo ingreme, em todo o seu curso.

Ha com o nome *Passa-tres*, dous corregos, nas mesmas condições,—um no municipio de Bragança, outro, no municipio de Tatuhy.

(Vide o nome *Pantano*).

Passa-vinte.—Affluente do ribeirão *Embaú*, pela margem esquerda: no municipio do Cruzeiro.

Alguns querem que o ribeirão Embaú seja affluente do ribeirão Passa-vinte,

pela margem direita; mas os nomes em tupi indicam o contrario.

(Vide o nome *Embaú*).

Passa-vinte, corrupção de *Páî-ocè-ibyî-ta*, «dependurado no alto e concavo». De *páî*, «dependurar», *ocè*, «sobre, em cima», *ibỹî*, «ser concavo, ôco», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino. O *ỹ* tem som mixto guttural e nasal. A mudança do *b* em *v* é effeito da pronuncia dos portuguezes; de sorte que a palavra sôa *vĩ-î-ta*, produzindo a corrupção—*vinte*.

Allusivo a que, nascendo na serra *Mantiqueira*, desce de lá em leito muito ingreme; passando por baixo de penedias, quando ainda sobre as encostas da serra.

A estrada de ferro «Rio Verde» tem áquem do ribeirão *Passa-vinte* um *tunel*: tomada como um ponto de partida a estação do Cruzeiro.

Ha tambem *Passa-vinte*, affluente do ribeirão *Jundiovira*, pela margem direita: no municipio de *Cabreúva*. Nasce na altissima serra *Japy*.

Patos.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Lençóes.

Patos, corrupção de *Paî-ta*, «dependurado».

Alguns mesmo o dizem *Prata*, que é tambem corruptéla de *Páî-ta*.

Allusivo a descer em leito ingreme, em cascata e encachoeirado.

Patrocinio das Araras.—Cidade, cujo rapido desenvolvimento é explicado sómente pela fertilidade das terras do municipio.

Freguezia—em 1869, villa—em 1871, cidade—em 1879.

Patrocinio de Santa Izabel.—Villa, desde 1873. Este municipio é aurifero.

***Patrocinio de* Sapucahy.**—Villa, *desde 1885; era freguezia desde 1874. Este municipio é diamantino.*

Pátuáhy.—Cachoeira, no rio *Tieté*, mencionada por PEDRO TAQUES, na *Nobiliarchia Paulistana*, com referencia á fazenda de cultura de Salvador Pires, sogro de Bartholomeu Bueno da Ribeira.

E' a mesma que traz o nome *Atuahy*.

(Vide o nome *Atuahy*).

Páu Santo.—Ilhas no rio *Tieté*: abaixo da cidade de Porto Feliz. Alguns consideram seus canaes lateraes como cachoeiras.

Páu Santo, corrupção de *Páũ-çã*, «corda de ilhas». De *páũ*, ilha», *çã*, «corda».

Allusivo a ilhas em fila que ahi existem.

Pavô.—Serra, no municipio de Itanhaen.

Pavô, corrupção de *Po-ỹî*, «ôco». De *po*, particula que compõe *poró*, para exprimir superlativo, excesso, qualidade natural, *ỹî*, «ser ôco, com cavidade, abertura, seio». Este *ỹî* tem som guttural, e de difficil pronuncia:—por isso os portuguezes disseram *pavô*.

Allusivo a ter grutas.

Pecê.—Ilhota de areia e mangue, no laga-mar de Santos.

Pecê, «pedaço».

Allusivo a ser uma desaggregação, que ali parou e permanece; não uma ilha formada por sublevação geologica.

Pecegueiro.—Espigão, ou antes um serrote, que serve de divisa aos municipios de S. Luiz de Parahytinga e de Guaratinguetá.

Pecegueiro, corruptéla de *Pe-cỹ-nguê-rù*, «encosta lisa». De *pe*, «superficie», *cỹ*, «lisa», *ngue*, o mesmo que *iquê*, formando *nguê*, por ser nasal a palavra anterior, «lado, costa», *rù*, «estar, pôr-se».

Pecery.—Affluente do ribeirão *Poti*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

Pecery, corruptéla de *Pi-ceri*, «pouco fundo». De *pi*, «fundo», *ceri*, «pouco».

Allusivo a ser um pequeno ribeirão, e de pouca agua.

Nasce em um alagadiço.

Pederneiras.—Villa, á margem esquerda do ribeirão do mesmo nome, que desagua no rio *Tieté*, pela margem esquerda. Era bairro do antigo municipio de Lençóes, sob o nome S. Sebastião da Alegria.

Pederneiras.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Lençóes.

Affluente do mesmo rio *Tieté*, pela margem esquerda: nos municipios de Tieté e de Tatuhy.

Cachoeira, no mesmo rio *Tieté*, proximo á fóz deste segundo affluente.

Pederneiras, nome dos dous ribeirões, ou nome da cachoeira, é corruptéla de *Pi-ndi-yêrè*, «apertado e sinuosissimo». De *pi*, «apertar entre duas cousas», *ndi*, «muitos», *yêrè*, «voltas».

Quanto aos ribeirões, é allusivo a correrem sempre entre margens alcantiladas, fazendo innumeras voltas.

Quanto á cachoeira, é allusivo a um canal tortuoso, entre arrecifes.

Nessa região, não ha propriamente *pederneira:* ha uma *terra vermelha*, producto da desaggregação alterada de calcareo e schistos carboniferos silicosos; ha mesmo camadas de calcareo cinzento alternando com schisto argiloso roxo.

Coincindindo com o som do nome tupi a formação geologica dessa região, onde correm os dois ribeirões, e onde existe a cachoeira, foi facil a corrupção em *Pederneiras*.

Segundo Azevedo Marques, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo*, ha um affluente do rio *Corumbatehy* com o nome *Pederneiras;* e, pela direcção que attribúe ao seu curso, deve ser pela margem esquerda. Não consegui, porém, verificar a existencia deste ribeirão ou corrego.

Pedra Branca.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, acima da cachoeira *Tumanduá*, e esta acima do *Rio Pardo*.

Serrote, *no municipio* de Buquira.

Pequeno ribeirão, no municipio de *Santa Barbara do Rio Pardo.*

A cachoeira é uma das mais perigosas do rio *Paranapanema*, por causa dos fortes desnivelamentos do leito, formando quédas. Uma muralha granitica atravessa ahi o rio, deixando um unico canal estreito e torcido junto á margem esquerda; e, proximo á margem direita, além daquella muralha que ahi tem começo, ha arrecifes. O nome tupi é *Pe-rá-bang-ca*, «superficie desigual e torcida»: de *pe*, «superficie», *rá*, «levantado, não nivelado, desigual», *bang*, «torcer», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. O nome *Pedra Branca* é corrupção daquelle nome.

Quanto ao nome do serrote e do pequeno ribeirão, ignoro o nome tupi; e mesmo de taes logares não obtive as informações precisas.

Pedra do monge.—E' uma pedra colossal, ao lado oriental da serra *Araçoiaba:* no municipio de Campo Largo de Sorocaba.

Do alto desta pedra a vista alcança vastissima extensão.

O nome é attribuido ao supposto facto de ter habitado um anachoreta.

Não creio na existencia de tal anachoreta. A imaginativa de algum morador daquelles arredores teria quiçá fabricado essa lenda, para crear aquelle nome.

Pedras.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Xiririca.

Affluente do rio *Una d'Aldêa*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape. E' tambem conhecido por *Guapiú*, seu nome tupi.

(Vide o nome *Guapiú*).

Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: no municipio de Jundiahy.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: nos municipios de Santa Cruz das Palmeiras e de Pirassununga.

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: entre os municipios de Botucatú e de Rio Novo (Avaré).

Ha com este nome ribeirões ou corregos nos municipios de S. João da Boa

Vista, de Piracicaba, de Santos e outros.

Quanto ao de Santos, vide o nome *Itutinga*.

Em geral, têm o leito obstruido de pedras: dahi a corruptéla do nome tupi em *Pedras*.

Qual, entretanto, o nome tupi, assim mudado ou transformado em *Pedras*,— não o pude descobrir. *Pedras*, será traducção? Ou, acaso, corrupção de nome que sôe assim, mais ou menos?

Pedregulho.—Corredeira, no rio *Paranapanema;* precede a cachoeira da *Serra do Diabo*.

Pedregulho, corrupção de *Peì-ndi-cúry*, «muitos caminhos e muita velocidade». De *peì*, «caminho», *ndi*, «muitos», regendo tanto *peì*, como *cúry*, «pressa, velocidade».

Allusivo a ter varias passagens entre os arrecifes, porém sinuosas e atravessadas formando zig-zag. A passagem junto á margem esquerda é a menos perigosa.

Pedra Preta.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Rio Novo.

Tambem ignoro o nome tupi, de que é corrupção *Pedra Preta*.

Pedra do Sellado.—(Vide o nome *Sellado*).

Pedro Cubas.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda; no municipio de Xiririca.

Pedro Cubas, corrupção de *Pe-ro-húúbae*, «superficie, em ambas as margens, lodosa». De *pe*, «superficie», *ro*, para exprimir o exercicio com outro, *húú*, «ter lodo, limo, fézes, etc.», *bae*, particula de participio. O *h* é aspirado.

Allusivo a existir, em suas margens, um barro escorregadio, que tem a natureza *saponácea*. Ha desse barro grandes extensões; e alli os moradores o consideram *puro*.

Pelouros.—Cachoeira, no rio *Tieté*. E' tambem conhecida por *Pilões;* o que sem duvida, mais se approxima da verdade.

Pelouros, corrupção de *Pirõ*, «rodomoinhos».

Allusivo a fazerem as aguas ahi fortes rodomoinhos.

Penha de França.—Povoação, séde da parochia deste nome: no municipio de S. Paulo.

E' logar de muita devoção; e a festa annual, começada annualmente em o principio do mez de Setembro, attrahe álli pessoas e familias de outras povoações.

Penha do Rio do Peixe.—Cidade, tambem conhecida por *Penha de Mogymirim*.

(Vide o nome *Itapyra*).

Penondúba.—Logar, á margem esquerda do rio *Tieté*, entre Itú e Porto Feliz.

Logar, á margem direita do rio *Tieté*, no municipio de Parnahyba.

E' geralmente escripto *Ponundúra*.

Penondúva, corruptéla de *Penũ-nd-ỹibo*, «logar de elevações e de concavidades». De *penũ*, «cousa saliente da superficie», *nd*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *penũ*, e para ligal-o a *yi*, «concavidade, ôco», *bo* (breve), para exprimir logar ou sitio.

Allusivo a serem sujeitas essas regiões a elevações e concavidades que a natureza, por movimentos subterraneos, sóe formar.

E isto explica, quanto ao primeiro logar, a significação do nome do ribeirão *Cayacotinga*.

(Vide o nome *Cayacotinga*).

Mesmo o nome *Pirapetinguy*, quer do campo quer do ribeirão, explica aquelle facto.

(Vide o nome *Pirapetinguy*).

Peprapetinga.—Ja li ainda mais corrompido: *Pepretinga*.

(Vide o nome *Pirapetinga*).

Pequiá.—Praia, na ilha de S. Sebastião: no municipio de Villa Bella.

Pequiá, ou *Pe-quiá*, «plana e suja». De *pé*, «plana, chata», *quiá*, «suja».

Allusivo a não ter elevações; mas a receber do mar detritos de toda a natureza e espumas.

Essa praia liga-se a uma extensa planicie, que tambem tem o mesmo nome—*Pé-quiá*.

Pequira.—Lagôa, no municipio de Mogy-guassú.

Pequira, corruptéla de *Pé-quir-a*, «quente em baixo». De *pé*, «quente», *quir*, «em baixo, a parte inferior», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a ter quente o leito ou o fundo.

Abundando tambem nessa lagôa o pequeno peixe *pequir-a*, o indigena, fazendo o jogo linguistico, preferiu certamente aquelle modo de designar o «fundo quente» da lagôa; sendo certo que poderia usar de outro modo, como por exemplo *pi-acú*, que significaria tambem «fundo quente».

Assim, o nome identico ou quasi identico no som foi adoptado para exprimir dous factos na mesma lagôa.

Peranambucana.— Serrote, ramificação da serra *Bocaîna*, e corrego, que nasce daquelle serrote: no municipio de S. José dos Campos. O corrego é affluente do ribeirão *Potim*.

Peranambucana, corruptéla, de *Herã-n-ã-mb-áquâ-n-a*, tanto para o serrote, como para o corrego.

Quanto ao serrote, significa «um pouco alcantilado e ponteagudo».

Quanto ao corrego, significa «um pouco empinado e muito corrente».

A differença está sómente na palavra *áquâ*, que, no serrote, significa «ponta», e no corrego, «correr, corrente»; e, por ficarem nasalisadas, em qualquer dos nomes, por causa de *herã* e *ã*, são fechadas com o *a* (breve), precedido de *n*. De *herã*, «um pouco», *ã*, «empinar», *mb*, intercalação por ser nasal a palavra anterior, *aquâ-n-a*, significando *ponteagudo» ou «corrente»*, conforme já ficou *dito*.

São dous nomes com som identico, mas significando diversamente, segundo o systema dos indigenas

Perapetinga.—(Vide o nome *Pirapitinga*).

Perdões (Bom Jesus dos).—Pequena povoação entre os municipios de Atibaia e de Nazareth, pertencente a este ultimo.

Pereiras.—Povoação, hoje freguezia, pertencente ao municipio de Tatuhy.

Perequê.—(Vide o nome *Piraiquê*).

Perimirim.—Pequeno rio que deságua no oceano: no municipio de Ubatuba.

Alguns escrevem *Promirim*.

(Vide o nome *Promirim*).

Perimirim, corruptéla de *Piri-myrĩ*, «pouco e pequeno». De *piri*, «pouco», *myrĩ*, «pequeno»: formando estas duas palavras o significado livre — «raso e pouco extenso».

Com, effeito, tem apenas a extensão de um kilometro, quatro metros em sua maior largura, e meio metro de profundidade.

Peritúba.—Affluente do rio *Taquary*, pela margem esquerda: no municipio de Itapeva da Faxina.

Peritúba, corruptéla de *Pyri-tỹ-bo*, «soterrado a pique». De *pyri*, «a pique», *ty*, «soterrar», com o accrescimo de *bo* (breve), para formar supino, exprimindo ao mesmo tempo o modo de estar.

Allusivo a correr muito profundo, entre barrancas altissimas e a pique.

Com effeito, a região, em que corre o *Peritúba*, tem uma formação geologica de tal natureza que os rios e ribeirões talham na terra profundissimos sulcos, ás vezes cem ou mais metros abaixo; de sorte que é impossivel descer ao seu leito.

E' essa mesma formação geologica que facilita ás aguas desses rios e ribeirões

abrirem passagem sob o sólo, desapparecendo em um logar para reapparecerem mais abaixo. No rio *Itararé* é onde este phenomeno melhor se mostra.

(Vide o nome *Itararé*).

Não obstante, tambem esse ribeirão *Peritúba* póde acaso ter abundancia de *piri* ou junco; formando assim o indigena o seu jogo linguistico, para assignalar nesse curso d'agua os dous factos.

Ha outros ribeirões com o nome *Piritúba*.

(Vide o nome *Piritúba*).

Perna de páu.—Pequeno rio que desagua no oceano: no municipio de Caraguatatuba.

Perna de páu, corruptéla de *Penũ-nd-i-páũ*, «saliencia entre duas aguas». De *penũ*, «saliencia da superficie», *nd*, intercalação por ser nasal o som de *penũ*, e para ligal-o a *i*, «agua», *páũ*, «intermedio entre dous».

Allusivo a formarem as areias do mar, á fóz desse rio, um como isthmo; resultando disto que as aguas do rio, soffrendo impedimento para a sahida, refluem ou fazem bojo ou lagôa, até que, em luas determinadas, forçam aquella muralha de areia e escôam-se, para ser renovado depois o mesmo phenomeno.

Pero Luiz.—Rio, na ilha *Cardoso*: no municipio de Cananéa. E' pequeno, tanto em extensão, como em profundidade.

Pero Luiz, corrupção de *Piîerê-rui*, «sinuoso e lento». De *piîerê*, «volver-se, dar voltas», *rui*, «preguiça, lentidão, brandura, astucia, silencio, tento, etc.».

Allusivo a dar voltas successivas, e a ser pouco corrente, até ao ponto de parecer parado.

Perová.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes.

E' tambem conhecido pelo nome *Una*.

(Vide o nome *Una*).

Perová, corrupção de *Pi-rõ-uá*, «fundo revolvido e alagado». De *pi*, «fundo, centro», *rõ*, «revolver», *uá* ou *i-á*, «alagar, fazer lagôa».

Allusivo a derramar-se; e, por correr em terreno carbonifero, frouxo por mistura de areia, fórma gretas no fundo, sobre as quaes gyram as aguas, revolvendo-lhe o fundo.

Com effeito, o terreno é negro e em varzea, correspondente á formação do valle do rio *Tieté*, que, desde Mogy das Cruzes, desdobra-se em uma immensa varzea.

Perucáia.—Morro, entre os municipios de Conceição dos Guarulhos e de Juquery.

Não se trata da planta *Piruguáia*, tambem conhecida por *Cipó-suma*, da familia dos *Ionideas*, cujo nome na sciencia é *Anchietea salutaris*, e cuja raiz é purgativa. O povo diz tambem *piragáia*; e tambem *anchieta*. E, aliás, essa planta póde existir naquelle morro; razão porque o indigena, para fazer o jogo linguistico, em vez de nomear de outro modo ou com outras palavras o morro, o nomeou *Perucáia*.

Perucáia, corruptéla de *Piri-quãi-a*, «cortado a pique», *quãi*, «cortar, talhar», com *a* (breve), para formar o infinitivo.

Allusivo a ser morro alcantilado, como que talhado, a pique.

Peruhibe.—Morro, rio, e praia: no municipio de Itanhaen.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, assim o escreveu: «...metti-me em carros para andar a praia de *Peruibe*, que já fica ao sul da praia, e terá seis leguas de comprimento; do meio para o fim está a aldêa d'este nome, e no fim o rio, que tambem atravessei, para no seguinte dia subir o morro de *Peruibe*».

Os indigenas costumavam dar nomes a logares varios, na mesma região, com o mesmo som, ou com som quasi identico, mas com significados diversos.

Peruibe, nome do morro, é *Pir'-iĩ-bo*, contrahido em *Pir'-iĩ-bo*, «a pique e em resvaladouro». De *piri*, «a pique», *iĩ*, «resvalar», bo (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a ser alcantilado nas pontas ou cabeços que lança sobre o oceano; e resvaladeiro nas encostas interiores.

Peruhibe, nome do rio, é corruptéla de *Pi-rui-bo*, «fundo quieto». De *pi*, «fundo», *rui*, «quietude, preguiça, silenciar, etc.», *bo* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser *rio morto*, ou ao menos, sem corrente apparente.

Peruhibe, nome da praia, é corruptéla de *Pirú-ìi-bo*, «secca e dura». De *pirú*, «secco», *ìi*, «duro, apertado», *bo* (breve), para significar sitio ou logar.

Allusivo a formarem ahi as arêas um sólo secco e duro.

Tambem a denominam *Tapirema*.

(Vide o nome *Tapirema*).

Os que costumam viajar de Santos para Iguape, ou vice-versa, fazem o trajecto dessa praia em carros puxados a bois; e sóbem o morro conduzidos em rêdes. E' um pouco primitivo esse modo de viajar; mas ainda não ha outro mais aperfeiçoado: em todo o caso, tenho ouvido aos que já fizeram essa viagem, que o transporte em carros sobre aquella praia, e em rêdes sobre o morro, tem encantos, cujas recordações são um prazer para toda a vida do transportado.

Perús.—Affluente do rio *Juquery*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Perús, corruptéla de *Pi-rù*, «põe-se apertado». De *pi*, «apertar», *rù*, «pôr-se, estar».

Allusivo a correrem entre montes, em leito estreito, e ainda mais apertado em alguns logares, formando cachoeiras e saltos.

Peruvaùva.—Affluente do ribeirão *Jundiavira*, pela margem esquerda: nos municipios de Jundiahy e de Parnahyba,

Peruvaúva, corrupção de *Pi-rá-ibỹî-bae*, contrahido em *Pi-r'-ibỹî-bae*, «fundo desigual e raso». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *ibỹî*, «baixo, pequeno», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a ser encachoeirado desde que nasce, e a ter pouca agua. Nos logares mais estreitos não excede de tres palmos de fundo; nos mais largos terá palmo e meio.

Antes de desaguar no *Jundiavira*, 200 metros mais ou menos, tem um salto de 12 metros de altura, denominado *Vuturanchim*. Até certo ponto, desde as cabeceiras, é conhecido por *Guapiára*.

Tem no leito buracos ou poços.

Pescaria.—Pequeno rio que desagua na enseada *Picinguaba:* no municipio de Ubatuba.

Pescaria, corrupção de *Pi-guára-i*, contrahido em *Pi-guár'-i*, «successivas tortuosidades». *Pi*, «centro», *guára*, «torcido em zig-zags, retorcido em espiral, tortuosidades», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a cahir da serra na extensa varzea, onde, como uma serpente, deslisa-se em successivas sinuosidades.

Tem seis kilometros, mais ou menos, de extensão: ao principio com dez metros de largura e tres de profundidade, vae-se alargando e aprofundando em seu curso.

A' fóz, alarga-se até cem metros, mas diminúe de profundidade, de um a tres metros, conforme a maré.

E' tambem denominado *Picinguába*.

(Vide o nome *Picinguába*).

Pessinguaba.—(Vide o nome *Picinguaba*).

Embora o nome, começado com *pe*, seja menos incorrecto, julguei conveniente usar de *Picinguába*, por ser o que vem nos mappas e em documentos.

Piábas.—Uma das cachoeiras que formam o rio *Brejahimirindúba*, no municipio de Ubatuba.

Piábas, corruptéla de *Pihá-bo*, «em escada». De *pihá*, «degráus, escada», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar.

Allusivo a formar successivas quédas.

Piaçábossú.—Praia, entre o porto que traz este nome e a villa de Itanhaen.

Piaçábossú, corruptéla de *Pé-açáî-buçu*, «plana, extensa e larga». De *pé*, «plana», *açáî*, «estender, extensa», *buçú*, o mesmo que *uçú*, «largo, grande».

Com effeito, essa praia tem cerca de setenta kilometros de extensão; com grande largura.

Mas, segundo o costume dos indigenas, relativamente a logares varios na mesma região, aos quaes davam nomes com som identico ou quasi identico mas com significados diversos, este mesmo nome é attribuido ao porto, e ao rio que communica o porto com aquella praia, no municipio de S. Vicente.

Quanto ao rio, *Piaçábossú* é corruptéla de *Pi-açáî-iobú-çúú*, por contracção *Pi-açáî-'obú-çúú*, «fundo lodoso que reboja esparzindo-se». De *pi*, «fundo, centro», *açaî*, «estender, esparzir», *iobú*, «rebojar, transbordar, sair o liquido fóra das bordas que o contém», sendo que *io* é reciproco para compôr a palavra com aquelle significado, *çúú*, o mesmo que *húú*, «lodo, lama, borra, fézes, detritos etc.», por isso que a mudança de lettra, em composição de nomes, na lingua tupi, é muito usada, especialmente o *h*, que é aspirado, em *ç*, e havendo necessidade, como neste caso, para o jogo linguistico na nomeação dos logares.

Allusivo a ser lodoso esse rio; e a transbordar successivamente, á proporção que a maré cresce, por effeito do fluxo e refluxo das aguas maritimas. Sem ter crescido a maré, é innavegavel.

Quanto ao porto, o nome *Piaçábossú* é corruptéla de *Pê-haçáb-uçú*, «passagem geral do caminho». De *pê*, «caminho», *haçáb*, «passar», e, por não ter caso, significando no infinitivo a acção do verbo em geral, conforme a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, é, «passagem», *uçú*, tambem empregado para exprimir comparativo, ou ainda mais a acção do verbo por muitos.

Allusivo a ser essa a passagem principal, que serve, em geral, aos que por *alli transitam*.

A confirmação de tudo isto, vou dal-a transcrevendo a descripção destes logares, feita por pessoas que escreveram suas viagens entre a cidade de Santos e a villa de Itanhaen.

O conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, assim o escreveu: «Parti de Santos, vim pelo braço de mar que se dirige pelo Cubatão, e no largo do Caneú tomei á esquerda por um rio, que divide a villa (hoje cidade) de Santos da terra firme, e a torna verdadeiramente uma ilha: cheguei ao porto de *Piaçabuçú*, onde me metti em carros, e andei uma grande praia de dez leguas, segundo dizem ao sul, até chegar á villa da Conceição de Itanhaen».

Vou, agora transcrever a descripção feita pelo dr. Carlos Rath, em seus *Fragmentos geologicos e geographicos*, vindo da villa de Itanhaen para Santos, isto é, no sentido inverso ao do primeiro: «Da Conceição em diante tem de passar outra vez em carroças cobertas, puchadas a bestas ou bois, por entre o mar e os combros de arêa, por uma praia tesa e plana, até o porto de *Piassábussú;* dez leguas. Em *Piassábussú*, deve-se parar e esperar a maré, e então, caminhando-se da praia para o porto do embarque do rio *Piassábussú* um quarto de legua mais ou menos, toma-se este rio lodoso e tortuoso até Santos, ou Casqueiro, ou Cubatão, de 5 a 7 leguas a este ultimo».

Piaçagoéra.—«Antiga passagem do caminho», é o significado de *Pe-haçáguêra:* de *pê*, «caminho», *haçá*, «passagem», por ser infinitivo sem caso, *guêra*, o mesmo que *cuêra*, verbal de preterito, significando «o que foi, o que existiu».

Allusivo a ter sido ahi o porto do caminho que existia, ao tempo da chegada de Martim Affonso de Souza. Era proximo á fóz do rio Mogy.

(Vide o nome Mogy).

Dahi os indigenas seguiam pelo continente até *Bertioga:* e, querendo ir á aldêa, onde se fundou a villa de S. Vicente, atravessavam o braço de mar para o porto do Cubatão. A communicação entre este porto e a villa de Santos era, por canôas, pelo laga-mar *Caneú*, como se vê da transcripção feita, a proposito do nome *Piaçábossú*, de um trecho do *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805:* «Parti de Santos, vim pelo braço de mar que se dirige para o Cubatão, e no largo do Caneú tomei á esquerda por um rio, que divide a villa de Santos da terra firme, e a torna verdadeiramente uma ilha...». Assim ainda era neste seculo; porque o aterrado entre Cubatão e Santos é obra posterior.

A denominação *Cubatão-Mogy*, que se lê em algumas chronicas, não é nome de rio algum, senão a designação desse porto, que era a communicação com o caminho da serra.

De outro modo, ou se outro fôra o caminho da serra *Cubatão*, seria sem explicação a descida dos indigenas até o canal *Bertioga*, em 1531, sem canôas, para verificarem a chegada e estada de náus portuguezas alli:—seu trajecto foi pelo continente, onde era a *tabacicába* ou a escala de passagem entre as aldêas, a começar, em baixo da serra, pelos que estavam á margem dos ribeirões *Geribatyba* e *Ururay*.

E' tão melhor esse caminho dos indigenas para *Piratinim*, hoje região e cidade de S. Paulo, que em suas explorações, a companhia ingleza da estrada de ferro de Santos a Jundiahy tomou essa mesma directriz para a subida da serra e mais percurso até aquella região: mais ou menos. Os vestigios da villa de Santo André, fundada por João Ramalho, concorrem para este asserto.

(Vide o nome *Santo André*).

Como se vê do nome *Piaçáguera*, este é apenas designativo de que foi por alli o caminho primitivo, para o distinguir *do que foi feito, posteriormente* pelos *portuguezes.*

O nome do caminho primitivo era *Perá-náî-piâ-quâb-a*: e dahi os portuguezes entenderam que era o nome da serra.

(Vide o nome *Paranapiacaba*).

O do porto era *Y-piâ-çába*, porque ahi é que se dividiam os que iam para os lados da região, que depois tomou o nome de villa de S. Vicente, e os que iam para os lados da *Bertioga*.

(Vide o nome *Apiaçába*).

Piaguy.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: nos municipios de Guaratinguetá e de Lorena.

Piaguy, corrruptéla de *Pi-aî-gui*, «fundo com saliencias, altos e baixos», *gui*, posposição significando, neste caso, «com».

Allusivo a ter no leito muitos arrecifes; o que não impede que seja muito corrente. Ha neste ribeirão lindissimas cachoeiras.

Azevedo Marques, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo*, escreveu *Piauhy*.

Piahy.—Affluente do ribeirão *Tremembé*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Affluente do rio *Tamanduatehy*, pela margem esquerda: no municipio de S. Bernardo.

Piahy, corruptéla de *Piá-i*, «aos degráus». De *piá*, «degráu, escada», *i*, posposição de perseverança, para exprimir successão do facto, isto é, alguns ou muitos.

Allusivo a descerem aos degráus ou de degráu em degráu.

São encachoeirados.

Pião.—Serra, entre os municipios de Jacarehy, de Patrocinio de Santa Izabel, de Nazareth e de Santo Antonio da Cachoeira.

Ramificação da serra *Mantiqueira*.

Pião, corruptéla de *Pi-ã*, «empinado e escalvado». De *pi*, «raspar, escalvar, tirar a casca», ã, «empinar».

Allusivo a não ter vegetação com as encostas em alcantil.

Piaú.—Cachoeira, abaixo da fóz do ribeirão *Mosquito*, no rio *Paranapanema*, e acima da cachoeira *Pacú*.

Pi-aú, «canal defeituoso». De *pi*, «fundo, centro», *aú* ou *aúb*, particula para exprimir defeito na acção ou no facto, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a ser um canal em diagonal da margem esquerda para a direita, por causa de arrecifes: as aguas correm nesse canal com impetuosidade.

Piauhy. — Affluente do rio *Mogyguassú*, pela margem direita: no municipio de Ribeirão Preto. Traz hoje o nome de *S. Luiz*. E' corrego.

Piauhy, corruptéla de *Pi-aî-i*, «leito perseverantemente obstruido». De *pi*, «fundo, centro», *aî*, «saliencias, altos e baixos», *i*, posposição de perseverança. O *î* tem som guttural por estar seguido de outro *i*.

Allusivo a ter no leito, em toda a extensão, pedras e cachoeiras.

Picanço.—Nascente d'agua no alto do contra forte ou serrote divisorio das aguas do rio *Tieté*, e do seu affluente *Cabuçú*: no municipio de Conceição dos Guarulhos.

Alguns a dizem «olho d'agua».

Picanço, corruptéla de *Picoẽ-ocè*, contraido em *Picoẽ-'cè*, «concavidade alta». De *picoẽ*, «concavidade, canal, logar convexo», *ocè*, «alto, em cima».

Allusivo a ser um deposito de agua no cimo mais alto do serrote.

Com effeito, na altitude de 796 metros.

Pichoá.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: serve de divisa aos municipios de Taubaté e de Caçapava.

Pichoá, corruptéla de *Pỹtỹ-há*, «atoladiço». De *pỹtỹ*, «atolar-se», *há*, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, causa, modo, instrumento, fim, intuito, etc. Mas, a palavra *pỹtỹ* exprime apenas o effeito: as aguas desse corrego soffrem represa na barra, e dahi o atoladiço como effeito dessa represa.

Por causa da pronuncia de *pỹtỹ-há*, sôa *pichu-á*.

Allusivo a ter atoleiros no leito. São mesmo, em alguns logares, verdadeiros tremedaes. E' ladeado de varzeas.

Picinguába. — Enseada, um pouco ao sul do limite da provincia de S. Paulo com a provincia do Rio de Janeiro, pelo littoral.

Rio que desagua naquella enseada.

Segundo MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, o nome *Picinguába* significa «logar onde se cria o peixe do mar»!

Picinguába, nome da enseada, é corruptéla de *Pe-cỹ-guâá-bae*, «superficie lisa e arredondada». De *pe*, «superficie», *cỹ*, «lisa», *guâá*, «arredondar, fazer barriga», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

Picinguába, nome do rio, é corruptéla de *Pé-cẽ-guâá-bae*, «barra chata e alargada». De *pé*, «chata», *cẽ*, o mesmo que *hẽ*, «sahida», *guâá*, «alargar, fazer barriga», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

O nome da enseada é allusivo a ser sem cómoros de areia, e sem arrecifes; e semi-circular.

O nome do rio é allusivo a ter rasa a barra; alargando-se ahi. Com effeito, sendo de cincoenta metros mais ou menos a largura deste rio, quando desce do logar denominado *Laranjal*, alarga-se, em sua fóz, mais de cem.

O rio é tambem denominado *Pescaria*. (Vide o nome *Pescaria*).

Os indigenas tinham o costume de dar nomes com som identico ou quasi identico a logares varios, na mesma região, mas com significado diverso:—dahi o nome quasi identico da enseada e do rio.

AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo*, dá o rio *Pissinguaba* como limite da provincia de S. Paulo com a do Rio de Janeiro; e es-

creveu, certamente por equivoco, *extrema meridional*, em vez de *extrema septentrional*. Mas, não é exacto. O limite é a *Cachoeira da Escada*.

(Vide o nome *Cachoeira da Escada*).

Piedade.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Pirapóra*, affluente do rio *Sarapuhy*, pela margem direita.

E' tambem conhecida por *Piedade de Sorocaba*.

Este nome proveiu da achada de uma imagem de N. S. da Piedade por um *matteiro*, proximo á margem daquelle ribeirão. Em consequencia foi ahi edificada immediatamente uma capella, na qual foi collocada a veneranda imagem.

Pilar.—Povoação, hoje freguezia: no municipio de Sarapuhy.

Capella, no municipio de S. Bernardo. Desta capella tirou o nome uma estação da estrada de ferro de Santos a Jundiahy, entre as de S. Bernardo e do Rio Grande.

Tanto na freguezia, como na capella, a invocação é do Senhor Bom Jesus do Pilar.

E' denominação portugueza.

Pilões. — Cachoeira, no rio *Tieté*: no municipio de Tieté.

E' tambem conhecida por *Pelouros*.

(Vide o nome *Pelouros*).

Pilões, corruptéla de *pirõ*, «rodomoinhos».

Allusivo a fazerem as aguas ahi fortes rodomoinhos.

Pilões.—Rio, que desagua no canal *Bertioga*: no municipio de Santos.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Buquira.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: serve de divisa aos municipios de Xiririca e de Iporanga.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Araraquara.

Affluente do ribeirão *Piaguy*, pela margem direita, já quasi á fóz deste: no municipio de Guaratinguetá.

Pilões, corruptéla de *Pi-rõ*, «fundo revolto». De *pi*, «fundo, centro», *rõ*, «revolver».

Allusivo a formarem suas aguas buracos no fundo ou no leito, e revolverem-se para sahirem de taes buracos.

Esses ribeirões, que trazem corruptamente o nome *Pilões*, são encachoeirados; e, porque, nas quédas, as aguas formam aquelles buracos, e logo depois os rodomoinhos, foi feita a corrupção *Pilões*, sómente com referencia aos taes buracos. Ora, o nome *pi-rõ* corresponde principalmente á acção de revolverem-se as aguas para seguirem o impulso da descida ou a lei natural da quéda, formando cascatas, algumas das quaes em leito ingreme e recto e, portanto, bellissimas.

No ribeirão *Pilões*, affluente do rio *Ribeira de Iguape*, isto é, em uma de suas margens, ha uma gruta notavel. Eis como o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, dá noticia della: «Entrando pela barra *dos Pilões*, e depois indo costeando o dito ribeirão por um carreiro praticado em suas margens, vae ter-se a uma gruta semelhante á de *Santo Antonio*».

(Vide o nome *Iporanga*).

Pindaúva.—Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem direita: nos municipios de Cananéa e de Iguape.

Ha dous: maior e menor.

Pindaúva, corruptéla de *Pi-nda-ibiỹ-î*, «apertado, mas não pequeno». De *pi*, «apertar», *nda*, particula de negação, *ibiỹ*, «pequeno, baixo», *i*, para fechar a negação.

E' tambem pronunciado, menos incorrectamente, *Pindahyba*.

Allusivo a ser esguio: isto é, comprido e estreito

O som da pronuncia tupi deve ser *Pindahibùî*; breve a ultima syllaba.

Estes dous ribeirões nascem no municipio de Cananéa, e desaguam no de Iguape.

Pindahytiba.—Morro, no municipio de Guaratinguetá.

Pindahytiba, corruptéla de *Piiì-ndaeteí-bae*, «o que é muito escorregadio». De *piiì*, «escorregar, resvalar o pé», *ndaeteí*, «muito, demasiadamente, excessivamente», *bae*, particula de participio.

Allusivo a fazer muita lama lodosa em tempo de chuvas, tornando-se demasiadamente escorregadio.

Pindamonhangaba. — Cidade, á margem direita do rio *Parahyba*, sobre uma collina.

O nome é tirado do logar. Não se trata de *Pindá-monhangába* «fabrica de anzóes»; o indigena não cogitava de estabelecimentos industriaes de taes artefactos; nem o seu *pindá* precisava de fabrica. Dous são os instrumentos de pesca, denominados *pindá*:—o *pindá-ciri-ri-ca* e o *pindá-o-há-o-áquâ*. O primeiro é qualquer cousa que possa engasgar ou fisgar o peixe, occulto entre pennas encarnadas, ou objecto da mesma côr, a correr sobre a agua; o peixe, illudindo-se por ver o movimento e a côr dos peixinhos de que sóe alimentar-se, traga o objecto e engole-o, ficando preso pela haste flexivel, a cuja ponta tem sido atado por um cordel:—de *ciri*, «deslisar», repetido na ultima syllaba, para assignalar a successão do movimento, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. O segundo é o mesmo objecto; sómente com a differença de não ter haste, e de ser o cordel amarrado á pôpa da canôa, a qual, em seus movimentos, imprime ao cordel, e este ao objecto, a acção do peixinho a correr sobre a agua: de *o*, reciproco, *á*, «torcer», *o*, reciproco, *áquâ*, «correr», significando «corre, torcendo-se».

Pindá foi applicado ao anzol de ferro, usado e introduzido pelos europeus, porque produz o mesmo effeito. *Pindá* é *pÿì-nd-á*, «objecto escondido»: de *pÿì*, «esconder, occultar», que alguns escrevem *pÿmì*, *nd*, intercalação por ser nasal *a palavra anterior*, e para ligal-a a á, «*objecto, cousa corporea*, entidade, pedaço *de ferro, grão, etc.*».

Allusivo a ser escondido entre pennas encarnadas o objecto que deve ser tragado e engolido pelo peixe. As palavras *ciri-rica* e *o-á-o-áquâ* designam o modo do uso daquelle instrumento de pesca, segundo é preso á haste flexivel, ou á canôa em movimento. Portanto, *pindá* é propriamente o objecto occulto na isca.

Os indigenas tinham ainda outros modos de pescar: *pari*, cerca de talas ou de varas, para formar o *cacári* ou tapagem nos ribeirões e mais cursos d'agua; *yequeá*, ou, como dizem no Amazonas, *jequi*, cesto afunilado, para ser deixado á flor d'agua, onde o peixe entra, mas donde não póde sahir; *ytá-púâ*, pedra aguçada, que faz o serviço e tem a utilidade do harpão curto, para fisgar o peixe na superficie das aguas; *y-aticá*, pedra aguçada, porém mais comprida do que a *ytá-púâ*, para fisgar o peixe no fundo, guiando-se o pescador pelas borbulhas que a respiração do animal faz subir á tona da agua; *çá-ra-rá-quâ*, ou *sararaca*, flecha especial, cujo *heÿm-a*, que é pronunciado corruptamente *huúma* ou *suumba*, e é o fuso, traz enrolado um fio fino e tem á ponta, fortemente seguro, um pedaço de pedra, bem aguçado: disparada a flecha, não directamente, mas por inclinação, sóbe ao ar, e certeira de lá desce para deixar no costado do peixe a fisga; e é então que, mergulhando este, o fio desenrola-se e o logar, em que o fuso está á superficie das aguas, revela a parada do fisgado: *ça-rá-rá-quâ*, «corda cuja ponta se desata»: de *çá*, o mesmo que *çã*, «corda», *rá*, «desatar», repetido para exprimir a successão do facto, *quâ*, «ponta». Esta flecha de fisgas ou harpões é denominada *hui-ty-eÿm-a*. E mais outros processos, inclusive a *piçá*, que é a rêde, cada qual o mais engenhoso para o fim, a que é destinado.

Vê-se, portanto, que o significado que MARTIUS e outros têm dado ao nome *Pindamonhangaba* é simplesmente um erro.

Pindamonhangaba é corruptéla de Pi-nd-o-mo-nhang-ába, «logar estreitado, em

que se junta». De *pi*, «estreitar, apertar», *nd*, por ficar nasalisado o nome inteiro em virtude de *nhang*, e para ligal-o a *o*, reciproco, servindo tambem de nota de terceira pessoa, *mo*, particula activa, e não *mbo*, por ter som nasal o verbo *nhang*, «juntar, encestar», levado ao participio pelo accrescimo de *ába*, exprimindo logar, modo, instrumento, causa, intuito, fim, etc.

Allusivo a correr ahi estreitado o rio *Parahyba*, entre margens altas e em leito fundo; differentemente do curso antecedente e subsequente, em que o rio se alaga formando banhados.

Pindú.—Regatos que correm dos morros de Iguape.

Ha, além de outros, dous principaes: o *Pindú-assú* e o *Pindú-mirim*.

Pindú, «leito ruidoso». De *pi*, «centro, fundo», *ndú*, «ruido, ruidoso».

Allusivo a correrem encachoeirados.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, assim descreve essa região: «...ficam (os morros) por detraz da villa e se prolongam até a barra: sempre as grandes massas de rocha granitica, desarrumadas. Esta rocha forma pelo seu desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas...».

AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo*, escreveu *Pinduámirim* e *Pinduássú*. Mas é erro. O verdadeiro nome é *Pindú*.

Pinhal. — Encosta da serra *Japy*: no municipio de Cabreúva.

Pinhal, corrupréla de *Pi-yâb*, «gretas vazias». De *pi*, «centro, vazio, fundo», *yâb*, «gretar, receber, abrir naturalmente».

Allusivo ás grutas e cavernas que ha nessa encosta.

O verbo yâb exprime o facto natural, e não por obra humana.

Pinhal.—Cabeceira do rio *Itapetininga*: no municipio de Sarapuhy.

Affluente do rio *Itapetininga*, pela margem direita: no municipio de Itapetininga.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Piedade.

Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: no municipio de Itú. Tambem conhecido por *Pirahy*.

(Vide o nome *Pirahy*).

Affluente do rio *Apiahy*, pela margem esquerda: entre os municipios de Bom Successo e de Itapeva da Faxina.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Izabel e Jacarehy.

Pinhal, corruptéla de *Pi-yâb*, «fundo gretado». De *pi*, «fundo, centro», *yâb*, «gretar, rachar, abrir por acção natural».

Allusivo ás depressões e cavidades que as aguas fazem no leito, descendo em rodomoinhos.

Pinhal.—Logares varios na provincia, com este nome em portuguez, por abundancia da arvore *pinho* ou *pinheiro*.

Nos municipios de S. Carlos do Pinhal, de Espirito Santo do Pinhal, de S. Bento de Sapucahy-mirim (Santo Antonio do Pinhal), de Itatiba, de Apiahy e outros.

Pinheirinho.—Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem esquerda: no municipio de Santo Antonio da Alegria.

(Vide o nome *Pinheirinhos*, que tem igual explicação).

Pinheirinhos.—Affluente de rio *Tietê*, pela margem direita: entre os municipios de Conceição dos Guarulhos e de Juquery. Mas, a sua nascente é no municipio de Nazareth.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Uma das cabeceiras do ribeirão *Potribú*: no municipio de S. Roque. A' sua margem direita ha uma pequena povoação com o nome Pinheirinhos, proximo á estrada de ferro Sorocabana.

Pinheirinhos, corruptéla de *Pi-iêre-ĩ-na*, contrahido em *Pi-iêr'-ĩ-na*, «derramado». De *pi-ierê*, «derramar, *ĩ*, «estar, pôr-se», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a abrirem-se em varzea, constantemente derramados, ou transbordados de seus leitos.

Pinheiros.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo. E' o mesmo *Jurubatuba*, depois da affluencia do *Mboy-guassú*.

(Vide o nome *Jurubatuba*).

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Itatiba.

Cabeceira do ribeirão *Tahyassupéba:* no municipio de Mogy das Cruzes.

Affluente do ribeirão *Lourenço Velho*, pela margem direita: no municipio de Parahybuna, nascendo porém nas divisas com o municipio de Ubatuba. Corre na parochia de Bairro Alto.

Pinheiros, corrupção de *Pi-iêrè*, «derramado».

Allusivo a transbordarem, fazendo alagadiço nas margens.

Não é, portanto, exacto que o nome do affluente do rio *Tieté* proviesse de ahi existir um *pinhal*, segundo a nota quarta do padre LOURENÇO CRAVEIRO ao titulo de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532.

O padre LOURENÇO CRAVEIRO era reitor do Collegio dos Jesuitas em S. Paulo, em 1674.

Mesmo existindo *pinheiros* nesses logares, o nome tupi é *Pi-iêrè;* servindo a existencia de *pinheiros* só para operar mais facilmente a corruptéla.

A varzea do ribeirão *Pinheiros*, affluente do rio *Tieté*, tem a extensão de cerca de 20 kilometros e a largura de 2 a 4.

Pinheiros. — Villa, á margem esquerda do rio *Parahyba;* não mirando-se sobre as aguas, mas a alguma distancia, em logar elevado.

O nome Pinheiros, desta villa, é que parece provir de *pinhal* que teria existindo naquella região e que o fogo das derrubadas terá destruido.

E' ainda hoje conhecida a villa pelo nome da parochia: *S. Francisco de Paula dos Pinheiros.*

Piquête.—Povoação, no municipio de Lorena, á margem esquerda do ribeirão *Embaú;* o qual, e até a affluencia do *Itabaquára*, e *Piquete*.

Piquête, corruptéla de *Pi-iquê-eteî*, contrahido em *Pi-'quê-'teî*, «totalmente lados apertados». De *pi*, «apertar», *iquê*, «lado, costa», *eteî*, «totalmente, de todo o ponto, etc.», exprimindo tambem superlativo.

Allusivo a correr entre montes, e margens altas, em toda a sua extensão, até a affluencia do ribeirão *Itabaquára.*

Piracema. — Affluente do ribeirão *Turvo*, e este do rio *Bananal:* no municipio de Bananal.

Em suas cabeceiras tem o nome *Doce;* no meio, o nome *Manso;* e até á barra, o nome *Piracema*.

(Vide os nomes *Doce* e *Manso*).

Com este nome *Piracema*, o indigena quiz assignalar dous factos nesse mesmo curso d'agua: a abundancia de peixe que é ahi produzido nas desovas, de tal modo que sahem aos cardumes, *pirá*, «peixe», *cẽm-a*, «sahida», isto é, «sahida de peixe»; e outrosim, o alargamento de sua barra, *pirá*, «abrir», *cẽm-a*. «sahida», isto é, «sahida alargada». *Cẽ* ou *hẽ*, é o mesmo.

Piracicaba.—Cidade, á margem esquerda do rio *Piracicaba*, sobre uma collina.

Durante certo tempo teve o nome *Constituição;* mas só officialmente, porque o povo não deixou de usar do nome *Piracicaba*.

O rio *Piracicaba*, que deu á cidade o nome, não é senão a reunião das aguas dos rios *Atibaia* e *Jaguary:* desde a confluencia destes é que existe o rio *Piracicaba*. Afflúe no rio *Tieté* pela margem direita.

Segundo MARTIUS, Gloss. Ling. Bras., o nome Piracicaba significa «logar onde

se junta o peixe»! O verbo *ci* não exprime a reunião de muitos; portanto, é sem procedencia aquelle significado de MARTIUS, e de outros que, sem criterio algum, o têm seguido. Mais se approximaria da verdade o dr. FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA, no seu *Diario de viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790*, quando diz que «o nome *Piracicaba* é dado ao salto em razão de nelle pararem e chegarem os peixes, porque *pirá* é peixe, *cicaba*, quer dizer chegam». *Cicaba* não quer dizer «chegam»; significa *chegada* e *passagem*, porque os verbos *ci*, «chegar» e *quab*, «passar», com o accrescimo de *a* (breve), ficam formados no infinitivo, o qual, não tendo caso, significa a acção do verbo em geral, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. Isto teria feito o indigena simplesmente por jogo linguistico.

Mas, não é aquillo de admirar em MARTIUS, pois que o conego JOÃO PEDRO GRAY, na *Historia Jesuitica do Paraguay*, capitulo 23, escreveu que *Piracicaba* significa «tem pena do peixe»! Simplesmente um não senso.

Este logar é um dos que mereceram aos indigenas maior sciencia e esforço para a denominação; e esta serviu tambem para o rio inteiro, porque o salto é realmente caracteristico. Sim, o nome é do salto; porque esta obra da natureza assignala o rio, dividindo-lhe o curso.

Piracicaba, corruptéla de *Pihá-ci-quâbo*, «de degráo em degráo, aos golpes». De *pihá*, «degráo, escada», *ci*, particula distributiva, *quâ*, «golpe», *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. E' pronunciado *Pihá-ci-ca-bo*.

Allusivo a cahirem as aguas ahi de degráo em degráo, e ás quédas, espumando.

Os indigenas quizeram assignalar a fórma do salto, mais uma série de cascatas em escadaria, do que propriamente um despenhadeiro de aguas.

Não se trata, portanto, de peixes em *ajuntamento; ainda que*, como em outros saltos, ahi os peixes, no tempo proprio, saltem aos cardumes, não podendo resistir ao impulso das aguas.

O *h* de *pihá* é aspirado; e a corruptéla em *pirá* foi facil.

Já li tambem que *Piracicaba* significa «logar em que se acaba o peixe»! Que grande disparate!

O rio *Piracicaba* tem um affluente pela margem esquerda, com o nome *Piracicá-mirim*.

Piracinunga.—Affluente do rio *Juquery-querê*, pela margem direita: no municipio de S. Sebastião.

Piracinunga, corruptéla de *Pi-rá-çunú-nga*, «fundo desigual e ruidoso». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *çunú*, «fazer ruido», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter saltos e cachoeiras, com estrondo das aguas.

Piraciúnna.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de S. José dos Campos.

Piraciúnna, corruptéla de *Pi-rá-cyhúú-mo*, «fundo desigual, lodoso a fazer escorregar». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *cỹ*, «resvalar, escorregar», *húú*, «lodo, fézes, borra», com o suffixo *mo* (breve), para dar a fórma de supino.

Allusivo a ser encachoeirado, e a ter tanto lodo no leito que este se torna escorregadio.

Piragibú.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: nos municipios de S. Roque e de Sorocaba.

Piragibú, corruptéla de *Pi-rá-igi-ibiỹ*, «leito desigual, granitico, gretado». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *igi*, «duro, forte», *ibiỹ*, «concavidade, abertura, greta, ôco». Contrahido em *Pi-rá-ig'-ibiỹ*.

Allusivo a ter saltos, cascatas, cachoeiras, poços e caldeirões.

A formação geologica da região, que este ribeirão atravessa, de schistos inclinados, mais ou menos metamorphisa-

dos, e grandes manchas de granito, presta-se a essas depressões e poços no leito, formando as aguas ahi fortes rodomoinhos, ou voltas espiraes.

Pirahanyra.—Morro, no municipio de Itanhaen.

Pirahanyra, corruptéla de *Pir-ha-iî-rò*, «ponta cortada, e em resvaladouro». De *pir*, infinitivo do verbo *apir*, «fazer ponta», exprimindo, por não ter caso, a acção do verbo, «ponta», *há*, «cortar», *iî*, «resvalar», *rò* (breve), «pôr-se». O primeiro *i* de *iî* tem som guttural.

Allusivo a não ter ponta, mas a ser em resvaladouro, sem chapada.

Pirahy.—Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda: nos municipios de Cabreúva e de Itú. Antes de fazer barra naquelle rio, é conhecido por *Pinhal*.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: no municipio de Redempção.

Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: entre os municipios de Iguape e de Itapecerica.

Não se trata, ainda, neste nome, de *pirá*, «peixe». O indigena não cogitava de peixe para denominação de rios e ribeirões, visto que seria uma especie de perissologia, vicio em que, por sua sciencia na maneira de nomear, não cahiria. Dizendo «rio de peixe», seria o mesmo que dizer «rio de agua»; ainda que é certo que ha rios escassos, ou mesmo baldos de peixe, e rios que, em certa estação do anno, seccam completamente, formando, uns e outros, casos anormaes, e portanto exigindo *nomes especiaes*, correspondentes a taes extraordinarios caracteristicos physicos. Quando o rio ou ribeirão abundava de peixe, o indigena usava da phrase *pirá-ri;* mas não era propriamente nome, senão sómente designação da qualidade piscosa desse curso d'agua. A palavra *ri* é posposição, aqui significando «com», e nenhuma relação tem com «rio» ou «agua».

Em geral, os rios ou ribeirões, denominados *pi-rá-i*, escripto corruptamente *Pirahy*, tomaram em portuguez o nome *Rio do Peixe*, no presupposto de ser essa a traducção de *Pi-ra-i!* Mas, em tupi, as palavras *i*, *ri*, ou *ti*, significando «agua» ou «rio», e entrando na composição de nomes, sempre os antecedem; salvo casos rarissimos em que, antepostas, degeneraria em synchyse e synizése, como por exemplo em *amâ-pytû-i*, «tempestade d'agua», ou, mais litteralmente traduzido, «nuvem negra de agua», em *amã-nd-i*, «agua chovediça», etc.

Com effeito, *Pi-ra-i* significa «fundo perseverantemente desigual». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado, alto e baixo», *i*, posposição para exprimir perseverança do facto.

Allusivo a altos e baixos no leito, por causa de pedras, ou areia, ou mesmo buracos.

Pirahitinga.—E' o mesmo rio, e tambem os ribeirões, que trazem o nome *Parahytinga*.

O nome *Piraitynga* é o verdadeiro. (Vide o nome *Parahytinga*).

Piraiquê.—Pequenos cursos d'agua em que ha fluxo e refluxo do mar, isto é, enchente e vasante.

Ha em todo o littoral desde o municipio de Ubatuba, no extremo-norte, até o de Cananéa, no extremo-sul.

Em alguns desses municipios, como Santos, Itanhaen, Iguape e Cananéa, a corruptéla usada é *Perequê*. Em outros, como Ubatuba, Caraguatatuba, S. Sebastião, e Villa Bella é *Piraquê*.

Piraiquê, isto é, *Pi-rá-iquê*, «entrada do peixe». De *pirá*, «peixe», *iquê*, «entrada».

Um dos meios de pescar, usados pelos indigenas, era o *cacári*, tapagem feita com o *pari*. Ao encher a maré, os peixes sóbem os rios e ribeirões; mas, na vasante, o *cacári*, impedindo-os de descer, realiza o fim de sua applicação.

(Vide o nome *Pari*).

Pirajú.—A villa cujo nome era *Tijuco Preto*.

(Vide o nome *Tijuco Preto*).

A mudança não tem justificativa na tradição.

Pirajú.—Estreito e salto no rio *Paranapanema:* um kilometro abaixo da villa *Tijuco Preto*, hoje *Pirajú*.

Pirajú, ou *Pi-ra-yû*, «fundo nivelado, estreitado». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *yû*, «garganta, estreito».

Allusivo a estreitar-se excessivamente ahi o rio, entre paredões a pique; e, nesse estreito, desnivelar-se o leito, para formar um salto de dous metros de altura, além da cachoeira.

Pirajuçára.—Affluente do rio *Pinheiros*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santo Amaro e de Cotia.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Jacarehy.

Pirajuçára, ou *Pi-rá-yû-çára*, «fundo desigual, formando gargantas». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *yûr*, «fazer garganta, estreitar-se», levado ao participio pelo accrescimo de *çára*, por acabar em *r*, conforme a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica.*

O significado de *Pirajuçára*, que dá MARTIUS, *Gloss. Ling. Bras.*, «peixe que causa comichões», é simplesmente uma invenção.

O nome *Pi-rá-yû-çára*, que têm esse e outros ribeirões, é allusivo a terem cachoeiras, e estreitarem-se entre margens altas em varios logares

Pirambóia.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem esquerda: no municipio de Botucatú.

Por atravessar este pequeno curso d'agua, a estrada de ferro Sorocabana tem ahi uma estação com o nome *Pirambóia.*

Pirambóia, corruptéla de *Pi-rõ-mbohiî*, «fundo revolto, e pouco corrente». De *pi*, «centro, fundo», *rõ*, «revolver», *mbohiî*, «pesado, tardo por ter carga».

Allusivo á sua lentidão no curso, e aos rodomoinhos no leito.

Piranga.—Affluente do ribeirão *Quilombo*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape. A affluencia é 600 metros, mais ou menos, antes que o *Quilombo* faça barra no rio *Juquiá.*

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iguape. E' mesmo proximo á cidade.

Rio, que desagua no braço de mar por detraz da villa de Cananéa, depois de reunir-se com o *Piranguinha*, fazendo uma só barra.

O nome *Piranguinha* é um diminutivo aportuguezado.

Piranga, contracção de *Pi-rá-ã-nga*, «leito desigual e empinado». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, desnivelado», *ã*, «empinar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a saltos e cachoeiras, e a ser ingreme ou empinado.

O affluente do *Quilombo*, cuja extensão é de mais de cem kilometros, é encachoeirado e tem saltos notabilissimos nos primeiros setenta kilometros. Variam muito, quer a largura, quer a fundura deste ribeirão. São ahi os saltos sobre os quaes se despenham os affluentes *Temivel* e *Travessão;* bem como uma cascata extensa e lindissima, que acaba em um salto a prumo, cuja altura é de cerca de 40 metros.

Os saltos de *Piranguinha* são tambem notabilissimos; e os ha de 3 a 10 metros de altura.

O *Piranga*, companheiro do *Piranguinha*, é mais encachoeirado, porém poucos e pequenos são os saltos.

O *Piranga*, proximo á cidade de Iguape, nasce dos morros que ficam por detraz desta; desce por barrocas, formando cachoeiras.

Pirapitanguy.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Pindamonhangaba e de Guaratinguetá.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem direita: no municipio de Mogy-mirim.

Outros escrevem, com mais exactidão, *Pirapetingui.*

Pirapitanguy, corruptéla de *Pi-rá-pytỹ-ng-i*, «leito desigual, e perseverantemente apertado». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *pytỹ*, «apertar», com o suffixo *ng* (breve), para formar supino, *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a ter saltos e cachoeiras no leito, e a correr perseverantemente apertado, entre margens altas.

Não é, pois, «rio de peixe vermelho», como o escreveu MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.*

Pirapitinga.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

(Vide o nome *Peprapetinga*).

Affluente do ribeirão *Pary*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Pirapitinga, corruptéla de *Pi-rá-pỹtỹ-nga*, «leito desigual e apertado». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *pỹtỹ*, «apertar, afogar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a saltos e cachoeiras, correndo sempre entre barrancas altas.

Piratininga.—Nome antigo da povoação, que depois foi mudado em *S. Paulo*, e é hoje a cidade-capital deste nome.

O nome *Piratininga* é derivado do do affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: tambem conhecido pelo nome *Tamanduatehy*.

(Vide o nome *Tamanduatehy*).

Com effeito, em escripturas antigas é mencionado o rio *Piratininga;* e em outras, do mesmo tempo, o rio *Tamanduatehy*.

O rio, portanto, tinha esses dous nomes; e é facil explicar esse facto, sendo sabido que esta região foi disputada por mais de uma nação indigena, e cada qual, para exprimir o signal da conquista, mudava aos logares os nomes anteriormente dados pela nação vencida, *sem que todavia* a esta deixassem de *ficar* [illegible] *embrança*.

Quando Martim Affonso de Souza aportou á *Bertioga*, em 1531, encontrou no littoral até *Ararapira* a nação *tupi*, a qual sem duvida havia vencido a nação *guayanáz* ou *goiá-ná*, que ahi e em serra acima dominava. E, se em 1531 não fossem da nação *tupi* os dominadores de *Piratininga*, os de *Bertioga* não lhes teriam mandado aviso afim de que acudissem com as precisas providencias; e de *Piratininga*, desceram Tibiriçá e João Ramalho, acompanhados de centenas de indigenas, para fazerem o reconhecimento.

Em uma *Informação*, existente na bibliotheca de Evora, em Portugal, e attribuida ao padre JOSÉ DE ANCHIETA, que então era o provincial do Brazil, foi escripta a seguinte noticia: «Na (capitania) de S. Vicente, que é de Martim Affonso de Souza, á qual elle mesmo foi ter com a armada, depois de haver nella alguns poucos e antigos moradores, e accrescentou muito, houve capitães, ordinariamente, assim como nas mais capitanias, postos pelos senhores; nunca nella houve guerras com os Indios naturaes que se chamam *Tupis*, que sempre foram amigos dos portuguezes, salvo no anno 1562, que uns poucos do sertão por sua maldade (ficando a maior parte amiga como d'antes) deram guerra a *Piratininga*, villa de S. Paulo...». Nesta *Informação* são declaradas as nações de indigenas, predominantes em cada capitania.

Em 1559, escrevia a Thomé de Souza, governador da Bahia, o padre MANOEL DA NOBREGA: «O anno passado me escreveram que vieram os Castelhanos a vingar a morte de alguns Christãos e indios Carijós, que os *Tupis* de S. Vicente haviam morto, havendo o capitão do Paraguay feito pazes entre os Tupis e Carijós, que não lhe cumpriram, pelo qual vieram Castelhanos e Carijós a vingar isto e foi a mortandade tanta que fizeram nos Tupis que *despovoaram o rio Grande*, e vinham fugindo *para o mar de S. Vicente*, com medo dos Castelhanos». Este «rio Grande» é o rio Tieté, cujo significado é esse.

A villa *Piratininga* não estava ainda então installada, pois que só foi em 1560. E, a este respeito, vale a pena transcrever o que, na mesma já citada *Informação*, o padre José de Anchieta dizia: «No anno de 1554, mudou o padre Manoel da Nobrega os filhos dos Indios ao campo, a uma povoação nova chamada *Piratininga*, que os Indios faziam, por ordem do mesmo Padre, para receberem a fé».

Tudo isso prova quão falsa é a narração que, sob a data de 22 de Janeiro de 1552, foi enxertada no *Diario de Navegação* de Pero Lopes de Souza, com referencia á fundação da villa *Piratininga* em tal época (1532), como demonstrei, por outras razões, no folheto —«A Capitania de S. Vicente»—S. Paulo, 1887.

A primeira missa foi dita na igreja do Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, em 25 de Janeiro de 1554.

Assim demonstrado que, não os *guayanaxes*, mas os *tupis*, eram os dominadores em *Piratininga*, e que portanto Piqueroby e Tibiriçá eram desta nação, e não daquella, ao inverso do que tem sido escripto e que eu mesmo reproduzi na obra *Algumas Notas Genealogicas*, pelo que ouvira e lêra, volto á questão do rio *Piratininga*.

Frei Gaspar da Madre de Deus, nas *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, affirma que o *Tamanduatehy* é o *Piratininga* dos antigos.

Em documento de 1560-1570, foi escripto indifferentemente *Pyratyny* e *Piratininga*.

Os campos de *Piratininga* se entendem os que estão ao longo da margem esquerda desse rio; e a villa de S. Paulo foi fundada na extremidade fechada pelo rio *Tieté* e sua varzea.

Piratininga, corruptéla de *Pi-ra-tinỹnga*, «sinuoso e leito desigual». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *tinỹ*, ou mesmo *tenỹ*, «fazer voltas, enrodilhar, ser sinuoso», com a *particula nga (breve)*, para formar *supino*.

Allusivo a ter o leito com altos e baixos, buracos e poços, derramando-se tambem, ora á direita, ora á esquerda; e a fazer innumeras voltas em seu curso.

Não se trata, portanto, de *pirá-tynĩnga*, «peixe secco»; embora o som seja quasi identico. O indigena era muito intelligente, para não cogitar de tal denominação para rio ou para campo. Mas a verdade é que, quando ignorava a lingua tupi, tambem acreditei nessa e em outras tolices attribuidas aos indigenas.

Pirapóra.—Nome antigo da actual cidade do Tieté. Mas, tinha um accrescimo, *Pirapóra de Curuçá*.

(Vide o nome *Curuçá*).

Pirapóra.—Cachoeira e salto no rio *Tieté*: no municipio de Parnahyba.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Tieté.

Affluente do rio *Sarapuhy*, pela margem direita: no municipio de Piedade, e entre os de Sorocaba e de Campo Largo. A' margem deste ribeirão está a villa da Piedade.

(Vide o nome *Piedade*).

Pi-rá-pór-a, «fundo desigual, e salto». De *pi*, «fundo, centro», *rá*, «desigual, desnivelado», *pór*, «salto», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo á cachoeira precedendo salto, naquelle logar do rio *Tieté*. Com effeito, na cachoeira, ha um simples desnivelamento de cerca de $0^m,60$ para a extensão de 100^m; e é o que denominam abusivamente hoje *Pirapóra-mirim*. O salto, porém, é de 3^m para 400^m, em varias quédas; e a principal tem $1^m,60$ para 60^m. E' imponente.

Já se vê, pois, que não se trata de «salto de peixe», que seria um dislate, no systema de denominação adoptado pelos indigenas. Não ha cachoeira e salto, em que, no tempo proprio, os peixes, descendo os rios e ribeirões, não saltem.

Pi-rá-pó-ra, nome dos affluentes dos rios Tieté e Sarapuhy, é tambem allu-

sivo a cachoeiras e saltos naquelles ribeirões, cujas barrancas os têm como encachados.

No logar supra mencionado, cachoeira e salto, no municipio de Parnahyba, ha uma capella do Senhor Bom Jesus, cuja imagem tem a devoção de toda a provincia de S. Paulo, e de localidades de outras. A festa é nos primeiros dias de Agosto; e para alli afflúem individuos e familias, que vêm de longe.

Ha, outrosim, um affluente do rio *Bacuruvú*, pela margem direita: nos municipios de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes.

Ha tambem um pequeno ribeiro, affluente do ribeirão dos *Meninos*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo. E' conhecido por *Piraporinha*.

Pirapóra.—Morro, entre os municipios de Campinas e de Itatiba.

Morro, entre os municipios de Conceição dos Guarulhos e de Nazareth.

Pirapóra, isto é, *Pi-rá-pór-a*, «centro alto», *pór-a*, para exprimir «conter».

E' traduzido litteralmente «contém centro levantado».

Allusivo a serem morros com um pico no centro.

Piraquama.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Pindamonhangaba e de Taubaté.

O nome deste ribeirão apparece escripto nas leis de divisas daquelles dous municipios *Piracoama*.

Já li tambem *Paraquama*.

Seja como fôr, qualquer desses modos de escrever o nome do ribeirão é corruptéla de *Pi-rá-áqûá-mã*, contrahido em *Pi-rá-'quá-mã*, «leito desigual, e voltas esquinadas». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *áqûá*, «esquinar», *mã*, «voltas», com pronuncia breve e corrida esta ultima palavra, por prevalecer o accento de *á* em *rá* e em *áqûá*.

Nasce na serra Mantiqueira; e dahi *desce com saltos* e cachoeiras, e fazendo *voltas esquinadas.*

Pirassununga. — Cidade, distante nove kilometros da margem esquerda do rio *Mogy-guassú*.

Tirou o nome da grande e extensa cachoeira naquelle rio, apezar daquella referida distancia. Esta cachoeira tem quéda ou salto.

E' engraçado o significado que do nome *Pirassununga* deu Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario:* «peixe que morde»! Simplesmente uma tolice, attribuida ao sabio indigena.

Tenho ouvido a muitos que significa «barulho de peixe»; porque, na cachoeira, os peixes, quando descem da desóva, agglomeram-se e brigam disputando-se uns aos outros o *canal*, e soltando pequenos gritos, cujo som geral ou reunido é realmente um barulho. Mas, isso não tem explicação com referencia á cachoeira; e o significado «barulho de peixe» corresponderia sómente á *pirá-çunũ*, permanecendo no infinitivo sem caso este verbo *çunũ*. Ora, *çunũ-nga* é supino.

Pirassununga é corruptéla de *Pi-rá-çunũ-nga*, «leito desigual, e ruidoso». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *çunũ*, «fazer ruido», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser esse um logar encachoeirado e com quéda ou salto; fazendo as aguas, ao descerem, grande ruido.

Nada tem esse nome com peixe; ainda que é certo abundar muito a pescaria nessa cachoeira. O indigena não cogitou disso.

Com o nome *Piracinunga* ha um affluente do rio *Juqueryquerê*, no municipio de S. Sebastião.

(Vide o nome *Piracinunga*).

Pirátaráca.—Cachoeira, no rio *Sorocaba*, ao atravessar este rio o intervallo existente na serra *S. Francisco:* entre os municipios de Sorocaba e de Piedade.

Precede ao grande salto *Itúparananga*.

Pirátaráca, corruptéla de *Pi-rá-ati-aráquaî*, contrahido em Pi-r'-at'-aráquaî, «leito desnivelado, montão estreitado».

De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *ati*, «montão, cousa levantada», *aráquaî*, «estreitar, fazer cintura».

Allusivo a estreitar-se ahi o rio entre paredões a pique, logo abaixo da cachoeira, depois de ter esta formado um dique granitico.

Já li que este nome significa «estalo de peixe». Que despropósito!

Piratiruca.—Cachoeira, no rio *Tietê*: abaixo do saltete *Ytúpanema*.

Piratirúca, corruptéla de *Pi-rá-ti-rug-ca*, «leito desigual e apertado, ruidoso». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, desigual, não nivelado», *ti*, «apertar», *rúg*, «fazer estrondo», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo ao desnivelamento do leito nesse logar, entre paredões que estreitam o rio, e fazendo estrondo as aguas revoltas, ao descerem sobre as pedras.

Pirayquê.—Affluente do rio *Paraná*, pela margem esquerda; acima da fóz do rio *Paranapanema*.

Nasce na *Serra do Diabo*, na face norte.

Pirayquê, corruptéla de *Pyrỹ-iquê*, «lados a pique». De *pyrỹ*, «a pique», *iquê*, «lado».

Allusivo ás suas margens em fórma de paredões a pique.

Pires.—Affluente do *Ribeirão Grande*, pela margem direita, e este—affluente do *Rio Grande*, pela margem direita, no municipio de S. Paulo.

E' assim denominado, porque ahi estabeleceu-se Salvador Pires, o portuguez. Conforme narra PEDRO TAQUES, este Salvador Pires, pae do outro, de egual nome, mas já nascido no Brasil, fez estabelecimento no districto da villa de Santo André da Borda do Campo, fundada por João Ramalho, onde obtivera meia legua de terras.

(Vide o nome *Santo André*).

O pae de Salvador Pires foi juiz ordinario desta villa em 1553 e 1554. Era João Pires—o *gago*.

Deste ribeirão *Pires* tiraram o nome *para a estação da estrada de ferro*, entre a do Pilar e a do Rio Grande, na linha de S. Paulo a Santos.

Piripiri.—Confluente do ribeirão *Piririçára*; os quaes, reunindo-se, afflúem no rio dos *Pinheiros*, pela margem esquerda: no municipio de Cotia

Piri-piri, «ambas as margens a pique». De *piri*, «a pique, a prumo», repetido para exprimir o facto em ambas as margens.

Allusivo a correr entre barrancas altas e a prumo.

Piririca.—Corredeira, no rio *Ribeira de Iguape*.

Pỹrỹri-ca, «ligeiro». De *pỹrỹri*, «ser ligeiro, ligeireza», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Piririçara.—Confluente do ribeirão *Piripiri*; os quaes, reunindo-se, afflúem no rio dos *Pinheiros*, pela margem esquerda: no municipio de Cotia.

Pỹrỹri-çára, «ligeiro». De *pyryri*, «ser ligeiro, ligeireza», *çára*, o mesmo que *ára*, particula de participio formado com *ç* por acabar em vogal o verbo, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Pirituba.—Affluente do rio *Tietê*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

Não é o mesmo nome do *Peritúba*, affluente do rio *Taquary*.

(Vide o nome *Peritúba*).

Piritúba é corruptéla de *Piri-túî-bae*, «um pouco alagado». De *piri*, «um pouco, pouco», *túî*, «fazer bojo, derramar-se», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a soffrer a resistencia das aguas do rio *Tietê*: pelo que suas aguas reflúem, e derramam-se, transbordando, e formando banhado.

Neste logar, ha granito, de aspecto porphyroide, com grandes crystaes de feldspatho de 2 a 3 centimetros de comprimento: com abundancia de magnelita e epidoto. No granitico, em que o feldspatho fórma a maior parte da massa,

sua decomposição produz um barro branco ou kaolim.

Piroupáva.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Piroupáva, corruptéla *Pi-rúú-inpába*, «leito encharcado e lodoso». De *pi*, «centro, fundo», *rúú*, o mesmo que *húú*, «lodo, lama, borra, fézes, detritos, etc.», *inpaba*, «alagado, encharcado, lagôa».

Allusivo a correr em terra baixa e charcosa, com o leito accumulado de detritos vegetaes, formando lodo espesso.

E' navegavel mesmo por pequenos vapores.

Pirucáia.—(Vide o nome *Perucáia*).

Piruleiras.—Um dos morros que formam os contrafortes da serra *Bocaîna*: no municipio de Jacarehy.

Piruleiras, corrupção de *Pyri-hêrà*, «um pouco a pique». De *pyri*, «a pique, a prumo», *hêrà*, «um pouco».

Allusivo a ser alcantilado, porém em resvaladouro.

Pissarrão. — Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: nos municipios de Casa Branca e de Santa Cruz das Palmeiras.

Pissarrão, corruptéla de *Pi-çáî-rõ*, «leito esparzido». De *pi*, «centro, fundo», *çáî*, «esparzir, estender», *rõ*, particula que significa «pôr-se, estar».

Allusivo a correr em valle sem barrancas; de sorte que, com as enchentes, as aguas alagam as margens.

Pitangueiras.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Espirito Santo de Barretos.

Pitangueiras, corruptéla de *Pỹtỹ-nguêra*, «apertado». De *pỹtỹ*, «apertar, afogar», *nguêra*, o mesmo que *cuêra*, particula de participio passado, em fórma nasal por causa do *ỹ* do verbo.

Allusivo a correr entre montes, e sem valle.

Nada tem com pitanga, fructa indigena, *conhecida na* sciencia pelo nome *plinia rubra*, da familia das Myrtaceas.

Piú.—Morro, no municipio de Iguape: proximo á cidade do mesmo nome.

Piú corruptéla de *Pi-iî*, «escorregadio». De *pi*, «pé», *iî*, «resvalar».

O primeiro *i* de *iî*, tem o som guttural, segundo a lição dos grammaticos.

Allusivo a ser limoso.

Poá.—Logar de apartamento de caminhos; servindo agora de estação da estrada de ferro «São Paulo e Rio de Janeiro», pela qual se faz a exportação e importação da freguezia de Itaquaquecetuba: no municipio de Mogy das Cruzes.

Poá, corruptéla de *Piâ*, «apartamento de caminho». O *i* tem som guttural.

Os indigenas, para designarem «encruzilhada», dizem *pe-a-çáî-pá;* mas, sendo simples desvio ou galhos de caminho, como era esse da estrada de Mogy das Cruzes para Itaquaquecetuba ou para *Guayaó*, a palavra é *piâ*.

Em falta de caminho aberto, não é essa a palavra; mas *ib-apá-á*, «ramo torcido e quebrado», correspondente ao costume de, quando atravessam mattos e montes, torcerem e quebrarem ramos de arvores, a fim de deixarem signaes para a volta, ou para que outros mais atrazados saibam a direcção tomada. Aquella phrase *ib-apá-á* é usada em abreviatura: *pá-á*. Tambem dizem *api-á*, «torcer e quebrar».

Pocinho.—Logar do rio *Parahyba*, no municipio de Lorena.

Pocinho, corruptéla de *Po-cỹ*, «resvaloso». De *po*, para exprimir habito ou qualidade natural, *cỹ*, «resvalar».

A particula *po* é apócope de *poró*.

Allusivo a ter o rio, nessa região, margens lamacentas e o leito lodoso.

Pombéva.—Ilhas, pertencentes uma ao municipio de Iguape, e outra ao de Santos.

Pombéva, corruptéla de *Páũ-mbé-bae*, «ilha chata». De *páũ*, «ilha», *mbé*, o mesmo que *pé*, «chata, plana», *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é».

Sem prestimo; alagadas pelas grandes marés.

Pombo.—Affluente do ribeirão *Figueira*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jahú e de Dous Corregos.

Pombo, corruptéla de *Pómbó*, «arrojado». E' o verbo *mombó*, cujo *m* é mudado em *p*, por não ser antecedido de alguma palavra. Sôa *pómbo*, porque o accento do primeiro *o* torna quasi corrido o som do segundo *o*.

Allusivo a ser despenhado da serra.

Ponte do Tieté (Nossa Senhora dos Remedios da).—Freguezia pertencente ao municipio de Botucatú; á margem direita do rio *Tieté*.

Ponundúva.—(Vide o nome *Penundúva*).

Porcos.—Ilha no oceano: pertencente ao municipio de Ubatuba.

E' grande: constitúe uma freguezia, ainda porém não provida canonicamente.

Porcos, corrupção de *Pó-quâ*, «pontuda». De *pó*, apócope de *poró*, para exprimir que contém o que o verbo indica, *quâ*, infinitivo de *áquâ*, sem caso, e portanto significando a acção geral do verbo «ponta».

Allusivo a ter dous morros altos, um maior, outro menor, em cada uma das extremidades; isto é, um morro em cada extremidade.

Porcos—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: entre os municipios de S. João de Boa Vista, de Espirito Santo do Pinhal e de Mogy-mirim.

Porcos, corrupção de *Pó-quâ*, «empoçado». De *pó*, apócope de *poró*, para exprimir peculiaridade da acção do verbo, e tambem excesso, superlativo, habito, extensão, *quâ*, «empoçar, formar poços, fójos, buracos».

Allusivo á natureza geologica do terreno em que corre, formando poços.

Portão.—Lagôa, no municipio de *Mogy-guassú*.

Portão, corruptéla de *Paã-atã*, «atoleiro duro». De *paã*, «atoleiro», *atã*, aphéresis de *tatã*, «duro, espesso».

Allusivo a ter no leito lodaçal pegajoso.

Porto Feliz.—Cidade, á margem direita do rio *Tieté*.

Os indigenas, incontestavelmente mais intelligentes do que os seus suppostos civilisadores, denominaram esse logar, com a sciencia que elles possuiam, *Ararytaguaba*. (Vide o nome *Ararytaguaba*).

Porúba.—Serra e rio, no municipio de Ubatuba.

Segundo o costume dos indigenas, davam a logares varios na mesma região nomes com som identico ou quasi identico, mas com significados diversos.

Porúba, nome da serra, é *Poró-iib-a*, contrahido em *Por'-iib-a*, «arrimo ou contra-forte». De *poró*, para exprimir como particularidade o que o verbo indica, *iib*, «arrimar, sustentar, especar, haste, mastro, cabo de ferramenta, encabeçar» com *a* (breve), por acabar em consoante. Quando ha dous *ii* no fim da palavra, o primeiro é guttural.

Poruba, nome do rio, é *Pó-rúb-a*, «tem saltos». De *pór*, «salto», perdendo o *r* por causa da palavra que se segue, e que por *r* começa, *rub*, «conter em si», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

O nome da serra é allusivo ás grandes cachoeiras, que o formam naquella serra, com quédas ou saltos.

Este rio é muito corrente; e, quando ha grandes chuvas, transborda no logar denominado *Pedras-azúes*, e esse excesso de agua, cahindo da serra, fórma o rio *Quiriri*, «rio de chuva», o qual é muito profundo, mas sem correnteza alguma, salvo naquella occasião de chuvas, e mais em baixo por effeito do fluxo e refluxo da maré: por não ter nascente e correnteza é considerado *rio-morto*.

O *Quiriri* entra no *Poruba*, proximo á fóz deste: de sorte que ha uma só barra.

Poruty.—Rio, que nasce na serra *Cubatão* e desagua no laga-mar de Santos: no municipio de Santos.

Poruty, corruptéla de *Pór-iti*, «arrojado aos saltos». De *pór*, «salto», *iti*, «arrojar».

Potim.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Branca, de Jacarehy e de Mogy das Cruzes, aos quaes serve de divisa.

As Leis que regulam essas divisas trazem o nome *Putehy*.

Potim, ou *Putehy*, são corruptélas de *Poti*, «sujo».

Allusivo a ter no leito muito capim *caá-aruçú-hób-a*, contrahido em *caá-'ruç'-hób-a*, e corrompido em *caroçóva*, «herva de folha larga»; e este capim vive submergido na agua.

A razão da corruptéla em *Potim*, foi porque ha neste ribeirão muito camarão, *potĩ*.

E' notavel o modo como os indigenas colhem neste ribeirão o camarão: correm a peneira sobre aquelle capim, e os mariscos saltam dentro desta.

Potribú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Roque.

Alguns dão tambem este nome a um morro escalvado no cume, ladeado por aquelle ribeirão. (Vide o nome *Apotribú*).

Potundúva.—Cachoeira, no rio *Tieté*: abaixo da fóz do ribeirão *Lençóes*.

Já li tambem *Potenduva*.

Potundúva, corruptéla de *Po-ty-ndubae*, «salto, arrecife, ruidoso». De *pó*, «salto», *tỹ*, «arrecifes», *ndú*, «fazer ruido, estrondar», *bae* (breve), particula de participio, significando «o que é». (*)

Allusivo a ter o rio nesse logar arrecifes e salto, fazendo as aguas na quéda grande estrondo.

(*) Em avulso:

—O dr. Lacerda e Almeida, no seu *Diario de viagem nos annos de 1780 a 1790*, diz que «*Potunduva* ou *Putundiva* significa logar onde escurece a vista por ser este um estirão grande do rio, que com a vista se não alcança». *Seria então corruptéla de pỹtundubae*, isto é, *pỹtu*, «noite, *escuridão, escuro*», *ndú*, significando «muito», e *bae*, *significando «o que é»*; *mas*, evidentemente é forçada esta *explicação*.

Potuverá.—(Vide o nome *Botuverá*).

Pouso Alto.—Serra, no municipio de Iguape. E' divisoria das aguas que vertem para o rio *S. Lourenço* e para o rio *Una d'Aldêa*.

Pouso Alto, corrupção de *Hocè-hâi-ta*, «altissima, e dentada». De *hocè*, «sobrepujar, ser altissima», *hâi*, «dentar, dente» com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a sobrepujar em altura as serras em redor; e a ser formada por uma série de *morros*, ponteagudos, semelhando cousa dentada.

Essa serra tem paredões a pique por encostas; e destas encostas nascem rios e ribeirões caudalosos, com saltos, cascatas e cataractas.

Prainha.—Povoação-freguezia, no municipio de Iguape.

Confina com a freguezia de Juquiá.

Prata.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Belém do Descalvado. A' margem direita deste corrego está a cidade de Belém do Descalvado.

Affluente do ribeirão *Cocaes*, e este do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: nos municipios de S. João da Boa Vista e de Casa Branca.

Affluente do ribeirão *Batataes*, pela margem esquerda: no municipio de Batataes.

Affluente do rio *Turvo*, pela margem direita: no municipio de Barretos.

Affluente do ribeirão *Cubatão*, pela margem esquerda: no municipio de Mocóca.

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: entre os municipios de Mocóca e de Cajurú.

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de S. Simão.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Lençóes. E' tambem conhecido por *Patos*.

(Vide o nome *Patos*).

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Baryry, anteriormente Sapé do Juhú.

Pequeno rio que, nascendo na serra *Cadeado*, reune-se ao denominado *das Minas*, e desagua no *Mar Pequeno:* no municipio de Cananéa.

Primeira parte do rio *Jahú*, quando este atravessa o municipio de Dous Corregos.

(Vide o nome *Jahú*).

Segunda cachoeira, das que formam o rio *Brajahimirindúba:*. no municipio de Ubatuba.

Ribeirão, que do lado occidental da cidade de Bananal, precipita-se do alto da serra, mais ou menos 200 metros, descendo em cascata.

Prata, corruptéla de *Páî-ta*, «dependurado». De *páî*, «dependurado», com o suffixo *ta* (breve, para formar supino.

Allusivo a correrem suas aguas em cascata e em cachoeiras como que dependuradas. O leito é ingreme ou empinado.

Prejú.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Prejú, corrupção de *Piieré-yiî*, «derramado e resvaladío». De *piieré*, «derramar», *yiî*, soando *jú*, e que não é mais do que o verbo *iî*, «resvalar, escorregar», precedido de *y*, relativo.

Allusivo a fazer bojo, por não ter força bastante para penetrar no rio *Tieté;* de sorte que, quasi paradas as aguas, o lodo torna escorregadío o leito.

Preto (Rio).—Uma das cabeceiras do rio *Botoróca:* no municipio de S. Vicente.

Rio que nasce na serra *Itariry*, e, depois de passar pelo *Porto Grande*, desagua no oceano: no municipio de Itanhaen. Tem, ao descer a serra, enormes e bellissimas cachoeiras.

Affluente do rio *Peruhybe*, pela margem direita: no municipio de Itanhaen.

Cabeceira do rio *Piroupava:* no municipio de Iguape. Fórma uma forquilha com o *Branco*, que é a outra cabeceira.

Affluente do rio *Una d'Aldêa*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Affluente do ribeirão *Piranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape. Nasce nas serras divisorias com o municipio de Itapetininga. E' este que alguns, por erro, dão como affluente do rio *Juquiá*.

Affluente do rio *Turvo*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal. E' á margem esquerda deste *Preto* que está situada a povoação-freguezia de S. José do Rio Preto, pertencente ao municipio de Jaboticabal.

Affluente do ribeirão *Sapucahy-mirim*, pela margem direita: no municipio de S. Bento de Sapucahy-mirim.

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de Ribeirão Preto. A cidade de Ribeirão Preto foi denominada *Entre Rios*, por estar situada entre este ribeirão e o denominado *Retiro;* mas voltou a ter a verdadeira denominação, que é a actual.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Taubaté e de Caçapava. E' um corrego; mas, quando chove, alaga tanto que não dá passagem.

Affluente do ribeirão *Verde*, pela margem esquerda: no municipio de S. João da Boa Vista. Este ribeirão *Verde* corre, em sua mór parte, na provincia de Minas Geraes.

Preto, corrupção de *Pi-iêrè-etei*, contrahido em *Piiêrè-'teî*, «muito derramado». De *piiêrè*, «derramar», *eteî*, para exprimir superlativo.

Allusivo a transbordar, formando alagadiços, no tempo das chuvas.

A pronuncia de *piiêrè*, sendo breve e corrida nas duas primeiras syllabas, e soando imperfeitamente ao ouvido dos portuguezes, produz *p'''rè-'tei:*—dahi a corrupção. Corrupção esta mais justificada quanto o fundo dos rios, ribeirões e corregos, que alagam as margens, é sempre sujo de lodo, borra e fézes.

Pricoapé.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Pricoapé, corrupção de *Piri-gu-apé*, «um pouco plano». De *piri*, «um pouco», *apé* «plano», precedido de *gu*, reciproco.

Allusivo a correr em terra baixa: e, por isso, o escoamento é lento, e o leito é limoso.

Pucuy. — Rio, que nasce na serra maritima e desagua no braço de mar *Bertioga:* no municipio de Santos.

Pucuy, corruptéla de *Po-cui*, «arenoso». De *po*, apócope de *poró*, para exprimir que contém o que a palavra seguinte designa, *cuí*, «arêa, pó, farinha».

Pulador.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Botucatú.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no municipio de S. Simão.

Pulador, corruptéla de *Pór-a-tórẽ*, «saltos e tortuosidades». De *pór*, «salto», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *tórẽ*, «tortuosidade, volta e revolta, sinuosidade». A ultima syllaba de *tórẽ* é pronunciada breve, porque o accento predominante está em *tó*.

Allusivo a descer aos saltos, pois que sua altitude nas cabeceiras é de 720 metros; mas não é muito corrente, como deveria ser, por causa de ser muito sinuoso, atravessando os campos altos que o marginam em grande extensão.

Este pequeno ribeirão corre entre os ribeirões *Turvinho*, á direita, e *Bosque* ou *Curujinha*, á esquerda.

Pussaúna.—Rio, que desagua no oceano, na praia de *Una:* no municipio de Iguape.

Este rio é celebre, porque, junto a elle, foi encontrada a imagem do Senhor Bom Jesus de Iguape.

(Vide o nome *Iguape*).

Pussaúna, corruptéla de *Pi-çáî-húú-n-a*, «leito esparzido e lodoso». De *pi*, «centro, fundo», *çáî*, «esparzir, estender», *húú-na*, «lodo, lama, borra, fézes, detritos, etc.», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a derramar-se em alagadiço; e formar limo ou lodo nessas aguas quasi paradas, quer no leito, quer ás margens.

Q

Quatinga.—Affluente do rio *Aguapehú*, pela margem direita: no municipio de Itanhaen.

Quatinga, corruptéla de *Quỹtĩ-nga*, «cortado». E' o supino do verbo *quỹtĩ*, «cortar», com o suffixo *nga* (breve). O *ỹ* tem som guttural.

Allusivo a passar em certa extensão sob pedras.

Quebra-canélla.—Affluente do rio *Jacaré-pipira-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de S. Carlos do Pinhal.

Quebra-canélla, corrupção de *Iquê-bir-áquâ-né*, «margens altas e muito corrente». De *iquê*, «lado, costado», *bir*, «levantar, alto», *áquâ*, «correr» *né*, adverbio affirmativo, exprimindo tambem superlativo. Este *né* póde ser tambem breve, conforme o caso.

Allusivo a correr veloz, entre barrancas a prumo.

Por correr veloz, foi acceita a corrupção *Quebra-canélla*.

Quebra-cangalha.—Serra, que divide as aguas do rio *Parahyba* e as do *Parahytinga* e dos seus affluentes: ao sul dos municipios de Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Lorena e ao norte dos municipios de S. Luiz de Parahytinga, Lagoinha e Cunha.

Quebra-cangalha, corrupção de *Iquê-biraqú'-ã-ng-ába*, «encostas tesas e empinadas». De *iquê*, «costado, lado», *biraqúâ*, «teso», *ã*, «empinar», *ng*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *ã*, para formar com *ába* participio.

Allusivo a ser altissima e muito alcantilada.

Na corrupção houve a aphéresis do *i* de *iquê;* e mesmo os indigenas usam muito *iquê* sem o *i* inicial.

Neste nome, a corrupção é evidentissima: *Quê-biraqú'-ã-ng-ába*. Do som da palavra, e do facto de ser penoso para os animaes carregados a subida e a descida de tal serra, foi formado o nome *Quebra-cangalha*.

Quebra-cuia.—Serra, no municipio de Casa Branca.

Quebra-cúia, corrupção de *Iquê-biraqúa*, «encostas erectas». De *iquê*, «lado, costado», *biraqúa*, «teso, erecto».

Allusivo a ter ingremes as encostas.

Segundo o costume dos indigenas,—de darem a logares varios na mesma região nomes identicos no som, mas differentes no significado, o ribeirão, que nasce naquella serra e desagua no *Rio Pardo*, pela margem esquerda, traz tambem o nome *Quebra-cúia*.

O nome do ribeirão, porém, é corruptéla de *Iquê-bir-a-cúia*, «margens altas, e quédas». De *iquê*, «lado, costado», *bir*, «levantado, alto», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *cúî*, «cahir», com o accrescimo de *a* (breve), para formar o infinitivo, *cúî-a*.

Allusivo a descer encachoeirado, e de quéda em quéda, entre barrancas altas.

Queluz.—Cidade, cortada em duas partes pelo rio *Parahyba:* isto é, edificada nas duas margens deste rio.

O nome *Queluz* é portuguez: puro acto de bajulação para com o marquez de Queluz, de Portugal.

No valle do rio *Parahyba*, é o ultimo municipio visinhando com a provincia do Rio de Janeiro.

Junto á ponte da estrada de ferro, vê-se um salto que ahi faz o rio *Parahyba*.

Quilombo.—Praia, no municipio de S. Sebastião.

Quilombo, corruptéla de *Gui-rõ-mb-ỹi*, «concavo, e fundo revolto». De *gui*, para exprimir a parte inferior, *rõ*, «revolver», *mb*, intercalação por ser nasal a pronuncia da palavra anterior, *ỹi*, «concavidade, ôco, abertura, seio». Este *ỹi* é guttural; e pronunciado breve e corrido, porque em *rõ* está o accento predominante.

Allusivo a formar um sacco ou enseada, mas onde o mar revolve o fundo.

Quilombo.—Morro, no municipio de Nazareth.

Morro, no municipio de Cananéa.

Morro, no municipio de Santos.

Contra-forte da serra *Mantiqueira*, no municipio de S. Bento de Sapucahy-mirim.

Contra-forte da serra *Quebra-cangalha*, no municipio de Taubaté.

Serra, no municipio de Iguape.

Quilombo, corruptéla de *Gui-rõ-mb-ỹî*. «parte inferior revolvida e ôca». De *gui*, «parte inferior», *rõ*, «revolver», *mb*, intercalação por ser nasal a pronuncia de *rõ*, e para ligal-o a *ỹî*, «ôco, concavo, abertura, seio». Este *ỹi* é guttural, e tem pronuncia breve e corrida, por predominar o accento em *rõ*.

Allusivo a grutas e cavernas na parte inferior dessas montanhas.

O morro, no municipio de Nazareth, *tem uma gruta* que póde reunir mais de trinta pessoas. Mas, nos de Iguape e de Cananéa, as grutas são muito extensas e com compartimentos.

O do municipio de Santos é sómente cavernoso.

Sendo escondrijos essas grutas, o nome tupi é a etymologia da palavra corrupta *Quilombo*, cuja origem MORAES e outros lexicographos não explicaram.

Quilombo.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem direita: no municipio de Iguape. Nasce na serra *Quilombo*.

Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: entre os municipios de Iguape e de Xiririca.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no municipio de S. Luiz de Parahytinga.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: nos municipios de Sorocaba e de Tatuhy.

Affluente do rio *Jundiahy*, pela margem esquerda; no municipio de Jundiahy.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Santa Barbara.

Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: nos municipios de S. Carlos do Pinhal e de Belém do Descalvado.

Pequeno rio que nasce na serra *Cubatão* e desagua no laga-mar de Santos.

Quilombo, corruptéla de *Gui-rõ-mb-iî*, «fundo revolvido e sujo». De *gui*, «parte inferior», *rõ*, «revolver», *mb*, intercalação por causa da nasalidade da pronuncia de *rõ* e para ligal-o a *iî*, «sujo». Este *iî* é guttural, e pronunciado breve e corrido, por ser predominante *rõ*.

Allusivo a cachoeiras no leito; e a terem no fundo arvores, e detritos vegetaes, meio-carbonisados, de côr parda denegrida,—detritos estes que a sciencia denomina *lignites*, e que os indigenas denominam *tepoti*, «sujidade, de qualquer especie».

Quiriri.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Taubaté.

Pequeno braço do rio *Porúba*, no municipio de Ubatuba,

Quir-iri, «rio de chuva». De *quir*, «chuva», *iri* «rio».

Allusivo a serem formados e alimentados sómente por chuva.

(Vide o nome *Porúba*).

Não se trata, portanto, de *quiriri*, palavra onomatopaica, correspondente ao concerto em surdina de milhões de mosquitos; nem mesmo se refere o nome do corrego, no municipio de Taubaté, que alguns dizem *Quririm*, á palavra *quiriri*, «silencio, quietude, socego, paz, modestia».

Quitóca.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca.

E' o mesmo rio *Sete-barras*.

Quitóca, corruptéla de *Gu-ỹî-ta-ógca*, contrahido em *Gu-ỹî-t'ógca* «furos abertos naturalmente em communicação». De *gu*, reciproco, exprimindo communicação, *ỹî*, «abrir naturalmente», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino, *ógca*, infinitivo de *óg*, «furar», que, por não ter caso, significa a acção do verbo em geral, isto é, significa «furo».

Allusivo ás sete barras que este ribeirão tem no rio *Ribeira de Iguape*.

Já li este nome ainda mais incorrectamente escripto: *Quitóquo*.

E este ribeirão tambem é conhecido por *Forquilhas*, mas sem explicação possivel em tupi.

R

Rapidos de Santo Ignacio.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, acima da corredeira *Saran-Grande*.

E' da extensão de 21 kilometros: começa acima da barra do ribeirão *Santo Ignacio*, dous a tres kilometros, e acaba um pouco abaixo da barra do ribeirão *Pirapó*, um a dous kilometros: ambos estes ribeirões são na provincia do Paraná, porque afflúem no rio *Paranapanema* pela margem esquerda, já quasi á sua fóz.

A palavra *Rapidos* é tambem parte do nome corrupto.

Os Rapidos de Sant'Ignacio, é nome corrompido dessa extensissima parte do rio: *O-rá-páũ-ndi-atĩ-ndâhocè*, «desigual, de margem á margem, muitas ilhas, pontas, ingreme». De *o*, reciproco, para exprimir que os impedimentos são de uma á outra margem, *rá*, «desigual, não nivelado», *páũ*, «ilha», *ndi*, «muitas», *hatĩ*, «ponta», *âhocè*, o mesmo que *âocè*, *çocè*, *ocè*, «sobrepujar». O *h* aspirado de *hatĩ-n* sôa *ç*.

Allusivo ao forte declive que ahi existe, arrecifes e pontas graniticas no leito, lagedos que obstruem o rio, de uma á outra margem, formando verdadeiros diques ou travessões, e tornando por isso desigual o fundo em que as aguas correm em vertiginosa impetuosidade, dando quédas nos 24 successivos diques ou travessões que encontram, numerosas *ilhas de todos os* tamanhos, pois que *ahi o rio se alarga* muito até mais de mil metros: e de tudo isto resulta que o canal é tortuosissimo, conforme as aberturas e as profundidades nos diques ou travessões, e entre as ilhas e os rochedos; accrescendo a velocidade e o rodomoinho das aguas.

Rebojo.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, acima dos *Rapidos de Sant' Ignacio*.

Rebojo, corrupção de *Yérè-ibŷî*, «concavidades e rodomoinhos». De *yérè*, «volta», *ibŷî*, «concavidade, abertura natural, seio, ôco».

Allusivo a caldeirões ou buracos no leito do rio, dando causa aos rodomoinhos.

Ha muitas pedras nesta cachoeira; mas o canal é fundo: e desde a parte superior da cachoeira, apertado entre rochas, as aguas entram e descem revoltas nessas gargantas; e, em toda a extensão da cachoeira, ha tres quédas ou saltos, dos quaes o maior é conhecido por *Tombo do Meio*.

Acima da primeira quéda é que as aguas como que ficam represadas em um enorme e profundissimo poço, formando rodomoinhos e rebojo.

E' cachoeira perigosissima.

Redempção.—Villa; antiga freguezia de Santa Cruz do *Paiolinho*, pertencente ao municipio de Taubaté.

Remedios (N. S. dos) da Ponte do Tieté.—Povoação-freguezia, no municipio de Botucatú.

(Vide o nome *Ponte do Tieté*).

Remedios (N. S. dos).—Capella, no municipio de Jacarehy.

Remedios. — Affluente do ribeirão *Paraty*, pela margem direita: no municipio de Jacarehy.

Não é nome tupi. E' o *Cambará*.

(Vide o nome *Cambará*).

E' este ribeirão assim denominado hoje por causa da Capella acima referida. Sem duvida a Capella foi fundada alli, por causa das febres palustres que assolam o logar.

E' mais corrego que propriamente ribeirão.

Resgate.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Bananal.

Resgate, corrupção de *Ri-quâî-ta*, «rio cortado». De *ri*, «agua, rio», *quâî*, «cortar», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser cortado por salto. (*)

(*) Não será aqui a tal gruta descripta ou noticiada á pag. 300 do Relatorio da Commissão Central de Estatistica?

Ressáca.—Logares, em varios municipios.

Ressáca, corruptéla de *Ri-çá-quâ*, «poço, olho d'agua». De *ri*, «agua», *çá*, «olho», *quâ*, «poço, fojo, buraco».

Allusivo a serem logares esses, em que os viajantes têm a certeza de encontrar agua potavel, em fontes ou brotas.

A traducção «poço, olho d'agua» é litteral; mas, o povo tem a traducção livre «Olhos d'agua», nome pelo qual são conhecidos varios desses logares.

Ressáca.—Affluente do rio *Cotia*, pela margem direita: entre os municipios de Cotia e de Itapecerica.

Affluente do rio *Mogy-mirim*, pela *margem esquerda: no* municipio de Mo*y-mirim.*

Affluente de um ribeirão, denominado *Rio do Collegio*, pela margem direita; e aquelle ribeirão é affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Una.

Ressaca, corruptela da *Iriçá-quâ* «pequenino corrego». De *iriçá*, «ribeiro, corrego», *quâ*, «pequeno, cousinha». A aphéresis do *i*, para ficar simplesmente *ri*, é muito usada: *Riça-quâ*.

Allusivo a serem corregos muito extreitos e baixos.

Retiro.—Morro, no municipio de Bananal. Pertence á serra *Bocâina*.

Morro, no municipio de Iguape. Pertence á serra *Itatins*.

Morro, entre os municipios de Guaratinguetá e de Cunha.

Morro, entre os municipios de Mogy das Cruzes e de Santa Izabel. E' isolado.

Morro, entre os municipios de Araraquara e de Brotas.

Morro, no municipio de Ribeirão Preto. Delle nasce um corrego, ao qual puzeram este nome e que afflúe no *Ribeirão Preto*, pela margem direita.

Retiro, corruptéla de *He-ty-rũ*, «por accrescimo—ponta». De *he*, relativo, por começar por *t* a palavra *ty*, «ponta», *rũ*, «pôr, accrescentar». A palavra *rũ* é pronunciada breve e corrida. O *h* é aspirado.

Allusivo a mostrarem uma ponta, a qual se ergue sobre um planalto, que bem poderia ser o cume do morro.

Riacho-fundo.—Affluente do rio *Taquary*, pela margem direita: no municipio de Itapeva da Faxina.

Riacho-fundo, corrupção de *Ri-háty-ỹî-ndi*, «a pique ambas as margens, e muitas concavidades». De *ri*, o mesmo que *rehé*, para significar, neste caso, facto *mutuo*, «em frente um do outro», e portanto transformado de posposição em adverbio, o qual póde ser ou não anteposto, *háty*, «erecto, a pique, a prumo», *ỹî*, «concavidade, abertura natural, seio, ôco», *ndi*, «muitos», pronunciado breve por predominar o accento em *ỹî*, de som guttural.

Allusivo a ser ladeado por paredões a prumo, e a ter no leito concavidades, denominadas caldeirões.

A corrupção proveiu do facto de se mostrar muito profundo pela altitude das barrancas.

A formação geologica dessa região é a causa disso: as aguas dos rios e ribeirões talham no sólo profundissimos sulcos, de sorte que o leito está a mais de cem metros abaixo, e as aguas abrem nella fójos de toda a especie. E' a mesma formação geologica do ribeirão *Perituba*.

(Vide o nome *Peritúba*).

Não se trata, portanto, de um *riacho*.

Ribeira.—Capella, no municipio de Apiahy.

Ainda não foi canonicamente provida como freguezia.

Ribeira de Iguape.—Rio grande e navegavel. Nasce na provincia de Paraná, em uma serra proxima á cidade de Castro; e desagua no oceano, depois de banhar os municipios de Apiahy, Iporanga, Xiririca e Iguape, na provincia de S. Paulo.

Aquella serra é considerada ramificação da extensa cordilheira *Graciosa*, corrupção de *Gu-hayti-ócè*, «muitos picos, em communicação uns com outros». De *gu*, reciproco, para exprimir communicação, *hayti*, «muitos», *ócè*, «altissimo, o que sobrepuja».

Ribeira de Iguape é corrupção de *Aréb-yêrè-iguâá-pe*, «lento, com voltas e enseadas». De *aréb*, «tardo, demorado, lento», *yêrè*, «volta», *i-guâá*, «enseada de rio», *pe* (breve), posposição significando «com».

Ouvindo os portuguezes este nome tupi, entenderam ser *A Ribeira de Iguape;* e assim ficou até hoje.

Tudo isto está discutido e examinado por mim no nome *Iguape;* e, por isso, os documentos antigos dizem *Rio Ribeira de Iguape*.

(Vide o nome *Iguape*).

Com effeito, o nome tupi corresponde *ao que é este rio;* e, embora de sua *nascente até á* villa de Xiririca soffra os embaraços de saltos, cascatas, cachoeiras, estreitos, é certo que de Xiririca para baixo corre manso e lento, com successivas voltas, e, desde a fóz do rio *Juquiá*, as enseadas, em uma e em outra margem, são o seu principal caracteristico.

Na parte que atravessa o municipio de Apiahy, ha o famoso *Varadouro*, que não é senão o estreitamento do rio a cinco metros sómente, na extensão de cincoenta metros, pouco mais ou menos. Ahi, as aguas, penetrando o estreito, descem com velocidade estupenda.

O nome *Varadouro* é tambem uma corrupção de *H-ár-ũ-ndúrù*, «colhidas, em rodomoinho, com estrondo», referindo ás aguas do rio. De *h*, relativo, por existir *r* na palavra *ar*, «colher», *ũ*, o mesmo que *rũ*, porque, existindo *r* em *ar* não podia ser repetido.

Ribeirão Bonito.—Povoação-freguezia, no municipio de Brotas.

Quanto ao ribeirão, o nome *Bonito* já está explicado.

(Vide o nome *Bonito*).

Ribeirão Grande.—Affluente do rio *Guarehy*, pela margem esquerda. E' á margem esquerda deste ribeirão, mas em um planalto muito elevado, que está situada a villa de Espirito Santo da Boa Vista.

A serra *Palmital*, onde nasce este ribeirão, tambem é conhecida vulgarmente por serra *Ribeirão Grande;* mas é simplesmente um disparate.

(Vide o nome *Palmital*).

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Apiahy.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no municipio de Natividade.

Affluente do *Rio Grande*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo. Este *Rio Grande* é o que, com o *Rio Pequeno*, fórma o *Jurubatuba*.

O *Ribeirão Grande*, de que trata Azevedo Marques, nos Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Es-

tatisticos, e *Noticiosos da provincia de S. Paulo*, como «affluente da margem direita de *Capivary*», não existe; ou, certamente, é o primeiro, porque naquella época pertencia ao territorio do municipio de Itapetininga, e quasi parallelo ao rio *Guarehy* corre o ribeirão *Capivary*, affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem esquerda. Houve, pois, confusão.

E' difficil explicar a razão do nome *Ribeirão Grande;* mas, com certeza, é corrupção do nome tupi: tanto mais que são quasi corregos, e, pois, o nome não corresponde ao logar denominado. Tenho para mim que, posta á margem a palavra *Ribeirão*, só se refere á palavra *Grande* a corrupção: *Quâ-ne*, «velocidade, excessiva correnteza»: de *áquâ*, «correr», formando o infinitivo *quâ*, sem caso, *ne* (breve), adverbio affirmativo, para exprimir excesso ou superlativo. Com effeito, tanto um como outro, nascem em serras altissimas, ou em altitude superior a 800 metros; e dahi descem em declive muito pronunciado, com cachoeiras, saltos e cascatas.

Ribeirão Preto.—Cidade; em certo tempo, seu nome foi *Entre-Rios*.

(Vide o nome *Preto*).

Rifaina.—Povoação-freguezia, no municipio de Santa Rita do Paraizo.

Rifaîna, corrupção de *Ri-piâ-ñaî*, «porto do caminho do rio». De *ri*, «rio», *piâ*, «caminho», *ñaî*, «porto».

Allusivo a ser ahi um porto no *Rio Grande*, ou *Paraná*

Os que ignoravam a lingua tupi, desconhecendo tambem por isso a corrupção do nome, diziam «Porto da Rifaîna», como se em *Rifaîna* já não estivesse incluido *ñaî*, «porto».

A palavra *ñaî* é pronunciada corrida e breve, porque o accento predominante está em *piâ*.

Rio Bonito.—E' a antiga Capella de N. S. da Piedade de *Samambáia*. Hoje villa.

Quanto ao nome *Bonito*, é do ribeirão. (Vide *o nome Bonito*).

Rio Claro (S. João do).—Cidade, distante 6 kilometros, mais ou menos, da margem direita do ribeirão *Claro*, affluente do rio *Corimbatehy*.

(Vide o nome *Claro*).

Rio Doce.—(Vide o nome *Doce*).

Rio do Peixe.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: nos municipios de Soccorro, de Serra Negra, de Mogy-mirim e de Itapyra (outr'ora Penha do Rio do Peixe). A' margem esquerda deste *Rio do Peixe* está a cidade de Soccorro.

(Vide o nome *Itapyra*).

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: nos municipios de S. José do Rio Pardo, de Casa Branca e de Caconde. A' margem deste *Rio do Peixe* está a povoação-freguezia de Espirito Santo do Rio do Peixe.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: entre os municipios de Tatuhy e de Rio Bonito. Este *Rio Bonito*, que dá o nome á villa, á sua margem direita, é uma das cabeceiras deste *Rio do Peixe;* a outra vem do morro *Bofete*.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem direita: entre os municipios de Guaratinguetá, Lagoinha e Cunha, aos quaes serve de divisa.

Affluente do rio *Jaguary*, pela margem esquerda: nos municipios de Patrocinio de Santa Izabel e de S. José dos Campos.

Este *Rio do Peixe* afflúe no rio *Jaguary* só depois de formar o grande poço, conhecido pelo nome *Poço de Ouro*.

Affluente do rio *Atibaia*, pela margem esquerda: no municipio de Atibaia.

Vê-se bem que estes *Rio do Peixe* são *Pi-rá-i;* nome este traduzido naquelle, como se se tratasse de *pirá*. O nome verdadeiro *Pi-rá-i* significa «fundo desigual, perseverantemente». De *pi*, «centro, fundo», *rá*, «desigual, não nivelado», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a terem cachoeiras, ou saltos, ou póços, formando leito desnivelado.

Nem o indigena, tão sabio nas denominações, diria Pirá-i:

a) Porque *rio do peixe*, applicado a rios, ribeirões e corregos, é um não senso; e, se algum ha sem peixe, é excepção rara que o indigena assignalaria como tal.

b) Porque, quando por excepção á regra da anteposição, ou por necessidade da composição da palavra, o indigena refere-se á «agua» ou a «rio», não diz *i*, mas *ri*, salvo quando já existe *r* final na palavra anterior que entra na formação do nome: em geral, o *i*, significando «agua, ou rio», é anteposto, a não ser que sirva de nominativo, precedido, conforme a natureza da lingua tupi, do genitivo, ou pela já referida rara excepção; e, nestes casos, é sempre *ri*, como acima ficou dito.

No nome *Itapyra* foi isso amplamente discutido e explicado; e, pois, não ha necessidade de repetir o que alli foi escripto.

(Vide o nome *Itapyra*).

Rio Feio.—Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio de Tatuhy,

Rio Feio, corrupção de *Ri-eỹ*, «sem agua». De *ri*, «agua», *eỹ*, particula de negação.

Allusivo a seccarem suas poucas aguas turvas, quando ha falta de chuva.

E' um pequeno corrego.

A povoação, que ahi existe, e era a Capella de Santo Antonio do Rio Feio, é hoje a freguezia de Santo Antonio da Boa Vista.

(Vide o nome *Santo Antonio da Boa Vista*).

Rio Fundo (do).—Cachoeira grande, no rio *Paranapanema*, abaixo da barra do rio *Cinzas*.

Do Rio Fundo, corrupção de *Ndúrù-ỹî-nd-iî*, «resvaladeiro, concavidades, e estrondo». De *ndúrù*, «estrondo, estrepito», *ỹî*, «concavidade, abertura, seio, ôco», *nd*, intercalação nasal, *ii*, «resvalar, descer em forte declive». E' um nome inteiramente de som guttural; e, *por difficil, produziu* a corrupção Do *Rio Fundo*.

Allusivo a descerem as aguas com muita velocidade, por entre ilhotas e baixios, de encontro aos diques graniticos, formando grande estrondo.

Ahi o rio se alarga até 500 metros, mais ou menos; e, porque o leito é occupado por ilhotas, as aguas impetuosas cavam fundo, formando póços, onde volvem-se em rodomoinhos. São de impossivel pratica, por muito encachoeirados os canaes formados pelas ilhotas.

Esta cachoeira tem a extensão de mais de cinco kilometros.

Rio Grande.—E' o mesmo *Paraná*, até a confluencia do rio *Paranahyba*.

(Vide o nome *Paraná*).

E' o mesmo *Jurúbatúba* e *Pinheiros*, até á confluencia do *Rio Pequeno*: no municipio de S. Bernardo.

(Vide os nomes *Jurubatúba* e *Pinheiros*).

E' nome portuguez.

Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Botucatú.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Pindamonhangaba.

Este é tambem conhecido pelo nome *Ribeirão Grande*.

Creio que estes dous ultimos são «muito correntes»: por isso, *Quâ-ne*.

Rio Negro.—Affluente do ribeirão *Lourenço Velho*, pela margem esquerda: no municipio de Parahybuna.

O nome é *Negro*, corruptéla de *Necuî*, «successivas quédas». De *ne*, adverbio affirmativo, exprimindo excesso e superlativo, *cuî*, «cahir». Os adverbios pódem ser antepostos ou pospostos.

Allusivo a descer da altissima serra maritima em leito muito ingreme, e de quéda em quéda.

Não se trata, portanto, de *agua negra*.

Rio Novo.—Villa, situada sobre a serra *Botucatú*.

(Vide o nome seguinte).

Foi recentemente elevada á cidade, com o nome *Avaré*.

(Vide o nome Avaré).

Rio Novo.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de Rio Novo. A alguns kilometros da margem esquerda deste ribeirão no alto da chapada, está a villa Rio Novo, hoje cidade *Avaré*.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema. Desagua acima do *Salto Grande*. A' margem esquerda deste rio está a villa de S. José de Campos Novos.

O nome *Novo*, que trazem, não só o ribeirão como tambem o rio, é corrupção de *Nho-ỹi*, «concavidades». De *nho*, reciproco, para exprimir plural, e communicação de uns com outros, *ỹi*, «concavidade, abertura, seio, sacco, ôco». O som de *ỹi* é guttural.

Allusivo a formarem as aguas, no leito, cavidades mais ou menos fundas; por correrem sobre terreno frouxo e arenoso alternando com o que apresenta diques de rocha eruptiva e schistos argíllosos.

A explicação de que o nome *Novo* exprime descoberta de taes cursos d'agua não satisfaz, nem se ajusta aos factos; porque esses sertões, embora ainda occupados por indigenas, não eram desconhecidos.

O ribeirão é de pequena importancia. O rio, porém, merece especial menção; porque naquellas regiões, é o mais veloz no curso. Nasce na serra *Agudos*, em altitude superior a 650 metros; e, calculado o seu curso em linha recta, desce seis metros por kilometro.

Rio Pardo.—(Vide o nome *Pardo*).

Rio Pequeno.—E' o mesmo *Jurubatuba* e *Pinheiros*, até a confluencia do *Rio Grande:* no municipio de S. Bernardo.

Isto é, o *Rio Pequeno* e o *Rio Grande*, confluindo, formam o *Jurubatúba*, que, depois, toma o nome *Pinheiros*.

(Vide os nomes *Rio Grande*, *Jurubatúba* e *Pinheiros*).

Rio Pequeno, assim como *Rio Grande*, é denominação portugueza.

São pequenos ribeirões.

Rio Preto.—(Vide o nome *Preto*).

Ha a povoação-freguezia de S. José do Rio Preto, no municipio de Jaboticabal.

Rio Verde.—Affluente do rio *Itararé*, pela margem direita: no municipio de S. João Baptista do Rio Verde.

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de S. João da Boa Vista.

Rio que nasce dos morros *Juréa*, e desagua no oceano: no municipio de Iguape.

Cabeceira do rio *Assunguy*: no municipio de Iguape.

O nome é simplesmente *Verde*.

Verde, corrupção de *Y-yê-ỹî*, «o que se concáva». De *y*, que, por se tratar de um verbo apassivado, corresponde a «o que é», *yê*, aqui empregado, não como precisamente reciproco, mas como passivo, segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*, exprimindo ao mesmo tempo a acção da cousa sobre si mesma, *ỹî*, «concavar, fazer ôco, abertura natural, seio». O som guttural de *ỹî* torna difficil a pronuncia do nome: os portuguezes entenderam que era *Verde*. Mais ou menos o som é *Jé-îùî;* pronunciada breve e corrida a ultima palavra.

Allusivo a concavidades no leito; passando, algumas vezes, as aguas por baixo de pedras.

O affluente do rio *Itararé* corre em uma região, cuja formação geologica é de camadas horisontaes; e corta-a profundamente, ao mesmo tempo que, quando encontra alguma resistencia, desapparece sob o sólo para surgir mais adiante, formando pontes naturaes. Este phenomeno é observado na cabeceira do ribeirão; coincidindo com o rio *Itararé*, cujo nome corresponde ao facto. Acima de sua fóz, o *Rio Verde* fórma uma linda cascata, e immediatamente um salto, cuja altura de alguns metros o torna imponente. Entre este *Rio Verde* e o rio *Itararé*, ha grutas; e mesmo proximo á villa, na distancia de um kilometro, ha uma que

é notabilissima por sua profundidade e pela agua crystallina que verte em fonte.

O affluente do *Rio Pardo* desce encachoeirado a serra, abrindo passagem por meio de rochas e fragas, sob muitas das quaes escôa-se, aqui e alli.

O rio, que nasce nos morros *Juréa*, mostra tambem o mesmo phenomeno, escôando-se suas aguas encachoeiradas por baixo de rochedos, que são como pontes naturaes, O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, referindo-se a este *Rio Verde*, escreveu: «...para a parte do rio *Verde*, que fica ao norte da *Juréa* nas faldas lateraes d'elle, a pasta do porfido parece ser argillosa, como o indica a natureza *fissil* dos schistos que n'elle se observa: estas massas porfidicas são cortadas por veios de quartzo branco em diversas direcções. Descido o morro, fui examinar o rio *Verde*, onde vi e colhi algumas granadas vermelhas, que os naturaes chamam rubins, as quaes se achavam nas itaipavas entre a arêa: a formação podinguica d'estas itaipavas promette ouro com conta». Portanto, ainda é a formação geologica do terreno, sobre a qual corre este *Rio Verde*, que obriga as aguas a formarem concavidades e a fazerem ôco.

A cabeceira do rio *Assunguy* está no mesmo caso. Tambem a formação geologica da região, em que nasce e corre, é causa do phenomeno de passarem suas aguas sob rochedos, sumindo-se para reapparecerem além. Tanto este *Rio Verde*, como o *Corujas*, affluentes do rio *Assunguy*, manifestam a mesma particularidade; e até o proprio *Assunguy*.

(Vide os nomes *Corujas* e *Assunguy*).

Todos estes *Rio Verde* tem cachoeiras e saltos. E de *verde* nada têm, a não serem as mattas marginaes, aliás não muito bastas.

Rio Vermelho.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Arêas.

Affluente do *Rio Verde*, pela margem esquerda: no municipio do Rio Verde.

Affluente do rio *Piroupava*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

O nome é *Vermelho*.

Vermelho, corrupção de *Yê-mbiiêrè*, «o que se derrama». De *yê*, reciproco, para a acção da cousa sobre si mesma, e ao mesmo tempo servindo para apassivar o verbo *mbiiêrè*, «derramar», tendo por contracção em pronuncia corrida o som de *m'''êrè*.

Allusivo a derramarem-se, quando, no tempo de chuva, crescem e enchem, até o ponto de transbordarem as aguas recebidas.

Fóra do tempo chuvoso, são ribeirões de pouca profundidade.

A côr vermelha resulta da passagem das aguas, ao descerem os montes, por terreno dessa côr. O dr. FRANCISCO JOSÉ DE LACERDA E ALMEIDA, no seu *Diario de viagem nos annos de 1780 a 1790*, attribuindo o nome a essa côr da agua, diz: «As aguas do *Rio Vermelho*, assim chamado porque as suas cabeceiras estão em um monte de *ocre vermelho*, que do *Rio Pardo* se vê, tomam tanto esta côr, que não differem do sangue». Não é impossivel; e, mesmo, creio que isso teria facilitado a corrupção do nome tupi.

O affluente do *Piroupava* é, além de tudo, cheio de capim no leito.

Ronco.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Lorena.

Ronco, corruptéla de *H-ong-ca*, «impedido». De *h*, relativo, substituindo o *n* de *nong*, «impedir», com *ca* (breve), para formar supino. O som do *h* é aspirado.

Allusivo a ter mais baixa a sua fóz do que o nivel das aguas do rio *Parahyba*, no tempo das chuvas. As aguas do ribeirão reflúem, e produzem alagamentos e banhados.

Por descer da serra *Mantiqueira* com fragor das aguas sobre as pedras, formou-se essa corruptéla.

Rosario.—Affluente do *Rio Novo*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Cruz do Rio Pardo e de Santa Barbara do Rio Pardo.

Rosario, corrupção de *Yo-çáì-ró*, «esparzido». De *yo*, reciproco, para exprimir as duas margens, *çáì*, «esparzir, espalhar, estender», *ró*, particula para exprimir o modo de ser ou de estar.

Allusivo a alagar-se.

Roseira.—Parte do rio *Apiahy-guassú*, antes de tomar este nome.

(Vide o nome *Apiahy*).

Roseira, corrupção de *Ri-yêrè*, «rodomoinhos». De *ri*, «agua», *yêrè*, «volta, torvellinho». E' pronunciado *Ri-jêrè*, dando a *ri* som guttural.

Allusivo a fazer muitos rodomoinhos, por causa das concavidades no leito, provenientes da formação geologica dessa região.

Com o nome *Roseira* ha uma pequena povoação no municipio de Guaratinguetá.

Sem duvida o rio *Parahyba*, nessa parte, entre os municipios de Pindamonhangaba e de Guaratinguetá, faz muitos rodomoinhos. E dahi o nome para esse povoado.

Rubuquára.—Logar notavel, á margem esquerda do rio *Ribeira de Iguape*: no municipio de Iporanga.

Rubuquára, corruptéla de *Robiâquâr-a*, «buraco de respeito». De *robiâ*, «respeito, veneração, obediencia, honra, estima, credito, confiança, fixidez, tenacidade, autoridade», *quâr*, «buraco, fojo, poço», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a uma semelhança de *nicho* que se vê no alto do paredão, que fórma a barranca elevada e a pique, da referida margem esquerda.

Fé ou simples crendice, o certo é que os que por alli passam em canôas ou embarcações de qualquer especie, descobrem a cabeça em signal de respeito.

Entre este logar e a corredeira *Pyryrica*, está o morro que soffre annualmente combustão natural: vinte kilometros, mais ou menos, abaixo da villa Iporanga. Em 1847, desciam do alto do morro verdadeiras lavas, pois que era um liquido, resultado da combustão.

E' toda essa uma região notabilissima pela superabundante e variada riqueza mineral.

S

Sabão. — Morro, no municipio da Conceição dos Guarulhos.

Sabão, corruptéla de *Çáb-óó*, «pellado». (Vide o nome *Saboó*).

Sabaúma. — Affluente do ribeirão *Guararema*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Rio que nasce no morro *Sabaúma* e desagua no *Mar Pequeno:* entre os municipios de Iguape e de Cananéa, aos quaes serve de divisa.

Sabaúma, corruptéla de *Çab-a-húúm-a*, «desatado e lodoso». De *çáb*, o mesmo que *ráb*, «desatar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *húúm*, «ter lodo, atolar, borra, fézes, detritos, etc.», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Isto quanto aos dous pequenos rios *Sabaúma*.

Allusivo a se alagarem nas margens, e a terem lodoso e atoladiço o leito.

Quanto ao morro, *Sabaúma* é corruptéla de *Çab-ó-húú-m-a*, «pellado e lodoso». De *çab*, o mesmo que *hab*, «pello, penna, cabello», *óg*, «tirar, arrancar», *húú-m*, «ter lodo, atolar», borra, fézes, detritos, etc.», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a não ter na parte superior vegetação alguma, com as encostas cobertas de lodo ou limo.

A razão por que, em vez de *ráb*, é *çáb. quanto ao nome* dos pequenos rios, *está na regra grammatical* que o *r* inicial de qualquer verbo, tendo de ser precedido do relativo competente, que é *h*, é eliminado, fazendo *háb;* e, soando *ç* o *h* aspirado, fórma *çáb*.

A ultima parte desta explicação serve tambem para a do nome do morro, cujo *háb* foi substituido por *çáb*. A este *çáb*, ou *háb*, é accrescentado *a* (breve), por acabar em consoante.

Sabaúna.—Cachoeira, no rio *Tieté*, abaixo da cidade de Porto Feliz.

Sabaúna, corruptéla de *H-âb-áî-ũ-na*, «gretado, não liso, revolto». De *h*, relativo, que corresponde ao verbo *yâb*, «gretar, rachar, abrir-se naturalmente», *áî*, «não liso, desigual», *ũ*, o mesmo que *hũ*, «revolver», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

O *h* aspirado tem o som de *ç*.

Allusivo a existir no leito, nesse logar, gretas e buracos, pontas e arrecifes, rodomoinhos feitos pelas aguas por causa daquellas gretas.

Saboó.—Morro granitico, no municipio de S. Roque. Altitude superior a mil metros.

Morro granitico, no municipio de Santos.

Morro, no municipio de Conceição dos Guarulhos. E' conhecido por *Sabão*.

Em geral, o nome *Morro Pellado* indica traducção de *Saboó*.

Saboó, corruptéla de *Çáb-oõg*, «pellado»; isto é, «sem vegetação», que é ao que allude o nome. De çáb, o mesmo

que *háb*, «pello, cabello, penna», *óg*, «tirar, arrancar», precedido de *o*, como reciproco, para exprimir que é acção da cousa em si mesma, e não porque a vegetação tenha sido arrancada artificialmente ou por mão de homem.

Com o nome *Morro Pellado*, certamente traducção de *Çáb-oóg*, ha os seguintes, na provincia de S. Paulo:

Morro Pellado, donde nasce o ribeirão *Aricandúva:* entre as freguezias de S. Bernardo (hoje villa) e de N. S. da Penha de França.

Morro Pellado, no logar *Louveira:* no municipio de Jundiahy.

Morro Pellado, na freguezia de Itaquery: no municipio de S. João do Rio Claro.

E outros.

Saboó.—Rio que desagua no mar: no municipio de Santos.

Sahy.—Rio que nasce na serra maritima, e desagua no oceano: serve de divisa aos municipios de Santos e de S. Sebastião.

Sahy, corruptéla de *çáî-i*, «perseverantemente esparzido». De *çáî*, «esparzir», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a alagar as margens, desde que começa a correr na varzea.

Saltador.—Affluente do ribeirão *Batataes*, pela margem esquerda: no municipio de Batataes.

E' um pequeno corrego, que desagua no ribeirão *Prata;* mas é tido como affluente do ribeirão *Batataes*, por dizerem que o *Prata*, quando o recebe, deixa de ser *Prata* para sar *Saltador*.

Por isso, o conservo como affluente do ribeirão *Batataes;* e tambem o *Prata*, que é o verdadeiro affluente.

Por conciliação, deixo-os reunidos fazendo uma barra unica no ribeirão *Batataes*.

Tem cachoeiras, saltos e corredeiras.

Saltinho.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, abaixo da fóz do ribeirão *Anhumas*.

Embora diminutivo o nome portuguez *Saltinho*, é certo que é uma cachoeira difficil, por formar o rio uma esquina.

Salto.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Queluz.

E' denominação portugueza: o nome tupi desappareceu; e ficou talvez a traducção, por causa de um salto nesse ribeirão.

Salto de Itú.—Povoação-freguezia, no municipio de Itú.

(Vide o nome *Itú*).

Salto Grande.—Salto, no rio *Paranapanema*, seis kilometros abaixo da barra do *Rio Pardo*.

E' tambem conhecido pelo nome *Dourados*.

(Vide o nome *Dourados*).

Samambáia.—Morros:

No municipio de S. Paulo (freguezia de N. S. do O').

No municipio de Rio Bonito.

No municipio de Campinas.

Entre os municipios de Monte-mór e de Capivary.

Entre os municipios de Itapéva da Faxina e de Iporanga.

Entre os municipios de Jambeiro e de Parahybuna.

Entre os municipios de Santa Izabel e de Patrocinio.

E outros.

Samambáia, corruptéla de *Çáî-m-ã-mb-áî*, «altos e baixos, empinado e estendido». De *çáî*, «estender, esparzir», *m*, intercalação por ficar ferido do som nasal o verbo *çáî*, por causa de *ã*, «empinar», *mb*, intercalação nasal, *áî*, «altos e baixos».

Allusivo a formarem collina extensa em declive, com fragas e saliencias.

O indigena, fazendo o costumado jogo linguistico, assim denominou esses morros, por vel-os cobertos do feto-macho, conhecido pelo nome tupi *Çá-amambáî;* de sorte que, dando aos morros nome com som identico ou quasi identico ao

do feto, mas com significados diversos, assignalou ao mesmo tempo a fórma physica delles e a existencia natural daquelle feto nas encostas. Este feto do Brazil é uma pequenina arvore sem galhos; não podendo ser considerados taes as delgadas hastes, ás quaes estão presas as pequeninas folhas: por isso, o nome começa por *çá*. O padre A. R. DE MONTOYA, no seu *Tesoro de la lengua guarany*, escreveu apenas *amam-bâî*.

Sant'Anna.—Morro, entre os municipios de Arêas e de S. José do Barreiro.

Deste morro nasce um ribeirão *Sant' Anna*, affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Arêas.

Affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita: no municipio de Casa Branca. Tem uma cachoeira notabilissima. E' conhecido por *Sant'Anna da Serra*.

Affluente no *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Batataes.

A denominação é religiosa; talvez por existirem nesses logares capellas com essa invocação.

Sant'Anna (dos Olhos d'Agua).—Povoação-freguezia, do municipio de Batataes.

Esta povoação tambem é conhecida por *Sant'Anna do Serrado;* e com este nome foi instituida capella.

Santa Barbara.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Barbara do Rio Pardo e do Rio Novo.

Affluente do *Rio Pardo*, pela margem direita: no municipio de Batataes.

Affluente do rio *Sapucahy*, pela margem direita: no municipio de Patrocinio de Sapucahy.

Affluente do *Rio do Peixe*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

E' denominação religiosa.

Santa Barbara.—Villa, distante alguns kilometros da estação da estrada de ferro Paulista (entre Campinas e Limeira).

Neste municipio, ha uma extensa gruta, cuja altura é de mais de oito metros. E' no sopé de um monte; e do alto deste monte precipitam-se na gruta dous corregos, com grande fragor, revolvendo-se as aguas em rodomoinho nas grandes bacias de pedra que ellas proprias têm cavado na rocha, para derramarem-se, e seguirem além, de quéda em quéda.

E' um lindissimo quadro da natureza, esse que offerece a gruta.

Santa Barbara de Macahubas.—E' hoje a villa *Patrocinio de Sapucahy*. (*)

(*) Estava ao lado um ?.

Santa Barbara do Rio Pardo.—Villa, ás margens do *Rio Pardo*, affluente do rio *Paranapanema*.

Quando ainda freguezia, a séde era na povoação *S. Domingos*, á margem direita do rio *Turvo*.

Santa Branca.—Villa, á margem esquerda do rio *Parahyba:* distante da cidade de Jacarehy pouco mais de 13 kilometros.

Santa Cruz.—Innumeros logares na provincia de S. Paulo: patenteando o espirito religioso da população.

E é rara a cidade, villa, ou povoação, que não tenha nos suburbios uma pequena capella dedicada á Santa Cruz.

Santa Cruz do Rio Pardo.—Villa, á margem direita do ribeirão *S. Domingos*, affluente do *Rio Pardo*, este affluente do rio *Paranapanema:* pela margem direita.

Santa Izabel.—Villa, á margem direita do ribeirão *Araraquara*, affluente do rio *Jaguary-mirim*, pela margem direita.

(Vide os nomes *Araraquara*, *Jaguary* e *Mandiú*).

Santa Rita do Paraiso.—Villa, á margem esquerda do rio *Paraná*, ainda quando tem o nome Rio Grande.

Santa Rita de Passa Quatro.— Villa, no alto da serra *Passa Quatro.* (Vide o nome *Passa Quatro*).

Santo Agostinho. — Affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita: entre os municipios de Atibaia, de Itatiba e de Bragança.

E' denominação religiosa.

Santo Amaro.—Villa, que teve origem em uma aldêa, cujo nome era *Ibirápuêra*, «páu podre». E' á margem direita do rio *Pinheiros*, que é o mesmo rio *Jurubatúba* antes da affluencia do rio *Mboy-guassú*. E', portanto, erro o que outros escreveram, dizendo estar situada á margem direita do rio *Geribatyba*.

E' uma das povoações mais antigas da provincia de S. Paulo: 1560.

Santo André.—Villa, fundada por João Ramalho; e creada em 1553 pelo capitão-mór, que então governava a capitania de S. Vicente.

Era á margem direita do ribeirão *Guapituba*.

(Vide o nome *Guapitúba*).

Foi demolida, a fim de não prejudicar a nova villa de S. Paulo: 1560.

Foi esta uma luta fortissima entre João Ramalho e os padres da Companhia de Jesus. Mas, afinal triumphou a verdadeira conveniencia publica, por ordem do então governador Mem de Sá.

Santo Antonio. —Affluente do rio *Mogy-mirim*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy-mirim.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no municipio de *Parahybuna*.

E' denominação religiosa; sem duvida por devoção dos donos do logar.

Santo Antonio da Alegria.—Povoação-freguezia, no municipio de Cajurú.

Era a antiga capella do *Cuscuzeiro*.

A explicação de que o monte sobre o qual foi edificada a capella de Santa Cruz tem a fórma de um *cuscuzeiro*, e dahi o nome, é simplesmente um disparate.

(Vide o nome *Cuscuzeiro*).

Santo Antonio da Boa Vista.— Povoação-freguezia, no municipio de Tatuhy.

E' a antiga Capella de *Santo Antonio do Rio Feio*.

(Vide o nome *Rio Feio*).

Santo Antonio da Cachoeira.— Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Cachoeira*, affluente do rio *Atibaia*, pela margem direita.

(Vide o nome *Cachoeira*).

Proximo a esta cidade, o ribeirão mostra uma cachoeira, composta de grandes blocos de rocha, sobre e de encontro aos quaes as aguas arremeçam-se com enorme fragor, e deslisam-se depois formando espuma em grande extensão.

Este mesmo rio, á distancia de 26 kilometros acima da cidade, tem um salto, de alguns metros de altura. Tambem o fragor das aguas ahi é enorme.

Santo Antonio da Rifaîna.—Povoação-freguezia, no municipio de Santa Rita do Paraizo.

(Vide o nome *Rifaîna*).

Santo Estevam.—Cachoeira, no *Rio Grande*, ou *Paraná*.

Santo Estevam, corrupção de *Hatãéteî*, «muito rija». De *hatã*, «duro, forte, rijo, teso», sendo que o *h*, como relativo, substituiu o *t* de *tatã*, soando *ç*, por ser aspirado, *éteî*, para exprimir superlativo.

Allusivo a ser uma cachoeira formada de rochedos e lages, com diques, e canal sinuoso, pelo qual precipitam-se as aguas revoltas.

Santo Ignacio.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio do Rio Bonito.

Ha outro affluente do mesmo rio *Paranapanema*, pela margem esquerda, fazendo barra nos Rapidos de Santo Igna-

cio; mas pertence á provincia de Paraná.

Santo Ignacio, corrupção de *H-a-ty-n-áhocè*, «atado altissimo». De *h*, relativo, com o accrescimo de *a* (breve), para ligar as duas consoantes, *ty*, «atado», *n*, intercalação nasal, *áhocè*, «sobrepujar.

Allusivo a correr entre paredões altissimos.

O *h* aspirado sôa *ç;* e o *a* (breve), que o accrescenta, é ferido de nasalisação, porque *ty* é nasal-guttural.

Santos.—Principal porto da provincia de S. Paulo; e grande cidade commercial.

E' na ilha *Guaiahó*, cognominada pelos conquistadores—S. Vicente.

Nenhuma veracidade tem o asserto de frei Gaspar da Madre de Deus, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*,—de que o nome tupi da ilha era *Engaguassú*. Este nome era o da barra-grande: *Hê-u-guâá-guaçú*, «enseada maior da sahida».

(Vide o nome *Engaguassú*).

Ha outra sahida, que é o canal *Bertioga*.

(Vide o nome *Bertioga*).

São Bartholomeu.—Cachoeira, no rio *Mogy-guassú*, logo abaixo da fóz do *Rio Pardo*.

Sua extensão é de 600 metros, mais ou menos.

São Bartholomeu, corrupção de *Çã-mbâî-ta-rõ-m-eiî*, «estirado em forte declive, com muitas ondulações». De *çã*, «ser estirado, corda», *mbâî* o mesmo que *pâî*, «dependurar», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal da palavra anterior, e levado ao supino pela particula *ta* (breve), *rõ*, «revolver-se», *m*, intercalação nasal, para ligar *rõ* a *eiî*, «muitos».

Allusivo a que, sendo ahi apertado o rio entre rochas e penhascos, as aguas *dependuram-se* estiradas, e revoltas em *ondas por effeito* de vertiginosa velocidade.

São Bartholomeu.—Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Rio Novo.

São Bartholomeu, corrupção *Y-ã-mbae-torẽ-m-eii*, «empinado, e muitas tortuosidades». De *y*, relativo, *ã*, «empinado», formando participio com a particula *bae* (breve), *tõrẽ*, «tortuosidade», *m*, intercalação nasal para ligar *torẽ* a *eiî*, «muitas».

Allusivo a ter ingreme o leito, e a fazer innumeras turtuosidades e voltas.

Com effeito, depois de nascer com duas cabeceiras, faz um semi-circulo de oeste para sudeste; e dahi desce em forte declive, com muitas sinuosidades, até desaguar no rio *Paranapanema*.

Acreditei, ao principio, que era uma denominação religiosa: tanto mais que a estrada da villa de Rio Novo á de S. Sebastião de Tijuco Preto faz escala por um pequeno povoado, que tem o nome *São Bartholomeu:* mas esta invocação teve por motivo o nome corrupto do ribeirão, e assim tem permanecido.

Em todo o caso, o nome tupi do ribeirão coincide com a corrupção indicada.

São Bento.—Morro, no municipio de Apiahy.

Parece denominação religiosa dada pelos antigos exploradores do ouro.

São Bento de Araraquara.—Cidade.

(Vide o nome *Araraquara*).

São Bento de Sapucahy-mirim.—Villa, á margem direita do ribeirão *Sapucahy-mirim*, que tem apenas na provincia de S. Paulo as cabeceiras, e corre na provincia de Minas Geraes.

No municipio desta villa é que existe a pedra denominada *Bahú*, na serra *Mantiqueira*.

(Vide os nomes *Bahú* e *Sapucahy*).

São Bernardo.—Villa, distante da cidade de S. Paulo 19 kilometros, na estrada antiga para a cidade de Santos.

Denominação religiosa.

São Carlos.—Nome antigo da cidade de Campinas, desde 1797.

O logar já era Campinas; mas foi então mudado esse nome, para ser *S. Carlos.*

A primitiva denominação, *Campinas,* foi-lhe restituida em 1842.

(Vide o nome *Campinas*).

São Carlos do Pinhal.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Monjolinho.*

(Vide o nome *Monjolinho*).

E' denominação religiosa.

São Domingos.—Antiga povoação-freguezia, á margem direita do rio *Turvo:* no municipio de Santa Barbara do Rio Pardo.

E' denominação religiosa.

São Francisco.—Bairro, no municipio de S. Sebastião: ao norte.

Ha alli um convento, sob a invocação de N. S. do Amparo, quasi em ruinas. Fundado em 1659.

São Francisco. —Grande serra, entre os municipios de Piedade e de Sorocaba.

São Francisco, corrupção de *Çã-çã-ci-ca,* «cordilheira cortada». De *çã,* «corda», repetida para significar «cordilheira», *ci,* «cortar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser talhada pelo rio *Sorocaba,* que a divide em duas partes, passando entre estas, por uma abertura estreita e profundissima, na qual fórma os saltos *Piratarâca, Ituparanga* e *Voturantim.*

(Vide os nomes *Piratarâca, Ituparanga* e *Voturantim*).

Não consta que esta extensa e profundissima garganta tenha sido observada por homens da sciencia.

E sel-o-ha algum dia?

O facto de existir, na base da encosta noroeste da serra, uma capella com a invocação de S. Francisco, não *prova que dessa capella* tirasse a serra *o nome, porém que,* em consequencia do nome corrupto da mesma serra, algum devoto lembrára-se de erigir a S. Francisco a referida capella.

E como admittir em serra tão notavel, a falta de denominação tupi?

O indigena disse bem: *Çã-çã-ci-ca.*

São Gonçalo.—Affluente do rio *Parahyba,* pela margem direita: no municipio de Guaratinguetá.

E' denominação religiosa.

São João.—Rio, que desagua no canal *Bertioga:* no municipio de Santos.

Affluente do rio *Jaguary-mirim,* pela margem direita: no municipio de S. João da Boa Vista.

Confluente do ribeirão *S. Pedro,* os quaes, reunidos, afflúem no rio *Turvo,* pela margem direita.

A' sua margem direita está a villa de S. Pedro do Turvo.

São João Baptista do Rio Verde.—Villa, á margem esquerda do *Rio Verde.*

E' denominação religiosa.

São João da Boa Vista.—Cidade, situada á margem direita do rio *Jaguary-mirim,* entre os ribeirões *S. João* e *Prata.*

O nome antigo era *S. João do Jaguary.*

Dista dos *Poços de Caldas* 47 kilometros.

São José.—Nomes de varios corregos e baixios.

Denominação religiosa.

São José do Barreiro.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Barreiro,* affluente do rio *Parahyba,* pela margem direita.

São José dos Campos.—Cidade, á margem direita do rio *Parahyba;* mas distante tres kilometros.

No porto daquelle rio, ha uma capella da Santa Cruz.

E' a antiga Villa de S. José do Parahyba; mas, antes disso, foi Villa de

S. José do Sul; e anteriormente, Villa Nova de S. José, porque a *Villa Velha* era o logar do aldeamento fundado pelos padres da Companhia de Jesus, no meado do seculo XVI, distante da actual cidade dez kilometros, nas cabeceiras do ribeirão *Comprido*.

São José do Morro Agudo.—Capella, na freguezia de Sant'Anna dos Olhos d'Agua.

São José do Rio Novo.—Villa, hoje conhecida sómente pelo nome *Campos Novos do Paranapanema*.

São José do Parahytinga.—Villa, á margem esquerda do ribeirão *Parahytinga*, affluente do rio *Tieté*, pela margem direita.

São José do Rio Pardo.—Villa, á margem esquerda do *Rio Pardo*, na encosta de um contra-forte da serra divisoria daquelle e do ribeirão *Fartura*.

Este *Rio Pardo* é o affluente do rio *Mogy-guassú*.

São José do Rio Preto.—Povoação-freguezia, no municipio de Jaboticabal.

São Lourenço.—Affluente do rio *Juquiá*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Nasce no municipio de Itapecerica: e alguns kilometros abaixo, ha uma capella com a invocação de S. Lourenço.

Mas, o nome *S. Lourenço*, do affluente do rio *Juquiá*, é corrupção de *Çã-i-nhoyrẽ*, «uns atraz dos outros, em corda». De *çã*, «corda», *i*, posposição significando «em», *nhoyrẽ*, «uns atraz dos outros».

Allusivo a despenharem-se as aguas em grande numero de cascatas, seguidas, e formando sete quédas ou degráus.

Neste trecho do rio *S. Lourenço*, é imponente o espectaculo dessas cascatas e quédas successivas, isto é, conforme a phrase simples e clara dos indigenas, «umas atraz das outras».

Soando *S. Lourenço* o nome tupi deste rio, os portuguezes entenderam que o indigena referia-se ao martyr da fé, cujo é aquelle nome. A capella, acima mencionada, não tem outra origem.

São Luiz de Parahytinga.—Cidade, á margem esquerda do rio *Parahytinga*, antes de confluir com o rio *Parahybuna*.

(Vide o nome *Parahytinga*).

São Manoel do Paraiso.—Villa, na encosta de uma collina, á margem esquerda do ribeirão *Paraiso*, affluente do ribeirão *Lenções*.

(Vide o nome *Paraiso*).

São Miguel.—Capella, na freguezia de N. S. da Penha de França: no municipio de S. Paulo.

Foi um aldeamento formado pelos padres da Companhia de Jesus no seculo XVI.

Por esse povoado passa um corrego, affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda; e a esse corrego foi dado o nome *S. Miguel*. O nome tupi foi olvidado e perdido.

São Paulo.—Cidade, fundada pelos padres da Companhia de Jesus, em 1554, á margem esquerda do rio *Piratininga* ou *Tamanduatehy*, no planalto fechado pelo rio *Tieté*, cujo é aquelle affluente pela margem esquerda.

A primeira missa foi dita na igreja do Collegio daquelles padres, aos 25 de Janeiro de 1554.

No conflicto com João Ramalho, o qual fundára á margem do ribeirão *Guapètuba* a villa de Santo André, e que, por isso, impedia por todos os modos a installação da villa de S. Paulo, venceram afinal os padres da Companhia; e a villa de Santo André foi demolida e arrasada.

(Vide o nome *Piratininga*).

A respeito desta villa *Piratininga*, escreveu o padre José de Anchieta, na sua primeira *Informação* ao Geral da Companhia de Jesus em Roma: «Esta villa antigamente era da invocação de

Santo André e estava tres leguas mais para o mar, na borda e entrada do campo, e no anno de 60 (1560) por mandado do governador Men de Sá se mudou a Piratininga... onde temos casa e igreja da conversão de S. Paulo, porque em tal dia se disse a primeira missa naquella terra numa pobre casinha, e em Piratininga, como acima se disse, se começou de proposito a conversão do Brazil, sendo esta a primeira igreja que se fez entre o gentio». E mais adiante: «A casa de S. Paulo de Piratininga, como foi principio de conversão, assim tambem o foi dos collegios do Brazil». E mais adiante: «O primeiro Provincial foi o padre Manoel da Nobrega, no anno de 1555... O sexto Provincial o padre José de Anchieta, Biscainho, no anno de 1577 e ainda tem o cargo neste presente de 1584».

Essa villa é hoje esta grande cidade, cujo progresso cresce mais e mais.

Tendo sido declarada capital da Capitania, por provisão de 22 de Fevereiro de 1681, seu nome—*São Paulo*—passou a ser o da mesma Capitania; e assim tem permanecido, sem interrupção alguma.

São Paulo.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municipios de Mogy-guassú e Itapyra, segundo o affirma AZEVEDO MARQUES, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biologicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de S. Paulo.*

Não consegui verificar a existencia deste ribeirão.

São Pedro.—Villa, á margem direita do rio *Piracicaba*, na distancia de alguns kilometros, na encosta da serra que traz o mesmo nome *S. Pedro*.

Denominação religiosa.

São Pedro do Itararé.—Villa, á margem direita do rio *Itararé*.

São Pedro do Turvo.—Villa, á *margem direita do ribeirão São João, confluente do outro ribeirão S. Pedro*, os quaes, reunidos, desaguam no rio *Turvo*, pela margem direita.

E' a povoação-freguezia, que fazia parte do municipio de Santa Cruz do Rio Pardo.

O nome *S. Pedro* é denominação religiosa.

São Roque.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Aracahy*, e á barra do corrego *Carambehy*, que afflúe naquelle pela mesma margem.

Sua denominação primitiva era Capella de S. Roque de *Carambehy*.

O nome *S. Roque* é denominação religiosa.

Vi em um mappa da Commissão Geographica de S. Paulo o nome *S. Roque* dado ao ribeirão *Potribú*. Mas, é erro.

São Sebastião.—Cidade, no littoral, ao sul do rio *Curupacé* cerca de vinte kilometros.

E' uma das mais antigas povoações. Data do seculo XVI.

A denominação é religiosa, vem da ilha, que está na frente, e que recebeu de Martim Affonso de Souza, em 1531, esse nome, por ter sido avistada no dia 20 de Janeiro.

O nome tupi da ilha é *Ciri-bae*, «apartada, separada». De *ciri*, «apartar, separar», com *bae* (breve), para formar participio.

(Vide o nome *Ciriba*).

E' a cidade de S. Sebastião um porto abrigado; e, outr'ora, foi defendido por quatro fortes, cujos vestigios estão quasi desapparecidos.

São Sebastião da Boa Vista.—(Vide o nome *Mocóca*).

São Sebastião da Ponte Nova.—Povoação-freguezia, no municipio da Franca.

São Sebastião do Ribeirão Preto.—Cidade, entre o Ribeirão Preto e o ribeirão Retiro.

(Vide o nome Preto).

São Sebastião do Tijuco Preto. —Villa, á margem esquerda do rio *Paranapanema*, na encosta de um pequeno morro.

(Vide o nome *Tijuco Preto*).

São Simão.—Villa, á margem esquerda do *Rio Pardo*, affluente do rio *Mogy-guassú*; mas, na distancia de alguns kilometros.

E' denominação religiosa.

Junto á villa, corre e afflúe no *Rio Pardo*, pela margem esquerda, um ribeirão que tambem traz o nome *S. Simão*.

São Vicente.—A povoação mais antiga da provincia de S. Paulo; fundada por Martim Affonso de Souza em 1532, no littoral ao sul da cidade de Santos.

Até 1681, esta villa foi a capital da Capitania.

A ilha *Guaiahó* foi tambem denominada *S. Vicente*, pelo mesmo Martim Affonso de Souza.

(Vide os nomes *Guaiahó* e *Engaguassú*).

E relativamente a este ultimo nome, *Engaguassú*, tem passado sem contestação que era o nome daquella ilha. Erro.

(Vide o nome *Santos*).

A proposito deste logar *S. Vicente*, devo observar que os denominados *sambaquí* não têm a importancia dada por estrangeiros, viajantes e exploradores da nossa costa máritima. De taes depositos de ostras, ou *ostreiras*, occuparam-se frei GASPAR DA MADRE DE DEUS, VARNHAGEN, e outros, de modo sufficiente.

O indigena denomina *tambá-iquê*, a «casca da ostra»:—de *tambá*, «ostra, mexilhão, marisco de qualidade inferior», *iquê*, «lado, costado». Segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, o nome começado por *t*, tendo necessidade de relativo, muda esse *t* em *ç*: por isso, *çambá-iquê*.

Tambem a «ostreira» é denominada *ytã-mb-ati*, «montão de conchas»: de *ytã*, «concha», *mb*, intercalação nasal, *ati*, «montão». A palavra *ytã* é composta de *y*, «despegar» *tã*, «metade»: e a pronuncia nasal-guttural de *ytã-mb-ati* dá o som de *yxambaxi*. De tudo isto se formou a corruptéla *sambaquí*.

Essas ostreiras existem na costa maritima da provincia de S. Paulo, e em geral no Brazil, do norte ao sul.

No norte do Brazil são denominadas *sernambitiba*, corrupção de *ciri-ambãtib-a*, «logar natural de cascas de ostra». De *ciri*, «apartar, separar» *ambã*, «lado, costado», *tib*, para exprimir logar natural das cousas, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo ás cascas da ostra: «lados apartados».

Sapé.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

O nome não é do ribeirão. Sendo por ahi «o caminho», embora atravessando o ribeirão, o indigena dizia *Hapé*. O *h* aspirado parece soar *ç*: dahi a corruptela.

Mas, ao inverso do padre A. R. DE MONTOYA, o padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, não menciona o *h* como relativo. O *ç* é directamente o relativo. Por isso, mesmo com referencia a «caminho», o padre LUIZ FIGUEIRA, usando do relativo, escreveu *çapé*.

Este caminho existiu sempre, e já neste seculo, foi feito ahi um aterrado, por causa da varzea e alagadiços do ribeirão.

Com o mesmo nome, e nas mesmas condições, ha uma praia, no municipio de Ubatuba.

Com o mesmo nome e nas mesmas condições, ha um affluente do ribeirão *Capivara*, pela margem direita: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Sapé.—Povoação-freguezia, no municipio de Silveiras; hoje villa, com o nome *Jatahy*.

(Vide o nome *Jatahy*).

O nome *Sapé* nada tem com a palha *sapé*, com que são cobertas casas, á falta de telhas, no sul do Brazil; no norte serve para essas coberturas a palma da pindóba.

Sapé é corruptéla de *Hapé*, «caminho». O *h* aspirado parece soar *ç:* dahi a corruptéla.

Esse logar *Sapé* designava aos indigenas o «caminho», ao passo que *Areias* designava o «atalho», *haiê*.

(Vide o nome *Areias*).

Sapé.—Povoação-freguezia, no municipio de Jahú: hoje villa, com o nome *Baryry*.

(Vide o nome *Baryry*).

O nome *Sapé* nada tem com a palha *sapé* com que são cobertas as casas, á falta de telhas, no sul do Brazil: no norte, serve para essas coberturas, a palma da *pindóba*.

Sapé é corruptéla de *Hapé*, «caminho». O *h* aspirado parece soar *ç:* dahi a corruptéla.

Esse logar designava aos indigenas o «caminho» para o porto no rio *Tieté*, onde poderia ser este atravessado com mais facilidade e menos perigo, communicando os que habitavam á margem direita do rio *Piracicaba* com os da margem esquerda do rio *Tieté*.

Os portuguezes continuaram a seguir esse mesmo caminho, reconhecendo-o como o melhor para aquella communicação.

Sapetúba.—Logar, proximo á margem direita do rio *Sarapuhy*, já depois de fazer barra o ribeirão *Iperó:* no municipio de Campo Largo de Sorocaba.

Sapetúba, corruptéla de *Çapé-tib-a*, «logar de *çapé*». De *çapé*, «planta de palha para cobertura de casas», *tib*, «logar natural», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O *i* é guttural.

Sapucahetába.—Morro, no municipio de Itanhaen.

Sapucahetába, corruptéla de *Çapucaî-tába*, «logar de écho». De *çápucaî*, «gritar, vozear, echoar», formando participio com *tába*, por acabar em *áî*, a fim de exprimir logar.

Allusivo a echoar gritos ou vozes, por *uma formação encantoada*.

Sapucahy.—Affluente do *Rio Grande* ou *Paraná*, pela margem esquerda: entre os municipios da Franca e de Batataes, aos quaes serve de divisa.

Ha o ribeirão *Sapucahy-mirim*, affluente daquelle pela margem direita: no municipio de Patrocinio de Sapucahy. A' margem esquerda deste ribeirão está a villa de Patrocinio de Sapucahy.

Ha tambem o ribeirão *Sapucahy-mirim*, que tem na provincia de S. Paulo sómente as cabeceiras, e corre na provincia de Minas Geraes.

Sapucahy, corruptéla de *Ha-pug-quaî-i*, «successivos córtes, furos, e cinturas». De *ha*, «cortar, talhar», *pug*, «furar, arrebentar», *quaî*, «fazer cintura, estreitar», *i*, posposição de perseverança. O *h* aspirado parece soar *ç*.

Allusivo a ter saltos e cachoeiras, bem como gargantas como que por furos feitos nas rochas.

Saputá.—Affluente do ribeirão *Itapisantuba*.

(Vide o nome *Itapisantuba*).

E' um pequeno ribeirão, que afflúe naquelle pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Accrescentaram-lhe *mirim*, sem uma razão de ser; signal certo de que este accrescimo foi obra dos conquistadores. E' mesmo conhecido sómente pelo nome *Mirim*.

Saputá é corruptéla de *Hapi-ytá*, «pedra que se abraza». De *hapi*, «abrazar, queimar», *ytá*, «pedra». O *h* aspirado parece soar *ç*. O *i* final de *hapi* tem som guttural.

Allusivo a existir em suas margens grandes depositos de granito pórphyro, no qual entra maior quantidade de feldspatho, tornando-se assim rocha ignea.

Com effeito, esse granito contém silica, alumina, cal, oxido de ferro e outros elementos de natureza ignea.

Saputantuba.—E' o mesmo *Itapisantuba*.

(Vide o nome Itapisantuba).

Sará-sará.—Uma parte da varzea *Guassahy*, no municipio de Cotia.

Sará-sará, corruptéla de *Ç-araá-ç-araá*, «muitissimo doentio». De *ç*, relativo, por ter *r* o verbo *araá*, «enfermar, ser doentio», repetido para exprimir superlativo.

Allusivo a produzir muitas doenças essa região.

Saracúra. — Affluente do ribeirão *Anhangabahú*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

E' um pequeno corrego.

Saracúra, corruptéla de *Ce-rá-cúry*, «desatado e muito corrente». De *ce*, relativo, por causa do verbo *rá*, «desatar», *cury*, «pressa, velocidade». A ultima syllada de *cúry* sôa breve.

Allusivo a formar alagadiços; e, não obstante, ser muito veloz no curso.

Nada tem, portanto, este nome cousa alguma, nem com a ave *saracúra*, nem com os arbustos assim denominados da familia das Biguoniaceas e da familia das Onagrarias.

Sarandy.—Lagôa, á margem direita do rio *Taquary*, no municipio de Itapéva da Faxina.

Sarandy, corruptéla de *Çarandi*, o mesmo que *çarangi*, «ramos de pequenas arvores que com a corrente se dobram na agua».

Com effeito, esta lagôa tem as barrancas cheias de pequenos arbustos, cujos ramos flexiveis estão sob as aguas, á mercê da corrente.

Saran Grande.—Corredeira, no rio *Paranapanema*, logo abaixo da fóz do ribeirão *Pirapó*, da provincia do Paraná.

Saran Grande, corruptéla de *Çarārā-aquâ-ne*, «resvaladeiro muitissimo corrente». De *çarārā*, «resvaladeiro, deslisadeiro», *áquâ*, «correr», *ne* (breve), adverbio affirmativo, para exprimir superlativo.

Allusivo a concentrarem-se todas as aguas no canal, que existe encostado á barranca da margem direita do rio; e, por ser de muito desnivelamento, e pouco *fundo*, $0^m,50$, a correnteza adquire velocidade ordinaria.

Sarapuhy.—Villa, á margem do rio *Sarapuhy*, affluente do *rocaba*.

Sarapuhy.—Affluente do ri *caba*, pela margem esquerda: e municipios de Sarapuhy, de Sor de Campo Largo de Sorocaba.

Sarapuhy, corruptéla de *Ce* «perseverantemente desnivelado saltos». De *ce*, relativo, *rá*, «se gual, desnivelar», *pó*, «salto», *i*, sição de perseverança.

Nos documentos antigos é *Çarapoy*.

Allusivo a ser successivament choeirado; e, descendo da serra, pita-se aos saltos.

Com effeito, o seu leito é pe

O significado «rio de carangu simplesmente um disparate.

Sellado.—Morro, a leste d no municipio de S. José dos

Morro, no municipio da Fra serra divisoria com Minas Gerae

Morro, entre os municipios de de Parahytinga e de Parahybun

Sellado, corrupção de *Ce-rá-bo*, De *ce*, relativo, por causa do *r* «levantado, elevado», *bo* (brev formar supino.

Allusivo a serem pontos le das serras.

Sem canal.—Cachoeira, no *rocaba:* no municipio de Tieté.

Sem canal, corruptéla de «sahida ondeada». De *cẽ*, «sahida «cousa que se meneia».

Allusivo a espraiar-se ahi o mando a largura de mais de tros, com um desnivelamento e e, por isso, as aguas descem sas, com grande velocidade, o e saltando por sobre o dique.

Sepitúba.—Logar, ao norte dade de S. Sebastião, onde out construido um forte.

Cachoeira no rio *Tielé*. Algu nominam Sapè por erro.

Sepituba, corruptéla de *Yê-pi-tib-a*, «logar natural de rodomoinhos». De *yê*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *pi*, «centro», formando *yê-pi*, «rodomoinhos», o mesmo que *yê-bi*, e mais exacto do que este, *tib*, «logar natural», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo quanto ao primeiro logar, a encontrarem-se as correntes do mar formando rodomoinhos; e, quanto á cachoeira, a correrem as aguas sobre leito gretado.

Serembura.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Santa Izabel, de Jacarehy e de S. José dos Campos.

Serembura, corrupção de *Cerĩ-mbiêrè*, «um pouco derramado». De *cerĩ*, «um pouco», *mbiêrè*, o mesmo que *piêrè*, «derramar». O primeiro *i* deste verbo tem som guttural.

Allusivo a transbordarem um pouco as aguas, formando alagadiço em suas margens.

E' um pequeno ribeirão.

Sernamby.—Porto, na ilha comprida: no municipio de Iguape.

Sernamby, corruptéla de *Cirì-ambiì*, «cascas de ostras». De *cirì*, «apartar, separar», *ambiì*, «lado, costado».

Allusivo a ser ahi um logar de ostreira.

(Vide o nome *S. Vicente*).

Serra.—Logar, no municipio de Cunha; notavel por ter uma fonte de agua *virtuosa*, cujos elementos principaes são magnesia, enxofre, cal, etc., e cujo uso já tem sido de muito proveito em molestias cutaneas e intestinaes.

Serra, corrupção de *Ce-ru*, «purgativa, vomitiva». De *ce*, relativo, por se tratar de verbo começado por *r*, conforme a lição dos grammaticos, *ru*, «revolver o estomago, causar enjôo».

Allusivo ás suas qualidades medicinaes.

Serra Azul.—*Serra*, no municipio de *S. Simão.*

Serra Axul, corruptéla de *Cérà-cỹ*, «um pouco escorregadío». De *cérà*, «um pouco, assim, assim», *cỹ*, «resvaladío, escorregadío». O *ỹ* é guttural.

Serra do Diabo.—Cachoeira, no rio *Paranapanema:* é a ultima das mais difficeis. Antecede a corredeira *Estreito*.

Serra, á margem direita do mesmo rio e daquella cachoeira.

Os indigenas sohiam denominar de modo quasi identico no som logares varios na mesma região; mas significando diversamente os nomes.

Serra do Diabo, nome da cachoeira, é corrupção de *Ce-rá-ti-âb-a*, «canal apertado, com altos e baixos» De *ce*, relativo, por causa do *r* de *rá*, «desigual, desnivelado, altos e baixos», *ti*, «apertado», *âb*, «abrir, raxar, gretar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, e significando «abertura, raxa, greta», por causa do relativo e por não ter caso.

Allusivo a que, nessa cachoeira, ha apenas um canal, junto á margem direita, estreito e semeado de arrecifes, com desnivelamento irregular.

Serra do Diabo, nome da serra, é corrupção de *Ce-rá-ty-âb-a*, «gretado, pontas altas e baixas». De *ce*, relativo, *rá*, «desigual, altos e baixos», *ty*, «ponta», *âb*, «abrir, raxar, gretar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante e significando «abertura, raxa, greta», por não ter caso.

Allusivo á desigualdade de sua parte superior, e ás grutas na parte inferior.

Serra Negra.—Cidade, na fralda da *Serra Negra;* serra esta divisoria das aguas dos rios *Camanducáia* e *Mogymirim*.

Serra Negra.—A que divide as aguas dos dous rios *Camanducáia* e *Mogymirim:* no municipio de Serra Negra.

A que divide as aguas dos rios *Tietê* e *Piracicaba*, proximo á fóz deste: no municipio de Piracicaba.

A que divide as aguas dos rios *Itapetininga* e *Assungui*: nos municipios de Sarapuhy e de Iguape.

Serra Negra, corrupção de *Hérã-n-yêrè*, «um pouco volteadora». De *herã*, adverbio, «um pouco», *n*, complemento nasal de *hérã*, para ligar esse adverbio á *yêrè*, «voltear». O nome contrahido e sendo aspirado o *h*, sôa *Cérã-n-'êrè*.

Allusivo ás curvas que cada uma dessas serras faz, parecendo mais um grupo de montanhas, mais ou menos alcantiladas, do que uma só serra.

Sesmarias.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: nos municipios de Arêas e de Barreiro.

Sesmarias, corrupção de *Nhémã-ri*, «successivas voltas e revoltas». De *nhémã*, «volta e revolta», *ri*, posposição, significando «successivamente».

Allusivo á sua extraordinaria sinuosidade.

Sete Barras.—Povoação-freguezia, no municipio de Iguape.

Está situada em uma das barras do affluente do rio *Ribeïra de Iguape*, que traz o nome *Sete Barras;* que é o já descripto *Quitóquo*.

(Vide o nome *Quitóquo*).

Sete ilhas.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, acima da barra *Guarehy*.

Sete Ilhas, corrupção de *H-e-teiî-ỹî*, «successivas concavidades. De *h*, relativo, *e*, intercalação necessaria para ligal-o á *teiî*, «muitos, manada, companhia, collectividade», *ỹî*, «concavidade. abertura natural, seio, ôco».

Embora existam ahi varias ilhas, o nome da cachoeira é allusivo aos poços profundissimos que ha no canal, á margem esquerda, menos impraticavel, de 16 metros de largura, por onde as aguas se precipitam em cascata e vão cahir em uma larga bacia.

Antes de penetrarem as aguas nesse canal, e em uma volta esquinada do rio, ha uma como muralha trancando-o quasi *inteiramente; e*, atravessada a passagem *que ha nesta muralha*, um ilhote granitico *no centro do leito* fórma dous braços, obstruidos. E' o da margem esquerda que dá o nome á cachoeira.

Sete Peccados.—Extensa cachoeira com varios diques graniticos, no rio *Ribeira de Iguape*.

Sete Peccados, corrupção de *Teiî-eté-pi-há-bo*, «logar de muitos degráus». De *teiî-eté*, «muitos», *pi-há*, «degráu», *bo*, (breve), para exprimir «logar».

Allusivo ás successivas quédas que ha nessa extensão do rio; são, porém, *pequenas quédas*, e por isso o indigena disse—*pi-há*, «degráu».

Sete Taipávas.—Cachoeira, no rio *Mogy-guassú;* acima da corredeira *Escaramúça*.

Sete Taipávas, corrupção de *H-e-teiî-ytá-ii-pába*, «successivas muralhas de pedra». De *h*, relativo, *e*, intercalação necessaria para ligal-o á *teiî*, «muitos, manada, companhia, successão», *ytá*, «pedra», *ii*, «rijo, forte, duro», *pába*, particula de participio para exprimir logar, modo, instrumento, etc.

Allusivo a uma successão de diques graniticos no leito do rio.

O rio, nessa extensão da cachoeira, desce em escadaria.

Setubal.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Una.

Setubal, corruptéla de *Ce-túî-bae*, «o que faz bojo». De *ce*, relativo, *túî*, «fazer bojo», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Allusivo a, depois de ladear a serra *S. Francisco*, encosta sudoeste, derramar-se em alagadiço, porque suas aguas encontram resistencia, ao entrarem no rio *Sorocaba*, por causa da differença do nivel, e reflúem.

Silveiras.—Cidade, entre as serras *Mantiqueira* e *Bocaîna*, porém do lado da margem esquerda do rio *Parahyba*, no qual afflúe o *Itáguaçába*, e neste o ribeirão Guedes (nome de uma familia), e neste o ribeirão Silveiras (nome de

outra familia). O ribeirão *Silveiras* córta a cidade em duas partes.

(Vide o nome *Itáguaçába*).

O nome *Itáguaçába*, pronunciado *Itacaçaba*, deveria ser o desta cidade.

O indigena era mais sabio do que os seus conquistadores, porquanto não admittia para denominação de logares o nome de quem quer que fosse, familia ou individuo.

Aquelles dous ribeirões *Silveiras* e *Guedes*, quando se reunem, proximo á cidade, formam uma linda e grande cascata, e dahi em diante seguem juntos em leito pedregoso.

Soccorro.—Cidade, á margem esquerda do *Rio do Peixe*, affluente do rio *Mogy-guassú*.

(Vide o nome *Rio do Peixe*).

O nome procede da invocação da antiga freguezia: *Nossa Senhora do Soccorro*.

Sorocaba.—Cidade situada em uma collina, na altitude de cerca de 40 metros sobre o nivel do rio *Sorocaba*, á cuja margem esquerda está, e na altitude de cerca de 540 metros sobre o nivel do mar.

O nome é do rio.

Sorocaba.—Rio formado por duas cabeceiras: o *Sorocabussú* e o *Sorocámirim*.

O primeiro nasce nos morros *Itatúba* e *Chiqueiro*.

O segundo, no morro *Cahucáia*. Afflúe no rio *Tieté*, pela margem esquerda.

Estas duas cabeceiras, depois de reunirem-se, recebem pela margem esquerda o ribeirão *Una*, á cuja margem direita está a villa deste nome.

Sorocaba, corruptéla de *Çorógc-ába*, «logar rasgado». De *çoróg*, «rasgar, romper», mudado o *g* em *c*, ou accrescentado este a aquelle, para formar o participio com *cába*, segundo a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a correr no logar rasgado por suas aguas, na serra S. Francisco.

E' um rio muito encachoeirado e sinuoso, com innumeros saltos.

Os nomes das cachoeiras e dos saltos, em tupi, têm sido substituidos pelos dos donos das terras respectivas. Ha, todavia, ainda alguns nomes: *Jurú-mirim*, *Jiquitáia*, *Sem-canal*, ainda que um pouco corrompidos: e outros.

As corredeiras abundam tambem, em todo o seu curso.

Por causa das cachoeiras, e dos saltos, sua navegação é impossivel.

Banha os municipios de S. Roque, Una, Piedade, Campo Largo de Sorocaba, Tatuhy e Sorocaba.

Sorocaba.—Pequeno rio que desagua no *Mar Pequeno:* no municipio de Iguape.

Este nome *Sorocaba* é corruptéla de *Çurúgc-ába*, «pantanoso». De *çurúg*, «atolar, esparzir, derramar, sorver», mudado o *g* em *c*, ou accrescentado este ou aquelle, para formar participio com *cába*, segundo a lição do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Allusivo a correr em extensissima varzea, derramando-se e formando atoleiros e pantanaes.

A corruptéla é sómente no som; e, sem duvida, existindo *Sorocaba*, em serra acima, os portuguezes entenderam ser o mesmo nome tambem na varzea.

A corruptéla deveria ser *Surucába*.

Com effeito, ao sul da cidade de Iguape, littoral do *Mar Pequeno*, estende-se uma varzea immensa, cortada por varios rios, ribeirões, corregos e sangas.

Suá-mirim.—Enseada formada pelo rio *Ribeira de Iguape*, á margem direita: no municipio de Iguape. E' um verdadeiro sacco, de quasi uma legua, com agua morta.

Suá, corrupção de *Guáá*, «enseada, bahia, golfo»: *mirim*, para distinguil-a da enseada *maior*, que é a fóz do rio *Ribeira* de Iguape.

(Vide o nome Iguape).

Em *Suá-mirim* ha um porto; e para este porto ha a communicação com o rio *Una d'Aldêa*, por um furado de seis a oito metros de largura. As viagens entre a villa de Itanhaen e a cidade de Iguape têm por escala esse porto.

Sucury.—Corredeira, no rio *Mogy-guassú*.

Sucury não tem relação alguma com a grande cobra aquatica, que traz esse nome. (*)

Sucury é corruptéla de *Çu-cury*, «velocidade, altos e baixos». De *çú*, «altos e baixos», *cury*, «velocidade, presteza, pressa».

Allusivo a ser uma corredeira, com arrecifes no leito do rio.

(*) Em nota avulsa:
O dr. LACERDA E ALMEIDA, no seu *Diario de viagem nos annos de 1780 a 1790*, refere-se a um ribeirão *Sucury*, affluente do *Tietê*, em seguida á corredeira *A guá-guassú*. E, então, explica assim o nome: «...po de uma cobra deste nome de extraordinaria grand Escravos que vinham em comitiva, julgando ser um quizeram lhe deitar fogo para se aquentarem a e toda a noite: com o calor se moveu o supposto tro cheios de admiração todos se tiraram do engano e estavam.» Ora, quem tem viajado sabe quanto é f inventiva dos companheiros, principalmente quand caçadores. Ainda assim, o illustre dr. LACERDA E AL accrescenta: «Esta é a tradição, e muito verosimil p que tem viajado por este novo mundo, onde a cada estão encontrando cousas que teriam por fabulosas, tivessem sido testemunhas oculares.»

Supiriry.—Affluente do rio *Soroc* pela margem esquerda: no municipi Sorocaba.

E' um corrego que banha a ci de Sorocaba pela face-norte.

Supiriry, corruptéla de *Çú-pyryri*, loz, altos e baixos». De *çú*, «alto baixos», *pyryri*, «ligeiro, veloz».

Allusivo á sua extraordinaria co teza, sobre leito irregular.

T

Tabatinga.—Rio, que, nascendo na serra maritima, desagua no oceano: serve de divisa aos municipios de Caraguatatuba e de Ubatuba.

Tabatinga, corruptéla de *Ti-bytĩ-nga*, «agua turva». De *ti*, «agua, rio», *bytĩ*, o mesmo que *pytĩ*, «turvar», como o suffixo *nga* (breve), para formar supino. O som do *i* de *ti* é guttural, como *a* fechado; e, por egual, o som do *y*. Dahi a pronuncia—*Tabatinga*.

E, segundo o systema dos indigenas, de assignalar com nomes de som identico ou quasi identico logares varios na mesma região, mas com significados diversos, é certo que aquelle rio corre em terreno cuja formação geologica é de grês, schistos argilosos e calcareos, produzindo o «barro branco», denominado pelos indigenas—*tabatỹ-nga*.

Denominando *Ti-bỹtĩ-nga* o rio, assignalaram que, ao mesmo tempo que a região era de *tabatỹ-nga*, turva era a agua do rio.

Tabatinguára.—Lagoa, e rio: no municipio de Cananéa.

Tabatinguára, corruptéla de *Ti-bytĩ-nguára*, «agua turva». De *ti*, «agua, rio», *bỹtĩ*, «turvar», *guára*, precedido do *n* por ser nasal a palavra anterior, para exprimir qualidade natural. O *i* de *ti*, e o *y* de *bytĩ*, têm pronuncia guttural, sendo que aquelle *i* de *ti* sôa como *a* fechado.

Com effeito essa lagoa, e o rio em *que ella despeja suas aguas* por um pequeno ribeiro de muitas curvas, mostram-se turvos.

A rasão disso é a *tabatĩ-nga*, «barro branco», de que é formada essa região. O indigena, denominando assim a lagôa e o rio, assignalou ao mesmo tempo a natureza do terreno, segundo o seu systema na sciencia das denominações.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, no *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu *Tabatingura* como o nome do rio, mas com erro evidente. Nesse rio, escreveu elle ter achado «bancos de uma argilla branca»; e isso mostra a natureza do terreno naquella região.

Tabatinguêra.—Encosta, léste do morro em que está situada a cidade de S. Paulo: acompanhando a margem esquerda do ribeirão *Tamanduatehy*.

Tabatinguêra, corruptéla de *tabatỹ-nguê-ru*, «encostas de barro branco, como por accrescimo». De *tabatỹ*, «barro branco», *nguê*, fórma nasal de *iquê*, «lado, encosta», e *ru*, «accrescentar, accrescer, accrescimo».

Allusivo a que o morro não é dessa formação geologica; mas tem nesta encosta «barro branco», como que accrescentado. (*)

(*) Em nota avulsa:
—Outra interpretação é esta: *Taba*, «povoação», *tinguéra*, «dos brancos», porque cuêra ou coêra, guêra ou goêra, poderia ter sido usado como absoluto no presente, segundo a lição dos grammaticos. Mas, a coincidencia não é razão sufficiente para que seja essa a verdadeira explicação.

Taboão.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Lorena. A' sua fóz está assentada a cidade de Lorena.

Affluente do rio *Parahytinga*, pela margem esquerda: no municipio de Cunha. Ha ahi um registro para os direitos de sahida dos productos que descem a serra, transpondo os limites para a provincia do Rio de Janeiro.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Affluente do ribeirão *Tapuxinga*, pela margem esquerda: no municipio de Bragança. E' o mesmo *Lavapés*, que banha a cidade de Bragança: em sua cabeceira é *Taboão*.

Cabeceira, com o ribeirão *Mosquito*, do ribeirão *Jacarehy:* no municipio de Santo Antonio da Cachoeira.

Affluente do ribeirão *Potribú*, pela margem direita: no municipio de S. Roque.

Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Piedade.

Taboão, corruptéla de *Ta-puã*, «empinado». De *t*, relativo, *apuã*, «levantar, empinar».

Allusivo a terem leito ingreme, correndo em cascata, em varios logares.

São notaveis as cascatas do *Taboão*, de Cunha.

Tabúna.—Serra, no municipio de Cajurú.

Tabúna, corrupção de *Ytá-ibŷî-na*, «morro ôco». De *ytá*, «pedra, morro, monte», *ibyî*, «ser ôco, concavo, cavernoso, gretado», com o suffixo *na* (breve), para formar supino. O *yî* tem pronuncia guttural: dahi o som de *ũ*, formando a palavra *Ytá-ibũ-na*.

Allusivo a ser cavernoso, com grutas.

Em *ytá*, significando «morro, monte», usam fazer a aphéresis do *y* inicial.

Tachinho. — Morro, no serrote da ilha *S. Vicente*. *Tachinho*, corrupção de *Tachŷ*, «escorregadío». De *t*, relativo, *achŷ*, o mesmo que *cŷ*, «escorregadío, resvaladío, lubrico».

Neste morro, ha uma cachoeira que desagua para as duas encostas,—a do mar e a do caminho entre a cidade de Santos e a villa de S. Vicente.

Taquaré.—Rio, que nasce na serra maritima e desagua no oceano: no municipio de Santos.

Taquaré, corruptéla de *T-aquá-ré* «successivamente esquinado». De *t*, relativo, *aqûá*, «esquinar», *rehé*, posposição significando, neste caso, «successivamente».

Allusivo a ser muito sinuoso, formando voltas agudas.

Taiassupéba.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy das Cruzes.

Não se trata de porco-chato, *tayaçú-pé-bae*; o ribeirão nada tem com porcos, a não ser que, por alagadiço, esses animaes o apreciariam para revolverem-se no lodo.

Taiassupéba, corruptéla de *Tayuá-húú-pé-bae*, «plano, alagadiço, pegajoso». De *t*, relativo, *ayûá*, «pegajoso, limo, lodo», *húú*, «atolar em lodo, borra, fézes, detritos, etc.», *pé*, «ser plano, chato», com a particula *bae* (breve), para dar a fórma de participio.

Allusivo a ser quasi parado, e pantanoso.

Com effeito, é pegajosa a lama que esse ribeirão fórma em seus alagadiços; e não tem declive algum notavel o seu curso.

Taim.—(Vide o nome *Itaim)*.

Taipú.—(Vide o nome *Itaipú)*.

Tamanduá.—Affluente do ribeirão *Piranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: no municipio de Rio Novo.

Dous affluentes do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: no municipio de S. Simão. O menor é *Tamanduasinho*.

Tamanduá, corruptéla de *T-ã-mãndu-á*, «empinado, impedimentos, ruido, sinuosidades». De *t*, relativo, *ã*, «em-

pinar», *mã*, «impedimento», *ndú*, «ruido, estrepito», *á*, «volver, dar voltas», segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a ser sinuoso, encachoeirado, com successivos saltos, formando permanente ruido ou estrepito em todo o seu curso; porque, sendo ingreme o seu leito, as aguas precipitam-se de cachoeira em cachoeira, de salto em salto.

Tem o primeiro apenas vinte kilometros de extensão; e sua largura regula de dous a quatro metros.

Póde abundar ahi o *tamanduá*, pequeno quadrupede, comedor de formigas: da ordem dos desdentados, conhecido na sciencia por *Myrmecophaga*. O *tamanduá-uçú*, tambem conhecido por *bandeira*, á cuja semelhança fluctúa a cauda coberta de longos pellos brancos e negros, é a especie maior; medindo um metro, mais ou menos, sem o comprimento da cauda, cuja extensão é egual á do corpo. Tem o pescoço curto; e a cabeça, desde o alto até ao extremo do focinho, é comprida. A côr é cinzenta-parda, com uma lista preta de cada lado do peito, unindo-se uma e outra nas costas. Olfacto fino. As unhas são as suas terriveis armas. A *onça* não lhes resiste, seja qual fôr a sua corpulencia; e não larga a presa senão depois de reconhecel-a morta: por isso, na luta com a onça, quasi sempre morrem os dous animaes, *abraçados* um ao outro. O couro é bastante duro e resistente. Alimenta-se de formigas e de capim: estende a lingua no formigueiro, ou dentro do monticulo do capim, em algum furo, e esses animalculos, furiosos, agarram-se a ella; quando bem repleta e carregada, recolhe-a á bocca, e sorve tudo aquillo de uma vez.

As outras duas especies menores usam do mesmo alimento, e do mesmo processo para recolhel-o: variam, porém, na côr, e no tamanho, bem como na cauda, cuja extremidade é pellada e agarradora, diversamente da do *tamanduá-bandeira*. A côr é amarellada; e as duas listas *negras partem obliquamente* as espaduas *e unem-se na anca*, acima da cauda.

Todas estas especies têm quatro unhas dianteiras e cinco trazeiras.

Ha, porém, ainda uma especie menor, conhecida por *tamanduá da varzea*, que não tem as listas negras lateraes; apenas manchas dessa côr, triangulares. O amarello é a sua côr geral; especialmente no pescoço e na cabeça. O pello do dorso, amarello-pardo-escuro.

Finalmente mais uma especie, menor de todas; pois que o quadrupede tem apenas o tamanho de trinta centimetros; duas unhas dianteiras, e quatro trazeiras; pello compacto, sedoso, brilhante; pelle do corpo, e as extremidades, côr de rosa. A côr geral do pello é, em uma dessas sub-especies, amarello côr de ganga, e na outra, pardo-escuro. Ambas têm no dorso as listas quasi negras.

Mas, voltando ao *tamanduá-bandeira*, accrescentarei que elle não fóge ao inimigo; ao contrario, espera-o, erguendo-se sobre as patas trazeiras e ficando de pé, a fim de abraçar quadrupede ou pessoa que se lhe approximar. Por causa disso, é narrada a anedocta de um estrangeiro que, ao vêr o *tamanduá-bandeira* tão risonho e de braços abertos, foi ao seu encontro, e, tão apertado abraço recebeu, que morreu nos braços daquelle que se lhe afigurava um *amigo*. Ha uma phrase notavel: «tão desleal como o *tamanduá-bandeira* com seus abraços».

Tamanduá.—Serra, no municipio da Franca.

Tamanduá, corrupção de *T-ã-ma-ty-áî*, que, por causa do som nasal de *ã*, nasalisa tambem *ty*, mudando o *t* em *nd*, e, portanto, soando *T-ã-ma-ndy-áî*, «empinado, com pontas erectas». De *t*, relativo, *ã-ma*, supino de *ã*, «empinar», *ty*, «ponta», *áî*, «erecta».

O *y* de *ty* tem som guttural.

Allusivo ás suas encostas alcantiladas, e aos seus picos.

Tamanduá.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*, acima do *Salto Grande*.

T-ã-mã-ndú-á, «empinada, impedimentos, estrepito, torcida». De *t*, relativo,

ã, «empinar», *mã*, «impedimento», *ndú*, «estrepito, ruido», *á* «torcer».

Allusivo a ser ingreme, tortuosa, com arrecifes, fazendo as aguas grande estrepito.

Com effeito, é esta uma das cachoeiras de mais difficil pratica, por causa de forte desnivelamento do leito, que a torna quasi um despenhadeiro, sinuoso e semeado de arrecifes.

Tamanduá.—Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem direita: entre os municipios de Rio Novo e de Botucatú.

Affluente do ribeirão *Banharão*, pela margem direita: no municipio de São Manoel do Paraiso.

Tamanduá, corruptéla de *T-am-amndi-á*, «muitas quédas, successivamente empinado». De *t*, relativo, *am*, «empinar», repetido, para exprimir a successão do mesmo facto, *ndi*, «muitos», *á*, «cahir».

Tamanduatehy.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda. Banha a cidade de S. Paulo pela face léste; e separa as duas freguezias da Sé e do Braz.

E' o mesmo rio *Piratininga*.

(Vide o nome *Piratininga*).

Tamanduatehy, corruptéla de *T-amãndaeteí*, «muitos rodeios». De *t*, relativo, *amã*, «rodeio, volta», *ndaeteí*, «muitos».

Allusivo a ser muito sinuoso este ribeirão.

No significado é quasi o mesmo do nome *Piratininga*.

Tambahú. — Affluente do ribeirão *Tremembé*, pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

E' o mesmo significado do nome seguinte—*Tambahy*.

Corre ingreme e apertado entre os montes divisorios das suas aguas com as de *Piahy*, á direita, e com as do *Cachoeira*, á esquerda.

Tambahy.—Affluente do *Rio Pardo*, pela margem esquerda: no municipio de *Casa Branca*.

Tambahy, corruptéla de *T-ã-mb-yî*, «concavo e empinado». De *t*, relativo, *ã*, «empinar», *mb*, particula de intercalação nasal, *yî*, «concavo, ôco, abertura, seio». O nome é pronunciado como *Tambahú*. Já li *Tombahú*.

Allusivo a ter ingreme o leito, e a correr apertado entre montes.

De facto, este ribeirão córta a serra *Quebra-cúia*.

Tambaré-piracá. — Cachoeira, no rio *Tieté*: entre os municipios de Parnahyba e de S. Paulo.

Ha ahi proximo um porto, para communicação dos moradores de uma e de outra margem do rio.

Tambaré-piracá, corruptéla de *T-ambára-hẽ-pi-rá-aqûá*, «sahida empinada, fundo desigual, esquinada». De *t*, relativo, *ambára*, participio do verbo *ã*, «empinar, em pé», *hẽ*, «sahida», *pi*, «fundo, centro», *rá*, «desigual, não nivelado», *aqûá*, «esquinar».

Allusivo a ser uma cachoeira empinada e esquinada, acabando em um dique, sobre o qual saltam as aguas para seguirem o seu curso.

Este dique granitico, qne atravessa o rio, de uma a outra margem, é de pouca altura ou de pequeno desnivelamento.

Tanquinho.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Jacarehy.

Tanquinho, corruptéla de *T-ã-ng-ỹi-na*, «empinado e cavernoso». De *t*, relativo, *ã*, «empinar», *ng*, intercalação nasal, *ỹî*, «concavar, ter gretas, cavernas, ôco», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Allusivo a ter ingreme o leito, e neste concavidades e gretas, pelas quaes passam as aguas.

Tapanhoã.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Santa Izabel, de Jacarehy e de S. José dos Campos, aos quaes, em parte, serve de divisa.

Outros escrevem *Tapanhon;* e já li *Tapinhoã*, que é o exacto e verdadeiro.

Tapinhoã, ou *T-a-pi-nho-ã*, «empinado, e ladeador». De *t*, relativo, *api*, «ladear», *nho*, reciproco, *ã*, «empinar».

Allusivo a ser muito sinuoso, ladeando morros, em leito ingreme.

Nasce na serra *Mantiqueira*.

Tapéra Grande.—Serra, entre os municipios de Mogy das Cruzes, de Conceição dos Guarulhos e de Narareth. Ao oéste da serra *Itaberába;* porém muito menos elevada.

Não se trata de *tapér-a*, «logar que foi povoado e está abandonado»; impropriamente applicado a terreno outr'ora cultivado e ora coberto de matto fino, que era e é *tiguêra*, «logar largado, não perseverado, deixado, acabado».

Tapéra Grande é corrupção de *Ytápé-roguámbi*, «fralda do morro brilhante». De *ytá*, «pedra, morro granitico, pedra», *pé*, «brilhar, resplandescer», *roguámbi*, «fralda de serra».

Allusivo a ser a fralda da serra *Itaberába*, «penha que brilha».

(Vide o nome *Itaberába*).

Com effeito, a serra *Itaberába* tem por fralda a *Tapéra Grande*, pelo sudoéste.

Taperovira.—Serra, mencionada no titulo de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de Outubro de 1532: «...a serra de *Taperovira*, que está da banda d'onde nasce o sol, com aguas vertentes com o rio *Jarabatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de *S. Vicente*, d'onde chamam *Gohayó*...».

Taperovira, corruptéla de *T-apir-o-bir-a*, «ponta alta». De *t*, relativo, *apir*, «ponta», *o*, reciproco, *bir*, «altear, levantar, elevar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Quer pela descripção supra, quer pelo significado, é o mesmo *Tapuribetéra*.

(Vide o nome *Tapuribetéra*).

O nome *Jarabatyba* é o mesmo *Gerybatyba*.

Tapipuai.—Cachoeira, no rio *Mogyguassú*.

Tapipuai, corruptéla de *T-apipi-ai*, «muito apertada». De *t*, relativo, *apipi*, «apertar», *ai*, para exprimir excesso.

Allusivo a estreitar-se ahi muito o rio.

Tapirema.—E' a mesma praia *Peruibe*.

(Vide o nome *Peruibe*).

Tapirema, corruptéla de *T-apir-eym-a*, «sem fim». De *t*, relativo, *apir*, «principio e fim da cousa», *eỹm*, particula de negação, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Sua extensão é de mais de quarenta kilometros.

Tapuribetéra. — Serra, mencionada no instrumento de posse da sesmaria de Pedro de Góes, de 15 de Outubro de 1532, servindo de testemunhas João Ramalho e Antonio Rodrigues: «...a serra *Tapuribetéra* que está da banda d'onde nasce o sol, aguas vertentes com o rio de *Gerybatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente...».

(Vide o nome *Taperovira*).

Tapuribetéra, corruptéla de *T-apir-ibaté-rò*, «ponta alta». De *t*, relativo, *apir*, «ponta», *ibaté*, «alto, elevado», *rò*, «pôr-se, estar».

Allusivo a ser uma serra com pico alto.

E' a mesma serra, que traz indevidamente o nome *Jurubatuba*, por obra e arte dos portuguezes.

O nome *Jurubatúba* é por causa de nascer nessa serra o rio *Gerybatyba*. Não podendo reter o nome *T-apir-ibaté-rò*, denominaram a serra com o nome do rio, e, ainda assim, estragado em *Jurubatúba*.

Tapuxinga.—(Vide os nomes *Bragança*, *Canivete* e *Itapixinga*).

Taquamvira.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga.

Taquamvira, corruptéla de *T-acangmbira*, «o seccado». De *t*, relativo, *acang*, «seccar, enxugar», que, por ter som na-

sal, faz mudar *pira*, particula passiva, em *mbira*.

Allusivo a ficar secco, quando não ha chuvas.

Já li escripto assim o nome deste ribeirão: *Taquanrovira*, que é a mesma corruptéla.

Taquandúba.—Praia, na ilha de S. Sebastião.

(Vide o nome *Itaquantúba*).

Taquanrovira.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga.

E' o mesmo *Taquamvira*.

(Vide o nome *Taquamvira*).

Taquaral.—Nome que tem o ribeirão *Guaratinguetá* quando desce da serra *Mantiqueira*.

(Vide o nome *Guaratinguetá*).

Affluente do *Rio dos Veados*, pela margem direita, e este—affluente do rio *Pirapitinga*, pela margem esquerda: no municipio de Campos Novos de Paranapanema.

Taquaral, corruptéla de *T-áquâ-ára-á*, «muito corredor». De *t*, relativo, *áquâ*, «correr», levado ao participio activo pela particula *ára*, e *á*, «muito».

Allusivo a ter grande correnteza, por causa de ter ingreme o leito.

Taquarantan.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de S. João da Boa Vista.

Taquarantan, corruptéla de *T-áquâára-atã*, contrahido em *T-áqu'-ár'-atã*, «corre estirado». De *t*, relativo, *aquâ*, «correr», levado ao participio pela particula *ára*, que exprime acção de agente, *atã*, «estirado, teso, direito».

Allusivo a correr muito, e sem voltas, mas em linha recta.

E' um pequeno ribeiro.

Taquararira. — Morro, mencionado no titulo de sesmaria de Pedro de Goes, de 10 de Outubro de 1532: no municipio de Santos.

Taquararira, corruptéla de *T-áquâ-árári-rõ*, «*ponta altissima*». De *t*, relativo, *aquâ*, «ponta», *ár*, «muito», *ári*, «sobre», *rõ*, «pôr-se». Por contracção *T-áqu'-árári-rõ*.

Allusivo a ser o morro mais alto naquella região.

No instrumento de posse dado a Pedro de Goes o nome *Taquararira* foi mudado em *Tecoapára*.

(Vide o nome *Tecoapára*).

Ignoro se será o mesmo morro.

No titulo de sesmaria está escripto: «as terras de *Taquararira*».

No instrumento de posse foi escripto: «as quaes terras se chamam *Tecoapára*».

Taquaravary.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Sorocaba.

Taquaravary, corruptéla de *Ti-aûqûar-aib-a-ri*, «máu por causa de poços de agua suja». De *ti*, «agua», *aû*, «suja, sujidade», *qûar*. «poço, fojo, buraco», *aib*, «máu», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, *ri*, posposição significando, neste caso, «por causa». A palavra *aû* é sempre posposta ao objecto ou cousa, em que está a sujidade.

Allusivo a ser pestilento, por causa das aguas paradas e apodrecidas em poços ou buracos.

Ainda é a mesma formação geologica do leito do ribeirão *Piragibú*.

(Vide o nome *Piragibú*).

A differença unica é que o ribeirão *Piragibú* tem maior volume de agua e correnteza mais forte para revolver e lavar os seus poços.

Taquarussú.—Serra, no municipio de Apiahy.

Taquarussú, corruptéla de *T-áquâaruçú*, contrahido em *T-áqu'-aruçú*, «muito pontuda». De *t*, relativo, *áquâ*, «ponta, ser pontudo», *aruçú*, «muito», segundo a lição do padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a ter picos muito altos.

Taquary.—Serra, no municipio de Buquira.

Morro, no municipio de Cananéa.

Rio, que nasce deste morro, e desagua na bahia *Trapandé*.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem esquerda: entre os municipios de Apiahy, S. João Baptista do Rio Verde, S. Sebastião do Tijuco Preto, e de Itapeva da Faxina, servindo de divisa a estes tres ultimos. A' margem direita deste ribeirão está a lagoa *Sarandy:* no municipio de Faxina.

(Vide o nome *Sarandy)*.

Taquary, escreveu frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO, no seu *Glossario de palavras indigenas*, que significa «rio das taquaras, ou canna brava»!

E' provavel que, nesses logares, exista a *taquara;* fazendo o indigena com isso o jogo linguistico.

Taquary, nome da serra e do morro, significa «pontuda, ou pontudo», de *t*, relativo, *áquâ*, «ponta», *ri*, posposição significando, neste caso, «com».

Taquary, nome dos ribeirões, significa «perseverantemente corrente». De *t*, relativo, *áquâ*, «correr», levado ao participio activo pelo accrescimo da particula *ára*, «corrente, corredor», *i*, posposição de perseverança: *T-áquâ-ára-i*, contrahido em *T-áqu'-ár'-i*.

Taquatira.—Serrote, no municipio de S. Paulo. E' visto na estrada que communica a freguezia de N. S. da Penha de França com a villa da Conceição dos Guarulhos.

T-áquâ-atir-a, «montão pontudo». De *t*, relativo, *áquâ*, «ponta», *atir*, «montão, elevação», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Por contracção *T-áqu'-atir-a*.

Allusivo a ter esse serrote uma ponta de pedra que parece quasi a despenhar-se no corrego, e na lagôa em que este nasce.

Tarapandé. — (Vide o nome *Trapandé)*.

Tararé.—Nome com que é conhecida a praia de S. Vicente.

(Vide o nome *Itararé)*.

Ahi foi fundada por Martim Affonso de Souza a primitiva villa de S. Vicente, em 1532; e dahi foi removida para o local actual, afim de que a povoação ficasse resguardada das grandes marés.

Tararé, corruptéla de *T-araá-ré*, «apta para enfermidades». De *t*, relativo, *araá*, «enfermidade, doença», *ré*, o mesmo que *é*, «apto, apropriado».

Allusivo a curar enfermidade o banho nessa praia.

Tatetúba.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de S. José dos Campos.

Tatetúba, corruptéla de *T-atey-úî-bae*, «o que reflúe e torna-se frouxo». De *t*, relativo, *atey*, «frouxo», *túî*, «refluir, rebojar, fazer bojo», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que».

Allusivo a encontrar difficuldade e resistencia no desaguar no rio *Parahyba*, formando por isso alagadiços, com o refluxo das aguas.

Tatú.—Morro, no municipio de Iporanga.

Tatú, «pequeno». De *t*, relativo, *atú*, «curto, pequeno, baixo».

Tatú.—Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem direita: no municipio de Limeira. A' sua margem esquerda está a cidade de Limeira, em uma collina.

Tatú, corruptéla de *T-ytú*, «sujo». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo». O *y* tem som guttural.

Allusivo a ter turvas as aguas.

Penso, porém, que o nome *Tatú*, dado a esse ribeirão, é uma abreviatura de *tatuhiby*.

(Vide o nome *Tatuhiby*).

Não tem, portanto, referencia alguma ao animal *tatú*, conhecido na sciencia por *Dasypus*, do qual ha varias especies:—o *tatú-assú*, conhecido por *canastra*, e na sciencia *Dasypus gigas* (especie pouco numerosa); o *tatú-pébac*, na sciencia *Dasypus gilvipes*, ou o *Dasypus sexcintus* de LINNEO, que BUF-

FON havia denominado *encoubert;* o *tatú-été*, não considerado *Dasypus*, na sciencia, por causa do systema dentario; o *tatú-apára*, conhecido por *tatú-bóla*, e na sciencia *Dasypus tricinctus;* o *tatú aiba*, conhecido por *tatú do rabo molle* e na sciencia *Dasipus unicinctus.*

As differenças entre estas especies só existem, além do tamanho e da côr, no numero dos dentes e na fórma e numero das cintas. Quanto ao mais, cinco dedos, armados de unhas irregulares, compridas e curvas, alimentação de insectos e de carnes apodrecidas, costumes, entre os quaes o de viver em buracos ou *t-ógca*, etc., demonstram a unidade do genero.

O *tatú-assú*, que é o maior, mais de um metro de comprimento, tem a dentadura composta de $\frac{50}{48}$, quando de idade completa. O corpo é defendido por doze cintas osseas movediças; e tambem o é a cauda, cujo comprimento é metade do corpo. O pello na barriga é esbranquiçado.

O *tatú-pé-bae*, corrompido em *tatú-péba*, tem a dentadura composta de $\frac{18}{20}$. O corpo defendido por sete cintas osseas movediças; e igual defeza tem na cauda. A côr do pello na barriga, e nos élos brancos da parte trazeira do casco, é amarello-esbranquiçado. O casco é «achatado»; e, por isso, *pé-bae.* O tamanho do corpo é de $0^m,5$ de comprimento; e pouco menos de metade tem a cauda. Focinho comprido; orelhas grandes, semi-circulares, e quasi sempre erectas; olhos pequenos e vivos. E' apreciado como alimento.

O *tatú-été*, que pelo nome indica ser «legitimo e bom», *été*, tem a dentadura de $\frac{16}{16}$; e a femea em vez de duas mamas como as outras especies, tem quatro. Tambem só tem quatro dedos nas extremidades dianteiras. São nove as cintas osseas movediças que defendem-lhe o corpo; e egual defeza tem a cauda, bem como o pescoço e os pés, embora *as escamas ou cintas* do pescoço e dos *pés sejam menos* duras. A barriga é *igualmente escamosa*, porém de escamas menos duras. Esbranquiçada é a côr do pello. E' a especie mais procurada para alimento; mesmo porque é tida como não apreciadora de carnes apodrecidas.

O *tatú-apára* tem o systema dentario como o anterior. Seu comprimento não excede a $0^m,38$, afóra a cauda, que tem $0^m,7$. E' denominado *apá-ára*, ou *apá-'ra*, «o que se encolhe»: allusivo a encolher-se, formando uma *bóla;* para o que, tem o casco com bordas salientes, e as cintas com a fórma e a contractibilidade precisas, a fim de que o animal possa encolher-se inteiro, inclusive cabeça e extremidades dianteiras e trazeiras, dentro daquelle casco. As cintas do córpo são sómente tres; e tambem escamosa é a cauda. A côr é amarella-cinzenta. A barriga é lisa; e apenas com alguns pellos.

O *tatú-aiba* é a peior qualidade, como o nome o designa, *aiba*, «ruim, máu». E' tambem o menor. Aprecia muito os cemiterios.

A força muscular de todas essas especies é enorme; e não ha força humana capaz de abrir um *tatú-apára,* quando se encolhe.

Da cauda do *tatú-assú*, descarnada e sêcca, os indigenas fazem uma especie de buzina, ou *mburé*, usada em suas festas e dansas.

Do casco do *tatú-apara*, por sua fórma e contractibilidade, elles fazem cestas, denominadas *yrú*.

Mas, em summa, o indigena não cogitou do *tatú* para nomear o morro acima descripto.

Tatuapé. — Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Tatuapé, corrutéla de *Tytu-apé*, «raso e sujo». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo», *apé*, «superficie, plano, chato».

Allusivo a ter turvas as aguas; e correr na superficie, sem fundo notavel.

Ao mesmo tempo, o indigena, usando do nome *Tatuapé*, fez um jogo linguistico; porque assignalou correr esse corrego junto ao «sopé do morro», que

tambem designam por *atuapé*, precedido do *t*, relativo.

Tatuhiby.—Era o nome inteiro do ribeirão *Tatú*, que banha a cidade da Limeira.

(Vide o nome *Tatú*).

Tatúhiby, corruptêla de *T-ytú-ibiy*, «sujo e raso». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo», *ibiy*, «baixo, pequeno». O *y* primeiro tem som guttural; e o ultimo tem o mesmo som, porém breve e quasi imperceptivel.

Tatuhiby era o nome primitivo da povoação, hoje cidade de Limeira.

Tatuhy.—Cidade, á margem esquerda do ribeirão *Tatuhy*.

Este ribeirão *Tatuhy* é affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda.

Tatuhy, corruptéla de *T-ytú-i*, «perseverantemente sujo». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo», *i*, posposição de perseverança. O *y* tem pronuncia guttural.

Com effeito, este ribeirão corre sobre terreno, cuja formação é carbonifera, e na qual se encontram calcareos silicosos e fossiliferos. Na serra, que divide as aguas do ribeirão *Tatuhy* das do rio *Guarehy*, altitude de cerca de 710 metros, «apparecem pouco abaixo de uma delgada camada de calcareo silicoso róseo, alguns fosseis silificados, como madeiras de Coniferas, folhas de Lepidodrendons, e conchas mal conservadas», segundo os estudos e exames da Commissão Geographica e Geologica da provincia de S. Paulo.

O nome do ribeirão *Tatuhy*, *T-ytúi*, corresponde perfeitamente á formação geologica daquella região.

Tatupéva.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem direita: no municipio de Iporanga.

Tatupéva, corruptéla de *T-ytú-pé-bae*, «sujo e raso». De *t*, relativo, *ytú*, «sujo», *pé*, «chato, plano», *bae* (breve), para dar a fórma de participio, significando «o que é».

Tem pouca correnteza, visto que tem *pouco declive*.

Taubaté.—Cidade, situada em um planalto, á margem direita do rio *Parahyba*, distante deste 6 kilometros.

Foi primitivamente uma aldêa de indigenas *goiá-ná*, ou *guayanazes*, vencidos em *Piratininga*, e para lá fugidos.

(Vide o nome *Piratininga*).

O nome desta povoação tem sido deturpado: *Itaboaté*, *Taboaté*, *Tahubaté*, *Tabaté*, e ora *Taubaté*.

Dispersados os *goia-ná* vencidos em *Piratininga*, muito antes da vinda de Martim Affonso de Souza, tomaram, em grupos numerosos, direcções varias. A mór parte foi fazer *tába* no lugar, em que é hoje a cidade de *Taubaté*. E, porque alguns daquelles grupos se deixaram escravisar pelos vencedores, e outros seguiram para os sertões do rio *Paranapanema* e da serra *Apucarana*, aquella *tába* foi denominada pelos *goiá-ná*, que fundaram-n'a, *Tab-a-été*, «tába legitima»: de *táb-a*, «povoação, aldeia», *été*, «legitima, verdadeira, antiga, superior». Allusivo a ser essa a *tába* principal e legitima.

Portanto, o nome *Taubaté* é corruptéla de *Tab-a-été*.

Os *goiá-ná*, desta *tába*, estiveram em correspondencia de alliança e amizade com os indigenas da bahia do Rio de Janeiro (*), designados corruptamente *tamoyos*, por serem inimigos dos *t-ỹpi* ou *tupi*, dominadores em *Piratininga* e no respectivo littoral.

(*) Aproveito a opportunidade para assignalar os nomes corruptos *Pão de assucar*, *Nictheroy*, *Guanabára* e *Orgãos*, visto que referi-me á bahia do Rio de Janeiro.

Pão de assucar, corrupção de *Paũ-nd-açú-quâ*, «ilhas, altos e baixos pontudos». De *Paũ*, «ilhas», *nd*, intercalação nasal, *açú*, «altos e baixos», *quâ*, «pontudos». Este *quâ* é pronunciado breve, porque o accento predominante está em *açú*: por aphéresis perdeu o *á* que o deveria preceder, *áquâ*, e que tambem em sua fórma primitiva o tornava breve. Sôa *ga* ou *ca* (breve). Allusivo ás ilhas numerosas dentro da bahia, e aos montes lateraes, uns mais altos que outros, formando a perspectiva de altos e baixos pontudos. Illegitimamente, portanto traria esse nome tupi o pico, que está á entrada da bahia, ao sul. Por isso, cogitei de *Pão de assucar* como sendo a mesma corrupção, mas significando *Paũ*, «monte insulado», *nd*, intercalação nasal, *açú*, «grande», *quâ*, «pontudo». Allusivo a ser um pico bem distincto dos outros montes lateraes da bahia, não só por sua situação e grandeza, como pela fórma pontuda.

Nictherohy, corruptéla de *Nda-y-terõ-i*, perdendo a particula negativa *a*, por existir adiante a vogal *y*, e soando portanto *N'-y-terõ-i*, «sem tortuosidade». De *nda*, particula de negação cujo *d* não sôa, *y*, relativo, *terõ*, «tortuosidade», *i*, para fechar a negação. Allusivo a ser uma bahia franca para a navegação.

As traducções de Martius no Glos. Ling. Bras., Milliet de Saint Adolphe, no Dicionario hist. geog. e descript. do Brazil, Ayres de Casal, na Chorographia Brazilica.

PIZARRO, nas *Memorias hist. do Rio de Janeiro*, e outros, dizendo uns «agua escondida», dizendo outros, «mar morto», são erros palmares, senão verdadeiros disparates.

Guanabára, corruptéla de *Guâá-anã-mb-ár-a*, «enseada muito grande». De *guáá*, «enseada», *anã*, «grande, grossa», *mb*, intercalação nasal para ligar *anã* a *ar* «muito», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Por contracção *Guâá-'nã-mb-ar-a*.

Orgãos (serra dos), corrupção de *O-îi-quâ*, «pontas erectas, juntas umas das outras». De *o*, reciproco, para exprimir plural e o contacto de umas com outras, *îi*, «duro, forte, teso erecto», *quâ*, «ponta». A corrupção proveiu de semelharem canudos de orgam, vistas» de longe.

O *îi* tem som guttural.

Tavacahy.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem direita: no municipio de Sorocaba.

Tavacahy, corrupção de *T-abáquâ-i*, «perseverantemente muito corrente». De *t*, relativo, *abáquâ*, «correr muito», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo a ter forte correnteza.

O indigena diz *cabaquâ*, ou simplesmente *báquâ*, para exprimir a velocidade da correnteza.

Tacoapára.—Morro, mencionado no instrumento de posse da sesmaria de Pedro de Góes, de 15 de Outubro de 1532: «...as quaes terras se chamam de *Tecoapára* e a serra de *Tapuribetéra*, que está da banda d'onde nasce o sol, aguas vertentes com o rio *Gerybatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente...».

Este nome substituiu no instrumento o nome *Taquararira*, que está no titulo de sesmaria de 10 do referido mez e anno.

(Vide o nome *Taquararira*).

Não significam, porém, a mesma cousa.

Tecó-apá-'ra, «o que está torcido». De *tecó-ára*, participio activo do verbo *aicó*, significando «o que está», *apá*, intercalado no nome para ornato e jogo linguistico, «torcido».

São, portanto, dous nomes para o mesmo morro, cada um significando um caracteristico notavel nelle.

A intercalação de um verbo em outro, ou de uma palavra em outra, é uma das construcções mais difficeis na lingua tupi, pela necessidade de evitar a synchyse, isto é, a confusão e o não senso.

Tejereba.—Pequeno ribeiro, que desagua no oceano, á praia *Guarujá*, na ilha *Guaimbê* ou *Santo Amaro:* no municipio de Santos.

Tejereba, corruptéla de *Ti-yêrè-bae*, «o que faz rodomoinho». De *ti*, «agua», *yêrè*, «revolver, volta», formando *ti-yêrè*, ou simplesmente *i-yêrè*, «rodomoinho», com a particula *bae* (breve), significando «o que é».

Allusivo a ter rodomoinhos.

Tejúco.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga.

Outros dizem *Tijúca*.

Tejuco ou *Tijúca*, corruptéla de *Tiyuîcûe*, «espumoso». De *tiyuî*, «espumar», *cûe*, particula que, neste caso, não exprime preterito, mas qualidade ou peculiaridade, ou *presente*, segundo o padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*.

Allusivo a serem cobertas de espumas as suas aguas. E' encachoeirado.

Nada tem com *tijúco*, corruptéla de *ti-yûgca*, «agua apodrecida». De *ti*, «agua», *yûg*, «apodrecer», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *tuyû*, significando «lodo, barro, cousa apodrecida»; mas não deu a razão disso. Com effeito, o som da palavra *ti-yûg* é quasi *tujú*, porque o *i* de *ti* «agua», é guttural; e, portanto, *tuyû*, como palavra diversa, não tem razão de ser.

Temivel.—Affluente do ribeirão *Piranga*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

(Vide o nome *Piranga*).

Temivel, corrupção de *T-ẽm-îig-îî*, «sahida apertada e a prumo». De *t*, relativo, *ẽm*, o mesmo que *hẽ-m*, «sahida», *îig*, «apertado, duro, rijo», *îî*, «resvaladouro a prumo».

Este *Temivel* e o *Travessão*, cada um por uma margem, em frente um do outro, precipitam-se de sua fóz sobre rochas no leito do ribeirão *Piranga*. Mas, esta confluencia é abaixo de uma cascata e salto no ribeirão Piranga: salto

que méde cerca de trinta metros de altura.

(Vide o nome *Travessão*).

No logar, em que os dous ribeirões precipitam-se no ribeirão *Piranga*, foi formado um poço profundissimo, onde as aguas são como que represadas e tomam a côr verde escura, cobertas sempre de espuma.

E' muito encachoeirado; e tem uma cascata de mais de 200 metros de desnivelamento, com um dique a prumo.

Tevó.—Affluente do ribeirão *Cafundó*, pela margem direita: no municipio de Patrocinio de Santa Izabel.

Tevó, corruptéla de *T-ie-óg*, «tapado». De *t*, relativo, *ie*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma, *óg*, «tapar».

Allusivo a correr entre barrancas altas, e por baixo de pedras, ficando coberto ou tapado em alguns logares.

Tico-tico.—Morro granitico inteiriço, á margem direita do rio *Juquery*, proximo ás Caieiras.

Tico-tico, corruptéla de *Ticuî-ticuî*, «completamente pellado». *Ticuî*, «calvo»; repetido para exprimir superlativo.

Tieté.—Grande rio, affluente do rio *Paraná*, pela margem esquerda.

E' o mesmo rio *Anhemby*.

(Vide o nome *Anhemby*)

Nasce na serra maritima, face occidental, no municipio de Parahybuna. O morro em que está a sua origem, é *Ytá-yâb-a*, «pedra rachada», que tem sido traduzido em «pedra rajada». De *ytá*, «pedra, morro», *yâb*, «rachar, gretar, abrir-se naturalmente», com o accrescimo de *a* (preve), por acabar em consoante.

Allusivo a cavernas e grutas.

Tieté, «rio grande», relativamente aos outros da mesma região. De *ti*, «agua, rio», *été*, para exprimir superlativo.

Com effeito, os antigos traduzindo o nome *Ti-été*, assim o denominavam: do que é prova o requerimento de Matheus *Nunes de Siqueira*, que foi deferido em 5 de Setembro de 1668, pedindo uma sesmaria «na testada destas terras (do *Tatuapé)* para o *Rio Grande*, em uma volta que faz o rio,... dentro da qual ha algumas campinas, brejaes, e restingas de matto: ...a qual terra correrá de umas campinas, que partem da banda de baixo do ribeirão de *Tatuapé*, correndo pelo *Rio Grande* á riba pela volta que faz por uma campina que chamam *Itacurutiba* até uma aguada...».

(Vide o nome *Itacurutiba*).

Banha os municipios de Parahybuna, S. José de Parahytinga, Mogy das Cruzes, Conceição dos Guarulhos, S. Paulo, Parnahyba, Araçáriguama, Cabreúva, Itú, Porto Feliz, Tieté, Piracicaba, Botucatú, S. Manoel, Lençóes, Dous Corregos, Jahú, Baryry, Araraquara, e sertões á margem direita e á margem esquerda, ainda occupados pelos indigenas. Banha tambem as colonias militares *Avanhandáva* e *Itapúra*. E' inteiramente encachoeirado, e tem muitos saltos: apenas precedendo o grande salto *Avanhandáva*, ha uma extensão de cerca de 160 kilometros, livre de embaraços e obstrucções, denominada «rio morto», porque as aguas correm muito lentamente, parecendo estagnadas.

E' muito sinuoso; e tem muitas corredeiras, formando cascatas.

Desde o salto de Itú, *Itúguassú*, são dignas de menção as seguintes cachoeiras e corredeiras: *Burú*, *Caiacatinga*, *Caramby*, *Itapuá*, *Jacurupava*, *Atuahy*, *Itupucu*, *Avacucáîa*, *Avarémanduáva* (grande e menor), *Juquiá*, *Acanguera* (grande e menor), *Páu Santo*, *Jurumirim*, *Jacob*, *Itanhaen*, *Tiririca*, *Sabaúna*, *Itaquassáva* (grande e menor), *Bejú*, *Pilões*, *Garcia*, *Mathias Peres*, *Itapema* (grande e menor), *Pederneiras*, *Jatahy*, *Banharão*, *Estirão*, *Potunduva*, *Itapéva*, *Baurú* (grande e menor), *Barery* (grande e menor), *Sepitúba*, *Congonha*, *Guamicanga*, *Tambahú* (grande e menor), *Tambaú-piririca*, *Escaramuça do Gato*, *Cambágibóca*, *Avanhandava* (maior e menor, *salto)*, *Escaramuça*, *Itupanema*, *Piratirúca*, Matto secco, Ondas (grandes e pequenas), Funil (pequeno e grande), Guay-

curytuba, *Aruçatúba*, *Arancanguá* (pequeno e grande), *Itupéva*, *Bacuri* (pequeno e grande), *Itupirú*, *Tres Irmãos*, *Itapúra* (pequeno e grande, *salto*). (*)

São notaveis os tres saltos. O *Avanhandáva* tem a altura de 11,^{m}60; o *Itapúra*, a de 9,^{m}68. O *Ituguassú*, a de 9,^{m}75).

(Vide os nomes *Avanhandáva*, *Itapúra* e *Itú*).

As cachoeiras e corredeiras supra mencionadas foram tambem objecto de estudo especial.

(Vide os nomes respectivos).

Seu leito é de formação granitica; e, em geral, corta extensas varzeas.

As ilhas são numerosas.

E' innavegavel; excepto em alguns logares, por pequenos barcos.

Seu curso excede a 1.300 kilometros.

(*) Vale a pena, sómente para exemplo do modo por que eram interpretados os nomes em lingua tupi, transcrever nesta obra o que o sargento-mór THEOTONIO JOSÉ DUARTE deixou notado no seu *Diario de navegação do rio Tieté*, escripto em 1769, relativamente aos nomes de cachoeiras, deste rio, traduzidos por elle.

«*Avaremanduava*—onde foi a pique um jesuita.
Itanhaen—pedra que falla.
Izararirica—agua que ferve.
Itacaçava—lage que atravessa o rio.
Pirapóra—onde saltam os peixes.
Bujuyquara—buraco de cobra.
Diadgoá—pilões.
Itapema—pedra quebrada.
Do Garcia—perdeu-se este homem nella.
Mathias Peres—perdeu-se este homem nella.
Itabucava—pedras de espingarda.
Ipio—estirão comprido.
Putunduva—onde a vista se faz escura.
Ibauruguassú—onde se perdeu um urú grande.
Baruery-mirim—fructos baruery pequenos.
Baruery-guassú—fructos baruery grandes.
Guaymicanga—ossos de ovelha.
Avanhandava—onde correm os homens.
Bracaé—escaramuça do gato.
Itupavema—cachoeira falbada.
Yayvapirú—matto secco.
Icacoaraguassú—ondas grandes.
Funil—ha duas deste nome.
Vacurituva—onde ha palmitos.
Arassatuva—fructos de araçá.
Araracanguava—cabeça de arara grande.
Itupeva—cachoeira rasa.
Anhangaroté—canal do inferno.
Itupeva-mirim—cachoeira baixa e pequena.
Itupirú—cachoeira baixa e secca.
Itaypiranga—pedra vermelha.
Itapura-mirim—ponto de pedra pequena.
Itapura-guassú—ponto de pedra grande.»

E' simplesmente estúpendo!

Este sargento-mór excedeu a frei FRANCISCO DOS PRAZERES MARANHÃO.

Por essa mesma toada foram seguindo outros, como, por exemplo, o dr. LACERDA DE ALMEIDA, no seu *Diario de viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1890*, o qual indolentemente foi acceitando explicações como estas:

—Em relação aos nomes *Mathias Peres* e *Garcia*, explica-os como de «homens que immortalizaram o seu nome á custa da propria vida, que perderam nestas e nas outras *cachoeiras deixando os seus* nomes aos logares que lhes *serviram de tumulos*». Ora, taes conjecturas, sem fundamento na realidade das pessoas, das cousas e dos factos, *são meios faceis ou proprios* para evitar o trabalho da investigação, *mas nada têm de decisivos* para a interpretação, maximè tratando-se da denominação de logares. Se existiram taes homens, essa existencia devêra, *antes de tudo*, ter sido verificada e não simplesmente conjecturada.

—Em relação ao nome *Escaramuça*, diz elle, «é uma cachoeira que, pela sua configuração, parece um cavallo escaramuçando e d'aqui tomou-lhe o nome»!

—Em relação ao nome *Banhardo*, diz elle: «*Bas* é cousa; *nharon*, brava. Ha tradição entre os pilotos de Cuyabá, que um bicho marinho ou peixe grande levantou ondas nesse logar e fez temor na gente, e que isto succedêra no pôço do mesmo nome; por isso lhe puzeram aquelle nome, que se communicou á cachoeira que está logo abaixo»! Ora, nem *nharon* significa «brava», mas ao contrario, «alegre». A palavra, para significar «brava», no sentido de «arremeter», seria *nharò*, com pronuncia nasal, breve e corrida; e *mbas*, estando antes de um verbo, seria mais um pronome interrogativo do que um substantivo, segundo a lição dos grammaticos. Em todo o caso, o indigena não se submetteria a tão futeis razões para denominar logares.

—Em relação a *Avarémanduava*, diz elle: *Avarémanduava* ou *Avarémanossava*. *Avaré* é padre; *manossava* quer dizer morreu. Ha tradição que neste logar naufragou um padre: d'ahi se chamou o logar e cachoeira *Avarémanossava*; o corrupto vocabulo *Avarémanduava*». E' a mesma lenga-lenga referida pelo capitão J. A. CABRAL CAMELLO, exposta neste *Dicionario*, no nome *Avarémanduava* (Vide o nome *Avarémanduava*). O dr. LACERDA E ALMEIDA, para accommodar tal *tradição*, teve necessidade de buscar uma corrupção forçadissima, recorrendo ao participio *manoçaba*, do verbo *manô*, «morrer».

Em relação a *Guaimicanga*, traduziu elle, «osso de velha»! Ora, no sul, a pronuncia do nome que significa «velha», não é *guaimi*, e sim *guaybi*; e *cang*. «osso», para significar o «osso sem carne», é pronunciado *canguê* e não *canga*. Mas, sentindo o disparate e buscando explical-o, o dr. LACERDA E ALMEIDA diz que «os primeiros portuguezes paulistas, que navegavam estes rios sem maior curiosidade, iam acompanhados de gentios, que baptisavam os logares com qualquer nome a que um pequeno successo dava causa». E' possivel, é mesmo certo, que os primeiros portuguezes paulistas, navegando estes rios, apenas com intuitos aventureiros e de commercio e de mineração, não tinham, em geral, a curiosidade, nem fariam esforço algum por investigar a explicação dos nomes; mas, não é exacto que os gentios, seus companheiros, tivessem o costume de baptisar os logares com qualquer nome a que um pequeno successo dava causa. Não só os factos, como o exame attento das denominações e dos logares, provam o contrario; isto é, provam que os nomes dos logares eram dados depois de ponderação e conselho, tendó em vista principalmente os caracteres topographicos e, ás vezes, isolada ou concomittantemente, outros caracteristicos permanentes, taes como o predominio de molestias endemicas, a abundancia de productos de utilidade ou de consumo frequente, ou a indicação de perigos, de caminhos e de passagens. E, depois, os successos, como base de interpretação, não pódem ser conjecturados, maximè indeterminadamente.

Outras notas, que o dr. LACERDA E ALMEIDA faz ao seu *Diario de Navegação*, demonstram que elle, por não ter estudado a lingua tupi, acreditava que, entre os indigenas, como entre os seus conquistadores, «por qualquer asneira se punha o nome a um logar e é trabalhar debalde ás vezes o procurar uma etymologia racional». E isto escreveu elle para justificar-se das erroneas e até disparatadas traducções que deu aos nomes *Avaucaia* e *Atuay*. Assim, diz elle: «*Avacucaia* significa puxado pelos cabellos, porque *avá* significa cabello, *cucaia*, puxado, e a razão da etymologia é porque nesta cachoeira se afogou uma creatura, cujo corpo se achou embaraçado a um páo pelos cabellos... *Atuahy* vem da *atuá*, «cogóte», *y*, «agua», e a razão da etymologia talvez seja porque alguem ahi lavou o cogóte!» Ora, ainda que *avá* fosse uma corruptéla de *áua*, «cabello», *cucaia* não significaria «puxado», quer como corruptéla de *cucui*, «cahir», quer como corruptéla de *ocky*, «puxar»; e, quanto á «agua do cogóte», elle proprio se incumbiu de duvidar da explicação.

Tieté.—Cidade, á margem esquerda do rio *Tieté*.

E' a antiga villa que trazia o nome Pirapóra de Curuçá.

(Vide o nome Curuçá).

Tijuco-Preto.—Villa, á margem esquerda do rio *Paranapanema*: em uma encosta do morro.

Era conhecida por *Villa de S. Sebastião do Tijuco Preto.* Mas hoje traz o nome *Pirajú.*

Não se trata de *tijuco* e muito menos de *tijuco preto.*

Este nome é corrupção de *Teyqûe-pê*, «caminho da entrada». De *teyquê*, «entrada», *pê*, «caminho. O *y* tem som guttural.

Sem duvida, era por esse morro a entrada do sertão, onde os indigenas ultimamente se haviam reunido; e assignalava esse caminho.

O som *Te-ỹ-qûe-pê* pareceu *tijuco-preto:* dahi a corrupção.

Certamente a natureza carbonifera do terreno auxiliou aquella corrupção.

E' neste municipio o aldeamento antigo, denominado *Pirajú.*

Tijuco-Preto.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Tatuhy.

Affluente do rio *Piracicaba*, pela margem esquerda: no municipio de Piracicaba.

Affluente do ribeirão *Lageado*, pela margem esquerda: no municipio de Rio Novo.

Affluente do ribeirão *Onça*, pela margem direita: no municipio de Ribeirão-Preto.

Affluente do ribeirão *Cassaquera*, pela margem direita: no municipio de S. Bernardo.

Affluente do ribeirão *Cabeça*, pela margem esquerda: no municipio do Rio Claro.

Tijuco-preto, corrupção de *Ti-yûg-capiierê-etei*, contrahido em *Ti-yûgca-p'''-re-'teî*, «espumoso, e muito derramado». De *ti-yûg*, «espumar» com o suffixo *ca* (breve), para formar supino, *piiêrê*, «derramar-se», *etei*, para exprimir superlativo ou excesso, com pronuncia breve.

Allusivo a derramarem-se em alagadiços, formando espuma as aguas estagnadas.

Timboava.—Lagôa, á margem do ribeirão *Anna da Costa:* no municipio de Iguape.

(Vide o nome *Anna da Costa*).

Timboáva, corruptéla de *Timbó-ába*, «vaporosa». De *timbó*, «evaporação, bafo», *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, etc.

O terreno dessa região é mineral.

Não se trata do *timbó*, veneno vegetal empregado na pesca. Ha varias arvores, cujas raizes e caules socadas e atiradas ás aguas pouco correntes de um rio ou lagôa, matam todo o peixe que por alli passa. O *timbó* legitimo é o da *Paullinia pinnata*, de LINNEO; mas ha tambem o do *Entorolobium timboúva*, de MARTIUS, da familia das Leguminosas: *timbó-ib-a*, «arvore do *timbó*».

Tingossú.—(Vide o nome *Itî*).

Tingossú é corrupção.

Tiquatira.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Banha a freguezia de N. S. da Penha de França.

Tiquatira, corruptèla de *T-iquê-atir-a*, contrahido em *-Tiqu'-atir-a*, «margens altas». De *t*, relativo, *iquê*, «lado, costa», *atir*, «levantado, alto», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a correr entre barrancas a prumo.

Tira-catinga. — Cachoeira, no rio *Mogy-guassú.*

Tira-catinga, corrupção de *Terequâ-atî-nga*, contrahido em *Terequ'-atî-nga*, «frente cercada». De *terequâ*, «face, frente», *atî*, «rodear, atalhar, cercar», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a existir na extremidade inferior dessa cachoeira um dique granitico, de margem a margem do rio.

E' cachoeira perigosissima, porque a canôa, no impulso que leva na descida, é arrojada sobre aquelle dique granitico.

Tiririca.—Corredeira, no rio *Tieté*, abaixo da cidade de Porto Feliz.

Tiririca, isto é, *T-yryri'-ca* «veloz». De *t*, relativo, substituindo o *p* de *pyryri*, «ser veloz, ligeiro», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. (*)

(*) Em avulso:
O dr. Lacerda e Almeida, no seu *Diario de viagem nos annos de 1780 a 1790*, diz que *Tiririca* é o mesmo que *yxururuca* e quer dizer «agua que está chiando ou fervendo». Se tal interpretação tivesse cabimento, seria mais correcto dizer *yxiririca* e não *yxururuca*, porque «ferver» é *xiriri* e não *xururu*.

Toá.—(Vide o nome *Tuá*).

Tombaú.—(Vide o nome *Tambaú*), E' relativo ao affluente do *Rio Pardo*, no municipio de Casa Branca.

Toninhas.—(Ponta das)—Ponta ao sul da enseada de Ubatuba. (*)

(*) Estava em branco o logar destinado á explicação.

Toque-toque.—Braço de mar, entre a ilha *S. Sebastião* e o continente.

Uma ilhota ao extremo sul deste braço de mar tambem traz este nome.

Com este nome são conhecidas duas praias no municipio de S. Sebastião: *Toque-toque grande* e *Toque-toque pequeno*.

O nome *Toque-toque* é só e sómente do braço de mar. A ilhota e as praias o têm por causa da proximidade.

(Vide o nome *Apára*).

Toque-toque, corrupção de *T'-óg-tóg*, «furado de um a outro extremo». De *t*, relativo, *og*, «furar», que por ser precedido de relativo, significa «furado»: repetido, para exprimir, neste caso, que o facto foi completo, de um ao outro extremo.

Allusivo a ter sido aberto pelo mar, separando assim do continente a ilha *S. Sebastião;* ao inverso de outras ilhas que são formadas por sublevação do sólo.

Do lado do norte, a largura é $5^{k},5$; mas, estreita-se para o lado do sul até ao ponto de ser reduzida a $1^{k},72$.

O canal que ahi ha, é franco pelo *lado do norte; porém*, pelo lado do sul, *ha necessidade de contínua sondagem, porque, além de ser tortuoso*, e ladeado de arrecifes, cómoros de areia o deslocam incessantemente, por effeito das correntes maritimas. Por isso, os indigenas o denominaram *Apára*, assignalando que «se entorta».

Toucinho.—Affluente do rio *Tremembé*, e este do rio *Tieté*, ambos pela margem direita: no municipio de S. Paulo.

E' um dos mananciaes de abastecimento de agua na cidade de S. Paulo.

Toucinho, corrupção de *T-úú-chỹ*, «lodoso e escorregadio». De *t*, relativo, *úú*, o mesmo que *húú*, cujo *h* foi perdido por causa do *t*, relativo, «lodo, borra, detritos apodrecidos», *cỹ* ou *chỹ*, «escorregadío, lubrico, resvaladio».

Allusivo a ser muito sujo de materias apodrecidas, tendo á superficie de suas aguas espumas e manchas gordurosas: o leito escorregadío.

A corrupção em *Toucinho* provem daquellas espumas e manchas gordurosas.

Trapandé.—Archipelago, ao sul da ilha *Cananéa*.

E' denominado vulgarmente *Mar de Trapandé*.

Outros applicam o nome a uma curva que ahi faz o continente. E tambem dizem *Mar do Ararapira*.

Trapandé, corrupção de *Teiî-rà-páu-nd-é*, «muitas ilhas e elevações á parte». De *teii*, «grupo, manada, companhia, familia, muitos», *ra*, «elevação, levantado, signal, mancha, desigual», *páũ*, «ilha, intermedio entre dous», *nd*, intercalação nasal, *é*, «á parte».

Allusivo ao grupo de ilhas, arrecifes e parceis, que estão ao sul da barra de Cananéa, formada pela ponta-norte da ilha *Cardoso* e pela extremidade sul da ilha *Cananéa*.

As ilhas são: *Bom Abrigo*, *Cardoso*, *Camberihú*, *Castilho*, *Figueira*, *Tumba*, *Ubatuba* e outras. Os arrecifes são os *Moleques*. Além dos parceis e cómoros de areia.

E' certo que archipelago é uma extensão de mar, semeiada de ilhas. Neste sentido, bem applicado foi o nome Teiî-rá-páu-nd-é a essa extensão de mar.

Travejú. — Serrote, ramificação da serra *Mantiqueira*: no municipio de Buquira.

Travejú, corrupção de *Ty-rá-ie-yî*, «pontas, altos e baixos cavernosos». De *ty*, «ponta», *rá*, «altos e baixos, desigual», *ie*, reciproco para exprimir a acção da cousa em si mesma, *yî*, «concavidade, caverna, abertura natural, seio, ôco».

Allusivo a ter no cume altos e baixos e pontas; e em baixo cavernas e grutas.

Travessão.—Affluente do ribeirão *Piranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

(Vide o nome *Piranga*).

Travessão, corrupção de *Tár-ẽm-çõcè*, «sahida alta, em quéda». De *t*, relativo, *ár*, «cahir», que, precedido de *t*, relativo, significa «quéda», *ẽm*, o mesmo que *he-m*, «sahida», *çocè*, «sobrepujar, de alto», nasalisado por effeito do som nasal de *hẽ-m*, e portanto pronunciado *çõcè*.

Este *Travessão* e o *Temivel*, cada um por uma margem, em frente um do outro, precipitam-se de sua fóz sobre rochas no leito do ribeirão *Piranga*. Mas, esta confluencia é abaixo de uma cascata e salto no ribeirão *Piranga;* salto que méde cerca de trinta metros de altura.

(Vide o nome *Temivel*).

No logar, em que os dous ribeirões precipitam-se no ribeirão *Piranga*, foi formado um poço profundissimo, onde as aguas são como que represadas e tomam a côr verde-escuro, cobertas sempre de espuma.

Este ribeirão é aurifero; e já se fizeram nelle lavras, mudando-lhe mesmo o leito.

Naquelles logares ha a crença de que o poço no leito do *Piranga* tem no fundo a *mãe do ouro;* pelo que é impenetravel, sem perigo da vida.

Tremembé.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: no municipio de Taubaté.

E' o nome do rio *Guapira*, antes da confluencia do ribeirão *Cabuçú:* d'ahi para cima é *Tremembé*, e d'ahi para baixo até desaguar no rio *Tieté*, pela margem direita, é *Guapira:* no municipio de S. Paulo.

Tremembé, corrupção de *T-ìêrè-membég*, «sinuoso e frouxo». De *t*, relativo, *ìêrè*, «voltear, volta», *membég*, «afrouxar, derramar, liquidar, derreter», significando, «sinuoso e frouxo», por estarem esses verbos precedidos de *t*, relativo.

Allusivo ás voltas que dá, e a afrouxar-se em alagadiços e poços.

A' fóz do affluente do rio *Parahyba* está edificada a capella do Senhor Bom Jesus, que attráe grande multidão de romeiros.

Tres-ilhas.—Cachoeira, no rio *Paranapanema*.

Nesse logar, não ha sómente *tres* ilhas: ha muitas outras. E, portanto, esse nome é uma corrupção de *Teiî-ir-a*, «muitos pedaços», allusivo certamente ás ilhas. De *teiî*, «muitos, manada, grupo», *ir*, «fazer pedaços, cortar, despegar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O verbo *ir-a*, estando no infinitivo sem caso, significa «pedaços».

Com effeito, o rio ahi parece despedaçado, ou cortado aos pedaços; e estes são as taes ilhas, umas maiores, outras menores: e, entre estas ilhas, ha varios canaes, que o nome tupi representa como talhos ou cortaduras, cada qual mais encachoeirado e obstruido.

Tres-irmãos.—Cachoeira, ou antes, cachoeiras que se seguem logo uma á outra, no rio *Tieté*.

Tres-irmãos, corrupção de *Teiî-imanî*, «muitos logo em seguida». De *teii*, «muitos, manada, grupo», *imanî*, «logo em seguida».

Tuá.—Confluente do ribeirão *Itaberába:* entre os municipios de Conceição dos Guarulhos, de Nazareth e de Mogy das Cruzes.

Tuá, isto é, *tú-á*, «cahido a golpes». De *tú*, «golpe, pancada», *á*, «cahir».

Allusivo a descer da *Tapéra Grande* aos saltos, de quéda em quéda, formando com o ribeirão Itaberába um só curso, logo que confluê com este.

Aquella *Tapera Grande* é tambem conhecida propriamente por *Morro Grande*. (Vide o nome *Tapera Grande*).

Tubarána. — Affluente do ribeirão *Sant'Anna*, pela margem direita: servindo de divisa aos municipios de Casa Branca e de Santa Cruz das Palmeiras.

Affluente do rio *Turvo*, pela margem direita: no municipio de Jaboticabal.

Tubarána, corruptéla de *Tú-bo-ar-ã-m-a*, contrahido em *Tu-b'-ar-ã-m-a*, «empinado, cahe aos saltos». De *tú*, «golpe, salto», *bo*, para exprimir o modo, *ar*, cahir», *ã-m*, «empinar», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo ao seu forte declive, cahindo de salto em salto, de cachoeira em cachoeira.

O nome corrupto nada tem com o peixe *tabarana*, como é facil verificar da primeira syllaba; e, aliás, o indigena não sohia dar denominações a logares, usando de nomes de peixes, e de outros animaes, nem tambem de nomes de vegetaes e de mineraes.

Mas, é intuitivo que ao nome daquelle peixe é devida a corrupção quanto ás duas ultimas syllabas: mudadas *ara-ma* em *ara-na*.

Tucum.—Cabeceira do rio *Pirou-pava:* no municipio de Iguape.

E' certo que no logar abunda o *ticum* ou *tucum*, palmeira espinhosa, conhecida na sciencia por *Astrocaryum vulgare*, e por outras denominações, conforme as especies ou sub-especies *Bractis;* e esta palmeira fornece optimos fios para cordoaria.

O nome deste corrego é *Ti-húú*, «agua turva». De *ti*, «agua», *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos». O *y* aspirado produziu, pelo som, a pronuncia *Ti-cúú:* d'ahi a corruptéla.

Coincidindo o nome da palmeira com o do corrego, é sem duvida que o indigena quiz fazer o seu costumado jogo linguistico na denominação deste corrego.

Tucumbó.—Cachoeira, no rio *Mogy-guassú*.

Tucumbó, corruptéla de *Ty-hù-mbó*, «saltos, rodomoinhos e arrecifes». De *ty*, «ponta», *hù*, «revolver», *mbo*, o mesmo que *pó*, «salto», mudado o *p* em *mb*, por ser nasal a palavra anterior.

Este nome coincide com a abundancia da palmeira espinhosa *Ticũ*, nesse logar; e, pois o nome *Tucumbó* é o mesmo que *Ticũ-mbó*, «muito ticum», de *ticũ*, e *mbo* para exprimir superlativo. Nessa coincidencia está patente o jogo linguistico para a denominação da cachoeira.

Esta cachoeira é hoje conhecida pelo nome *Cordão*, traducção figurada de *Ticũ-mbó*, considerando a palavra *mbó* como a fórma nasal de *pó*, «fio»; e, pois, significaria «fio de ticum», que é empregado em cordoaria. Esta traducção, porém, é sem applicação a esta cachoeira.

Tucunduva.—Affluente do rio *Sarapuhy*, pela margem esquerda: no municipio de Sarapuhy..

Ainda neste nome o indigena fez o seu costumado jogo linguistico. Nesse logar abunda a palmeira espinhosa *ticum:* e, por isso, o nome *Tucunduva* é o mesmo que *Ticũ-ndib-a*, «logar de ticum», de *ticũ*, e *tib-a*, mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *ticũ*, significando «logar natural». Mas, tambem essa região é pantanosa, inclusive o leito e as margens desse ribeirão; e, por isso, o nome *Tucundúba* é o mesmo que *Ti-húú-ndib-a*, «logar de agua lodosa», de *ti*, «agua», *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos», *tib-a* mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *húú*, «logar natural».

Com effeito, é um ribeirão charcoso, tanto no leito, como nas margens: mas, ás suas margens, ha abundancia da palmeira *ticũ*.

Tucúra. — Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem esquerda: no municipio de Mogy-mirim.

Não se trata do orthoptero saltador, camarão ou gafanhoto, que é em tupi

Tucúr-a, mais especialmente applicado ao gafanhoto. E', porém, provavel que, naquella região, abunde o gafanhoto, que a sciencia denomina *gryllus*, com as suas variedades—*subulatus* (o pontúdo), *grossus* (o barrigudo), *migratorius* (o de arribação), e outros, entre os quaes o verde; e tambem os pequenitos cantadores, que são os que o povo denomina *grillo*.

Tucúra, nome do ribeirão, é corruptéla de *Ti-cury*, «rio veloz». De *ti*, «rio, agua», *cury*, «veloz, ligeiro». Esta palavra *cury* póde ser pronunciada breve, como neste nome; visto que póde ter ou não som nasal.

Allusivo á grande correnteza de suas aguas.

E, voltando ao nome *tucúr-a*, «gafanhoto», deixo aqui um esclarecimento. O indigena denominava o frade da Ordem de S. Francisco *abaré-tucúra*, «padre gafanhoto»: allusivo ao capuz triangular, pendente de traz do pescoço. De *abá-ré*, «homem distincto, sacerdote, padre», *tucúr-a*, «gafanhoto». A denominação não deixa de ter algum espirito.

Tucury.—Affluente do rio *Tieté*, pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

Tucury, corruptéla de *Ti-cury-i*, «rio perseverantemente muito corrente». De *ti*, «rio, agua», *cury*, «veloz, ligeiro», *i*, posposição de perseverança.

Allusivo á sua muita correnteza.

Tumba.—Ilha pequena, que está situada entre a ilha *Cardoso* e o continente: no municipio de Cananéa.

Tumba, corruptéla de *Tỹ-mbáe*, «soterrada». De *tỹ*, «soterrar», com a particula *bae* (breve), precedida de *m*, por ser nasal o verbo, para formar participio.

Allusivo a ser coberta de cómoros de areia, formados pelas ondas do mar.

Segundo o systema dos indigenas, de assignalar nomes com som identico ou quasi identico, mas com significados diversos, para logares varios, na mesma região, *Túí-bae* era o nome do braço de mar, que divide ou separa aquellas duas ilhas, por ser ahi o encontro de duas marés, por effeito de duas correntes inversas. Essas duas marés, levantam as aguas á grande altura, formando bojo e movimentos fortemente ondulados, que o povo denomina *Trámbalaságuas*, cuja etymologia desconheço. De *túí*, «rebojar, fazer bojo», com a particula *bae* (breve), para formar participio.

Tumiarú.—E' o nome do porto, de que fazem menção as chronicas, no rio *S. Vicente*.

Frei Gaspar da Madre de Deus, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, escreveu: «Por esta ou por alguma outra razão que ignoro, levantou (Martim Affonso de Souza) a villa no fim da praia de *Tararé*, junto ao mar, em sitio alguma cousa distante do porto de *Tumiarú*, entre o qual e a povoação se intromette um outeiro». E, referindo-se ao trajecto pelas praias de *Tararé* e de *Embaré*, até á ponta da praia, onde então existia o forte da *Estacada*, accrescentou: «Por aqui se conduziam para a villa as cargas menos pesadas, e as outras ordinariamente iam pelo rio em canôas até *Tumiarú*».

Segundo o mesmo frei Gaspar da Madre de Deus, naquelle logar morava Antonio Rodrigues, companheiro de João Ramalho, quando Martim Affonso de Souza entrou com a sua armada no rio *Bertioga*, em 1531.

Tumiarú é corruptéla de *Temi-harõ*, «guardado». De *temi*, verbal de participio presente, que sempre deve preceder ao verbo, *harõ*, «guardar».

Allusivo a ter sido estabelecido, nesse porto, um Registro com guardas, quando Martim Affonso de Souza fundou a villa de S. Vicente.

Do exposto fica verificado que não é nome do logar.

Turvinho.—(Vide o nome *Turvo*).

Este nome *Turvinho* é apenas um diminutivo, para distinguil-o do outro Turvo, tambem affluente do Rio Pardo, pela margem direita.

Turvo.—Dous affluentes do *Rio Pardo*, pela margem direita: nos municipios de Espirito Santo do Turvo e de Santa Barbara do Rio Pardo. O que desagua acima da villa de Santa Barbara, é *Turvinho*. O outro desagua alguns kilometros acima da barra do *Rio Pardo*, e é *Turvo*.

Affluente do ribeirão *Bananal*, pela margem direita: nos municipios de Lagoinha e de S. Luiz de Parahytinga.

Affluente do rio *Parahybuna*, pela margem esquerda: no municipio de Parahybuna.

Dous affluentes do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: no municipio de Piedade. Um é *Turvo;* outro é *Turvinho*.

Affluente do rio *Paranapanema*, pela margem direita: entre os municipios de Itapetininga e de Capão Bonito de Paranapanema, aos quaes serve de divisa.

Affluente do rio *Jacupiranga*, pela margem esquerda: no municipio de Iguape.

Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga.

Affluente do rio *Paraná*, ainda com o nome *Rio Grande*, pela margem esquerda: entre os municipios de Jaboticabal e de Espirito Santo de Barretos.

Affluente do rio *Paraná*, ainda com o nome *Rio Grande*, pela margem esquerda: no municipio de Jaboticabal.

E outros menores.

Turvo, corrupção de *Tú-bo*, «aos saltos». De *tú*, «golpe, salto», *bo* (breve), para exprimir o modo.

São rios e ribeirões encachoeirados e com saltos innumeros: leito ingreme, entre barrancas.

No affluente do *Parahytinga*, ha uma cachoeira e salto na altura de mais de dez metros; donde as aguas despenham-se, sobre successivos degráus graniticos, com enorme fragor.

No affluente do *Parahybuna*, ha uma imponente cascata, com successivos saltos.

Em summa, o caracteristico destes rios e ribeirões é a successão de cachoeiras e de saltos, com leito ingreme, correnteza extraordinaria, e margens altas.

Nada tem realmente o nome *Tú-bo* com a corrupção *Turvo*, senão que as aguas revoltas são naturalmente turvas.

Tuvú.—Affluente do rio *Parahyba*, pela margem esquerda: no municipio de S. José dos Campos.

Tuvú, corruptéla de *Ti-húú*, «agua turva». De *ti*, «agua, rio», *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos». O *ti* tem som guttural.

Allusivo a ter lodo no leito e ás margens; de sorte que a agua está sempre suja.

U

Ubatuba.—Cidade e porto de mar, entre as barras do rio *Ubatuba* (o grande) e do rio *Alagôa*.

A bahia é vasta e abrigada; e seu fundo é de 20 a 30 metros.

Ubatuba. —Rios que nascem na serra maritima, e desaguam no oceano: no municipio de Ubatuba.

Ha dous: o *uçú* e o *mirim*. Isto é, *Ubatub'-açú* e o *Ubatu-mirim*.

Os indigenas denominavam *ubá* certa especie de canôa; a canôa é fabricada de um unico madeiro, que é tornado ôco ou concavo, *yî-ib-á*, «pau inteiro concavo», de *yî*, «concavo, ôco», *ib*, «arvore», *á*, «inteiro, sem partir»:—o som da pronuncia é *úî-ib-á*, contrahido em *úî-'b-á*.

Da mesma sorte, o nome da canna brava ou silvestre não é simplesmente *ubá*, mas sim *uîbá*, que é a mesma palavra ou nome acima, *úî-'b-á*, por allusão a não ter os nós da canna mansa, e a ser ôca. O padre A. R. DE MONTOYA, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *huîbá*.

Ubatúba, nome desses dous pequenos rios, é corruptéla de *Ybiỹ-atú-bae*, «raso e curto», *ybiỹ*, «baixo», *atú*, «curto, abreviado», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é». O *iy* tem som guttural, e quasi não sôa; o *y* inicial é tambem guttural:—dahi a corruptéla *Ubatúba*.

Com effeito, esses dous rios, além de *pouco extensos, são rasos*.

O *Ubatuba* maior não tem a extensão de mais de seis kilometros; e o seu fundo, já proximo á fóz, pouco excede de um metro, mesmo no prea-mar.

O *Ubatuba* menor, ou *Ubatú-mirim*, não excede de quatro kilometros em seu curso; e o seu fundo não excede muito de oitenta centimetros, mesmo no prea-mar.

Ubatúba. — Ilhota, no archipelago *Trapandé:* municipio de Cananéa.

Ubatúba, corruptéla de *Ybiỹ-atú-bae*, «baixo e curto». De *ybiỹ*, «baixa», *atú*, «abreviar, curta», com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando «o que é». O *y* inicial, e o *iy*, têm pronuncia guttural; por isso sôa *Ubatúba*.

Allusivo a ser pequena e rasa.

Uberaba.—Affluente do ribeirão (*), pela margem esquerda: no municipio de S. Paulo.

O trecho ultimo do ribeirão *Tapuxinga*, antes de desaguar no rio *Jaguary*, e depois de receber muitos corregos.

(Vide os nomes *Canivete* e *Tapuxinga*).

Uberaba, corruptéla de *I-beráb-a*, «agua brilhante». De *i*, «agua», *beráb*, «brilhar, resplandescer», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo ás suas aguas crystallinas.

(*) No original está omisso o nome deste ribeirão onde afflúe o *Uberaba;* mas, para supprir a omissão, dirigimo-nos ao escriptorio da Commissão Geographica e Geologica e alli nos mostraram, na respectiva *folha*, o ribeirão *Uberaba*, affluindo no rio *Pinheiros*, pela margem direita, e recebendo, pela margem esquerda, um ribeiro denominado *Uberabinha*. (Vide os nomes Jurubatuba e Pinheiros).

Umbahú.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Iporanga.

Umbahú, corruptéla de *Húú-mb-aû*, «manchado do lodo». De *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos», *mb*, intercalação nasal, *aû*, «sujidade, mancha».

Allusivo a ter em varios logares manchas lodosas.

Umbéva. — Affluente do rio *Una d'Aldêa*, pela margem direita: no municipio de Iguape.

Umbéva, corruptéla de *Húú-mbé-bae*, «chato e lodoso». De *húú*, «lodo, borra, fézes, detritos», *mbé*, o mesmo que *pé*, «chato, plano», mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal da palavra anterior, *bae* (breve), para dar a fórma de participio, significando «o que é».

Allusivo a estender-se em charco, formando muito lodo.

Una.—Villa, situada no angulo formado pela affluencia do ribeirão *Una* no rio *Sorocaba*, quando ainda tem o nome *Sorocabussú:* á margem esquerda deste, e á margem direita daquelle, do qual é mais proximo e que lhe deu o nome.

Una.—Affluente do rio *Sorocaba*, pela margem esquerda: entre os municipios de Una e de Piedade.

Affluente do rio *Parahyba*, pela margem direita: entre os municipios de Taubaté e de Pindamonhangaba

Affluente do rio *Tieté*, pela margem direita: no municipio de Mogy das Cruzes. E' tambem conhecido por *Perová*.

(Vide o nome *Perová*).

Rio que, nascendo na serra maritima, desagua no oceano: no municipio de Santos.

Rio que, nascendo na serra *Itatins*, entre os morros *Guacundúva* e *Botucavarú*, desagua no oceano, ao sul do cabo *Juréa*. Este rio é confundido com o braço ou furo *Una do Prelado*. Serve de divisa aos municipios de Iguape e de Itanhaen.

(Vide o nome *Una do Prelado*).

Rio que, nascendo na serra Pouso Alto, desagua no rio Ribeira de Iguape, pela margem esquerda, quasi á sua fóz. Tem o nome *Una d'Aldêa*, por confusão com o atalho que existia pela praia ao sul do cabo *Juréa* E' um de seus affluentes o ribeirão *Una-mirim*.

(Vida o nome *Una da Aldêa*).

Tem sido entendido que o nome *Una* é *Hú-na*, «preto»: e, com effeito, coincidindo com este significado, não só a côr do terreno, como tambem a sujidade das aguas, será talvez arrojo meu explicar de outro modo aquelle nome.

Entendo que *U-na* é corruptéla de *H-ũ-na*, «revolvido». De *h*, relativo, porque o verbo *rũ* o pede, perdendo o *r*, «revolver», com o suffixo *na* (breve), para formar supino.

Sem duvida concorre para isso a formação geologica, terreno carbonifero misturado com areia e cascalho; de sorte que as aguas cavam buracos no leito, e, formando rodomoinhos, são turvadas com as fézes em contínuo movimento.

O effeito é o mesmo, tanto em uma explicação como em outra:—as aguas *denegridas*. Mas, o indigena denominava quasi sempre os rios e os ribeirões, não pela côr da agua, mas pela formação de seu fundo ou leito, de suas margens altas ou baixas, de suas cachoeiras, saltos e corredeiras, e de seus alagadiços.

Una do Prelado.—Este nome nada tem com o rio *Una*, já descripto, como recentemente tem sido entendido.

(Vide o nome *Una*).

Era a designação dos dous portos, para os que viajam entre *Itanhaen* e *Iguape*; e nada mais do que isso.

Uma cousa é o rio *Una*, outra cousa é o braço ou furo, que era atalho para ir ao *Porto do Prelado*, traducção corrupta de *O-naí-peraíé*, «atalho do caminho em communicação com o porto». De *o*, reciproco, para exprimir communicação», *naí*, «porto», *peraíé*, «atalho de caminho». Depois, o porto no *Suá-mirim*.

O conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia* de S. Paulo no anno *1805*, assim descreve esse trajecto: «Embarquei no rio

de Una, que eu chamava antes *rio da Paciencia* pela sua largura, e depois *foi por um braço até o porto do Prelado*, do qual vae dar-se *por terra* á praia da Juréa... Andei uma grande parte da praia da Juréa, e *vim ter ao porto de Suamirim*, onde embarquei e vim ter á ribeira de Iguape...»

O indigena, usando d'aquelle nome *O-naî-peraiê*, assignalou o braço ou furo communicando os dous portos supra mencionados.

Una do Prelado é simplesmente um disparate.

Una d'Aldêa.—Este nome não tem relação alguma com aquelle rio *Una*, affluente do rio *Ribeira de Iguape*, já mencionado.

(Vide o nome *Una*).

Era simplesmente a designação dos dous portos em communicação—o denominado do *Prelado* e *Suá-mirim*, muito conhecidos pelos que viajam entre Itanhaen e Iguape.

São cousas diversas esse rio *Una* e o atalho pela praia da Juréa para ir ao porto de *Suá-mirim*, ou deste ao porto denominado corruptamente *do Prelado*.

Já transcrevi, a proposito do nome *Una do Prelado*, o que a respeito escreveu o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*. Agora, vou transcrever algumas palavras do dr. CARLOS RATH, nos *Fragmentos Geologicos e Geographicos*: «... dahi (Suá-mirim), toma-se a pé pela praia do Jureia até o *canal* do rio Una do Prelado...»

Portanto, o nome *Una d'Aldêa* é uma corrupção de *O-naî-haiê*, «atalho de porto a porto». De *o*, reciproco, para exprimir communicação, *naî*, «porto», *haiê*, «atalho».

Allusivo ao travessio pela praia da *Juréa*.

E' necessario que não se confunda isto com o furado ultimamente projectado para communicar o rio *Una* supramencionado, *com o Suá-mirim*, visto que o nome *O-naî-haiê* já existia no seculo XVI, quanto aportou a *Bertioga* Martim Affonso de Souza:—era antigo travessio dos indigenas e sem arte humana.

Urubúpungá.—Cachoeira, no rio *Paraná*, acima da fóz do rio *Tieté*.

Urubúpungá, corrupção de *Y-rũ-mbú-pú-nguá*, «golpes de arrebentação, estrepito, e rodomoinhos». De *y*, relativo, *rũ*, «revolver», *mbú*, «estrepito, ruido», *pu*, de *púg*, «arrebentar», *nguá*, fórma nasal de *quá*, «golpe, pancada».

A palavra *rũ* nasalisa todas as outras: por isso *mbú*, em vez de *pú*, e *nguá*, em vez de *quá*.

Allusivo a arrebentarem-se com estrondo as aguas de encontro ás pedras, formando depois rodomoinhos, muitos e successivos.

A traducção do nome corrupto *urubúpungá*, seria «urubú inchado». Simplesmente um disparate, tratando-se de uma cachoeira.

Urubuqueçáva.—Morro granitico, á margem esquerda do rio *Juquery*. E' tambem conhecido pelo nome *Dôce*.

(Vide o nome *Dôce*).

Urubuqueçáva, corruptéla de *Y-bir-áquâ-çába*, «erecto, com ponta alta». De *y*, relativo, *bir*, «levantar, alçar», *áquâ*, «ponta», *çaba*, verbal por acabar em *a* a palavra *aquâ*, com fórma de participio para exprimir o modo.

Por ser altissimo, e ponteagudo, a corruptéla foi feita por lá pousarem *urubús*; pois que *urubú-quê-çába* significa «pouso de urubu». De *urubú*, ave conhecida, *quê-çába*, participio de *quer*, «dormir, pousar». Acabando em *r*, o participio é feito com *çába*, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*.

Urubúqueçáva.—Pequena ilha, hoje conhecida por *José Menino*: entre os municipios de Santos e de S. Vicente.

E' realmente *urubú-quê-çaba*, «pouso de urubús». Conheço-a.

Ururay.—Serra e ribeirão, uma e outro mencionados nos titulos de ses-

maria de Pedro de Goes, de 10 de Outubro de 1532, e de Ruy Pinto, de 10 de Fevereiro de 1533.

No ultimo titulo ha mais clareza: «E, atravessando o dito caminho (de *Piratinim)*, irá pela mesma serra (o serro alto que vae sobre o mar) até chegar sobre o valle de *Ururay*, que é da banda do norte das ditas terras, onde a serra faz uma fenda por uma sellada, que parece que fenece por alli, a qual serra é mais alta que outra por alli ajunta e d'ella que vem por riba do valle de *Uraray*, da qual aberta cahe uma agua branca; do alto desta dita barra desce directamente ao rio *Ururay*, e pela veia d'agua irá abaixo até se metter no mar e outéiros escalvados...»

Fiz os maiores esforços para interpretar o nome *Ururay*, applicado á serra e ao ribeirão: não o consegui.

Entendo, portanto, que esse nome *Ururay* foi attribuido á serra e ao ribeirão, sómente por estarem na região em que existia a grande *tába* de *Piheróbiâ*, nome este corrompido em *Piqueroby*, a qual era assim denominada, segundo o descreveram os chronistas.

Ururay, nome de *tába*, é manifestamente corruptéla de *Y-rû-rai*, «geração, nação». De *y*, relativo, *rû*, «accrescentar, augmentar, crescer em numero», *rai*, o mesmo qua *tai*, «filho».

Allusivo a ser essa a *tába* principal, onde estava o chefe da familia, o chefe da nação.

Mesmo o nome deste chefe, *Pi-heróbiâ*, «centro fixo e superior», coincide para aquella explicação do nome *Ururay*:— *pi*, «centro», *heróbiâ*, «autoridade, confiança, respeito, obediencia, honra, estima, credito, fixidez».

À filha deste chefe, que vivia maritalmente com Antonio Rodrigues, portuguez, quando em 1531, ao canal *Bertioga* aportou a armada de Martim Affonso de Sousa, é a progenitora indigena das principaes familias da Capitania de S. Vicente e S. Paulo, como o mostrei na obra *Algumas Notas Genealogicas*.

Não era chefe *goiá-ná;* era *tupi*.

(Vide o nome *Piratininga*).

Nem de outro modo é explicavel a sua autoridade invocada, quando appareceu e fundeou em *Bertioga* aquella armada.

V

Vacan.—Pequeno corrego entre os municipios de S. Paulo e de Conceição dos Guarulhos.

Vacan, corruptéla de *I-acang*, «arroio». De *i*, «agua», *acang*, «seccar».

Allusivo a não ter curso perenne, senão no tempo das chuvas; seccando mesmo quando o verão é rigoroso.

Vaccanga.—Morro granitico, no municipio de Parnahyba.

Vaccanga, corruptéla de *Y-acang-a*, «o cabeçudo». De *y*, relativo, *acang*, «cabeça», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo a não acabar em ponta, como outros da mesma região.

Vaporunduba.—Vide os nomes *Guapurunduba* e *Ivapurunduba*.

Varadouro.—Affluente do rio *Itanhaen*, pela margem esquerda: no municipio de Itanhaen.

Varadouro, corrupção de *Harû-ndúrù*, «impedimentos, e estrondo». De *harû*, «impedimento», *ndúrù*, «estrondo».

Allusivo a ser muito encachoeirado e com quédas; de sorte que as aguas fazem muito estrondo.

Varadouro.—Cataracta, no *Rio Pardo*, affluente do rio *Mogy-guassú*.

(Vide o nome *Pardo*).

Cataracta, no rio *Ribeira de Iguape*. (*Vide o nome Ribeira de Iguape*).

Varadouro.—Canal para ligar o ribeirão *Ararapira*, no municipio de Cananéa, com a bahia *Paranaguá*, na provincia de Paraná.

E' obra deste seculo.

A denominação deste canal é portugueza:—canal para *varar* de um a outro mar, sem precisar navegar o oceano.

Vassununga.—Affluente do rio *Mogy-guassú*, pela margem direita: entre os municipios de S. Simão e de Santa Rita de Passa Quatro, aos quaes serve de divisa.

Vassununga, corruptéla de *Y-aiè-çununga*, «muito ruidoso». De *y*, relativo, *aiè*, «muito», *çunũ*, «fazer ruido», com o suffixo *nga* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser encachoeirado, produzindo o embate das aguas estrondo grande.

Veados (Rio dos).—Affluente do rio *Santo Ignacio*, pela margem direita: no municipio de Rio Novo.

Affluente do rio *Pary*, pela margem esquerda: no municipio de Campos Novos.

E' denominação portugueza, dada por caçadores. Sem duvida são ribeirões apropriados para a espera de veados.

Veráva. — Serra, no municipio de Una.

Verava, corruptéla de Berab-a, «resplandecente».

Allusivo a entrar como elemento de sua estructura o micaschisto, que tem brilho metallico.

Vermelho.—Vide os nomes *Rio Vermelho* e *Morro Vermelho.*

Victoria.—Ilha pequena, a leste da ilha *S. Sebastião:* no municipio de Villa Bella.

Victoria, corrupção de *Bi-tórẽ*, «elevada e torta». De *bi*, «levantar, alçar, elevar», *torẽ*, «torta, torcida».

Allusivo a ser alta, com montanha, cuja ponta mostra-se torta.

Villa Bella.—Villa, na ilha *S. Sebastião.*

(Vide o nome *S. Sebastião*).

Virtuosa (Agua). — Fonte mineral, no municipio de Cunha, no logar *Serra.*

(Vide o nome *Serra*).

Fonte medicinal, no municipio de Brotas, proximo á serra *Dourado.*

(Vide o nome *Dourado*).

Fonte medicinal, no municipio de Una. E ha outros na mesma região. A agua jorra de uma pedra enorme.

Fonte medicinal, no municipio de Santa Cruz do Rio Pardo.

Fonte medicinal, nos morros proximos á cidade de Iguape.

Viúva. — Pico granitico, á margem direita do rio *Tieté*, na fila de morros ponteagudos, paralella á serra *Japy:* entre os municipios de Parnahyba e de Cabreúva.

Viúva, corrupção de *Y-iib-a*, «em haste». De *y*, relativo, *iib*, «haste, mastro», com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante.

Allusivo á sua estructura granitica, fino e ponteagudo.

Vorá.—Morro, no municipio de Bom Successo.

Vorá, corruptéla de *Mbo-rá*, «desatado». De *mbo*, particula, activa, *rá*, «desatar».

Allusivo a ser derrocado.

Deste morro, cuja altura é de cincoenta metros, mais ou menos, separou-se enorme pedra, formando alli uma cava, em cujos paredões foram outr'ora insculpidas inscripções e figuras coloridas de vermelho e preto, por mãos indigenas; e, entre as figuras, a do sol com uma cruz, varios circulos, uma figura humana com a cabeça e o pescoço emplumados. Pelas ossadas lá encontradas, é de crer que alli houve um cemiterio dos indigenas.

Os farejadores de riquezas enterradas acreditam que existe alli «thesouro occulto».

Votuparim. — Morro, no municipio de Parnahyba.

Votuparim, corruptéla de *Mbo-ty-pyrĩ*, «a pique, e pontúda». De *mbo*, particula activa, *ty*, «ponta», *pyrĩ*, «a pique, a prumo».

Votupóca.—Morro, no municipio de Xiririca.

Votupóca, corruptéla de *Mbitú-póg-ca*, «vapores estourados». De *mbitú*, «vapor, bafo», *póg*, «estourar, estrondar», com o sufixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo á sua natureza vulcanica, soltando vapores com estouros.

Estes morro tem a altitude de mais de 800 metros, acima do nivel do mar.

Voturantim. — Morro, no municipio de Parnahyba.

Voturantim, corruptéla de *Ibity-rã-tĩ*, «evaporação semelhando nuvem». De *ibity*, «nuvem, nevoa», *rã*, «semelhar, não ser, parecer», *tĩ*, «evaporação, fumo».

Allusivo a ter constantemente o cume envolvido em vapores, que parecem nuvens.

Com o nome *Voturantim*, ha tambem o grande salto no rio *Sorocaba.*

(Vide o nome *Boturantim*).

Voturuá.—Cachoeira, na serra que atravessa a ilha *Guayaó* ou *S. Vicente*, desde a villa deste nome até á cidade de Santos.

Voturuá, corrupção de *Mbo-ta-ruá*, «damnosa». De *mbo*, particula activa, *tarûá*, o mesmo que *harûá*, «damnoso, prejudicial».

Allusivo a serem aguas prejudiciaes á saúde.

Informam-me, porém, que é destas aguas que grande parte da população da villa de S. Vicente usa!

Voturuçú.—Brejo, no municipio de S. Paulo, freguezia de N. S. da Penha de França.

Voturuçú, corruptéla de *Yû-turuçú*, «brejal extenso». De *yû*, «charco, brejo», *turuçu*, «grande, largo, extenso».

Voturuna. — (Vide o nome *Boturuna)*.

Vuna.—Serra, no municipio de Nazareth: é proximo á *Cantareira*, pelo lado nordeste desta.

Una, corruptéla de *H-ũ-na*, «revolvida». De *h*. relativo, *ũ*, o mesmo que *hũ*, «revolver», com o suffixo *na* (breve), para formar supino. Por causa do *h* relativo, *hũ* perdeu o *h*.

Allusivo a ter em desordem o cume, por estar despontada, com as pedras espalhadas.

X

Xiririca.—Villa, á margem direita do rio *Ribeira de Iguape.*

Xiririca.—Affluente do rio *Ribeira de Iguape*, pela margem esquerda: no municipio de Xiririca.

Xiririca, corruptéla de *Tiririca*, «arrastado». De *tiriri*, «arrastar», com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

Allusivo a ser muito lento em seu curso.

Desagua em um pequeno sacco ou enseada do rio *Ribeira de Iguape.*

AMERICA (*)

O nome «America» proveio realmente de Vespucio? ou é nome que os primeiros exploradores ouviram aos indigenas?

Memoria lida perante a «Sociedade dos Homens de Lettras de S. Paulo», na sessão de 23 de Dezembro de 1888, pelo dr. João Mendes de Almeida, seu presidente.

(RECTIFICADA E CORRIGIDA)

Esta questão só neste seculo tem sido vigorosamente levantada, a proposito da formal contestação que o historiographo M. F. DE NAVARRETE, em sua *Coleccion*

(*) Na *Revue Scientifique*, de Pariz, publicada sob a direcção de CHARLES RICHET, caderno de 6 de Setembro de 1890, contido no tomo XLVI, está á pag. 316 uma noticia sobre a *Origem indigena do nome «America»*. E como esta noticia estava indicada pelo dr. João Mendes, em suas notas avulsas, e guardada em sua pasta, é util traduzil-a:

«Parece agora demonstrado que o nome *America*, dado a um dos continentes, é de origem indigena e não, como era geralmente acreditado, um nome de proveniencia extrangeira. Eis a historia desta questão, tal como a dá M. Alexis M. G., na *Revue française*.

«O florentino Americo Vespucio tinha, até nossos dias, gozado da honra de haver dado seu nome ao hemispherio descoberto por Christovam Colombo; e, ao que parece, esta opinião baseava-se unicamente sobre a proposta que, em 1507, fizeram os monges Hylacomylus e João Basin, de Saint-Dié, na Lorraine, onde appareceu, pela primeira vez, em um tratado de cosmographia, o nome *America* applicado a esse hemispherio.

«Mas, os historiadores do Brasil, ha cerca de cincoenta annos, têm posto em duvida esta opinião commum, attribuindo a origem do nome *America* ao nome de *Maraca*, que é o deus principal dos indigenas brasileiros.

«Esta duvida augmentou singularmente quando, em 1875, M. Marcou, geologo dos Estados Unidos, acreditou ter descoberto a origem deste nome no de uma povoação e de uma montanha de Nicaragua, as quaes trariam ainda hoje os nomes *Amerrique* e *Los Amerriques*.

Todavia, nos ensina o *Boletim da Sociedade de Geographia Americana* (1886), o Presidente da Republica de Nicaragua affirma que o nome da dita montanha se escreve —*Amerrisque* (com um *s*), e além disso, segundo M. Huale, aliás amigo de M. Marcou, este nome não é encontrado em livro algum de historia anterior aos ultimos cincoenta annos.

«Por outro lado, conforme o *Courrier des Etats-Unis*, M. Bent, a unica autoridade invocada por M. Marcou, diz que, na época da descoberta, os habitantes eram Aztècas em cuja lingua não existe o som da lettra *r*, de sorte que não podia sahir delles uma palavra que pudesse ser ortographada *Amerrique* ou *Amerrisque*.

«Por sua vez, M. Harrisse confessa que não achou montanha no logar indicado por M. Marcou, em qualquer carta, nem em qualquer narração do tempo das descobertas.

«Emfim, emquanto que M. Marcou pensa que o prenome *Americo*, que Vespucio trazia, era apenas um *appellido* proveniente da dita montanha, M. Hamy assignala uma carta antiga, vendida pelo proprio *Amerigo Vespucci*, muitos annos antes da descoberta do novo continente. Pode-se, pois, suppor, com Humboldt, que este prenome *Amerigo*, de origem gothica ou allemã, se teria introduzido na nomenclatura italiana e portugueza.

«Até então, portanto, a proposição de M. Marcou, por engenhosa que fosse, carecia de provas concludentes: destruira o credito do florentino Vespucio, sem fixar, entretanto, as duvidas sobre a existencia e o nome da montanha assignalada.

«Mas, eis que aqui interveiu, em 1882, M. Lambert de Saint Bris, um sabio franco-americano, o qual em uma longa e interessante dissertação que lhe custou muitos annos de investigações nos dous mundos, estabeleceu com provas relevantes o indigenato do nome *America*. Com effeito, elle chamou a attenção para numerosas denominações analogas: *Amaraca*, *Ameriocapana*, *Amaracapana*, etc., nas relações historicas das primeiras situações dos hespanhoes nessa parte do mundo.

«Segundo o historiador hespanhol Herrera, os navegadores Vespucci e Ojeda, desembarcando em 1499 na costa de Venezuéla, acharam o porto de *Maracapan*, que Raleigh chama *Ameriocapana*, e Humboldt, *Amaracapan*. Ora, como a viagem de Vespucci e de Ojeda data de 1499, vê-se que a palavra *America*, sob diversas fórmas impostas pela ortographia phonetica da idade média, era conhecida oito annos antes da proposta de Hylacomylus para a denominação das terras novas. E' preciso notar que a palavra

de los viages e descubrimientos (1), oppoz á fama perpetuada de ter Vespucio tocado terras do Brazil, por conta do rei de Portugal, visto como este cosmographo nunca deixou de estar ao serviço dos Reis de Castella.

Já no seculo XVIII o abbade PRÉVOST, *Histoire générale des voyages* (2), escreveu que foram um artificio de Vespucio as cartas por elle dirigidas a Pedro Soderini e a Francisco Pedro de Medicis; nas quaes fizera a descripção de terras e cousas do Brazil, dizendo-se então ao serviço de D. Manoel, Rei de Portugal (3). O historiographo hespanhol M. F. DE NAVARRETE, supracitado, completou, neste seculo, a suspeita do abbade PRÉVOST: tanto mais que esta suspeita ficara corroborada com documentos officiaes publicados por J. B. MUÑOZ, em sua *Historia del Nuevo Mundo* (4), entre os quaes uma cedula régia, datada de Burgos, aos 22 de Março de 1508, elevando a Vespucio a piloto em chefe, com os vencimentos annuaes de 50.000 maravedis, e mais a gratificação de 25.000.

Accresce a tudo isto, como razão decisiva, o facto de não terem os historiographos portuguezes mencionado o nome de Vespucio nas expedições de 1501 e de 1503 por conta do Rei de Portugal; apezar de já então estarem publicadas aquellas cartas na *Raccolta delle navigazzioni e viaggi*, por J. B. RAMUSIO (5), e sem embargo da referencia a uma navegação de Vespucio até ao 55° grau, por PEDRO MARTYR, em seu *De Orbe Novo*, publicado em Madrid, no anno de 1536. E, em verdade, porque e como explicar o silencio de JOÃO DE BARROS (6), de ANTONIO GALVAM (7), de DAMIÃO DE GOES (8), de JERONYMO OSORIO (9), de PEDRO DE MAGALHÃES GANDAVO (10), de GABRIEL SOARES (11), e de tantos outros? Quem melhor poderia attestar que Vespucio serviu nas duas expedições portuguezas de 1501 e de 1503, do que os historiographos e chronistas portuguezes do seculo XVI? A notabilidade de Vespucio como cosmographo, se com effeito elle houvera servido naquellas expedições, impunha a menção de seu nome nas respectivas *Relações de viagem* (12).

Por accrescimo, levanta-se o argumento tirado do nome verdadeiro de Vespucio, ALBERICUS VESPUTIUS, como foi publicado em 1505 e em 1506, nas *Relações de viagem* então impressas; não podendo por isso, ter este transmittido ao novo continente descoberto o nome *America*, mesmo que de facto houvesse servido nas duas expedições portuguezas

---

pan ou *pana*, accrescentada aos nomes precedentes, significa terra ou paiz, segundo Rosny, Brasseur de Bourbourg, Del Canto, etc. Assim, *Americapana* quer dizer: terra da *Americca* ou *America*, segundo a ortographia da idade média. Além disso, esta palavra é um suffixo geral que os indigenas applicam aos nomes de suas cidades, taes como *Emparepan*, *Curiapan*, *Sioripan*, *Copan*, os *Mayas de Mayapan*, etc.

«Demais, M. de Saint Bris achou o nome *Maracapan* escripto com tinta vermelha em muitas cartas da epoca. Conforme Humboldt, o nome *Amaracapan*, que designou a primeira colonia hespanhola em terra firme, se estendeu pouco a pouco a toda a costa, entre o cabo Paria e o cabo de la Vela, e depois a uma vasta provincia que, como dizem o frade Pedro Simon e outros, comprehendia as outras muitas colonias.

«O nome—*provincia da America*—se vê no atlas de Apiane, em 1520, e se applica logo, em cartas posteriores, ao continente do Sul, depois ao continente inteiro formando a nossa quarta parte do mundo.

«Em resumo, o *indigenato do nome «America»* parece sahir com evidencia da discussão. O florentino Vespucci perde com isso a sua aureola de padrinho de baptismo do novo continente, mas é lavado da accusação de ter querido usurpar os direitos do grande descobridor Christovam Colombo; por outro lado, os historiadores, como os geographos, não mais terão de lamentar que deixasse de ter sido applicado o nome *Colombia* a esta parte do mundo, pois que o nome *America* lhe pertencia de facto, mesmo antes da descoberta pelos europêos.

(1) Tomo I, Introducção. Madrid, 1825.

(2) Tomo XIV, 6, 9. Pariz, 1757.

(3) Eis as palavras do abbade PRÉVOST: «Les relations d'Americ Vespucc contienent le recit de deux voyages qu'il fit sur la même côte (du Brèsil), au nom d'Emmanuel, roi de Portugal. Mais les dates en sont fausses et c'est en quoi consiste *l'imposture:* car il est prouvé *par tous les temoignages contémporains*, que, dans les temps qu'il nomme, il était employé à d'autres expéditions».

(4) JUAN BAUTISTA MUÑOZ, *Historia del Nuevo Mundo*. Madrid, 1793.

(5) Este J. B. RAMUSIO, geographo e chronista, era natural de Veneza, e falleceu em 1557. Sua obra supracitada é em tres volumes *in folio*. Veneza, 1556-1559.

(6) JOÃO DE BARROS, *Decadas*. Lisboa, 1553.

(7) ANTONIO GALVAM, *Tratado de... todos os descobrimentos antigos e modernos que são feitos em a era de 1550*. Lisboa, 1563. Ha outra edição de 1731.

(8) DAMIÃO DE GOES, *Chronica d'El-Rei D. Manoel*. Lisboa, 1566.

(9) JERONYMO OSORIO, *De rebus Emmanuelis*, Lisboa, 1571.

(10) P. M. GANDAVO, *Historia da provincia de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brazil*, Lisboa, 1576.

(11) GABRIEL SOARES DE SOUZA, *Roteiro geral e descripção da costa do Brazil, escripto em 1587*. Lisboa, 1816.

(12) Convem ler o que o VISCONDE DE SANTAREM escreveu na Memoria sob o titulo *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Americ Vespuce et ses voyages*.

A edição anterior, de 1836, tambem feita em Paris e na lingua franceza, porém mais resumida, tinha o titulo *Recherches sur Americ Vespuce, et sur ses prétendues découvertes em 1501 et 1503*.

Este notabilissimo escriptor portuguez, acompanhando NAVARRETE, derruiu implicitamente a fama de descobridor do Brazil que Americo Vespucio obtivera em 1507.

de 1501 e de 1503. E em 1555 era ainda impresso em Basiléa *Grynæus navigationum Alberici Vesputii epitome.*

E, pois, *Americo*, se não foi dado a Vespucio por cognome, desde 1504, por ser-lhe attribuida a descoberta do continente austral do Novo Mundo, elle proprio o teria tomado como signal de ter sido o primeiro cosmographo que tocára terras do Brazil. E, neste seculo, 1820, JOHN LUCCOKC, em suas *Notes on Rio de Janeiro and the southern ports of Brazil, 1808—1818*, começou por duvidar que o nome *America* proviesse de Vespucio, senão que, ao contrario, este cosmographo accrescentára ao seu o appellido *America*, á semelhança de Scipião-*Africano*, como vencedor da Africa.

Foi HYLACOMYLUS, pseudonymo de MARTINHO WALDZEEMULLER, o primeiro que em sua *Cosmographiæ Introductio*, impressa em 1507, publicou o nome *America* como o do territorio que Vespucio dizia ter descoberto e reconhecido, a expensas e em caravellas do Rei de Portugal, segundo as já referidas cartas escriptas a Pedro Soderini e a Francisco Pedro de Medicis, já então publicadas em Veneza. E os mappas, que, em principios do seculo XVI, designavam o Brazil, traziam conjunctamente o nome *America*, applicado ao territorio brazilico. Um desses mappas, sob o titulo *Novus Orbis*, nomeava o continente meridional *Insula Atlantica quam vocant Brazilii et Americam.* E SEBASTIÃO MUNSTER, em sua *Cosmographia Universalis*, impressa em Genebra, 1544—1550, estampou um mappa-mundi, no qual, um pouco ao sul da linha equinocial, foi escripto *America vel Brazilii Insula.*

Por sua parte, os francezes, em constante trafego com os indigenas, desde o Ceará até o Rio de Janeiro, no seculo XVI, denominaram *Amerique* esta região.

Foi assim que F. ANDRÉ THEVET, celebre cosmographo, mas muito romancista como historiographo, publicando em 1558 um folheto, denominou-o: *Les singularitéz de la France Antartique, autrement nomée* AMERIQUE *et plusieurs terres et isles decuverts des notre temps.* E J. DE LERY, historiando a expedição de Villegagnon, em sua obra publicada em 1578, tomou para titulo: *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dit* AMERIQUE.

Esta designação do Brazil pelo nome *America*, desde a sua descoberta e reconhecimento, deveria ter tido uma razão de ser; repellida, por não verdadeira, a proveniencia do nome *Americo*, attribuido a Vespucio.

Deixando de parte a pretenção do padre G. FOURNIER, em suas *Memoires de la marine française*, de ter sido descoberto o Brazil, antes de Pedro Alvares Cabral, por normandos e bretões que, em fins do seculo XV, haviam chegado até ao rio *S. Francisco*, é certo que Alonso de Hojeda, acompanhado de Vespucio e do piloto biscainho Juan de la Cosa, em Junho de 1499, percorreu a costa do Brazil, por conta dos Reis de Castella, desde a fóz do rio *Apody* (Rio Grande do Norte) até á do rio *Amazonas*.

Nem ha necessidade de referir as viagens de Vicente Yanez Pinzon e de Diego de Lepe, em 1499—1500, tambem por conta dos Reis de Castella; porquanto alguns contestam a estes navegadores que elles houvessem tocado a costa brazilica ao sul da fóz do rio *Amazonas*. Basta aquella viagem de Alonso de Hojeda, exactamente desde a fóz do rio *Apody* (13), em direcção norte, para deixar bem averiguado que o nome *America* é de origem tupi; e que, se Alberico Vespucio accrescentou ao seu nome o appellido *Americo*, foi por ter sido o cosmographo nessa expedição hespanhola, conhecendo desde então esse paiz.

(13) *Apody*, corrupção de *Apongy*, «enche-se, ou engrossa, em si mesmo». De *apõ* ou *apong*, «inchar, encher-se, engrossar», *y*, «mesmo, em si mesmo, por si mesmo».

Com effeito, segundo o padre AYRES DO CAZAL, em sua *Corographia Brasilica*, «o rio *Apody* corre quasi sempre por terreno plano, onde ha varias lagoas que pouco a pouco lhe restituem as aguas, que suas cheias lhes introduziram. Todas seccam nos annos que não são chuvosos».

E é esta a terra alagada aos cinco gráos ao sul da linha equinocial, de que as chronicas fazem menção, a proposito da expedição de Hojeda.

Navegando da fóz do rio *Apody* para o norte, é avistada a serra *Ibiapaba;* a qual, segundo a descripção feita pelo padre José de Moraes, em sua *Historia da Companhia de Jesus na extinta provincia do Maranhão e Pará*, torna-se conhecida, «pela sua altura e grandeza, por balisa certa das observações da nautica; porque, principiando-se a levantar junto ao mar, vae crescendo sempre a sua eminencia mais de vinte legoas ao centro, desviando-se da costa até o rio de *S. Francisco;* e daqui vae continuando, em umas partes mais alta, e em outras mais deprimida, até fixar na serra *dos Orgãos*, no Rio de Janeiro, donde ha quem diga (porém, sem fundamento que convença) vae topar com as cordilheiras do Chile.» E o mesmo padre accrescentou: «Tem esta serra no seu principio, ao que parece, seis legoas de largo, levantando-se entre os dilatados campos de uma e outra parte os seus lados... Da banda em que fica a costa é quasi inaccessivel, porque, *cortada como a prumo*, parece uma *muralha*, fabrica da natureza, e imperfeição da arte, tão alta que assombra as mesmas nuvens, e aos mesmos olhos tira a vista.»

Melhor ou mais exactamente do que o padre José de Moraes, descreveu esta serra-geral J. G. da Fonseca, na *Breve noticia das serranias, de que procedem as cachoeiras do rio da Madeira*, escripta em 1749: «...Cordilheira que, fazendo frente ao mar do Norte, costeando todo o Brazil desde a capitania do Ceará, e caminhando ao sul, faz o cabo de Santa Maria, promontorio que termina a ponta septentrional, por onde desemboca o grande *Rio da Prata* no mar do Paraguay. Esta direcção traz a serrania, quando em altura de 23 gráos da latitude austral, logo ao sul da villa de Santos, lança outra cordilheira desde o logar chamado *Serra do Mar*, que, penetrando o sertão em varios rumos, se ramifica por todo o continente das *Minas Geraes* e *Goyazes*. Finalmente *depois que desta* cordilheira nasce no *districto de Goyazes* o celebre rio *Tocantins*, que se engrossa com grande numero de riachos vertentes da mesma serrania, se encaminha esta ao rumo de oéste, e, como se fosse uma balisa terminante dos dominios que pagam fluido tributo ao Oceano, reparte em distancia de mais de duzentas legoas as agoas em caudalosos rios, uns que buscam no rumo do norte terminar seu curso no celebre e grande rio das *Amazonas*, e outro para o sul a fazer o *Rio da Prata* ou *Paraguay*... No referido rumo de oéste, fazendo varios meio-circulos de montanhas e lançando muitos braços para o sul (não consta que tambem para o norte) se vae dilatando a serrania até finalisarem os *Campos Parcixes*...» (14)

Esta serrania, segundo o mesmo J. G. da Fonseca, arredando-se daquelles campos, paralellos ás fontes dos rios *Madeira* e *Jahurú*, «busca a margem do mesmo *Madeira*, deixando o rumo de oéste, e acompanha este rio no de oesnoroéste por espaço de mais de cento e oitenta legoas; e, voltando com o mesmo rio para o nordeste por espaço de sessenta legoas, fórma as *Cachoeiras*, até que na altura de 9 gráos de latitude austral, em que deixa as primeiras, busca o rumo de oéste, em cuja direcção se perde de vista; e será provavel se irá unir com as serras do Perú, que fazem a mencionada cordilheira dos *Andes*.»

Pois bem: é esta serra-geral, desde a ponta septentrional, denominada *Ibiá-pába* (15), por ser ahi como que *cortada a prumo*, até o cabo de Santa Maria, á margem esquerda do *Rio da Prata*, inclusive as ramificações, especialmente a divisoria das bacias dos dous grandes rios, *Amazonas* e *Prata*, desde a margem esquerda do rio de *S. Francisco*, em direcção occidental, com varias curvaturas, até os denominados

(14) Nesta transcripção bem como na anterior, procurei conservar a orthographia dos dous escriptores.

(15) Segundo o padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guaraní*, a palavra *yápába* é participio do verbo *há*, «cortar, talhar», precedido do *y*, relativo, e retendo o *pá* do supino e accrescentando *ába*.

Ibi-áp'-ába, «terra talhada», *ibi*, «terra».

Campos Parecis (16), á margem direita do rio *Guaporé* ou simplesmente *Aporé* (17) na distancia de algumas leguas, arrazando-se ao approximarem-se da margem direita do rio *Madeira* (18), e seguindo a ligar-se á cordilheira *Andes*, é, digo, esta serra-geral que tinha o nome tupi ***Haîmé-ri-iquê,*** contrahido em ***Haîmé-r'-iquê,*** «lado da frente a pique». De *haîmé*, «a pique, a prumo», *ri*, «frente», *iquê*, «lado, costa». O accento predominante está em *mê;* e, por isso, as palavras *ri* e *iquê*, além de contrahidas, são pronunciadas breves e corridas, segundo a lição do padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica.*

O nome ***Haîmé-r'-iquê,*** sendo manifestamente o dessa extensissima cordilheira acima descripta, a qual é como uma muralha que defende dos furores do mar a parte do continente meridional, em que está o Brazil, até o isthmo de Panamá, é allusivo só a essa região; e, portanto, bem escreveram os antigos nos mappas *America vel Brazilii Insula.*

Sem duvida, Alonso de Hojeda e Alberico Vespucio, navegando do rio *Apody* para o norte, ouviram aos indigenas esse nome, e, ouvindo-o, suppuzeram ser o da região inteira. Dahi o nome *America*, escripto nos referidos mappas como o do territorio brazilico; certamente por já ser conhecido e constar das denominadas *Relações de viagem.*

Para patentear quão ajustada era a denominação tupi a essa serra-geral, vou transcrever da *Relação da missão da serra de Ibiapába*, pelo padre ANTONIO VIEIRA, o que este notabilissimo jesuita escreveu, se bem que desconhecendo inteiramente a parte prolongada pelo sertão a dentro:

«*Ibiapába*, que na lingua dos naturaes quer dizer *terra-talhada*, não he uma só serra, como vulgarmente se chama, senão muitas serras juntas, que se levantam ao certão das praias de Camuci (19)...: são todas formadas de um rochedo durissimo e em partes escalvado e medonho, em outras cubertas de verdura e terra lavradia... Da altura destas serras não se póde dizer cousa certa, mais que são altissimas, e que se sóbe, ás que o permittem, com maior trabalho da respiração, que dos mesmos pés e mãos, de que he forçoso usar em muitas partes. Mas, depois que se chega ao alto dellas, pagão muito bem o trabalho da subida, mostrando aos olhos um dos mais formosos paineis que por ventura pintou a natureza em outra parte do mundo, variando de montes, valles, rochedos e picos, bosques e campinas dilatadissimas, e dos longes do mar no extremo dos horizontes. Sobretudo olhando do alto para o fundo das serras, estão se vendo as nuvens debaixo dos pés, que, como he cousa tão parecida ao Céo, não só causam saudades, mas já parece que estão promettendo o mesmo que se vem buscar por estes desertos.»

---

(16) Este nome *Campos Parecis* é corrupção de *Caá-pó-pó-a-ro-ci*, «chapadões extensos, pegados uns aos outros». De *Caá*, «monte», *pó*, o mesmo que *bó*, particula para exprimir grandeza, largura ou extensão, no superlativo, e, repetido, *pó-pó*, exprime a continuidade, *a-ro-ci*, o mesmo que *aci*, «pegar, juntar, unir», com a intercalação de *ro* (breve) para tornar activo aquelle verbo e exprimir ao mesmo tempo a communicação de uns chapadões com outros. Por contracção, *Caá-pó-p'-a-ro-ci.*

Estando o accento agudo na palavra *caá*, o accrescimo *pó* se pronuncia breve, segundo a regra ensinada pelo padre LUIZ FIGUEIRA, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica.*

Portanto este nome nada tem com uma supposta nação indigena *Parecis.* Assim denominariam os portuguezes a nação indigena que ahi tinha suas aldeias; estragando o nome *Caá-pó-p'-a-ro-ci.*

(17) *Apó-rehé*, «successivamente saltos». Este *rehé* soffre contracção, soando *ré.*

Gu-apó-rehé, «successivamente aos saltos». A particula *gu*, é reciproco. A palavra *rehé* soffre a contracção sobredita.

Allusivo aos innumeros e seguidos saltos que este rio dá, ao descer da serra. Depois, torna-se alagadiço.

Os hespanhoes o denominaram *Ithenex.*

(18) A historia de que o nome *Madeira* fôra posto a este rio pelo explorador Francisco de Mello Palheta, em 1725, por causa dos grandes troncos de arvores que fluctuavam em suas aguas e embaraçavam a navegação, é simplesmente irrisoria. Em todos os grandes rios é isso um facto ordinario.

Madeira é corrupção de *Mã-ndi-yeré*, «impedimentos e muitas voltas». De *mã*, «impedimento, embaraço», *ndi*, «muitos», *yeré*, «volta». Allusivo, não aos taes troncos de arvores, mas ás muitas cachoeiras exploradas e descriptas por J. G. DA FONSECA, em 1749.

E' tambem conhecido pelo nome *Caiarí*, corruptéla de *Quâi-ari*, «successivamente estreitado ou apertado». De *quâi*, «apertar-se, estreitar-se», *ari*, postposição, significando, neste caso, «successivamente». Allusivo aos montes marginaes que o estreitam.

(19) *Gu-amocy*, «alisado». Referencia á *praia*, que não é senão a margem da terra alisada pelas ondas.

O melhor é que o nome *America* foi, desde 1570, estendido pelo celebre geographo flamengo ABRAHAM ORTELL, (20) ao continente boreal. E os povos dos Estados-Unidos pretendem-se por isso os verdadeiros *americanos*, formando a organisação politica *United-States of America!* E os seus publicistas tiram desta denominação a esperança, quiçá mesmo a certeza, de que sua nação traz em si um *destino continental!*

Mas, nem mesmo o geographo francez JULES MARCOU (21), que fez aos Estados-Unidos e paizes proximos varias viagens a bem da sciencia, logrou confirmar a pretenção desse povo, na Memoria que publicou no *Boletim da Sociedade Geographica de Paris*, de Junho de 1875. Ainda que entendendo que o nome *America* não proveiu de Vespucio, só encontrou junto ao lago *Nicarágua* o nome *Américc* como designando as terras altas ou cadêa de montanhas entre *Juigalpa* e *Libertad*, provincia de *Chontales*, prolongando-se de um lado no paiz dos indios *Carcas*, e do outro no dos indios *Ramas*.

Transcreverei, já traduzidos, alguns trechos daquella Memoria:

«Pois bem:—é entre esses *Carcas* e *Ramas* que se encontra o logar denominado *Américc* ou *Amérique*, formando uma cadêa de montanhas, a mais elevada (perto de 3.000 pés), que serve de linha divisoria para as aguas que se escôam no Atlantico e para as que se lançam no lago *Nicarágua*. Na opinião dos que têm visitado esta cordilheira, ...é ella das mais altas: vista de longe, apresenta pincaros nús e rugosos, isolados, com enormes roturas ou rochas escarpadas perpendiculares, de côr branca; accrescendo que sua mesma elevação divide o territorio em duas partes inteiramente distinctas e totalmente differentes em clima: a leste, bosques impenetraveis, com chuvas quasi continuas; ao oéste, um paiz arido e secco, sem chuvas, por impedirem as montanhas que os vapores do Atlantico o bafejem.

«...E' da maior evidencia que essa denominação da cordilheira e dos rochedos, *Amérique* ou *Américc*, é um nome indigena, cuja terminação em *ique* ou *ic*, é commum em nomes de logares, na lingua dos indios *Leuca* ou *Chontales*, da America central e de uma parte do Mexico; este nome, sem duvida, tem-se perpetuado desde a descoberta do Novo-Mundo, intacto e sem alteração, em consequencia do estado de completo isolamento em que esses indios têm vivido, denominando, ainda hoje, como em 1502 quando Colombo os visitou, *Amérique* ou *Américc* essas duas montanhas. ...Este nome *America*, synonimo do paiz do ouro por excellencia (22), é natural que se houvesse espalhado nos portos do mar das Indias Occidentaes (23), e depois na Europa; e pouco a pouco penetrou no continente europeu: e é assim que o professor-livreiro de *Saint-Diê*, junto aos Vosges, ouvira fallar desse nome *America*, sem conhecer seu valor, excepto como designando um paiz das Novas Indias, mui rico em ouro. Como essas descobertas faziam então o assumpto das conversações geraes, *Hylacomylus*, de *Saint-Diê*, pseudonimo de MARTINHO WALDZEEMULLER, não conhecendo outras *Relações* impressas além das de *Albericus* Vesputius, publicadas em latim em 1505, e em allemão em 1506, julgou vêr nesse prenome *Albericus* a origem do nome corrompido e alterado de *Amérique* ou *Américc;* renovando a fabula do golfinho, elle tomou o Pireu por um homem, e denominou esta terra de conformidade com o unico nome dos navegadores que chegára á sua noticia e que apresentava alguma analogia com a palavra *Amérique* ou *Américc*. Para isto foi-lhe preciso modificar e torturar o prenome de Vespucio;... e fez *Americus!* Desta sorte, segundo o meu modo de vêr, foi em consequencia de um erro de *Hylaco-*

(20) Este geographo é mais conhecido pelo nome em latim ABRAHAM ORTELIUS. Publicou em 1570 o primeiro atlas que appareceu no seculo XVI, sob o titulo *Theatrum orbis terrarum*; e em 1596 o seu *Thesaurus geographicus*.

(21) Este notavel geographo francez, na viagem de *1853-1854, esteve ao serviço* do governo dos Estados-Unidos.

(22) E', pois, tudo isto um romance de geographia; porquanto os indigenas, nesta denominação, não tinham cogitado em ouro.

(23) Em contraposição ás *Indias Orientaes*, na Asia.

mylus que o nome aborigene do Novo Mundo, *Amérique* ou *Améric*, foi europeanisado, latinisado e ajustado com o nome do filho de Anastacio Vespucio».

Mesmo admittindo que seja verdade o que JULES MARCOU relata quanto ao nome *Améric* ou *Amérique*, é certo que isso não destróe, ao contrario confirma o que deixei demonstrado, relativamente á *Serra-geral* do Brazil. Essa montanha do Estado de Nicarágua é sem duvida o prolongamento da denominada *Andes;* e esta cordilheira se estende desde a Patagonia, atravessando o Chile, o Perú, o Equador, a Columbia, a Nova-Granada, a Costa-Rica, até Nicarágua. Ora, segundo a descripção feita por J. G. DA FONSECA, e já retro transcripta, a *Serra-geral* do Brazil, em sua ramificação de léste para oéste, depois de formar o *divortium aquarum* das bacias dos grandes rios *Amazonas* e *Prata*, «busca a margem do rio *Madeira*, deixando o rumo de oéste, e acompanha este rio no de oesnoroeste por espaço de mais de cento e oitenta legoas; e, voltando com o mesmo rio para o nordeste por espaço de sessenta legoas, fórma as *Cachoeiras*, até que, na altura de 9 gráos de latitude austral, em que deixa as primeiras, busca o rumo de oéste, em cuja direcção se perde de vista; e será provavel se irá unir com as serras do Perú, que fazem a mencionada cordilheira dos *Andes*». Por ventura, a mesma denominação *Haîmé-r'-iquê* acompanharia esta extensissima serra continental até o lago *Nicarágua:* e é certo que são da lingua tupi, não sómente os nomes de logares no isthmo *Panamá*, senão muitos no continente septentrional.

O mesmo nome *Nicarágua*, o que é senão uma corruptéla de denominação tupi? E tambem o é o nome *Panamá*.

Nicarágua, corruptéla de *Ndi-quâr-áquâ* (24), «muitos póços e pontas». De *ndi*, «muitos», *quâr*, «buraco, poço, fojo», *áquâ*, «ponta». Allusivo aos sorvedouros no leito, e ás ilhas graniticas ou pedras pontcagudas no seu ambito.

Panamá, corruptéla de *Páũ-n-ã-mã*, «montão empinado entre dous». De *páũ*, «intermedio, entre dous», *n*, intercalação nasal, *ã*, «empinar, erecto, em pé», *mã*, «montão, impedimento». Allusivo á altissima montanha que fórma o isthmo; referindo-se o indigena ao obstaculo para a communicação dos dous oceanos.

O isthmo era, porém, designado com o nome especial *Côî-ta-ri*, «pegados um com o outro»; exprimindo que era ahi o ponto de união dos dous continentes. De *côî*, «pegarem-se duas cousas de modo natural», com o suffixo *ta* (breve), para formar supino, *ri*, posposição para exprimir reciprocidade. Os hespanhóes corromperam este nome em *Costa-Rica*. (25)

Que o nome AMERICA só era applicado, nos primeiros tempos das descobertas, ao territorio do continente austral, e portanto correspondendo sómente á grande cordilheira já descripta, affirmou-o ANTONIO HERRERA Y TORDESILLAS, em sua *Descripcion de las Indias Occidentales*, nos seguintes precisos termos: «A parte das Indias do Meiodia, injustamente chamada *America*, é toda a que está descoberta desde Nombre de Dios e Panamá, ao sul, em que se incluem terra-firme, nos reinos do Perú-Chile, que os Indios chamam *Chili*.» (26)

Não faça duvida a phrase «injustamente chamada *America*», porque A. HERRERA estava sob a influencia da fama espalhada de ter Vespucio dado o nome a este continente como seu descobridor; e, por combater as pretenções de Vespucio, foi que usou de palavra «injustamente». Mas, o ponto capital ficou perfeitamente affirmado: isto é, o nome *America* era sómente daquella parte do continente austral, não podia ser ampliado ao continente boreal, e, portanto, os povos dos Estados-Unidos mal e indevidamente se dizem *americanos*.

---

(24) A palavra *ndi*, não sendo precedida de outra com som nasal, é pronunciada *ni*.

(25) Allusivo a ser mesmo ahi, na extremidade sudeste do lago de *Nicarágua* (onde J. MARCOU encontrou o nome *America*), o ponto de união dos dous continentes.

(26) Esta obra foi publicada em Madrid, 1601.

Em geral, as denominações indigenas têm sido deturpadas: nos primeiros tempos, pelos conquistadores, e posteriormente, pelos viajantes e exploradores estrangeiros.

O Brazil, porém, teve a felicidade de entreter, durante mais de dous seculos, as missões da Companhia de Jesus: de sorte que os padres, tendo necessidade de aprender a lingua tupi para a prégação aos aborigenes, tornaram-se instrumentos da conservação de todos esses nomes de serras, rios, lagos e logares.

Já neste seculo vieram ao Brazil varios exploradores; e estes quasi completaram a obra de destruição, embora sem apagarem as denominações, mas traduzindo-as a seu modo. C. F. PH. DE MARTIUS (27), naturalista allemão, não hesitava em interpretal-as: por exemplo, só porque o nome acabava em *i* ou *y*, entendeu elle que era designação de rio! Assim: *Jaguary*, «rio da onça», *Piráhy*, «rio do peixe», *Corumbatahy*, «rio de *corumbatá*»; sendo, aliás, muito certo que, na lingua tupi, o *i* para designar «rio, agua», precede sempre o outro nome ou a outra palavra, quando não ha razão especial e grammatical para ser posposto.

Brevemente publicarei o *Diccionario geographico indigena da provincia de S. Paulo;* e, nesta obra, serão patentes os erros em que têm laborado aquelles que não duvidaram acceitar as traducções ou interpretações de MARTIUS e de outros.

O indigena foi sempre muito correcto nas denominações; as quaes, de facto, deveriam representar exactamente o objecto denominado. E, só por isso, é facil verificar que não eram baldos de espirito e de sciencia.

JOÃO MENDES DE ALMEIDA

(27) *Glossaria linguarum brasiliensium.*

5327

F
2631
M33

F 2631 .M33
Diccionario geographico da pro
Stanford University Libraries
3 6105 033 504 007

Stanford University Libraries
Stanford, California

Return this book on or before date due.